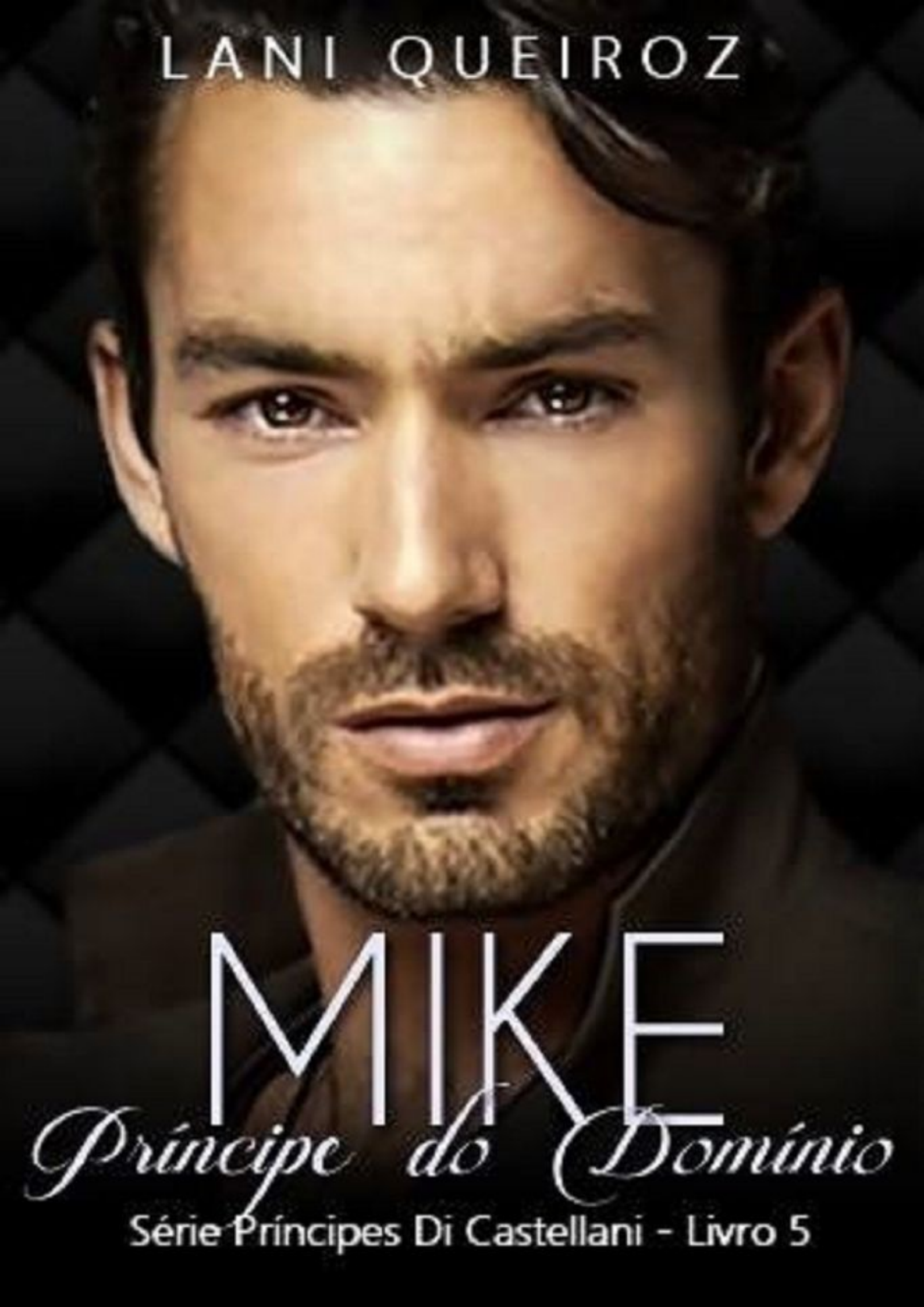

LANI QUEIROZ
MIKE
Príncipe do Domínio
Série Príncipes Di Castellani - Livro 5

MIKE



O Príncipe do Domínio

Lani Queiroz

Copyright © 2017 Lani Queiroz

Capa: Zilda Colares

Revisão: Valéria Avelar

Diagramação Digital: Valéria Avelar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

PRÍNCIPE DO DOMÍNIO
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
EPÍLOGO
PLAYLIST

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”

José
de Alencar

“Transgredir normas e regras estabelecidas é a verdadeira expressão da liberdade e somente os fortes são capazes dessa ousadia."

Nietzsche

Agradeço a Deus pela inspiração. E a minha família pela compreensão nos muitos momentos em que tive que me desligar para escrever.

Dedico a todos os meus leitores, especialmente as lindas princesas roqueiras, que me acompanham tanto nos grupos do Facebook, Wattpad e outras redes sociais. Quero mandar um beijo grande para as meninas do grupo do WhatsApp, minhas “lanéticas”. Adoro interagir com todas vocês, suas lindas!

Mais um trabalho encerrado, meus amores. Espero que gostem do desfecho da história de amor de Mike e Ella. O livro está recheado de momentos intensos e tensos. Suspense, intrigas, vingança e um amor tão grande que me fez chorar em vários trechos. Amei dar vida a esse casal, que se transformou no mais novo xodó da mamis... rs. Vamos conferir?

Para quem está conhecendo meu trabalho agora, não deixem de conferir meus outros livros:

Série Príncipes Di Castellani: Príncipe da Vingança (relançado em e-book pela editora 3DEA com tudo novo!); Príncipe da Luxúria; Príncipe da Perdição, Ella: Princesa da Inocência.

Série Rock’n Rio: Incontrolável (e-book e físico lançado pela editora Pandorga); Irresistível, Inflamável e Inesquecível em e-book, por enquanto.

Todos se encontram na Amazon.

Boa leitura!

Beijos em seus corações!

Lani



PRÍNCIPE DO DOMÍNIO

Príncipes Di Castellani: lindos, orgulhosos, intensos e... Apaixonados!

5/8

Inveja... Suspense... Vingança... E um amor maior que a vida...

Mike

Eu pensei que estava a caminho de ganhar o jogo.

Um anel no dedo dela, reivindicando-a publicamente e teríamos o nosso próprio conto de fadas. Todavia, o destino decidiu brincar bizarramente comigo e descubro que o jogo está apenas começando. E quem quer que esteja do outro lado, não está para brincadeira. Ele também quer ganhar.

Sou tecnicamente um plebeu. Mas sou o bastardo mais sortudo andando sobre a Terra. Tenho o amor da mais linda princesa e vou lutar com todas as minhas forças para viver cada dia ao seu lado.

Ele acha que me conhece. E essa será a sua ruína. Ninguém me conhece. Não há nada que não faça pela minha menina. Absolutamente nada. Por Ella eu mato e morro.

Antonella

Eu pensei que estávamos a caminho do nosso *felizes para sempre.*

Mas as coisas se tornaram confusas, perigosas. Há alguém lá fora querendo prejudicar o homem que amo, o meu príncipe. Teremos que ser fortes ao defender não apenas o nosso amor, mas as nossas vidas.

Armadilhas estão sendo reveladas de onde menos esperamos...

Sei que todos pensam que sou uma frágil princesinha. Mas o que não sabem é que por Mike eu mataria e morreria.

Por ele eu faço tudo. Absolutamente tudo.

Nessa segunda e última parte, Mike e Ella terão que lutar para concretizar sua tórrida e intensa história de amor.

Esse é o quinto livro da série Príncipes Di Castellani, contando as aventuras e desventuras dos filhos de Leon (Príncipe da Vingança), Dominic (Príncipe da Luxúria), e Jayden (Príncipe da Perdição).

Aviso: Não recomendado para menores de 18 anos. Se é sensível a cenas eróticas muito detalhadas e linguagem pesada, as obras da autora não são indicadas para você. Há sexo livre de tabus, convenções sociais, sem quaisquer pudores. Se esse é o seu estilo, então, seja bem-vindo!



PRÓLOGO

Mike

Muitos anos antes... Londres, Inglaterra...

Eu paro em frente ao prédio e estendo o pescoço para trás para admirar a fachada de vidro. Uau, é enorme! O sol está refletindo nos vidros e isso oferece um conjunto de cores de tirar o fôlego. É tão bonito que suspiro. Sim, eu suspiro como uma menina. Eu rio de mim mesmo. Acompanhei a construção desse prédio, observando de longe o trabalho intenso das obras. Sempre que passava, não podia deixar de xeretar. Vejo um carro com o canto de olho parando no meio-fio e eu corro, avançando pela calçada. O mestre de obras sempre me enxotou a cada vez que parei aqui. Eles não gostam de garotos de rua perambulando nessa parte da cidade. Malditos riquinhos. Eu bufo.

Quando estou virando a esquina, paro e olho por cima do ombro. Um casal está saindo do carro. Eles andam de mãos dadas em direção à entrada. Um cara alto e corpulento e uma mulher ruiva pequena. Eu me encosto à parede e os observo de longe. A mulher é muito bonita e sorri docemente para algo que o homem está dizendo. O cara parece capaz de esmagar uma cabeça com as próprias mãos, mas sua expressão é derretida conforme a olha. Eu me vejo sorrindo para o estranho casal. O homem a beija nos cabelos e os dois entram no prédio. Saio das sombras e volto à

minha posição para admirar só mais um pouco a fachada.

— Um dia... Um dia vou construir prédios tão grandes quanto esse. — murmuro sob o barulho do tráfego intenso.

Uma pancada, seguida de uma dor dos infernos, atravessa meu crânio e eu caio no chão com o impacto.

— Sabia que ia te encontrar aqui, seu imbecil! — a voz odiosa de Tony me faz enrijecer e me endireitar, tentando me levantar. — Você é a porra de um veadinho. Eu nem bati tão forte. — zomba antes de me dar uma rasteira e eu caio de novo.

Odeio esse idiota, ele é cruel. Ele me abrigou há alguns anos em sua gangue. Três anos, para ser exato. Mas adora me bater sem nenhum motivo, porra. Pensei que ele fosse a minha salvação quando me encontrou morrendo de fome em um beco depois que fugi da última casa em que o fodido sistema me jogou. Escapei de um inferno direto para outro.

Tony me levou para uma casa caindo aos pedaços no subúrbio de Londres, onde se escondia com mais quatro garotos e uma menina, sua irmã. Não havia móveis, apenas colchões imundos espalhados pelo chão. Temos passado por muitas coisas nesse mesmo estilo desde então. Invadimos e quando somos descobertos pela vizinhança, nos mudamos. A gangue sobrevive de pequenos furtos e vendas de drogas para um traficante que não conheço. Apenas Tony negocia diretamente com seus homens. Quanto a mim, acabei tendo que seguir sua cartilha ou morreria de fome. O filho da puta deixou bem claro logo no primeiro dia que só come quem contribui. Eu bufo me levantando e avanço para cima dele com tudo. Não me importa que seja muito maior e mais volumoso do que eu, preciso machucá-lo de volta. Aprendi cedo que se você abaixa a cabeça, todos vão querer tirar um pedaço do seu couro. Ser fraco nas ruas não é uma opção. Dou um soco bem no meio de suas pernas, atingindo seu saco em cheio e sou recompensado com o seu grunhido de dor.

— Você não tem o fodido direito de me bater, porra! — rosno, enquanto ele se encolhe, encostando-se à parede. Seus olhos castanhos chispam para mim, seus dentes rangendo. — Se me tocar de novo, vou te matar! Vou te matar, filho da puta! — brado, enfurecido.

Eu tenho esses arroubos de raiva quase incontroláveis quando sou injustiçado. Crispo os punhos, respirando com força, olhando-o ameaçadoramente mesmo que meu tamanho não queira dizer muita coisa contra ele. Nesse momento, quero esfolá-lo vivo. Tony parece perceber isso porque se endireita, mas não vem revidar. Em vez disso, ele ri. É uma risada com algo cruel brilhando nos olhos frios. Seu olhar me dá medo – é sem vida –, de alguém que não se importa com nada e nem ninguém.

— Ora, ora, o pirralho tem culhões, afinal de contas. — zomba mais uma vez. Eu rosno. Ele revira os olhos e puxa um pacote do bolso da jaqueta novinha que comprou na semana passada. Comprou com o dinheiro que eu e os outros fizemos. Ele sempre fica com as melhores roupas. Eu e o resto ficamos com as coisas de segunda mão ou que achamos revirando o lixo dos bacanas. — Você devia estar no ponto, vendendo os bombons, imbecil. — empurra o pacote em meu peito com força, quase me desequilibrando.

São bombons *batizados*, recheados com drogas. Alta dosagem. Não fui avisado a primeira vez que me disse para vendê-los e quase morri por comer apenas dois. Ele e os comparsas riram de mim, enquanto eu passava mal e vomitava minhas tripas. Foram dois dias com uma diarreia dos infernos. Tony disse que era para aprender a lição e não ficar provando a mercadoria em vez de trazer o dinheiro para ele. Ultimamente, tenho pensado em fugir da gangue, mas as coisas não são boas nas ruas para um garoto sozinho da minha idade. Preciso suportar essa merda um pouco mais e rezar para não morrer antes de fazer pelo menos dezessete e dar no pé.

— Pegue. — ele rosna. Eu seguro o pacote, dando-lhe um olhar de morte. — Vá fazer dinheiro para mim e pare de sonhar acordado olhando a porra dos prédios, idiota. Parece uma bichinha, todo deslumbrado quando vê os edifícios.

Eu me estico, estufando o peito.

— Eu vou construir prédios assim quando crescer e for para a faculdade. — digo com toda a convicção que tenho dentro de mim.

Sua cabeça dispara para trás e ele cai na risada. Eu quero chutar suas bolas de novo. Mas, nesse momento, seus parceiros de crime dobram a esquina, juntando-se a nós. Eu me enrijeço novamente, sabendo que vão zoar e bater em mim porque sou o menor do bando.

Tony para de sorrir e ajeita sua jaqueta, empurrando-se da parede. Sua postura me deixa alerta.

— Sabiam que temos um futuro *engenheiro* na gangue, caras? — ele diz jocosamente sem tirar os olhos dos meus.

— Temos? Quem? — um dos maiores e tão filho da puta quanto Tony pergunta em tom de chacota.

— Nosso pequeno Mike. — Tony volta a rir, mas isso sai como uma careta em sua cara sinistra. Ele se aproxima mais e faz um gesto para os outros imbecis. Em segundos, estou prensado contra a parede. Meus braços presos dos lados, imobilizado. — Ele acha que é gente. — ri mais e os outros o seguem.

Antes de sequer me preparar, recebo um soco potente no intestino. Dor irradia em meu abdome e eu tusso, gemendo de dor. Não grito, porém. Não, eu nunca grito. Não posso dar esse gostinho a meu agressor. Isso o irrita, porque em seguida levo um gancho de direita no queixo, fazendo minha cabeça bater com tanta força na parede, que vejo estrelas. Sangue jorra em minha boca, quase me afogando. Mesmo grogue, eu o chuto no

joelho e ele cambaleia com o golpe. A próxima coisa que vejo é que sou jogado no chão e um chute duro atinge minhas costelas. Eu fico sem ar, me dobrando, pedindo silenciosamente que alguém os pare. Mas isso nunca acontece. Ninguém se importa com gente como nós. Somos escória. Somos nada. Mais um chute e eu fico mole, achando que vou morrer antes mesmo dos doze. Uma bota pesada se instala em meu pescoço e eu abro os olhos, lutando para respirar.

Olhos de psicopata me encaram de volta.

— Pensa que não sei que está pensando em fugir, em escapar de nós? — Tony rosna, intensificando seu aperto. — Seu ingrato de merda! Somos seus irmãos! Você não é nada sem a gangue. Eu o salvei! Eu, porra! — pego sua bota com as duas mãos, tentando escapar, mas ele aperta mais. — Um engenheiro... — bufa, rindo doentiamente olhando para os outros, que riem junto sem o menor remorso. — Você é lixo! Escória! Nunca vai sair, está entendendo? — ele parece um louco agora. — Ninguém sai dessa gangue vivo! — dirige seus olhos esbulhados para os outros, que mais uma vez concordam com seu líder. — Se ousar sair, eu vou atrás de você. — sua voz abaixa para um tom mortalmente frio. — Não importa quanto tempo passe, eu vou atrás de você e o farei pagar. Dez, quinze, vinte anos. — seu rosto está torcido enquanto me olha de maneira implacável. — Nunca cometa o erro de pensar que não irei atrás de você. Irei persegui-lo até o inferno!



CAPÍTULO UM

Mike

Dias atuais...

Eu assino os documentos mais urgentes e os devolvo à minha secretária. Ella retornou para Ardócia com seus pais na semana passada. Surgiram assuntos e reuniões que julguei importantes presidir aqui na King’s, então fiquei para trás. Não foi uma decisão fácil, no entanto. Apenas oito dias e já estou morrendo de saudades da minha boneca. Meu tio insistiu em levá-la de volta à ilha e optei por não abusar da sorte batendo de frente, dadas as circunstâncias em que ele descobriu o nosso relacionamento. Preciso ser controlado e compreensivo se quiser ganhar alguns pontos com meu futuro sogro. Lucy acena, pegando os papéis.

— Senhor, a engenheira Vivian está lá fora aguardando para vê-lo. — ela me informa e eu franzo as sobrancelhas.

Vivian? O que diabos ela está fazendo aqui?

— Obrigado, Senhorita Carson. — digo em tom educado, mas tenso. — Mande-a entrar, por favor.

Ela sai e em seguida Vivian desfila para dentro do meu escritório.

— Bom dia, Mike. Eu...

— O que está fazendo aqui, Vivian? — eu ranjo, cortando-a. — Por que

deixou Ardócia sem me avisar?

Ela para diante da minha mesa, seu rosto está um pouco abatido, percebo. Os olhos estão vermelhos como se estivesse chorando.

— M-meu pai... — soluça, se apoiando na cadeira. — Ele passou muito mal no fim de semana e tive que vir vê-lo. Desculpe-me por não avisar, é que fiquei tão angustiada e tudo o mais sumiu da minha cabeça. — ela parece mesmo desolada. Ah, merda, seu pai é doente, recordo-me. — Eu só rogava a Deus para não o levar de mim. Sinto muito... — sua voz quebra em soluços.

Porra.

— Sente-se. — digo, forçando meu tom mais suave. — Aceita uma água, um chá?

Ela se senta, puxando um lenço da bolsa.

— Uma água está bem. — murmura. Eu me levanto e vou até a bandeja sobre a mesa de canto. Encho um copo e volto, entregando-lhe. — Obrigada. — ela o pega, sorvendo o conteúdo quase todo. — Sinto muito. Eu não queria me descontrolar dessa forma. — balbucia.

— Está tudo bem. — respondo, sentindo-me mal por tê-la repreendido. — Como ele está agora?

Seu rosto ilumina um pouco e ela sorri fracamente.

— Melhor, graças a Deus. — diz e estende a mão livre na minha direção, agarrando a minha. — Obrigada, Mestre. — usa o tom submisso e leva minha mão à boca, beijando-a como uma sub obediente.

Eu puxo minha mão e voltando para o meu lugar, sento-me.

— Que bom que seu pai está bem agora. — digo-lhe. — Entendo que foi uma emergência, mas não saia novamente do canteiro sem me avisar. Você é a engenheira auxiliar, eu não estou por lá e não aprecio que a

minha obra fique desassistida na minha ausência.

— Você está certo, meu senhor. — sussurra mansamente.

Eu sufoco um rosnado. Me irrita que ainda esteja me tratando como seu Dom. As subs tratam os Mestres e Domes com respeito mesmo quando não são sua propriedade, mas isso apenas dentro do clube. Fora, a relação é indiferente.

— Não se dirija a mim dessa forma fora do clube. — uso um tom mais incisivo. Ela arregala os olhos. Sabe das regras, não é uma novata. — Você não tem mais esse direito. Não é minha sub.

Seu rosto mostra mágoa, que é substituída rapidamente por um aceno de desculpas.

— Eu sinto muito. É uma questão de costume, acho. — diz, tentando sorrir.

— Desacostume. — digo ainda no tom firme. — Há algo mais que queira discutir além do imprevisto com seu pai?

Vivian enrola a mão em seu rabo de cavalo no alto da cabeça e me encara quase tímida. Coisa que ela definitivamente não é.

— Pensei se poderia pegar uma carona com você de volta à ilha? — morde o lábio, ainda nessa encenação recatada. — Está retornando amanhã, não é?

Quase bufo com sua proposta aparentemente inocente. Não há a menor chance de Ella apreciar eu viajando com Vivian no meu jato, sozinhos. Não sinto mais nenhum tesão pela mulher à minha frente, mas a minha princesa é tão ciumenta e possessiva comigo como sou com ela.

— Sim, estou voltando amanhã, no final da tarde, mas não vou levá-la comigo. — seu rosto cai com a minha negativa.

— Mas por quê? Estamos indo para o mesmo destino. — inquire,

tentando não mostrar sua decepção.

Dessa vez eu não seguro um som irônico.

— Você sabe muito bem porque, Vivian. — digo em tom mais duro. — Ella não gostaria de saber que viajamos juntos, mesmo que não haja mais nada além de profissionalismo entre nós.

Ela suspira longamente, acenando.

— Claro, entendo perfeitamente. — diz abrindo um sorriso despreocupado. — Eu não vejo qualquer problema, mas a princesa pode não gostar. Está certo, irei em voo comercial ainda hoje, não se preocupe.

Estreito meus olhos, analisando-a. Estou a ponto de dispensá-la quando continua.

— A propósito, fiquei chocada com a calúnia que aquela funcionária do palácio plantou a seu respeito...

Eu rosno, ajeitando-me no assento. Ainda fico puto com o quão perto estive de ter o nome arrastado para a lama, ou até mesmo ser preso. O Parlamento já estava se preparando para me enquadrar, fiquei sabendo através de Dam. Pois é, eu estaria regiamente fodido em pouco tempo e tudo isso porque uma louca achou que seria divertido inventar mentiras a meu respeito. O Jornal de Ardócia publicou uma nota de retratação e junto com ela a carta que Celina deixou. Tudo foi esclarecido ainda na semana passada, graças a Deus. Estou livre para assumir meu amor por Ella sem nada manchando isso, e estou ansioso para desfilar com minha bonequinha. Quero mostrar ao mundo que é a minha mulher agora.

— Esse assunto não é da sua conta. Se era só isso, já pode sair. Tenho muita coisa para cobrir antes da viagem. — eu a corto.

Vivian parece ressentida, mas se levanta alisando a saia muito justa.

— Posso perguntar uma coisa antes de ir? — inquire, seu rosto suavizando um pouco.

— Duas coisas, você quer dizer. Acaba de usar a primeira pergunta. — aponto.

Ela sorri.

— Eu amo essa sua sagacidade e inteligência. — murmura, fazendo-me sentir desconfortável pela forma como seus olhos brilham para mim.

— Pergunte ou saia. — eu a pressiono.

— Eu sei que a princesa não é minha fã desde aquele acontecimento infeliz...

Eu bufo e rosno impaciente.

— Vá direto ao ponto.

Ela levanta as mãos, rindo da minha explosão.

— Está bem, está bem. Você irá levá-la ao clube? — pergunta, seu rosto ficando sério.

O quê? Eu franzo o cenho, começando a ficar puto. Quem ela pensa que é para bisbilhotar a minha relação com Ella?

— Mais uma vez, isso não é da sua conta. — respondo com dentes cerrados. — Se quiser permanecer trabalhando na King’s, não volte a fazer perguntas estúpidas sobre a minha vida pessoal. Estamos entendidos?

Vivian empalidece, acenando.

— Entendido, Mike. — diz com voz macia. — Acredite, não estou querendo ser enxerida ou coisa assim. Podemos ser amigáveis um com o outro, não podemos?

Eu levanto uma sobrancelha cética para ela, cruzando meus braços sobre o tampo da mesa na espera que pegue a dica e dê o fora da minha sala.

— Na verdade, o que eu ia propor era... — ela suspira, balançando a cabeça. — Eu sei que a princesa é inexperiente... — onde diabos ela quer

chegar? Me pergunto, tentado a expulsá-la da sala. — Eu poderia ajudá-la a se ambientar no clube, em nosso mundo. Eu posso treiná-la para ser a sub perfeita para você, Mike. Eu posso...

— Você está louca?

Eu rosno, levantando-me, sem acreditar que tenha feito uma proposta tão descabida como essa. Ella jamais aceitaria isso e eu muito menos. Ela se assusta, recuando um passo.

— Não é tão estranho assim. O Mestre Colton usa sua esposa para treinar suas futuras submissas. — diz em tom de defesa.

Eu rosno mais à menção de Colton. Ele é o mais liberal e bizarro em nosso clube. É casado há muito tempo, mas continua comendo tantas subs quanto lhe der na telha, enquanto sua mulher é apenas dele. Uma troca desleal. No entanto, é consensual. A esposa treina as futuras subs do marido. Eles formam um casal estranho pra caralho. Eu jamais trairia Ella e é certo como o inferno que não vou permitir que a princesa sequer olhe para outro fodido homem. Sou louco possessivo com essa menina. É minha. Toda minha. Por ela eu mato e morro.

— Não ouse me comparar a esse babaca, Vivian. — eu cuspo, irritado. — É de muito mau gosto colocar uma mulher que eu fodi para treinar a mulher que amo. — seu rosto cai de novo. — Além disso, a princesa não precisa de treinamento. — ranjo. *Não de você, pelo menos.* Acrescento para mim mesmo. Vivian gosta de um jogo perverso. É sadomasoquista. Gosta de infligir e sentir dor. Eu jamais submeteria minha boneca a algo desse tipo.

— Mike, eu conheço seus gostos. — diz, não disfarçando a satisfação em seu tom e semblante. — Todos eles. — sussurra. — Deixe-me treinar a princesa, moldá-la para você.

— Sem chance, porra! Você deve sair. — raspo, arrumando os papéis sobre a mesa, dispensando-a.

— Eu torço para que esse amor e encantamento todo que está sentindo agora possam ser suficientes. Mas nós dois sabemos que o dominador em você gosta, precisa de um jogo pesado. — continua como se não a tivesse dispensado. — Enquanto a princesa ainda não está pronta, pode voltar a ter sessões comigo, se quiser. Prometo que serei sigilosa. Quero apenas servir o Mestre, fazer o que você precisa e não está tendo no momento...

E é a gota d'água. Eu a olho com as narinas expandidas.

— Quem disse que não estou tendo o que preciso? — digo baixo e friamente. — Só preciso de Ella, a mulher que amo mais que tudo nesse mundo. — ofega baixinho com a minha declaração veemente. — Eu poderia fazer a porra de baunilha para o resto da minha vida e ainda seria feliz. Sabe por quê? — cuspo com raiva. — Porque pertenço à Ella. Sou dela. Eu a amo e nunca a trairia, como está levianamente sugerindo, porra! Nunca!

Vivian levanta as mãos novamente, seu rosto não mostrando sinal de aborrecimento.

— Eu não estou...

— Sim, porra, você está sugerindo que eu volte a ter sessões com você. — olho-a sem dar-lhe chance de fugir com essa. — Na minha cartilha isso é traição.

Seu semblante cai, percebendo o quanto me deixou puto.

— Tudo bem, tudo bem. Entendi. Desculpe-me. — pede em tom suave. — Eu só pensei realmente em servi-lo. Sexo. Apenas isso. Sabe que não tenho esses falsos pudores sociais. Sexo é sexo, nada tem a ver com amor. — estou a ponto de pegá-la pelo braço e jogá-la para fora. — É perfeitamente possível amar uma pessoa e ainda foder loucamente com outra. Conheço várias pessoas em meu círculo de amigos que são assim.

— Seu círculo de amigos é fodido, devo dizer. — cuspo, com nojo

dessas pessoas. — Você deve sair agora e lembre-se de se manter fora dos meus assuntos pessoais. — olho-a diretamente nos olhos para que veja que não estou blefando. — Outra intromissão como essa e asseguro que não serei tão compassivo. Vou esquecer que tem um pai doente e precisa do emprego. Fui claro?

Seu rosto se transforma, caindo a máscara profissional imediatamente.

— Certo, certo. — diz, ajeitando a bolsa sobre o ombro e se encaminhando para a porta. — Foi inapropriado da minha parte, admito. Tenha um bom dia, Mike. — murmura. — Vemo-nos em Ardócia.

Ela finalmente se vai e eu afundo de volta na cadeira. Porra, vou ter que demiti-la quando as obras do museu encerrarem. Sei que Ella não está feliz com uma antiga sub rondando tão perto de mim. Eu ficaria puto também se história fosse inversa. Sim, terei que me livrar de Vivian.

Faço uma videoconferência de duas horas com a equipe do resort de Angra dos Reis. As chuvas intensas causaram alguns danos às nossas instalações e estou enviando alguém para verificar isso de perto. Eu mesmo iria, mas tenho um pedido de casamento para fazer. Sorrio, fechando meu laptop. Tenho algo planejado para o fim de semana com Ella. Só nós dois em Roma, namorando muito, fazendo amor gostoso. Eu rio mais, notando o termo que acabei de usar. Nunca me referi ao sexo como *fazer amor*. Bem, isso era porque eu não fazia amor. No entanto, com a minha princesa é isso que fazemos. É amor. Mesmo quando a estou dominando, degradando-a, ainda é amor. Um amor tão forte, abrasivo, que tomou conta de mim, não deixando espaço para mais nada. Ella é a única para mim. A única que quero dormir e acordar ao lado para o resto da minha vida.

Depois que encerro a última reunião do dia em que eu e meu pai presidimos, reúno os documentos dentro da minha pasta, já louco chegar em casa e ligar para Ella. O conhecimento de que apenas um dia nos

separa, faz meus lábios repuxarem em um pequeno sorriso. Amanhã estarei com ela em meus braços. Dentro dela. Meu corpo já está queimando pela saudade absurda de sentir sua pele suave e nua contra a minha. A sala vai sendo escoada pelos acionistas e meu velho se levanta, ajeitando o terno e vindo para perto de mim.

— Esse sorriso de adolescente tem um nome, filho? — ele sorri levemente.

— Com certeza, pai. — ajeito tudo e o olho, meu sorriso escancarando. — Farei o pedido nesse fim de semana.

Ele acena, mas seu rosto fica sério em seguida.

— Eu quero que dobre a sua segurança e a de Ella, quando saírem em público.

Franzo a testa com suas palavras e a seriedade latente. Ele parece preocupado. Para ser sincero, mesmo com a nota de retratação que foi veiculada, ainda sinto um estranho aperto em meu intestino, alertando-me de que alguma coisa não está batendo. Há algo me preocupando, não me deixando totalmente relaxado como deveria estar.

Instinto.

Acredito piamente que o instinto é tão ou mais importante quanto os outros sentidos. Essa sensação de antecipação que se infiltra dentro de nós, acionando mecanismos de defesa sem nosso consentimento, e se escolhermos ignorar, pode trazer consequências.

Bem, é assim que continuo me sentindo, em alerta. Pelo visto, meu velho também não está satisfeito com o desfecho da malfadada tentativa de me desmoralizar.

— Por que, pai? O que não está compartilhando comigo? — inquiro.

Ele suspira, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— O tal colunista ainda não foi localizado pelos agentes, Mike. Além disso... — seus olhos escuros me estudam como se ponderasse o que vem a seguir. Eu aguardo, intrigado. — Dam me ligou antes da reunião. A perícia levantou dúvidas de que Celina... Bem, a moça pode não ter cometido suicídio.

Isso tem a minha atenção imediata. O quê? Ela não cometeu suicídio? Então, o que...

— Os agentes acreditam que a moça foi assassinada. — meu pai prossegue, cortando meus pensamentos.

Porra! Assassinada? Mas que merda é essa?

— Por que eles acham isso? — pergunto, não gostando do rumo dessa história.

— O ângulo dos cortes nos pulsos, de acordo com a perícia, põe em dúvida de que ela mesma tenha se cortado.

Santa Mãe. Eu gelo. Que tipo de sádico iria matar uma pessoa cortando seus pulsos? Cristo. Isso é muito cruel. E a carta? Será que o assassino a obrigou a escrever a fodida carta? Meu intestino torce. Se isso for verdade, Celina era inocente. Porra, não só inocente, mas uma vítima. Sinto-me incomodado com o sentimento de pesar por tê-la condenado apressadamente. Encaro meu velho.

— O que o senhor está pensando sobre isso, pai?

Ele exala baixinho.

— Continuo com um pressentimento de que algo não está certo, Mike. — diz, confirmando minhas suspeitas. — Algo não se encaixa nessa história. Achei que o escândalo foi contornado e resolvido rápido demais. Como se alguém quisesse desviar a nossa atenção, não sei...

Balanço a cabeça, assentindo.

— Sim, também achei que foi rápido, mas isso me trouxe certo alívio. Pelo menos agora, Ella e eu podemos assumir o nosso relacionamento.

— Claro, filho. Só estou dizendo para tomar cuidado. — ele reitera. — Enquanto não colocarmos as mãos no tal colunista, mantenha-se em alerta.

Aceno em concordância mais uma vez.

— Na verdade, eu já estava cogitando aumentar a nossa segurança. Conversei com Harry hoje sobre o aumento do efetivo para três homens. — meu pai parece satisfeito com a notícia. — Compartilho desse mesmo pressentimento, pai. Algo não está certo nisso tudo. Mas, o quê? — suspiro, frustrado. — Acha que esse filho da puta pode ter assassinado a camareira de Ella?

— Não sei, filho. Dam garantiu que os agentes estão trabalhando para encontrá-lo e esclarecer os pontos nebulosos.

— O que esse fodido teria contra mim? — ranjo os dentes. — O que está por trás disso?

Meu pai me olha longamente. Meu velho está me deixando desconfortável.

— Nós vamos descobrir. Só me prometa que vai tomar cuidado enquanto tudo não se resolve.

— Prometo, pai. — digo com veemência para tranquilizar meu velho.

Ele acena e seu rosto se transforma em um leve sorriso.

— Então, fará algo especial para o pedido? — inquire.

Eu rio como um bobo apaixonado.

— Eu a levarei para Roma em um fim de semana romântico. — digo sem parar o sorriso satisfeito.

— Parece bom, filho. Eu, sua mãe e irmãos estamos felizes por vocês. — diz com emoção na voz.

— Eu sei, velho. — digo, puxando-o para um abraço rápido.

Ele resmunga, sorrindo, e se despede em seguida, deixando-me sozinho. Eu deixo a empresa em alguns minutos e sigo direto para a casa. No trajeto, Harry, meu segurança, me informa que os homens estarão prontos para nos acompanhar para Ardócia amanhã. Isso me deixa mais relaxado. A segurança de Ella é uma questão de Estado. Tenho certeza de que o próprio rei já está cuidando disso também, antecipando o pandemônio que será a mídia quando aparecermos como um casal pela primeira vez.

Depois de tomar uma ducha rápida e comer um sanduíche, eu vou para a cama chamar a minha menina. Ella atende no segundo toque.

— Oi, *Amore mio*... — sua voz baixa e ansiosa faz meu peito aquecer e meu pau inchar instantaneamente. Porra. Eu me ajeito sobre os travesseiros, tesão, saudade, amor louco tomando meu corpo.

— Boneca... — minha voz sai engrossada, mas terna. — Deus, como é bom ouvir a sua voz. — ela sorri suavemente. — Como foi o seu dia, amor?

— Monótono. — é a minha vez de sorrir com implicação por trás disso. Ela está sentindo a minha falta também. — A restauração está avançando bem, no entanto. — sua voz cai para um sussurro provocador quando acrescenta. — Fui informada de que o engenheiro chefe quer entregar a obra antes do prazo e tenho que me desdobrar para atender as expectativas do tal fodão... — eu rio baixinho e rosno, apertando a cabeça do meu pau.

Impertinente. Deliciosa.

— Ah, sim, eu conheço o cara, princesa. — murmuro sedutoramente. — Ele está caidinho por você, mas é muito exigente quando o assunto é trabalho.

Ela ri.

— Eu diria que ele é exigente em outros aspectos também... — ronrona e meu pau dói de tão duro. Sua voz suaviza mais quando sussurra: — E você? Como foi o seu dia, *caro mio?*

— Trabalho e mais trabalho. — exalo uma respiração fatigada. — Mas consegui adiantar bem as coisas por aqui.

— Parece que teve um dia longo. — murmura com a voz doce. — Gostaria de estar aí para aliviar sua tensão...

Eu gemo.

— Sim, princesa. Eu deveria ter suas pernas enroladas em minha cintura nesse exato momento. — ela ri gostosamente do outro lado. — Isso é o que está me frustrando pra caralho.

— Eu sei. — sussurra, meio ofegante. — Sinto sua falta também, amor.

— Estou louco, morrendo para tê-la em meus braços, bonequinha. — meu tom é muito amolecido, mas não me importo.

Seu sorriso de menina faz meu peito expandir.

— Eu quero você... — geme em meu ouvido. Porra. Meu pau baba na calça do pijama.

— Eu também quero você, princesa. — meu tom sai áspero. — A noite inteira embaixo de mim. — rosno.

Uma vez mais sua risada gostosa ressoa em meu ouvido.

— Apenas algumas horas nos separam. — seu tom é todo sedutor. — Mal posso esperar, *mio bello dominatore.*

Eu ranjo, então sorrio malvadamente.

— Me espere no meu quarto, Ella. — sussurro rouco. — Nua. Eu vou te comer tanto, porra.

Ela ofega do outro lado.

— Tudo que quiser, meu senhor. — murmura, seu tom excitado, submisso, deixando-me ansioso e frustrado pelas horas que ainda nos separam.

— Eu te amo muito. — minha voz derrete ao pronunciar essas palavras. No entanto, essas simples palavras parecem insípidas diante da grandeza dos meus sentimentos por essa menina. Eu a venero. Pura e simplesmente. Para mim, Ella sempre esteve em um patamar acima de todas as outras. É meu lindo e contagiante raio de sol. Meu amor. Meu tudo.

— Eu também te amo muito. — sua voz está um pouco embargada agora. — Odeio ficar longe de você.

— Também odeio não ter você perto de mim o tempo todo. Sempre odiei. — resmungo e solto um pequeno suspiro. — Eu tenho uma surpresa, amor... — acrescento, já com um sorriso de provocação se abrindo. Adoro deixá-la curiosa.

Antonella

— Uma surpresa? — pergunto, não disfarçando o amplo sorriso e a excitação rolando em minhas veias. — O que é?

O som da sua risada profunda é a única resposta, fazendo-me gemer e em seguida sorrir.

— Essa é uma informação sigilosa, boneca, ou não seria surpresa. — diz em tom divertido.

Eu bufo, fazendo-o rir mais no meu ouvido. Ele sempre adorou me deixar curiosa desde que me entendo por gente. Eu amei cada surpresa no passado quando éramos fraternais, mas agora a minha mente viaja e meu pulso acelera, cogitando o que meu príncipe dominador e sexy tem preparado para mim.

Meu coração está leve ao ouvir sua voz, mas ainda pesado por faltarem vinte e quatro longas horas para tê-lo aqui comigo. Todo o meu corpo

pulsa e dói de amor, saudade, tesão reprimida. São oito dias sem sentir seu toque, seu cheiro másculo. Seus beijos intensos, sua posse exigente. Suprimo um gemido, rolando nos lençóis macios da minha cama.

— Tem certeza de que não posso arrancar essa informação? — sussurro em minha melhor voz sedutora.

Ele geme.

— Não há nada que possa fazer, sinto muito. — ele não parece sentir. Seu tom ainda é perversamente divertido. — Se estivéssemos perto, quem sabe...

— Você é tão malvado, *amore mio.* — continuo na vibe mulher fatal. — Talvez se entrarmos no FaceTime e pudesse ver o que preparei para você também... — jogo a isca, sorrindo quando ele rosna. *Dio,* minha vagina lateja, inundando despudoradamente.

— O que fez para mim, bonequinha? — seu tom abaixa asperamente.

É a minha vez de rir enigmática. Eu completei a tatuagem com seu nome em minha pélvis um dia depois que cheguei à Ilha. É a minha surpresa para ele. Já antecipo, os olhos escuros me olhando com posse e em seguida, a forma bruta e deliciosa com que vai me tomar em sua cama. Afirmando seu poder sobre mim. Nossa fantasia em comum, transar em seu quarto. Passar a noite toda nos amando como sempre desejamos. Sem medo de sermos flagrados porque agora somos um do outro. Meu corpo está todo quente, ansiando por amanhã.

— É uma informação sigilosa. — devolvo suas palavras e ele grunhe. Eu abaixo propositalmente a voz e murmuro: — Uma surpresa para o meu dono.

— Droga, Ella. — diz asperamente. — Você vai me matar aqui. — então ele ri meio gemendo. — Deus, eu amo quando fala assim, toda submissa. Me deixa insano estar longe e não poder me afundar até o talo

em seu corpo perfeito.

Eu gemo longamente.

— Amanhã, meu moreno lindo e viril. — sussurro, luxúria escorrendo em meu tom. — Amanhã vai poder fazer tudo comigo. Meu corpo está ansiando para ser usado pelo meu senhor. De todas as formas que quiser.

Outro rosnado ressoa em meu ouvido.

— Deliciosa... Você ama ser a minha putinha obediente, não é princesa? — sua voz é engrossada agora, fazendo-me latejar. *Madonna mia,* eu me sinto com o equivalente a bolas azuis femininas. Minha vagina está agonizando para ser preenchida até o punho. Eu junto as coxas, friccionando uma na outra para aliviar a dor. — Vai me fazer gozar duro amanhã, minha menina linda? Sim, eu sei que vai. Você sempre faz seu dono gozar tão gostoso, porra...

Meu corpo arrepia, os mamilos endurecendo, torcendo em agonia. Fecho os olhos e posso sentir seus lábios macios e quentes sobre eles, sugando-os, mordendo, devorando-me.

— *Si,* eu o quero gozando duro, bem fundo dentro de mim. — digo sem vergonha e minha mão desliza pelo ventre, descendo por dentro do short do pijama. Eu gemo estrangulado, quando toco meu montículo todo inchado, necessitado.

— Não ouse se tocar, Ella. — Mike rosna, assustando-me. — Eu quero tudo para mim amanhã. Cada gota do seu gozo é minha, porra. Cada fodida gota é para mim.

Eu lamento, retirando a mão relutante de dentro do short. Se a minha vagina pudesse fazer beicinho, tenho certeza estaria fazendo um agora. Droga.

— Eu quero tanto você. — minha voz é ofegante, rouca.

— E eu a você, boneca. — ele diz mais suavemente, fazendo-me

derreter como as geleiras sob o aquecimento global. Um suspiro e um sorriso baixo se seguem. — Me conte mais sobre o trabalho com a restauração, princesa. Preciso de distração para o meu pau duro.

Eu rio e ele também. Mike não quis fazer sexo por telefone nenhuma vez nesses dias. Quis que guardássemos tudo para o nosso reencontro. Concordei no começo, mas depois tentei seduzi-lo em cada uma de nossas conversas, o que não funcionou, como devem ter percebido pelo meu nível atual de tesão. O homem tem um autocontrole invejável. No entanto, não estou perdendo as esperanças. Em algum momento, irei colocar o dominador de joelhos, anotem isso aí, meninas.

Então, eu conto tudo sobre o trabalho, nos mínimos detalhes. Conversamos por duas horas seguidas. Nossa conversa sempre flui tão fácil. Eu poderia ouvir sua voz profunda, escura e sexy no meu ouvido a noite inteira e não estaria reclamando.

Quando nos despedimos com promessas apaixonadas, sussurradas para amanhã, eu durmo com um sorriso sonhador em meus lábios.

****

Tomo café da manhã com meus irmãos na cozinha menor, na ala norte. Desde pequenos a usamos para as nossas refeições informais. Max está regressando para Boston antes do almoço e já estou sentindo falta do meu irmãozinho. Nos vemos tão pouco nos dias de hoje. Dam também irá a Mônaco no final da tarde. Ele finalmente conseguiu aprovar o projeto de colocar Ardócia no circuito da Fórmula 1. Parece que haverá uma grande obra na adequação do autódromo da Ilha, que até o momento só recebeu competições de Kart e outras categorias inferiores do automobilismo.

— A Fórmula 1 trará montanhas de dinheiro para os nossos cofres, o aquecimento do setor de turismo. — *mio fratello* informa-nos, todo orgulhoso de sua façanha. — E, claro, a razão maior que me impulsionou a ir atrás dos grandes figurões para nos colocarem no circuito: prestígio. — é

difícil acreditar que só tenha vinte e quatro anos quando encarna esse ar implacável de futuro rei. Bem, verdade que completa vinte e cinco um mês depois de mim. Então, tecnicamente faltam apenas três meses para o seu aniversário. — Prestígio, senhores, é o que move o mundo.

— Uh, eu pensei que era o dinheiro que movia tudo. — Max sorri.

Há orgulho em seu rosto pelo irmão mais velho. Todos nós estamos orgulhosos dele. Nossos pais então, nem se fala.

— Errado, irmão. Em nosso meio só o dinheiro não basta. — Dam meneia a cabeça e sua boca torce quase com desdém. — Sua conta bancária não vale nada se não tiver séculos de história em suas costas. Isso foi o que contou a nosso favor na disputa com países talvez mais ricos, mas menos expressivos, e charmosos do que um reinado ao Sul da Itália.

Ele pisca. *Mio fratello* está definitivamente apaixonado por esse projeto, é visível na forma como fala. Max assobia baixo, vendo a mesma coisa que eu.

— Mandou bem, irmão. — diz, engolindo o último gole do seu suco de laranja. Então seus olhos brilham com irreverência antes de completar. — Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades, você sabe, futuro rei.

Dam bufa e eu rio dos dois. É tão bom estar em casa com os meus irmãos.

— Você poderia pensar que a universidade lhe daria uma capacidade maior de argumentação, pirralho. Em vez disso, tudo que tenho é uma paráfrase do Homem Aranha? — ele torce os lábios em desdém brincalhão, alfinetando Max de volta. — Nossa mãe ficará desapontada.

— Humpt. Foi o avô do Peter Parker quem falou isso, idiota, não o Homem Aranha. — Max revida como se Dam tivesse falado algum sacrilégio. — Costumávamos assistir a isso, lembra-se, *fratello?*

— *Si,* e isso tem o quê? Dez, onze anos? — Dam refuta. — Me admira que consiga pegar alguma garota citando falas dos filmes da Marvel, irmãozinho.

Max bufa, abrindo o maior sorriso arrogante. Oh, isso vai longe... Eu degusto meu desjejum, observando a batalha verbal.

— Você ficaria realmente surpreso com a quantidade de boce... — Max para e limpa a garganta, olhando-me com desculpas nos olhos. — Digo, garotas, que passam pelo meu apartamento, espertalhão.

— Só preserve sua bunda, idiota. Não é agradável ver seu pau nos tabloides. — Dam rebate, fazendo-me quase engasgar. *Madonna mia.* Já era para estar acostumada sendo a única menina no meio deles.

Ele está se referindo a uma manchete que mostrava Max pulando nu em uma piscina numa festa de fraternidade há três meses. Sua bunda não era a única coisa em exibição... Nossos pais ficaram estupefatos com ele e nosso irmãozinho prometeu se comportar desde então. Lipe estava junto também, igualmente nu, os dois cercados de meninas.

Eles, com certeza, estão curtindo a universidade, coisa que Dam e eu não fizemos. Não dessa forma. Eu, porque me guardei para o Mike. E Dam, bem, ele tem uma responsabilidade maior pesando em suas costas. Embora os tabloides enlouqueçam com todas as notícias sobre a nossa família, é a Dam que eles perseguem ferrenhamente, esperando apenas um ínfimo escorregão. E ele nunca os satisfez. É claro que houve aquela vez no ensino médio, em que ele foi flagrado experimentando um baseado... Eu rio com o alvoroço que isso causou no palácio.

Conseguem imaginar? O príncipe herdeiro de Ardócia fumando maconha? Meu pai teve que mover muitos pauzinhos para tirar a notícia de circulação o mais rápido possível. O que quer que o rei tenha dito a ele funcionou. Dam nunca mais escorregou. Bom, pelo menos não publicamente. Tenho plena consciência de que meu irmão está longe de ser

um monge, no entanto. Ele apenas sabe ser discreto.

Os gêmeos de tio Jay é outra história. Aqueles meninos causaram rebuliço em Boston quando passaram por lá. Houve uma manchete uma vez que insinuou que os dois gostavam de compartilhar suas meninas. Eles negaram veementemente, mas os tabloides ainda desenterram isso de vez em quando... E, claro, há Anna Júlia. Essa tem sido uma fonte incessante de notícias desde... Bem, desde que se tornou muito mais porra louca, como diria meus irmãos.

— Estou detectando certo despeito aí, *fratello?* — Max zomba, tirando-me do meu devaneio sobre os escândalos reais. — Será que as suas *joias da Coroa* não fazem frente às minhas, huh?

Dam bufa em desdém e eu decido intervir.

— Ei! Isso é o suficiente de testosterona em plena manhã, não acham? — encaro os dois e eles abrem seus sorrisos arrogantes, tão bonitos e tão parecidos.

— *Perdonami, sorella.* — dizem quase em uníssono.

Eu reviro os olhos porque eles sabem como me ganhar com esses sorrisos. Max limpa a garganta.

— Irmão, na verdade, eu queria dizer que estou orgulhoso... — ele parece um pouco desconfortável falando seriamente. — Você sabe, com a coisa da Fórmula 1. Mal posso esperar para o ronco oficial dos motores aqui na Ilha. — ri com sua empolgação juvenil.

Dam sorri e estende a mão, bagunçando os cabelos escuros do nosso irmão caçula. Max se esquiva, rolando os olhos para o gesto.

— *Grazie, fratello.* — Dam diz num raro momento sem provocação para o irmão mais novo. Eu acho que ele compartilha os meus sentimentos de saudade antecipada do nosso irmãozinho. Apenas não vai dizer isso em voz alta. Homens... — Eu tenho um compromisso até as dez, mas volto a

tempo de acompanhá-lo ao aeroporto. — informa como se não fosse grande coisa, no entanto, eu sei que é a sua forma sutil de dizer que vai sentir falta de Max enquanto estiver fora.

Max também sabe pelo sorriso brincando em sua boca. Ele se levanta do banco, sua estatura se elevando. Nossa, quando esse menino vai parar de crescer? Sorrio levemente, mastigando minha última porção das panquecas que Dam preparou para nós. É um ritual que meu irmão mais velho nunca deixou morrer, mesmo depois que crescemos e ele teve que assumir sua agenda como príncipe herdeiro. Sempre que seus compromissos permitem, prepara o café para nós três quando estamos no palácio. Eu amo esses momentos com eles, com os concursos de mijadas e tudo.

— Vou arrumar minhas coisas. — ele anuncia.

— Irei ao seu quarto antes de sair. — digo-lhe com suavidade. — Sentirei sua falta, bonitão.

Ele sorri e isso o deixa ainda mais bonito. Ele se aproxima, inclinando-se sobre mim e me dando um beijo afetuoso na bochecha.

— Também vou sentir sua falta, *sorella.* — sussurra, seus olhos escuros me encarando. — Então, teremos mesmo um casamento em breve? — assobia baixo. — Mike não está brincando em serviço, hein?

Tenho certeza de que há corações em meus olhos nesse momento.

— Possivelmente. — respondo com um meio sorriso.

Max me dá uma piscadinha maliciosa, dirigindo-se para a porta.

— Ah, o amor... — provoca antes de sumir da nossa vista.

Eu pego um guardanapo, limpando minha boca. Dam está encarando a porta, seu rosto com uma expressão leve.

— Também vou sentir falta desse fedelho. — ele ri, dirigindo os olhos

para mim.

— Diga isso a ele.

Meneia a cabeça, rindo do seu jeito presunçoso.

— Ele sabe, *sorella.* — eu rolo meus olhos.

— Homens... Vocês não vão perder as preciosas *joias da Coroa* por mostrar seus sentimentos.

Mio fratello ri mais.

— Temos uma reputação a zelar, *principessa.* — rebate, seu tom é brincalhão, fazendo-me bufar.

Eu o observo por um momento. Apesar da descontração dessa manhã, Dam tem estado meio estranho ultimamente. Taciturno, irritadiço. Desconfio que isso tenha a ver com certa doutora. Algo aconteceu entre eles naquela selva, tenho quase certeza.

— O que há com você, Dam? — pergunto baixinho. Seu cenho franze, mostrando confusão, então adiciono: — Algo aconteceu entre você e a doutora Moretti enquanto estavam isolados na selva?

Seu semblante se fecha. Os olhos negros brilham duramente com a menção de Isadora.

— Nada aconteceu. — ele meio que rosna. — O que a faz pensar assim?

— Uh, pelo fato de que a tem tratado com hostilidade a cada vez que a encontra? — aponto, levantando uma sobrancelha desafiadora.

Ele suspira, enfezado.

— A doutora é uma mulher leviana. Uma vad... — corta a ofensa e se levanta, pegando os pratos e levando-os para a pia. — Não vou falar sobre isso com a minha irmãzinha, Ella.

Hum, então algo aconteceu de fato. Meu irmão não ofende as mulheres

assim. Não na minha frente, pelo menos.

— Ela tem um noivo. — digo o óbvio.

Dam emite um pequeno rosnado, virando-se para mim e encostando-se à bancada.

— *Si.* É uma pena que o bom doutor não saiba quão mentirosa é sua futura esposa. — cospe com asco. — Mas isso não é problema meu. — diz e força um sorriso, sua voz suavizando. — E você, *sorella?* Não acha que já estar pensando em casamento é um tanto precipitado?

— De acordo com nosso pai, não. — respondo com um sorriso brincando na boca. — E Mike se empolgou... Ele quer que nos casemos dentro de dois meses.

Dam ri, o humor enchendo seus olhos escuros.

— O velho não ia aliviar, nós já sabíamos disso. — rimos os dois. — É bom Mike cuidar bem da *mia principessa*, ou terei de chutar aquela bunda arrogante dele.

Eu me levanto, contornando o balcão e indo até ele. Dam me puxa, envolvendo os braços fortes à minha volta. Eu me sinto protegida nos braços do meu irmão mais velho.

— *Grazie*, mas você não vai precisar. — digo, levantando o rosto para olhá-lo. — Ele me ama.

— *Si*, o idiota só precisava levar um sacode para agir sobre seus sentimentos. — resmunga e isso me faz rir. Ele fica sério. — Eu soube que visitou a família de Celina. Isso foi bonito e atencioso da sua parte. Não esperaria menos vindo de você. — sua voz é suave e carinhosa quando sussurra. — Uma princesa da cabeça aos pés. Eu tenho tanto orgulho de ser *tuo fratello.*

Meus olhos marejam com o carinho do meu irmão. Parece que ele não tem a menor cerimônia em ser meloso comigo, como tem com Max. Tão

machista, mas me derreto, apreciando o momento.

— *Si*, sua família é modesta. Eles precisam de apoio não só financeiro, mas saber que alguém se importa, que lamentamos o triste fim de sua filha.

Dam engole e acena.

— Esse é um risco que todos os funcionários assumem quando aceitam nos servir, Ella. Infelizmente, pessoas morreram e vão continuar morrendo em nome da realeza.

— É tão injusto, Dam. — choramingo. Eu sei que é verdade, mas ainda assim incomoda que a realeza seja colocada acima das pessoas comuns.

— *Si, caríssima.* Muito injusto, mas tem sido assim desde que o mundo é mundo. Tudo que podemos fazer é honrá-los com as nossas posturas, como está fazendo ao dar apoio à família de sua camareira.

Eu o olho, impressionada com o quanto tem amadurecido.

— Será um grande rei um dia, *mio principi.* — digo com emoção na voz.

Sua mão levanta para o meu rosto num suave toque fraternal.

— Se eu for apenas metade do rei que nosso pai é, já estarei satisfeito. — diz em tom solene e ele nunca se pareceu tanto com nosso pai como agora.

— Será. Tenho certeza disso. — torno a afirmar. — Vou dar uma passada no quarto de Max para me despedir. — eu o beijo na bochecha e me afasto, pegando minha bolsa sobre a bancada. — Se não nos virmos antes da sua partida, tenha um voo seguro, *fratello.* Estou orgulhosa de você.

Um sorriso luminoso toma seu rosto e ele me beija suavemente na testa.

— *Grazie, caríssima.* — ele se estica, alcançando seu celular sobre o balcão e ajeita o terno bem cortado. — Tenho uma reunião tediosa com os

médicos da fundação até as dez. — um músculo pulsa em seu maxilar. Quero perguntar se Isadora estará lá, mas não é necessário. Pela sua postura, imagino que a encontrará. Tanto ela como o noivo. Gostaria de cavar mais sobre isso, porém, Dam é muito reservado com seus assuntos pessoais. — Depois de embarcar Max, volto para almoçar com você e os nossos velhos. — anuncia.

— Vemo-nos no almoço, então. — aceno, enquanto saímos os dois, deixando a cozinha.

Meus pais também viajam hoje após o almoço. Eles estão saindo em uma viagem diplomática a Istambul. Um frisson na forma da excitação mais devassa e despudorada escorrega pela minha coluna, passando pela barriga e se instala mais embaixo, no meio das minhas coxas, com o conhecimento de que seremos apenas Mike e eu, sozinhos no palácio.

Por uma semana inteira. *Dio mio...* Mal passo esperar.



CAPÍTULO DOIS

Antonella

Eu olho a fachada do museu quando Lorenzo, meu segurança, puxa a limusine para o estacionamento subterrâneo. As obras estão a todo vapor e certamente serão concluídas antes do prazo, como é a marca de Mike. Voltei a trabalhar no mesmo prédio. A razão maior para eu ter ido para o edifício vizinho era a minha birra com Mike. Há salas vazias perto do seu escritório improvisado que não serão tocadas pela poeira e outras partículas que podem danificar a restauração.

Então, montei meu laboratório na sala vizinha à sua desde que retornei na semana passada. O ponto positivo é que verei meu lindo e sexy engenheiro fodão o tempo todo. O negativo é que também verei a cara de vadia dissimulada, a *morena belzebu,* como Anna e eu a estamos chamando *carinhosamente.* Rio, subindo as escadas na parte de trás do edifício, que levam direto para a minha sala. Aprendi a lição de não transitar de maneira descuidada no meio de uma grande obra. Mike me ordenou, isso mesmo, ordenou a não vagar mais pela parte da frente, onde os trabalhadores estão em ritmo frenético.

Entro na sala, minhas duas assistentes já estão lá. Elas se curvam em uma reverência respeitosa e me dão bom-dia. Eu as saúdo, indo guardar minha bolsa num dos armários e iniciamos o trabalho. A manhã passa

rapidamente, estamos restaurando um dos quadros de Cavichioli, uma Violeta mais sombria é o que temos. Esse foi pintado depois do infortúnio dos amantes. Ela está vestida de preto, sua expressão é a mais triste, de cortar o coração mesmo. Tenho o impulso de mudar as cores e trazer toda a beleza dos primeiros quadros em que o artista apaixonado retratou sua musa, mas não posso. A restauração não pode alterar a essência das obras, uma pena nesse caso.

Volto ao palácio por volta das onze e meia para almoçar com meus pais e Dam. Nosso almoço é tranquilo no salão Royal. Meu irmão informa ao nosso pai sobre a reunião com os médicos da fundação. O rei e rainha se desdobram em elogios à doutora Moretti, para o desconforto de Dam, que apenas assente respeitosamente com sua mandíbula tensa. Minha mãe me pergunta como está a restauração e eu a atualizo. Após a sobremesa, *mio papà* me convida para ir ao seu escritório para uma conversa. Ele ainda está com um pé atrás sobre o meu relacionamento com Mike, posso sentir pela sua postura e na forma como tem me observado como um falcão nessa semana.

O que ele não sabe é que meu amor pelo meu primo é infinito. Nunca vai acabar. Mike se sente da mesma forma, eu sei. Ele demorou a ceder, mas agora é para sempre. É isso que seus olhos me dizem a cada vez que se fixam nos meus. A cada toque apaixonado de suas mãos e boca em minha pele. A cada vez que me possuiu com sua dominação e intensidade em Londres.

O que sentimos é muito forte, avassalador, nunca vai acabar. Precisamos mostrar isso para a nossa família e para o resto do mundo.

Quando entramos no recinto, meu pai me guia para os amplos sofás vitorianos alguns degraus abaixo na enorme sala, onde nos acomodamos.

— *Piccola.* — murmura, tomando a minha mão entre as suas. — Precisamos conversar.

Eu me viro ligeiramente no sofá, ficando meio de frente para ele.

— *Si, papà?*

— Não conversamos a sós sobre essa situação toda... — recomeça, seus olhos escuros segurando os meus. — O casamento... Você está bem com isso, *principessa mia?*

— *Si, papà.* — digo com voz firme. — Eu amo o Mike. Nunca houve outro homem para mim.

Ele me sonda.

— E o duque de Montessola? Você esteve envolvida com ele por um tempo. — aponta.

Eu quase bufo com a menção de Paolo. Meu pai ainda acha que meus sentimentos e de Mike podem mudar.

— Ele foi apenas uma tentativa patética de esquecer Mike. Nunca tivemos nada, huh, mais profundo...

Meu pai acena, parecendo um pouco desconfortável.

— Quando *mia bambina* cresceu? — sorri, seu rosto se enchendo de nostalgia. — Foi tão rápido. Parece que foi ontem que eu estava olhando para os seus olhinhos de esmeralda pela primeira vez, e agora, você está apaixonada e a caminho de se casar. — faz uma pausa e seu semblante vai assumindo seriedade. — Eu só quero que seja feliz, *figlia.* Tua felicidade e de teus irmãos está acima da minha. Foi assim desde o momento em que peguei cada um nos braços pela primeira vez. — aceno, meus olhos ficando marejados.

— Eu sei, *papà.* — murmuro. — Não há pai melhor do que o senhor. — minha voz embarga enquanto me inclino e o beijo na bochecha.

Papai sorri. A risada que enche o escritório me faz lembrar da minha infância, quando o surpreendia aqui no meio do trabalho e ele parava tudo

que estava fazendo para brincar comigo.

— Você sempre soube como derrubar *tuo papà.* — meio que resmunga, fazendo-me sorrir também. Ele suspira com resignação antes de acrescentar: — A notícia foi devidamente esclarecida, mas Mike precisa se pronunciar sobre o casamento. Ele já fez um pedido?

Eu seguro o impulso de rolar os olhos para os modos antiquados do meu pai.

— Não estamos mais no século XIX, sabe disso, não é? — ele levanta uma sobrancelha de monarca que não gosta de ser contrariado. — Mike não vai se casar comigo porque o rei decretou. Vai fazê-lo porque me ama. Nós nos amamos muito, aceite isso logo e vamos evitar embates desnecessários.

Ele levanta a mão, tocando meu rosto, seus olhos muito brilhantes.

— Tão parecida com *tua madre.* — murmura quase para si mesmo, olhando-me com amor. — Não importa o século em que estamos, *bambina.* Os pais sempre vão querer proteger seus filhos.

Meu peito amolece com suas palavras amorosas.

— Eu sei, *papà.* — digo, emocionada, indo me sentar em seu colo. Seu rosto se ilumina por ter sua garotinha assim. Seus braços amorosos me envolvem em um casulo protetor. — Apenas deixe Mike e eu decidirmos sobre o casamento, está bem? — ele não parece muito contente, mas acena. — Deixe-nos fazer do nosso jeito, *per favore.*

— Desde que não demore muito. — diz com desagrado em seu tom. — Mike cruzou a linha, ele a desrespeitou levando sua pureza antes do casamento.

Dio mio! Sinto meu rosto em chamas de vergonha. Meu pai é mesmo tão antiquado.

— *Per Dio!* E se fosse um dos meus irmãos levando *a pureza* de uma

garota? — ironizo. — Você os obrigaria a se casar?

Ele faz um som desgostoso, franzindo as sobrancelhas.

— Não fale assim com *tuo papà.* — ele me repreende. — É diferente. Eles são homens.

Eu bufo.

— Isso é puro preconceito de gênero e sabe disso. — ouso retrucar.

Ele ri, dando-me um beijo conciliador na testa. Eu rio e me aconchego em seu peito forte.

— *Va bene, tesoro.* — concede, esfregando minhas costas ternamente. — Vou tentar me manter fora e deixar você e Mike decidirem.

Dou risada, sabendo que ele não vai realmente cumprir essa promessa. Meu pai é naturalmente controlador com a sua família. No entanto, agradeço que está pelo menos tentando nos dar espaço.

— *Grazie, mio rè.* — sussurro.

— Tenham cuidado com sua exposição na mídia, porém. Sua segurança será reforçada. — seu rosto fica sério e ele repete o discurso que eu e meus irmãos escutamos desde a adolescência: — A fama para as pessoas comuns é algo passageiro, a não ser que façam coisas realmente memoráveis. — sua mão segura o meu queixo e continua: — Sabe que não temos esse privilégio de sermos esquecidos pela imprensa, *piccola.* Não importa o que façamos, sempre estaremos expostos aos olhos do público por causa de quem somos. A realeza, *principessa mia.* E isso é para sempre. Tudo passa, mas a realeza, essa é eterna. — completa com seu tom orgulhoso e cerimonioso de rei.

— Eu sei. Nunca irei envergonhar a nossa casa, tampouco o nosso nome, *papà.* — eu lhe garanto no mesmo tom reverencioso. Ele assente, beijando-me na têmpora.

Despedimo-nos alguns minutos depois. Ele tinha ainda alguns assuntos a tratar antes de tomar o jato e eu, precisava me refrescar e dar um beijo na minha mãe antes de voltar ao museu.

A tarde evoluiu mais devagar, como se o relógio tivesse um complô secreto para me manter separada do homem que amo. Consegui concluir o quadro Cavichioli e dispensei as minhas assistentes ainda há pouco. Quero sair mais cedo e me preparar para Mike. Não irei recepcioná-lo no aeroporto como de costume. Ele me quer esperando em seu quarto.

Nua.

Ah, Dio. Um rio desgovernado de excitação enche a minha vagina quando penso que em duas horas ele estará na Ilha. No palácio. Dentro de mim. Eu gemo, pegando a minha bolsa, pronta para encerrar o expediente por hoje, mas uma batida na porta da sala me faz estacar a meio caminho para sair.

— Entre. — digo com leve impaciência no tom. A maçaneta gira e meu humor é testado quando Vivian aparece na soleira.

Meu cenho franze, perguntando-me internamente o que essa mulher pode querer comigo.

— Vossa Alteza. — cumprimenta numa mesura educada, curvando-se quando entra. Eu aceno levemente a cabeça em reconhecimento. Ela não esqueceu que revoguei sua permissão para se dirigir a mim pelo meu nome. Garota esperta. — Pode me conceder alguns minutos, por favor?

Cáspita. O que ela quer? Torno a me perguntar.

— Estou de saída, como pode ver. — confiro o relógio em meu pulso. Sei que é indelicado, mas a novidade é que não me importo de parecer mal-educada. Não para ela. — Se não for tomar muito tempo...

Ela parece estranhamente desconfortável. Eu a analiso com a mesma atenção e apreensão que lutadores de MMA dispensam a um oponente

antes do combate.

— Não ousaria tomar seu tempo, princesa. — diz numa voz muito subserviente. — Eu só queria dizer, mais uma vez, que lamento muito a forma como as coisas mudaram desde que fomos apresentadas. — seu rosto vacila um pouco e eu estreito os olhos, tentando descobrir aonde quer chegar com essa lengalenga. — E também que... Bem, gostaria que Vossa Alteza pudesse me dar outra oportunidade de me redimir. — eu franzo a testa em confusão e Vivian continua, seu tom um pouco mais confiante: — Sou uma submissa experiente, como já mencionei...

— E? — eu me afasto um pouco, olhando-a de maneira intrigada.

— Eu me coloco à sua inteira disposição para o que precisar saber sobre o nosso mundo, Alteza. — seus olhos castanhos brilham com esperança e eu começo a cogitar que ela é louca. — Posso treiná-la para ser uma submissa imbatível. — meu sangue começa a ferver em fogo baixo. Quem essa vadia pensa que é? Tá certo que preciso de algumas dicas, mas não dela, *cáspita!* Nunca dessa vaca! Eu bufo. — Ouça, não leve para o lado pessoal o que vou dizer, mas conheço todos os gostos do Mestre Mike.

É o suficiente. Fumaça sai pelos meus ouvidos, enquanto a fuzilo com meus olhos. Eu me aproximo devagar, parando à sua frente. Ela se mantém no lugar. É corajosa, tenho lhe dar isso.

— Você é tão atenciosa... — eu digo baixo. Não preciso gritar. Não. Eu não preciso me descabelar para dar o meu recado e essa *puttana* vai recebê-lo. Agora. — Ou talvez seja apenas muito estúpida. — cuspo em tom mais duro. — Uma sub imbatível, você está dizendo? — arqueio uma sobrancelha desdenhosa e bufo. — Eu acho que é hora de aceitar que você não deve ser grande coisa como sub, *cara.* — seus olhos arregalam e surpresa completa estampa seu rosto. — Você não conseguiu prendê-lo mesmo com todos esses *conhecimentos* dos gostos dele. Aqui vai um conselho que deve seguir: pare de envergonhar a si mesma. Você está

sendo ridícula.

— Princesa, por favor, eu não quis ofendê-la. — balbucia, afastando-se um passo para trás. — Como sou mais experiente, pensei apenas em limpar o ar entre nós, ajudando-a. Sinto que lhe devo depois de... Depois...

É possível uma pessoa ter tanta cara de pau? Aparentemente é.

— Depois que peguei você prestes a foder o *meu* homem. — eu cuspo. — Porque não importa se ainda não estávamos juntos de fato, Mike sempre foi meu. — digo e adoro quando seu rosto perde um pouco da cor. — *Si*, você é mais experiente do que eu, claro. — e porque quero ser uma cadela total agora que comecei, pergunto com falsa inocência: — Afinal, tem quantos, trinta e quatro? Trinta e cinco? — vejo um lampejo de raiva em seus olhos.

Vamos, mostre a sua cara. Sua verdadeira cara, vadia!

— Trinta e um. Mike e eu somos da mesma idade. — há uma nota de satisfação em seu tom quando me dá a réplica.

— Jura? — rio ironicamente. — Bem, eu podia apostar que era bem mais velha.

Posso dizer que atingi um nervo pela forma que sua mandíbula cerra e ela toma uma respiração aguda. Vamos lá, querida. Venha, me ataque e me dê uma razão legítima para treinar boxe nessa sua cara de puta. Eu a olho desafiante. Mas Vivian é mais esperta que isso. Ela não vem. Não cai na minha armadilha. Com um grande suspiro, diz com uma voz toda controlada novamente.

— Eu não queria ofendê-la, Alteza. Como disse, apenas pensei que, pelo tempo que fui sub regular de Mike, poderia ajudá-la a lidar com o nosso meio...

Santo cielo! Eu juro, vou dar uns tabefes nessa dissimulada. Não posso acreditar que seja tão sem noção para me propor algo assim. Sério? Que

mulher aceitaria conselhos de uma antiga amante de seu homem? Somente uma tola faria isso e eu não sou tola.

— Você deve me achar muito ingênua, não é, Vivian? Tola mesmo, eu diria. — digo, ainda tentando controlar o meu temperamento. — Mas deixe-me lhe dizer algo que não deve saber, do contrário, não me faria tal proposta absurda. — ela me olha, atenta. — Você e todas as putas que Mike comeu nos últimos cinco anos eram apenas substitutas pobres, porque era a mim que ele queria quando esteve com cada uma de vocês. — dizer isso é agridoce. Odeio que ele tenha estado com tantas *puttanas.* Mas, ao mesmo tempo, amo saber que era em mim que pensava o tempo todo. — Ele me confessou que gozava chamando o meu nome em pensamentos. Era a mim que ele queria. É a mim que ele quer. É a mim que sempre vai querer. Portanto, você pode pegar a sua proposta e enfiar em seu traseiro experiente, *cara.* — estou praticamente rosnando em seu rosto. Isso a faz engasgar um pouco. Ótimo. — Você é uma mulher patética. — uso o mesmo tom irretocável de meu pai e de Dam quando não querem ser mais importunados. — Deixe-me. Agora.

Um arremedo de sorriso cruza seu rosto, como se apreciasse o confronto, mas ela o segura.

— Bem, então, se está tão certa de que pode cuidar do seu homem, não tem nada com o que se preocupar, princesa. — seu tom é baixo, comedido, voltando à mesura forjada com que iniciou esta conversa.

— Pode apostar que sei como manter o *meu* Mike satisfeito. — rosno dessa vez. — Você é a única ingênua se acha que não sei o que fazer na cama. Não é preciso ser uma puta rodada para satisfazer um homem. Ele mesmo não cansa de me dizer o quanto o faço gozar gostoso. — ela está surpresa com o meu linguajar e eu me regozijo. Toma. — A diferença entre nós, *cara,* é que não sou uma reles sub que ele vai foder e deixar de lado. Sou a mulher que ele ama. Sempre amou. Sempre vai amar.

Ela puxa uma rápida ingestão de ar e acena.

— Certo. Perdoe-me se fui inoportuna, Alteza. — curva-se e começa a se retirar, mas se vira de novo. Cristo. — Ah, antes que me vá. — eu rolo os olhos. *Madonna mia,* o que é preciso para me livrar desse encosto? — Quando ele a levar ao clube, fique atenta. Há algumas subs que eram regulares dele e que, bem, podem se tornar rancorosas.

Como você? Bufo sarcasticamente.

Espere. O quê? Clube? Mike vai me levar ao seu clube? Eu engulo, não impedindo meus olhos de ampliarem de surpresa. Ele nunca me falou nada sobre me levar a esse lugar. Não sei como me sinto sobre isso. Vivian parece satisfeita com a minha reação e eu endureço a coluna. Não deixando de olhá-la nos olhos, levanto as minhas mãos diante do seu rosto.

— Vê essas mãos aparentemente delicadas? — sorrio friamente. — Elas podem dar excelentes ganchos, *cara.* — ela me olha com receio. — Mais uma vez, não me subestime pelo meu título. Eu posso descer do salto e esquecer minha tiara se for preciso. Meu sangue é a mistura quente de italiano com brasileiro e esteja certa de que não vou correr porque as antigas subs do meu namorado estão... — eu bufo jocosamente. — Como você disse? Rancorosas? — rio, dando de ombros, minimizando-as. — Eu, pessoalmente, vou arrancar os olhos de qualquer uma que se atrever a chegar perto do meu homem. Será que isso é suficientemente claro para você?

Algo passa em seus olhos castanhos. É uma expressão sombria, que me dá calafrios.

— Há uma sub em especial. — retoma, parecendo ela mesma com medo dessa. — Tome cuidado com essa, princesa. Ela...

O toque do seu telefone a interrompe e eu agradeço mentalmente a quem está ligando. A mulher não se manca.

— Sinto muito, tenho que atender. Me desculpe mais uma vez por tomar o seu tempo. — ela me olha de uma forma estranha e intensa. — Tome cuidado, princesa. Eu sei que você me odeia, mas não sou a ameaça. — com mais uma reverência, ela finalmente se vai.

Suspiro de alívio e em seguida bufo, agora chateada com Mike. Que raios foi isso? Ele vai ter que mandar esse belzebu embora. Quem ela pensa que é para me encurralar dessa forma? Foda-se! Ela vai embora amanhã! Chega de bancar a namorada compreensiva. Com pai doente ou não, Vivian vai cair fora. Marcho para fora da sala, realmente irritada. Ela é patética. Essa conversa toda foi patética. Eu vou arrancar as bolas de Mike por ter mantido essa *puttana* na empresa mesmo depois de tudo. Em seguida...

Droga. Em seguida vou beijá-lo até meus lábios ficarem dormentes. Estou morrendo de saudades do *mio dominatore.*

Mike

Eu tomo um gole da minha cerveja e confiro meu Rolex de ouro, pelo que deve ser a milésima vez dede que cheguei com Lucas e Samuel. Quando encerramos o expediente, resolvi acompanhá-los para uma bebida rápida em um pub, no caminho do meu novo endereço. Mas minha mente não está mais aqui. Estou contando os minutos para alçar voo em direção à minha menina.

— Cara, você pode pelo menos fingir que está apreciando a nossa companhia? — o comentário zombador de Lucas me faz olhar de lado para o meu irmão acomodado no banco à minha direita. Samuel ri à minha esquerda.

O barman está na outra extremidade do balcão, atendendo garotas recém-chegadas e isso nos dá alguma privacidade para falar.

— Desculpe, irmãos. — torço os lábios em um pequeno sorriso. — Eu mal posso esperar para entrar naquele jato.

Lucas revira os olhos e Samuel ri, ambos se divertindo à minha custa. Fedelhos.

— E toda aquela conversa de *não demonstrem, em hipótese alguma, que a garota tem poder sobre vocês, irmãos, ou estarão fodidos,* que sempre jogou em cima de nós desde a nossa adolescência? — Samuel levanta uma sobrancelha, seu sorriso ampliando por saber que pegou seu irmão mais velho nessa.

Eu dou de ombros.

— Esqueçam essa baboseira. — um pequeno bufo depreciador me escapa. — Isso claramente não funciona quando seu coração foi total e completamente arrebatado.

Isso os faz vaiar, assoviando baixo. Porra, estou parecendo uma mulherzinha.

— Mano, eu não sabia que você tinha essa veia poética acontecendo. — Lucas zomba. Eu faço o meu melhor para ignorar a diversão clara no tom do moleque. Ele termina sua cerveja, fazendo um gesto para o barman trazer outra.

— Parem de me encher, porra. — minha voz é um misto de rosnado e riso, terminando a minha cerveja também. O barman providencia mais uma rodada. — Por que não se ocupam com as garotas ali do canto, irmãos? — indico com o queixo o grupo de três garotas, que agora estão olhando para nós, levantando suas taças de Martini e um convite claro em seus olhos. — Ou será que estão perdendo o jeito?

Samuel bufa, sendo seguido pelo gêmeo. Seus lábios enrolam em sorrisos maliciosos.

— Nós estamos de folga hoje. Pegamos uma garota mais velha ontem e... — Lucas ri como o gato de *Cheshire.* Sua voz é mais baixa quando completa: — Porra, ela sabe foder, mas Samu e eu demos uma canseira

naquela coisa deliciosa.

Porra.

Esses moleques ainda continuam com sua prática de fazer sanduíche de mulheres, pelo visto. Pensei que era uma coisa dos hormônios da adolescência e a coisa de viver a um oceano de distância dos nossos velhos quando foram para a universidade em Boston. Mas parece que os pervertidos gostam mesmo de foder uma garota ao mesmo tempo. Eu meio que bufo com esse pensamento. Quem sou eu para atacar de puritano quando tenho minhas próprias perversões? Quem tem teto de vidro...

Se meus irmãos são felizes assim, que continuem. No entanto, ainda posso zoar com eles. Afinal, é isso que os irmãos fazem.

— Caras, vocês são pervertidos pra caralho.

Eles bufam em uníssono.

— Olha só quem fala... O cara que gosta de algemar e chicotear suas garotas. — Samuel zomba em tom baixo, afinal, estamos em público e ninguém precisa saber das perversões da realeza. — Merda, ainda não consigo associar a imagem toda delicada de Ella com as suas preferências no quarto, irmão.

É a minha vez de abrir um sorriso malicioso e arrogante. Se eles soubessem como a princesa aprecia a minha veia pervertida. Porra, apenas pensar sobre a nossa última sessão me deixa duro como aço. Ela foi perfeita, tomando tudo que lhe dei... Ainda posso sentir sua boceta e seu rabo em volta do meu pau, apertados, deliciosos, ordenhando-me além da insanidade. Merda. Eu me ajusto discretamente, segurando um gemido.

Eles estão me encarando com sorrisos insolentes, percebendo que a minha mente conjurou lembranças indecorosas. Fecho a cara, deixando claro que não vou entrar nesse tópico com eles. Minha relação com a minha bonequinha não é para ser discutida. Nem mesmo com os meus

irmãos.

— Uh, mano você está monumentalmente fodido. — Lucas alfineta, entendendo a minha carranca. — Quando um cara se recusa a entrar em detalhes sobre a garota que ele está fod... — eu ranjo os dentes, desafiando-o a continuar. Ele sorri. Cristo, meu irmão é tão idiota. — Huh, namorando, é porque a coisa ficou muito séria.

— Você está cansado de saber que Ella é diferente, idiota. — digo grunhindo. — Sempre foi. — ele levanta as mãos em sinal de paz, ainda com o riso provocador em sua cara.

Samuel ri e se inclina para sussurrar entre nós:

— Não ligue para o bastardo aí, mano. Quando será o pedido? Conhecendo o nosso tio, você deve se apressar se quiser que a sua cabeça permaneça ligada ao seu corpo.

Eu bufo uma risada e tomo um longo gole da minha bebida. O rei não tem ideia do quanto facilitou as coisas para mim com o seu ultimato. Não vejo a hora de colocar meu anel no dedo da princesa e se tudo der certo, dentro de dois meses, minha aliança marcará definitivamente o meu território.

— Nesse fim de semana, em Roma. — movimento as sobrancelhas sugestivamente. — Apenas eu e a princesa.

Lucas provoca novamente:

— Uau, mano, você se transformou na porra de um romântico. — faz uma cara jocosa, então sorri e passa o braço por cima dos meus ombros, seu rosto suavizando. — Estou só zoando, não queira arrancar a minha cabeça. Todos nós sabemos que sempre foi diferente com Ella. — ele rola os olhos. — Cara, você sempre foi um maricas quando a nossa prima está em causa. Nenhuma novidade aí.

Eu sorrio, porque é a mais pura verdade. Ella sempre foi o meu ponto

fraco.

— Ella é a mulher da minha vida. — digo-lhes com seriedade. — Não há nada que eu não faça para fazê-la feliz. — olho entre eles. — Espero que um dia possam sentir esse tipo de amor, irmãos.

Eles arregalam os olhos em sua arrogância e desdém próprios da juventude, então riem.

— Não, não, irmão, ainda é muito cedo. — Lucas toma a dianteira, como sempre. — Quero me divertir até os trinta. — ele pisca, malicioso.

— Com certeza quero encontrar algo assim, mano, mas concordo com o idiota aqui. — Samuel inclina o queixo em direção ao gêmeo. — Ainda é muito cedo. Quero me divertir com as erradas. Não tenho pressa para encontrar aquela que vai me manter cativo. — conclui, piscando também.

Esses moleques. Balanço a cabeça, rindo com eles. Viro a garrafa, despejando meu último gole na garganta e me levanto.

— Hora de ir, caras. — anuncio. Eles se levantam também, dando-me abraços fraternos. — Tenham juízo. — advirto-os, porque não posso deixar de ser o irmão mais velho. Eles bufam para os meus cuidados, mas acenam.

Pego meu casaco sobre a bancada do bar e os deixo, atravessando o ambiente requintado e começando a lotar. O ar da noite londrina me cumprimenta quando passo pela porta. A temperatura caiu aqui fora. Paro sob o toldo e visto o sobretudo longo, olhando nos arredores. A rua está movimentada. A fila de carros na frente do pub aumentou desde que cheguei com meus irmãos mais cedo. Pessoas transitam pela calçada nas duas direções. Casais aconchegados, sussurrando, perdidos um no outro. Um pequeno sorriso repuxa minha boca ao me imaginar fazendo isso com Ella. Em breve, bonequinha. Em breve estará assim comigo para todo mundo ver.

Harry se junta a mim imediatamente, seguido de perto por dois homens. Eu dei carta branca para ele na seleção do efetivo. Confio plenamente em sua capacidade, além disso, ele é filho de Isaac, antigo segurança e velho amigo de meu pai. Crescemos sempre nos encontrando nas comemorações familiares. Nossa relação é muito mais do que apenas profissional, posso garantir. Harry é fruto das noitadas de Isaac quando era solteiro. Seu velho tem mais dois filhos com sua esposa. Um garoto, um ano mais velho que Sam e Em, e uma adolescente de dezesseis anos.

Entramos no SUV negro compacto e os outros homens pegam o outro carro estacionado atrás.

— Você está cansado de saber que deve me chamar antes de sair, Mike. — Harry diz, pondo o carro em movimento.

Eu bufo, ajeitando-me no banco traseiro. Gosto de liberdade. Eu e meus irmãos sempre tivemos algum segurança atento à nossa retaguarda, mas isso nunca me fez sentir desconfortável, como se precisasse realmente de proteção.

Até agora.

— Aumentamos a segurança e isso já é estranho pra caralho. — eu resmungo sarcasticamente. — Estou me sentindo a porra de um astro do rock nesse momento.

Ele ri baixinho e acena, ficando em silêncio depois disso. Uma coisa sobre Harry é que o cara não perde tempo com conversação. Foi assim desde criança. Eu o agradeço por isso, porque nesse momento, tudo que posso pensar é na minha boneca e no quanto estou morrendo para chegar até ela. Seguimos às margens do rio Tamisa em direção à minha cobertura. Olho para fora da janela, para a noite fria. Alguns minutos depois, passando por uma área comercial, avisto algo que sempre me causa uma incômoda sensação de mal-estar: moradores de rua.

São escassos nessa área da cidade, mas avisto um aqui e outro ali se

abrigando contra as paredes, cobrindo-se com tecidos rasgados e imundos. Coincidentemente, esse trecho era por onde eu perambulava há muitos anos, quando meus pais me encontraram. Eu não acho que exista no mundo muitas pessoas com a sorte que tive. Mesmo tendo passado tanto tempo, ainda é meio surreal a forma como fui resgatado de um destino fracassado e miserável. Principalmente quando sou forçado a ver de onde eu vim e a crueza sombria desses cenários. Meu pai e eu ajudamos algumas instituições e albergues que cuidam dos moradores de rua aqui em Londres. São milhões doados anualmente, mas ainda sinto que fazemos pouco. Engraçado, você poderia pensar que tal situação de extrema pobreza é o carma dos países menos favorecidos. Eu bufo ironicamente, meus olhos mudando para um grupo de garotos virando a esquina. Eles se esgueiram, formando um semicírculo, passando um baseado entre si.

Ledo engano, a pobreza está nas nações economicamente estáveis também. É uma questão mais política do que humana. Ella não concorda com a minha posição. A boneca acha que tenho uma visão muito cínica do Estado e seus aparatos econômicos e políticos como um todo. A questão é: ninguém que não tenha passado pelo que eu e meu velho passamos nas ruas, pode entender realmente o que é se sentir abandonado de todas as formas.

O carro avança, saindo da zona comercial, e as figuras maltrapilhas vão ficando para trás. Eu suspiro. Estava tão perdido em pensamentos que só agora percebo que Harry sintonizou o som do carro em uma rádio local e *Every Breath You Take* da The Police, está tocando em volume baixo. Eu descanso a cabeça para trás no encosto do banco e fecho os olhos, obrigando minha mente a pensar em cenários mais agradáveis, como por exemplo, o fato de que eu e Ella teremos o palácio só para nós por uma semana. Dam me ligou antes de partir para Mônaco. A demora dos agentes em localizar o tal colunista o está deixando preocupado também. Ele sabe que cuidarei de Ella com a minha própria vida, se for preciso, mas mesmo

assim, ele me fez prometer que não a deixaria vulnerável em nenhum momento.

Concordamos em não falar para a princesa que a sua camareira pode ter sido assassinada. São conjecturas por enquanto, e Ella é muito sensível, ficaria ainda mais tocada com a morte da moça. Não a quero se preocupando com isso, até porque não vou permitir que nada fique em nosso caminho agora que decidimos nos assumir publicamente. Dentro de dois meses, ela será oficialmente a minha mulher, isso é certo. Nada vai nos atrapalhar. Eu não vou deixar.



CAPÍTULO TRÊS

Mike

Ilha de Ardócia...

Eu entro em meu quarto no palácio algumas horas depois. Franzo as sobrancelhas ao me deparar com o cômodo silencioso. A lareira está acesa, no entanto. Inalo o ar, respirando o perfume de jasmim. *Ella.* Um sorriso enorme se espalha em minha boca, enquanto ligo o interruptor esperando ver seu lindo rosto. Torno a franzir o cenho, atravessando o quarto, que ao contrário do que pensei, está aparentemente vazio.

Que merda é essa? Onde está ela? Eu disse que deveria esperar aqui, porra.

Nua.

— Boneca? — chamo, olhando em direção ao banheiro. Nada. Nenhuma resposta. — Princesa, eu vou bater em seu rabo real por estar me provocando, sabia disso? — digo, meu tom entre divertido e perverso.

Nenhuma resposta ainda. Vou até o closet e deixo a minha mala. Ela não está aqui. Então eu vejo as letras no espelho, escritas com batom vermelho.

Eu prefiro tirar cada peça de roupa na sua frente... Te vejo daqui a pouco, mio bello maestro.

Sua boa menina

Minha Santa Mãe de Deus! Um sorriso filho da puta se abre em meu rosto com a sua sedução atrevida.

Meu pau, que já estava a meio mastro apenas por entrar no palácio, fica duro como pedra. Minha boneca quer jogar... Eu rio malvadamente, arrancando minhas roupas e me dirigindo ao banheiro em seguida. Oh, sim, estou ansioso para isso, princesa. Tomo uma ducha bem-vinda, lavando os cabelos, deixando a água levar toda a exaustão do dia intenso de trabalho e das horas de voo. Minhas bolas estão tensas, implorando por algum alívio. Recusei-me a cuidar de mim mesmo nesses oito dias longe de Ella. Minha mão nunca seria uma substituta à altura.

Quero esporrar dentro dela. Primeiro, vou gozar atolado até o saco dentro da sua boceta apertada. Depois... Bem, depois, vou fodê-la até o sol raiar, encher cada orifício gostoso até a tampa. Lambuzar sua pele perfeita com a minha porra. Só quando matar a minha fome, vou sair de cima dela. Rio e rosno de frustração, quase gozando ao me imaginar comendo sua boceta bem duro e fundo. Aperto a cabeça do meu pau, sentindo o pré-sêmen vazando.

Desligando o chuveiro, saio do box e me enxugo brevemente, enrolando uma toalha no quadril. Passo as mãos pelos cabelos, sacudindo-os para tirar o excesso de água e abro a porta do banheiro. O primeiro sinal de que não estou mais sozinho é o quarto iluminado apenas pelas chamas da lareira. O segundo, o sistema de som ligado. A voz de Ariana Grande soa sedutora em *Dangerous Woman*. Ella gosta dessa cantora. Bem, parece que a princesa resolveu finalmente apresentar seu rabo gostoso e provocador. Um sorriso de hiena se abre em meu rosto e meu pau fica em posição de sentido, enquanto cheiro o seu perfume no ar. É mais forte agora. Eu ando devagar, meu coração martelando no peito até que a deusa loira entra em meu campo de visão e o ar se vai dos meus pulmões.

— Ella... — exalo baixinho reverentemente, sentimentos violentos pulsando dentro de mim com a mera visão dela.

Está no meio do quarto, a cena me remetendo a outra noite, meses atrás. A noite em que decidiu me tentar até o meu fodido limite, e eu cedi. Cedi, roubando um gosto e fiquei malditamente viciado. Mas, nessa noite, ela não está nua. Ainda não. Nossos olhares se encontram e arfamos os dois, em êxtase puro apenas por estarmos na frente um do outro depois de longos dias separados. Meu corpo se inflama, sentimentos de amor e luxúria percorrendo as minhas veias como uma injeção de adrenalina poderosa.

— Mike... — ela ofega baixinho, sua voz um pouco rouca e trêmula, excitação marcando seu rosto rosado.

Meu olhar escorrega pelo corpo encoberto por uma camisola preta rendada e transparente, e penhoar no mesmo tom. Os lados estão abertos displicentemente, deixando-me ver os contornos das curvas suaves, mas luxuriantes. Engulo em seco quando meus olhos desavisados percebem que há uma cinta-liga por baixo e eu ranjo os dentes, meu olhar descendo pela barra muito curta do arremedo de camisola. Meias pretas que chegam até o meio das coxas cremosas me cumprimentam. O visual *mulher fatal* é completado por sapatos vermelhos de saltos indecentes. Fico boquiaberto por alguns segundos, então um sorriso depravado levanta meus lábios nos cantos quando ela move os quadris, começando a seguir o ritmo sensual da música.

Cristo.

Arrasto meu olhar para o seu, os olhos verdes brilham, deslizando pelo meu peitoral, abdome e o pau duro, formando uma tenda embaixo da toalha. Amor e lascívia claros em suas feições bonitas me faz rosnar como um macho prestes a acasalar com sua fêmea. O fogo suave da lareira crepita baixinho, as labaredas lançando um brilho dourado, sensual à

massa de cabelos loiros caindo sobre os ombros delicados. Excitação faz minha coluna formigar, minhas bolas pesando e doendo pra caralho.

Ella levanta as mãos e desce as mangas do penhoar em gestos lentos e sedutores, que meus olhos acompanham, famintos. O tecido negro escorrega de forma hipnotizante até o chão enquanto Arianna canta sobre uma mulher perigosa. A princesa sorri, toda menina atrevida e caminha, não, desfila em direção ao sofá perto da lareira. Estou praticamente ofegando com a língua de fora quando me dá as costas e eu vejo a bunda linda e durinha, num balanço sexy, a calcinha fio dental enterrada em suas bochechas redondas. Apoia as mãos no encosto pela parte de trás do sofá e empina a bunda, rebolando, abaixando e subindo sinuosamente.

Porra, boneca! Meu queixo cai e estou sorrindo abobalhado.

Linda. Deliciosa.

Ela me olha por cima do ombro e eu pego meu pau, massageando-o por cima da toalha. Meu olhar encorajando-a a continuar com o seu show sexy. Ella se vira de frente para mim e faz a coisa de descer e subir, dessa vez esfregando a bunda nas costas do sofá. Então, volta a andar, deslizando as pontas dos dedos pelo estofado. Assisto a tudo sem nem ao menos piscar. Ella coloca as mãos sobre o aparador perto da lareira e levanta os olhos para o espelho acima dele, preso na parede. Nossos olhares se encontram e suas mãos sobem pela barriga, seios, pescoço, levantando os cabelos, mostrando-me a nuca aristocrática. Eu rosno baixo querendo mordê-la, enquanto a fodo por trás. Seu sorriso travesso me diz que sabe o que estou pensando. Solta os cabelos e em seguida, faz todo o caminho de volta, deixando-me invejoso de suas mãos nesse momento.

Porra. Eu vou gozar por toda a maldita toalha, isso é certo.

Minha boca está seca quando segura as alças finas da camisola e as desce com sedução vagarosa e torturante. Meus olhos procuram os seus através do espelho e seguro seu olhar, apenas tendo uma visão secundária

da pele branca e sedosa sendo revelada para mim. O tecido escorrega pelos peitos cheios e empinados, cinturinha fina, quadris arredondados, coxas firmes e cai aos seus pés. Com gestos refinados, majestosos, sai do meio do tecido e gira lentamente, fazendo uma pose sexy, uma mão na cintura, as pernas ligeiramente afastadas.

Sua caixa torácica sobe e desce em respirações erráticas, indicando que ela não está tão à vontade quanto quer parecer. Mas a sua altivez de princesa sempre a ajudou a me tentar além da conta. Um sorriso lento e perverso curva minha boca e permito meus olhos varrerem cada centímetro dela. Não falamos nada e nem nos movemos, apenas nos devoramos com os nossos olhares em um jogo doloroso, mas gostoso de provocação. Quando o silêncio se torna demais, eu me rendo e ando devagar para perto, hipnotizado, devotado, precisando tocá-la como meus pulmões precisam de ar para me manter vivo.

Ella ofega quando paro muito perto, nossos peitos se tocando. Seus montes firmes e empinados, os mamilos duros provocando minha pele. Eu tremo e rosno, meu pau está gritando para parar a merda, pegá-la, jogá-la no carpete e comer sua boceta até não poder mais. Mas gosto do jogo de espera. Aprecio a dor nas bolas, que me garante um gozo muito mais intenso e prazeroso mais tarde. Levanto a mão para seu rosto, traçando o contorno perfeito com uma delicadeza que contradiz minha fome primitiva. Ella arfa, estremecendo, seus olhos de esmeralda brilhantes com lágrimas, mostrando a emoção pelo meu toque.

— Você quer me colocar de joelhos a seus pés, princesa? — sussurro, meio grunhindo. — Porque é assim que estou agora.

Um sorriso lindo e meio tímido curva sua boca e quase gemo quando ela lambe os lábios vermelhos.

— Você gostou? Eu quis fazer algo diferente dessa vez. — murmura, ofegante.

— Se gostei? Seu pequeno show quase explodiu minhas bolas, bonequinha. — ranjo. — Deus, eu estava morrendo sem você, princesa. — meu tom abaixa mais, enrouquecido, o dominador louco para assumir o controle. Prometi a mim mesmo que ia fazer amor com ela primeiro, totalmente baunilha, delicado e romântico como uma princesa merece. Mas, porra, ela ferve o meu sangue e me reduz a um ser primitivo. Eu me abaixo mais, escorregando o nariz pela pele macia e cheirosa, ela inclina a cabeça, deixando-me inspirar seu pescoço profundamente, querendo seu cheiro em mim. Traço beijos e chupadas delicados em sua pele, fazendo-a gemer e estremecer.

— Eu também, *amore mio.* — sussurra entrecortado e levanta a mão trêmula para o meu rosto.

Levanto a cabeça e nossos olhares se encontram. Passo o polegar pelos lábios cheios e pintados do batom vermelho que me deixa insano, nós dois estamos respirando pesado, loucos para mergulhar um no outro. Ela abre a boca e o puxa para dentro, sugando meu dedo todo, fazendo meu pau inchar a ponto de explodir. Eu gemo e rosno rouco.

— Boneca... — deslizo minha mão livre pelos ombros e costas, sentindo sua pele de seda arrepiar com meu toque. Desço até a bunda, acariciando, apertando a carne com firmeza e passo a me esfregar nela. — Você me enlouquece, droga. — resmungo, fazendo-a rir baixinho. — Quero girá-la e meter em sua boceta por trás, enquanto a observo pelo espelho. — Ella geme, mordiscando meu dedo. Eu rosno, substituindo-o pelo indicador e médio juntos. — Depois comer você no chão, sobre o carpete, perto da lareira, como fantasiei tantas vezes. — a energia crua e lasciva crepita entre nós. Antecipação nos faz ofegar alto, loucos pelo sexo quente e depravado que ambos apreciamos. Giro a mão da sua bunda e a enfio entre suas coxas, provocando os lábios da bocetinha delicada por cima da calcinha toda molhada.

— Diga-me o quanto você quer isso, Ella. — gemo, enfiando a mão pelo cós e sentindo suas dobras meladas. — Porra, você está tão pronta, boneca. Quer me dar essa bocetinha agora, não é? Minha menina quer foder bem gostoso?

— *Si,* faça. Realize cada fantasia. Eu amo agradar o *mio Maestro...* — sua mão livre viaja entre nossos corpos, acariciando meu abdome até chegar à toalha, então a arranca. Um gemido cheio de pura necessidade deixa sua garganta quando enrola os dedos delicados em meu eixo grosso. Eu assobio, rangendo os dentes. — Estou tão vazia, *amore mio.* Preencha-me, meu dono.

Um grunhido feral sai da minha boca e eu enrolo a mão em seu pescoço. Roço minha boca na sua e sorrio, olhando-a lascivamente. Ela arfa, lambendo os lábios, a língua me provocando.

— Minha puta. — digo em tom escuro e sedutor, mordendo seu lábio inferior com um pouco de pressão. — Minha linda cadela obediente. — ela choraminga, minha depravação nunca falhando em excitá-la. Sua boca entreabre, dando-me acesso e eu mergulho, perdendo-me quando registro o gosto embriagador e familiar de encontro à minha língua. Um gemido profundo e rouco sai da minha garganta e a beijo exigente. Sua mão livre segura meu ombro, indo para a nuca e puxa meu cabelo, enquanto a outra me masturba enlouquecedoramente. Nosso beijo vai intensificando, nossas línguas se lambendo, sugando, nos mordendo suave, depois avidamente. Até que estamos nos comendo no tipo de beijo que nunca deve ser dado em público. Reúno a umidade e esfrego seu clitóris. Ella geme, abandonada em meus braços. Ranjo, enfiando um dedo todo até o fundo em sua vulva. Rosno, passando a comê-la com fome tanto no beijo quanto nas estocadas em sua bocetinha melada. Insiro mais um dedo e a fodo, enviando-a sem pena para o precipício. Em instantes, estamos respirando com dificuldade, seu corpo sacudindo em abalos, combinados com a forma como estou metendo os dedos nela. — Deixe ir, amor. Goze para mim,

bonequinha. — sussurro, mordendo sua boca, mandíbula, arrastando minha boca para a sua orelha. Sugo e mordo o lóbulo, lançando seu corpo em mais espasmos.

— Oh, Mike! Ohhhhhh... — lamenta, rebolando, montando meus dedos. Volto a boca para a sua, engolindo seus choramingos quando ela estilhaça, gozando, seus sucos escorrendo em minha mão. — *Dio*... — balbucia, resfolegando.

Rio sacana, apreciando desfazê-la assim e me afasto um pouco, olhando seu rosto lindo todo afogueado, os olhos encapuzados pelo gozo.

— Estava insano por isso, fazer minha menina gozar. — ranjo, puxando os dedos e deslizando sobre seus lábios palpitantes. — Eu quero essas dobras molhadas engolindo meu pau enquanto soco tudo até o talo, com força, profundo. — rosno, enfiando apenas a metade de um dedo, fazendo-a gemer baixinho, seus olhos lindos me implorando por mais. Eu rio, negando-lhe isso porque eu posso, porque sou a porra do seu dono. Sua boceta pulsa, querendo me sugar para dentro. Deslizo a mão do pescoço pela clavícula, o vale entre os seios. Apalpo a carne tenra do direito, esfregando o mamilo entre meus dedos, puxando o pico duro. Eu me abaixo e capturo o outro seio em minha boca, sugando delicadamente, mordiscando o mamilo depois. Seu corpo vibra, gemidos escapando de seus lábios. — Vou rasgar você com meu pau. Vou te comer com tanta força que não vai andar amanhã.

Ela choraminga com a minha promessa indecente. Retiro a mão da sua boceta e trago para a minha boca, chupando seu creme, rosnando com o doce almiscarado explodindo em minha língua.

— Vou montar você no chão. — digo em um grunhido áspero, minhas mãos passeando pelo corpo esguio, apalpando, cravando sua carne macia e durinha. Seguro sua bunda, levantando-a do chão. Suas pernas enrolam em minha cintura e nos comemos de novo em mais um beijo lascivo. Chupo

sua língua com força. Sua boceta melada escorrega em meu pau, molhando meu eixo e eu solto um rugido, batendo em sua bunda. — Vou te comer em cada maldito metro quadrado desse quarto, Ella. — ranjo, dando mais um tapa do outro lado. Ela mia, um som que faz meu pau ficar ainda mais duro se isso é mesmo possível. — Vai me pagar por cada noite que veio aqui me tentar. — eu nos abaixo devagar e deito em cima dela no carpete. — Vou acabar com você, sua putinha atrevida.

Ella se retorce, arqueando o torso, os peitos subindo e descendo, enquanto rebola, esfregando em mim. Rio perversamente e me afasto, minhas mãos pegando dos lados da calcinha e arrancando-a grosseiramente pelas coxas trementes. Seu rosto está corado, os lábios entreabertos, arfando, ansiando. Uma cadela bem treinada esperando ser montada pelo seu macho. O cheiro da sua boceta toda molhada para mim me faz rosnar e meu olhar cai entre suas coxas, fazendo com que eu perca o fôlego pela segunda vez na noite. Meu coração quase explode no peito com o que vejo em sua pélvis. Porra! Eu sacudo a cabeça em descrença, luxúria e adoração pura por essa menina bombeando em minhas veias. Ela completou a tatuagem com o meu nome.

Porra, meu nome está em sua boceta.

— Bonequinha... — minha voz soa como um fodido choramingo. Cristo, o que ela faz comigo? Termino de arrancar a calcinha pelas pernas e a jogo de lado. Eu a olho, seus olhos de esmeralda estão brilhantes, encarando-me de volta. Inclino a cabeça, beijando, mordiscando sua coxa direita, avançando até estar de cara com a bocetinha rosada, linda e minha. Eu me abaixo, rugindo como um animal e a cheiro. Beijo as letras escuras e mordisco o monte, virilha, lábios, puxando-os entre os dentes. Acaricio suas coxas, abrindo-as ainda mais para mim e giro as mãos por baixo de sua bunda, trazendo-a para a minha cara. — Não há nada mais perfeito do que o meu nome estampado nessa boceta. Você me faz tão ferozmente possessivo, Ella. Tão louco de amor, completamente desvairado, minha

princesa.

Ela ofega, suas mãos vindo para o meu cabelo e puxando-o delicadamente.

— Minha boceta. — rosno, lambendo suas dobras. — Esfregue-a em meu rosto, boneca. Foda o meu rosto com essa bocetinha linda.

— Ohh... Puta merda... — choraminga, seu corpo estremecendo e fazendo o que mando.

Sua carne rosada e cheirosa desliza em meu rosto e eu rujo alto, sugando seu néctar grosso. Dou um tapa em sua bunda e ela geme, convulsionando de prazer, suas mãos me puxando, enquanto ergue mais os quadris e esfrega o núcleo quente e pulsante em mim. Eu bato do outro lado e passo a chupar seu montículo inchado com pressão para enlouquecê-la, mas não o suficiente para fazê-la gozar. Rio perverso quando ela lamenta, percebendo que não vai ter isso agora. Eu a levo até a borda e desacelero, sugando seus lábios, lambendo entre eles, enfiando a língua na vulva. Quando está tremendo de frustração, desesperada por liberação, eu mordisco, usando os polegares para expor seu feixe de nervos para fora e o sugo perversamente. Endureço a língua e a enfio tão profundo quanto posso ir dentro dela.

Ella respira entrecortado e volto a chupar o clitóris com força. Seu corpo entra em colapso, seu grito está rasgando para fora junto com os líquidos jorrando em minha boca. Bebo tudo, lambendo, sugando, mordiscando sua carne. Ela treme, chora, ganindo em desamparo, enquanto o gozo a castiga.

— *Madonna mia*... — balbucia, pendendo a cabeça contra o tapete, suor fino cobrindo a pele de porcelana.

Eu rio condescendente e me arrasto sobre seu corpo abatido. Pairo acima dela, os cotovelos apoiados de cada lado da sua cabeça. Nos olhamos bem de perto, nossas respirações alteradas se misturam. Suas

pupilas dilatadas e selvagens estão engolindo o verde, dizendo-me que embora tenha gozado duas vezes, ela ainda quer mais. Precisa de mais. Puxo sua coxa direita, elevando-a aberta, o salto indecente ficando ao lado do seu rosto. Sorrio malvadamente, mantendo-a imobilizada e deslizo meu pau entre seus lábios, sua excitação molhando meu eixo e eu decido que a espera acabou. Resfolega quando a cabeça grossa e inchada pressiona sua abertura. Sua carne está latejando, pingando, toda molhada e pronta para mim. Sussurro beijos em seu rosto, indo para o ouvido e sugo o lóbulo, mordendo-o em seguida. Ella choraminga, suas mãos macias traçando meus músculos das costas, ombros, bíceps.

— *Per favore...* — soluça, sua voz crua e rouca com necessidade. — Preencha-me e acabe com essa dor oca.

Volto a olhá-la e sorrio, empurrando devagar, centímetro a centímetro de volta para casa. Quero me afundar até as bolas, mas ainda me permito brincar com a sua ânsia. Estamos gemendo, tremendo, nossos olhares trancados em uma conversa lasciva, apaixonada. Ella arfa, quando enfio até a metade, seu canal molhando e dilatando mais para acomodar meu eixo longo e grosso.

— Assim, minha cadela. Abra para o pau do seu macho. — minha voz sai tensa, esticada como cordas de violinos e eu não aguento mais. — Vou destruir essa boceta apertada, porra. — eu bato com força até o punho.

Ela grita, cravando as unhas em minhas costas e eu uivo, quase gozando.

— Oh, *Dio!* — geme entrecortado, sua vulva pulsando, sugando meu pau como uma luva quente e apertada.

— Boneca... — puxo para fora e dou outra estocada perversa, indo ainda mais profundo. Trinco os dentes, tentando me manter no controle. Pego seus pulsos e os elevo acima da sua cabeça, segurando-os com uma mão, a outra se mantém arreganhando sua perna bem elevada. — Eu

prometi a mim mesmo que iria fazer amor lento, romântico do caralho. — debocho de mim mesmo, saindo quase todo e socando de volta sem dó. O atrito das nossas pélvis se encontrando brutalmente me faz rosnar alto. — Mas, porra, quando eu a vejo, a fera dentro de mim fica enlouquecida, batendo nas grades para sair e foder sua fêmea. Você me transforma em um animal, droga. — mordo sua boca, descendo para o queixo, pescoço, lambendo, sugando, devorando sua pele e abocanhando um seio. Eu o chupo com a mesma gula do meu pau afundando nela duramente. — E é tão submissa que me permite judiar de sua boceta toda maldita vez, princesa.

— *Si,* droga, use-me. Não se contenha. Temos muitas outras noites para fazer amor. — resfolega, deixando-me meter até as bolas, seu rosto corado abaixo do meu, sua boceta agarrando o meu pau de uma forma que me faz urrar de prazer. — Hoje quero ser dominada, usada pelo meu dono. Sonhei com isso todos esses dias que estive sem você. — geme longamente. — Foda-me, pegue tudo. *Tutto.*

Eu rosno, revezando entre um seio e outro, devorando os montes perfeitos. A carne firme, deliciosa, salta em minha boca a cada estocada dura. Sua vulva engole o meu pau todo gulosamente. Eu rolo o quadril, enfiando tudo até não poder mais. Uivo, comendo sua boceta com selvageria. A posição a deixa escancarada, impotente, tomando meu pau até as bolas uma e outra vez. Suor brota em nossas peles. As chamas bruxuleantes da lareira, nossos gemidos devassos, combinando com o bater dos nossos corpos ressonando no ambiente, torna tudo altamente erótico. Levanto a cabeça, aproximando nossos rostos e a olho com arrebatamento perverso por tê-la embaixo de mim, aqui no chão, como fantasiei tantas vezes.

— Veja como estou acabando com essa boceta gostosa. — eu gemo enrouquecido, sentindo minhas bolas pesarem, eletricidade disparando em minha coluna. — Você é uma putinha tão safada, princesa, me deixando te

comer assim, no chão. — zombo. Ela geme, sua boceta molhando ainda mais com a minha degradação. Retiro-me quase todo e bato bem fundo com força, fazendo-a gritar, ganir. — Mas você não tem nenhuma escolha, tem, sub? Seu corpo pertence a mim. Foi feito para o meu prazer. — rosno e ela mia, seu canal me apertando, mamando gostoso, seu rosto muda, a iminência do orgasmo tomando suas feições delicadas. — Vou meter em você em qualquer lugar que eu quiser. — ela me abraça com a perna livre, seu salto cavando em meu traseiro. Rosno, dividido entre gozar logo e desfrutar mais do aperto da bocetinha macia. — Vou banhar você de porra. Vai passar a noite dando para mim porque não vou sair de cima de você. — pontuo minhas palavras com estocadas brutais. Seus lábios carnudos escancaram num misto de grito e ganido, e seu hálito vem em um sopro doce direto para a minha boca.

— *Oh, Dio mio!* Eu vou gozar, Mike! — diz com uma voz rouca, transformada pelo prazer. — Não posso segurar mais, *amore mio.* — ela se desculpa. — Você é gostoso demais...

Ela goza, gritando e convulsionando embaixo de mim. Solto um rugido alto e a fodo mais duro, mais profundo, em uma corrida para alcançar minha liberação.

— Oh, porra, Ella! — minhas bolas esticam dolorosamente, enquanto me enterro até o seu útero. Engasgo, meu sangue pulsando feroz com a força do clímax me arrebatando de corpo inteiro e eu me perco. — Porra! Estou gozando! Bonequinha... Ahhhhhh! Caralho! Que gostosa... — urro, gozando enterrado profundamente. Seus gemidos se harmonizam com meu rugido e eu solto suas mãos, agarrando seus ombros e pegando impulso para estocar insanamente. Ella agarra meus ombros e estremecemos juntos, nos grudando com desespero, gozando tudo que guardamos por uma semana inteira. É duro, forte, o orgasmo poderoso nos tornando animais descontrolados. Um êxtase de assombrosa magnitude lançando nossos corpos em tremores e convulsões espasmódicas. Nossas bocas se

encontram, lábios e línguas se enredando em uma dança tão frenética quanto nossos quadris. Eu rosno primal e animalesco, enquanto ela faz sons e grunhidos suaves, arfantes. Parece que despejo litros de sêmen dentro dela. — Santa Mãe de Cristo... — balbucio, ainda estocando fundo e me esvaindo em gozo. — Assim, minha menina linda, sugue toda a minha porra, bem gostoso. — estou perdido na sensação brutal do gozo intenso. Sua boceta aperta mais, ordenhando-me perversamente. Eu rio, rosno, comendo-a com fúria. — Que delícia encher você com o meu sêmen, amor. — ela coaxa, sugando-me até a última gota e eu caio por cima dela, minha respiração falhando, coração bombeando loucamente. — Porra. — gemo, resmungo, tentando voltar à vida depois do tsunami de prazer. — Cristo... — puxo uma respiração, acalmando-me todo enterrado nela.

Ella faz um som suave em sua garganta e sorri baixinho. Como eu, ela parece desgastada, cansada, lutando por ar. Minhas pernas estão momentaneamente fracas depois dessa gozada, mas estou esmagando-a com o meu peso. Eu rolo, trazendo-a para cima de mim, ainda me mantendo dentro dela. Seus brilhantes olhos verdes se derretem quando foca o meu rosto e ela sorri. Encurtando a distância, sua boca deliciosa cobre a minha.

— Deus, como eu te amo, princesa. — sussurro contra seus lábios, meus braços enrolando à sua volta. Apertando-a contra o meu peito, eu me dissolvo como uma garotinha em seu beijo lento e suave. — Te amo.

Antonella

— Também te amo tanto, *amore mio.* — respondo arfante, os últimos tremores percorrendo minha coluna.

Meu corpo flutua, entrando na letargia gostosa pós-sexo de tremer a Terra. Mike me beija por longos minutos. Fazemos carinhos um no outro depois da loucura toda. Você pensaria que ficamos um ano longe e não

apenas uma semana pela intensidade do reencontro. Mas ele é assim, delicioso, selvagem, dominante ao extremo. *Dio,* eu o deixei me foder no carpete. Eu não seguro um gemido despudorado com a satisfação que isso me traz. Mike me deixa selvagem também, louca para atender todas as suas necessidades. Vou agradar o meu homem em qualquer lugar que ele me quiser. Serei a melhor submissa que *mio bello dominatore* já teve.

— Porra, senti tanta falta disso... — murmura, rolando os lábios nos meus e afasta um pouco, segurando meu rosto nos lados. Seu olhar viaja vagarosamente pelo meu rosto e encontra meus olhos. Eu me perco na intensidade que vejo nas piscinas negras. Suspiro extasiada, esparramada sobre ele. — Eu estava à beira de sofrer um processo dos funcionários na empresa. — bufa uma risada depreciadora. — De acordo com Lucas e Samuel, eu estava rabugento demais na última semana.

Eu rio suavemente, abaixando-me e depositando beijos em sua mandíbula, sobre a barba bem aparada.

— Eu também estava um tanto irritadiça, devo admitir. — ronrono provocantemente.

Um sorriso perverso curva lentamente sua boca, os olhos negros brilhando com coisas malvadas. Não posso evitar, minha vagina lateja à sua volta.

— Estava? E por que, princesa? — sussurra usando um tom safado, suas mãos grandes descendo pelas minhas costas, os dedos tocando a coluna até a parte baixa. Seu sorriso aumenta quando desce mais e segura as bochechas da minha bunda, arreganhando-me de forma obscena. Eu arfo baixinho. Mesmo destruída depois do terceiro orgasmo, meu corpo ainda anseia pelo seu, pelos prazeres deliciosamente devassos que só ele me desperta.

— Você sabe porque... — eu rolo os olhos, minhas mãos passeando pelos músculos duros do seu peito e ombros. Ele é uma visão embaixo de

mim, seu rosto moreno relaxado depois de gozar, mas ainda há aquela centelha pervertida queimando em suas íris me avisando que nossa noite será longa... Ele vai acabar comigo como rosnou no meio do nosso sexo ainda há pouco.

— Não, eu não sei, a menos que ouça as palavras saindo dessa boquinha linda. — diz, o brilho perverso intensificando nos olhos negros. Seu pau lateja e expande ao seu tamanho máximo outra vez e eu não posso me conter, balanço os quadris, completamente empalada em seu eixo longo e grosso. Suas mãos apertam minha bunda, cravando a carne com os dedos. Ele me levanta como se eu não pesasse nada e me puxa com força ao mesmo tempo em que estoca de baixo para cima, rasgando minha vulva já castigada. Eu grito, estremecendo, meu corpo todo arrepiando, e arqueio as costas, minha cabeça pendendo para trás, êxtase depravado voltando a percorrer minha corrente sanguínea.

E assim, simples assim, recomeçamos a foder. Mike nunca precisa de muito tempo para se recompor. Sua virilidade é algo que merece estudos... Eu tento sorrir com o pensamento, mas isso sai mais como um gemido.

— Olhe para mim, boneca. — sua voz é apenas um gruído rouco, escuro. Eu faço e meu coração dá um solavanco com a ferocidade dos sentimentos que vejo estampados no rosto másculo. Minha pele cantarola, arrepiando. Seu olhar intenso e penetrante me escalda, derrete minhas entranhas, marca-me como sua, e somente sua. — Apoie-se em meu peito e foda esse pau até o maldito punho. — ordena em tom engrossado como cascalho, e eu não sou capaz de discutir com isso, apoio-me e começo a encontrar suas estocadas, seu pau bate tão profundamente dentro de mim, que acho que estou vendo estrelas. — Vamos, Ella, continue empalando essa boceta deliciosa no meu pau, porra! — ele grunhe, seu quadril subindo, nossas pélvis se encontrando e se devorando com fome. Suas mãos deixam meus quadris, descendo pelas coxas e voltam a subir. Seus olhos inflamam quando toca o seu nome gravado em meu monte, Mike

rosna e me come mais intensamente. Suas mãos sobem pela minha barriga e agarram meus seios do seu jeito possessivo. Continuo cavalgando-o, gemendo alto pelas carícias rudes em minha carne.

Com um sorriso mau, ele nos gira, batendo minhas costas no carpete macio outra vez. Uma, duas estocadas duras, ele se retira. Eu quase choro pelo vazio. Ele me vira de bruços bruscamente e sobe em mim. Um gemido que é quase um urro rasga minha garganta quando seu pau grosso empurra profundamente dentro de mim de novo. Uma dorzinha por estar sendo esticada no meu limite faz meu corpo vibrar em contrações. Mike geme em aprovação quando empino a bunda para levá-lo todo, tão profundo quanto quiser ir. Ele me degrada, me corrompe e eu estou viciada nisso. Uma princesa submissa certamente é um tabu, imoral mesmo, devo acrescentar, mas nada disso me importa a não ser estar assim, sendo devorada pelo meu homem. Não consigo mais imaginar sexo sem uma pitada de dor e esses prazeres profanos, sem seu corpo grande e potente usando o meu, fazendo de mim sua cadela, escrava, putinha, o que quer que meu senhor queira.

E Mike me come com força, sem contenções. Sua boca marcando minhas costas com mordidas não tão suaves. Seus dentes cravam em meu ombro e deslizam pelo pescoço. Meus dedos cravam nos pelos macios do carpete, enquanto arrepios deliciosos me percorrem à medida que seus dentes arrastam, marcando minha pele. Ele me deixa à beira do orgasmo uma e outra vez só para recuar e me foder torturantemente lento, girando o quadril, a cabeça grande do seu pau massageando um ponto dentro de mim que me faz chorar e suplicar em Italiano para me fazer gozar. Ele rosna e me bate na bunda, nunca parando de meter até o talo em mim. Em um ponto sinto seu corpo todo estremecendo e ele ruge de forma animalesca, indicando que está pendurado também. Decidindo ser atrevida, eu aperto minha vulva ao seu redor. Estou indo muito bem na prática do Pompoarismo. Meus músculos internos tensionam, fazendo nós dois

ofegarmos. Seu pau incha e eu o sugo ainda mais, acabando com ele como está fazendo comigo.

— Porra! — sua voz é irreconhecível de tão bruta e grossa. Então ele rosna e os primeiros jorros quentes revestem minha vagina. Eu abro a boca e puxo uma última respiração errática antes do prazer absurdo me arrebatar sem piedade apenas um segundo depois. Gozamos juntos, explodindo ao mesmo tempo. Meu corpo sendo brutalmente esfregado, esmagado no chão com a força das suas arremetidas. — Eu nunca vou me cansar disso, Ella. É gostoso demais. Amo essa boceta, bonequinha.

— *Si, amore mio... Delizioso, perfetto...* — coaxo sob seu peso, sentindo meus ossos virarem gelatina.

Ouço-o gemer e rosnar baixo, seu corpo ainda sofrendo espasmos. Seus lábios passam a beijar meus ombros, sussurrando o quanto é louco por mim. Eu rio bobamente, olhando as chamas da lareira lançando sombras sensuais no ambiente. Esse, com certeza, foi um dos momentos mais eróticos e bonitos que já vivemos nesse quarto.

Acho que balbucio que o amo de volta. Em seguida, gemo baixinho e apago, sobrecarregada pela força do quarto orgasmo.

****

Mike me ajuda a descer da limusine na frente do museu. Seu braço enrola imediatamente em minha cintura e avançamos pela calçada ampla. Ele está vestido de forma mais casual hoje. Uma camisa gola polo branca e calça jeans escura. Estou supondo que vai encarnar o engenheiro todo fodão no meio da obra, berrando ordens a todos. Minha vagina aperta em antecipação. Adoro vê-lo em seu elemento e tenho uma *coisa* pelo capacete branco também. Eu rio furtivamente. Talvez, devamos foder na obra em algum momento com ele usando o capacete. Vejo pela visão periférica dois homens nos seguirem. São seus novos seguranças. Ele me explicou que não vai relaxar enquanto o colunista não for pego pelos

agentes. Meu pai e Dam compartilham dessas mesmas desconfianças e também aumentaram a minha segurança, colocando mais dois agentes à minha disposição, além de Lorenzo. O sol está brilhando lindamente no céu azul acima de nós. O dia está maravilhoso. Suspiro e rio suavemente, porque meu estado totalmente deslumbrado está obviamente influenciando nessa análise.

— Há pessoas tirando fotos nossas. — eu sussurro só para ele, tentando ser discreta ao indicar alguns transeuntes mais afastados apontando seus celulares em nossa direção, e pelo menos três paparazzi também nos esquadrinhando com seus flashes invasivos.

Mike ri secamente.

— Eles sempre tiraram fotos nossas, boneca. — murmura, beijando a minha têmpora. — Relaxe, meu amor. Isso será inevitável a partir de agora.

Então ele rosna quando um dos paparazzi se aproxima rapidamente, gritando perguntas que toda a imprensa está se fazendo desde que Sandra Lorenzatti soltou o comunicado informando que Mike e eu estamos namorando oficialmente.

— Altezas, confirmam o envolvimento?

— Como se sente sobre a morte de sua camareira, princesa?

— Há quanto tempo estão namorando, altezas?

Os seguranças avançam, cercando-nos rapidamente como leões de chácara e bradam para os intrometidos se afastarem. Algumas perguntas ainda são lançadas às nossas costas, enquanto subimos a escadaria e nos esgueiramos para os fundos do edifício. Nenhum de nós falou nada com a mídia ainda. Minha assessora já recebeu pelo menos cem convites para entrevistas em jornais e canais on-line. Eu não farei tal coisa. Bufo. Não sou uma celebridade hollywoodiana, sou uma princesa e não posso me dar

o luxo de alimentar a mídia sensacionalista com detalhes da minha vida pessoal. Eu e Mike não devemos nenhuma explicação a ninguém. Faremos um anúncio televisionado apenas quando ele me pedir em casamento. No entanto, isso é para o nosso povo, não tem fins de alimentar fofocas sobre a realeza, é apenas uma forma de dividir a nossa felicidade com os ardocianos. Além disso, é tradição, os noivados Reais serem anunciados em cadeia nacional.

Eu respiro aliviada quando subimos a escada dos fundos e entramos no corredor para as nossas salas. Os homens ficaram lá fora, a postos.

— Uau. Parece que as coisas vão esquentar de agora em diante. — eu bufo, irônica.

No instante seguinte, estou prensada contra a parede do corredor. Mike sorri, segurando minha cintura, o corpo grande colado ao meu. Estou vestida com uma saia preta plissada acima dos joelhos e uma blusa vermelha de seda finíssima.

— Sim, eu diria que as coisas estão quentes desde o momento em que apareceu vestida assim, bonequinha. — sussurra com um brilho depravado nos olhos negros, abaixando a boca para a minha. Eu rio, enlaçando-o pelo pescoço.

— O quê? É só uma roupa de trabalho... — não consigo conter meu sorriso impertinente. Ele rosna e morde meu lábio inferior. Minha calcinha molha. Estou toda dolorida da sua fome e pegada bruta de ontem e hoje de manhã, mas *Dio,* eu o quero o tempo todo.

— Eu quero comer você sobre a minha mesa. — grunhe e desvia os lábios pelo meu queixo descendo pelo pescoço. Seu pau endurecendo contra o meu ventre. Suga minha pele tão gostoso que não consigo conter um gemido alto. Um movimento à minha esquerda me faz girar um pouco a cabeça. Um sorriso perverso curva a minha boca quando vejo que é ninguém menos que a *puttana* sem noção. Levanto a perna direita

enrolando no quadril de Mike e o puxo mais. Ele rosna e se esfrega em mim, fazendo-me regozijar com a expressão desconcertada de Vivian.

Si, cara. Ele é meu. Veja como agrado o meu homem. Desdenho-a com meu olhar.

Mike volta a boca para a minha e sobe uma mão para a minha nuca enquanto a outra pega minha bunda. Sorrio e pisco em direção a Belzebu antes de me perder nos lábios perversamente sedutores. Ele me devora como se não tivesse estado dentro de mim a maior parte da noite e acordado da mesma forma nesta manhã. *Dio,* ele é tão viril, insaciável. Eu estava cogitando falar sobre a puta hoje. Exigir sua cabeça. Mas estive pensando melhor. Mike tem uma surpresa para o fim de semana. Não vou trazer esse assunto agora e arruinar o clima. Tenho certeza de que ele vai me fazer o pedido. Não quero que nada tire o brilho desse momento. Nada. Então eu posso esperar para ver a cadela na rua. Enquanto isso... Bem, enquanto isso, eu vou torturá-la em cada oportunidade que tiver.

Sorrio e aprofundo o beijo, sugando a língua de Mike. Ele ruge, levantando-me pela bunda, sorrindo malvadamente contra a minha boca. Eu o abraço com as pernas e o deixo me levar para a sua sala.



CAPÍTULO QUATRO

Antonella

Dois dias depois... Roma, Itália...

Termino de colocar o meu *Valentino* de cetim finíssimo. É um longo prata que molda o meu corpo de uma forma ao mesmo tempo sensual e elegante, graciosa. Sexy, mas não excessivamente chamativo. Bem, isso olhando de frente. Eu giro e sorrio satisfeita para o decote perigosamente baixo na parte de trás. Mike vai ficar louco quando me vir usando-o. Estamos em Roma, na luxuosa cobertura que Dam e Max deram de presente para ele em seu aniversário de trinta anos. Chegamos pela manhã e não me recordo de muita coisa, exceto meu príncipe me carregando ainda meio dormindo em seus braços para fora do jato. Passamos a tarde descansando e... Bem, namorando na cama e na banheira de hidromassagem do grande terraço com a vista panorâmica da cidade nos brindando. Ajusto as delicadas alças, o modelo do corpete justo valoriza meu busto cheio. Um drapeado desce até meus quadris e o tecido se abre na saia que se estende em uma cauda glamorosa. Minha mãe me deu fazendo recomendações de que o usasse na primeira noite em Roma.

Não seguro um pequeno sorriso, lembrando o brilho feliz em seus amorosos olhos verdes. Acho que todos desconfiam de que Mike fará o pedido nessa viagem. Ansiedade e excitação deliciosa me tomaram desde

o momento em que entramos no jato. Ele não me revelou nosso destino até que aterrissamos no aeroporto. Mike leva suas surpresas a sério. Confiro meu coque elaborado no meio da cabeça. Coloquei uma fina e discreta tiara de brilhantes, realçando-o. Deixei apenas a franja solta, assentada, pendendo para o lado direito. Fiz uma maquiagem mais carregada também. Batom vermelho e olhos esfumados com sombra prata e fundo marrom. Minha mãe me ensinou alguns truques de penteados e maquiagens simples, embora requintados, quando era ainda adolescente. Ela diz que mesmo uma princesa precisa ser capaz de fazer a si mesma apresentável.

Depender sempre de profissionais tira alguns prazeres da vida, querida. Aprenda a ser independente, minha princesa. Parece que estou ouvindo suas palavras suaves, enquanto me penteava quando jovem.

Pego minha carteira e minha estola de pele prata, deixando o closet. Meu olhar desliza pela suíte máster até que encontro o que estou procurando. Ele está parado no limiar das portas de correr que dão acesso ao terraço, um copo de uísque na mão. Tomo o meu tempo admirando a forma como seus ombros largos preenchem o smoking. Essa visão é algo que sempre me impactou. Minha reação a ele nunca fica velha. Mike exala um poder sexual, uma força brutalmente excitante, que é impossível ignorar. Caminho devagar, os saltos da sandália de tiras no mesmo tom do vestido fazendo um clique suave contra o assoalho. Ele olha por cima do ombro, seus olhos ampliando e seu corpo vira para me encarar. Eu paro no meio do quarto, convidando meu homem a me apreciar. Um pequeno sorriso de aprovação curva um canto da boca e ele anda, descartando o copo vazio no aparador próximo.

Eu bebo sua graça felina, enquanto anda para mim. O cabelo está brilhando, ainda úmido, puxado para trás. Eu o amo em trajes formais. Mike os usa com tanta confiança, soberba, que me deixa sem fôlego. Ele para bem perto.

— Linda. — sussurra, suas mãos pegando a minha cintura e me puxando com delicadeza. Eu me colo a ele, quase gemendo de arrebatamento. — Pura e total perfeição, minha princesa. — seu olhar tem um brilho predatório, mas sua voz é rouca e suave. — Não acho que exista outra mulher tão bonita lá fora.

Meu peito derrete e arfo baixinho, apoiando a mão livre em seu peitoral sólido.

— *Grazie,* mas certamente há. — murmuro, olhando-o com adoração.

Um sorriso lindo curva seus lábios e o brilho intensifica nos olhos negros. Seu rosto aproxima mais do meu, sua boca pairando sobre a minha.

— Não para mim, bonequinha. — murmura e eu suspiro. — Nunca para mim.

Dio, ele me derrete quando fica assim, todo romântico.

— O mesmo aqui, *amore mio.*

E seus lábios descem suaves sobre os meus. Sua língua desliza, lambendo minha boca sensualmente, fazendo-me tremer. É uma coisa boa que estou usando um batom à prova de beijos hoje à noite. Eu aprofundo o beijo, entrelaçando minha língua na sua e ele geme profundamente, mas se afasta, fazendo-me chiar em protesto. Mike sorri, um brilho misterioso em seus olhos.

— Tenho algo para você. — diz baixinho e eu prendo a respiração. Já? A expressão em meu rosto deve ter me entregado porque ele sorri mais, algo perverso brilhando nas íris escuras. Enfia a mão no bolso da calça e retira o objeto reluzente. Eu ofego alto. É uma das gargantilhas que vi no quarto de jogos. Uma *coleira.* Brilhantes a envolvem em três tiras e no centro uma pedra de esmeralda. Sofisticada, mas nós dois sabemos o que ela simboliza: minha entrega e submissão a ele. — Vire-se e me deixe

colocá-la, boneca. — eu faço e ouço sua ingestão de ar ao ver o decote traseiro. Sorrio, congratulando-me e agradecendo a minha mãe mentalmente. — Porra, Ella... — sua voz engrossa. — Esse decote vai sabotar meus planos românticos... — diz, enquanto acaricia meus ombros e minha pele arrepia quando sinto seu hálito quente em minha nuca. — Não me responsabilizo se algum idiota ousar olhar em sua direção. — ele morde suavemente a minha carne e uma quentura despudorada desliza em meu ventre, indo para baixo...

— Você está sendo irracional, não acha? — eu o atiço.

Ele rosna e eu rio. Adoro provocá-lo.

— Apenas cuidando do que é meu. — diz, começando a prender o fecho. Seus dedos quentes e a sensação da joia em meu pescoço me faz ofegar baixinho. Meus mamilos formigam com o significado disso. Ouço seu sorriso pecaminoso bem no meu ouvido.

— Parece algo saído das cavernas para mim. — continuo provocando-o.

Ele me gira de frente.

— Semântica. — curva os lábios num sorriso sedutor, seus olhos descem para o meu pescoço e ficam ardentes. Um brilho feroz tomando-o. — Valeu cada segundo de espera para vê-la usando isso. — toca a joia e desce a mão pelo meu colo, os dedos insinuando no meu decote, seus olhos prendendo os meus. — Droga, você está linda demais e quanto mais eu a olho, mais quero vê-la ajoelhada e nua, chupando o meu pau, usando apenas essa tiara e a minha coleira.

Eu gemo, satisfeita por afetá-lo dessa forma.

— Você pode.

Mike solta um rosnado baixo e bate na minha bunda, fazendo-me gemer desavergonhada.

— Sim, eu posso e vou tê-la assim. — sua voz e olhar estão escuros com depravação. — Muitas e muitas vezes, Ella. — eu gemo baixinho, excitando-me com a imagem surgindo em minha mente. Ele ri malvado e então balança a cabeça como que para clarear as ideias. — Mas não agora. Hoje é tudo sobre você. — sua mão sobe, acariciando a minha face. — Tudo para a minha princesa. — sussurra com emoção marcando seu rosto.

Aproximadamente trinta minutos depois, a limusine dirigida por Harry, tendo Lorenzo como parceiro no banco da frente, para na área reservada nas proximidades do Teatro dell'opera di Roma. Mike comprou os ingressos para a nova versão de *La Traviata*[1] que estreia hoje. É uma das minhas peças favoritas. Ele sabe disso e está tornando esta noite muito especial. Mike sai antes e me estende a mão, ajudando-me a sair do veículo. Há filas e filas de carros para todos os lados. Nossos seguranças estão nos seguindo discretamente enquanto andamos, descendo os degraus para a entrada. Os flashes espocam em nós e Mike passa um braço em minha cintura. Um sorriso derretido se abre em meus lábios. É isso. Estamos nos mostrando como um casal para todo o mundo.

Dio, finalmente!

Mais cliques quando os profissionais da imprensa e paparazzi, separados por cordões de isolamento ladeando o tapete vermelho, nos reconhecem. Há muita gente como era de se esperar em um evento como esse. Famosos de várias partes do mundo e famílias nobres italianas estão à vista. Mike me solta, segurando a minha mão, entrelaçando nossos dedos e andamos pelo tapete. Eventos assim nunca me deixam nervosa. Estou acostumada a aparecer em público, bem como com a atenção da imprensa. Entretanto, hoje, meu estômago está dando cambalhotas. Não de nervosismo, mas de felicidade, excitação. Estou reivindicando meu homem publicamente e vice-versa. Sorrio para as câmeras e aceno enquanto passamos. É claro que ouvimos perguntas e mais perguntas, mas não respondemos nada, apenas seguimos sorrindo e acenando como fomos

ensinados desde pequenos.

Paramos na área reservada para fotos e Mike me rodeia a cintura. Dessa vez, ele me puxa de frente com as duas mãos. Apoio-me em seu peito e levanto o rosto para o seu. O que vejo lá me deixa de pernas bambas. Ele tem o sorriso mais bonito e satisfeito escancarado. Seus olhos capturam os meus e eu arfo com a intensidade neles. Olhamo-nos assim, embevecidos, perdidos um no outro sob os flashes incessantes.

— *Um beijo para a foto, altezas!*

Alguém pede e nós rimos como dois adolescentes no primeiro encontro.

— *Una bella coppia!*[2]

Grita outro entusiasmado. Nossos sorrisos vão morrendo à medida que sua boca chega mais perto da minha. Posso ouvir o burburinho à nossa volta, contudo, eu me perco quando seus lábios reivindicam os meus. Gememos baixinho por saber que não podemos exagerar. Isso é apenas para dar algo real à imprensa. Mike suga delicadamente meu lábio inferior e quase choramingo por não poder ceder ao desejo de mergulhar em sua boca pecaminosa. Sorrio quando sinto a coluna grande e espessa da sua ereção começando a acordar contra a minha barriga. Ele também sorri da nossa situação.

— Você me deixa louco... — rosna contra a minha boca e sussurra, os olhos semicerrados nos meus. — Temos que parar antes que eu fique completamente duro e estrague nossa primeira aparição em público.

— De acordo. — meu tom é meio frustrado e levemente arfante.

Ele ri, voltando a me olhar e com um selinho comportado me libera do seu domínio. Nos viramos de frente para as câmeras, oferecendo mais algumas fotos para os cliques sedentos e acenamos antes de nos dirigirmos para dentro. Atravessamos o hall, chegando ao salão de recepção, o ambiente é iluminado por um imenso lustre pendendo do teto alto. Gente

vestida com as roupas da última coleção dos estilistas mais famosos desfila para lá e para cá. Como também é comum em noites de gala, seus narizes estão empinados e seus peitos estufados, como se fossem donos do mundo. O que me dá certa satisfação perversa é o fato de que todos, mesmo os declaradamente esnobes, curvam-se quando nossos olhares se encontram e nos reconhecem. Anna também adora essa parte. Somos cumprimentados por alguns conhecidos, mas eles percebem logo que estamos em uma noite de casal e se despedem educadamente em seguida, deixando-nos sozinhos.

Mike me puxa em direção à escada e subimos para o nosso camarote. Harry e Lorenzo se mantêm por perto, mas a alguns degraus de distância para nos dar privacidade. Se é que é mesmo possível privacidade para qualquer um de nós quando saímos em público. Após entrarmos em nosso camarote privado, um garçom nos traz um balde com champanhe no gelo. Eu ando até a amurada, olhando o espaço ornado com requinte. Pessoas começam a preencher os outros camarotes e os assentos no térreo, diante do palco. Ouço o barulho suave da garrafa sendo aberta e instantes depois, uma mão morna está escorregando a estola dos meus ombros, desnudando minhas costas. Um gemido baixo e gutural retumba bem perto do meu ouvido.

— Amo o seu corpo... — Mike sussurra, deslizando as pontas dos dedos pela minha coluna até parar na extremidade do decote. Minha respiração engata, minha pele aquecendo, formigando com seu toque. Ondas de prazer me engolfam e eu gemo baixinho. Ele ri suavemente, pressionando seu corpo contra as minhas costas. — Amo essa pele, esse cheiro... — rosna baixo, correndo o nariz pelo meu ombro e um braço possessivo enrola em minha cintura, a mão abrindo em meu ventre e me puxando para sentir o volume crescendo em sua virilha. Lábios mornos e pecaminosos sugam a minha pele, deslizando até o pescoço, onde mordisca acima da coleira. Choramingo, umidade se reunindo em minha calcinha. — Posso passar horas dentro de você e ainda estarei com fome...

Sempre morrendo de fome por você, bonequinha.

— *Dio*, eu também. — coaxo debilmente. — Sempre faminta por você, *mio* moreno sexy.

Sua risada é suave e rouca enquanto sobe, sugando a concha da minha orelha. Eu giro a cabeça para olhá-lo. Ele traz a taça para a minha boca e eu bebo um gole generoso sob seu olhar flamejante. Toma um gole também e mergulha a boca na minha, sondando sedutoramente, lambendo meus lábios. Estendo um braço por trás do seu pescoço e o deixo me provar sem pressa, mordiscando minha boca, esfregando seu pau duro em minha bunda. Nossas línguas se encontram, entrelaçando-se e o beijo vai aquecendo. Ainda é lento, mas carregado de sensualidade. Protegidos pela amurada, sua mão desce e se estabelece em cima do meu sexo. Ele cava suavemente, segurando e massageando meu centro com a palma da mão, enquanto devora meus lábios. Minha vagina lateja, pulsa com devassidão. Estou encharcada e ofegando quando ele se afasta, arrastando meu lábio inferior entre os dentes e se vai.

Droga. Eu gemo necessitada. Mike me encara, um arremedo de sorriso perverso curvando sua boca.

— Mais tarde, amor... — promete com voz grossa. — Vamos nos acomodar, a peça não deve demorar a começar.

Quando saímos da ópera e nos acomodamos na limusine, Mike me surpreende e excita em igual medida quando mostra uma venda. Seus olhos estão suaves, mas um brilho perverso sombreia o seu rosto. Inclino-me sem dizer uma palavra e ele a desliza sobre os meus olhos. Seus lábios mornos acariciam a minha têmpora em um beijo terno e entrelaça sua mão na minha. Ele está relativamente comportado e brando nesta noite. Aprecio esse lado dele também. A forma como me olha e me toca com pura devoção, faz com que eu me sinta como uma princesa de contos de fadas. Exceto que meu príncipe é um dominador viril, duro, devasso, em vez de

encantado.

Dio, eu adoro.

Algum tempo depois, o carro para e Mike me conduz cuidadosamente para fora. A brisa noturna acaricia minha pele, arrepiando-a. Ouço o barulho de hélices nas proximidades. É um helicóptero? Pergunto-me animada. Sempre amei passear com ele pelo céu de Londres. Ele parece ainda mais másculo pilotando a máquina. Sempre fantasiei secretamente que estávamos em encontros quando me levava para o céu. Mike me segura com firmeza, levantando-me nos braços e sinto um banco embaixo de mim. Seu hálito quente está bem próximo, a sua boca respirando na minha.

— Minha boa menina... — elogia com um toque de diversão e indulgência próprios dele. Eu bufo baixinho. Claro que o agrada me ver toda submissa seguindo seu script sem argumentar em nenhum momento. Suas mãos firmes prendem o meu cinto e em seguida a porta é fechada.

Eu me forço a manter a calma, embora a ansiedade e curiosidade estejam quase me dando comichões na pele. Ele fará o pedido hoje, sinto isso em meu coração. O passeio não é tão demorado. Percebo a aeronave pousando não muito tempo depois. Novamente Mike abre a porta e me pega no colo. Eu rio, encostando a cabeça em seu peito largo.

— Eu poderia me acostumar a isso. — murmuro entre sonhadora e provocante.

Um beijo suave cai na minha testa.

— Acostume-se, boneca. — diz em sua voz profunda, causando euforia em minha barriga. — Estamos chegando.

Depois de mais uma breve viagem de carro, ele me ajuda a descer e ouço vozes masculinas ao redor, como se estivessem cochichando para eu não ouvir. Os seguranças, suponho. Os murmúrios cessam e Mike me

conduz novamente. A brisa fresca fica para trás e meus sentidos entram em atenção total. Entramos em uma construção, posso afirmar pela forma como o ar é contido. Sou levantada mais uma vez em seus braços fortes e subimos degraus. Muitos degraus. Alguns instantes depois, a brisa volta a correr em minha pele, soprando como uma carícia. Mike anda mais alguns passos e me escorrega para os meus pés lentamente.

Suas mãos se afastam, seu calor se esvaindo antes que eu possa falar alguma coisa. Estendo a mão à minha frente, procurando-o e não encontrando nada. Ele sorri baixinho.

— Chegamos. — sua voz é sussurrada com alguma emoção engrossando-a. — Tire a venda, meu amor.

Meu coração começa a bombear apressado com a expectativa do que está por vir.

— Você foi tão malvado. — faço um beicinho. — Sabe o quanto amo quando pilota.

Ouço seu sorriso rouco e profundo, mexendo ainda mais com as emoções.

— Vai aproveitar o passeio de volta, bonequinha. Prometo. — sussurra. — Vamos, tire a venda.

Eu levanto as mãos e puxo as laterais do tecido. A primeira visão do espaço me assalta, fecho os olhos e os reabro para me familiarizar. Estamos em uma sacada enorme, com amuradas de pedras, provavelmente uma construção antiga. Mais abaixo, descendo a montanha, a vista de um lago imenso é deslumbrante. Sorrio, meu peito inchando com o reconhecimento.

Ele me trouxe para Bracciano, uma pequena cidade medieval perto de Roma. Nós a visitamos logo após meu aniversário de dezesseis anos. Mike tinha passado uma temporada longa no Egito e quando voltou estávamos

morrendo de saudade um do outro. Meu pai deixou que me trouxesse a Roma depois da celebração obrigatória em Ardócia. Foram três dias inesquecíveis. Passeamos muito, fomos a restaurantes, à ópera e, claro, dormimos juntos. Meus olhos marejam com a lembrança daqueles dias e de como eu já ansiava por ser dele. De como sonhei que seria o meu príncipe. De como fui feliz estando apenas com ele, sozinhos, como dois namorados. Uma menina sonhando com o amor de um homem. Suspiro e ando para perto da balaustrada, olhando a vastidão ao redor. É absolutamente lindo! Mike se lembrou do quanto apreciei nossa visita a esse castelo. Isso foi doce e atencioso. Emoção aquece meu corpo inteiro. Eu o amo tanto.

Eu salto, susto me tomando quando fogos de artifício sobem explodindo no céu. *Madonna mia!* Sorrio, vendo mais e mais explosões multicoloridas se espalhando em vários pontos, iluminando a sacada, o que me faz perceber o chão coberto de pétalas de rosas. Com o coração batendo freneticamente, eu giro e o encaro. Mike está bem perto, seus olhos escuros e penetrantes, sua expressão séria, solene, então a minha respiração engata quando o vejo cair sobre o joelho direito. *Oh, Dio! Dio mio...* É agora. Eu não acho que tenha visto algo mais bonito em toda a minha vida.

Eu engasgo, levando a mão ao meu peito, meus olhos sendo inundados por lágrimas.

Suas mãos estendem, abrindo uma pequena caixa de veludo vermelho. Ofego, vendo o anel lá dentro. Parece uma das peças de minha avó, Antonella. Arrasto meus olhos para os seus e as lágrimas escorrem em minhas bochechas. Meu coração está batendo tão descontrolado que tenho medo de desmaiar antes mesmo de ouvir suas palavras.

— Ella... — murmura, engolindo audivelmente. — Nosso amor estava destinado a ser desde o princípio. E isso cresceu tanto, tanto, bonequinha.

— mais lágrimas transbordam em meus olhos, ouvindo o leve tremor e a emoção em sua voz profunda. — Não há nada que eu não faria por você. Absolutamente nada. — diz com ferocidade. — Te amo tão profundamente que meras palavras nunca dariam conta de expressar a extensão dos meus sentimentos. — ele engole mais uma vez, os olhos muito brilhantes, preenchidos com amor e tanta ternura que me deixa sem ar. — Então me dê a honra de lhe mostrar isso todos os dias, minha princesa. Case-se comigo, meu amor. Seja completamente minha e eu cuidarei e amarei você até o fim dos nossos dias.

Santo cielo. Minhas pernas estão moles. Meu corpo inteiro está trêmulo. Vê-lo assim aos meus pés, meu lindo príncipe malvado e sexy, sendo todo romântico, seguindo a cartilha do príncipe encantado me pedindo para ser dele para sempre, me desfaz. *Ah, Dio,* sonhei tanto com isso. Eu choro copiosamente.

— Mike... Meu Mike... — balbucio, lutando contra as lágrimas. — *Mio bello i amato principi.* — engasgo, não me importando em fazer um papelão porque esse homem é tudo com que tenho sonhado desde os quinze anos. — *Ti amo, amore mio. Si. Si! Dio, si!* — um grande sorriso se espalha em sua boca, os olhos de ônix ficando ainda mais intensos. — Eu sempre fui sua. Pertenço a você desde que me entendo por gente. — é a vez de ele respirar ruidosamente, seu belo rosto marcado pelas minhas palavras. — Nada me fará mais feliz do que tornar isso oficial aos olhos de Deus e do mundo.

Mike

Eu sugo o ar bruscamente ao escutar seu pequeno discurso emocionado. Estou tremendo. Mesmo sabendo que essa seria a resposta, só após ouvi-la saindo de sua boquinha linda, meu corpo relaxa, alívio me tomando. Porra. Estava tão nervoso. Acho que nenhum homem fica tranquilo quando está pedindo à mulher da sua vida que se case com ele. Eu queria que esse

momento, esta noite fosse perfeita. Meu coração está trotando em meu peito, meus olhos ardendo muito, mas estou sorrindo largamente. Suas palavras embargadas vão direto ao meu coração. Seu lindo rosto corado e banhado de lágrimas acima do meu é uma visão que nunca vou esquecer. E ela está tão arrebatadoramente linda esta noite, que tem sido difícil tirar meus olhos de cima dela. Retiro o anel da caixa e pego sua mão trêmula, deslizando-o em seu dedo. Beijo em cima da joia e em seguida deslizo os lábios sobre os nós delicados dos dedos. Ella suspira, os grandes olhos verdes estão presos aos meus, cintilando de uma forma que faz minha garganta fechar. Emoção crua rasga-me ao meio.

Amo tanto essa menina. Meu coração só bate assim por ela. Sempre Ella.

Eu me levanto e ela pula em meus braços. Sorrio, rosnando alto, minha boca abaixando para a sua com urgência em um beijo quente, molhado. Agarramo-nos e nos beijamos com fome. Nossas bocas se devoram ansiosamente, enquanto gememos, arfamos. Línguas e dentes entrando em ação e tudo vai ficando mais inflamado, apaixonado. Seguro sua nuca e inclino sua cabeça. Mordo sua boca. Ela estremece, ofegando. Eu rio, voltando a mergulhar profundamente, mais exigente, dominante. A sensação da boca macia, quente, deliciosa na minha sempre me nocauteia. Não posso evitar. Basta tocá-la para incendiar e meus planos de uma noite romântica estão prestes a irem para o espaço se não desacelerar as coisas. Desço a mão da cintura para a bunda arrebitada e a aperto, trazendo nossos sexos juntos. Meu pau lateja, dói, pulsa. Cristo. Você poderia pensar que tem tempos que não a fodo pela reação do meu pau esfomeado. Eu rosno, determinado a não perder o controle. Não hoje. Esta noite é sobre a minha menina, não sobre o mim, ou meu fodido pau.

— Porra, te amo tanto, bonequinha. — digo entre beijos abafados. — Minha princesa... Minha Ella... Sempre minha.

— Eu também te amo demais. Demais. — Ella geme, sugando minha língua. — *Si*, amor, para sempre sua.

Meu pau está duro como uma barra de ferro, mas tento me conter. Essa noite eu quero tudo tradicional, como alguém da linhagem dela merece. Hoje quero ser o mais próximo da porra de um príncipe encantado que consigo ser. Por ela, faço qualquer coisa. Qualquer coisa sem pestanejar. Eu a levanto, tirando seus pés do chão e rodopio com ela. Sua risada suave e feliz ressoa contra meus lábios. Os fogos de artifício continuam explodindo no céu, enquanto giro com a minha menina nos braços.

Felicidade.

Pura e absoluta felicidade.

Eu me forço a acalmar o beijo, mordiscando sua língua antes de arrancar minha boca da sua. Ella geme, esfregando a pélvis contra meu pau duro. Eu rosno porque provavelmente percebeu que estou no meu melhor comportamento hoje e como a menina travessa que é vai me tentar até a morte para me ver sucumbir. Sorrio-lhe com condescendência e a abaixo para o chão, afastando-me um pouco. Um sorriso quase desafiador curva os cantos da boca luxuriosa e meu pau treme em resposta. Resmungo um palavrão. Essa menina pode tentar um santo. Sorrio lento e malvado, levantando uma sobrancelha, aceitando o desafio. Vamos ver quem está no comando, princesa. Digo-lhe com meu olhar.

Ella ofega, sua expressão se tornando ainda mais excitada. Como eu, minha boneca adora o jogo de dominação. Sorrio, tentando aplacar nosso tesão latente.

— Venha. — sussurro em tom mais suave. — E me deixe alimentar a minha noiva.

Deus, eu quase gemo de prazer ao pronunciar essas palavras. Seu lindo rosto muda também, ficando mais terno, os olhos de esmeralda voltando a brilhar com lágrimas.

— Diga isso de novo, *per favore*. — pede, ainda pendurada em meu pescoço.

Abaixo minha boca outra vez para a sua, nossos olhares presos.

— Minha noiva. — digo baixinho, minhas mãos passeando amorosamente pelas suas costas nuas. — A mulher da minha vida.

Ela inspira bruscamente, os olhos transbordando mais uma vez.

— *Mio fidanzato...*[3] — murmura. — *Uomo della mia vita.*[4]

Porra. Ela vai começar a falar italiano e eu estou perdido. Encosto minha testa na sua, excitado e amolecido com sua declaração.

— Ella... — gemo baixinho. — Não comece a me tentar com esse sotaque sexy, boneca. — roço a minha boca na sua em uma provocação sensual antes de capturar seus lábios nos meus mais uma vez. Então, nos perdemos um do outro por não sei quanto tempo. Gemo longamente com a varredura suave de sua língua macia contra a minha. Em resposta, eu chupo a sua com força, subjugando-a. É a sua vez de gemer. Rio satisfeito. Quando nos separamos, estamos ofegando e fodendo com nossos olhos.

Dando mais um beijo breve na boca carnuda, tomo-a pela mão, conduzindo-a até a mesa posta para dois. Uma garrafa de champanhe está descansando no balde de gelo. Eu a agito brevemente e empurro a rolha, que sai com um estampido suave, espuma derramando no chão. Sirvo duas taças de cristais sob o olhar cheio de apreciação de Ella. Eu me aproximo mais, entregando-lhe uma. Meu braço enrola automaticamente em sua cinturinha e nos olhamos fixamente.

— A nós, meu amor. — minha voz é um pouco áspera pela emoção.

— A nós, *amore mio.* — repete, adorando-me com esses lindos olhos que puxam a minha alma.

Tocamos suavemente as taças uma na outra e tomamos um gole.

Alguns minutos depois, estamos acomodados na mesa, saboreando nosso jantar e o serviço de dois garçons que o acompanhou. Encomendei o serviço completo em um dos restaurantes que Ella apreciou quando estivemos em Roma há cinco anos. Cordeiro em crosta de ervas é o prato principal e *Tiramisù* para sobremesa. A carne está suave e suculenta e nos esbaldamos em um silêncio tácito nos primeiros momentos. As luzes multicoloridas ainda espocam no céu, agora mais distante, na baía do lago Bracciano. Ella segue o meu olhar e sorri levemente, terminando de mastigar uma porção.

— Por quanto tempo ainda vão continuar? — pergunta, tomando um gole da sua taça de vinho encorpado, os olhos brilhando com o reflexo dos fogos.

Ella ama fogos de artifício. Esses mais pirotécnicos e menos barulhentos, quero dizer. Lembro-me de ter contratado um cara para ficar soltando fogos por toda a noite em seu aniversário de quinze anos. Naquela noite, adormeceu em meus braços na sacada do meu quarto. Um sorriso feliz estampado no rosto e os fogos continuaram até o amanhecer. Ella nunca soube que fiz aquilo.

— Por quanto tempo ficarmos aqui. — respondo em tom presunçoso.

Seus olhos pousam nos meus e há um brilho suave e divertido lá.

— Como na noite do meu aniversário de quinze anos? — pergunta, levantando uma sobrancelha bem-feita.

Estreito meus olhos, fazendo seu sorriso impertinente aumentar. Ela sabia.

— Você sabia. — afirmo em vez de perguntar.

Acena.

— Eu sempre soube, seu bobo. — sorri com travessura, ficando séria em seguida. — Apenas uma pessoa faria algo tão mundano e ao mesmo

tempo tão doce para mim... — não podendo mais ficar sem tocá-la, estendo a mão, alcançando a sua por cima da mesa. — O meu Mike.

Sussurra e eu me derreto todo, porra.

— Tudo para a minha preferida. — digo, trazendo sua mão para a minha boca. Em vez de beijar o dorso, eu a viro e deposito um beijo vagaroso e sensual no pulso. Ella ofega, lambendo os lábios vermelhos. — Do desejo mais mundano ao mais caro e requintado... — raspo os dentes arrastando em seu pulso, sentindo-a estremecer e gemer baixinho. — Sempre farei tudo para a minha bonequinha.

— *Amore mio...* — sua voz é um esgar cheio de necessidade, amor, candura.

Como mais um beijo suave, libero sua mão e voltamos a comer em novo silêncio. Quando estou satisfeito, limpo minha boca com o guardanapo e me recosto na cadeira. Rodo o vinho na minha taça, meus olhos presos em Ella enquanto ingere suas últimas garfadas. Um pequeno sorriso enrola em minha boca diante do prazer óbvio em sua expressão. Vê-la devorar um prato é algo que sempre me divertiu. A princesa adora comer. Deus, não sei como consegue manter esse corpo perfeito, a barriguinha lisa e impecável. Ela olha para cima e me pega encarando-a. Seu rosto cora levemente, um sorriso encabulado surgindo.

— Pare de encarar. — reclama.

— Impossível. — digo baixinho.

Rola os olhos e limpa a boca, pegando sua taça, tomando um pequeno gole.

— Você está treinando para príncipe encantado?

Arqueia aquela sobrancelha linda e altiva de princesa. Eu rio lentamente, tomando outro gole, olhando-a por cima da borda.

— Nós dois sabemos que sou degenerado demais para me encaixar

nesse estereótipo, princesa. — eu zombo e ela ri, uma risadinha provocante que incendeia meu pau. — No entanto, posso ter uma noite romântica com a minha menina. Consigo ficar horas apenas olhando-a e tratando-a com a cortesia que merece. Sou um namorado de muitos talentos.

Eu pisco sedutoramente e Ella meneia a cabeça.

— Consegue? — sua voz é apenas um ronronar.

— Ella... — meu tom carrega uma advertência, então meu semblante e voz amolecem. — Quero ser capaz de lhe oferecer o melhor dos dois mundos. O romance que tem sonhado desde que era uma menina. — os olhos verdes ficam quentes, ternos, enquanto me encara. — E o prazer sem limites do sexo sem tabus que tanto apreciamos. — completo.

— E você o faz, *amore mio. Grazie* por esta noite tão especial. — diz com leve emoção. — Você não esqueceu... — sua voz fica mais rouca e ela sussurra: — Eu amei aquela viagem.

— Eu sei. — respondo. — Tudo relacionado a você jamais é esquecido, boneca.

— Eu já queria você na época. — suas bochechas coram ao admitir isso. — Era apenas uma menina, mas já o queria como o meu homem.

Caralho. Eu adoro quando fala assim, direta, despida de pudores.

— Eu sei. — digo, tornando a segurar sua mão sobre a mesa, beijando sobre a pedra do anel brilhando orgulhosamente em seu dedo. — Comecei a queimar por você naquela viagem. — meus lábios torcem em depreciação. — Você sempre foi tão linda, bonequinha. — o elogio a faz abrir um meio sorriso sonhador. — Porém, aos dezesseis, estava começando a se transformar em uma mulher exuberante, estonteante pra caralho... Eu estava tão confuso, Ella. Eu me recriminei e me achava o mais baixo dos baixos por não ser capaz de conter as reações do meu corpo às mudanças do seu. Eu queria matar os homens que olhavam para você

com cobiça.

Seu sorriso se espalha, obviamente satisfeita com a minha confissão. Mas, para o seu crédito, ela apenas diz:

— Você se cobrou demais, Mike.

— Eu queria parar de dormir com você quando comecei a me sentir assim. — digo seriamente. — Mas sou um idiota egoísta, muito egoísta e possessivo quando se trata da minha princesa. — eu praticamente rosno a última parte.

Ella dá uma risadinha.

— Bem, somos dois, *mio principi.* — murmura com voz sedutora. — Você é meu. Só meu. — diz com uma ferocidade que faz meu pau sofrer espasmos e engrossar. — Não suporto ver as *puttanas* cobiçando você.

Seu olhar fixa no meu, mandando-me um recado velado. Eu sorrio, sabendo que vai me pressionar sobre Vivian. No entanto, não quero estragar a nossa noite trazendo antigas subs para a nossa conversa. Falaremos sobre isso quando retornarmos à Ilha. Decido provocá-la para descontrair.

— Tão linda com ciúmes, boneca. — murmuro, debruçando-me sobre a mesa, olhando-a perversamente. — Me deixa tão duro, porra. — rosno. — Seu ciúme sempre deixou meu pau absurdamente duro. Mesmo quando era apenas uma criança, eu era insanamente louco por você.

Ela bufa baixinho, mas seus olhos dilatam e arfa levemente.

— Não tente me distrair com sua depravação, *caro mio.* — quase ronrona, enfurecendo ainda mais o meu pau, que pressiona o zíper da calça, fazendo-me assobiar baixo.

— Bom saber que minha a depravação a distrai, princesa. — sorrio presunçoso.

Ela bufa mais uma vez, mas sorri também.

O garçom aparece com a sobremesa. Passamos os próximos minutos degustando e compartilhando nossas porções de *Tiramisù*. Encomendo mais uma fatia para viagem. Ella levanta uma sobrancelha sapeca para mim. Apenas sorrio, encarando-a fixamente e a deixando saber que tenho planos bem sacanas para mais tarde. Eu a levo para a amurada quando terminamos a refeição. Ficamos aconchegados pelo que parecem horas, vendo os fogos na baía do lago. Quando a temperatura começa a cair, cubro seus ombros com a estola e deixamos o castelo.

O passeio de helicóptero na volta é carregado de tesão, energia sexual bruta crepitando entre nós. Posso sentir seus olhos a maior parte do tempo sobre mim, o que me deixa envaidecido, sentindo-me o bastardo mais sortudo no mundo inteiro. Uma princesa. Ela é uma princesa e ama um ex-delinquente de rua. É surreal, para dizer o mínimo.

Quando chegamos à cobertura, eu a levo direto para o terceiro andar, onde fica a nossa suíte máster. Ella se dirige ao terraço, enquanto seleciono algo no sistema de som. Opto pela seleção que ela fez ontem. *Miracles* do Coldplay começa e ajusto o volume. Saio alguns minutos depois. A visão dela perto da balaustrada olhando Roma toda iluminada abaixo de nós me faz desacelerar o passo. Sua mão direita está acariciando a gargantilha levemente. Meu peito incha, vendo as duas joias simbolizando que é minha. Minha coleira e o anel secular em seu dedo. Dam o pegou com a rainha e o guardou em meu quarto antes de viajar a Mônaco. Pertenceu a avó de Ella, mãe do rei, mas pedi ao joalheiro da família real para fazer algumas mudanças.

O grande diamante branco foi substituído por um verde com detalhes esbranquiçados que brilham lindamente de acordo com a posição da luz. Também mandei gravar a inscrição *minha preferida* no interior da argola de ouro branco. Ela gira a cabeça em minha direção e um sorriso suave

inclina sua boca, enquanto se afasta da vista e vem me encontrar no meio do caminho. Faço uma mesura cavalheiresca, estendendo-lhe a mão, pedindo uma dança. Seu sorriso amplia e coloca a mão delicada sobre a minha. Eu quase gemo quando deslizo o braço em sua cintura e a puxo suavemente contra o meu corpo.

Seus braços rodeiam meu pescoço e começamos a nos mover devagar, apenas um sensual e lento roçar de corpos. Sua cabeça inclina para trás, os grandes olhos verdes se prendendo aos meus. Abaixo minha testa na sua, precisando respirar o mesmo ar que ela. Subo uma das mãos da cintura bem devagar, acariciando a pele nua das costas esguias. Seus olhos incendeiam, seus lábios entreabrindo em um ofego baixo. Os cantos da minha boca tremem arrogantemente. A próxima música é *Helium* de Sia. Ella, Anna e minhas ruivinhas gostam muito dessa artista. Devo confessar que aprecio alguns de seus trabalhos também. Agarramo-nos mais, olhando-nos nos olhos, deixando a letra derramar sobre nós.

E se você deixar eu flutuarei até o sol

Eu sou forte porque você me preenche

... Eu sou sortuda porque você está ao redor

— Eu o quero dentro mim. — sussurra bem perto da minha boca. — Estive a noite inteira molhada para você. — caralho, ela vai começar a usar artilharia pesada, pelo visto. — Me use, *mio dominatore*...

Porra. O que eu disse? Artilharia muito pesada. Meu sangue inflama, todo o fluxo correndo para o meu pau, que está em riste contra a sua barriga. Seguro sua nuca com firmeza e mordo seu lábio inferior. Ela estremece, gemendo. Sorrio, gostando de provocá-la e levo a minha boca até o seu ouvido.

— Hoje é tudo sobre você, princesa. Quero te tocar, beijar e acariciar por inteira. Fazer amor, me deleitar em cada parte desse corpo lindo e delicioso sem pressa. — murmuro, mordiscando seu lóbulo, fazendo

lamuriar e gemer mais. — O dominador está de folga hoje, bonequinha. — informo e ela lamenta. — Mas amanhã... — eu rio malvadamente, esfregando minha ereção nela. — Amanhã, escrava. Amanhã, eu a quero pronta para atender cada uma das minhas demandas...

Ela geme, os olhos acendendo com luxúria.

— Sempre, *mio maestro.* — murmura de maneira sedutora.

Eu abaixo a boca para a sua e a levanto nos braços, carregando-a para o quarto, onde passo as próximas horas fazendo o que planejei – amando e adorando a minha princesa.



CAPÍTULO CINCO

Mike

Ficamos a manhã inteira na cama nos curtindo preguiçosamente. Saímos à tarde para visitar o Pantheon. O monumento é uma das grandes inspirações para a arquitetura. Um fantástico feito da Roma antiga que atrai não só turistas laicos, mas profissionais da área, sequiosos para contemplar a grandiosa obra arquitetônica. Seu pórtico com oito colunas imensas coríntias de granito inspirou a grande fachada do palazzo do Museu central de Ardócia e também do Parlamento. É considerado um valioso templo do Cristianismo, arquitetura e arte. Suas paredes estão cobertas por obras-primas do Renascimento, além de ser o último abrigo de alguns cristãos ilustres como o Rei italiano Umberto I e Rafael, o mestre da pintura e da arquitetura da escola de Florença. Ella adicionou essa última informação. Foi realmente difícil conseguir tirá-la de lá para nos prepararmos para a nossa noite. Minha boneca perde a noção do tempo quando está diante de quadros mais velhos do que seus tataravôs. Não que eu vá dizer isso em voz alta perto dela.

À noite, já estávamos prontos para sair para jantar quando Sam e Em fizeram uma chamada no FaceTime. Eu rio, aceitando a chamada das minhas meninas.

— Irmão mais velho! — elas dizem eufóricas em uníssono, fazendo-me

sorrir mais.

— Sam e Em? — Ella pergunta com um sorriso ao ouvir as vozes animadas através do aparelho. Aceno, enquanto ela pega a carteira sobre a cama.

— Ei, ruivinhas! — minha voz cai para um tom suave. Então franzo o cenho quando percebo que estão todas arrumadas e maquiadas. — Onde estão indo com esses quilos de maquiagem nos rostos? — confiro o relógio em meu pulso, calculando mentalmente o fuso horário. Ainda é dia em Boston.

Elas bufam para a minha pergunta.

— É bom falar com você também, Mike. — Em zomba.

Eu rosno para o atrevimento dessa menina. Sam ri, dando uma cotovelada na gêmea.

— Max e Lipe vão nos levar a uma reunião em sua fraternidade, Mike. — ela esclarece.

Eu rosno mais.

— Uma festa de fraternidade com aqueles dois? — resmungo. — Se bem me lembro da última, os traseiros e outras partes deles estavam estampados nos malditos tabloides.

Elas reviram os olhos.

— Relaxe, Mike. Não é *esse* tipo de festa, ok? — Em retruca. — Eles não nos levam para festas como aquela. — então sorri, seu atrevimento voltando. — Infelizmente.

Ranjo os dentes e ouço a risada divertida de Ella.

— Pare de atiçá-lo, Em. — Sam repreende a gêmea, mas tem um sorriso divertido em seu rosto também. — Fique tranquilo, irmão. Estamos a salvo. — ela bufa. — Nesse ritmo, chegaremos aos trinta ainda virgens.

Santa Mãe! Eu engasgo. Essas meninas estão ficando tão ousadas. Elas riem com vontade.

— Agora saia do modo irmão mais velho e nos diga como está a sua viagem romântica com Ella. Será que a nossa prima já ganhou um anel? — Em retoma com expectativa em seu rosto juvenil.

Eu finjo uma carranca e Ella gargalha, vindo para perto de mim. É claro que elas ligaram para bisbilhotar. Mais cedo foram meus pais e os gêmeos. Acho que ouvi Ella falando com sua mãe também enquanto eu estava checando rapidamente alguns e-mails da King's. Eles não vão nos deixar em paz enquanto não contarmos a novidade. Bem, tecnicamente não é nenhuma novidade, uma vez que todos, menos Ella, sabiam as minhas intenções com essa viagem.

— Talvez. — Eu digo, divertindo-me com sua curiosidade.

— Vamos, Mike, não seja chato. — Em faz beicinho.

Ella inclina a cabeça no meu ombro, entrando no campo de visão das meninas. Elas fazem uma algazarra quando a veem.

— Oi, primas! — saúda com a mesma empolgação. — Como estão as coisas em Boston?

— Está tudo ótimo! Estamos muito bem. — Em diz apressada e abre um risinho malicioso. — Agora pare de enrolação e responda a nossa pergunta. Não seja tão perversa quanto nosso irmão aí, prima.

Eu rosno. Elas riem, nem um pouco intimidadas.

— Vamos, Ella, nos mostre o anel. Mike não seria tão idiota de não ter feito o pedido ainda. — Sam rola os olhos.

— Muito obrigado, Sam. — eu ranjo.

Elas gargalham.

— O que Sam está querendo dizer é que nosso irmão é muito

inteligente para perder essa chance... Roma... Só vocês dois aí, sem ninguém da família por perto para interferir... Hum? — Em balança as sobrancelhas sugestivamente.

Eu rio secamente. Sem ninguém da família para interferir uma ova.

— Bajulação não vai funcionar, ruivinha. — aviso.

— Sempre funciona com o irmão mais lindo do mundo. — Sam diz, batendo os cílios.

Eu bufo porque ela está certa. Essas meninas me colocam no bolso a maior parte do tempo.

— Está bem, primas. — Ella volta a falar, e com um sorriso lindo e orgulhoso levanta a mão esquerda, satisfazendo a curiosidade das pequenas bagunceiras. Minhas irmãs gritam tão alto que tenho receio de perder a audição. — Aqui está a prova de que seu irmão é, de fato, um homem muito inteligente. — ronrona com provocação.

Eu rosno baixo, dando um tapa em sua bunda. Ela arfa e morde o lábio, seu risinho insolente se alargando. As meninas ainda estão falando ao mesmo tempo, tornando impossível entendermos suas palavras atropeladas.

Cristo. Mulheres... Ella ri gostosamente, enrolando os braços em minha cintura. Quando a euforia passa, Sam murmura:

— É tão lindo, prima. — sua voz é cheia de carinho. — Você será a nossa irmã agora.

— Verdade, Ella. — Em reitera, os olhos castanho-escuros brilhando.

Ella suspira baixinho.

— Nós já somos como irmãs, *le mie principesse*.[5] — sussurra com o mesmo carinho para as minhas irmãs e meu coração aquece, meu amor por ela transbordando por todos os lados. — Nossos pais nos criaram assim.

As meninas acenam em concordância, então abrem sorrisos maliciosos.

— Não que isso tenha funcionado para você e Mike, prima. — Em dispara com seu atrevimento a todo vapor.

Ella sorri e seu rosto gira para o meu. Os olhos verdes estão repletos de adoração quando me encara.

— Não, meninas. Mike e eu... — murmura, pegando meu rosto e acariciando a barba delicadamente. Eu seguro um gemido para não me envergonhar na frente das minhas irmãs. — Estávamos destinados a ser mais desde o princípio. Ele é o meu homem e eu sou a sua mulher.

Porra. Eu sugo uma respiração afiada. Meu pau ama quando diz coisas assim. Merda. Trinco os dentes, tentando não ficar duro. O momento não poderia ser menos apropriado.

— Linda. Absolutamente linda. — sussurro, abaixando a minha boca na dela em um selinho breve, mas cálido.

Sorrimos ao ouvir gargantas pigarreando. Sam e Em estão com sorrisos escancarados nos observando.

— Bem, eu acho que agora devemos dar privacidade ao casal, Em. — Sam sugere.

— Sério? Eu ainda queria conversar mais um pouco... — Em faz uma falsa cara amuada. Rio, estreitando meus olhos nos seus. Conheço todas as artimanhas de cada uma dessas meninas. — Brincadeirinha! — sorri marota. — Vamos deixá-los em paz agora. — seu semblante amolece um pouco antes de completar e jogar um beijo estalado. — Estou tão feliz! Amo vocês. — num arroubo juvenil, desenha um coração com as mãos.

Sam manda beijos também, imitando as últimas palavras o gesto de Em. Sorrio largamente, elas sempre me derrubam.

— Também amo vocês, minhas ruivinhas. — digo amolecido. — Se cuidem nessa festa, e já sabem, na...

— Não aceitem bebidas de estranhos! — elas recitam em tom entediado.

Eu faço cara feia, mas acabo sorrindo a contragosto.

Ella se despede também e encerro a chamada com um sorriso no rosto. Guardo o celular no bolso do terno. Enrolo um braço em sua cintura, puxando-a mais perto.

— Elas adoram marcar um ponto, não é? — resmungo.

Ella revira os olhos e me beija suavemente na mandíbula.

— Pare de atuar, você é louco por elas.

— *Touché,* princesa. — eu me rendo. — Vamos nos apressar. Nosso jantar será mais cedo e mais leve hoje. — informo, começando a nos mover para deixar o quarto.

— Mais cedo e mais leve? — pondera, franzindo o pequeno nariz, então seus olhos se acendem. — Mmm... Teremos alguma atividade mais... Intensa esta noite? — sua voz abaixa para um ronronar sexy.

Apenas balanço a cabeça, pressionando meus lábios juntos.

— Alguém está tão cheio de mistério, não é? — retruca ironicamente.

Eu me divirto com sua birra.

— E alguém está tão curiosa, não é, bonequinha? — zombo bem perto do seu ouvido. Ela acaba sorrindo. — Você pediu pelo dominador, minha cadela. Sua boceta deve estar pingando, doendo para ser comida duramente pelo seu dono. Não é isso, princesa? — murmuro perversamente, fazendo-a ofegar alto, estremecendo. — E terá isso hoje. Vai fazer tudo que eu quiser como a boa putinha sub que é... — seu gemido cheio de lamento me faz rosnar, meu pau inchando. Eu me afasto um tanto relutante e sorrio. — Mas antes quero mostrar a minha noiva e matar todos os bastardos romanos de inveja.

Cerca de duas horas depois, deixamos o badalado restaurante de frutos do mar, e agora estamos a caminho da verdadeira surpresa da noite. Uma exposição, digamos... Excêntrica. Eu rio sombriamente, enquanto a limusine desliza pelo tráfego nos levando ao nosso destino, uma galeria nos limites da cidade. A exposição é apenas para um público seleto: praticantes de BDSM. A organização está a cargo de um dos clubes mais tradicionais de Roma. É seguro. Verifiquei tudo antes de adquirir os convites e estou ansioso para ver a reação de Ella. É a minha forma de preparar o terreno para abordar o assunto do clube em que sou membro em Londres e para o qual pretendo apresentá-la não apenas como sub, mas minha esposa. Sei que preciso ir devagar, no entanto. Ella não é uma garota comum, é uma princesa. Nossas atividades no clube terão que ser meticulosamente planejadas. Pensar em fodê-la lá, usá-la na masmorra ou no meu quarto privado me deixa excitado pra caralho. Eu não farei cenas no palco como fiz tantas vezes com outras subs. Não, sou ciumento e possessivo demais com a minha boneca para mostrá-la assim. Ella é minha. Ninguém vai vê-la nua e submissa, apenas eu.

Quando o carro para no estacionamento subterrâneo, pego as máscaras que guardei em um dos compartimentos da limusine. Eu as levanto com um sorriso brincando na boca.

— Máscaras? Uau. Isso é tão... Sexy. — seus olhos iluminam, sua excitação a fazendo parecer muito mais jovem do que é.

— *Você* é sexy, princesa. — digo-lhe suavemente. — Elas têm uma função hoje – preservar a nossa identidade. Venha aqui e me deixe colocar a sua. — Ella aproxima o rosto. Prendo-a com cuidado, passando o elástico pelo rabo de cavalo alto que está usando. Sua máscara é em cetim fúcsia, com detalhes como asas de borboletas nas bordas brilhantes. A minha é negra, simples. — Incrivelmente sexy. — murmuro, deslizando o indicador pela face macia quando termino.

— Me deixe prender a sua. — pega a minha e a deixo fazer o trabalho, olhando-a embevecido. — *Mio* moreno lindo. — sussurra ao terminar, inclinando-se e roçando a boca vermelha na minha. Eu gemo e mordo seu gordo lábio inferior.

— Lindo? — meio que rosno.

Ella solta uma risadinha provocante.

— Perversamente lindo... — morde o meu queixo sensualmente. — Melhor assim?

Abro um lento sorriso.

— Muito melhor. — dou-lhe um selinho casto e saio do carro, estendendo-lhe a mão. — Vem, boneca. Nossa noite vai começar... — digo enigmático.

— Tão misterioso... — ela ronrona quando enrolo um braço em sua cintura e a conduzo pela garagem rumo ao elevador privativo. — Pelo menos não me vendou. — diz com insolência.

— Você quer ser vendada? — sussurro em seu ouvido. — A noite é uma criança... — mordo seu lóbulo. — Eu lhe asseguro que tenho planos bem depravados para hoje, sub.

Ela bufa.

— Só hoje? — debocha. Eu rosno e dou um tapa em sua bundinha firme.

— Comporte-se, escrava, ou vou foder essa boquinha linda e atrevida antes de subirmos. — lambo sua orelha. Ella arfa. — Quer desfilar entre as pessoas com os lábios inchados de mamar no meu pau. É isso que quer?

— *Dio*... — geme baixinho. — Você é tão bruto... Malvado.

— Eu sou, boneca. — rio e a guio para dentro do elevador. — E você ama isso. Enquanto finge indignação, sua bocetinha já deve estar toda

molhada... — digo arrogante, apertando o botão no painel, iniciando a subida. Eu paguei uma pequena fortuna por algumas regalias hoje. Por exemplo, essa parte do estacionamento está fechada apenas para nós e o elevador também. Ninguém nos verá chegando até estarmos lá dentro nos misturando. Saímos do elevador direto em um corredor parcamente iluminado. A galeria ocupa um duplex. Haverá obras em exposição nos dois pisos, pelo que fui informado. Seguro a mão de Ella, entrelaçando nossos dedos e avançamos para o primeiro salão. Já há muita gente aqui, observo. Pessoas ricas e vestidas de forma extravagante desfilam pelo salão, empunhando suas taças de champanhe caro. Uma música em volume agradável está tocando.

— *Madonna mia!* O que é isso? — Ella balbucia baixinho no meu ouvido.

— Uma galeria, boneca. — digo-lhe, apreciando a sua reação enquanto corre os olhos arregalados pelo recinto. — A exposição desta noite é destinada ao público BDSM. — ela me olha. Eu procuro sinais de desconforto em seus grandes olhos verdes, uma vez que é tudo que vejo através da máscara. Não detecto outra coisa senão surpresa lá. Com surpresa eu posso lidar. Abaixo a cabeça e beijo seu ombro suavemente, subindo para a nuca onde mordisco com a intenção de baixar suas defesas. Ella ofega. — Vamos circular. Você vai gostar, amor. Prometo.

Antonella

Dio Santíssimo! Ele me trouxe para um evento BDSM. Eu luto para usar todo o treinamento da realeza e me manter indiferente, pelo menos no exterior. Entretanto, isso é difícil à medida em que meus olhos correm cautelosamente pelo ambiente. Todos estão usando máscara, o que me deixa menos apreensiva. Não dá para saber quem é quem, *grazie a Dio.* Uma luz diáfana banha o salão em suaves tons iridescentes. A decoração é uma mistura ousada, mas surpreendentemente harmoniosa de arte moderna

com medieval. Avisto uma armadura que me lembra a sala do museu em minha casa em Ardócia. Estou absorvendo tudo quando uma garçonete loira, vestida apenas em espartilho vermelho e uma calcinha minúscula para em nossa frente, oferecendo-nos champanhe e canapés de caviar sobre uma bandeja de prata. A atmosfera aqui grita riqueza, mas isso vem sombreado com outra coisa que permeia o ar – devassidão. Depravação nua e crua. Há pessoas vestidas com esmero como se estivessem em um baile de gala. Mas há também homens e mulheres segurando seus parceiros através de correntes presas a coleiras dos mais variados tipos. *Cáspita.* Isso é um pouco extremo, não? Ser arrastado publicamente como um mero adorno, um objeto. O sentimento é inquietante, para dizer o mínimo.

Eu toco inconscientemente a minha gargantilha. Enquanto a de ontem era delicada, a de hoje é mais grossa. Chamativa. Duas voltas de brilhantes e uma de rubis pequenos no centro. Minha boca está seca, de repente. Eu olho Mike de canto de olho para conferir sua reação à garçonete seminua. Para seu crédito, ele apenas pega duas taças sobre a bandeja, agradecendo brevemente, seus olhos nunca desviando para os seios generosos que ameaçam escapar a qualquer momento. Um sorriso arrogante toca sua boca quando me entrega a minha, obviamente rindo da forma como o queria pegar no pulo. *Dio,* ele está simplesmente de tirar o fôlego com um terno escuro e a máscara no mesmo tom. Os olhos negros brilham misteriosos e perigosos pelas frestas do tecido. O nariz firme e a boca sensualmente pecaminosa se destacando.

— Garçonetes seminuas? Isso não é um pouco clichê? — eu zombo. — Gostou da vista? — eu o questiono ironicamente.

Sua risada profunda soa, fazendo-me bufar. Tomo um gole da bebida.

— Eu não faço parte da organização, boneca. Não posso impedir as garotas seminuas de circular. — retruca, tomando um gole da sua taça.

Eu bufo mais uma vez, desviando os olhos para a massa excêntrica de corpos distribuída pelo ambiente. Um garçom vestindo apenas uma gravata borboleta e uma sunga mínima entra em meu campo de visão e eu sorrio internamente. Bem, parece que alguém da organização pensou na igualdade de gêneros.

— Ei, princesa! Está encarando o bombadão ali? — Mike rosna, puxando-me pela bunda, a mão cravando na carne, marcando seu território.

Não contenho um risinho vitorioso.

— Eu não estava encarando. — digo docemente. — Reclame com a organização, *caro mio.*

Mais um rosnado ameaçador deixa sua boca.

— Continue me tentando com essa boquinha insolente, sub... — seus lábios curvam no familiar sorriso perverso e ele sussurra: — E será punida com o meu pau enfiado até a garganta bem aqui, no meio do salão.

Eu engasgo com sua promessa grosseira. No entanto, minha vagina pulsa desavergonhada. *Madonna mia...* Sou tão pervertida. Mas sei que só está me provocando. Nunca faria algo assim comigo. Ou faria? Mike deve ter lido meu conflito porque seu sorriso alarga mais, os olhos queimando atrás da máscara.

— Vem, bonequinha. Quero sua opinião de especialista sobre as obras. Talvez eu adquira uma ou duas para o nosso quarto de jogos... Huh? — diz em uma mistura sedutora e escura que faz meu clitóris latejar. *Dio,* a forma como pronuncia *quarto de jogos* é tão profana, que me transporta automaticamente para as perversões que deixei que fizesse comigo em nossa última sessão. Eu ofego baixinho. Ele ri, sabendo exatamente como mexer comigo, como puxar para fora a criatura lasciva que habita sob a casca da princesa polida.

Sua mão sobe, mas continua possessivamente em meu quadril, mantendo-me colada a ele enquanto me guia para a outra parte da sala através de uma divisória fina, provavelmente improvisada para exposições. Tento não encarar ninguém à medida em que atravessamos nos desviando de um e outro casal, às vezes grupos envolvidos em conversas. Todos bebericam suas taças de champanhe ou copos de uísque.

— *Você pode montar minha cadela mais tarde, amigo. Ela faz anal como ninguém...*

Dio mio! Sobressalto-me ao ouvir essas palavras quando passamos perto de um trio. Um homem alto e loiro, vestindo em um terno impecável – ninguém diria que uma frase tão grosseira sairia de sua boca – está segurando uma corrente frouxa levando à coleira no pescoço de uma morena escultural. Há outro cara, de aparência igualmente refinada – acima de qualquer suspeita a olho nu – ironizo-os e a nós mesmos, uma vez que também devemos parecer da mesma forma para os outros. O homem moreno tem ombros amplos e está com as duas mãos ocupadas... Uma apertando um seio da moça e a outra mergulhada entre suas coxas. O *amigo* que vai montá-la mais tarde, suponho. *Dio* me ajude. Estamos em Sodoma ou Gomorra? A reação da garota é o que mais me choca, no entanto. Ela está sorrindo radiante, nem um sinal de desconforto por ter a bunda oferecida a outro homem pelo seu Dom.

Puta merda.

— Muitos mundos dentro de um só, boneca. — Mike sussurra em meu ouvido, percebendo a minha reação ao inusitado trio. — Lembre-se de manter a mente aberta. Há diversos tipos de pessoas, bem como diversos tipos de relação BDSM. Já lhe falei um pouco sobre isso.

— Eu sei, *amore mio.* — eu o agradeço pela sensibilidade de perceber como me sinto. — É só que...

— O quê, amor? — sua voz suaviza.

— Não entra na minha cabeça que um homem ou mulher possa compartilhar seu parceiro. Não se ele ou ela realmente amar essa pessoa. — eu rolo os olhos. — E não ouse me dizer para manter a *mente aberta.* — eu o advirto.

Ele ri com vontade. Mike sempre adorou meu ciúme.

— Concordo plenamente. — sua voz é baixa enquanto nos dirigindo para o primeiro quadro. — Ninguém vai tocá-la, bonequinha. Nunca. — afirma, seu tom mais duro e firme. — Sou louco, obcecado por você. Ninguém além de mim tocará essa pele, esse corpo perfeito. Apenas eu. Sempre eu. — rosna. — Então pare de fazer esse biquinho lindo e me fale sobre o quadro. — abranda no final.

Um sorriso bobo se espalha lentamente em meu rosto e dirijo a atenção para a obra à nossa frente. *Va bene.* Estou apaziguada.

— Hum... Vênus de Botticelli. — murmuro olhando a tela iluminada por pequenos focos de luz nas laterais. — Fico feliz em saber que essa exposição tem seu aspecto sério, afinal. — não contenho a ironia em meu tom.

Mike sorri e me puxa mais firme contra o seu corpo. Eu passo a falar sobre o artista italiano e as interpretações da obra. Secamos nossas taças, que são rapidamente substituídas por novas pelo serviço impecável e atento. Passamos para o segundo quadro. Quase engasgo com o champanhe diante de uma das peças para lá de ousadas do pintor e ilustrador francês, Edouard-Henry Avril. Ele retratou as descrições das práticas sexuais greco-romanas constantes do livro do filósofo alemão, Friedrick Karl Forberg, *De Figuris Veneris* publicado em 1824. O famoso livro contém nada menos que noventa e cinco posições sexuais ilustradas por Edouard. O quadro à nossa frente ilustra uma orgia, onde todo mundo pega todo mundo. Pensar isso me faz recordar uma professora que tive na faculdade. Ela tinha um fraco por artistas que pendiam para o erótico em

suas manifestações da arte. Quando um dos colegas de classe se referiu a esse mesmo quadro como uma *suruba da hora*, a Senhora Forbes perdeu a linha. Nem preciso dizer que ele foi reprovado naquela disciplina, não é? Ela ficaria extasiada nessa exposição, aposto. Eu rio levianamente.

Passamos por mais algumas obras. Todas com alguma atividade sexual escancarada ou implícita. Quando encerro meu discurso entusiasmado da última, viro o último gole da minha taça.

— Sua inteligência me excita, princesa. — sussurra no meu ouvido, a boca fria da bebida sugando o lóbulo, mordiscando-o depois. — É sexy ouvi-la falar desses artistas que viveram há tanto tempo. No entanto, a forma como fala de suas vidas, suas convicções, seduz o expectador. — ele lambe o meu pescoço levemente. Arrepios patinam em minha pele. — É como se soubesse de seus desejos mais secretos... É simplesmente fascinante, Ella.

Seu elogio me deixa flutuando. Eu me sinto a alguns centímetros do chão. Bem, meus sapatos *Jimmy Choo* de quinze centímetros e o fato de ter terminado a segunda taça de champanhe também contribuem para a sensação. Contudo, é o calor, a admiração genuína e carinhosa em seu tom que me desfaz.

— *Grazie.* — viro a cabeça para olhá-lo. Ele me puxa de frente, nossos corpos se encaixando em um abraço íntimo e gostoso. Enlaço seu pescoço com o braço livre. — Eu apenas me empolgo. Não é nada excepcional. — digo meio encabulada.

— Isso é paixão, meu amor. — ele sussurra, olhos brilhantes presos aos meus, a mão acariciando minha cintura e costas sobre o tecido do vestido fúcsia. É um modelo de um ombro só, marcado no torso e saia levemente esvoaçante até o meio das coxas. Mike o escolheu para hoje. Aliás, ele escolheu tudo, até a minha lingerie. O sutiã meia taça é tão cavado que quase aparecem os bicos dos seios, e a calcinha, embora não seja um fio

dental, é tão ou mais decadente. De seda pura, é tão fina que me deixa excitada com o toque do tecido extremamente macio em meu monte depilado. Ah, e a melhor parte, ele me vestiu também. *Si*, uma experiência controversamente erótica, que me teve ofegante e ele sorrindo presunçoso. Nunca pensei que fosse excitante um homem vestir uma mulher. Mike me provou mais uma vez que ainda tenho muito a aprender. Sorte minha que disponho de um grande professor. *Dio*, que homem mais gostoso. — Você passa a paixão que sente pela arte para quem está ouvindo. Não tente diminuir isso. — roça a boca sensual na minha. — Ouvi-la me deixou duro. Tão duro, porra. — grunhe, esfregando a ereção em minha barriga.

Eu rio toda faceira antes de sua língua lamber a costura dos meus lábios. Eu os entreabro e ele mergulha, lambendo-me sensualmente. Eu gemo, puxando sua cabeça mais firme e me entregando ao beijo lento e delicioso. Sua mão desce para a minha bunda e amassa a carne, trazendo nossas pélvis juntas. Eu me inclino, esfregando-me em seu pau volumoso. Meu sexo treme, latejando e umedecendo, louco para senti-lo me esticando, preenchendo completamente. Beijamo-nos sem pressa e nos sugando, mordiscando. Aceleramos e nos comemos com fome, depois voltamos às lambidas suaves e tão excitantes. Estou tonta de prazer, entregue à sua boca habilidosa e exigente devorando a minha.

— Mike... — gemo, um pedido implícito em seu nome. Ele rosna e desacelera outra vez, apenas sugando meu lábio inferior até que separa nossas bocas. Estamos ofegando ruidosamente, esquecidos do movimento à nossa volta. Ele ri perverso e me empurra gentilmente.

— Vamos explorar o segundo piso. — sua voz está rouca e áspera. — Há fotos em exposição, pelo que fui informado.

Um garçom aparece e nos livramos das taças vazias. Mike pega um copo de uísque e seguimos de volta para o salão. Atravessamos todo o caminho para a escada em espiral que leva ao segundo andar. Já há casais

aconchegados nos sofás distribuídos pelo recinto. Muito aconchegados, por sinal. Vejo alguns se tocando abertamente sem qualquer inibição.

— Será que eles vão... Aqui? — pergunto baixinho quando começamos a subir os degraus.

— Foder? — há uma sugestão de riso em sua voz. Ele adora me chocar com seu mundo pervertido. — Se estiverem com tesão, sim, boneca, eles vão trepar aqui. É um encontro BDSM. Não deixe a exposição enganar você...

Madonna mia.

— Mente aberta, amor... — seu tom é mais suave e compassivo.

— Mais ainda? — eu bufo. Ele rosna. — Desculpe-me, meu senhor. — acrescento com falsa candura.

Ele rosna ainda mais alto, mas depois sorri profundamente. *Si,* está gostando de me ver fora da minha zona de conforto. Depravado. Seu braço enlaça a minha cintura quando chegamos ao topo e andamos pelo corredor. Aqui em cima a iluminação é mais branda. Lâmpadas amareladas saem de dentro das paredes apenas em alguns pontos, lançando um ar de mistério e sensualidade ao redor. Há menos gente aqui também, *grazie a Dio.* Não que eu seja uma puritana, longe disso pelo que já deixei Mike fazer comigo... Mas prefiro fazer nossas coisas em privado. Isso aqui é muito para mim.

Paramos na primeira foto e minha respiração fica presa na garganta. É enorme, quase da altura da parede. Uma mulher está nua, usando apenas uma coleira de couro, ajoelhada na pose submissa, mãos atadas nas costas. E está fazendo sexo oral em seu Dom, que tem um chicote enrolado em uma das mãos. A forma como a fotografia foi tirada não mostra com clareza os seus rostos. Tenho que reconhecer que é uma imagem de muito bom gosto, certamente captada pela lente de um profissional. Hedonista, porém, bela. A imagem da mulher chupando o grande e grosso pau do

homem me excita. Vergonhosamente me excita. Uma quentura deliciosa desce pela minha coluna, barriga, instalando-se intrusivamente na vagina. Há receio misturado ao tesão. Os chicotes me assustam. No entanto, mesmo assustada, arfo baixinho, juntando as coxas, meu clitóris pulsando com a cena erótica diante de nós.

— Isso a excita? — a voz rouca e profunda de Mike soa no meu ouvido. Eu gemo mais ao sentir seu hálito soprando em minha pele. Ele ri. Sua mão traça padrões sedutores em meu quadril, avançando pelo osso ilíaco, recuando e recomeçando outra vez. — Não se envergonhe por isso. Você tem sido tão corajosa até agora, bonequinha. — eu gemo mais alto, adorando sua bajulação. — Ninha menina obediente. — murmura, sua voz me seduzindo enquanto seus lábios sugam minha orelha. Ofego, minha calcinha ficando ensopada. — Nunca sinta vergonha por gostar do nosso estilo sexual, Ella. — sua mão sobe e acaricia meus seios por cima do vestido, atiçando meus mamilos que começam a doer pela sua boca, sugando-os. — Somos assim. Você e eu, duas metades que se completam perfeitamente. Nunca se sinta envergonhada por amar ser minha submissa, minha puta, cadela, tudo que eu quiser que seja. É assim que somos. A essa altura, você já devia saber que não se satisfaria apenas com sexo baunilha. — ele pega meu mamilo por cima do tecido e o aperta entre o indicador e o polegar. — Você precisa de mais, boneca. Como *eu* sempre precisei de mais.

— *Ai, Dio...* Mike... — eu olho em volta, assustada. Mas ninguém está olhando para nós. Na verdade, cada um está concentrado em suas próprias coisas. *Oh, Dio Mio!* Eu arregalo os olhos quando vejo um casal fazendo sexo no final do corredor. O cara está metendo furiosamente na mulher por trás, prensando-a contra a parede. Calça caída nos tornozelos e o vestido da mulher levantado, mostrando tudo que estão fazendo. Ele puxa para fora e a espanca fortemente, arrancando gritos de dor e êxtase na mesma medida. Minhas pernas começam a tremer. Puta merda. Resfolego, minha

vagina latejando despudoramente contra a minha vontade. — Isso é demais... Eu não sei como me sinto nesse ambiente... — coaxo, mas minha voz é muito ofegante, entregando-me totalmente.

Mike segura meu queixo, forçando nossos olhos a se encontrarem. Seus olhos estão incendiando através da máscara.

— Você está excitada. — garante com um toque de arrogância. — Um pouco assustada também, mas gosta de estar aqui. É apenas o impacto... — murmura. — Me diga, olhando nos meus olhos, o que a está assustando de fato? — as íris de ônix me hipnotizam.

— E-eu não sei... — mio, presa em seu olhar penetrante. — Eu não sou uma puritana, Mike, você sabe disso. — bufo na defensiva, arrancando-lhe um meio sorriso lento.

— Ufa! Você estava me preocupando, princesa. — sussurra com um toque safado em seu tom. — Precisamos falar mais sobre sexo, boneca. Foder. — as palavras rolam lentamente da sua boca para meu ouvido, causando-me deliciosos arrepios. — Foder é tão natural para mim como respirar, comer, beber... Todo mundo faz isso. Uns mais, outros menos. Uns mais ousados... — sua risada baixa e perversa me faz estremecer. — Outros são tediosos e comportados. — bufa. — No entanto, como a sociedade pode julgar alguém pela forma que essa pessoa gosta de foder? Como categorizar e encaixotar a todos em padrões pré-estabelecidos? Eu me recuso a ser colocado em uma fodida caixa.

— Você faz parecer tão fácil... — sussurro.

Ele me conduz para a próxima foto. Essa é ainda mais chocante. Uma mulher sendo feita de sanduíche por dois homens. Os dois parecem ser seus Domes. Há duas correntes presas à sua coleira. Uau. Estão sobre um sofá. Ela sentada sobre um, tomando seu pau na vagina, enquanto o outro a penetra na bunda. As duas fotos seguintes são do mesmo trio. Ângulos diferentes, posições diferentes. Na última da sessão, ela está no centro do

sofá com um homem de cada lado, sua cabeça pendendo em êxtase para trás, os lábios abertos. Dois conjuntos de mãos grandes e bocas exploram seu corpo sem a menor vergonha. Os dois estão chupando cada seio, as mãos descendo pelo ventre, indo parar na vagina da mulher, cada conjunto de dedos abrindo sua vulva vermelha para a câmera. *Cáspita!* Estou sem fôlego. Completa e totalmente chocada. Nunca vi nada tão transgressor e pecaminoso em minha vida, e isso me faz recordar o boato sobre Lucas e Samuel.

— É verdade que seus irmãos gostam... Huh, desse tipo de sexo? — indago sem conseguir tirar meus olhos da foto. O fotógrafo é excepcionalmente talentoso. Todas as fotos são chocantes pelo conteúdo, mas perfeitas na luz, foco. Consegue passar uma elegância sutil em meio à depravação. Estou encantada, devo admitir.

Mike fica em silêncio por alguns instantes. Talvez esteja invadindo o terreno da lealdade entre irmãos.

— Eu não falaria isso a outros, mas você é a minha mulher e não deve haver segredos entre nós. — sussurra. — Sim, Ella. Os gêmeos gostam de foder uma garota ao mesmo tempo. — diz simplesmente.

Eu não estou surpresa. Meus primos sempre foram muito safados e eu sempre peguei uma conversa aqui e outra ali... Mas, novamente, quem sou eu para julgar o estilo sexual deles? Seria hipocrisia da minha parte quando tenho minhas próprias perversões. Fica claro que o assunto está encerrado quando Mike me puxa pelo corredor em direção a uma parte mais escura do recinto. Saímos em uma espécie de antessala com duas poltronas e uma mesinha de centro perto de uma pequena amurada. Daqui temos a vista do salão sob novo ângulo.

— Chega de conversa, princesa. — sussurra em meu ouvido, o tom escuro e dominador fazendo minha pele arrepiar e meu núcleo latejar. — Quero a minha boa putinha agora...

Posiciona-se atrás de mim, seu nariz deslizando suave e provocante em meu ombro. Posso sentir o veludo macio da máscara negra que está usando. Estremeço quando seus dentes raspam na minha pele, subindo para a orelha. Ofego, segurando a haste de ferro à minha frente. O burburinho lá embaixo está a todo vapor. *Dusk Till Dawn* de Zayn com participação de Sia está tocando nas caixas acústicas espalhadas pela galeria excêntrica. Estou em um caso de sério de amor com essa música desde o seu lançamento. Gemo baixo quando as mãos grandes e fortes acariciam meus braços, subindo e descendo com vagarosa sedução. Minha pele toda arrepia. Ele pega meus pulsos e os segura com uma única mão. Cava em um dos bolsos da calça com a outra e começo a resfolegar, meu coração disparando quando traz uma espécie de braçadeira e a ajusta, prendendo meus pulsos juntos. *Dio Santo,* o que ele vai fazer? Pergunto-me mais animada do que deveria estar nessas circunstâncias. Está escuro aqui em cima, mas estamos em um lugar público. Eu deveria dizer-lhe para parar. Entretanto, o medo de que alguém nos veja me excita, devo admitir. *Si,* sou uma princesa tão devassa, podem dizer. Vocês também seriam se tivessem um príncipe lindo e dominador as seduzindo. Essa é a minha única defesa.

— Será que isso a excita, escrava? — sussurra com indulgência em meu ouvido. — Até agora viu outras subs agradando seus donos. É hora de mostrar porque é a minha preferida, perfeita para mim. — eu gemo lamuriosa, envergonhada, mas como sempre acontece, quero agradá-lo.

— Qualquer coisa para agradar *mio bello maestro.* — choramingo.

Ele rosna baixo e leva uma mão para o meu rabo de cavalo, enrolando em seu punho. Eu arquejo quando o puxa com firmeza, submetendo-me.

— Contraia os músculos vaginais. Quero essa boceta toda molhada e apertada em volta do meu pau. Vamos, faça, Ella. É uma ordem. — ruge e eu obedeço, gemendo com a sensação gostosa, o tesão louco que me faz

sentir. *Oh, si,* tão devassa... — Assim, bonequinha. Imagine o meu pau grande esticando suas paredes, invadindo-a bem fundo.

— *Ah, santo cielo...* Mike... — convulsiono em seus braços, juntando as coxas, precisando senti-lo. Ele ri e suga atrás da minha orelha, deixando minhas pernas moles. Sua outra mão passeia livremente pela minha frente, o polegar brincando na base de um seio, seguindo para o outro. Minha respiração fica suspensa. Ele não iria aqui... Iria? Não posso conter a excitação transgressora se espalhando em minhas veias. Sua risada muito suave me faz bufar porque sabe exatamente como estou me sentindo. Espalma a mão em minha barriga, os dedos perigosamente perto do osso pélvico e desce mais, indo para a barra do vestido, infiltrando-se por baixo. As unhas arranham minha pele nua, enquanto arrasta os dedos para cima... Estou pingando agora. Alcança a minha calcinha, os dedos esfregando suavemente o meu monte através do tecido empapado, deixando-me no ponto de combustão. Seu sorriso se torna perverso quando arquejo, suspensa, querendo-o aqui e agora. — *Mio principi...* — balbucio, completamente rendida.

— Seu príncipe não está aqui hoje, escrava. — zomba asperamente. — Agrade o seu mestre ou diga a palavra segura. — morde o meu pescoço e eu quase gozo com a picada afiada e malvada na minha carne. Afasta a calcinha para o lado e empurra dois dedos dentro de mim antes que eu possa mesmo respirar. Eu mordo o lábio para não gemer alto e chamar atenção para nós. — Você quer dizer a palavra segura, princesa? — usa o tom baixo, escuro e dominante que me faz latejar sem controle. — Vamos, Ella, você tem todo o poder aqui, boneca... — ri lascivamente na minha orelha.

Ah, Dio... Ele me excita demais quando encarna o dominador malvadão. Não me julguem, mas ele me deixa completamente louca ouvi-lo dizer essas coisas corruptoras. Sua forma zombeteira e degradante de se dirigir a mim como sua sub me deixa molhada e arquejante toda *maledeta* vez. No

entanto, não deveria estar cogitando deixá-lo me foder aqui... Droga. Estou mais do que cogitando. Já estou ofegando, tremendo como uma cadela bem-mandada, apenas antecipando suas perversões.

Caspita!

— Nós não... *Ai, Dio...* — eu gemo perdida em luxúria quando começa o vai e vem dentro de mim, fazendo-me engasgar o restante da negativa. — Não podemos...

— Só há uma forma de me parar e sabe qual é, Ella. — rosna ao me comer o mais rápido com os dedos. Eu voo rapidamente para o orgasmo, meus dedos estão dormentes de apertar a haste de ferro da balaustrada. Minha boca se abre e estou quase lá. Só mais um pouco. Então os dedos se vão do meu interior. Não! Eu quero gritar e dar um tapa nele quando ouço sua risada sacana. — Vamos, admita que quer foder. Quer isso aqui, agora, não é? Seu corpo e seu cheiro estão gritando isso. — a pressão em meu rabo de cavalo se vai e em seguida ouço um barulho. Seu zíper... Fico tensa, olhando o salão lotado lá embaixo. — Bem, um Dom que se preze deve cuidar das necessidades de sua sub... — ele ri zombeteiramente. — Vou lhe dar o meu pau todo, cadela. Vai me deixar meter até as bolas. Sua bocetinha faminta gosta assim, profundamente...

— *Cáspita...* — eu gemo, minha vagina pulsando, gotejando, lançando-me além da luxúria. Estou nessa zona onde faço tudo que *mio dominatore* desejar.

— No entanto, não vai poder gritar meu nome como gosta de fazer, boneca. — range em meu ouvido, seus lábios e depois a língua arrastando em meu lóbulo. Ofego, minhas pernas começando a tremer e minhas paredes convulsionando muito escorregadias. Suas mãos fortes seguram minha bunda e apertam. Um tapa duro aterrissa em minha coxa e ele desce a calcinha rudemente, deixando-a pendurada em minhas coxas.

Gemo baixinho em agonia lasciva. Isso é tão... Tão decadente, devasso.

Puta merda. Tão excitante.

— Vai gozar em completo silêncio, ou essas pessoas vão olhar para cima e me ver te comendo. Todos vão saber quão putinha você é. Que abaixa calcinha e dá para o seu macho em qualquer lugar, sem nenhum pudor.

— Mike... — coaxo, minha voz muito rouca. É tanto um protesto quanto uma súplica e ele sabe disso quando rosna, esfregando a cabeça bulbosa e grande em minha entrada. Palpito e latejo desavergonhadamente. Ele vai me comer bem aqui e eu vou deixar. *Oh, Madonna mia...* Alguém me pare, *per favore.* Eu não tenho forças para recusá-lo ou dizer a *maledeta* palavra segura. Meu cérebro sabe que é algo ultrajante, mas meu corpo discorda. Minha vagina está pingando à espera. A submissa em mim está louca para agradar seu dono sem se importar com mais nada.

— Vai gozar tão forte, bonequinha. — sua voz fica mais suave, bajuladora no meu ouvido e seus lábios me sugam tão gostoso. — Vamos, incline-se mais... — sussurra, voltando para meu pescoço, seus dentes cravando com pressão suficiente para me subjugar.

Eu me inclino, empinando a bunda. Ele suga uma respiração afiada e empurra com força para dentro, enfiando tudo em uma socada profunda. Arreganhando-me toda. Puta merda! Seu tamanho e espessura me castigam na dorzinha familiar que tanto amo.

— Ah, *Si!* Droga, *si! Si...* — engasgo. Minha voz é irreconhecível, prazer perverso esmurrando minhas entranhas. Minhas paredes latejando e molhando ao ponto do embaraço, dando boas-vindas ao tratamento áspero.

— Minha boa menina... — cantarola, puxando quase tudo e metendo de volta, suas mãos cravadas em meus quadris em um agarre de morte. — Absolutamente perfeita, porra. — ruge, tornando a puxar meu rabo de cavalo, mantendo-me imóvel e passa a me comer com força, entrando fundo. Dentro e fora. Entrando e saindo, fodendo-me furiosamente. —

Assim... Bem assim, escrava. Sua função é dar prazer ao seu dom e mestre. É minha para usar onde e como eu quiser. Acostume-se a ser fodida assim... — rosna, enfiando cada vez mais rápido, forte, duro. Eu quase grito com a sensação dolorosamente erótica e intensa. — Me dê sua boca. Agora! — rosna com um puxão dolorido em meu cabelo. Eu choramingo e viro o rosto, obediente, oferecendo-lhe tudo. Sua boca se apossa da minha com urgência. É um beijo agressivo, com mordidas e sugadas fortes, enquanto devasta meu sexo com seu delicioso pau avantajado. — Ohhh! Foda, Ella... Que delícia, boneca... — ruge contra os meus lábios, mordiscando-me. Ele mete todo o volume sem dó, devastando, destruindo minha vagina. *Dio,* adoro ser tomada assim, com sua brutalidade, com seu desdém induzido pela veia dominante. Leva a mão do quadril para a lateral do meu vestido e abre o zíper. Puxa o sutiã indecente ainda mais para baixo e eu arquejo quando amassa um seio, depois o outro, puxando os mamilos. Eu choro, deixando-o fazer o que bem quiser. Agarra meu pescoço, completando a sua dominação. Sua boca deixa a minha, indo para a minha orelha. — Admita, sub, você está adorando ser comida diante de um público.

— Não... — reclamo e ele rosna, empurrando perversamente até o cabo dentro de mim. O som estala à nossa volta. Ele puxa e bate de novo, duro, fundo e me comendo sem pena.

— Sua boceta está pingando em minhas bolas, cadela. — ele me morde no ombro com certa pressão. Eu choro, perdida em devassidão. — Não ouse mentir para mim. — rosna. — Admita que ama tomar meu pau em qualquer lugar. Vamos! Admita, escrava!

Dio santíssimo...

— Droga, Mike! *Cáspita... Si,* merda *si!* — eu ranjo os dentes de volta.

Ele ri, o som desdenhoso que me inflama tanto.

— Esqueça o resto. — seu tom suaviza e me puxa, deixando-nos em pé.

Leva a mão do quadril para a minha vagina, esfregando meu clitóris. — Apenas sinta o meu pau dentro de você. Me sinta comendo a minha boceta. — suas estocadas aceleram impiedosamente. — Você é minha puta. Não manda aqui, sub, *eu* mando. — ele me levanta do chão, seu pau me empalando com força. Eu choramingo, ganindo baixinho, meu corpo todo arrepiando. Ondas quentes espiralam em meu ventre, explodindo na vagina e eu urro, mordendo o lábio, enquanto gozo com força.

— Estou gozando! Estou gozando... Ahhhh... — minha voz é rouca, dolorida de prazer, ofegante. — *Oh, Dio... Amore mio...*

— Porra! — exala áspero e escuro, debruçando-me sobre a amurada de novo e me come com mais força, desesperado. Seu pau batendo em todos os pontos de prazer dentro de mim. Minhas paredes tremem, meu orgasmo prolongando. — Vamos, mostre o quanto quer minha porra dentro dessa boceta, bonequinha. Vamos, empine mais. Leve o meu pau todo, caralho. — eu faço e choramingo quando ele bate mais duro, mais fundo. — É isso, minha cadela, leve tudo! Ohhhh! Porra, Ella... Boneca, eu vou gozar! — com mais duas socadas que me sacodem toda, ele ruge ferozmente em meu ouvido e se derrama enterrado profundamente. Estremeço, sentindo os jatos quentes de sêmen me inundando. — Deus, bonequinha... — geme ainda estocando fundo e gozando. — Porra, você me dá tanto prazer... Minha menina linda. — respira pesadamente, parando todo enterrado. Enfia a cabeça na curva do meu pescoço, beijando minha pele suada. Nossos corpos ainda sofrendo espasmos secundários. Ele alcança os meus pulsos, desprendendo a braçadeira. Eu gemo, minhas mãos estão dormentes. Mike sai de mim devagar, gememos baixinho pela perda um do outro. Sêmen grosso escorre entre minhas coxas. Ele sobe a calcinha, que não faz muito em conter o líquido viscoso e abundante. Ajeita meu vestido, subindo o zíper e depois cuida de si mesmo.

— Você está bem? — sussurra em meu ouvido e me gira, massageando um pulso gentilmente e depois o outro.

— As pessoas nos viram? — pergunto, de repente percebendo que me esqueci do salão lotado pelo tempo em que estive em seus braços.

Um canto da sua boca sobe ligeiramente. Ele sabe que sempre me perco em sua perversão.

— Isso importa, boneca? — eu o olho firmemente. Ele suspira. — Relaxe. Alguns perceberam que estávamos trepando aqui. Mas não viram muita coisa, posso garantir. Além disso, nossas identidades estão seguras. Não há como saber quem é quem em festas como essas. A não ser que tenha convivência com algumas pessoas, o que não é o caso aqui.

— Você me corrompeu. — digo, mas há mais riso em minha voz do que reclamação.

— Eu acho que fiz. — sorri e me puxa pela cintura. Eu o cinjo pelo pescoço e respiro seu cheiro. Nosso cheiro levemente suado, o sexo permeando o ar à nossa volta. — Sinto muito por isso, princesa. — seu tom é safado, zombador, nada arrependido.

Eu bufo.

— Você não está arrependido.

— Não, nem um pouco, bonequinha. — sua voz ainda está meio ofegante.

— Minhas pernas estão bambas. — reclamo.

Um lento sorriso se desenha na boca sensual e ele a abaixa, quase tocando a minha.

— Isso quer dizer que estou mantenho meu padrão... — sussurra.

— *Dio,* meu príncipe é tão perverso. — ronrono.

— Minha princesa é tão safada e submissa. — rosna e mergulha a boca na minha. Eu gemo. Ele está certo. Somos duas partes que se completam.

Em todos os sentidos.



CAPÍTULO SEIS

Uma semana depois... Em algum lugar...

Eles

Eu olho o homem do outro lado da mesa. O guarda está fora das nossas vistas. O filho da puta tem sua mão bem *molhada* para nos dar privacidade sempre que venho visitar meu *benfeitor*. Ele está muito mais velho do que seus cinquenta anos. Vinte anos encarcerado não é um passeio no parque, afinal de contas. Não importa quantas regalias você tenha, e ele tem muitas, a prisão não é gentil. A prisão nunca é gentil com riquinhos engomados que vem parar aqui sem qualquer chance de sair, o caso dele. O engenheiro King o fodeu de todas as formas. O infeliz pegou tantos anos que eu considero uma porra de prisão perpétua.

Ele sopra uma baforada lenta do seu cigarro, os frios olhos cinzentos cravados nos meus. Pelo que pesquisei, era um cara boa pinta antes de o King lhe dar a surra das surras e enviá-lo quase morto para o hospital, de onde saiu direto para a prisão de segurança máxima. Seu nariz é torto agora. Há cortes dividindo ambas as sobrancelhas. A mandíbula, que foi quebrada, se curou meio torta. Além disso, um de seus joelhos foi destroçado e embora tenha passado por cirurgias, ficou com um coxear estranho pra caralho. Como eu disse, o infeliz levou a pior. Não me

espanta que ainda odeie Jayden King com o mesmo fervor de vinte anos atrás.

Eu o encontrei quando fui preso por traficar drogas. Foi logo depois que saí do reformatório. Tinha dezoito recém-completados. Eu estava fodido, meus parceiros todos tinham morrido nas mãos do sistema do caralho e ninguém nunca fez nada. Meu ódio por Mike só crescia e eu sabia que um dia viria cobrar a sua dívida. Mas vamos ser sinceros aqui, eu não era nada. Era lixo. Um bandidinho de merda de ponta de esquina. O homem que está na minha frente me deu o devido respeito e o incentivo financeiro que precisava para alavancar minha vida e mudar os rumos da minha existência patética. E ainda tinha a situação da minha irmã. Ela foi acolhida por uma família, uma *boa família* que o sistema indicou. Mas eles a quebraram. Ela foi estuprada, abusada por quem deveria protegê-la e eu precisava dar o troco a essa *boa* família. Rio internamente. Sim, nós demos o troco.

Que Deus os tenha. Ironizo-os. Duvido que o Criador queira ter qualquer coisa a ver com aqueles malditos filhos da puta! Eu suspiro, estendendo minhas pernas por baixo da mesa.

— O noivado foi anunciado. — eu digo, torcendo os lábios com desdém. Ele ri, seguindo meu exemplo. — Esperamos os pombinhos se casarem ou acabamos com sua felicidade agora?

Já estou perdendo a paciência. Ele insiste que devemos esperar. Esperar não sei mais o que, porra. É a hora. Nunca estivemos tão perto.

— O bastardo de Jay é mais ousado que o pai, não? — diz com nada mais que maldade brilhando nos olhos. — Uma princesa. O infeliz não se enxerga. — ele segura a ponte do nariz quebrado. — Não. Nós vamos deixá-lo se casar com a princesa. Nesse meio tempo vamos apertando o cerco, fechando o laço em seu pescoço até chegar o momento de estrangulá-lo.

Eu bufo e ele sorri, a risada assustadora até mesmo para mim que sou um bastardo tão doente quanto.

— Continue perto dele. Paciência. — rosna. — Eu não lhe dei tanto dinheiro e controle dos meus negócios em vão, porra.

Aceno a contragosto.

— O que vamos fazer por enquanto?

— Mantenha-o perto como vem fazendo. — ele me dá mais um sorriso doentiamente assustador. — Você sabe que toda a baboseira de manter os amigos perto e os inimigos mais ainda é a mais pura verdade. Jay nunca desconfiou de mim, exatamente por isso, sempre estive perto, fui o seu *irmão.* — seus olhos ficam ferozes nos meus. — Seja indispensável para o Mike. Apoie-o em tudo sem qualquer questionamento. Se aproxime mais e mais até não sobrar nenhum espaço que não esteja coberto. E o mais importante, ganhe a confiança da fodida princesinha. Ela é a chave, pelo que tenho visto deles nos últimos anos. — rola os olhos, parecendo com nojo. — O imbecil beija o chão que ela pisa. Vai ser tão fácil quanto tirar doce de criança. Nenhum dos dois verá o golpe chegando.

Ele espreme o cigarro no cinzeiro e acende outro. Ele não vai durar muito tempo fumando nesse ritmo. Não que eu me preocupe com a sua saúde. Não, longe disso. Eu ficaria mais do que feliz em ter o controle total de toda a sua fortuna e vê-lo comendo capim pela raiz, se é que me entendem. No entanto, ainda preciso dele e é só por isso que está vivo. No momento em que se tornar obsoleto para o meu esquema, o Sr. Carl Turner é um homem morto.

****

Antonella

Eu o olho conversando com Dam e os gêmeos animadamente do outro lado do salão de jogos. Um sorriso deslumbrado como de uma fã diante do

ídolo se espalha em minha boca. Estamos em um clima total de lua de mel desde a nossa viagem a Roma há uma semana. Aqui no palácio temos tentado manter o decoro na frente da família, mas assim que todos se recolhem, eu sou dele. Ele me tem de todas as formas, incansável e implacavelmente, todas as noites, seja em meu quarto ou no seu. Nos amamos com uma paixão tão intensa que é quase demais para assimilar. Eu não acreditaria se alguém me dissesse que vive esse tipo de ligação com outra pessoa. Transcende a relação carnal. É uma comunhão de pensamentos, desejos.

Uma comunhão de almas.

Como se me sentisse o observando, Mike levanta a cabeça e os olhos negros penetrantes encontram os meus. Uma ligeira contração sobe o canto direito de sua boca e meu corpo esquenta diante da beleza do rosto moreno. Meus mamilos endurecem contra o tecido da blusa de seda cavada. Uma promessa sensual e malvada está em suas íris escuras. Ai, *Dio*... Sorrio-lhe com atrevimento e giro, debruçando-me sobre a mesa de sinuca e me posicionando para acertar a tacada, mas ao mesmo tempo lhe dando a visão da minha bunda no shortinho solto que estou usando.

— Oh, você é *una principessa* tão má... — a voz brincalhona de Anna me faz sorrir. Ela e meus tios chegaram ontem para a homenagem que a fundação irá receber amanhã de uma importante instituição de caridade com sede em Ardócia. Meu pai e tios levam muito a sério o trabalho e sempre que possível participam dos eventos. Meu padrinho, a tia Cassie e os gêmeos chegaram hoje à tarde. — Vai ser castigada mais tarde, prima... — ela se inclina, sussurrando apenas para meus ouvidos. — Oh, espere, aposto que você *quer* ser castigada mais tarde pelos olhares nada comportados que está jogando para o dominador gostosão ali.

Minha risada soa mais alta que o normal. Qualquer outra garota falando assim me teria pronta para a briga, mas Anna é... Bem, Anna é *mia sorella*.

Além disso, não dá para tentar filtrar seus comentários espirituosos e maliciosos. Ela herdou isso de seu pai.

Isso me faz recordar as palavras de tio Dom ontem durante o jantar.

— Jesus, Leon! Sua conversa me deixou com sono. — ele bocejou, sorrindo debochado para o discurso do meu pai sobre não querer exposição na mídia antes do meu casamento. — Deixe os meninos viverem, irmão. Você está ficando cada vez mais rabugento, grande rei. — zombou. — Meu conselho é: não deixem de fazer nada por causa da mídia. Lembrem-se, sempre haverá um escândalo pior que o seu na sequência. — ele piscou para mim e Mike, provocando claramente o meu pai, que rosnou de volta. — E aí tudo fica bem.

Meu tio é uma figura. Eu e os outros rimos ao redor da mesa no salão Royal, onde fazemos nossas refeições em família. Amo o seu jeito divertido de ver a vida. Meu padrinho Jay é o mais protetor, mas quando éramos crianças e fazíamos algo errado, tio Dom nunca decepcionava. Sempre vinha com suas tiradas bem-humoradas e aliviava o clima, inclusive nos livrando de broncas colossais com nossos pais.

— Si, me lembro de como não deu a mínima quando nostros bambinos foram flagrados nus naquela festa de fraternidade, irmão. — papai bufa.

Tio Dom gargalha.

— Cara, pelo menos nossos moleques não passaram vergonha com seus equipamentos, huh? O DNA Di Castellani continua bem representado... — balançou as sobrancelhas com sua irreverência natural.

— Cristo. — meu pai torna a bufar, enquanto minha mãe tenta conter um sorriso a todo custo.

— Dom, amore mio... — minha madrinha murmurou com um aviso em seu tom. Mas estava lutando para não sorrir também. Meu tio a olhou com seus olhos verdes cheios de diversão.

— O quê, princesa? — sussurrou, inclinando-se e beijando-a na têmpora. — Estou no meu melhor comportamento, amor. — ele fez uma cara inocente. Minha madrinha meneou a cabeça e o beijou de leve nos lábios.

Meu sorriso está escancarado quando volto ao presente. É sempre assim quando papai e meus tios se reúnem. Mamãe diz que eles trocam essas *gentilezas* desde quando se encontraram pela primeira vez, há mais de vinte anos. Eu adoro vê-los juntos.

— Provavelmente, prima. — eu pisco, respondendo à sua pergunta anterior. Estou tão feliz em tê-la comigo, mesmo que seja apenas por três dias.

Eu miro uma das minhas bolas e dou a tacada. A pancada seca na caçapa indica que matei em um tiro limpo. Como Mike me ensinou. Aliás, como ensinou a todos nós, então é geralmente uma disputa árdua quando jogamos porque todos conhecem os truques sujos. Anna gargalha e faz um show de passar o giz na ponta de seu taco, seus olhos verde-escuros estreitando-se como se estivéssemos em um duelo faroeste. Eu rio.

— Oh, prima, você está muito distraída hoje. — ela se inclina e mira uma de suas bolas. — Observe e aprenda. — sua sobrancelha levanta e eu sei o que vai fazer. Antes de eu sequer concluir esse pensamento, ela atira, encaçapando três de suas bolas em uma sequência impressionante. Uau!

Eu reviro os olhos, fingindo afronta.

— Tão presunçosa, *principessa.* — resmungo e me posiciono para tentar matar pelo menos duas das minhas ou vou passar vergonha. Anna ri e apoia as mãos na ponta do taco, em seguida seu queixo segue o caminho e me observa como a boa competidora que é. Eu disparo, mas acerto apenas uma. A segunda rola, gira e para na boca da caçapa. Tento matar a última, mas não consigo.

Anna ri com vontade.

— Sorte no amor, azar no jogo, *principessa.* Você conhece o ditado. — diz divertida e em seguida incinera suas bolas, encaçapando todas impiedosamente.

Eu bufo. Eu dificilmente ganho dela. Está bem, eu nunca ganho dela, admito.

— Não é justo. Você sempre ganha. — eu reclamo como se fôssemos ainda adolescentes. Pego duas cervejas no minibar perto da sinuca e em um impulso me sento sobre a borda. Anna faz o mesmo quando pega a sua garrafa. Ela ainda não tem idade legal para ingerir bebidas alcoólicas. Não em público, pelo menos. Trocamos um sorriso cúmplice e tocamos nossas garrafas em um brinde mudo.

— Bem, isso deve ser porque prestei realmente atenção quando Mike me ensinava. — ela zomba, tomando um gole no gargalo.

Eu bufo mais. Ela está certa, no entanto. Eu nunca consegui pensar muito com Mike por perto, sobretudo, quando pressionava meu corpo por trás, sua virilha na minha bunda, sob o pretexto de ensinar a posição correta para o jogo.

— Culpada, prima. — digo nem um pouco envergonhada, tomando um gole da minha garrafa.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, apenas observando os rapazes com seus copos de uísque envolvidos em uma conversa profunda e baixa.

— Você sabe, ainda me deve alguns detalhes da viagem a Roma. — Anna fala depois de um tempo. — Na verdade, me deve detalhes desde que as sessões de amasso com Mike começaram, Ella. — sua cabeça gira para mim. Eu rio, balançando minha cabeça em negativa. Ela faz uma carranca. — Vamos, prima, não me negue isso. Sabe que minha vida sexual é inexistente. Eu vivo através de você. — ela se inclina, conspirando no meu ouvido: — Aposto que Mike é bem-dotado, hein? — aperto os lábios, lutando para não sorrir da sua indiscrição. — Vamos,

mostre um tamanho aproximado com as mãos, não precisa falar...

Dio mio! Eu gemo em descrença.

— *Cáspita,* Anna. — abaixo minha voz. — *Si,* ele é, huh... Grande... — confirmo sob pressão, meu rosto esquentando de vergonha.

Um sorriso satisfeito se espalha em seu rosto.

— Grande, tipo, ele é apenas bem servido em departamento de pau... Ou, puta merda! Ele é enorme! — Anna ri maliciosamente. Então, faz um barulho em sua garganta. Sua expressão ficando horrorizada. — OMG! Esqueça, Ella. Não responda a isso. Ugh! Ele é meu primo. Não quero saber esse tipo de coisa sobre meu primo mais velho. — balança a cabeça vigorosamente. — Não, não. Uh, próximo tópico, por favor.

Gargalho das suas loucuras.

— *Si,* você pode me contar como anda o curso de Árabe, por exemplo. — peço para mantê-la longe da minha vida sexual. — Se nada der certo, poderá trabalhar como guia turística no deserto do Saara, prima. — provoco.

Anna bufa e me mostra a língua. Ela adora aprender novas línguas e conhecer novas culturas. Herdou isso de minha madrinha.

— Você é uma péssima perdedora, Ella. Pare de me hostilizar porque perdeu na sinuca. — balança as sobrancelhas. — De novo.

É a minha vez de espichar a língua em sua direção. Nós rimos. Não é muito maduro, eu sei. Mas é uma coisa nossa. Quando estamos em família, protegidos pelos muros do palácio, é o único momento em que podemos ser nós mesmos, sem a pressão dos títulos em nossas costas.

— O curso está ótimo. — diz por fim. — Sabe que só comecei a fazê-lo por causa do carinha novo, né? — eu rio, recordando do seu novo colega no curso de Letras. O cara é de um país árabe que não recordo o nome no momento. Quem a vê assim, pode pensar que é uma namoradeira. Na

verdade, a imprensa a retrata exatamente dessa forma. Porém, nós, da família, sabemos que é apenas uma personagem que desempenha espetacularmente. O mais longe que chega em seus encontros é um beijo. Ela não estava brincando quando disse que não tem uma vida sexual. Não teve em dois anos. — Mas estou gostando verdadeiramente de aprender essa língua. Ah, e não vai acreditar. — diz em tom conspiratório. — Kalil é um príncipe.

— Uh, sério? — eu tomo um gole da minha cerveja.

— Seríssimo, prima. — toma um pequeno gole da sua também. — Ele é o segundo na linha de sucessão. Parece que seu irmão, o governante do país, é um verdadeiro tirano.

— Por que diz isso?

Ela rola os olhos.

— Acredita que o idiota proíbe o irmão de falar sobre sua ascendência e lembra o nome do país que Kalil havia me falado? — aceno apenas para concordar. Não me lembro. — Era falso. Tudo é falso, começando pelo nome que ele usa quando interage com os outros na universidade.

— Algumas nações levam as questões de segurança realmente a sério, Anna. É compreensível. Nós também temos nossas identidades falsas para casos de emergência. — eu a lembro.

Ela bufa.

— Você é tão certinha, Ella. — zomba e ri com sua irreverência. — Eu fiz algumas pesquisas, no entanto. Sabe que não resisto a um mistério. — balança as sobrancelhas.

— E?

Seu rosto cai, enquanto meneia a cabeça.

— Nada. — exala. — Você pode imaginar quantos Kalils aparecem em

uma pesquisa no Google? — meneio a cabeça. — Milhares, prima! Parece que esse nome no território árabe é como *John* nos Estados Unidos e *Giusepe* aqui na Itália.

Eu dou risada com sua comparação.

— Você parece bem interessada nesse, prima.

Ela sorri, mas nega com a cabeça.

— Não no sentido que está pensando. Nós nos tornamos amigos quando ele percebeu que não ia conseguir entrar em minha calça. — diz zombeteiramente. — Mas há algo sobre ele que me instiga, sabe? Não sei... Tem momentos que penso que o pobre foi exilado ou algo assim. Sinto uma tristeza sobre ele, não consigo explicar.

— Talvez ele vá compartilhar sua história em algum momento, Anna. — eu digo. terminando minha cerveja. — Pelo que já ouvi da cultura árabe, eles são um tanto reservados.

Ela acena, batendo sua garrafa vazia sobre a borda da sinuca.

— Sim, talvez tenha razão. — concorda. Então olha de relance para Mike e depois para mim. Pronto. Anna ataca novamente. — Falta tão pouco para ser a senhora... — ela franze o cenho. — Qual sobrenome irá usar, uma vez que Mike também leva o Di Castellani?

Eu rio sonhadora. *Si,* falta tão pouco. Minha mãe, tia Cassie e uma equipe contratada estão correndo contra o tempo para ter uma cerimônia digna da realeza, como meu pai faz questão. Consegui barganhar com Mike e ganhei mais um mês. Ele queria que nos casássemos tão logo as obras do museu terminassem. No novo arranjo, vamos nos casar duas semanas depois do aniversário de Dam.

— Concordamos que vou usar o *King Di Castellani.* — informo.

— Olhe só para a minha prima. — sua voz e olhar são suaves, com emoção. — Vai ser uma senhora casada em breve. Pelo andar da

carruagem, Mike vai colocar um bebê em você logo, logo.

Eu arfo. *Dio,* eu vou amar carregar os bebês dele em meu ventre. Contudo, ainda é cedo.

— Não estamos pensando em bebês, Anna. — digo suavemente. — Ainda é muito cedo para isso, prima.

Malícia enche sua expressão.

— Oh, certo. Fique apenas com as rodadas preparatórias por enquanto, *principessa*. — pisca-me com cumplicidade.

Ela é impossível.

Mike

O coro de aplausos e risos irrompe para o discurso sempre autêntico e bem-humorado de tio Dom. O rei e meu pai já fizeram uso do microfone no pódio antes dele. O salão de eventos do Palazzo hotel, no centro de Ardócia, está abarrotado de nobres, empresários e até mesmo alguns artistas locais. Estamos em mais uma das muitas homenagens que os criadores da Fundação Príncipes Di Castellani têm recebido ao longo dos anos. Embora todos nos envolvamos com os assuntos da instituição, sua gestão fica a cargo do palácio. Meu tio esteve à frente desde a sua criação há mais de vinte anos, mas recentemente passou a responsabilidade maior para o príncipe herdeiro.

Dam é o último a discursar. Ele é firme e pontual como sempre. Meu primo não é do tipo que perde tempo com floreios. Seu discurso é breve e então, o jantar está liberado em seguida. Nossa mesa é a maior, perto do palco. Nossos seguranças e os agentes secretos estão misturados estrategicamente entre os convidados, como é de praxe em eventos onde aparecemos em massa. Comemos, conversando animadamente. Ella está ladeada por mim e Anna. Elas sempre sentam juntas para colocar as confabulações femininas em dia.

Estendo a mão direita por baixo da mesa e seguro sua coxa nua através da abertura do longo verde que está usando. Sua cabeça gira, os olhos verdes enormes em expectativa para mim. Seu cabelo está preso em uma trança sofisticada e uma pequena tiara adorna o centro da cabeça. Estendo a mão, tocando a sua coleira de brilhantes. Essa é estreita, delicada, acima de qualquer suspeita. Ela ofega, lutando para manter a compostura diante de nossa família. Ela me prometeu que hoje a teria nua, de joelhos, usando apenas a tiara e minha coleira. Pego sua mão direita e beijo o anel. Seu olhar derrete no meu. Ouço o risinho de Anna do nosso lado e uma limpada de garganta que tenho certeza, é de Dam. Rio e Ella também. Nossos olhos conversam fazendo promessas pecaminosas para mais tarde. Eu me inclino e a beijo suavemente nos lábios. O rei está fazendo o seu melhor para não fechar uma carranca quando olho a cabeceira da mesa. Tia Júlia tem um sorriso e um olhar ternos em nossa direção.

Após o jantar, tomamos champanhe ouvindo a música suave da orquestra e a conversa animada entre tio Dom, meu pai e o rei. Eu não perco essas disputas por nada. Meu tio é uma tremenda figura.

— Irmão, você perdeu massa corporal, ou é só impressão minha? — tio Dom pergunta com uma cara séria para o meu pai. Quem não o conhece até pode pensar que é uma conversa normal, preocupação fraterna. Eu rio quando meu velho range os dentes para o meu tio, sabendo que vem zoação por aí. — Me diga, Cassie. — ele dirige o olhar para minha mãe, que sorri ressabiada. — Ele tem estado mais irritadiço que o normal? Fatigado?

— Não, Dom. — ela ri, acariciando o braço do meu pai.

O sorriso no rosto do tio se transforma em pura provocação.

— Tem certeza? — abaixa a voz. — Não tem notado diminuição do desejo sexual ou até mesmo disfunção erétil? — minha mãe engasga, seu rosto ficando vermelho. Meu pai rosna e tio Leon sorri. Ele sempre sorri

quando não é o alvo das provocações do irmão do meio.

— Papai! — Anna o chama, mas está sorrindo com adoração para a irreverência do pai.

Ele olha a filha e lhe dá uma piscadinha cúmplice.

— Dom, *per Dio*, onde está indo com isso, *amore mio?* — tia Helena intervém, não escondendo a diversão pela ousadia do marido.

— É, idiota, onde está querendo chegar com isso? — meu velho atira-lhe um olhar que você pode jurar que vão se pegar em seguida.

Tio Dom sorri mais, sem se abalar com a expressão ameaçadora do meu pai.

— Irmão, estou apenas preocupado que a andropausa tenha chegado para você... — ele diz e a mesa inteira explode em risadas, menos meu pai, claro.

— Fale por si mesmo, seu bastardo. — meu velho resmunga. — Não sei como Helena o atura todos esses anos.

Meu tio gargalha com vontade.

— Quer dançar? — sussurro no ouvido de Ella, sorrindo quando sua pele arrepia. — É o nosso primeiro evento oficial aqui na Ilha. Eu não acho que desfilei com a minha noiva o suficiente ainda.

Um sorriso lindo se abre na boquinha vermelha.

— Eu não acho que desfilei com o *meu* noivo o suficiente também. — seu tom tem uma borda possessiva que sacode o meu pau para a vida. Amo sua submissão, mas sua veia possessiva me excita na mesma medida.

Eu me levanto, pedindo licença à mesa e estendo-lhe a mão. Ella a segura e se levanta majestosamente. Andamos assim em direção à pista de dança, como um casal em uma corte séculos atrás. As pessoas vão se desviando do nosso caminho, dando-nos tanto espaço que chega a ser

ridículo. Sempre detestei essa parte da porra do protocolo real. Eu a puxo pela cintura quando paramos no centro do salão e as pessoas começam a dançar novamente.

— Você sempre detestou essa parte. — ela sorri, lendo-me fielmente.

Sorrio e a giro suavemente uma, duas vezes, trazendo-a de volta em um abraço gostoso. Suas mãos sobem pelo meu peito e se cruzam em minha nuca. Balançamos nos olhando nos olhos.

— Aquela parte sim. — murmuro bem próximo da sua boca. Não vou beijá-la aqui em público. Quero apenas provocá-la. Nós dois gostamos de começar o jogo de sedução muito antes de irmos para a cama. — Essa parte aqui, eu amo. — sorrio sacana espalmando minha mão na parte baixa de suas costas e uso o ritmo da música como desculpa para esfregar meu pau nela.

Ella ofega e sorri também. Toda atrevida, safada. Uma fêmea confiante no seu poder de atração para seu macho.

— Eu amo particularmente a parte seguinte, meu senhor... — sussurra, esfregando os peitos discretamente contra o meu tórax. Eu rosno baixo.

Eu a giro para longe e a trago de costas contra o meu peito. Porra, meu pau se encaixa perfeitamente no meio da bundinha dura, jovem, firme.

— Gostosa... — sussurro em sua orelha, tomando cuidado para não dar pinta de que estou dizendo sacanagens em seu ouvido. Deposito beijos suaves atrás da orelha, descendo pelo pescoço. Aos olhos do público, nada anormal. Entretanto, meu pau totalmente duro, moendo sutilmente em sua bunda, é outra história. — Sempre quis fazer isso quando dançávamos nesses eventos tediosos.

Ella ri, virando o rosto para o meu. Meus braços rodeiam sua cintura e nos movemos lentamente, no nosso próprio ritmo.

— Eu também, *amore mio.* — choraminga, seus olhos verdes muito

dilatados. Não vou demorar a levá-la de volta ao palácio. — Eu morria para sentir seu corpo inteiro como estamos fazendo agora.

— No Natal, eu quase gozei na calça quando dançamos, boneca. — eu rosno e ela sorri alto, quebrando alguma regra enfadonha sobre o decoro da realeza não poder gargalhar em público. Algumas pessoas perto nos olham, curiosos.

— Bem, o que posso dizer, eu me toquei quando nos recolhemos. — Diz simplesmente e eu ranjo os dentes, imaginando-a se tocando para mim. — Depois fui ao seu quarto. Eu precisava de algum alívio ou pularia em cima de você.

Eu rio perverso, roçando meu nariz no seu.

— Eu amo esse jeitinho atrevido, princesa.

Um gemido baixo escapa da sua boca para a minha.

— Eu quero você. — sussurra.

Eu gemo e a empurro, girando-a de frente. Nos encaixamos de novo, bem juntinhos.

— Você me tem, boneca. — digo, roçando minha boca na sua na nossa provocação gostosa. Eu me esfrego em sua barriga. Ela arfa. — É tudo seu. Tudo para a minha boa menina. — digo com indulgência. — Cada centímetro até o fodido talo é seu.

Isso a deixa insana, muito excitada. Minha boneca adora ouvir sacanagens, ser degradada. Dançamos mais duas músicas e fazemos nosso caminho de volta. Avisto Dam dançando com a doutora Moretti. Meu primo me confessou que traçou a doutora na selva amazônica quando ficaram perdidos só os dois. Ela tem um noivo, que também é médico da fundação. Isso enfureceu Dam. Ele não tem um bom histórico sobre confiança no sexo feminino. Franzo o cenho quando os vejo encerrando a dança. Dam sai por uma das portas laterais e some de vista. Qual foi a

minha surpresa quando Isadora o segue. Santa Mãe! Ele ainda está comendo a boa doutora. Eu corro o olhar pelo salão à procura do noivo. Ele está conversando animadamente e sorrindo com um casal mais velho, totalmente alheio ao fato de que sua noiva deve estar com a calcinha nos tornozelos nesse exato momento, sendo fodida por ninguém menos que o príncipe herdeiro.

Alcançamos nossa mesa e nos sentamos. Anna não está. Nem os gêmeos. Uma olhada para o salão me confirma que estão dançando. Anna está com um de seus sorrisos artificiais colados no rosto para um marquês não sei das quantas. Eu nunca fiz questão de guardar os nomes de todos esses nobres irritantes. Ella toma água para se refrescar e eu uma dose de uísque. Continuo olhando em volta e vejo o franguinho do duque com o olhar cravado em Ella. Ele está com os seus outros irmãos. Suas posturas esnobes como eles fossem a verdadeira realeza aqui. Seu olhar desvia e se fixa no meu. Eu levanto meu copo de uísque em saudação. O infeliz torce a boca em desdém, mas acena bruscamente antes de virar as costas e sair em direção ao bar. Eu bufo. Duquezinho de merda. Meu pai e tios estão conversando sobre negócios agora. Eles parecem alegres em estarem juntos. Não que eles vão admitir isso em voz alta. Mamãe e minhas tias também estão colocando o papo em dia. Eu rio internamente, observando a dinâmica na mesa. Estou pronto para anunciar que eu e Ella estamos de saída, quando meu celular zumbe no bolso do meu smoking.

Eu o retiro e olho o visor. Franzo o cenho vendo um número desconhecido. Essa linha é privada. Apenas minha família a tem e pouquíssimas pessoas na King’s. Atendo e levo o aparelho ao ouvido, mesmo sabendo que esse não é o protocolo. Nossos seguranças e o Serviço Secreto nos aconselham a não receber chamadas de números desconhecidos. Desde pequeno eu ouço essa ladainha. Primeiro escuto uma respiração pesada do outro lado da linha.

— Alô? — digo, tentando não chamar a atenção da mesa. Nova

respiração, mas nada de resposta. Então, a linha cai.

— Quem era, amor? — Ella pergunta.

Antes que responda, o celular recomeça a tocar. Eu me levanto.

— Já volto, amor. — aviso, dando-lhe um selinho rápido e saio pela porta mais próxima para um terraço. Atendo novamente. — Ouça, você não sabe com quem está brincando, porra. Se identifique ou o Serviço Secreto o fará por você.

Silêncio do outro lado. No entanto, sei que quem quer que seja ainda está na linha. A respiração pesada é alta.

— Me encontre amanhã no hotel Bianchi. — uma voz de homem soa finalmente. Nunca a ouvi antes, disso tenho certeza.

— Que porra é essa? Quem está falando? — eu ranjo.

— Alguém que descobriu coisas por acaso. — o cara parece atormentado. Não, aterrorizado é a palavra.

— Quem é você? Se isso for uma maldita brincadeira vai se arrepender. — ameaço.

— Não, não é uma brincadeira. — nega rapidamente. — Ouça, sou Fábio Angliotti, colunista do Jornal de Ardócia. Eu descobri coisas muito sérias sobre pessoas ligadas a você. — ele suspira alto. — Hotel Bianchi, quarto 519. Venha sozinho ou nada feito.

— E como terei certeza se é mesmo quem diz ser? — rosno.

— Você terá de pagar para ver, príncipe Mike. — ele diz com certa ironia. — As pessoas que estão atrás de você. — seu tom fica mortalmente sério. — São muito perigosas. *Dio*, eu nunca imaginei no que estava me metendo quando aceitei postar a notícia sobre você e a princesa.

Meu sangue gela com suas palavras atropeladas. Então tem mesmo algum filho da puta atrás de mim. Meu pai estava certo o tempo todo.

— O que você descobriu? Diga quanto quer pela maldita informação! — eu brado porque sei que ele não me ligou por ser bonzinho.

Ele bufa.

— Deve ser bom pra caralho não precisar se preocupar com dinheiro nunca mais em sua vida, não é? — sua voz adquire um tom de despeito e inveja. — Para um garoto que saiu das ruas você se saiu bem demais, companheiro.

Eu ranjo os dentes. Isso não é novidade, pessoas se roendo de inveja porque sou um produto das ruas que deu certo. Eu e meu pai somos, aliás.

— Não sou seu companheiro. Agora, dê o seu preço, porra! — cuspo com raiva.

Ele sorri do outro lado.

— Eu volto a ligar marcando o horário que deve vir até mim. *Ciao*, alteza. — diz e a linha fica muda em seguida.

Que porra é essa? Eu fico olhando para o meu celular com o cenho franzido. O sujeito disse que descobriu coisas de pessoas ligadas a mim. Pessoas perigosas, recordo suas palavras. Que coisas? De quem? Uma sensação ruim se instala na boca do meu estômago.

O que, em nome de Deus, está acontecendo?

Em algum lugar...

Ela

Ele enfia o pau asqueroso até a minha garganta sem qualquer consideração e eu deixo. Quero vomitar em cima desse monstro, mas não posso. Tenho que ser a *namorada/sub* perfeita ou meu disfarce será descoberto. Eu sugo com mais força e aperto suas bolas do jeito que o psicopata gosta. Sou recompensada com o fim do meu suplício quando o esperma viscoso inunda a minha boca. Mais uma vez tenho que reprimir o

reflexo de vômito e engulo tudo. O imbecil rosna, geme, puxando meus cabelos, quase me escalpelando.

Filho da puta dos infernos!

— Querida, que boquete imbatível, porra. — ele diz com um sorriso jocoso, liberando finalmente meus cabelos e eu respiro aliviada, mas ainda continuo no chão de cabeça baixa. É como ele gosta. Submissão total. E eu vou lhe dar tudo. Tudo para encontrar a minha irmãzinha. Tudo valerá a pena se eu conseguir pegar esse traficante de mulheres e assassino frio.

Oh Deus, permita-me encontrá-la viva. Por favor, eu imploro. Mostre-me onde ela está. Aonde esse monstro a levou? Onde, Deus?

O barulho de saltos no mármore faz minha coluna retesar. Apenas uma pessoa ousa invadir a privacidade *dele* sem se anunciar: sua irmã, igualmente psicopata. Ouço o tilintar de gelo no copo. Ele está se servindo do uísque caro financiado pelos negócios escusos que administra. Ele é um homem bonito, charmoso quando quer. Em outro momento, seria o tipo de cara que me faria tremer os joelhos. É moreno, alto, imponente. Mas a maldade emana dele quando olhamos fixamente em seus olhos. Eu nunca vi uma pessoa com uma aura tão sinistra... Eu quase bufo. Certo, há apenas outra pessoa tão sinistra quanto ele – a irmã. Uma cadela louca e totalmente fora de controle. O pior de tudo é que é dissimulada ao extremo. Ninguém diria que é uma psicopata perigosa com um número considerável de mortes nas costas. Mortes com requintes de crueldade, devo acrescentar. Ela bebe, literalmente bebe sangue humano. Sim, é macabro para dizer o mínimo.

A primeira vez que a vi fazendo isso foi com um segurança do irmão que falhou em protegê-lo e ele quase foi emboscado por um inimigo da máfia russa. Ela cortou seus pulsos e sugou o sangue do homem. Quando estava satisfeita, ela o deixou sangrar até a última gota no chão dessa mesma sala, enquanto bebia uísque junto com o irmão. Uma cena que

nunca serei capaz de esquecer. Desde que fui obrigada a me infiltrar aqui quando minha irmã caçula sumiu há cinco anos, já vi de tudo. Mas a cena macabra da louca se alimentando de sangue humano, como uma maldita vampira, chocou-me até os ossos. Entretanto, foi bom ter presenciado isso porque me deixou sempre em alerta. Saber que estou lidando com dois loucos sem qualquer humanidade neles me mantém determinada a mandá-los para a prisão por cada um dos seus crimes. E farei isso. Nem que leve o meu último suspiro, eu os farei pagar.

— Oh, eu não sabia que sua cadela de estimação estava aqui, irmão. — há um riso insidioso na voz da vadia.

Ele ri, mas bufa em seguida.

— Ela é minha namorada, irmã. Pensei que já tivesse deixado isso claro. — há uma nota de insatisfação em seu tom e não sei se me alegro por ele confiar em mim a ponto de me defender dela, ou se fico em pânico por sua defesa me colocar sobre o olhar ciumento e invejoso da mulher. Já temos uma animosidade pelo fato de ambas termos sido subs regulares de Mike no clube que todos somos sócios. Eles se associaram para se aproximar e pegar Mike. Eu entrei para me aproximar deles e fazê-los pagar por todo o mal que causaram e ainda estão causando a centenas de meninas inocentes, vendidas como brinquedos sexuais. — Trate-a com respeito. — ele adverte.

Ela ri. Gargalha com vontade. Permaneço de cabeça baixa, meus punhos se fechando por conta própria. Respiro profundamente para manter a calma necessária e não voar nela. Não, isso arruinaria tudo. Todo o meu progresso. Está perto. Muito perto de ver cada um deles ir para o inferno!

— Não vou respeitar a puta apenas porque está mergulhando seu pau regularmente nela, irmão. — zomba.

É a vez de ele sorrir sinistramente.

— Você está com esse humor de merda desde que seu queridinho

anunciou oficialmente o noivado com a princesinha. — ouço algo sendo atirado na parede e ele ri mais, gostando de provocar a maluca da irmã. — Aquela bocetinha jovem deve ser tão apertada... Uma virgem até pouco tempo... — ele geme baixo. — Porra, meu *velho amigo* deve estar se esbaldando, hein?

Vidros quebrando é o som que escuto pelos próximos minutos e a risada jocosa dele. Não sei qual deles é o mais louco em momentos como esse. Ou talvez eu também seja louca por me meter com eles. A imagem da minha irmãzinha surge em minha mente. Eu fecho os olhos, reprimindo um soluço com a dor em meu peito. Não, eu não sou louca. Longe disso. Sou apenas uma mulher que dedicou anos de sua vida para encontrar e trazer sua irmã de volta. Uma mulher que está dando tudo de si, sem reservas, para levar os criminosos responsáveis a julgamento.



CAPÍTULO SETE

Mike

Eu entro no hotel e me misturo com os transeuntes. Pego o elevador de serviço para não chamar atenção dos hóspedes e sigo para o quarto 519. O repórter me ligou hoje de manhã marcando o nosso encontro para as seis da tarde. Puxo meu boné de beisebol e abaixo a cabeça quando saio no corredor acarpetado. Sei que não estou agindo de acordo com o protocolo real. Em casos assim, devemos informar imediatamente o Serviço Secreto e eles tomam à dianteira. Mas não quero espantar o homem para longe. Ele deve ser esperto se conseguiu se manter sob o radar dos agentes até o momento.

Paro diante de sua porta. O corredor está milagrosamente vazio e agradeço por isso. Eu bato duas vezes. Passam-se alguns minutos e nada. Eu franzo a testa e bato novamente, deixando minha impaciência sair nas pancadas. Aguardo e nada. Porra, onde está esse fodido? Será que estava brincando comigo? Eu ranjo os dentes, começando a ficar irritado por ter sido aparentemente enganado. Então me afasto da porta, cogitando voltar pelo mesmo caminho. Na verdade, chego a mudar o passo, no entanto, algo estala em meu cérebro e eu volto. Segurando a maçaneta da porta, giro e para meu espanto está destrancada. Contrariando todo o bom senso, eu a estendo aberta e entro. O quarto está banhado pela escuridão. Eu paro,

forçando minhas vistas a absorverem o máximo que consigo identificar ao redor. Quando me acostumo com a pouca iluminação, vejo gavetas jogadas no chão e papéis espalhados pelo quarto inteiro. Isso e o barulho do chuveiro ligado me deixa ainda mais em alerta. Ouço o barulho da água escorrendo, a sensação de que algo não está certo nesse cenário começa a me bater.

Os pelos da minha nuca levantam e eu levo imediatamente minha mão para minhas costas e pego a Glock 9mm que enfiei no cós da calça. Sim, eu vim armado, não sou nenhum idiota de vir de mãos abanando encontrar um cara que não sei de que buraco saiu. Avanço pelo quarto em direção ao banheiro, meus olhos agora familiarizados com a pouca iluminação. A porta está entreaberta. Empunho a arma firmemente e empurro a porta aberta com o pé e quase sou derrubado pelo impacto da cena diante de mim. Jesus Cristo! O homem, que suponho ser o repórter, está dentro da banheira, sua garganta cortada profundamente, sangue jorrando como uma torneira quebrada, tingindo a água de vermelho. Pânico total me inunda quando penso que quem quer que tenha feito isso pode ainda estar nesse quarto.

Porra! Não devia ter vindo sozinho. Mesmo receoso pra caralho, volto para o quarto e escancaro cada porta que encontro. Nada. Olho em direção à janela, vendo a cortina balançando com a brisa. Corro para lá. Caralho! Impossível alguém fugir por aqui. É muito alto. Confiro dos lados, você sabe, lembrando-me de filmes de espionagem onde os bandidos fazem merdas impensáveis como saltar de prédios, mas não há nenhum filho da puta pendurado nas paredes do lado de fora. Balanço minha cabeça em frustração e volto para o banheiro apenas para confirmar que o cara já era. Os olhos estão esbugalhados, a boca aberta, o odor metálico do sangue é forte, embrulhando-me o estômago.

Passo uma mão pelo rosto, agoniado, sem saber o que fazer. O que ele havia descoberto? Morreu por isso, pelas coisas que descobriu?

Provavelmente. Continuo olhando o infeliz morto na banheira. O que descobriu morreu com ele. Santa Mãe de Deus, quem é a maldita pessoa por trás disso tudo? Pergunto-me, minha mente em branco. Eu não tenho uma ínfima ideia de quem possa ser. Estou no escuro, literal e figurativamente.

— Polícia! Parado! — porra! Eu me assusto ao ouvir o comando vindo do lado de fora do banheiro. Eu giro a cabeça tão rápido que tenho medo de ter quebrado o maldito pescoço. Um policial está lá apontando sua arma para mim. — Solte a arma e coloque as mãos atrás da cabeça! Agora!

Merda, isso só piora. Eu exalo asperamente e coloco a arma no chão, levantando as mãos para a cabeça.

— Venha para fora. — o agente instrui em voz autoritária. Eu bufo, mas faço o que ele diz. — Retire o boné, devagar. Não tente nenhuma gracinha ou eu atiro. — eu ranjo os dentes e retiro o boné. Seus olhos ampliam quando me reconhece. — Príncipe Mike?! — franze o cenho, abaixando a arma imediatamente.

— Príncipe Mike?! — mais vozes exclamam e eu vejo dois agentes no meio do quarto.

— Posso abaixar as mãos? — pergunto mais brusco do que gostaria, a situação toda me deixando muito irritado.

— Claro, alteza. — os três dizem em uníssono.

— Perdoe-me, meu senhor, eu não o reconheci. — o primeiro agente se desculpa, seus olhos não encontrando os meus.

— Tudo bem, você só está fazendo o seu trabalho. — suspiro, relaxando um pouco. — O que fazem aqui?

Os outros dois limpam as gargantas e eu os olho.

— Eu acho que a pergunta é: o que sua alteza está fazendo aqui? — o mais robusto deles fala, franzindo a testa.

Merda. De onde eles estão observando parece altamente suspeito.

— Fábio Angliotti me ligou ontem. — decido abrir o jogo. — Estava muito nervoso, alterado. Deu a entender que o pagaram para soltar a calúnia sobre a princesa Ella e eu na imprensa.

— Quem o pagou? — o policial pergunta.

Eu bufo. Não é o trabalho do Serviço Secreto descobrir isso? Penso sarcasticamente.

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares, oficial. — não resisto à ironia. — Ele disse que descobriu coisas muito sérias sobre pessoas próximas a mim. Por isso, concordei em vir encontrá-lo. Cheguei tarde demais, porém. O homem está morto na banheira, lá dentro. — inclino o queixo em direção ao banheiro.

Uma série de palavrões em italiano se sucede e eles passam por mim entrando no banheiro. Eles ficam lá algum tempo, chamando reforços pelo rádio. Eu quero ir embora, mas desconfio de que terei ainda algumas perguntas a responder. Você não fica livre facilmente ao ser encontrado na cena de um crime, porra. Exalo alto. Ella está reunida com a organizadora do casamento e eu aproveitei sua distração para me esgueirar até aqui. Lamento essa decisão cada vez mais. Os agentes reviram tudo e recolhem os papéis espalhados no chão dentro de um saco. Cerca de vinte minutos depois, o corpo deixa o quarto dentro de um assustador saco preto. Eu me sinto dentro de um episódio dessas séries policiais que Lucas e Samuel tanto gostam.

Os três agentes se viram e suspiram alto. O mais encorpado retira um maço de cigarros de dentro do bolso da jaqueta. Acende um e passa o maço para os outros. Eles fumam me encarando em silêncio por alguns instantes.

— Precisamos tomar seu depoimento, alteza. É o protocolo. — o encorpado fala. Desvio a vista para o bolso de sua jaqueta onde está

escrito: Falconi. Olho a identificação dos outros: Cesario e Benini.

— Eu sei, agente Falconi. Por isso ainda estou aqui. — digo, tentando não denotar minha impaciência na voz.

Agente Cesario estreita os olhos em mim e joga o cigarro no chão, esmagando-o com sua bota. Pega seu celular e mexe na tela, ativando um gravador, eu acho.

— O que o trouxe até esse quarto de hotel, príncipe Mike? — pergunta em tom monótono de quem fez isso um milhão de vezes e a merda se tornou banal demais para ele.

Eu rolo os olhos, mas repito tudo que já havia dito.

— Chegou a encontrar Fabio Angliotti com vida, sua alteza? — Falconi pergunta.

Estreito meus olhos nele.

— Acabei de falar, pela segunda vez, que cheguei tarde. — eu meio que rosno. — Já o encontrei morto.

Ele acena. Benini assume.

— Por acaso carrega mais alguma arma, príncipe Mike? — seus olhos escuros seguram os meus, deixando claro sua suspeita. Ele acha que posso ter matado o repórter. Cerro meus punhos, descontente comigo mesmo por me meter nessa confusão. Eu devia tê-los chamado tão logo Fábio me contatou.

— Uma faca, navalha, canivete ou qualquer merda que possa ter cortado a porra da garganta daquele homem? — ranjo os dentes, não me importando em disfarçar a raiva em meu tom nesse momento. O agente acena, enquanto os outros limpam as gargantas desconfortavelmente. Eles também não estão à vontade em ter que me interrogar, mas é o trabalho deles. Não posso culpá-los por fazer seu fodido trabalho, porém, não consigo refrear o sarcasmo. — Claro, porque seria muito inteligente da

minha parte matar o único cara que conhecia quem está tentando me foder. — os agentes apertam as mandíbulas, claramente não gostando da minha resposta. Bem, foda-se! — Não, senhores, eu trouxe apenas a minha Glock, que como já verificaram, não disparou nenhum tiro. — completo rispidamente.

Eles suspiram e acenam. Agente Cesari encerra a gravação. Eu respiro aliviado, mas suas próximas palavras me colocam sob nova tensão.

— Vai precisar olhar para todos os lados atentamente a partir de agora, meu senhor. — seus olhos ficam mais incisivos. — Todos os círculos que frequenta precisa passar por uma inspeção rigorosa. — ele suspira e diz em tom mais baixo. — Inclusive o clube BDSM do qual é sócio em Londres.

O quê?! Meus olhos arregalam. Porra, como sabem sobre isso? O homem ri, provavelmente apreciando me pegar desprevenido.

— *Si*, nós sabemos de todo e cada passo da família real, alteza. — diz com um toque de arrogância. Ele parece um pavão abrindo suas asas nesse momento. — Nada passa despercebido pelo Serviço Secreto.

Eu quase bufo.

— Exceto a identidade da pessoa que está querendo claramente me aterrorizar, você quer dizer? — alfineto-o para esvaziar seu ego um pouco.

Seu cenho se fecha. Eu seguro um sorriso.

— Como acha que chegamos até esse quarto, sua alteza? — Falconi entra na conversa, seu tom respeitoso, mas duro. Ele não gostou da crítica. — Localizamos Angliotti há uma semana.

— Congratulações! Por que Dam e eu não fomos informados sobre isso? — pergunto no mesmo tom duro.

Ele sorri meio irônico.

— O Serviço Secreto não leva esse nome à toa, príncipe Mike. — seu

tom é condescendente. — Há detalhes que não podemos revelar antes de concluirmos uma investigação, ou isso pode vazar e dificultar a nossa ação.

Aceno, concordando a contragosto.

— Temos varrido a vida de Angliotti nos últimos dois anos. Cada contato, cada pagamento recebido. — ele diz, torcendo os lábios.

— E? — inquiro com expectativa.

Seu semblante cai.

— Nada. — exala, puxando a touca que cobria sua cabeça raspada. — Estamos quebrando o sigilo de todas as contas de e-mail, mas quem quer que o tenha usado para plantar a notícia falsa, teve um cuidado exagerado em não deixar pistas. Meu palpite é que devem ter pago a transação em dinheiro vivo. Não há depósito suspeito. Nenhum rastro, nem mesmo uma única ligação de merda.

Eu quase rio. O homem está frustrado também. Com razão. Afinal, o todo poderoso Serviço Secreto tem uma reputação a zelar e não tem impressionado ninguém nesse caso até o momento.

— Meu casamento está se aproximando. — eu digo, ficando cansado desse jogo fodido de esconde-esconde. — Não quero ficar preocupado em levar um tiro ou coisa pior quando chegar o grande dia e o mais importante, não posso permitir que algo ameace a segurança de Ella.

Eles emitem sons de desagrado.

— Não vamos deixá-los expostos, alteza. A segurança da princesa é primordial para nós também, fique tranquilo. — Falconi diz em tom de defesa.

— Eu sei que sim, mas entenda que está ficando cada vez mais difícil não me preocupar. — enfio a minha Glock novamente através do cós da calça nas minhas costas e me preparo para sair. — Estou liberado,

suponho?

O agente acena, franzindo o cenho. Começo a me afastar em direção à porta.

— O príncipe Jayden conversou com alguns de nós ontem. — a voz de Falconi me para e eu me viro para encará-los de novo. — Seu pai acredita que pode ser alguém do seu passado, do período em que esteve nas ruas. — eu franzo o cenho.

Meu velho também está encucado com isso e ele é osso duro quando cisma com alguma coisa.

— Das ruas? Mas isso já faz tanto tempo... — murmuro, sem querer ir por essa linha de raciocínio.

— Talvez sim, talvez não. — ele diz enigmaticamente. — Há pessoas maquiavélicas que são capazes de esperar uma vida inteira se for preciso para executar uma vingança. Acredite em mim, príncipe, já vi coisas que *Dio* duvidaria.

— Vingança? — franzo a testa, atordoado. — Porra, não consigo pensar em ninguém do meu passado que me odeie tanto a ponto de esperar vinte anos... — eu paro abruptamente, imagens borradas surgindo na minha cabeça, vindo de um canto da mente há muito não acessado. Um rosto e olhos castanhos cruéis me fuzilando.

Nunca cometa o erro de pensar que não irei atrás de você. Irei persegui-lo até o inferno!

Eu pisco e sacudo a cabeça para parar o fluxo de imagens de um passado tenebroso que fiz de tudo para esquecer. Um nome vibra em minha mente: *Tony*.

Tony? Eu testo o nome na minha cabeça. Sim, era esse o nome daquele filho da puta metido a valentão. Era o chefe da gangue a que estive ligado antes de ser salvo pelos meus pais. Pode ser ele? Pergunto-me incrédulo.

Não, não. Recuso a ideia, atordoado. Tony era apenas um bandidinho medíocre de rua. Não tinha onde cair morto, o infeliz.

Eu entro no meu quarto alguns minutos depois e sigo direto para o banheiro. Tomo uma ducha fria para lavar todos os acontecimentos da última hora da minha mente. Fico debaixo do jato potente, pensando e pensando. Disse aos agentes que havia um garoto mais velho do que eu na época que vivia nas ruas, e que ele era o líder sádico da pequena gangue. Forneci o máximo de informações, quero dizer, o máximo que consegui lembrar depois de vinte anos e saí em seguida. Aquele quarto estava ficando asfixiante.

Fecho o chuveiro e saio, enrolando uma toalha na cintura. Quando volto para o quarto, fico surpreso ao encontrar Dam. Ele está em pé segurando uma das minhas fotos com Ella sobre a lareira.

— Vá invadindo, primo, por que não? — eu zombo e ele me olha por cima do ombro, um sorriso arrogante curvando sua boca. — E se eu estivesse com a minha noiva? — alfineto.

Seu rosto se fecha, os olhos estreitando. Sorrio.

— Não abuse da sorte, primo. — grunhe. — Foi estúpido ir àquele hotel sem proteção, Mike. — emenda, não perdendo tempo com conversa fiada. Direto como sempre, o bastardo.

— Sim, mãe. — resmungo e me viro indo para o meu closet, ouvindo seu rosnado às minhas costas. Procuro algo requintado, mas casual para vestir. Eu me decido por um jeans escuro, camiseta cinza chumbo e sapatos pretos italianos. Marcamos de jantar no restaurante do Hotel Cassino. Meus pais retornaram para Londres pela manhã, mas meus irmãos ainda estão aqui. Tio Dom e tia Helena também voltaram para Nova Iorque, Anna ficou para trás, porém. Tem um tempo que não saímos juntos e resolvemos ter um momento *primos,* como Anna chama nossos encontros. Termino de puxar a camiseta por cima da cabeça, ajustando as

mangas nos antebraços. Penteio o cabelo, usando um pouco de gel para fixar os fios para trás. — Os agentes já o colocaram a par de tudo, pelo visto? — digo, borrifando um pouco de perfume. Seleciono uma das muitas jaquetas que Ella me presenteou ao longo dos anos. A boneca gosta de me ver usando couros. Essa é preta e tem um corte mais sofisticado. Jogo-a por cima da camiseta, saindo para o campo de visão de Dam. Ele está recostado à lareira, um pé cruzado sobre o outro, mãos enfiadas nos bolsos. A postura aparentemente relaxada só é arruinada pelo cenho franzido.

— *Si.* — exala devagar. — Essa situação está se apresentando muito mais perigosa do que supomos a princípio. — ele me olha fixamente. — Duas mortes, Mike. Tudo indica que é o mesmo assassino. — eu aceno com um nó na garganta. Estava com medo de verbalizar isso. Um assassino. Um assassino que pode estar atrás de mim. Porra! — Tio Jay acredita que pode ser alguém do seu passado, primo.

Uh, parece que meu velho andou compartilhando sua suspeita com todos, menos comigo. Eu sorrio levemente ao me recordar o motivo disso: Ella. Nós não nos desgrudamos ultimamente. Acho que ele não quis trazer esse assunto desagradável para não ofuscar nossa felicidade pelo noivado e com os preparativos para o casamento a todo vapor.

— Os agentes me disseram que lhes deu um nome? — ele sonda.

— Sim, primo. Tony. É tudo que me lembro. — digo com um gosto amargo na boca. Falar sobre esse tempo me deprime pra caralho. — O cara era o líder da gangue fodida que eu fazia parte quando meus pais me encontraram. — bufo em desdém. — Um bandidinho metido a valentão. Mas se quer saber mesmo, não acredito que se trata dele.

— Por que não? — Dam inquire, franzindo ainda mais o cenho.

— Tony era muito burro e cabeça quente para ter sobrevivido nas ruas. O idiota deve ter morrido. Nunca mais soube de nada dele ou da gangue.

— Talvez, Mike. — ele assente. — No entanto, não estamos descartando nenhuma possibilidade por mais remota que possa parecer.

Solto um suspiro pesado.

— Sim, porra, eu quero essa merda desvendada antes do meu casamento. Esse dia tem que ser perfeito para Ella. Não quero nada preocupando a minha boneca.

Isso faz um meio sorriso curvar sua boca.

— Cara, pelo menos finja que *mia sorella* não manda em você. — ele provoca, seu humor afiado entrando em ação. Eu rosno. Seu sorriso vira uma gargalhada. — Para falar a verdade, não me lembro de um período em que Ella não tenha mandado nessa relação, primo.

Eu bufo, contudo me rendo e rio, concordando. Sempre fiz todos os gostos de Ella e estou contente com isso. Pelo menos, quando o assunto não envolve sexo, que fique bem claro. Nesse aspecto, a princesa sabe muito bem quem está no comando.

— Você vai descendo com os outros? Vou passar no quarto dela e encontramos com vocês na garagem. — eu ando para a porta com ele me seguindo. Dam para e fica de frente para mim quando pego a maçaneta. Seu rosto está compenetrado de novo.

— Nós vamos encontrar esse *maledeto,* primo. — afirma ferozmente. — Quem quer que seja, é inteligente ao agir aparentemente sem pretensão, como víboras traiçoeiras, rastejando e enredando para dar o bote na presa. — ele estende a mão, tocando meu ombro em um gesto de conforto. Mas seus olhos ainda são como lasers. — Porém, mesmo as víboras deixam rastros pelo caminho. Nós vamos encontrar esses rastros. E quando o fizermos, vamos ensinar a esses bastardos porque não devem nunca tentar foder com a realeza.

Porra. Eu quero morrer nas boas graças do meu primo. Dam é meio

assustador quando é tirado do sério. Sobretudo, quando algo ameaça a família.

— É disso que estou falando, primo. — rosno, passando um braço por cima do seu ombro. Eu fecho a porta e seguimos pelo corredor acarpetado e ricamente decorado. — Agora me diga uma coisa... — ele me olha de esguelha, percebendo que meu tom mudou. Avança, apertando o botão para chamar o elevador. — Você continua comendo a doutora?

Ele bufa.

— Nos vemos lá embaixo, primo. — ri maliciosamente, entrando no elevador. Sim, ele ainda está pegando a médica. Mas não vai falar sobre isso porque é muito escorregadio quando o assunto é sua vida pessoal.

— Tudo bem, tudo bem, mantenha isso para si mesmo, idiota. Mas você sabe que eu sei. — eu rio, dando-lhe uma piscada de cumplicidade masculina antes das portas se fecharem.

Antonella

Estou animada com nossa saída de hoje à noite. Vamos ao cassino e será a primeira vez que Mike e eu estaremos lá como casal. Das outras vezes eu sempre sofria em silêncio vendo-o com alguma *puttana* pendurada nele a noite praticamente toda. Grr! Sacudo a cabeça, expulsando essas lembranças dolorosas. Hoje é a minha noite. Hoje *eu* estarei em seu braço, ninguém mais. Rio presunçosamente, borrifando um pouco do spray fixador em meus cabelos. Apenas os penteei, jogando-o para o lado direito, deixando a massa cair solta pelos ombros e costas. Estou usando um conjunto de colar e brincos de rubis que Dam me presenteou em meu último aniversário. Mike avisou que esta noite estou livre das gargantilhas/coleiras. Sento-me em uma das poltronas e prendo as tiras das minhas sandálias vermelhas. Cortesia de um designer brasileiro que está despontando entre as grifes famosas graças à minha mãe. Ela adora divulgar qualquer produto do Brasil. Depois que foi fotografada

usando um modelo desse estilista, celebridades e mulheres comuns do mundo inteiro a copiaram, como sempre acontece conosco. Resultado: o conterrâneo de minha mãe nos fez alguns sapatos e sandálias exclusivos. Essa aqui é linda e sensual, com tiras serpenteando pelas minhas panturrilhas e saltos quinze.

Levanto-me e ando até o meu armário no espaçoso closet. O vestido já foi previamente escolhido. É um modelo de veludo negro, de alças finas e cintura marcada, a saia trespassada, mais curta na frente e se alongando atrás. O charme é uma fenda sexy se abrindo quando me movimento. Seria comportado se não fosse por esse detalhe. Eu o retiro do cabide e antes que possa colocá-lo, detecto um movimento pela minha visão periférica. Viro a cabeça e não posso parar o sorriso se abrindo em meu rosto. Mike está entrando no espaço e *Dio mio*, ele está simplesmente de babar esta noite. Está usando uma jaqueta de couro. Eu quase gemo, mordendo meu lábio, cobiçando-o descaradamente. Amo quando investe no visual *bad boy*. Delicioso.

— *Amore mio.* — murmuro roucamente. Ele sorri, parando bem perto. Seus olhos queimando no meu corpo quase desnudo. Estou usando apenas uma calcinha de seda e renda vermelha.

— Porra... — emite um rosnado baixo, o olhar cravado em meus seios nus. Meus mamilos enrugam com a atenção, ficando duros, doloridos. Ofego, lambendo os lábios. Ele tira o vestido das minhas mãos, estendendo-o cuidadosamente sobre uma das poltronas. Sua atenção volta para mim em seguida. — Magnífica... — sussurra, a voz rouca e áspera provocando vibrações em minha pele. Segura minha cintura firmemente, as mãos grandes e másculas, derretendo-me toda. Eu choramingo, apertando as coxas, excitação encharcando minha calcinha. Seus dedos deslizam para cima e para baixo nas minhas laterais, devagar, seu olhar devorando o meu corpo. As mãos sobem de novo pelos meus braços até os ombros e escorregam pela clavícula, pairando sobre os meus seios, que

formigam, aquecendo, implorando pelo seu toque. Seu cheiro incendeia meus sentidos. Isso aliado à sua aparência e presença dominante me faz querer cair de joelhos a seus pés. — Tire a calcinha para mim, boneca. Você não vai precisar dela... — seu tom é baixo, mas traz um comando que não ouso questionar.

Gemo e engancho os polegares no pequeno tecido, descendo-o pelas minhas coxas, deixando-o escorregar para o chão. Eu me firmo em seus ombros e saio de uma perna, depois da outra. Seu rosto se enche de aprovação, os cantos da boca perfeita curvando em um tipo de sorriso lento e secreto. Os olhos escuros prendem os meus com más intenções flamejando lá no fundo. Enrola um braço em minha cintura, cingindo nossos corpos juntos. A sensação da minha pele nua contra suas roupas é tão devassa, luxuriante. Há algo muito sexy em estar nua e ele todo vestido. Eu o abraço pelo pescoço, colando meus seios em seu peitoral sólido.

— Eu quero jogar esta noite, princesa. — ele rosna e segura meu pescoço pela frente com a mão livre. Meus líquidos transbordam, escorrendo no topo das coxas. É uma reação visceral ao seu tratamento rude.

— Tudo que meu dono quiser... — coaxo arfante. Ele rosna mais e morde meu lábio inferior. Eu choramingo com a picada dolorosa e lasciva. Lambe depois delicadamente e entreabro a boca ansiosa para receber sua língua. Mike geme longamente, descendo a mão da cintura para a minha bunda, pegando-a em cheio. El me beija com lentidão sensual, mordendo minha boca, chupando minha língua. Esfrega o pau duro contra mim, deixando-me insana, quase implorando para me virar para a poltrona e me pegar por trás. Ele rosna uma série de palavrões e me dá um tapa na bunda.

— Estou louco para comer você no quarto de jogos de novo. — grunhe, arrancando a boca da minha, seus olhos me sondando. — Sinto falta de

usar a minha cadela do jeito que eu quiser. Do jeito que você também precisa ser fodida pelo seu dono. Diga que quer voltar lá comigo, bonequinha.

Santo cielo. Um gemido chorado sai da minha garganta. Estou molhando e latejando ainda mais com a menção de ser usada no quarto de jogos. Aterroriza-me e me excita na mesma medida.

— *Si, mi prendi, mio maestro.*[6] — sussurro contra a sua boca. — Me leve e me use quando quiser.

— Que cadela mais obediente estou treinando... — diz no tom indulgente que me alaga completamente e me dá mais um tapa. — Agora vire-se e fique de quatro sobre a poltrona.

Eu resfolego. *Madonna mia,* ele quer agora? Os outros estão nos aguardando para sair. Ele ri condescendente, imaginando onde a minha mente foi.

— Sim, eu poderia trepar com você aqui, rápido e duro. — diz malvadamente. — Mas quero jogar um pouco antes de afundar meu pau nessa bocetinha deliciosa. — sua voz é mais escura e dominante. — Eu tenho algo para a minha boa putinha. Vamos, vire-se!

Dio mio... Eu gemo e faço o que mandou. Apoio os joelhos no estofado e seguro o encosto da poltrona, minhas partes íntimas ficando totalmente expostas para o seu escrutínio.

— Espalhe mais as coxas, escrava. — grunhe, sua voz um pouco ofegante. — Sabe que amo ver o que me pertence. — eu mio e espalho mais as pernas, empinando a bunda, dando-lhe a visão que deseja. Ele rosna um palavrão e agarra as minhas bochechas com as duas mãos, abrindo-as depravadamente. Arfo, meu corpo estremecendo, arrebatada em sua luxúria perversa. — Porra, sua boceta está escorrendo, bonequinha. — seus dedos esfregam meus lábios, evitando o clitóris propositalmente. Ele

me tortura por alguns instantes assim, então, sem aviso, mete dois dedos em minha vulva. Eu grito, estremecendo.

— Shhh. — ele se debruça sobre as minhas costas e mordisca minha orelha. Emito um som que é meio ganido, meio choro. Mike ri e passa a me comer com golpes preguiçosos. — Pare de escândalo, princesa.

— Mike... *Caspita*... — choramingo, já doida para gozar.

Ele sabe disso porque desacelera ainda mais, até parar todo enfiado dentro. Eu gemo em lamento, mexendo a bunda em busca de qualquer alívio. Ele puxa os dedos para fora. Droga! Sua risada é baixa e zombadora. Ouço o barulho de uma embalagem. Mike estende o objeto estranho à minha frente para a minha supervisão. É pequeno, de silicone, com um cordão em uma das extremidades.

— É uma cápsula vibratória. — explica com voz engrossada. Hein?? Pergunto-me, franzindo o cenho. O cretino gostoso ri mais. — Vou introduzi-la em sua boceta. Vai ficar com ela todo o tempo em que estivermos fora. Nosso jogo sexual privado, bonequinha. — ele diz muito suave. O objeto se vai e outro vem. É uma espécie de controle remoto. — Isso vai ficar comigo. Vou controlar as vibrações, brincar um pouco com a minha putinha. No entanto, você não vai poder gozar, boneca. Está terminantemente proibida de gozar. Se me desobedecer... — sua voz fica mais escura, engrossada. — Vai ser castigada, Ella. Vou puni-la, e dessa vez não será apenas psicológico, boneca. Entendeu?

Dio santo... Eu engulo em seco e esqueço-me de responder. Ele me dá uma bofetada seca na bunda.

— Entendeu, cadela?

Puta merda.

— *Si, si,* meu senhor. — eu ranjo os dentes. Ele ri debochado e se inclina, beijando suavemente onde bateu, bajulando-me. Eu bufo,

querendo me rebelar. Mas tudo que sai em seguida é um gemido indecente quando vai introduzindo o objeto em meu canal. Ele o faz com lentidão, arrastando-o em minhas paredes, indo e voltando em uma massagem interna deliciosa. — Mike... — eu gemo seu nome.

— Droga, você está tão molhada, Ella. — resmunga, terminando de introduzir o troço. — Respire, controle a respiração. Vamos, minha boa menina... — sua boca trilha beijos sensuais em minha coluna. Eu respiro entrecortado. Não tem nenhuma maneira de eu aguentar sua tortura sem gozar pelas próximas horas. E conhecendo meu moreno malvado, ele vai dificultar isso para mim. Ele sorri como se estivesse lendo minha mente. Sua boca desce mais e ele abre minha bunda de novo. Eu quase salto da posição quando a língua morna lambe meu ânus. Eu gemo alto, desavergonhadamente, fazendo-o rir mais. Uma vibração suave começa na vagina e sua língua continua lambendo meu buraco. Puta merda! Ele não me deu nem mesmo um minuto de vantagem.

— *Ahhhh, Dio...* — eu lamento, pendurada, ofegando ruidosamente, quase lá. Ele morde a minha bunda e se vai. — Droga, Mike! — estalo.

Ri indulgente e se afasta, pegando o meu vestido da outra poltrona.

— Vem, amor. — chama. Eu me levanto, fuzilando-o com os olhos. — Minha menina vai gozar com força e bem gostoso mais tarde. Repetidamente. — sussurra lascivo, mas amuo como uma criança. Sua risada profunda me deixa mais zangada. — Vou te comer tão forte, princesa. Vou machucar essa pequena boceta apertada.

Eu quase gozo com seu impiedoso ataque verbal. Ele tem a boca suja mais deliciosa. Depravado. Lindo.

— Perverso. — eu chio, deixando-o me vestir. Ele ajusta o vestido no meu corpo com delicadeza, um brilho ao mesmo tempo excitado e divertido nos olhos escuros. Seu pau está formando uma tenda sob a calça, mostrando-me que quer alívio também. — Talvez eu não queira dormir

com você hoje depois de tudo. — atiço-o.

A risada presunçosa dele reverbera no closet.

— Nós dois sabemos que isso está longe da verdade, boneca. — sua mão grande agarra minha bunda possessivamente. — Você já amava dormir comigo antes... Depois que começamos a foder então... — zomba e eu ofego. Ele é tão arrogante. *Dio*, tão cheio de si e lindo, gostoso. Bufo para a minha fraqueza quando se trata dele. — Minha princesa só consegue dormir depois de gozar no meu pau. — um sorriso safado e conhecedor curva sua boca e ele beija suavemente a minha. Eu choramingo, arfante, palpitando. — Agora, termine de se arrumar, os outros estão esperando.

Cerca de quarenta minutos depois, entramos no hotel cassino. É um prédio modernista, com fachada em vidro e bronze que à primeira vista pode destoar de algumas construções de arquitetura antiga na vizinhança. No entanto, é isso que confere todo o charme ao centro de Ardócia, essa mistura cosmopolita e dos séculos passados. Um casamento harmonioso ao me ver, mas é claro que sou tendenciosa. Essa é a minha Ilha. Eu rio levemente. Minha amada Ilha. Usamos a entrada mais discreta que não desperta o interesse da mídia. Dam odeia os paparazzi e sempre os evita. Mike parece estranhamente apreensivo nesta noite também. Ele nunca foi de deixar de ir a um restaurante badalado, ou festas por causa da imprensa. Mas hoje estou percebendo uma espécie de tensão nele. Subimos pelo elevador privativo até o trigésimo andar, onde fica um dos restaurantes mais sofisticados da Ilha. A hostess, uma morena bonita, nos recebe com mesuras e floreios e nos leva para a nossa mesa, localizada no terraço. Dam solicitou que apenas nós ficássemos lá fora hoje. Não vejam isso como esnobismo da nossa parte, é que fica complicado nos divertirmos e agirmos como pessoas normais quando estamos sendo escrutinados pelos outros clientes, entendem? E esta noite queremos apenas um bom tempo com nossos primos.

Mike me guia, sua mão possessiva na parte baixa das minhas costas. Eu perco o passo quando sinto um tremor inesperado e delicioso em minha vulva. Ele me firma, rindo baixinho. *Dio*, ele não tem nenhum pudor, e droga, eu amo sua devassidão. Olho de lado, Dam está segurando a mão de Anna e os gêmeos nos seguem mais atrás. Mike puxa uma cadeira para mim e aproveita para sussurrar no meu ouvido:

— Se gozar, eu vou açoitar esse rabo lindo até deixá-lo vermelho... — faz uma pausa. — E isso não é tudo que vou fazer com ele, boneca...

Mio Dio Santíssimo! Eu mordo o lábio para não gemer e deixar transparecer que meu noivo muito depravado está dizendo coisas sujas em meu ouvido. Eu paro, meu coração correndo, percebendo que usou o termo "açoitar" em vez de "bater". Resfolego, perguntando-me mentalmente se ele trouxe os temíveis chicotes para Ardócia. Ele ri, o som perverso dando voltas em meu estômago.

— Você terá a sua resposta mais tarde, Ella. — diz misterioso e se afasta, sentando-se na cadeira ao lado.

Dam também ajuda nossa prima a se acomodar como manda o manual dos cavalheiros. Acomodamo-nos, a brisa noturna começando a esfriar. A vibração aumenta e parece que o objeto está inchando, empurrando minhas paredes. Puta merda. Esfrego as coxas sutilmente e olho para Mike, querendo dar um tapa em seu rosto perversamente bonito. Um arremedo de sorriso brinca em sua boca e um brilho divertido e devasso toma suas íris. Seus olhos queimam nos meus com promessas indecorosas. Então o tremor para misericordiosamente. Eu suspiro de alívio, mas isso sai meio gemido.

— Você está bem, Ella? Seu rosto está um pouco corado. — Anna franze a testa ao me observar.

— *Si, si,* estou bem. — respondo apressada e desvio meus olhos para a nossa frente.

Daqui podemos ver quilômetros e quilômetros da praia de San Domingo lá embaixo. A orla movimentada a essa hora da noite. Eu amo isso aqui. Suspiro, uma onda de nostalgia antecipada de repente passando por mim. Terei que ir embora em breve. O homem que amo tem sua vida em outro lugar. Meus olhos lacrimejam sem que eu tenha tempo de controlar.

— Boneca? — giro a cabeça, encontrando o rosto de Mike preocupado. Sua mão segura meu queixo, o polegar traçando a pele delicadamente, enquanto os olhos negros examinam meu rosto. — Ei, o que foi? Você parece prestes a chorar.

Eu engulo um soluço e sorrio para tranquilizá-lo.

— Não, *amore mio.* — murmuro, tentando controlar minha voz. — Eu só... Só senti uma nostalgia antecipada. — ele vinca ainda mais a testa. — Olhando a praia, tudo ao redor, eu me dei conta de que terei que ir embora em breve. Eu mal voltei para casa...

Compreensão inunda seu rosto.

— Eu sei, amor. — sussurra roucamente, aproximando o rosto do meu. — E eu farei tudo, absolutamente tudo para que nunca se arrependa de deixar seu lar por mim.

— Droga, eles vão começar com a merda romântica. — ouço a voz zombeteira de Lucas.

— Parece que sim, mano. — Samuel concorda com um sorriso na voz.

— Era mais divertido quando ficavam apenas se comendo com os olhos sem agir sobre isso. — Lucas torna a provocar.

Dam rosna e Anna bate palmas. Eu rio, nosso momento sendo completamente arruinado pela presença de nossos irmãos e primos. Mike range os dentes, mas ri em seguida, sacudindo a cabeça.

— Vamos falar mais sobre isso depois, princesa. — promete e me beija

suavemente. Um flash espoca em nós e rimos sabendo que Anna vai começar com suas fotos intermináveis.

— Não! Pare com isso, Anna! É sério. — Dam reclama quando ela o puxa pelo pescoço, colando seus rostos e tirando uma *selfie. — Cáspita!*

Eu rio mais, adorando vê-lo às voltas com ela.

— Pare de ser rabugento, primo. — Anna bate os cílios para *mio fratello.* — Sabe que é o meu preferido.

Ele rola os olhos. Anna diz isso para cada um dos primos.

— Ela nos disse isso ainda há pouco, Dam. — Lucas ri.

— Para mim também. — Mike entra na brincadeira.

Minha prima ri e pisca matreira.

— E não vamos esquecer-nos de Max. Disse-lhe isso mais cedo ao telefone também. — diz com cara de travessa. Os homens bufam. — O quê? Não tenho culpa se sou uma garota sortuda no departamento de primos. — ela se defende e nós todos damos risada. — Eu pegaria todos, se não tivéssemos o mesmo sangue. — então ela se vira para mim, seu rosto culpado. — Ai, prima, não, eu não pegaria o seu morenaço, fique tranquila. — rola os olhos. — Como se Mike fosse olhar para nós, reles mortais. — faz um beicinho teatral.

Eu finjo uma carranca, que é rapidamente arruinada quando todos riem mais uma vez das peripécias de minha prima.

— Melhor não comprar briga com Ella, prima. Ela é tão ou mais possessiva do que o idiota aqui. Grr, eles são doentes um pelo outro. — Dam faz uma careta, olhando entre mim e Mike. — Mas mudando o assunto, fiquei sabendo que está em um curso de árabe? Me conte sobre isso.

O rosto de Anna se ilumina e ela passa a informar meu irmão tudo

sobre o curso. O garçom nos traz os cardápios e cartas de vinhos. Escolhemos nossos pratos. Mike, Dam e os gêmeos aprovam dois vinhos, um rose e outro tinto. Uma cesta com pães e azeite temperado com especiarias da região da Toscana é colocada na mesa e nos deliciamos, papeando e tomando a primeira garrafa de vinho. Dam passa a falar sobre o projeto de adequação do autódromo para receber as corridas da Fórmula 1 dentro de dois anos. Ele e Mike travam uma conversa profunda a respeito e só agora me ocorre que a King's pegou o projeto. Mike não me disse nada sobre isso. Eu olho meu futuro marido, embevecida, meu coração amolecendo, porque sei que fez isso para me dar o máximo de tempo aqui, na minha amada Ardócia, junto dos meus pais. Ele me olha, seu olhar prendendo o meu e conversamos silenciosamente. A mão morna pousa em minha perna nua me causando arrepios.

— Você pegou o projeto. — sussurro.

Ele acena com um meio sorriso.

— Marquei um ponto pela expressão em seu rosto? — brinca. — Sei que vai sentir falta daqui, boneca. — toca meu rosto ternamente, seu sorriso ampliando. — Parece que ficaremos pelo menos três meses por aqui no próximo ano. O que me diz?

Eu quero beijar esse homem lindo até acabar nosso fôlego. Vou amá-lo para o resto da minha vida, tenho certeza absoluta disso. Seguro seu rosto com as duas mãos e colo nossos lábios, sugando os seus em um beijo cálido. Ele geme baixinho.

— Por que não me contou? — sussurro em sua boca.

— Porque eu queria ver essa reação, esse sorriso. — Respira, seu hálito gostoso me deixando palpitando por ele. — E esses bonitos olhos de esmeralda brilhando exatamente assim para mim.

Eu derreto toda. Transformo-me em uma poça arquejante.

— Meu Mike... — gemo baixinho contra seus lábios. — *Mio amato.*

Há mais provocações por parte de Lucas e Samuel. Anna assovia do seu jeito irreverente e Dam rosna.

— Boneca... Porra, agora só quero pular o jantar... — Mike grunhe, mordendo meu lábio superior. Seus dedos subindo perigosamente perto da minha vagina nua. *Dio...*

— Porra, demonstração de afeto demais para o meu gosto, primo. — Dam resmunga.

Sorrimos e nos afastamos. Mike toma minha mão na sua sobre sua coxa dura, entrelaçando nossos dedos. Os pratos chegam e desfrutamos da boa comida, retomando a conversa. Lucas e Samuel falam com empolgação sobre seu novo projeto, a restauração de uma antiga propriedade rural nos arredores de Londres. Após a sobremesa, Anna e eu decidimos ir ao toalete retocar a maquiagem. Está vazio, *grazie a Dio.* Eu uso o reservado e saio, lavando as mãos na pia em seguida.

Estou retocando a maquiagem, aguardando Anna sair quando vejo pelo canto de olho uma garota entrando no banheiro. Eu seguro um bufo malcriado quando a reconheço, Agna, a neta do Primeiro-Ministro e a *puttana* que Mike comeu mais vezes do que gosto de admitir no ano passado. Mantenho-me na minha tarefa, não lhe dando indícios de que estou ciente da sua presença. Odeio essa vaca! Nunca pude responder suas provocações veladas à altura. No entanto, agora, minha língua está coçando para dizer-lhe umas poucas e boas. Ouvi rumores de que ela está fodendo com um conde casado. A garota não se dá o menor respeito.

— Oh, princesa Ella! — a voz irritante me faz virar a cabeça sem qualquer pressa em sua direção. Agna faz uma mesura educada. Está usando um vestido vermelho longo, com uma fenda ousada sobre a perna direita. Ela é linda, tenho que admitir a contragosto. — Não temos nos visto muito ultimamente, não é? Quero parabenizá-la pelo noivado. — seu

tom e semblante são tão falsos quanto uma nota de três Ardizes.[7]

— *Grazie.* — digo, meu tom tão falso quanto e volto a focar em minha maquiagem, que já está perfeita, mas não quero ficar de conversa fiada com a *puttana.*

— Era tão claro para mim que sempre foi apaixonada por ele. — torna, inclinando-se e puxando o decote na frente do espelho. — Mas os homens são tão toscos nesse assunto.

Eu guardo meus pertences dentro da carteira e me viro para ela, meus olhos se estreitando com o desdém mal dissimulado em sua voz.

— Imagino que tenha sido doloroso vê-lo com tantas mulheres ao longo dos anos, vossa alteza. — diz muito mansa, sua cara de vadia se abrindo em um sorriso que nunca ousou deixar transparecer para mim antes. — Vê-lo *comigo.* — completa.

Meu sangue começa a ferver. Quem ela pensa que é para me confrontar assim?

— Bem, bem, olha só quem está se roendo de inveja porque abriu as pernas para um homem que já tinha dona. — retruco baixo e friamente. — Um homem que sempre teve uma dona.

Seus olhos escuros fervem de raiva, mas ela se força a sorrir, dando de ombros.

— Com todo o respeito, você é delicada demais. — seu sorriso fica malicioso. — Mike é... — a vadia se abana teatralmente e eu quero arrancar fio por fio dos seus cabelos *maledetos.* — Basta dizer que o príncipe é muita areia para você, princesa.

Eu ando para perto da garota abusada ao mesmo tempo em que ouço a porta de Anna se abrindo. Ela valsa para fora reclamando do seu macacão, um modelo *fashion*, mas totalmente dispendioso para vestir e/ou sair dele.

— Oh, você está com uma dor de cotovelo terrível porque Mike a

deixou para lá como um trapo velho. Talvez se parasse de abrir as pernas para a maioria dos homens na Ilha, *caríssima*... — eu cuspo e ouço Anna tentar encobrir uma risada e falhando, enquanto lava as mãos. — Aqui vai uma dica: os homens não têm respeito por mulheres fáceis como você. — ela pisca, sua postura desafiante esmorecendo. — Coitadinha. — eu faço uma cara de pena. — Não fique achando que é pessoal. — zombo. — Ele comeu muitas putas e deixou pra lá. Sabe por quê? Mike é meu. — rosno em seu rosto. — Cada delicioso centímetro daquele pacote moreno é meu. E não se engane quanto a meus modos. — aviso em tom baixo. — Garanto que não sou nada delicada quando se trata de defender o meu homem de *puttanas* como você.

— Uau! — Anna exclama, vindo para o meu lado. — Eu acho que já deu o seu recado, prima. — minha prima encara a outra. Anna nunca gostou dela também. — Eu no seu lugar não iria irritá-la, querida. Ella tem um gancho de direita assassino.

Agna, bufa, lançando um olhar desdenhoso para Anna.

— Eu não contaria vitória antes do tempo, sua alteza. — diz com veneno escorrendo em suas palavras. — Se vamos falar às claras, então lá vai: Mike sempre gostou de me foder. — ranjo os dentes, querendo arrancar os olhos da *puttana.*

Eu gemo baixinho, meu peito doendo. *Si*, ela foi uma das putas que ele mais comeu aqui na Ilha e eu odeio isso com todas as minhas forças. Odeio-a! E sei que não é sensato, mas nesse momento o odeio também e sua atitude de prostituto antes de nos firmarmos. Eu poderia proibir a vadia de circular nos locais onde eu circulo, mas seria uma atitude antidemocrática da minha parte e não sou a princesa que lança mão do seu título para resolver questões pessoais. Vou ter que mandar meu recado da maneira mais antiga do mundo, com os punhos. Vou resolver isso como qualquer garota normal faria, metendo a mão na cara da *puttana!*

— Cadela desprezível! — Anna cospe com nojo claro em sua voz.

A vaca ri mais, gostando de me tirar do sério. Ela está louca se acha que vou aguentar essa merda sem fazer nada só porque sou uma princesa.

— Lembra-se da última vez que nos encontramos aqui, princesa? — sua cara cínica me causa enjoo. — Ele me comeu aqui, nesse banheiro. — ela atira as palavras e meu corpo gela da cabeça aos pés. Estivemos aqui logo depois do Natal. Mike estava ainda vivendo na porra da negação. Lembro-me vividamente daquela noite. Ele esteve o tempo quase inteiro comigo. No entanto, agora que a puta falou, ele realmente sumiu por um tempo... Filho da mãe! Meu sangue ferve de novo. Ele saiu para comer a prostituta e voltou para mim. Quero chutar suas bolas, mesmo que tenha passado tanto tempo. Ela ri maldosamente quando percebe que estou repassando aquela noite. — *Dio,* ele é tão viril, não é? Nunca tive outro homem tão gostoso... — lambe os lábios odiosamente, fazendo-me cada vez mais querer dar um soco nela. Eu cerro meus punhos. — Perdi a conta dos eventos em que nos esgueiramos em algum canto para foder porque Mike não aguentava esperar para me ter a sós... — seus olhos cravam nos meus, mandando-me um recado. Estou surpresa porque essa é a primeira vez que me enfrenta assim, abertamente. Deve estar muito despeitada para não se preocupar com o decoro e respeito que meu título exige. Ela também deve achar que a posição de neta do Primeiro-Ministro a coloca em um patamar privilegiado. *Si,* claro que sua família tem privilégios e honrarias na Ilha, mas uma afronta dessas nunca passará em branco se eu relatar o ocorrido a meu pai. — É bom ficar de olho porque na primeira oportunidade vou foder com ele de novo.

Não, ela não disse isso! Eu vejo vermelho. Desse ponto em diante todas as formas civilizadas de conversação caem por terra.

A vadia já era!

— Prima, vigie a porta, *si?* — digo mortalmente suave, sem tirar meus

olhos da vadia. Agna estreita os olhos um pouco, sua postura receosa agora.

Anna dá um gritinho eufórico e bate palmas antes de ir em direção à entrada.

— O qu.. — a sentença de Agna é cortada quando avanço na cabeleira longa com garras firmes e furiosas. Começo a arrastá-la em direção aos reservados. — Porra! Solte-me, sua louca! — ela berra em surpresa, tentando em vão se soltar. — O que diabos vai fazer?

Eu a empurro para o pequeno compartimento e chuto seus tornozelos, fazendo-a perder o equilíbrio. Aproveito o momento para empurrar sua cabeça para baixo, dentro do vaso. Ela se debate, resiste, mas sou forte graças ao treino de boxe.

— Caralho, prima! — Anna assovia, incredulidade e admiração marcando sua voz. — Essa é a minha garota! Uhuuuuu!

— Que tal isso, *cara?* Ainda acha que sou delicada demais? — rosno, enquanto a cadela engasga. — Isso será como um *maledeto* passeio no parque diante do que vou fazer com essa sua cara de puta se ousar ao menos olhar na direção do meu homem de novo. — ela tenta falar, mas é impossível com água entrando em sua boca e nariz. Eca! — *Tu mi capisce?*[8] — dou um puxão forte em seu cabelo para enfatizar o meu ponto.



CAPÍTULO OITO

Antonella

— *Caspita!* Quebrei uma unha. — reclamo, quando fazemos nosso caminho de volta para a mesa alguns minutos mais tarde. — Estou bem mesmo? — pergunto à Anna, conferindo minha aparência pela milésima vez depois do ocorrido. Lamento ter caído na provocação da vadia, mas era necessário lhe dizer em alto e bom tom que vá cacarejar em outro terreiro.

— Irretocável, Ella. Nem parece que andou enfiando a cara de cadelas abusadas na privada. — Anna sussurra com um sorrisinho travesso.

Eu rio também. *Dio mio,* uma princesa não faz esse tipo de coisa. Perdi a compostura completamente. *Mio papà* ficaria muito chateado se soubesse disso.

— Relaxa, prima. A vadia mereceu. — Anna reitera, nada culpada. Ela adora uma agitação.

Tomamos mais uma garrafa de vinho quando chegamos à mesa antes de decidirmos dar uma circulada até o cassino. Na verdade, Dam nos guia para uma das muitas salas privadas, geralmente frequentadas pela nobreza, empresários abastados e algumas celebridades de alto calibre. O lugar está começando a ficar movimentado, percebo, enquanto cortamos o recinto em busca de uma roleta. Eu e Anna gostamos de tentar a sorte sempre que

visitamos. Uma música sexy soa nos alto-falantes, concorrendo com o tilintar de copos e taças de cristais ressoando em segundo plano. Mike tem o braço enrolado em minha cintura, mas não estou falando muito com ele. Ainda estou com raiva da ousadia daquela garota e *si,* raiva dele por ter sido um homem puta.

— O que houve? — sussurra no meu ouvido, a voz profunda me causando um leve arrepio. — Voltou estranhamente calada do banheiro.

Eu bufo. Ele segura meu queixo, forçando-me a olhá-lo.

— Vamos, conheço a minha bonequinha. — sorri, usando seu charme matador para me desarmar. — Me conte o que a chateou.

— Você. — não consigo refrear meu ciúme pelas palavras venenosas da vaca.

Seu rosto fica surpreso.

— Eu?! Mas o que foi que eu fiz?

Eu rolo os olhos.

— Você comeu a *puttana* da neta do Primeiro-Ministro. — rosno. — É isso.

Seu cenho franze ainda mais.

— Porra, isso já tem tanto tempo, boneca. — seu tom é todo cuidadoso agora. Ele sabe que detesto a vaca. — Por que está trazendo isso agora?

— Ela estava aqui. É uma abusada. — cerro os dentes. — Disse que vai foder com você na primeira oportunidade que tiver. Eu odeio a *puttana!* — digo, rangendo os dentes, mas mantendo o meu tom baixo para não chamar atenção de Dam e os outros.

Seus olhos ampliam um pouco em reação à minha raiva flagrante. Então um brilho divertido cruza as íris escuras.

— Acha isso engraçado? — empurro o dedo em seu peito, erguendo

uma sobrancelha petulante.

Isso o faz curvar os lábios levemente cheios em um lento e, mesmo estando com raiva tenho que reconhecer, lindo sorriso. Seu polegar levanta para a minha boca, traçando o lábio inferior delicadamente.

— Primeiro, a garota deve estar doente da cabeça se acha que pode competir com a minha bonequinha. — murmura rouco e eu quase gemo com sua bajulação. — Segundo, não acho engraçado, acho tremendamente sexy você com ciúme. Meu pau ficou absurdamente duro. — rosna, roçando o volume grande em meu quadril. Eu prendo a respiração, não querendo ser afetada, mas sabendo que é uma luta perdida.

Depravado. Gostoso. Lindo.

Mesmo assim, eu bufo, determinada a não deixar isso fácil para ele.

— Ainda estou com raiva. — chio quando paramos a alguns passos do bar.

— Vai passar quando estiver gozando no meu pau, boneca. — diz com um sorriso sacana na voz.

— Não tenha tanta certeza disso. — rebato. — Talvez eu não esteja mais no clima para *jogar* hoje, *caro mio.* — eu o provoco.

Seus olhos fervem, intensos e penetrantes nos meus, então ele sorri da forma mais pecaminosa e perversa possível.

— Não está falando sério.

— Garanto que *si.* Sempre posso usar minha palavra segura. — eu rio, adorando tirá-lo do sério e sussurro: — Meu senhor.

Ele gargalha, então bufa zombeteiramente.

— Escrava insolente... — ruge ao mesmo tempo em que a vibração recomeça em minha vulva. Droga. Vai brincar comigo de novo. — Coloque-se no seu lugar, sub. Se ousar me contestar, vou amordaçá-la

quando voltarmos ao palácio e te foder a noite inteira se *eu* quiser. — morde minha orelha e eu quase gozo. Ai, *Dio santo...* Enlouqueço de tesão quando ameaça me degradar dessa forma. — Quero ver como irá usar a porra da palavra segura. — zomba.

— I-isso é despótico. — meu protesto sai em um ganido. — Você não ousaria.

— Apenas me tente, boneca. — ele rosna sua ameaça e morde meu pescoço.

— *Dio...* — assobio, juntando as pernas. Minha pele toda quente, vibrando junto com a tal cápsula em meu interior.

Mike ri e se afasta.

— Não sei vocês, mas eu estou indo procurar alguma diversão. — olho para Lucas ao som da sua voz. Seus olhos azuis estão presos em algo no bar. Eu sigo sua linha de visão e vejo uma loira bonita encarando meu primo de volta, com uma expressão pra lá de convidativa. — Você vem, Samu?

Ele chama o gêmeo e Anna ri um pouco. Posso imaginar o que está se passando em sua cabeça.

— Claro, irmão. — Samuel anui, abrindo um sorrisinho malicioso e cúmplice. Os dois se vão.

Caspita! Eu acho que acabam de encontrar a *mulher sanduíche* da noite. Eu rio do pensamento leviano. Não tenho nada a ver com as preferências excêntricas de meus primos. Mike e Dam sorriem com cumplicidade masculina e retomamos nossa caminhada para uma das roletas.

— Caramba, como será que isso funciona, prima? — Anna conspira ao se inclinar para cochichar em meu ouvido. Eu abano a cabeça, rindo. *Madonna mia.* Anna é tão... Anna. Enquanto o resto de nós está apenas

pensando, minha prima não consegue frear a boca. Lembro-me das fotos depravadas daquela exposição em Roma. Oh, *si,* eu tenho uma ideia de como *isso* funciona... — Acha que eles revezam, ou vão os dois de uma vez?

Dio santo! Eu engasgo com sua total falta de tato.

— Anna! — exclamo.

— Bem, as garotas que vão com eles são corajosas... — balança as sobrancelhas, humor dançando em seus olhos verdes. — E sortudas, vamos combinar, prima. Olhe só para nossos primos, dois idênticos pedaços de mau caminho... Jesus me abana!

— Caramba, Anna! — eu torno. — Quer parar? Estou aprendendo a não julgar os gostos sexuais das pessoas. Devia exercitar isso também. — digo baixinho.

Um sorriso malicioso enrola sua boca.

— Ah, eu aposto que Mike está lhe ensinando isso, *principessa.* — cantarola. — Isso e outras *cozitas* mais... — meu rosto esquenta, recordando e *sentindo* o pequeno objeto deslizando perversa e deliciosamente dentro de mim a cada passo que dou. Ela ri mais. — Sua cara está tão culpada agora, Ella.

— *Dio,* você é tão boba. — rolo meus olhos, não contendo um sorriso furtivo. Eu conto quase tudo a ela. Quase. Há coisas que são muito privadas e dizem respeito apenas a mim e meu homem. Sei que ele não gostaria que eu contasse.

Chegamos à mesa. O crupiê instrui, soltando a bolinha na roleta.

— Façam suas apostas!

Sorrio para Anna, que sorri de volta, aceitando meu desafio. Aqui a história é diferente. Tenho uma sorte inexplicável em jogatinas e vou depenar minha prima nos próximos minutos. O assistente da mesa nos

recebe com uma reverência respeitosa.

— Fichas, vossas altezas? — pergunta já manuseando habilmente as fichas de várias cores e valores.

— *Si, per favore,* Enrico. — eu falo e Anna endossa.

O rapaz sorri, todo satisfeito quando o chamamos pelo nome. Ele está no cassino há dois anos. Nós gostamos de tratar nossos funcionários pelo nome. Meu pai diz que cresceu não dando muita importância a isso, mas quando minha mãe foi viver no palácio acabou lhe ensinando algumas coisas no trato com os empregados. Mike o cumprimenta um pouco seco demais para o meu gosto. Eu seguro um sorriso pelo seu ciúme. Nossas fichas são entregues, eu e minha prima nos posicionamos para agitar as coisas. Dam faz um pedido a uma garçonete que veio nos atender imediatamente. Já estou bem alegrinha com a quantidade de vinho que ingeri no jantar e decido dar um tempo na bebida. Mike pede uma dose do *Johnnie Walker* produzido especialmente para comercialização aqui na Ilha. Você não vai encontrar esta edição em outro lugar do mundo.

O crupiê informa os valores mínimos e máximos das apostas na mesa. Vinte mil é a mais alta. Eu assovio, olhando em volta. Vejo um ator famoso e sua mais recente namorada. Ele parece estar mandando no jogo pelo amplo sorriso estampado em seu rosto de garoto de Hollywood. Eu rio e aceno, uma camada fina de suor está começando a brotar na minha pele pelo tremor insistente em minha vagina. Será um milagre se eu não gozar dentro de no máximo, dois minutos! *Dio...*

— Vinte, onze, vinte e dois! — eu digo um pouco estridente e Mike sorri, apertando o braço em minha cintura. Coloco as fichas de vinte mil dólares em cada número. Aproximando a boca do meu ouvido, ele sussurra:

— Alguma razão especial para esses números?

Estremeço com seu hálito quente em minha pele.

— Muito especial, eu diria... — gemo com a massagem indecente em minhas paredes. Os primeiros números compõem a data do nosso casamento: vinte de novembro. A segunda é a idade que farei dentro de duas semanas. — Você não vai jogar? — pergunto em meio à euforia de Anna gritando seus números.

A risada dele em meu ouvido é malvada, muito malvada, e o objeto volta a expandir em meu canal.

— *Santo cielo...* — Ofego, meus mamilos cutucando o veludo do vestido. Meu centro está pingando de excitação.

— Eu prefiro outro tipo de jogo, princesa. — sua voz é mais rouca e áspera. Sinto seu pau duro contra a minha bunda. — Não se atreva a gozar. Aja naturalmente, ou já sabe o que a espera mais tarde...

O castigo.

A mordaça.

Caspita! Essas ameaças não deviam me deixar tão molhada, não é?

— Número vinte! — eu salto eufórica com o anúncio do crupiê, meus olhos indo para a bolinha fazendo os últimos giros no número vinte. A vibração em minha vulva aumenta impiedosamente e eu me firmo na mesa, ofegando e lutando para não gozar. Aproveitando a euforia do jogo, emito uma espécie de grito de guerra para extravasar as sensações se construindo em meu ventre. Resfolego e prendo a respiração, a onda do orgasmo vindo rapidamente.

— Ahh... — o som me escapa, sem qualquer controle, então tudo para e o orgasmo se vai antes de eu alcançá-lo.

Droga! Seu filho da... Mãe! Eu fuzilo Mike com meus olhos. Ele ri lenta e predatoriamente.

— Droga! Você trapaceia, Ella, admita! — Anna parece um bebê chorão ao meu lado, fazendo uma carranca. Eu respiro lentamente,

tentando a todo custo não mostrar que estou sendo atacada pelo meu perverso *dominatore.* — Você nunca erra! Isso não é normal.

Dam e Mike riem da sua birra. Sempre faz uma cena quando apostamos e ela perde na roleta.

— É apenas sorte, prima. — dou de ombros. — Só isso. — minha voz sai um pouco alta e ofegante, mas ninguém na mesa, exceto Mike, parece perceber.

Ela bufa, rolando os olhos, enquanto o crupiê me entrega minhas fichas premiadas. Apostamos mais uma rodada e eu ganho de novo. Anna joga as fichas sobre a mesa como se jogasse a toalha em uma luta. Seguro um sorriso a muito custo para não irritá-la ainda mais. Ela odeia perder. Decido encerrar na roleta, mas Dam e Mike resolvem tentar a sorte em seguida. Cada um ganha uma rodada, o que só aumenta o bico de birra de Anna.

— Vamos tentar os caça-níqueis, prima? — Dam a puxa pela cintura. — Tem uma máquina viciada do outro lado. — ele pisca, provocando-a. — Talvez isso a ajude a ganhar.

Ela bufa.

— Não me importo, desde que eu ganhe alguma merda hoje, primo. — chia e o deixa conduzi-la por entre a pequena multidão para o outro lado do salão. Eu movimento-me suavemente quando a melodia sexy de The Weeknd em *I Feel It Coming* soa no ambiente. Adoro essa música.

Mike toma o restante da sua bebida, fazendo um sinal para o garçom mais próximo recolher o copo.

— Talvez devêssemos tentar os caça-níqueis também, boneca. — sussurra em meu ouvido. — Aqueles mais afastados dessa agitação toda... — olho na direção oposta que Dam e Anna foram. As máquinas estão com pouco movimento, observo. — Quero poder tocar em você sem os

malditos olhares curiosos sobre nós.

Concordo. Isso é desconfortável. Posso sentir muitos olhares sobre nós desde que entramos aqui.

— Leve-me, meu senhor. — murmuro, olhando-o nos olhos, meu tom emitindo um duplo sentido.

Mike rosna baixo antes de tomar a minha mão e me arrastar para o canto menos movimento do recinto. Passamos por algumas máquinas e ele me leva até a última, ainda mais afastada. Prensa-me na frente de uma, arrancando-me um gritinho surpreso.

— Segure dos lados, nas alavancas, como se estivesse jogando. — comanda com voz grossa. Sua frente colada em minhas costas. Segura o meu queixo, puxando meu rosto para o seu e ele morde meu lábio inferior com um pouco de pressão. Choramingo sem vergonha, fazendo-o ri do seu jeito malvado. A vibração recomeça em minha vagina. Eu abro a boca, gemendo em luxúria.

— *Per favore...* — meu apelo sai em um gemido e ele responde com um rosnado feral, profundo.

— Por favor o quê? — zomba, mas está afetado também, posso sentir em seu tom e olhar intenso. — Peça-me. O que a minha boa putinha quer? Tudo que precisa é pedir ao seu mestre e será seu.

Oh, Dio mio... Eu sou uma confusão de líquidos escorrendo entre minhas pernas. Arquejando. Lambo os lábios secos de antecipação.

— Eu quero... — mio, sem conseguir terminar.

Ele ri indulgente e sobe a mão da minha cintura para meu seio direito.

— Não olhe na direção da câmera. Tem uma um pouco atrás de nós, mas não se preocupe, boneca. Meu corpo está protegendo o seu. — avisa e envolve a mão grande em meu seio por cima do vestido. — Minha menina linda quer gozar, não é? — sussurra asperamente, amassando meu seio

com posse. Rosnando baixo, enfia a mão por dentro do meu decote e geme, passando a sovar a carne nua. Belisca o meu mamilo, a picada me fazendo ganir baixinho, mordendo o lábio para não gritar. — Deus, como você é sexy, princesa. — ruge, chupando meu pescoço. Seu pau duro se aloja entre minhas bochechas e mói sutilmente, gostoso. A tremedeira se torna insuportável em meu canal totalmente encharcado. Calor abrasador se reúne em minhas entranhas, indo para a vagina, varrendo-me sem piedade. — Está quase lá, não é, bonequinha? — sua risada é pachorrenta. Sinto a cápsula inchando ainda mais dentro de mim. Parece um pênis agora. Grande, grosso, deslizando em minhas paredes.

— Ahhh! Mike... — choramingo entrecortado. Não vou dar conta de segurar. Vou ser castigada mais tarde, isso é certo. — Eu não consigo...

Ele rosna e acaricia meu seio indolentemente. Puxando o bico com delicadeza agora, como se brincasse. Eu bufo. Como se *eu* fosse o seu brinquedo.

— Você não tem permissão para gozar, Ella. — reitera em meu ouvido. — Se gozar, sua bunda e sua boca serão minhas por toda a noite, porra. — range, sua voz escura com dominação. — Vou judiar de você! É isso que quer? Ser amordaçada, surrada e fodida com força?

Dio santíssimo! Engasgo, estremecendo sem controle do meu próprio corpo.

— Não... Não... — nego, mas estou pendurada e ele sabe disso, porque ri todo perverso e vai para o outro seio, beliscando o bico como fez com o outro. — *Caspita!*

— Não minta para mim, boneca. Você quer, anseia por isso. — rosna. — Que vontade de levantar essa saia e substituir a cápsula pelo meu pau. — respira rudemente, mordendo a minha orelha. — Se não tivessem tantas porras de câmeras por aqui, eu te comeria agora. Pode imaginar isso, meu amor? — ruge dominante, do jeito que me mata de tesão. — Eu te fodendo

aqui, enquanto os desavisados jogam ao redor. Meu pau socando até o talo nessa bocetinha faminta e você tomando tudo... Sendo a minha cadela. Sempre tão ansiosa para agradar seu macho...

— Ohhhh... — eu chio, mordendo meu lábio. Perto. Muito perto.

— Minha deliciosa e obediente menina... — sua voz fica mansa com bajulação calculada, complacente. — Nós dois fodendo gostoso aqui, e ninguém desconfiaria porque não sabem que sua delicada e preciosa princesa é minha puta. — começo a convulsionar, ondas escaldantes e impiedosas varrendo meu baixo ventre. Arfo, a garganta seca, pendurada por uma linha tensa, prestes a se partir. — Não, ninguém sabe que a princesa é minha vagabundinha. Minha vadia. Minha para usar de todo jeito que eu quiser. — rosna e é o meu fim. Sua degradação atinge o pico mais alto. Eu gozo com força. O orgasmo me leva sem dó, fazendo-me cambalear sobre a máquina. Minhas pernas viram geleia, enquanto meu coração galopa e minha vagina pulsa, o gozo escorrendo em minhas coxas. Minhas vistas embaçam um pouco e fecho os olhos por um segundo, apreciando as ondas de prazer devasso rolando em mim.

— *Amore mio...* — gemo em completo desamparo, arrasada pelo gozo intenso.

Ele ri, o som mais suave e terno, embora possa sentir a tensão sexual em seu corpo não satisfeito.

— Shh, bonequinha... — murmura, seus braços fortes enrolando em minha cintura, mantendo-me de pé. Encosto minha cabeça em seu ombro, lutando para a minha respiração voltar ao normal. — Isso, meu amor, respire devagar. — há uma nota divertida e provocadora em seu tom agora. — Muito intenso?

Estou ainda arfante e giro a cabeça, nossos olhares se encontrando.

— Intenso é a marca do *mio dominatore*. — sussurro, um sorriso lânguido brincando em minha boca. — Parece que vou ser castigada mais

tarde...

Seus olhos incendeiam nos meus.

— Sim. — ele range — E vai amar, implorar por cada segundo, eu lhe asseguro, minha princesa.

Eu não tenho tanta certeza. Quero dizer, não se houver chicotes nessa equação. Quero discutir melhor os termos da minha punição, porém, não tenho forças para ser desobediente nesse momento. Ele simplesmente acabou comigo. O objeto em meu interior, seu corpo, seu cheiro à minha volta, e sua voz profunda me dizendo coisas corruptoras e indecentes me reduziram a pó. Sinto sua mão livre descendo pelo meu quadril e indo para a coxa, subindo novamente pela barra do vestido. Prendo a respiração quando seus dedos alcançam minha vagina. Ele rosna uma série de palavrões e puxa o cordão, a cápsula deslizando suavemente para fora de mim.

— Porra, você está toda melada. — murmura, guardando o objeto no bolso da calça. — Eu quero lamber você... — range os dentes, sua mandíbula pulsando. Gemo com o tesão grosseiro estampado no rosto moreno, os olhos escuros queimando sobre mim. Ele me gira de frente, sua boca cobrindo a minha em um beijo ardente, duro e eu derreto, abraçando-o pelo pescoço. Suas mãos cravam em minha cintura, mantendo nossos sexos alinhados para moer sutilmente. — Morro de tesão por você, bonequinha. — grunhe, chupando minha língua com força. Sobe uma mão e segura minha nuca, os dedos se infiltrando entre meus cabelos, puxando-os. Eu começo a latejar novamente. Ele rosna, mordendo meus lábios, antes de se afastar, olhos grudados nos meus. — Vamos circular mais um pouco com Dam e Anna. — diz com rouquidão sensual. — Depois, você é toda minha.

— *Perfetto.* — ronrono, sugando seu lábio.

— Gostosa... — ele rosna, lambendo minha boca lentamente. Eu mio,

fazendo-o rir. Nos lambemos em provocação sensual, nos agarrando e esfregando sutilmente para não dar um show para a câmera próxima. Sussurramos nosso amor na boca um do outro e aprofundamos o beijo de novo, o resto sendo esquecido.

Mike

Uma semana depois...

Eu encho a minha caneca com café enquanto ouço Tom, um dos arquitetos, falar sobre os avanços do setor do qual ficou encarregado. Convoquei a reunião para acertarmos os ponteiros, uma vez que as obras estão se encaminhando para o final. Vivian é a próxima a falar. Ela tem estado bem mais centrada e na dela nas últimas semanas. A princesa andou a confrontando e dizendo algumas verdades, fiquei a par. Custou-me muito convencê-la a deixar Vivian concluir o projeto. Ella sucumbiu depois de muita conversa. Mas tenho percebido que minha boneca está provocando a outra mulher a cada oportunidade. Eu seguro um sorriso. Ella sabe ser geniosa e petulante quando a situação exige. Não queiram estar por perto quando minha menina está com ciúme de mim.

Vivian fala sobre a entrega dos materiais que usaremos no acabamento.

— Tudo certo com os vitrais góticos? — pergunto, tomando um gole do meu café. — Não era para terem entregado as peças ontem?

Ela franze um pouco o cenho. Todos sabem que sou brutal quanto a cumprimento de prazos. Eu bufo. Sou brutal em todos os aspectos profissionais. Não admito falhas. É assim que construí o meu nome. Ser filho de Jayden King não iria me conferir o título de engenheiro do ano por duas vezes seguidas. Não, se eu não me esforçasse, seria apenas mais um *filhinho de papai.* Eu abri meu próprio caminho com muito trabalho duro. Claro que o nome de meu pai amenizou muitas coisas aqui e ali e só tenho a agradecer o meu velho. Aos meus velhos, corrijo-me, vale ressaltar que minha mãe é uma arquiteta acima da média. E é por tudo isso que a

empresa dos vitrais dificilmente terá nova oportunidade na King’s.

— Já liguei cobrando, Mike. — avisa. — Disseram que enfrentaram problemas quanto a matéria-prima, por isso, o atraso na entrega. Garantiram, porém, que nossa encomenda chega hoje sem falta.

Balanço a cabeça.

— Faça-os saber que perderam pontos conosco. — digo energicamente. Ela assente.

— Eu os avisei. — abre um meio sorriso. — Eles já sabiam da fama de durão do novo engenheiro King e estavam se borrando de medo.

Ela brinca e a equipe luta para conter seus sorrisos. Eu solto um grunhido, mas acabo rindo a contragosto.

— Está certo. Vamos lhes dar esse voto de confiança. Quero atenção total nessa reta final. — olho cada um dos rostos à minha frente acomodados no sofá da minha pequena sala nos fundos do museu. — Nenhuma distração, estamos entendidos?

Eles acenam e garantem que tudo correrá como previmos.

— Ótimo. Encerramos aqui. — aviso, levantando-me. Um a um eles apertam a minha mão e vão se encaminhando para a porta.

Tenho uma videoconferência dentro de vinte minutos com meu velho e a equipe das obras no metrô em Londres. Eles estão concluindo antes do previsto também, na próxima semana. Quero aproveitar a viagem que terei que fazer para a reunião mensal com o conselho acionista e vistoriar tudo de perto. Vou aproveitar essa visita para algo mais, porém. Vou saciar minha fome da minha sub no quarto de jogos. Estou louco para mostrar mais alguns truques para minha bonequinha. Ella me enlouquece com sua entrega sem reservas. Na noite em que fomos ao cassino, joguei com ela boa parte da noite. Eu a comi amarrada em uma das poltronas do meu quarto e gozamos como loucos. Estou usando todo o meu repertório de

improviso, mas nada se compara a dominá-la e fodê-la no quarto de jogos. Tudo preparado para o nosso prazer. Eu seguro um grunhido, sentindo meu pau engrossar, já antecipando tudo que farei com a minha princesa. Apenas uma semana, Mike, controle-se, porra. Repreendo-me.

Voltaremos à Ilha para o baile em celebração do seu aniversário de vinte e dois anos que o rei não abre mão. Em seguida, nosso destino será minha casa em Ibiza, como prometi para ela há mais de um mês. Teremos apenas três dias de folga devido à finalização das obras aqui, mas vou fazer valer a pena cada segundo.

— Posso ter uma palavrinha com você? — Vivian inquire, voltando alguns passos. Eu a encaro, ressabiado. Deus queira que não me venha com propostas indecentes ou a mandarei embora, estando na reta final ou não.

— Claro. Sente-se. — uso meu tom de chefe e ela torna a se acomodar, dessa vez em uma das cadeiras na frente da minha mesa. Eu pego minha gravata e o terno sobre o espaldar da minha cadeira e me ocupo em me fazer apresentável para a videoconferência. Os olhos castanhos de Vivian brilham acompanhando meus movimentos. Levanto uma sobrancelha inquisidora e ela pigarreia.

— Eu quero lhe agradecer por ter me mantido no projeto. — diz com a voz muito suave. Eu desconfio que Vivian nutra sentimentos por mim. Ela nunca admitiu isso, mas seus olhares não são apenas de luxúria. Há algo mais lá quando me encara. — A princesa me odeia e sei que pediu minha cabeça para você...

— Não me agradeça, Vivian. — digo, sentando-me enquanto ajusto a minha gravata. — Não fiz isso por ser benevolente. Fiz porque era o correto e não gosto de imprevistos em meus canteiros, como está cansada de saber. — ela acena, meio desconfortável. — E sim, Ella não é muito sua fã, então, por favor, não venha com propostas tolas. — olho-a firmemente

e acrescento: — Para nenhum de nós.

Ela me olha por um longo momento, então, acena.

— Meu Deus, você a ama de uma forma tão... — ela murmura. — Eu não sei como explicar. A forma como fala dela. O jeito que olha para ela...

— Não tente entender. — eu a corto. — É muito além do amor. É devoção. Adoração. — meu tom suaviza. — Meu coração, meu corpo, minha alma, tudo em mim pertence àquela menina. — seus olhos brilham tanto que por um momento penso que vai chorar na minha frente. — E tudo dela me pertence. — completo.

Vivian puxa uma respiração aguda e exala devagar, então se levanta.

— Isso é... — limpa a garganta. — Bonito. — seu olhar segura o meu com um estranho brilho. — Cuide para que nunca se perca. Quando se ama alguém com essa força, a perda deve ser devastadora.

— Nos casaremos em breve. Não vou perdê-la, tampouco ela a mim. — ranjo, franzindo o cenho. — Por que disse isso?

— Nenhuma razão em especial. Apenas um conselho, Mike. — diz, ficando séria. — Me assusta amar alguém com essa intensidade toda.

Tento ler sua expressão. Suas palavras me deixam com uma sensação desconfortável.

— Algo mais? — pergunto, já organizando meu laptop para a conferência.

— Obrigada pela carta de referência. Você foi generoso em suas palavras.

Eu bufo um pouco.

— Você é uma excelente profissional, Vivian. — seu semblante ilumina com meu elogio. — Não lhe fiz nenhum favor, apenas fui sincero. Vai encontrar algo à sua altura, tenho certeza.

Ela assente, emoção vívida em seus olhos lacrimosos.

— Eu poderia fazê-lo feliz se houvesse apenas uma chance. — ela ousa sussurrar. — Lembra como o agradava nas nossas sessões?

Porra. Lá vamos nós.

Mais de uma sub me agradou no passado, não vou negar. Mas era só sexo. No segundo em que terminava de gozar, acabava a satisfação. Com Ella não. Com a minha boneca, eu quero tocar, acariciar, beijar inteira mesmo depois de ter gozado. De novo, de novo e de novo.

— Não vá por aí. — raspo aborrecido. Vivian sorri, levantando as mãos em rendição.

— Eu sei, eu sei. — sua voz é suave, aparentemente vencida. — Eu faria qualquer coisa para ser amada assim. Qualquer coisa.

Eu me sinto mal com essa conversa. Porra, ela está achando que vai chegar aonde com isso?

— Procure no lugar certo, Vivian. Comigo sempre foi diversão, sabia disso desde o começo. — meu tom não deixa dúvidas.

Ela me observa por outro longo instante.

— Se não houvesse a princesa. — pergunta baixinho, especulativa. — Eu teria uma chance? Sei que gostava de transar comigo. — parece muito magoada agora. Porra. Quando vai pegar a fodida dica? — Você gozava forte em nossas sessões.

Eu rosno, rangendo os dentes.

— Vivian, não quero ser grosseiro com você, mas não está me deixando outra opção. — ranjo. — Não há essa possibilidade. Ella sempre foi a única que amei fora a minha mãe e irmãs. Ella é a minha vida. — eu digo com toda a convicção e exasperação. — Sim, eu apreciei nossas sessões e gozei forte. Sou homem, você é linda e gostosa, o que esperava? Gosto de

foder, porra. — admitir isso traz uma sensação ruim. É como uma traição à Ella. — Mas elas foram apenas isso: sessões entre um Dom e uma sub que não tinham nenhum vínculo fora dali. Agora, se não há mais nada para tratar, tenho uma videoconferência em poucos minutos.

Vivian suspira derrotada, mas acena.

— Claro. Vou voltar ao trabalho. — murmura, dirigindo-se para a porta.

— Faça isso. — concordo e me concentro na chamada de conferência pela próxima hora.

Ella esteve acompanhando sua mãe em uma visita oficial a um dos orfanatos da Ilha e marcamos de nos encontrar com a organizadora do buffet do casamento às cinco da tarde para a prova do bolo. Eu acho essa merda toda muito feminina para o meu gosto, no entanto, minha boneca está empolgada para provar as iguarias. Quem sou eu para privá-la da sua gula por doces.

Sorrio, encerrando o expediente por hoje e deixo a sala. Meu celular toca enquanto atravesso o pórtico, olhando em volta, o sentimento de dever sendo cumprido se instala em mim à medida que vejo tudo em fase de acabamento e os homens trabalhando em ritmo intenso. Atendo o aparelho ao ver o nome de Daniel, meu amigo pessoal e um dos sócios mais respeitados em nosso clube em Londres. Eu o convidei para ser um dos meus padrinhos de casamento. Mesmo não indo ao clube nos últimos meses, nos mantivemos falando por telefone. Ele ficou contente quando me acertei com Ella, mas não esperava um convite assim da minha parte, que sempre fui reservado em nossa amizade. Sou um filho da puta esquivo com pessoas de fora do meu círculo familiar. É uma tarefa árdua ganhar a minha confiança. Isso leva tempo, mas esse cara a ganhou.

Daniel é um dos poucos Mestres que respeito em nosso convívio. Tem alguns pulhas que usam o BDSM para praticar violência gratuita contra

seu submisso ou escravo. Daniel sempre combateu esses falsos Domes e isso foi o que nos aproximou e nos fez estreitar laços. Bem, isso e o fato de que ampliei duas casas noturnas de sua propriedade há alguns anos. Ele está no ramo do entretenimento e é bem-sucedido, apenas a elite da elite frequenta seus estabelecimentos. Ella já o encontrou algumas vezes em Londres, no entanto, só veio saber que também é um Dom recentemente.

— Ei, cara. — eu o saúdo, entrando no estacionamento e destravando o carro que estou usando, um dos modelos esportivos de Dam. Entro e me acomodo, ajustando o celular no *bluetooth* sobre o console central. — A que devo a honra?

Ele ri do outro lado.

— Ei, parceiro. — responde com sua voz calma e pausada. — Como estão as coisas na realeza?

Eu bufo. Ele sempre me provoca pelo meu título e agora, em dobro por causa do meu casamento com uma princesa de sangue, de fato.

— Estou indo encontrar Ella para a prova do bolo, parceiro. — eu digo com um grunhido. Ele gargalha.

— Porra, o que diabos quer dizer isso, cara? — caçoa.

Eu bufo, manobrando para sair da garagem.

— Quer dizer que tenho que provar e aprovar o bolo do casamento, seu filho da puta. — eu rosno.

Daniel ri mais, adorando me ver às voltas com uma garota. Isso é novidade para ele.

— Definitivamente esse negócio de casamento não é para mim, amigo. — zomba. Limpa a garganta e prossegue: — Entretanto, liguei para dizer que quero oferecer um jantar para vocês em minha casa. Podemos aproveitar sua vinda a Londres na próxima semana, que acha?

Eu fico um pouco tocado com sua atenção. Daniel é tão esquivo quanto eu no quesito relações humanas. Pelo pouco que sei da sua história, ele veio de baixo, de família humilde e subiu pelo seu próprio esforço e trabalho. Já estive em sua mansão várias vezes. Ele gosta de organizar reuniões para os membros mais chegados do clube. Nesses encontros há sempre boa comida, bebida e... Sexo. Muito sexo. Espero que *este* jantar seja algo mais íntimo. Quero introduzir a princesa suavemente em nosso mundo.

— Será algo íntimo, Mike. — esclarece como se lesse minha mente. — Apenas para dar boas-vindas à princesa em nosso meio e, claro, comemorarmos seu noivado. — acrescenta com provocação outra vez: — Afinal, você é o filho da puta mais sortudo em toda Londres! O que mais explica ela ter escolhido dormir e acordar vendo essa sua cara feia para o resto da vida, parceiro?

Eu solto um rosnado, mas rio, tendo que concordar.

— Minha cara é muito mais apresentável do que a sua, seu bastardo. — ranjo, pegando a avenida beira-mar, seguindo para o endereço do buffet, um elegante prédio na divisa da praia de San Domingo com a San Marcos. — Mas, sim, sou um sortudo do caralho. — suavizo o tom. — Obrigado, cara. Isso é atencioso da sua parte.

— Não por isso, amigo. — sua entonação mais profunda agora. — Você sabe, nenhum de nós é chegado a essas frescuras de regras sociais, mas quero dizer mais uma vez o quanto aprecio ter me convidado para padrinho do seu casamento.

— Cara, você não vai chorar, vai? — debocho.

— Foda-se, Mike! — Ele rosna, então sorri. — Eu poderia, uma vez que nunca estive entre a realeza antes. — faz-se um breve silêncio. — Ouça, quero que saiba que pode contar comigo para qualquer merda que precisar, certo?

— Certo. Vou conversar com Ella sobre o jantar e te ligo depois, parceiro. — garanto e após nos despedimos brevemente, desligo.

Ligo o som, sintonizando uma rádio local e tamborilo os dedos no volante ao som de uma música da *DragonFly*. Porra, esses roqueiros me perseguem. Eu bufo. No entanto, o rock agitado me distrai do trânsito começando a ficar intenso se aproximando da hora do rush. Estou na metade do caminho quando meu celular toca novamente. É Dam.

— Fala, primo. — eu o atendo, parando em um sinal vermelho.

— Você precisa ir para o hospital Central, Mike! — ele rosna as palavras com uma raiva evidente na voz.

Eu franzo a testa em confusão.

— Por que preciso ir ao hospital? — inquiro.

Ele solta uma série de palavrões em italiano.

— Ella, primo! — brada, agoniado. — Um motoqueiro a atropelou na frente do prédio do tal buffet, porra!

O quê?! Que diabos ele está dizendo? Meu coração dispara, batendo com força no peito. Que porra é essa? Como assim, alguém a atropelou?

— Como diabos Ella foi atropelada, Dam? — rosno, inflamado. — Ela está muito machucada? Pegaram o infeliz? — eu acelero, não me importando que o sinal ainda esteja fechado e faço a rotatória alguns metros à frente, retornando em direção ao centro. Piso fundo no acelerador. Deus, não suporto a ideia da minha boneca machucada. Eu gemo em agonia e impotência por ainda estar a quilômetros da porra do hospital. Outra chamada aparece no aparelho. É Harry, que está no carro atrás de mim, sem entender porque estou voltando. Atendo-o, explicando rapidamente o que houve e volto a falar com Dam. — Diga-me, porra! Como diabos isso aconteceu? Onde estava o fodido Lorenzo que não a protegeu? — ranjo, enfurecido.

Dam suspira.

— Ela sofreu algumas escoriações, mas está bem, de acordo com Lorenzo. Ele informou que estavam chegando ao hospital agora mesmo. — ruge, praguejando mais em sua língua materna. Eu solto a respiração. Alívio me tomando. Ela está bem. Minha bonequinha está bem. Foi só a porra de um susto. — Não acho que isso tenha sido algo isolado, Mike.

Meu sangue gela com a insinuação em seu tom, o alívio escoando rapidamente.

— Acha que...

— Eu acho que quem está atrás de você deu um jeito de chegar até Ella. — diz entre dentes.

— Não! — solto um grunhido alto, socando o volante. — Não, porra! Eu juro que vou matar quem ousou machucá-la!

— Precisamos dizer a Ella que tem alguém atrás de você. Sei que concordei em não preocupá-la no início, mas agora é questão de segurança. Ela precisa saber para ficar mais atenta. — exala alto e diz em uma voz mortalmente calma: — Eu estou com você, primo. Garanto que vou pessoalmente matar qualquer infeliz que ouse tocar na minha irmãzinha.

Eu engulo em seco. Nunca ouvi esse nível de ira em meu primo.

— Então, vamos pegar esse bastardo juntos, Dam. — rosno. — Porque ninguém que ouse machucar a minha menina sairá impune, eu lhe garanto. — ele grunhe uma concordância do outro lado. — E a porra do Serviço Secreto? Nada ainda? — bufo, muito puto com essa demora dos agentes em mostrar algo consistente.

Dam fica em silêncio um instante.

— Não estão falando nada. No entanto, tenho um pressentimento de que já tem alguma coisa, apenas não estão compartilhando conosco.

Eu bufo.

— Não estou impressionado, Dam. — cuspo laconicamente.

Ele rosna do outro lado.

— Você tem razão. Vou exigir que nos deem uma atualização dessa merda o quanto antes.

Porra. Eu puxo uma respiração aguda e me forço a manter a calma ou vou causar um acidente.

— Nós vamos conversar com o agente Falconi, primo. Hoje ainda, de preferência. — forço meu tom mais controlado. Não quero detonar a porra do Serviço Secreto, mas estou insatisfeito e frustrado que não estamos indo para lugar nenhum enquanto algum fodido está atrás de mim. — Ele parece mais acessível.

— Meu pai não vai ficar contente que isso está resvalando em Ella por incompetência dos agentes. — ele grunhe. — Tenho que chamá-lo agora, Mike. Nos vemos daqui a pouco.

— Nos vemos no hospital, primo. — digo sucinto, desligando e pisando com tudo no acelerador.

Preciso chegar até a minha menina e constatar que está mesmo bem. O medo é como um verme rastejante. Ele sempre esteve à espreita desde que a matéria foi publicada pelo fodido Angliotti. Eu suspiro alto. Porra, agora, está ganhando cada vez mais espaço. O que é isso, minha Santa Mãe de Deus? Quem é, ou quem são? O que querem de mim? Eu sinceramente não me lembro de ter irritado alguém a ponto de sofrer uma perseguição fodida como essa. Para mim parece que estão querendo o meu couro gratuitamente.

Exalo, angustiado. Perguntas. Apenas fodidas perguntas são o que tenho.



CAPÍTULO NOVE

Mike

Ella suspira com a cabeça encostada em meu peito. A rainha termina de ajeitar os travesseiros sobre a minha cama e eu deposito a minha menina suavemente. Posso sentir os olhos afiados do meu tio às minhas costas. Ella quis vir para meu quarto, não foi ideia minha, tenho vontade de lhe dizer. Embora, não possa negar a satisfação que isso me traz. Porra, quando é que meu tio vai aceitar que sou o homem que ela ama? Merda. Talvez isso seja apenas ciúme de pai mesmo, não tem nada a ver comigo, o rei iria querer arrancar as bolas de qualquer bastardo que ameaçasse levar sua *principessa* embora. Provavelmente vou ser ainda mais filho da puta quando Ella me der uma princesinha. Porra, uma princesinha loira de olhos de verdes. Meu coração derrete com a ideia. Não falamos sobre filhos ainda, mas, quero uns três, pelo menos. Dois meninos e uma menina, assim, minhas duas princesas estarão bem protegidas.

— *Grazie, amore mio.* — sussurra, segurando meu rosto nos dois lados e me beija suavemente nos lábios. Caralho. Eu tenho que me segurar para não gemer na frente dos meus tios. Ella ri baixinho, contra meus lábios, como a menina travessa que é, adorando me provocar.

Suspiro, deixando o alívio me inundar. Quase provoquei um acidente a caminho do hospital, precisando vê-la, tocá-la, constatar com meus

próprios olhos que não estava machucada. Eu deslizo o indicador pela face delicada. Essa menina é o meu mundo inteiro.

— Descanse, meu amor. — murmuro de volta. Alguém está pigarreando no momento em que penso em lhe dar mais um beijo. Rimos furtivamente, sabendo que só pode ser meu tio.

— Você está bem mesmo, *piccola?* — ele pergunta, se aproximando da cama. Eu me afasto para lhes dar espaço. Toca o rosto de Ella, seus olhos estão escuros de preocupação paterna. Minha tia se senta na beira da cama, junto da filha e os dois passam a lamber sua cria. Fico apenas observando a cena ao lado de Dam.

— *Si, papà.* Estou bem, fique tranquilo. — Ella sorri com ternura desviando os olhos para sua mãe. — os dois fiquem tranquilos.

Lorenzo disse a verdade. Foram apenas escoriações, graças a Deus. Há curativos em seu cotovelo e joelho direito. O que mais preocupou o médico que a atendeu foi a pancada na cabeça durante a queda. Ella levou quatro pontos no couro cabeludo e ficou seis horas em observação prevenindo uma concussão, sendo liberada ainda há pouco.

— Um dia será mãe também, minha princesa. — tia Júlia diz com voz embargada, enquanto traça o rosto da filha com uma doçura que me lembra de minha mãe. — não dá para ficar tranquila quando um de nossos filhos se machuca, querida.

— Eu sei, *mamma.* Mas, estou bem. — abre um sorriso amoroso. — vocês ouviram o médico. Foi apenas um susto, *grazie a Dio.*

— *Grazie a Dio, tesoro.* — seu pai concorda com voz tensa e se inclina, beijando-a na testa. — descanse agora, *si?* — seus olhos vêm para mim, me dizendo que não gosta do fato de sua *princepessa* estar em minha cama.

Uh, se ele soubesse as coisas que já fizemos nessa cama...

O celular de Dam toca, deixando-me em alerta. Ele atende com o que parece ser mais um rosnado do que uma saudação. Meu primo ainda está puto com o *incidente* e a falta de respostas dos agentes. Tudo isso só me leva a pensar que Angliotti tinha razão, essa ou essas pessoas são muito espertas e sim, perigosas. Eu vou ser amaldiçoado se deixá-los chegar perto de Ella outra vez. Vou contratar minha própria investigação paralela e puxar esses bastardos do buraco onde estão se escondendo.

Eu apuro os ouvidos para tentar pescar algo da conversa baixa de Dam. Ele encerra a ligação com o rosto torcido. Parece furioso.

— Pegaram o motociclista. — anuncia, olhando seu pai. — e não é só isso. — seu olhar pousa em Ella. — eles tem Paolo de Montessola sob custódia.

— O quê?! — o resto de nós exclama.

— Paolo? Por quê? — Ella inquire, gemendo quando se ajeita melhor sobre os travesseiros.

Dou dois passos para perto, querendo chegar até ela, mas meus tios estão cercando-a.

— Está sentindo dor, boneca?

Seus olhos amolecem, sabendo que preciso estar perto dela, mas não quero me interpor entre meus tios.

— Apenas um pouco dolorida, amor. O médico avisou que ficaria assim por uns dois dias, não se preocupe. — seu semblante volta a se fechar quando desvia sua atenção para Dam. — responda, *fratello,* porque Paolo está sob custódia?

Dam range os dentes.

— Parece que aquele infeliz estava por trás disso tudo, *sorella.* A manchete caluniosa, as mortes e seu atropelamento. — diz com cara de quem está pronto para esfolar o duquezinho de merda.

Nova onda de exclamações das mulheres e palavrões por parte minha e do rei. Eu crispo os punhos, ira me invadindo, deixando meu sangue quente, zumbindo nos ouvidos.

Porra! Aquele fodido machucou a minha menina. Eu vou rasgar a porra da sua garganta!

****

Trinta minutos depois, Dam, o rei e eu estamos no elevador, subindo para o vigésimo andar do prédio onde funciona a sede do Serviço Secreto, no centro histórico da ilha. Ella ficou abalada com a notícia de que Paolo, o merdinha do seu ex-namorado, está por trás dessa perseguição ridícula, podendo inclusive ter assassinado sua camareira e o jornalista. A rainha ficou com ela enquanto saímos imediatamente para confrontar o infeliz. Não dá para dizer qual de nós está mais irado. Tudo que sei é que quero treinar boxe na cara do empoladinho. Ele vai se arrepender de ter mexido conosco. Isso é certo.

Um senhor distinto, careca e metido em um terno fino está a postos assim que as portas se abrem. É o chefe maior, o Manda-Chuva do Serviço Secreto, Alfredo Bianucci. Dois agentes chegam ao seu lado. Falconi e Cesario, reconheço-os.

— Majestade, altezas, boa noite. — o chefe nos saúda com uma reverência, os outros o seguem.

Meu tio rosna um cumprimento de volta. Ele não se importa com civilidade quando está com raiva, eu me identifico totalmente nesse momento.

— Nós vamos ter uma conversa particular, senhor Bianucci. Mas, primeiro, leve-nos até o duque. — ele exige, abrindo caminho para fora. Dam e eu o seguimos. — quero olhar dentro dos olhos daquele moleque para tentar entender porque foi estúpido o bastante para mexer com a família real. — seu tom é gelado, embora raivoso. — eu quero tudo sobre

a casa de Montessola na minha mesa na primeira hora da manhã. Suas conexões, negócios, lazer, seus podres. Quero *tutto!*

Os homens nos ladeiam com expressões contidas e apreensivas, parecendo crianças levando uma bronca.

— Certamente, meu senhor. — o chefe assente, tentando o seu melhor para não demonstrar fraqueza na frente dos seus subordinados.

Andamos até uma parede de vidro com portas de detectores de metal. O alarme é desativado enquanto passamos e um agente a postos o liga imediatamente. O prédio e a segurança que o circula são impressionantes. No entanto, eles não estão ganhando pontos de nenhum de nós hoje. Seguimos por uma imensa sala dividida em pequenos cubículos com mesas como é comum em repartições públicas. A maioria das mesas está vazia, havendo apenas alguns poucos agentes aqui e ali, afinal, já passa da meia-noite. Atravessamos toda a sala até virar uma esquina, pegando um corredor ladeado de portas. Há vidros nas paredes, que nos permite enxergar dentro dos cômodos, o que me leva a concluir que sejam salas usadas para interrogatório. Os homens param na segunda sala e olho através do vidro, meu sangue voltando a zumbir. Paolo está lá dentro, cabeça baixa, as mãos algemadas sobre uma mesa pequena.

— Ele já foi interrogado? — a pergunta vem na voz tensa de Dam. — o quanto das suspeitas foi confirmado? — seu tom está enganosamente calmo. Eu o conheço bem demais e sei que está se contendo para não entrar na sala e quebrar a cara do empoladinho. Exatamente como eu.

Os três homens suspiram, parecendo ainda mais desconfortáveis.

— *Tutto,* alteza. Todas as suspeitas foram confirmadas. — Bianucci afirma. — o duque de Montessola está metido até a raiz do cabelo na trama de difamação do príncipe Mike e nos eventos que se sucederam depois disso.

Filho da puta!

Eu ranjo os dentes, rosnando como um cão raivoso. Porra, nunca dei nada por esse merdinha. Quem diria que a rejeição de Ella o fizesse ir tão longe? Ele realmente está envolvido nas mortes? O próprio infeliz matou? O mauricinho não parece de forma alguma com alguém que seria capaz de um ato tão extremo. Mas, talvez eu o tenha subestimado.

— Majestade, altezas, eu sei que não estão muito contentes com o jovem Montessola. — Bianucci limpa a garganta, puxando sua gravata como se estivesse sem ar. — mas, *per favore*, não façam nada que possa complicá-los...

— Complicar-nos? — o rei rosna, lançando-lhe um olhar duro. — corrija-me se eu estiver errado, mas, essa é a *minha* Ilha. — Bianucci engole audivelmente. Dam está segurando um sorriso pelo arroubo do pai. — é a minha família que esse moleque abusado resolveu mexer. Minha vontade é entrar lá e lhe ensinar uma ou duas coisas. — seus olhos perfuram Bianucci. — com os meus fodidos punhos! Ele mexeu com a *mia bambina!*

Até eu me encolho com o tom mortal do rei. Dam suspira irritado e estende a mão para o ombro do pai.

— *Papà*, acalme-se. — ele encara o chefe Bianucci. — fique tranquilo, não vamos tocar no infeliz lá dentro, embora, minha vontade seja limpar o chão com a cara dele. — rosna com a mesma ferocidade de seu pai, não tranquilizando o homem em tudo. — mas, vamos ser civilizados, tem a minha palavra. — diz solenemente, então me encara, levantando uma sobrancelha, pedindo concordância.

Eu bufo alto, meus punhos cerrando com mais força.

— Não faço promessas vãs, primo. Não posso garantir que não vou rasgar a maldita garganta do fedelho tão logo eu passe pela porta.

Bianucci faz um som de desagrado.

— Então, não é aconselhável o senhor entrar, alteza.

O quê? Eu faço um som mais animalesco do que humano e o encaro firmemente.

— Tente me parar, senhor. — aponto para o duquezinho de merda através do espelho. — aquele filho da puta machucou Ella!

— Mike, acalme-se, porra. — Dam toca o meu ombro como fez com seu pai. — os agentes só estão fazendo o seu trabalho. Não somos bárbaros, senhor Bianucci. — ele ri, mas, isso sai forçado. — pode abrir a porta.

O velho acena para Falconi e a porta é aberta. Entramos os três de uma vez e o merdinha levanta a cabeça, seus olhos faltam saltarem das órbitas quando nos vê. Engole em seco, ficando pálido como uma folha de papel. Bom. É bom que esteja se borrando mesmo.

— O rei e os príncipes querem ter uma palavra com você, Montessola. — Falconi avisa, seu tom áspero. O agente durão dando as caras pela primeira vez na noite.

Paolo nos encara um a um, o rosto adquirindo uma máscara mais corajosa.

— Majestade, altezas. — faz uma reverência tensa e seu olhar se prende no meu, deixando claro que não me suporta como eu à ele. — eu só falo na presença do meu advogado.

Nós três rosnamos.

— O inferno que não vai, seu merdinha! — cuspo, tentando me aproximar, mas sou contido por Falconi, que me lança um olhar duro, meneando a cabeça. — vai se arrepender de ter planejado toda essa merda contra mim.

— Apenas na presença do meu advogado. Já fui interrogado. Conheço meus direitos, não podem me forçar.

Meu tio avança, ficando bem perto do infeliz. Ele recua sabiamente.

— Seus direitos, *figlio?* — o tratamento carinhoso sai cheio de sarcasmo da boca do meu tio. — você e sua família serão dizimados de Ardócia. — Paolo pisca, sua postura sendo abalada pela declaração do rei. — eu não lido bem com traidores, todos que me conhecem sabem disso. Costumo passar por cima deles como um rolo compressor. — o merdinha engole, lágrimas enchendo seus olhos. — não sobrará nada sobre os Montessola, *capisce? Niente.*[9]

— Repito, apenas com a presença do meu advogado. — sua voz está tremendo agora.

Meu tio faz um som frustrado, seguido por Dam.

— Posso ficar sozinho com ele uns instantes? — pergunto e Paolo vira a cabeça rapidamente na minha direção, medo enchendo suas feições de mauricinho fresco.

— Não! Eu não quero ficar sozinho com esse imbecil! — brada, olhando os agentes. — não podem me deixar sozinho com ele, ainda por cima algemado!

Eu rio friamente.

— Não por isso, *duque.* — ironizo seu título. — retirem as algemas se ele acha que terá mais chances assim... — eu zombo. Posso quebrar o infeliz em dois pedaços com um pé nas costas e não brotaria uma gota de suor.

— Mike... — a voz cheia de autoridade de meu tio me faz olhá-lo. Ele me manda um recado silencioso. — faremos tudo pelos caminhos legais, *figlio.*

Assinto. No entanto, preciso de um tempo a sós com esse filho de uma puta. Preciso entender como tramou tudo e ele vai falar. Ah, sim, vai cantar como um fodido papagaio!

— Quero apenas conversar um pouco...

— Não vou falar, já disse! — Paolo parece à beira do pânico agora, enquanto os agentes o liberam das algemas.

Dam me olha, erguendo uma sobrancelha, como que perguntando que diabos estou fazendo. Eu apenas bufo uma risada irônica.

— Estaremos do lado de fora. — Falconi diz com veemência, soando como um recado para mim e uma tentativa de acalmar o inseto fedido à minha frente.

Eles saem. O ar parece ficar mais pesado à medida que nos encaramos.

— Ella nunca quis você. Seu namorico foi apenas porque ainda não tínhamos nos resolvido. — eu digo com toda calma que consigo reunir quando tudo que quero é dar uns bons ganchos de direita em seu queixo aristocrático de sangue puro. — em vez de aceitar isso como um bom perdedor, você tomou decisões muito estúpidas, não é? Primeiro plantou a difamação na mídia... — abano a cabeça. — então, o quê? Celina descobriu, foi por isso que a matou?

Ele inspira agudamente, massageando os pulsos, inchando como um franguinho numa rinha de galos.

— Não! — sua negação veemente me faz estreitar os olhos. — não a matei. — ele diz em tom assombrado. Sua reação um tanto exagerada me deixa em alerta.

— Que tipo de relação mantinha com a camareira de Ella, *duque?* — inquiro, suspeita se infiltrando em mim.

Paolo desvia o olhar, engolindo duro.

— Não a matei. — sussurra.

— Então, quem foi? E Fabio Angliotti? — pergunto, me aproximando devagar. Ele dá passos para trás cautelosamente. — será que ele estava de

repente ameaçando revelar a identidade de quem lhe deu a falsa notícia? Exigindo dinheiro, talvez?

Paolo grunhe, enfiando as mãos pelos cabelos.

— Me recuso a cair em seu joguinho, seu bastardo nojento. — cospe friamente.

— E quanto ao atropelamento de Ella nessa tarde? — eu crispo os punhos novamente e tento refrear a vontade de partir para cima dele. — também vai negar isso, suponho?

— Seu monte de lixo! — ele range os dentes, me olhando com o desprezo que sempre esteve reservado para mim em sua expressão. — Ella não sabia o que estava fazendo quando o escolheu. Você a seduziu desde pequena. — eu paro, meu sangue fervendo com seu ataque irado. — você a corrompeu, a sujou, seu filho da puta!

Eu rosno, encurralando-o contra a parede.

— Então, você resolveu que seria fácil me tirar do páreo, vendendo uma história falsa a meu respeito.

— Não era falsa. — ele retruca, olhos queimando de ódio. Eu não achei em nenhum momento que seu despeito chegasse a patamares tão elevados. Ainda estou um pouco chocado com os eventos dessa noite. — a relação de vocês é doentia. Você se aproveitou da princesa. — ele cospe com ar enojado. — quer mesmo que acredite que você não come aquela boceta faz tempo?

E a promessa que fiz de não tocar no infeliz cai por terra. Eu rosno, socando-o em cheio na boca. Ele grunhe, batendo contra a parede. O pego pelo colarinho antes de escorregar para o chão.

— Se você não quiser estar recolhendo seus dentes pelo chão nos próximos minutos, sugiro que seja mais respeitoso quando se referir à princesa, porra! — minha voz é um rangido baixo, enfurecida. A porta se

abre e no instante seguinte sou arrancado de perto do merdinha.

Paolo se endireita e me devolve um sorriso frio, sangue descendo pelos lábios.

— Não terá mais nada de mim. — diz com dentes cerrados. — foda-se, *maledeto!*

Minhas narinas fremem, ampliando.

— Pessoalmente acho você um merdinha metido a besta, um franguinho arrogante, nada além disso. — digo para irritá-lo ainda mais. — nunca fui com a sua cara. Entretanto, nunca pensei que pudesse se revelar uma criatura tão vil. — eu bufo. — mau-caratismo não vem tatuado na testa, não é? — me solto das garras do agente Falconi e ajeito meu terno. Meus olhos cravam nos dele novamente e completo letal: — eu não me importo comigo. Meu nome poderia ir para a lama, a porra do motoqueiro poderia ter vindo para cima de mim. — aponto o dedo em sua direção. — a sua sorte é que nada grave aconteceu com a minha menina, ou você estaria morto agora. Estou falando muito sério, não duvide disso.

Ouço um pigarro.

— Alteza, não é sábio ameaçar o prisioneiro. — Falconi me alerta com tensão na voz.

Paolo torce os lábios em depreciação, mesmo que o medo ainda esteja lá no fundo das suas íris castanhas.

— É, *alteza*, não é sábio me ameaçar. — zomba.

Eu faço menção de ir até ele, mas, Falconi me contém novamente.

— É hora de ir, príncipe Mike. — ele rosna, fazendo força para me conter.

Cesario entra em meu campo de visão e algema o duquezinho de novo.

— Certo, pode me soltar. — digo entre dentes. Ele o faz e eu dou

alguns passos para trás. Olho em volta à procura de Dam e tio Leon.

— Eles estão no escritório do chefe. — Falconi esclarece, lendo minha expressão corretamente. — importa-se de conversarmos um instante lá fora, meu senhor? — eu aceno e lançando um último olhar ameaçador para o empoladinho, deixo o cubículo. O agente lidera o caminho até o final do corredor onde tem uma máquina de café expresso. — como gosta do seu? — inquire pegando dois copos.

— Puro. — respondo, olhando-o e me perguntando o que deseja falar comigo.

Ele serve o meu primeiro, me entrega e preenche o dele em seguida. Dou um gole e aguardo-o começar a falar.

— Eu gostaria de dizer que pegamos o homem e que o caso está encerrado. — diz após um gole do seu copo.

Isso me intriga. Porra, e não está?

— Prossiga, agente. — tomo mais um gole do líquido fumegante, quase queimando a maldita língua.

— Há pontos que ainda não estão claros para mim. — seu rosto está sério. — ele fez o contato com Angliotti sobre a falsa notícia. Porém, as provas que o ligam aos dois assassinatos e ao motociclista que atropelou a princesa são apenas circunstanciais.

O que diabos ele está dizendo?

— Estou indo contra o protocolo lhe dizendo isso, alteza. — seu olhar é firme no meu. — Justiça no mundo real não quer dizer que o verdadeiro culpado vai para a cadeia. — o quê? Por que um agente da lei está dizendo uma merda como essa? Eu franzo o cenho. Ele ri um tanto debochado. Eu meio que gosto desse ar de *foda-se o Serviço Secreto e suas normas* que o agente está mostrando. Ele continua: — quer dizer que alguém vai pagar pelo crime. Vamos torcer para que aquele garoto lá seja o assassino que

estamos procurando.

— Por que está me dizendo tudo isso? — estreito meus olhos nele.

— Porque não o aconselho a relaxar a segurança. — ele passa a mão livre pela cabeça sem um fio de cabelo. — não até termos certeza de que Paolo de Montessola é o nosso homem.

Porra. Suspiro exasperado. E eu pensei que voltaria com boas notícias para Ella. Que estaríamos livres dessa perseguição.

— Sua opinião? — sondo-o.

— Posso estar enganado, mas, desconfio que o jovem esteja sendo usado como bode expiatório.

— De quem, porra? — não seguro meu gênio.

O agente ri levemente da minha explosão e toma mais um gole do café.

— E quanto ao nome que lhes dei há uma semana? Investigaram? — pergunto.

Seu rosto fica sério outra vez.

— Sim, encontramos vários Tonys nas ruas no período em que nos informou. Fomos afunilando e chegamos a um que acredito ser o garoto de quem se lembra. — ele empurra a mão dentro do terno e puxa um envelope com algumas fotos impressas de arquivos de computador. Eu abro e meu estômago torce ao me deparar com a cara detestável de Tony. A mesma cara, os mesmos olhos de vinte anos atrás me encaram de volta. — ele e sua gangue foram mandados para um reformatório logo depois que você foi adotado pelos seus pais.

Eu ergo os olhos para o agente, instigando-o a continuar.

— A gangue não teve um fim bonito, alteza. Quase todos morreram ainda no reformatório.

Isso tem a minha atenção.

— Como?

Falconi dá de ombros.

— Maus-tratos, comum nesses tipos de instituições. Apanhavam constantemente e adoeceram...

Mesmo não nutrindo bons sentimentos por aqueles filhos da puta, saber que tiveram um fim desses não me alegra.

— Quem sobreviveu? Você disse que quase todos morreram no reformatório.

— Tony sobreviveu. Ele era o mais velho, mais encorpado e conseguiu passar pelos maus-tratos. — seu cenho franze. — saiu quando completou a maior idade e pouco tempo depois voltou a ser pego, dessa vez foi trancafiado em uma penitenciária.

Eu folheio as fotos e paro na de uma menina. Uma menina morena, bonita. Lembro-me dela me ajudando sempre que Tony me espancava. A irmã dele. Luciane. Era esse o seu nome. Luciane, repito mentalmente o nome do meu passado, tudo me trazendo uma sensação ruim na boca do estômago.

— A menina foi adotada quando a gangue foi pega. — ele informa olhando a foto em minhas mãos. — o irmão voltou a procurar por ela quando saiu da prisão, anos mais tarde.

— Eles estão vivos? — pergunto levantando a vista para ele.

— Não. Antony e Luciane Edwards morreram em um incêndio que vitimou a família adotiva da menina também.

Caralho. Eu puxo uma ingestão de ar necessária. A pior forma para alguém morrer. Queimado. Estremeço. Não quero nem imaginar algo assim. Falconi pigarreia e amassa seu copo, atirando-o na lixeira próxima da máquina. Eu tomo meu último gole e faço o mesmo. Guardo as fotos no envelope, devolvendo-o.

— Obrigado por compartilhar sua real opinião sobre o caso comigo, agente Falconi. — ele acena, satisfação brilhando nos olhos escuros. — tenho que dizer que fiquei surpreso com a quantidade de informação que conseguiram em apenas uma semana.

Dizer isso faz com que eu pareça um babaca e pelo quase sorriso que se forma na boca do homem, ele também compartilha dessa opinião.

— Estamos trabalhando, alteza. Mesmo quando não apresentamos nada, ainda estamos trabalhando. — aponta em tom de defesa.

Eu aceno e estendo a mão. Ele a pega meio relutante. Não é comum a realeza oferecer a mão em saudações. Entretanto, não sou de seguir o protocolo.

— Obrigado pelos conselhos também. Não vou baixar a guarda enquanto tudo não se resolver. — dou-lhe um último aceno e saio pelo corredor em busca de Dam e meu tio. Tudo que quero agora é voltar ao palácio e ver como minha boneca está.

Antonella

Eu acordo com uma carícia leve na minha face. Sorrio, movendo minhas pálpebras abertas. Olhos negros lindos me olham de volta. Mike sorri, meio envergonhado.

— Desculpe por acordá-la, boneca. — sussurra, os dedos correndo pelos contornos do meu rosto. — eu queria apenas tocar você.

Há uma urgência velada em seu tom calmo. Seguro sua mão e a desvio para meus lábios. Beijo cada um dos dedos ternamente. Me arrasto para cima, contra os travesseiros, fazendo uma careta, ao sentir meus músculos protestarem. *Caspita!* Embora tenha sido apenas um susto, fiquei com algumas escoriações, dolorida aqui e ali. Se não fosse por Lorenzo me puxar a tempo, a moto teria me acertado em cheio. Poderia estar bem pior agora. Estremeço ante a ideia. Ainda não consigo acreditar que Paolo

esteve por trás de tudo desde a notícia caluniosa. Jamais imaginei que fosse tão vingativo. Na verdade, ainda estou processando essa informação. Como pude conviver por cinco meses com uma pessoa assim? Um possível assassino frio?

— Eu queria esperar por você acordada, mas os remédios para dor me nocautearam. — me desculpo, ele se debruça, aproximando o rosto masculinamente deslumbrante. Não sei se tem essa expressão. Rio internamente. Se não tiver acabo de inventar apenas para ele, *mio* moreno sexy. Seus lábios mornos tocam os meus e eu não consigo evitar, gemo. Mike sorri contra a minha boca e lambe meu lábio inferior antes de se afastar. — está vindo para a cama? — eu praticamente mio, bocejando um pouco, meu corpo acendendo, meu olhar caindo em seu peito musculoso e nu. Eu desço mais e encontro uma toalha branca enrolada em sua cintura. *Dio,* minha boca saliva com o contraste do tecido contra sua tez morena. Há gotas d'água escorrendo em seu tórax. Eu lambo os lábios involuntariamente.

Sua risada baixa me faz levantar a vista e nossos olhares se encontram. Nos olhamos fixamente com cobiça. Eu corro os dedos pelos seus cabelos molhados, gemendo com a maciez.

— Não me olhe assim, princesa. — sua voz é grossa. — você está machucada, precisa descansar. — eu pego seu polegar e o sugo todo. Mike rosna, gemendo longamente, mordendo o lábio inferior. — droga, essa boca...

— Estou bem agora. — deslizo a língua bem devagar em seu dedo, rolando obscenamente. Ele ruge palavrões. Eu rio.

Embora seus olhos estejam quentes, me devorando, seu semblante escurece.

— Odeio ver minha bonequinha machucada. — murmura. — ainda quero esfolar o responsável por isso. — cerra os dentes.

— Como foi o encontro com Paolo? — indago baixinho.

Seu olhar ferve. Posso sentir sua raiva saindo em ondas.

— Amanhã falaremos sobre isso, prometo. — murmura. — come alguma coisa comigo, amor? — pergunta, seu tom suave, contrariando sua expressão irada. — não comi nada no hospital e nem depois. — faz uma careta, eu rio levemente, lembrando que não comi muito da sopa que enviaram ao quarto. Comi um sanduiche bem leve que minha mãe trouxe para mim, mas, já estou com fome de novo para ser sincera.

— Fiz apenas um lanche que minha mãe me trouxe antes de ir para seus aposentos há... — eu franzo o cenho, desorientada. — que horas são?

— Quase duas da madrugada. — ele dá de ombros, então, um brilho perverso aparece em suas íris — ceia da madrugada está se tornando rapidamente a minha segunda refeição preferida... — sua voz pinga safadeza. Temos feito isso com muita frequência depois das maratonas de sexo.

Eu suspiro, babando em seu rosto bem perto do meu. Sugo seu lábio e mordo a carne com pressão, do jeito que nós dois gostamos de brincar. Ele rosna e enfia os braços por baixo de mim, me levantando da cama. Minha ínfima camisola sobe, deixando-me quase nua sob seu olhar quente.

— Qual é a primeira? — ronrono, me segurando em seus ombros.

Seus olhos deslizam pelo meu corpo como dois lasers incinerando minha pequena camisola. Meus seios intumescem os bicos ficando muito mais salientes através do tecido fino.

— Pare de bancar a inocente, princesa. — ele diz asperamente, me levando através das portas para o terraço. — sabe que comer você vem antes de qualquer coisa.

Eu bufo, fazendo cara de indignação.

— Tão romântico, meu noivo. — retruco, enquanto ele ri com vontade

e me acomoda com cuidado sobre uma das cadeiras da pequena mesa posta para dois. Estremeço com a brisa da madrugada e ele levanta um dedo pedindo um minuto, voltando para dentro. Eu destampo as travessas e inalo o cheiro gostoso dos bifes à parmegiana. Minha boca saliva pela segunda vez na noite. Eu rio secretamente. Bem, eu acho que a ceia da madrugada é minha segunda refeição preferida também.

— Que sorriso é esse, bonequinha? — sua voz soa bem no meu ouvido. Eu dou um gritinho manhoso de surpresa. — aqui, estenda os braços. — pede colocando meu penhoar de seda negra sobre meus ombros. Meu peito aquece, enquanto enfio os braços pelas mangas, deixando-o me vestir. Ele desenvolveu um gosto muito particular para me vestir quase tanto quanto adora me despir. É algo muito íntimo, deliciosamente sensual que compartilhamos. Eu também acabei pegando gosto por vesti-lo. Amo arrumar suas gravatas sobre os ternos de três peças que usa em dias formais.

— *Grazie, amore mio.* — sussurro levantando o rosto para receber um beijo cálido nos lábios. — eu estava pensando que essa pode ser a minha segunda refeição preferida também.

Ele levanta aquela sobrancelha perversamente linda e arrogante.

— Pode?

— *Si.* — balanço a cabeça, meus olhos presos aos dele. — e risque o sarcasmo sobre o romantismo do meu noivo. — eu ronrono. — *tutto lui è perfetto.*[10]

Ele rosna.

— Porra. Eu sei o que está fazendo, boneca. — morde meu queixo, me fazendo molhar e gemer. — sabe que não vou tocar em você hoje, precisa descansar os músculos por causa das dores. — eu faço um beicinho e ele ri, todo lindo e viril. — mas, minha menina ama foder e está me

provocando.

Perverso. Eu gemo.

— *Ohh, Dio...* — latejo miseravelmente. Ele beija a ponta do meu nariz e ajeita seu roupão negro indo para a cadeira na minha frente. — eu estou bem, amor. Foram apenas algumas escoriações, você ouviu o médico. — eu resmungo amuada.

Ele ri daquele jeito zombador e delicioso que me enlouquece e passa a servir meu prato. Há tudo que eu gosto. Além dos bifes, há risoto de camarão com palmito, que amo e, claro, uma torta de morango gigantesca. *Va bene*. Eu pego os talheres e como a primeira garfada. Mike sorri da minha expressão de deleite.

— Eu acho que vai ter que se contentar com a segunda preferência para a noite, amor. — há uma nota divertida em seu tom, enquanto os olhos escuros brilham na tênue luz da sacada.

— Você acha, é? — o provoco.

Seu sorriso aumenta lentamente, os cantos da boca subindo daquele jeito malvado que causa uma confusão em minha calcinha. Mas, como não estou usando calcinha, a confusão molhada vasa entre meus lábios vaginais. Ele pega a garrafa de vinho e nos serve duas taças.

— Tenho certeza. — diz, cortando o seu bife, levando a porção à boca, os olhos rindo de mim e da minha birra. — coma, Ella. Eu vi que não comeu nada no hospital e conhecendo a minha menina gulosa... — sua boca curva nos cantos usando isso como duplo sentido. — sabia que estaria faminta quando acordasse.

Estou chateada porque o quero dentro de mim hoje, mas não posso deixar de suspirar. Sim, tudo nele é perfeito. Exalo resignada e comemos em silêncio, trocando garfadas de nossos pratos. Passamos para a sobremesa e eu me esbaldo, para variar. Nenhum de nós comeu muito dos

bifes ou risoto. Hum... Um sorriso de antecipação brinca em minha boca. Eu acho que vou ter o meu moreno hoje apesar de tudo. Ele adora um jogo sedutor e perverso antes de me tomar. Bem, eu também. Eu levanto, fazendo o meu melhor para não gemer com as contrações musculares me incomodando. No entanto, preciso dele. Me conectar com o seu corpo da forma mais profunda possível.

Então, eu me dispo devagar bem na sua frente. Seu maxilar pulsa e uma tenda se forma sob o roupão.

— Porra, boneca. — ele geme e rosna quando a camisola escorrega para o chão...



CAPÍTULO DEZ

Antonella

Uma semana depois, Londres, Inglaterra... De volta ao quarto de jogos...

Eu exalo uma respiração carregada de expectativa quando o jato pousa na área privada do aeroporto Heathrow. Desvio meu olhar da janela e encontro os olhos negros brilhantes, aquecidos sobre mim. Um leve tremular brinca nos lábios sensuais de Mike. Ele sabe que passei duas semanas ansiando para virmos a Londres. A cobertura, o depravado quarto de jogos, nosso esconderijo quando fugimos de Ardócia para consumar nosso amor há um mês e meio. As últimas semanas foram intensas para dizer o mínimo. De uma tacada só fiquei sabendo que havia um louco perseguindo Mike e a mim por tabela. Contudo, o mais inacreditável foi descobrir que se tratava de Paolo, meu ex, que havia guardado mágoa das circunstâncias em que terminei com ele. Paolo nunca foi um fã de Mike, provavelmente porque sempre percebeu que nossa relação ia além do amor fraternal. Entretanto, o duque foi longe demais, estando inclusive, envolvido com o assassinato de Celina, minha camareira, e do tal repórter Angliotti. Ele também pagou o motociclista que me atropelou. *Madonna mia,* se não fosse por Lorenzo eu teria me machucado feio ou até mesmo... Balanço a cabeça, limpando esse pensamento. O Serviço Secreto

comprovou tudo e encerrou o caso. Paolo está preso. Mike e eu podemos relaxar e curtir nosso novo status de casal, sem medo de ir aos lugares.

Saindo do meu recuo mental, o observo abrir seu cinto de segurança com gestos elegantes e lentos. Eu amo suas mãos. São grandes, firmes. Mãos de quem trabalha além do escritório. Meu corpo esquenta ao pensar nos prazeres perversos que essas mãos me proporcionam. Um arrepio percorre minha coluna quando ele se debruça e desprende o meu cinto, as costas dos dedos esfregando os bicos dos meus seios, que ficam salientes sob a blusinha cavada de seda branca.

— Eu queria não ter uma reunião que levará a tarde toda. — reclama, aproximando a boca pecaminosa da minha. Ofego e levanto a mão pegando sua gravata, puxando-o mais para mim. Ele vem com um sorriso safado. Minha língua espreita para fora e dou uma pincelada lenta e sedutora em sua boca. Um rugido baixo deixa seus lábios, a mão direita subindo e pegando minha garganta pela frente. Arfo alto. Ele ri, a expressão rapidamente ficando obscena. — mas, a antecipação faz parte do jogo. — mordisca o canto da minha boca, subindo para a maçã do rosto, onde deposita mais uma mordida sexy, me fazendo pingar. Até a costura da calça jeans passa a incomodar meu clitóris sensível e pulsante. — amo saber que minha menina vai passar a tarde inteira molhada, latejando, ansiando pelo seu dono. — *Dio mio...* Choramingo. — quero a minha cadela pronta para me tomar quando voltar para casa. Apenas chegar, colocá-la de quatro e meter bem fundo, sem nenhuma preliminar. — rosna. — meu pau deslizando até o cabo de tão molhada que minha bocetinha vai estar. — um ganido sai dos meus lábios, tudo em mim pulsando em reação a sua devassidão. Ele ri gostosamente, sabendo que me deixou completamente encharcada e me puxa de pé, um braço enrolando em minha cintura, colando nossos corpos. — você tem se saído extraordinariamente bem, mas ainda tem muitas coisas que preciso lhe mostrar. Limites para explorar... Quero-a bem resolvida, sabendo o que

quer e o quanto quer.

— *Tutto.* — murmuro, rodeando seu pescoço com meus braços. — eu quero fazer tudo. Quero ser tomada de todas as formas que meu dono quiser. — Mike rosna e sinto seu pau ficando duro contra meu ventre. Sorrio atrevidamente, traçando os músculos firmes do seu peitoral sobre o terno. Percebo um movimento com o canto de olho e me forço a limpar toda a luxúria do meu semblante.

— Oh. — Luísa, a comissária de bordo exclama, deixando escapar um leve sorriso por nos flagrar assim. É uma mulher latina no final dos quarenta anos. É a mais velha das comissárias que voam conosco e exclusiva dos voos da King's. Tem me visto voar com Mike desde... Eu rio, desde sempre. — sinto muito interrompê-los, altezas. — diz um tanto sem jeito.

— Não interrompeu, Luísa. Já estamos descendo e deixando de empatar o seu trabalho. — Mike brinca, nos virando para a mulher, seu tom perfeitamente blasé como se não estivéssemos falando sobre nossa volta ao pecaminoso quarto de jogos, segundos antes. Almejo conseguir esse autocontrole futuramente. Talvez isso venha com a experiência, conjecturo. — obrigado por cuidar de mim e da minha boneca. — ele pisca todo charmoso. — é sempre um prazer voar com você.

— O prazer é meu, príncipe Mike. — as bochechas da mulher ficam coradas. Eu sei que é muito bem casada e, praticamente o viu crescer, mas, deve ser difícil se lembrar disso quando se está diante de 1,90 de puro macho moreno. A entendo perfeitamente. — estou contente por vocês. — sua atenção volta para mim e seu sorriso é genuíno, me fazendo sorrir automaticamente de volta. — vossas altezas formam um casal tão bonito. — completa com emoção na voz.

— *Grazie, cara.* — agradeço e seu rosto todo se ilumina com o tratamento carinhoso. — você percebeu quando meu amor por ele mudou,

não é? — pergunto me recordando das vezes em que ela nos deixava a sós por muito tempo. E na forma como me olhava como se me encorajasse a mostrar meus verdadeiros sentimentos para seu patrão.

Ela assente.

— Sim. — encara o Mike. — percebi quando os dele mudaram também e torci secretamente para esse desfecho. — completa acenando entre nós, com um amplo e sábio sorriso.

Mike sorri, sua risada profunda vibrando em meu corpo e sua mão traça uma carícia delicada em minha cintura.

— Obrigado novamente. — ele diz com um misto de carinho e respeito pela mulher mais velha.

— Não tem de que, senhor. A propósito, obrigada mais uma vez por dar uma oportunidade ao meu filho. Ele ainda não acredita que vai trabalhar com os melhores em seu primeiro emprego. — Luísa abre um sorriso radiante ao falar do filho.

— Não me agradeça. Ele conseguiu por mérito. — a mulher fica ainda mais satisfeita ao ouvir isso. — meu velho e eu somos dois bastardos rigorosos com contratações. Portanto, se seu garoto entrou, é porque tem grande potencial.

— Obrigada, alteza. Ele sempre foi muito esforçado. — ela agradece, comovida.

Mike acena.

— Tenha uma ótima tarde, Luísa. Até a próxima. — ele diz cordialmente e pega minha bagagem de mão.

— Boa tarde, Luísa. Foi um prazer tê-la no voo. — me despeço também.

A mulher faz uma reverência.

— É sempre uma honra servi-la, princesa Ella. — diz simpática.

Com um último aceno, nos dirigimos para a porta e começamos a descer a escada. Uma limusine e o Alfa Romeo de Mike estão nos aguardando. Nos separamos aqui, uma vez que está ansioso para chegar à empresa e berrar algumas ordens. Eu rio furtivamente, desejando receber algumas ordens do meu moreno malvado agora mesmo.

— Dê um aumento para ela, *amore mio.* — eu digo quando paramos perto da limusine que me levará para sua, não, nossa cobertura. Ainda não estou acostumada. Ai, *Dio,* falta tão pouco para ser a sua esposa. Sua. Completa e irrevogavelmente sua.

— Um aumento para Luísa? — ele ergue uma sobrancelha linda, enquanto me encurrala contra o carro, não se importando que nossos seguranças estejam nas proximidades. Às vezes acho que faz isso para demarcar território diante dos homens. — por que isso, bonequinha?

— Eu gosto dela. — dou de ombros. — gosto especialmente porque é bem mais velha e não fica babando em cima do meu homem como as outras comissárias oferecidas.

Ele abre um sorriso arrogante e segura minha cintura, sua boca descendo a um centímetro da minha.

— Fechado. Ela já ganha um salário excelente, mas, tudo que minha menina quer, ela tem. Um aumento para Luísa saindo. — murmura em tom brincalhão, então, seus olhos fervem e rosna ainda mais baixo contra minha boca: — o que mais a minha putinha deliciosa e ciumenta precisa? — pura perversão cintila em seu rosto e ele arrasta a boca para o meu ouvido: — peça agora, boneca, porque à noite será a minha vez de ter os desejos atendidos...

Dio santo... Eu latejo, arquejando, lutando para manter a compostura. Sua boca volta para a minha.

— Você. Eu quero você. — sussurro.

Seus olhos incendeiam e uma mão levanta, traçando meu rosto delicadamente.

— Você me tem. — murmura com pura adoração em seu tom e seus lábios deliciosos descem sobre os meus. É um beijo breve, mas, me deixa em chamas. Quando nossas bocas se separam ele sorri satisfeito. *Si, mio dominatore* adora demarcar seu território. — a governanta estará lá esperando por você, amor. Ela vai cuidar de tudo e desembalar seus pertences. — seus olhos iluminam quando diz isso. Eu trouxe alguns dos meus objetos pessoais, antecipando a mudança.

— Me ajudar a desempacotar, você quer dizer? Não sou nenhuma inválida, amor. — eu retruco e ele ri. — ou o que é pior, uma dondoca mimada.

— Está bem, mas não se canse. Quero minha menina descansada e bem-disposta hoje à noite. — meio que rosna isso.

— *Si,* meu senhor. — o provoco.

— Vai ser uma longa tarde, porra. — reclama, mas sorri e completa ternamente: — até a noite, bonequinha.

— Até a noite, *amore mio.* — sussurro em sua boca.

Ele abre a porta da limusine e me ajuda a entrar, então vai até o seu carro. Eu babo em seu porte alto e elegante trajando o terno escuro de engenheiro fodão a caminho da sua reunião.

Delicioso.

Chego à cobertura em aproximadamente quarenta minutos. Lúcia, a governanta de Mike, já estava me esperando como havia me informado. Lorenzo e meus outros dois seguranças trouxeram minhas malas e caixas para cima. Me ocupei das malas enquanto Lúcia se ocupou das caixas. Ela trabalha com ele há alguns anos e é uma senhora também. Eu rio, sabendo

que sou sim, extremamente ciumenta com meu moreno. Não me importo que achem que é exagerado. Vou chutar o traseiro de qualquer vaca que queira se engraçar para o lado dele, estejam avisadas.

Paro as atividades faltando umas três horas para Mike chegar e vou cuidar de mim. Estive o tempo todo esperando algo dele, uma mensagem pelo menos. Não veio nada. Sei, entretanto, que seu silêncio faz parte do jogo de dominação. Quer-me ansiando, desejosa por qualquer coisa que queira me dar. Tomo um longo e relaxante banho de espuma na banheira de hidromassagem externa, perto da piscina. Ouvindo boa música e tomando uma taça do meu vinho favorito, que meu noivo atencioso tem o cuidado de manter sempre na adega. Sinto-me poderosa, estando nua, vendo a cidade inteira aos meus pés.

Não me contendo, tirei uma foto minha com os seios de fora e outra em pé, o corpo nu, parcamente encoberto por espumas, erguendo a taça de vinho para a câmera num convite ousado, safado. As enviei para Mike, imaginando sua cara quando as olhasse no meio da sua reunião. Amo provocá-lo. Talvez seja o fato de que sempre é perverso comigo quando sou atrevida. Adoro. Uma hora antes de ele chegar, veio finalmente uma mensagem de texto, me instruindo a comer algo bem leve e uma banana amassada com aveia. Essa última tenho comido a semana inteira. Bananas previnem câimbras e junto com aveia, é uma fonte rica de energia. *Caspita.* Alguém mais aí achando que *mio dominatore* está planejando ser muito mau nessa sessão? Oh, *si*, ele será, e estaria mentindo se dissesse que não estou gotejando por isso como a menina depravada que sou. Eram sete horas em ponto quando me mandou outra dizendo que estava em casa e que eu fosse para o quarto de hóspedes vizinho do nosso me preparar e só saísse quando me desse a ordem.

Havia uma calcinha vermelha fio dental sobre a cama quando entrei. Um bilhete seco e direto me instruindo a usar somente ela. Me despi, vesti o pequeno tecido de seda e prendi os cabelos no rabo de cavalo no alto da

cabeça. Apenas um batom vermelho como maquiagem, ele exigiu. Os minutos se arrastaram, minha excitação e ansiedade subindo a níveis altos. Exatamente às sete horas e trinta minutos, chega a minha permissão para sair e me dirigir ao quarto de jogos. Eu entro na suíte máster e sigo pela passagem camuflada, todo o meu corpo arrepia quando piso dentro do cômodo. Estou descalça, até mesmo os pelos do carpete provocam-me sensações mundanas. As arandelas embutidas nas paredes, jogam uma iluminação suave e avermelhada no ambiente, criando ao mesmo tempo um clima requintado e devasso. Abaixo a cabeça, cruzando meus pulsos atrás das costas imediatamente, me recordando das instruções e ando até o meio do quarto. Uma música instrumental começa a tocar e meu coração troveja junto com ela. Parece um rap, hip-hop, não estou certa, mas tem uma batida bonita, sensual.

— Primorosa. — a voz sussurrada bem no meu ouvido me assusta. Ofego, lambendo os lábios, nervosa. Não o tinha localizado ainda e essa emoção, a excitação do jogo, de não saber o que vai fazer comigo, me dopa os sentidos. Suas mãos vão para a minha frente e seguram meus seios, amassando a carne devagar, pegando-os com posse. Rola os bicos turgidos entre os polegares e os indicadores. — seus seios são duas perfeitas obras de arte, princesa.

— *Mio Maestro...* — choramingo, a adrenalina da submissão espalhando-se em todo o meu corpo.

— Relaxe os braços. — diz sucintamente. Meus braços pendem livres. Aperta meus mamilos quase ao ponto da dor, me fazendo resfolegar. Ele ri, suas mãos subindo pela clavícula e acariciam meus ombros, os polegares se encontrando em minha nuca numa massagem tão deliciosa que não consigo segurar um gemido. Torna a sorrir roucamente. — não há pele como a sua, boneca. — diz reverentemente, seus lábios trilhando beijos em meus ombros. Chupa meu pescoço, certamente deixando uma marca e minha calcinha inunda, minhas paredes vaginais lisas, pulsando.

Meu corpo se transforma em mingau em suas mãos. — amo vê-la assim, nua para mim, escrava. Isso vai além da simples tarefa de tirar a roupa, no entanto. — sua voz adquire um tom mais manso. Não me engano, porém. Sei que é apenas uma das suas facetas dominantes. — você mostra a sua alma quando se despe para seu dono. Toda vez eu a vejo inteira. — resfolego, sentindo algo rodear meu pescoço. Uma coleira. — completamente entregue, rendida ao seu Mestre. — rosna, prendendo a tira de couro e desce os dedos pela minha coluna, trilhando sem qualquer pressa. Sem aviso, enrola a mão em meu rabo de cavalo e o puxa, subjugando-me.

— Ahh! — deixo escapar um grito, junto com um gemido. Mike sorri profundamente, seus lábios sugando minha orelha, puxando entre os dentes. A mão livre rodeia minha cintura e sobe pela barriga, encontrando meu seio direito e esfrega a palma da mão no mamilo, apenas atiçando-me. — *oh, Dio mio...* — lamento, esfregando as coxas uma na outra.

— Eu vou usar você. — morde meu pescoço acima da coleira, rosnando contra a minha pele. — cada pedacinho dessa pele de seda, cada centímetro desse corpinho delicioso é meu para ser usado, corrompido.

Seu corpo encosta ao meu. Arrepios e vertigens me tomam com seu tom, seu cheiro, seu corpo duro colado em minhas costas. Eu pingo, pulsando descontroladamente. Mike segura meu queixo, puxando meu rosto para trás. Sua boca paira sobre a minha, o hálito morno me provocando. O desejo insano de sentir seu gosto se amontoa em minha língua. Seus olhos muito escuros, intensos, cravados nos meus, é como uma hipnose. Eu quero-o profundamente dentro de mim. Ofego, perdida em seu olhar, sua posse. Quero agradá-lo de formas indizíveis.

— *Per favore.* — sussurro.

— Por favor o que, sub?

— Me beije. Me dê o seu gosto, meu senhor. — choramingo sem

qualquer vergonha.

Sua risada perversa me incendeia ainda mais os sentidos.

— Paciência, bonequinha. — zomba, seus lábios cheios quase tocando os meus. Estremeço. — as coisas boas vêm para as meninas obedientes... — sua mão desce preguiçosamente pelo meu ventre. Prendo a respiração, ansiando por sentir seu toque em minha carne úmida. Ele para na borda da calcinha e desliza os dedos na pele de um lado a outro, devagar, indo e voltando.

— Toque-me, *mio dominatore.* — choramingo, suplicante. — toque-me.

O puxão forte em meu cabelo me faz ganir e um tapa inesperado bem em cima do meu clitóris me faz gritar. Susto, dor, prazer, depravação inflamam minhas veias.

— Conheça o seu lugar, sub. — sua voz está escura, áspera e eu pingo ainda mais. *Dio...* — curve-se para frente. — comanda. Eu gemo, recordando-me da nossa primeira noite aqui. Me curvo e ouço-o meio que gemer e rosnar, provavelmente vendo minha bunda no fio dental indecente. — afaste a calcinha e me mostre o quanto está molhada, o quanto deseja o seu dono, cadela. — bate na minha bunda. Eu chio e faço o que ordena. Puxo a borda para o lado, segurando as duas bochechas bem abertas. Ele silva e grunhe baixinho: — assim, minha boa menina. — me bajula. Sinto-o se inclinando sobre mim e segura meus tornozelos. — separe mais as pernas e segure os joelhos. — torno a seguir seu comando e sua risada é perversa quando ronrona: — tão putinha a minha princesa. Eu amo isso em você. Amo que apenas *eu* conheço isso em você.

— Amo fazer todas as vontades do *mio amato maestro*. — arquejo. — vivo para satisfazer cada desejo seu, meu dono.

Ele rosna ameaçadoramente, mas, suas mãos me acariciam desde os tornozelos, subindo pelas panturrilhas, onde se demora mais. Mike tem

tara pelas minhas panturrilhas. Sobe, os dedos leves e delicados pelas coxas, desliza-os pela parte interna, chegando à virilha. Eu convulsiono, palpitando, ansiando seu toque como uma viciada em Crack. Ele ri malvado e agarra minha vagina por trás, enchendo a mão na carne inchada e necessitada. Seus dentes raspam em minhas costas e nuca, onde morde perversamente. Eu lamento sem vergonha.

— Porra, tão molhada, escrava. Pingando para mim. Que delícia... — geme. — você se parece a própria deusa do amor, boneca. Dominada, mas ainda poderosa, altiva, requintada como só a minha princesa pode ser. Seu corpo merece ser cultuado, venerado. — sussurra contra a minha pele, suas mãos correndo pelas minhas costas e voltam a descer, parando nos globos firmes da minha bunda. Seus dentes afundam na carne do meu ombro direito, mordendo com pressão ao mesmo tempo dolorida e deliciosa. Me dissolvo em líquidos, arfando, amando sua rudeza. Suas palavras doces contradizem a perversão a que está me submetendo. Como se lesse meus pensamentos, ele sorri baixinho e lambe onde mordeu. — essa é a *minha* forma muito particular de cultuar sua beleza, Ella. — me dá um tapa na polpa, eu grito. Alisa delicadamente onde bateu, estou ganindo como uma boa cadela treinada. — degradá-la é tão bom quanto adorá-la, bonequinha. Amo corromper minha linda menina inocente. — me bate do outro lado e alisa de novo. A sessão de tapas se estende, cada bofetada intercalada por uma massagem delicada como uma pluma, ofego, tremendo. Minhas bochechas ardem, suco grosso escorrendo entre minhas coxas. Ele ri baixo e perverso, vendo minha excitação. — que coisa mais linda. — geme rudemente e me ergue, me girando de frente. Eu ofego diante de sua beleza morena e viril. Está vestindo um roupão negro, aberto dos lados, deixando o peitoral sólido, o tanquinho de babar e... *Oh, Dio,* ostentando uma ereção gigantesca sob a boxer branca. Não consigo segurar um gemido lamurioso, de pura mendicância. Quando arrasto meus olhos para cima, um canto de sua boca sobe arrogantemente, olhos negros malvados presos nos meus.

— eu acho que já viu demais, escrava. — debocha e estende uma venda negra, cobrindo meus olhos. — lembra o que me disse mais cedo? — sussurra pecaminosamente no meu ouvido. A sensação de estar privada de um dos sentidos eleva todos os outros. Minha pele arrepia. Ri zombador, sabendo que amo isso. Amo ser corrompida por ele. — responda!

— Ahh! — grito ao sentir o tapa em minha nádega. — n-não me recordo do que está falando, meu senhor. Eu não...

— Você me disse que queria tudo, princesa, foi isso. — rosna, segurando meus quadris e mói o pau duro em meu ventre. — *tutto.* — diz em italiano, zombando de mim.

— *Si,* faça o que quiser comigo, *mio dominatore.* — choramingo e ele rosna. Sinto-o enganchando o dedo na argola da coleira e me puxa.

— Se minha menina gulosa quer tudo, quem sou eu para lhe negar isso? — seu tom ainda é complacente, zombeteiro e eu começo a andar, tentando não tropeçar em meus próprios pés, enquanto me arrasta pelo quarto às cegas. A música encerra e logo começa outra no mesmo estilo sedutor, algo pecaminoso escorrendo dos autofalantes para os nossos ouvidos. Me empurra contra a parede... Espera! Não... Sinto um formato em "x" atrás de mim e entro em pânico. *Oh, Dio mio!* É a temível cruz! Ele ri. — sim, sub, vamos começar testando seus limites aqui. Me diga uma coisa, bonequinha... — seu tom é perigosamente suave. — foi divertido me enviar aquelas fotos de você nua, deliciosa pra caralho na hidromassagem do terraço, enquanto eu estava em plena reunião do conselho? — eu gemo, sabendo que vai me castigar pela ousadia. *Mio* moreno malvado. Meu centro pulsa em antecipação ao castigo. Pega meu braço direito e o levanta, prendendo meu pulso a uma algema de couro. Começo a respirar mais pesado, lambendo os lábios secos. Faz o mesmo com meu pulso esquerdo. Dedos bruscos engancham em minha calcinha e a rasgam com selvageria.

— Mike... — coaxo baixinho.

— Não use o meu nome, escrava. — sua voz é apenas um sibilar. — quem pensa que é para usar meu nome? Você é minha puta aqui dentro, nada mais. Uma vagabundinha que ama, chora, faz tudo pelo meu pau. — eu convulsiono, puxando as restrições. Nunca vou entender porque me excita tanto ser humilhada por ele. Cada palavra degradante que sai da sua boca perfeita, seu timbre forte e autoritário me envia mais perto do orgasmo. — não analise isso. Somos nós dois aqui dentro. Apenas nós dois e vamos foder do jeito que nos satisfaz, compreende? — mio acenando. — você ama ser a minha vadia. Ponto. Nasceu para isso, ser minha em todos os sentidos, então, pare de analisar, escrava. Afaste bem as pernas. — mais um tapa cai em minha bunda e faço o que diz obediente. Logo, meus tornozelos estão sendo contidos também. Suas mãos sobem pelas minhas pernas, me arrepiando e então, eu grito, revirando os olhos quando sinto uma lambida morna em meu clitóris. Aperto os lábios juntos para não chamar seu nome. Ele arreganha meus lábios e chupa, suga meu creme, rosnando, raspa um dedo em meu montículo de nervos e arquejo, pendendo a cabeça contra a parede. Mete dois dedos em minha vulva me fazendo gritar alto quando os empurra profundamente. Palpito, gemendo, implorando por mais. Mordisca meu monte e volta a sugar meu clitóris com força. Retira os dedos, deixando apenas as pontas dentro e os entorta, passando a esfregar meu ponto G.

— Ahhhh! — gemo alto, alucinada, o orgasmo vindo em ondas quentes. Então, ele para, puxando os dedos para fora, me deixando pendurada. Ele sai de perto de mim, sinto pela perda do calor e seu cheiro. Prendo a respiração, ativando minha audição, alerta a qualquer som além da música. Não passa muito tempo algo desliza em meus ombros. Parece couro. Mike passeia o objeto pelo meu torso, colo, seios, ventre. — ohhh! — grito quando dá uma pancada suave no meio das minhas pernas, pegando meus lábios, resvalando no clitóris. *Oh*, *Dio mio,* eu já sei o que é

isso! É um...

— Um chicote, boneca. — ele completa meu pensamento com uma nota irritantemente divertida em seu tom. — que tal isso? — bate em meu monte novamente e ofego, respirando pesado. Assustada, excitada, tudo junto. Bate em minha nádega um pouco mais forte.

—E-eu não sei... — sussurro e me assusto quando sinto-o abrindo meus lábios vaginais com os dedos e em seguida enfia algo. Um vibrador em formato de pênis, o sinto deslizando em minhas paredes. Não é um dos vibradores que já usou antes, esse é diferente, tem uma saliência que pressiona meu clitóris, massageando-o e outra que se encaixa na porta dos fundos... Esfregando meu buraco também. *Caspita!* — não quero o chicote... — minha voz é um fio trêmulo e rouco.

Ele sorri como se eu estivesse dizendo algum disparate.

— Confie em mim, você vai implorar pelo meu chicote e vai gozar com tanta intensidade, boneca. — sua voz está bem no meu ouvido e ele está nu também, seu corpo grande e musculoso roçando ao meu. O pau duro encostando na minha coxa, me deixando insana para tê-lo dentro de mim. — te levarei a lugares que nunca imaginou estar, mas, que desejou secretamente conhecer. Prazeres indizíveis a esperam, minha princesa. Vou lhe dar tudo, vai sentir tanto prazer que vai chorar, implorar para seu Dom nunca parar de degradá-la.

Puta merda. Eu quero responder, mas tudo que sai da minha boca é um gemido indecente quando as vibrações começam em meu interior, no clitóris e no ânus. *Madonna mia...* Mike ri de novo. As mãos firmes segurando minha cintura, colando nossos corpos.

— É um vibrador borboleta. Estimula orgasmos em menos de dois minutos... — sussurra lascivamente. — você não tem permissão para gozar antes disso. Se o fizer será castigada, escrava. — trilha beijos suaves e sedutores em meu pescoço como se suas palavras não fossem malvadas e

desce até encontrar um mamilo e sugá-lo com força. Suor fino começa a brotar em minha pele. Mike alterna entre um seio e outro chupando, mordiscando os bicos. Os tremores em meu canal aumentando, aumentando. Estou respirando erraticamente, meu orgasmo quase à mão. *Oh, Dio mio...* Não tem nem um minuto ainda, tenho certeza. Estou me perdendo, pronta para gritar em êxtase e aceitar meu castigo. Porém, mais uma vez ele para e sorri quando ranjo os dentes, revoltada, querendo bater no cretino sádico gostoso de uma figa. — vai gozar sendo açoitada, boneca. Essa está no topo das minhas fantasias. Perdi a conta de quantas vezes gozei imaginando a minha princesa assim, à minha mercê. — rosna e o primeiro açoite vem, tiras de couro lambendo minhas coxas.

Esse é diferente. Ele está usando dois chicotes? *Santo Cielo!* Um não era suficiente? E agora a imagem depravada dele segurando um chicote em cada mão, nu como um deus pagão, o corpo moreno suado, musculoso, enquanto me açoita perversamente, invade a minha cabeça. *Dio* me ajude... Mike alterna golpes com uma superfície plana em meus seios, nos bicos e as tiras de couro em minhas coxas. Eu tremo, ofego, e para minha surpresa, apreciando a queimação e leve dor erótica. O desconforto de estar dominada, à sua mercê me deixa enlouquecida de luxúria, tenho que admitir. Minha vagina está latejando, toda cremosa, preenchida com o pequeno vibrador. É como se tivesse um coração entre minhas pernas. Ele aumenta a potência das vibrações e resfolego, pendendo a cabeça para trás. Meu clitóris é esfregado agora, impiedosamente

— Ohhh, Mike, *amore mio!* — soluço, as ondas quentes explodindo em minha barriga, minhas paredes palpitando. — me deixe gozar, meu senhor! *Per favore...*

Ele ruge e me dá mais um golpe na cintura, as tiras me abraçando. Me puxa com força pelo chicote, sua boca sugando e lambendo meu seio outra vez e eu estalo, berrando alto quando o gozo me varre com tal intensidade que me deixa aturdida. Me penduro nas amarras, mole. Mike rosna

palavrões e desenrola as tiras de mim. Desprende meus tornozelos e em seguida puxa o vibrador. Ofego alto quando puxa a venda, meus olhos piscando, se acostumando com o ambiente até encontrar os olhos negros. Me olha fixamente e rosnando como um animal, levanta minha perna direita me segurando firme, a cabeça avantajada do seu pau se alojando, abrindo meus lábios vaginais.

— Mike... — murmuro em êxtase puro, emoção crua vibrando em meu sistema por toda a experiência que acabei de passar, não me importando em ser castigada por usar o seu nome.

— Ella... — ele geme rouco parecendo tão perdido no momento quanto eu e mordisca minha boca. Numa rapidez espantosa me levanta pela bunda e mete profundamente em mim.

— Ahh... — arquejo, meu corpo ainda convulsionando nos últimos espasmos do gozo, lágrimas escorrendo pelo prazer absurdo, profano. Regozijo-me em saber que ele também não pode se controlar perto de mim, que me deseja com a mesma loucura. Eu inalo seu cheiro de macho limpo, apimentado, sexy demais. Fome queima nos olhos dele, enquanto investe poderosamente, rasgando-me em golpes fundos. O vibrador era vergonhoso se comparado a seu tamanho e grossura. Eu choramingo, amando ser invadida por ele. Um prazer extasiante, insanamente gostoso quando me rasga até o fundo, com força, possessivo. Sua mão grande segura meu pescoço, prendendo minha cabeça à parede, a boca pecaminosa pairando sobre a minha, os olhos de ônix nunca deixando os meus. Geme rouco, me comendo mais e mais. Ele me fode com total dominação. Meu corpo todo derrete contra ele, respondendo ao seu dominador.

— *Si... si,* meu dono... — um ganido sai da minha boca para a sua. — use o meu corpo como quiser. — soluço, além das minhas faculdades mentais. — fode sua boa putinha, *mio maestro.* Me fode! Droga, que

gostoso, *amore mio...*

— Porra, boneca! Porra... — ele rosna, seus olhos ferozes nos meus, enquanto estoca bruto, socando até o cabo. — me aperte mais com as pernas, quero gozar no fundo dessa boceta! — faço o que diz e rebolo, deixando-o meter o eixo longo e grosso profundamente. Grito, choro, estalo, me encaminhando gananciosamente para outro orgasmo. Ele ri perverso ao perceber e gira o quadril, a cabeça do pau passando a esfregar aquele ponto dentro de mim que me deixa louca.

— *Baciami, amato mio...*[11] — salivo mendigando seu beijo. — *baciami...*

Mike grunhe e me beija finalmente. Um beijo duro e possessivo. Gemidos agressivos, guturais deixam seus lábios para os meus. Nossas respirações estão alteradas, mas não largamos a boca um do outro, mordendo, lambendo, chupando. Seu beijo termina a tarefa de me subjugar. É forte, vigoroso, saqueando-me e levando tudo que pertence a ele. Eu choro, inebriada em meio a tanto prazer, tudo se acumulando e caminhando para transbordar em gozo. Ele me come sem qualquer contenção, metendo fundo, duro, sacudindo-me toda.

— Ahhh! Que gostoso foder a minha menina... — seu tom está engrossado, por um fio. Sua boca volta a mergulhar na minha e balbucia sem querer parar de me beijar e nem eu a ele. — delícia! Toma meu pau todo, bonequinha... Droga, bem assim, Ella! Leve até o maldito talo!

Arquejo, ele ruge asperamente, me levantando e empalando sem dó em seu grosso pau. Estalo e ondulo, sendo tomada por espasmos e convulsões, meu corpo despencando de prazer e eu gozo, berrando alto, enquanto ele estoca cada vez mais fundo, duro. Eu grito, gemo, completamente entregue. Meu amor, meu corpo e minha alma pertencem a este homem.

— Ella! Porra, que perfeita você é, boneca... — ele me segura firme, metendo com uma fome desvairada até que geme rouco, esporrando dentro

de mim. — gostosaaaa... Sou louco por essa boceta, princesa. Louco, porra! — rosna, enquanto os jatos quentes me inundam e nós nos perdemos em gozo. Ambos famintos um pelo outro, arfantes. Choramingos meus e grunhidos ásperos dele duelam em nossos lábios. Ele puxa meu rabo de cavalo e me prega à cruz, literalmente, com cada estocada funda. Me come, me enchendo até a borda.

Mike

Eu rosno, gemo enrouquecido, enquanto os últimos espasmos do gozo rolam pelo meu corpo. Solto seus pulsos e os esfrego, beijando-os. Ainda estou dentro dela, mantendo-a empalada, suspensa na cruz. Porra. Que gostosa. Perfeita. Ela gozou sob o açoite dos meus chicotes. Me deixa insano as coisas obscenas que me permite fazer com seu corpo. O depravado em mim quer montá-la o tempo todo. Eu meio que tenho feito isso, porém, nos últimos dois dias concordamos em não fazer sexo para potencializar nossa sessão. Meu pau e minhas bolas estavam doloridos, gritando para afundar e gozar profundamente atolado em sua bocetinha doce. Suas paredes palpitam, me sugando gostosamente e eu solto um grunhido esfomeado de quem gozou litros, mas ainda quer usá-la até não haver mais esperma em meu corpo. Seus braços vêm em volta do meu pescoço e nos agarramos. Meu pau todo enterrado nela, pulsando em resposta às suas contrações. Seu gozo está escorrendo em meu saco, uma sensação deliciosa pra caralho. Ficamos em silêncio, apenas os sons das nossas respirações ruidosas se acalmando.

— Esplêndida. —murmuro contra seu cabelo. Levanta o rosto rosado para o meu. A fera possessiva dentro de mim ama ver o langor de mulher que gozou intensamente espalhado em suas faces delicadas. — você está fazendo bem, princesa. — meu elogio tem uma pitada de condescendência e ela bufa. Rio, rolando meus lábios nos seus e rosno: — bom saber que os chicotes não são um limite rígido para você, afinal. — eu zombo lambendo sua boca. — quem diria, hein, boneca?

Ela resfolega, ficando agitada. Eu sei que é apenas na sua cabeça essa cisma com os chicotes. Soube que gozaria loucamente sendo açoitada no momento em que ela os viu e tocou nesse quarto em nossa primeira vez aqui. Estava excitada, com receio, mas, definitivamente excitada. Pela forma como responde a tudo que tenho apresentando, arrisco a dizer que em breve estará disfrutando das cenas mais pesadas. É tudo uma questão de paciência e técnica para levá-la, moldá-la até onde eu quero. É uma sub nata, disso não tenho mais nenhuma dúvida.

— Eu ainda não sei como me sinto sobre os chicotes. — sussurra. Pelo seu tom indica que não entende como pode ter sentido prazer em algo que aparentemente a assusta.

— Eu acho que o seu creme escorrendo em meu saco responde essa questão alto e claro, bonequinha. — rio perversamente em seu ouvido. — nós vamos explorar tudo aqui nesse quarto, Ella. — eu a puxo para trás para olhar em seus olhos. — quero comer você de toda forma depravada que conheço. — ela ofega. — tem sua palavra segura, basta usá-la quando algo for além dos seus limites. Para a relação BDSM ser completa, você precisa sentir prazer na submissão também, boneca. Não é só sobre o meu prazer. — meu tom fica mais sério.

— Eu sinto muito prazer, *mio dominatore.* — lambe os lábios e sussurra: — *molto, molto.* — diz baixinho. — mas, às vezes entro em crise por gostar de ser degradada dessa forma.

Eu a encaro fixamente, vendo que está claramente incomodada por ter gozado sob os açoites. Rio levemente e começo a andar com ela empalada em mim. Atravesso o quarto para o “balanço” de cordas.

— Boa resposta. — eu saio de dentro dela devagar, gemendo como um filho da puta por deixar seu canal quente e macio. — excelente resposta, mas, precisa parar de analisar tudo que fazemos, Ella. Não há certo ou errado em nosso mundo. — ela suspira, grudada em mim e eu permito

porque enfrentar a cruz e meus chicotes juntos, lhe rendeu alguns pontos comigo. Arrasto minha boca para o seu ouvido: — minha menina ama foder. — sua respiração começa a acelerar de novo. Eu rio, apreciando a rapidez com que responde à minha luxúria. — assuma isso, boneca. Nós dois apreciamos uma foda pervertida. E nós dois sabemos que a luxúria e curiosidade vão levar a melhor sobre você e vai trepar comigo de todo jeito que eu quiser e lhe der prazer. Então, pare de dissecar essa merda e mande todo o resto para o inferno. — rosno, mordendo sua orelha. Ela ofega.

Estico a mão para o aparador próximo. Trouxe champanhe e morangos para nós. Pego um bem suculento, trazendo para seus lábios.

— Abra. — digo baixinho. Ela faz, sugando a fruta vermelha, a língua resvalando em meus dedos. Abaixo a boca na dela e compartilhamos a fruta, comendo-a devagar, devorando a boca um do outro no processo. Seguro sua bunda e deslizo os dedos em sua racha. Massageio seu cuzinho com o indicador. Seu corpo todo estremece, ofegos leves vindos da sua boca para a minha. Minha boneca ama anal. Eu criei um monstro quando comi sua bunda primeiro. Meu pau ainda está duro entre nós e pronto para a segunda rodada. — vou gozar pelo menos mais duas vezes antes de deixá-la descansar. — sussurro asperamente contra sua boca, lambendo o suco do morango escorrendo em seu queixo.

Ela geme e ousa segurar meu pau, acariciando para cima e para baixo em meu eixo. Eu rosno para seu atrevimento.

— Não tome liberdades com seu Dom, sub, ou vou judiar de você nas cenas que estão por vir...

— *Ai, Dio...* Cenas? No plural? — geme baixinho entre desgastada e excitada. Eu dou um tapa em sua bunda firme e ela acrescenta mansamente: — *perdonami* por ser tão atrevida, *mio maestro...*

Deus, sua cara de putinha safada me deixa louco para judiar dela, fodê-

la duro por horas a fio, mas, ela ainda não tem essa resistência. Não, o que a minha princesa tem é muita audácia em seu delicioso e apertado rabo Real. Só isso, insolência pura. Terei meu tempo para treiná-la, no entanto. Sibilo entre os dentes com sua masturbação sem vergonha e decido que estamos em uma pausa entre as cenas. Sirvo uma taça de champanhe, pegando-a pela nuca e dou-lhe de beber na boca. Ella bebe um grande gole. Eu a seco em seguida, descarto no aparador e pego sua cintura, dirigindo-a para o balanço de cordas.

— Não vai me vendar, meu senhor? — pergunta com voz baixa, rouca. Seus mamilos estão eriçados, mostrando que ela gosta de ser contida assim. Termino de ajustar a cinta em seu torso, deixando os peitos altos, empinados e cheios, de fora. Os dois montes ficam ainda mais destacados. Me abaixo e tomo um na boca, chupando-o com força, enquanto amasso a carne tenra do outro. — Mike, oh, *Dio*...

Dou-lhe um tapa na bunda por usar o meu nome. Ela mia e se desculpa baixinho. Eu continuo me esbaldando em seus peitos lindos. Quando ambos os bicos estão duros, os mordo, alternando entre um e outro. Ella choraminga, geme em lamúria. Eu paro quando está arquejante.

— Me pergunto se ia gozar apenas comigo sugando esses mamilos perfeitos, bonequinha. — sussurro, prendendo as alças suspensas no teto nas laterais da cinta. — você ia? — ela coaxa, me deixando mudar seu corpo para uma posição quase deitada, suspensa. — relaxe o tronco, a cinta vai estabilizar sua coluna. Apoie as mãos nas cordas e segure-se. — faz o que oriento, os grandes olhos verdes brilhantes com luxúria, certo temor e curiosidade. — não, eu não vou vendá-la, escrava. Quero que me veja comendo você em todos os ângulos. — digo em tom mais duro, levantando uma perna, passando uma das alças pelo pé delicado, ajustando-a na panturrilha. Faço o mesmo com a outra e assobio, vendo-a arreganhada, a bocetinha toda inchada e meu sêmen vazando da vulva avermelhada, escorrendo para o buraquinho enrugado mais embaixo. Meu

pau engrossa mais, diante da visão. Eu pego as alças e a empurro para frente. Ela grita, balançando. Eu rio perverso e a empurro novamente, dessa vez na lateral.

— *Dio santíssimo!* Mike, não me deixe cair! — sua voz está estridente. Eu rio e paro o balanço. Então, me inclino sobre o seu corpo, meu torso entre suas pernas. Meu pau esfrega em sua abertura e ela ofega, o pescoço tenso, os lindos olhos verdes grudados nos meus. Seguro meu pau e bato a cabeça em seu clitóris. — ohh, que gostoso... — geme de forma indecente, pendendo a cabeça para trás, o rabo de cavalo tocando o chão. Eu rosno de tesão, meu olhar correndo pelo corpo escultural. Os peitos altos, empinados, o pescoço adornado pela minha coleira. Sua boca se abre quando esfrego rudemente meu pau em sua racha terminando com uma batida forte em seu monte. Ela grita e volta a me olhar, suplicante, linda. O rosto todo rosado, a boca ainda vermelha do batom de máxima duração que usa comigo. Balanço levemente a cabeça, me afastando, deslizando a mão pelo ventre, subindo entre os seios e colo. Me coloco atrás de sua cabeça e seguro seu pescoço por baixo para firmá-la. Nos olhamos nessa posição investida. Passo os dedos pela boca carnuda. Ela morde suavemente e os suga como a menina atrevida que é.

— É isso mesmo, vai me chupar, sub. — digo grunhindo. — vou encher essa boquinha linda agora mesmo... — geme e suga meus dedos ainda mais forte. Porra, ela ama isso tanto quanto eu. Puxo os dedos e guio meu pau até os lábios suculentos. Ela abre a boca avidamente, gemendo na medida em que meu eixo escorrega até sua garganta. Eu resmungo porque essa posição é muito foda, a mulher pode levar um volume grande até o talo. — caralho... — assobio, quando minhas bolas colam em seus lábios. Pela primeira vez ela me levou todo. Estou quase pronto para gozar apenas pela sensação perversa de me enfiar até o cabo em sua garganta. — deslize a língua em meu eixo. — comando e ela o faz devagar me fazendo amaldiçoar baixinho. — isso, bonequinha... Agora fique quietinha

enquanto como sua boca. Não faça nenhum movimento além da língua ou vai apanhar nesse rabinho lindo. — um som engasgado vibra em meu pau, eu seguro seu rosto dos lados e começo a foder seus doces lábios. Puxo quase tudo, deixando apenas a ponta e entro de novo. — deixe os dentes rasparem um pouco. Sabe como seu Mestre gosta, vamos, me agrade, porra! — ela geme e obedece o comando. Eu rosno e estendo a mão, segurando um dos montes perfeitos. Aperto a carne, pegando o bico entre os dedos, rolando-o devagar a princípio. Fodo sua boca, olhando deslumbrado meu eixo grosso saindo e sumindo de volta entre os lábios vermelhos. O gozo pesa em minhas bolas, mas, o controlo. Como sua boca como um adolescente que nunca foi chupado. Porra, amo demais essa menina e todo o prazer que me faz sentir. Meu corpo começa a arrepiar, eletricidade pura disparando em minha coluna, descendo para o saco e eu acelero as estocadas. — Ella! Porra, amor! — é tudo que consigo dizer antes de puxar para fora. Tiro rápido porque ela pode engasgar nessa posição. Qualquer outra sub eu não me importaria. Mas, não a minha preciosa menina. Então, eu esporro sobre os seios. Gozo grunhindo como uma fera, marcando-a com meu sêmen. — delícia... Ahhhhh!

Eu espalho o líquido viscoso em seus peitos, acariciando-os, puxando os mamilos eriçados. Ela arfa, lambendo os lábios. Sorrio e levo meus dedos sujos até sua boca, rosnando quando os limpa com golpes ágeis da língua deliciosa. Me inclino e lhe dou um beijo na boca, minha língua lambendo a dela, deslizando juntas em pinceladas eróticas. Separo nossas bocas e sorrio com o som de lamento que sai da sua. Dou a volta para ficar entre suas pernas arreganhadas e suspensas outra vez. Pego seu pé e chupo os dedos delicados, bem cuidados um por um. Ela geme baixinho, seus olhos suplicando-me. Lambo a planta e passo para o outro, repetindo o mesmo tratamento. Subo pela perna linda, torneada, mordiscando, lambendo. Quando chego em sua boceta, ela é uma bagunça de líquidos, sua lubrificação natural e nossos gozos misturados. Me abaixo e lambo sua

racha vermelha. Rosno, segurando por baixo de sua bunda e passo a comer sua boceta compensando-a por ser minha boa menina. Chupo seu brotinho, duro. Ela se debate, ganindo, pedindo que a deixe gozar, mas não deixo. Levo-a perto e desacelero as chupadas, apenas rodeando a língua sem tocar no feixe de nervos. Mordo seus lábios inchados, enfio a língua em sua vulva, cavando tudo, nossas essências juntas.

— Mike... Não aguento mais, *amore mio.* — sua voz é entrecortada. — me tome de novo, *per favore.*

Dou uma última lambida em sua boceta linda e pego meu pau, alinhando-me em sua entrada. Ella prende a respiração, nossos olhares se fixando. Seguro sua cintura e empurro nela devagar, centímetro a centímetro. Sua boca se abre em um "O" silencioso, depois um gemido chorado deixa seus lábios quando entro todo. Giro o quadril, massageando suas paredes lisas e quentes. A visão é suficiente para me fazer perder a porra da cabeça. Então, eu seguro mais firme em sua cintura e puxo tudo, antes de ela reclamar, volto numa estocada funda que a faz gritar. Nossos olhares permanecem fixos, enquanto eu meto nela com força, comendo-a duramente. Rosnados, rugidos, grunhidos deixando minha boca porque a posição, a altura, tudo é perfeito para entrar até o punho, profundamente. Ella desiste de me olhar e pende a cabeça para trás de novo. Desvio minha vista para a parede espelhada. Linda. Os cabelos estão arrastando no chão, o corpo arqueado, as pernas suspensas e eu metendo com tudo em sua boceta. Giro as cordas do balanço para nos dar melhor visão.

— Olhe para o espelho, boneca. — minha voz sai baixa embrutecida com luxúria. Ela gira a cabeça e seus olhos brilham, refletindo minha própria devassidão. Seu olhar corre pelo meu corpo com cobiça e aprovação escancaradas e para no ponto em que estamos unidos. Eu seguro as cordas do balanço e a movo para longe. O balanço me ajuda nas estocadas. A empurro e puxo de volta, me alojando tão profundo quanto consigo ir. Ela grita, choraminga, gane. — isso, minha putinha, veja como

te fodo. Veja a quem você pertence, escrava. Sente como sua bocetinha me recebe toda gulosa? — seu corpo está começando a convulsionar e eu acelero o balanço, moendo e esfregando seu ponto G no processo. Basta uma leve esfregada em seu clitóris e Ella solta um berro escandaloso, gozando, palpitando à minha volta. — isso, princesa, goze gostoso no meu pau, porra.

— Mike! Oh, Dioooo... — balbucia, sua respiração errática, o corpo todo tremendo. Rio e continuo comendo-a até passar os tremores.

— Perfeita, bonequinha. — elogio, beijando sua coxa suavemente. Saio dela e vou desprendendo uma a uma as cordas que a mantém suspensa. Seu corpo mole cai sobre o meu. Ela está ronronando contra meu peito, me fazendo rir. — muito gasta? Ainda tem mais uma cena...

— *Caspita...* — assobia. — me dê apenas a porra de um minuto, está bem?

Eu rosno pela sua insolência.

— Preciso lhe ensinar boas maneiras, sub? — sussurro perverso em seu ouvido. Ella geme baixinho e eu rio, concedendo-lhe um momento para se recompor. Enfrentou a cruz e o balanço numa só noite, posso ser paciente agora. Levanto-a nos braços e ando até uma das macas e a deito. — role de bruços, vou relaxar seus músculos para a próxima cena, boneca. — digo mais delicado do que deveria aqui dentro. Mas, ela puxa isso em mim também, a necessidade de proteção sobrepõe-se à dominação em muitas vezes. — vou gozar em sua bunda, escrava. A próxima cena é você de quatro no carpete, amordaçada me tomando até o cabo nesse lindo rabinho. — rosno para chocá-la. Rio quando prende a respiração.

— Meu dono é tão malvado. — resmunga e geme, quando massageio seus ombros, soltando os nós de tensão. Faço isso, descendo pelas costas esguias. Derramo um pouco de óleo nas mãos e esfrego minhas juntas em sua coluna. Ella ronrona, seu corpo relaxando completamente. — hummm,

tão gostoso...

Vou descendo até sua bunda empinada. Não resisto e dou um tapa na nádega esquerda. Ela grita, choramingando depois. Rio, massageando o local onde bati e desço, esfregando suas pernas, soltando cada ponto de tensão. Minha boca está salivando diante da pele branca, sem nenhuma mácula. Graça a Deus os machucados do atropelamento não deixaram nenhum sinal permanente. Estava falando sério quando lhe disse que não existe pele como a sua. É refinada, macia como a seda. Minha boneca realmente parece uma deusa. Uma linda e sedutora deusa de olhos verdes. Depois de massagear cada pé delicado, subo de volta até o ponto onde a coxa encontra a bunda. Pego mais óleo e abro sua bunda. Ella ofega, empinando um pouco o rabo bonito para a minha inspeção. Rio sacana e esfrego meus polegares em seu cuzinho. Sinto-a pulsando, seus ofegos aumentam. A olho encontrando os olhos verdes presos em mim, a boquinha linda entreaberta, prazer obvio espalhado em seu rosto.

— Minha menina adora me dar o cuzinho, não é? — zombo, pegando mais óleo e circulo o anel de músculos antes de ir empurrando o polegar para dentro. Ela relaxa a musculatura e geme baixinho quanto enfio tudo, usando o indicador para esfregar o clitóris. Mudo a posição da mão e meto dois dedos, alargando-a devagar. — sabia que na Roma antiga, os homens faziam sexo anal com suas esposas nas núpcias? — me abaixo, lambendo sua orelha e a fodo assim até deixá-la ofegante. — eles deixavam a virgindade para uma ocasião planejada em que a mulher se sentisse mais à vontade. — sussurro asperamente, chupando seu lóbulo. Ella geme o meu nome em súplica. — exatamente como fiz com você, bonequinha. — minha boca viaja pelos ombros, costas arrastando os dentes na pele perfeita. Ela arrepia toda. — sua virgindade era preciosa demais para mim, por isso, comi a sua bundinha primeiro. Entende agora, Ella?

— *Si, si, mio Maestro.* — choraminga, empinando mais a bunda, me convidando a fodê-la mais fundo.

Puxo os dedos para fora e dou mais um tapa em sua bunda firme. Ela mia. Eu pego mais óleo e besunto meu pau, bombeando meu eixo para cima e para baixo. Um sorriso malvado escancara em minha boca quando lambe os lábios carnudos, ganância marcando seu semblante.

— Desça da maca. — ordeno. — vá para o carpete e fique de quatro.

Ella geme e desce, se encaminhando para o carpete. Eu solto um rugido vendo-a se abaixar, expondo o rabo e boceta deliciosos para mim. Vou até a caixa em cima de um dos aparadores e retiro uma mordaça com correia de couro preto para combinar com a coleira. Sorrio perversamente e me aproximo dela. Estamos de frente para a parede de espelho. Nossos olhares se encontram lá. Ela abre a boca quando vê o objeto na minha mão, sem questionar, apenas obedecendo como uma boa sub. Coloco a bola em sua boca e ajusto a correia passando pelo seu rabo de cavalo. Seus grandes olhos me encaram com receio e algo puxa dentro de mim. Estou privando-a da voz, tirando seu direito de dizer a palavra segura e isso está lhe incomodando.

— Balance a cabeça negativamente se ultrapassar seus limites e eu paro na hora, bonequinha. — pego seu queixo, olhando-a firmemente. Ela acena. — linda. — sussurro para relaxá-la. — sua entrega me arrebata, minha princesa. — acaricio suas costas graciosas e vou por baixo, pegando um seio, amassando a carne delicadamente, me debruço e sugo seu pescoço subindo para a orelha. Ella arfa, sua excitação superando o medo. — estenda as mãos para frente separadamente. — ela o faz. — abaixe o rosto até o carpete e arqueie a coluna de modo que sua bunda fique bem elevada. — obedece novamente sem questionar e meu pau pulsa, engrossando gananciosamente. Pego seu ventre e coluna e a ajudo a encontrar a posição perfeita para uma penetração mais profunda. — deliciosa. — rosno, me colocando atrás dela, enfiando a mão entre suas pernas, encontrando o montículo de nervos e o esfrego delicadamente. Sua respiração engata, me fazendo sorrir sombriamente. Fico meio de pé,

montando sua bunda, as pernas de cada lado de seus quadris. Seguro meu pau e esfrego a ponta gorda em sua entrada traseira. — abra para mim, bonequinha. — murmuro, empurrando devagar, trincando os dentes, louco para meter até as bolas. Ela resfolega e relaxa quando a cabeça passa o anel apertado de músculos. Assobio, segurando firme em sua cintura e vou enfiando devagar até estar todo enterrado.

Ela geme e ofega através da mordaça. Eu solto um gemido gutural e me debruço sobre suas costas, uma mão permanece em sua cintura e a outra vai para seu rabo de cavalo, puxando-o, obrigando-a a se arquear mais. Nossos olhares se encontram no espelho e eu passo a foder seu cuzinho como estava louco para fazer. Passei duas semanas sem fazer anal com ela, antecipando isso, comê-la aqui, de quatro, no chão, amordaçada. Minha perfeita cadela. Rosno alto, socando tudo em seu rabo, jogando a cabeça para trás com a sensação embriagadora das minhas bolas batendo em sua bocetinha melada. Afundo tudo, até o punho não deixando nada de fora, a posição favorecendo a penetração total. Volto a olhá-la fixamente, enquanto a monto forte, indo profundamente em seu canal absurdamente gostoso e apertado. Permaneço olhando seu rosto não apenas pelo prazer de tê-la amordaçada enquanto a fodo, mas atento a qualquer sinal de desconforto. Mordo sua orelha e rosno sacanagens em seu ouvido. Digo o quanto é gostosa. O quanto amo meter meu pau todo em seu cu apertado. O quanto amo tê-la como puta. Levo a mão para seu clitóris e o manipulo com beliscões suaves e ela quebra, gozando. Seu corpo todo convulsiona, lágrimas escorrendo em suas faces afogueadas. Então, eu estoco fundo, duro, perseguindo minha própria liberação. Os músculos das minhas coxas estão queimando pelo esforço da posição, mas dou boas-vindas à dor e continuo comendo-a com força, socando até o talo até que não consigo mais suportar e deixo o gozo explodir para fora. Urro como um animal, resmungo, rosno, jorrando minha carga de sêmen em sua quentura e em seguida, caio por cima dela no carpete. Saio de dentro dela com cuidado e

a livro da mordaça e coleira. A puxo para cima de mim e ficamos assim, sem dizer nada, apenas gemendo baixinho e lutando por ar. Foda-se! Ela vai me matar nesse ritmo.

Eu acordo e sorrio levemente ao constatar que Ella está praticamente em cima de mim. Nossos peitos nus colados, sua perna por cima do meu quadril. Olho o relógio sobre o criado-mudo. Porra, apagamos por duas horas. Depois da nossa longa sessão, a trouxe para a nossa suíte, tomamos um banho quente e caímos na cama em seguida. Ela estava desgastada e eu também para ser sincero. Fui ganancioso pra caralho. Olho seu rosto suave, relaxado no sono. Traço sua face com o polegar. Ela se remexe e geme baixinho, um sorriso brinca em sua boca e os magníficos olhos de esmeralda se abrem direto para os meus.

— Oi. — sussurra asperamente pelo sono.

— Oi. — sussurro quase no mesmo tom. — como se sente, boneca?

Ela sorri. Aquele sorriso de menina travessa.

— Mmm, maravilhosa. — murmura, beijando meu peito.

Eu a puxo para cima de mim. Ela vem sorrindo. Seguro seu rosto de ambos os lados e ela faz o mesmo comigo. Nossas bocas bem próximas.

— Você com certeza se parece assim, princesa. — digo com todo amor que sinto em meu peito.

Seu olhar amolece.

— *Amato mio...* — murmura. Meu coração derrete toda vez que me diz isso.

— Te amo, bonequinha. — roço nossos lábios juntos. Então, a beijo lenta e gostosamente. Nos tocando sem esperar por sexo. Apenas namorando, nos amando. Quando separo nossas bocas algum tempo depois, estamos sem fôlego. Rimos contra a boca um do outro. Minhas mãos vão para suas costas nuas, acariciando preguiçosamente. — está com

fome?

— Muita. — diz com um risinho malicioso. — *mio dominatore* foi muito intenso hoje.

Trago uma mão para seu rosto de novo.

— Sou um bastardo ganancioso e egoísta quando se trata de você. — resmungo. — sou uma besta quase incontrolável, Ella. A amo da maneira mais pura e magnânima, mas em contrapartida, anseio por degradá-la, corrompê-la completamente. É assim que sou, nunca vou mudar, boneca.

— E não quero que mude. Amo-o do jeito que é. Essa mistura de terno e duro, protetor e corruptor que me mantém sua submissa. — seus olhos brilham com amor incondicional, o mesmo que pulsa em cada fibra do meu ser. — anseio pela sua dominação. Anseio ser usada e degradada pelo meu dono.

Um rugido baixo deixa minha garganta.

— Porra, eu tirei a sorte grande, princesa. — bufo meio irônico. Então, meu sorriso suaviza. — te amo de uma forma que não dá nem para tentar explicar. Eu mato e morro por você, Ella. Você me pertence, bonequinha. Só a mim, para sempre.

Seus olhos ampliam um pouco com minha afirmação feroz.

— Não há necessidade de matar ou morrer. — murmura, acariciando meu rosto e eu gemo e rosno ao mesmo tempo, fazendo-a abrir um meio sorriso. — eu sou sua e sempre serei, Mike.

Sim, porra. Com toda certeza que ela sempre será minha.

— Vamos precisar esquentar a comida. — sou obrigado a sorrir quanto seu estômago ronca alto contra a minha barriga. Ela gargalha também, o tema ficando mais leve. — pedi no seu restaurante favorito. — murmuro dando-lhe pequenos beijos.

— Você me estraga, *amore mio.* — geme toda dengosa.

— Você é quem me estraga, boneca. — puxo seu lábio entre os dentes. — fodendo gostoso assim, fazendo todas as minhas vontades no quarto de jogos...

— *Si?* — pergunta baixinho, seus olhos brilhantes.

— Sim. Perfeita para mim. — afirmo baixinho também. — possuo e pertenço. Nosso elo é o mais profundo que existe, bonequinha. Somos um do outro de todas as formas e níveis.

— *Mio belo i amato principi.* — sussurra com emoção na voz e eu ronrono como uma mocinha.

— Minha linda e amada princesa.

Digo de volta, antes de beijá-la de novo e de novo...



CAPÍTULO ONZE

Mike

Dois dias depois...

Respiro profundamente quando termino de assinar a pilha de papéis que Lucy, minha secretária, colocou tiranamente em minha mesa. Ela está adorando arrancar o meu couro, a pequena sargento. Rio, bufando porque ela aprendeu com um filho da puta exigente: eu. Não posso reclamar da sua eficiência agora.

— Isso é tudo por hoje, senhor. — informa, nossos papéis estão invertidos nesse período em que estou fora. Geralmente essa frase é minha. Ela ri, percebendo isso também. — posso sair mais cedo? Hoje é a despedida de solteira da minha irmã como mencionei ontem. — pede com expectativa, atrás das lentes grossas de seus óculos.

— Claro que pode. — digo cordialmente. — dê meus cumprimentos à ela, por favor, senhorita Carson.

Seu rosto se abre em um sorriso luminoso.

— Obrigada, senhor. Compensarei amanhã.

Eu aceno e ela se vai. Eu afrouxo um pouco a gravata, dando um suspiro. Só tenho mais uma reunião rápida com meu gerente de RH e encerro o expediente também. Hoje será o jantar na casa de Daniel. Ella

concordou e meu amigo ficou contente em nos receber formalmente. O avisei que não faça nada extravagante, no entanto. Ella precisa de uma introdução suave em nosso círculo de amigos, eu bufo ironicamente, *sócios* fica melhor, uma vez que nem todos são amigos de fato, apenas convivem num espaço criado para realizarmos nossas taras sem sermos julgados pela sociedade hipócrita de merda que nos cerca. O telefone toca sobre a minha mesa. O convencional, não o celular. O atendo e Lucy me informa que é Dam, avisando que já está de saída antes de transferir a ligação.

— Dam. — atendo-o, girando minha cadeira para as paredes de vidro, tendo a visão das águas do Rio Tamisa brilhando, douradas pelos raios de sol. — como está, primo?

— *Ciao*, Mike. *Tutto bene.* E por aí? — ele responde e direto como sempre, emenda: — o agente Falconi apresentou um pedido de transferência para Londres, para a sua guarda, primo. Isso procede?

Ah, sim, isso. Eu rio levemente, o cara foi rápido. Perguntei a ele se gostaria de mudar de cenário vindo trabalhar diretamente comigo em Londres. Gostei da forma como conduziu o meu caso e não me sinto tão seguro ainda. Sei que de acordo com o Serviço Secreto, Paolo de Montessola foi o orquestrante de tudo e está preso não havendo mais perigos para mim e Ella, no entanto, quero organizar nossa guarda, tendo em vista que a princesa logo virá morar comigo definitivamente.

— Sim, primo, o pedido procede. — reitero. — mexa seus pauzinhos, primo. Eu quero o agente Falconi na minha segurança e de Ella.

Dam ri do outro lado.

— Não era você que dava o dedo do meio para o Serviço Secreto, Mike? — zomba.

Eu bufo e me levanto, andando pela extensão da parede de vidro, olhando Londres a perder de vista.

— Não estou contente com Lorenzo. — rosno. — não depois que deixou Ella ser atropelada.

— Mike, eu sei que você é irracional quando se trata de Ella, mas Lorenzo está na guarda de *mia sorella* desde que era uma adolescente, sabe disso.

— Eu sei. — digo entre dentes. — mas, gosto da cara de cão raivoso do agente Falconi.

Dam gargalha.

— Primo você é um bárbaro.

— A realeza é bárbara, futuro rei, sabe disso. — o alfineto.

— *Si,* mas, gostamos de deixar as pessoas pensarem que somos civilizados. — ele diz com seu sarcasmo em dia. Eu rio também.

— Então, posso contar com seu voto para enviá-lo? — pergunto, olhando o relógio. Faltam dois minutos para a reunião.

— Claro que tem. — ele zomba. — como se meu pai e eu fôssemos negar aumentar a segurança de Ella. Meu velho já está um tanto nostálgico e *mia sorella* ainda nem foi embora de vez. — suspira e sua voz suaviza uma nota. — todos nós estamos.

— A boneca também está. — digo me sentindo mal por estar tirando a princesa de seu lar. — teremos as obras no autódromo em breve. Você não precisa se transformar em um bebê chorão, primo. — caçoo.

Ele rosna, me fazendo sorrir.

— Quando o agente Falconi pode se apresentar? — volta aos negócios rapidamente. Dam nunca perde tempo.

— O quanto antes melhor. Quero contar com ele na viagem para Ibiza. — digo-lhe, voltando para a minha mesa. — obrigado primo. Tenho uma reunião agora. Depois nos falamos, Dam. Até mais.

****

Eu saio da limusine e estendo a mão para Ella, que pisa para fora em suas sexys sandálias prateadas de saltos altos. As tiras dão voltas em suas panturrilhas bem delineadas e firmes e eu babo como um cão faminto diante de um forno de frangos. Ela usa um vestido tomara que caia negro e a fenda sobre a coxa esquerda é enorme. Rosnei quando me mostrou esse modelo mais cedo quando estávamos nos vestindo, mas, ela conseguiu me convencer a usá-lo. Fui vencido especialmente porque sua tática de negociação foi basicamente sua boquinha gulosa mamando no meu pau até eu esporrar no fundo de sua garganta. Depois de gozar duro, não me sobraram muitos argumentos, não tenho vergonha de admitir. Santa Mãe, minha princesa está ficando com um boquete assassino. E a malandrinha está aprendendo rapidamente que armas deve usar para negociar comigo. Nos vestimos juntos, desfrutando cada detalhe do corpo do outro. É como um ritual que estamos cultivando, uma familiaridade e cumplicidades novas, próprias do nosso status de amantes.

Eu devo estar olhando para ela com corações nos olhos. Não posso evitar, contudo. Seus cabelos estão presos no rabo de cavalo alto que me deixa com um tesão do caralho. Esse é mais requintado, embora. Não há outra mulher tão bonita em nenhum lugar desse mundo, tenho absoluta certeza. Os lábios cheios e vermelhos curvam sedutoramente num sorriso lindo, constatando o quanto a venero, beijo a porra do chão que ela pisa. *Linda.* Digo-lhe apenas com meu olhar. Já a elogiei no começo da noite, porém, nunca é demais reforçar. Pode parecer piegas, mas não para minha bonequinha. Ela levanta o rosto e me beija suavemente na boca. Há alguns carros no grande pátio da mansão de Daniel. Há pessoas chegando e eu gemo em apreciação à sua demonstração pública de afeto. Que cada filho da puta aqui hoje saiba a quem ela pertence logo de cara.

— Recorda como deve se apresentar para os membros do clube, boneca? — sussurro contra sua boca. A estou treinando aos poucos com os

deveres e a forma que uma submissa deve se portar. Ela tem sido impecável até agora. Sempre curiosa, ávida, excitada por tudo que envolve o universo BDSM. Seguro sua cinturinha e colo nossos corpos.

— Ella, de Dom Mike. — murmura, os olhos de esmeralda bem destacados pela maquiagem e eu rosno baixo. Ela ri, sedutora, gostando de me afetar. Estou louco para ouvi-la dizer isso, se apresentar como minha. Isso em meu mundo é a maior prova de amor que uma submissa pode dar a seu Dominador.

— Pensando bem, eu prefiro: *Princesa Ella, de Dom Mike.* — desço a mão para a parte baixa em suas costas, angulando nossos sexos juntos. — me enche de tesão ter uma princesa como minha cadela exclusiva.

Um choramingo completamente submisso sai dos lábios cheios e bem desenhados. Ela vira as costas em seguida e eu beijo seu ombro nu terna e possessivamente antes de colocar a estola de pele negra sobre seus ombros delicados. Entrelaço nossas mãos e seguimos para a entrada em estilo grego. Há um tapete vermelho cobrindo a escada de acesso ao pórtico, onde duas grandes colunas se erguem até o segundo andar da construção. Um vento gelado me arrepia enquanto subimos a escada. A noite está mais fria do que o normal hoje. Choveu praticamente o dia todo. Somos recebidos por um dos mordomos de Daniel, reconheço-o de outra visita, e atravessamos a porta aberta para o living, em seguida, saindo na enorme sala de estar. Há um número considerável de pessoas aqui, observo franzindo o cenho ligeiramente. Daniel me garantiu que seria algo mais íntimo, porra.

— Eles chegaram! Mike, meu amigo! — sua saudação amigável me fez virar para a direita, de onde ele está vindo ostentando um sorriso amplo. Eu reprimo minha vontade de repreendê-lo sobre o número de pessoas. Mas, meu amigo parece feliz em nos ter aqui, então, eu relaxo um pouco. Aceito seu abraço afetuoso e dou tapinha em suas costas. — e princesa

Antonella. — Daniel diz isso em um tom mais baixo, inclinando a cabeça respeitosamente. — boa noite. Seja bem-vinda em minha humilde residência, alteza.

Ella sorri-lhe gentilmente estendendo a mão. Ele a leva aos lábios e beija o dorso em um raro momento de galanteio. Daniel é mais casca grossa do que eu, mas ao que tudo indica não é imune aos encantos da princesa. Eu não quero me incomodar com a cena, mas me incomoda. Lá no fundo, não gosto de meu amigo tocando-a, muito menos beijando sua mão, porra. Ele é homem. E não quero nenhum fodido homem tocando no que me pertence. Então, eu a puxo pela cintura, colando a mim. Pego um brilho divertido nos olhos de meu amigo antes de ele finalmente liberar a mão da minha mulher.

— Boa noite, Daniel. — Ella diz no tom educado de princesa. Percebo também que não pede a Daniel para chamá-la pelo apelido. Franzo um pouco o cenho, recordando que a princesa nunca fez isso em nenhuma das outras vezes que nos encontramos com meu amigo. Faço uma nota mental para lhe perguntar a respeito. — *grazie* por nos oferecer o jantar. É realmente muito atencioso da sua parte. — ela ainda está encenando um papel. Quem não a conhece não sabe. Mas eu conheço cada pequena parte dela e sua postura me intriga.

— Ah, não, é um prazer para mim, acredite, princesa. — Daniel diz, fazendo sinal para um garçom, que vem prontamente nos servir. Eu pego duas taças de champanhe para mim e Ella. Daniel pega um copo de uísque.

— Eu pensei que tivesse falado sobre algo mais íntimo, amigo. — não consigo segurar o leve desgosto em minha voz.

Ele faz uma careta de culpa.

— Sinto muito. Essa era minha intenção, mas você sabe o quanto é respeitado e querido em nosso clube, Mike. — dá de ombros, tomando um gole da sua bebida. — então, tive que flexibilizar a lista de convidados. —

ele me dá um olhar aguçado e pisca. — a quantidade de pessoas será a única surpresa da noite, prometo.

Ella está franzindo um pouco a testa sem entender suas últimas palavras e antes que eu explique, Daniel se adianta:

— Costumo fazer reuniões com os sócios do nosso clube aqui. — algo queimou fugazmente nos olhos castanhos claros dele. — geralmente não existe regras. Nós costumamos fazer tudo que nos dar prazer...

— Como sexo, você quer dizer? — Ella questiona com uma pitada de insolência que conheço bem.

Daniel ri, parecendo divertido por eu aturar esse tipo de comportamento em uma sub, mas ele sabe que minha relação com Ella é diferente. Já está a par de que não sou seu Mestre fora do sexo. Ele não consegue desenvolver esse tipo de relação. Todas as submissas que o servem são suas escravas vinte e quatro horas por dia. Não há folga para elas, o que eu discordo. Nunca foi meu interesse submeter alguém o tempo todo, sem nenhuma pausa.

— Sim. Nós fazemos sexo. — ele diz então, sorri acionando seu charme. — mas esta noite estamos em algo civilizado para recebê-la adequadamente em nosso meio. — ele levanta seu copo. — seja bem-vinda, princesa. Desejo-lhes toda a felicidade do mundo. — seus olhos cravam nos meus e ele ri, provocador. — você soube escolher bem, seu bastardo.

Eu e Ella rimos e tocamos nossas taças em seu copo. Tomamos um pequeno gole e ele inclina a cabeça, nos instigando a caminhar para dentro da sala.

— Fiquei sabendo que tem um talento especial para a Arte, princesa. — Daniel retoma nos guiando por um corredor. — eu gosto muito, embora não tenha muita profundidade no assunto, admito. — ele ri ainda tentando ser encantador. Definitivamente não gosto desse seu lado galanteador, não

com a minha menina. — adquiri recentemente algumas telas de um compatriota seu, de acordo com o que a curadora me informou. Benito Cavichiolli. Importa-se de me oferecer mais algumas informações sobre as obras?

Os olhos de Ella brilham pela primeira vez desde que fomos recebidos por Daniel.

— Claro que posso. Parabéns! Cavichiolli é sempre uma excelente aquisição, Daniel. — há uma nova nota de simpatia em sua voz que não havia antes. Ele a ganhou agora. — onde estão os quadros?

Daniel parece satisfeito com sua aprovação e nos leva para a sua biblioteca. Já estive aqui antes fumando charutos com ele e alguns membros mais antigos do clube e... Bem, trepando com algumas subs dispostas. Meu amigo me dá um olhar de cumplicidade, indicando que está recordando essas ocasiões também. Ele nos guia para a parede onde três telas estão expostas.

— Ah, você adquiriu as peças do período mais sombrio do artista. — a voz de Ella perde um pouco do encanto. Minha boneca não gosta da tragédia que se abateu sobre Benito e sua amada. — são lindas, no entanto. Todo o trabalho dele é primoroso.

— Sim, embora não conheça muito, fiquei tocado com a história de amor proibido do artista e sua irmã adotiva. — Daniel murmura olhando os quadros à nossa frente. — a carta de suicídio de Cavichiolli estava nessa mesma exposição.

— *Si,* é uma história trágica. — Ella assente. Eu beijo suavemente sua têmpora, deslizando meu polegar em sua cintura. Daniel vira o rosto para nós, atento à nossa interação. — a carta dele e as de Violeta viajam o mundo em exposições.

— Eu não consigo imaginar um amor assim. — Daniel murmura, nos encarando. — acho que prefiro nunca experimentar o amor a ter isso

arrancado de mim como aconteceu com o artista, é muito mais doloroso do que nunca experimentar tal sentimento. — volta a olhar as obras. — amar nos coloca em posição vulnerável, amigo.

— Não se formos correspondidos, cara. — rebato, sem entender sua súbita análise sobre o amor.

Seu olhar volta para o meu.

— Não vulnerável para a pessoa amada, Mike. Nos torna vulneráveis para os outros. Se quisermos punir um homem por seus erros, devemos começar atingindo quem ele mais ama.

Eu junto as sobrancelhas, questionando-o silenciosamente que porra de conversa é essa.

— Experimentou isso recentemente quando a princesa foi atropelada, amigo. — ele ergue uma sobrancelha me desafiando a discordar do seu ponto.

— Sim, porra. — eu meio que rosno, fazendo-o sorrir levemente. — o culpado vai amargar um período longo na cadeia se todos os crimes forem realmente colocados em sua conta como tudo aponta.

— Eu sei. Nunca conhecemos as pessoas de fato, amigo. — resmunga. — por isso sou seletivo em quem confiar. — ele ri, meneando a cabeça. — tema muito pesado para esta noite, minhas desculpas. É que esse conceito de amor incondicional é incompreensível para mim. Isso não me faz insensível à felicidade dos meus amigos, no entanto. Desejo-lhes toda a felicidade do mundo. Apenas não é algo que eu queira para mim.

— Tudo depende de encontrar a mulher certa, Daniel. — digo de repente me sentindo um consultor sentimental.

Ele ri balançando a cabeça, a mão estendendo para o meu ombro.

— Não, amigo. Estou muito bem da forma que estou. Vamos circular. Você deve apresentar sua princesa e matar cada homem no recinto de

inveja agora. — pisca maliciosamente e confere o relógio. — ainda teremos duas horas para socializar antes do jantar ser servido.

O seguimos novamente para fora. Passo as horas seguintes cumprimentando e sendo cumprimentado e apresentando Ella aos sócios do clube. Não perdi os olhares de cobiça dos homens e isso fez meu sangue ferver. Mesmo os Mestres com uma sub na coleira cresceram os olhos para cima da minha menina.

— Tem algo a incomodando, boneca? — inclino-me sussurrando em seu ouvido quando um casal se afasta nos deixando à sós.

Sua cabeça gira, seus olhos encontrando os meus.

— Desculpe, *amore mio,* algo em Daniel não me deixa à vontade. — confidencia em tom baixo. — eu sei que pode parecer injusto da minha parte, mas é assim que me sinto. — diz em tom de desculpas.

Isso me faz ficar intrigado, olhando-a com cuidado. Ella não é de cismar gratuitamente com alguém.

— Talvez seja apenas essa intensidade com que olha para a gente. — ela ri um pouco para amenizar sua declaração. — esqueça isso, amor. Ele é seu amigo e não quero ser ingrata, sobretudo com sua gentileza em nos oferecer esse jantar.

— Ele não é a pessoa mais sociável do planeta, admito. — digo, tomando meu uísque e olhando o ambiente em volta. — é apenas o jeito dele, bonequinha.

Ela assente.

— Eu vou ao banheiro. Tem algum aqui embaixo? — pergunta baixinho.

— Tem um no final daquele corredor. — aponto do outro lado da sala. — vou levá-la. — digo ao mesmo tempo em que Daniel chega até nós outra vez, informando que o jantar será servido em vinte minutos.

— Não é necessário. Já volto, amor. — Ella sussurra me beijando nos lábios e atravessa a sala, sua figura alta e aristocrática atraindo todos os olhares. Homens e mulheres como que hipnotizados. Eu ranjo os dentes quando ouço a risada baixa de Daniel.

— Relaxe, Mike. Ninguém vai pular em cima da sua princesa. Sabe que banimos do clube qualquer um que faltar com o respeito a uma sub encoleirada.

Eu rosno em concordância.

— Entretanto... — ele me encara firmemente. — sabe também que existe alguns mais liberais entre nós, então, se prepare para convites para sexo grupal, troca de casais e outras merdas assim. Todos estão encantados com a sua menina.

— Eu não compartilho. — rosno intimidante. Ele ri mais, certamente lembrando que fiz muito isso no passado. — não com Ella. Qualquer um que vier com esse tipo de proposta para mim corre o risco de ir para a porra da emergência de um hospital, amigo.

Ele levanta as mãos em rendição e mudamos o tópico em seguida.

Antonella

Eu faço uso do banheiro luxuoso e saio pelo corredor repleto de obras de arte. Daniel tem muito bom gosto tanto na decoração quando no estilo da mansão de dois andares. Eu quero me sentir bem esta noite, juro que quero. Entretanto, há algo nele que não me cativou desde a primeira vez que o vi há alguns anos. Mike não é muito de ter amigos fora do seio familiar e ele realmente o considera a ponto de convidá-lo para ser um de seus padrinhos de casamento. Dam, Max, Lipe e seus irmãos serão os outros. Sinceramente não sei de onde vem essa sensação de desconforto em relação ao amigo de Mike. Não que ele não seja agradável de olhar, ele é, acreditem. Tem trinta e seis anos, muito bem conservado. Moreno, alto, um corpo bem cuidado. Mas há algo quase intimidador na forma intensa

que seus olhos castanhos claros me encaram.

Eu suspiro. Certo. Talvez seja apenas uma besteira da minha parte. Vou me esforçar para ser mais acolhedora com o cara, afinal ele foi muito gentil em nos oferecer esse jantar. Na verdade, Daniel tem sido sempre gentil a cada vez que nos encontramos no passado. Estou prestes a sair do corredor quando uma morena deslumbrante aparece na minha frente se chocando comigo. Teria caído se suas mãos não viessem rápidas segurando meus cotovelos e me ajudando a me estabilizar.

— Oh, meu Deus! — ela geme baixinho quando olha meu rosto. — eu sinto muito, princesa. Sou tão estabanada. — diz com desgosto, enquanto me livro do seu agarre com delicadeza, mas, firme. Pergunta angustiada. — não estava olhando por onde ia. Você se machucou?

— Está tudo bem. Não me machuquei. — sorrio brevemente para tranquilizá-la. Não me lembro de termos sido apresentadas esta noite. Meu olhar corre avaliador sobre cada detalhe dela. Coisa de mulher. Ela usa um longo vermelho, com luvas negras até os cotovelos. Os cabelos estão em um rabo de cavalo alto. Começo a me perguntar se esse é o penteado apreciado por todos os Mestres, uma vez que muitas mulheres presentes estão usando-o.

— É um prazer conhecê-la pessoalmente, princesa Antonella. Sou Elise. — estende a mão com um sorriso suave, deixando suas feições bem maquiadas ainda mais bonitas. — não sei direito qual o protocolo para cumprimentar a realeza, desculpe.

Eu rio um pouco e seguro sua mão. Seu aperto é firme, em contraste com sua aparência delicada.

— O prazer é meu. — cumprimento de volta.

— Os jornais não fazem jus à sua beleza, se me permite dizer. — diz, enquanto solto sua mão me preparando para seguir meu caminho.

— *Grazie.* — agradeço-a e nesse momento ninguém menos que a morena Belzebu aparece na esquina.

Estreito meus olhos sobre Vivian. O que a *puttana* faz aqui? Não era para estar em Ardócia? Seus olhos ampliam quando levantam e encontram os meus. Ela avança cautelosamente até parar perto de nós.

— Cadela fodida. — Elise exala sob sua respiração. Bem, parece que não sou a única a detestar a vaca.

— Princesa, boa noite. — cumprimenta com uma mesura polida. Seu olhar vai para a outra mulher e elas se olham intensamente. — Elise. — meio que gunhe.

A outra bufa e não se digna a responder.

— Boa noite, Vivian. Não era para você estar em Ardócia com toda a correria do final das obras? — a encaro com toda animosidade que ela sempre puxa em mim.

Seus olhos queimam sutilmente. Ela está muito bonita, tenho que dar o braço a torcer. Usa um longo branco, destacando sua tez morena. Os cabelos presos no rabo de cavalo *maledeto.*

— Mike me deu permissão para vir visitar meu pai nesse fim de semana, alteza. — quase cantorola. A forma como fala o nome dele me faz ferver o sangue. O que eu não daria para arrastá-la de volta ao banheiro e enfiar sua cara de puta no vaso como fiz com a outra vadia que pensou que podia cacarejar em volta do meu homem.

A observo com atenção. Ela tem mesmo um pai doente? Ou isso é apenas uma mentira para manipular a simpatia de Mike?

— Você tem mesmo um pai doente, Vivian? — minha pergunta a faz piscar e desviar os olhos para Elise, que ri um tanto irônica. Ela está gostando de me ver hostilizar a cadela. — vou investigar sobre isso. Se esteve mentindo esse tempo todo eu realmente não gostaria de estar em sua

pele, *cara.*

Digo abrindo um sorriso frio em seguida. Ela levanta o queixo em desafio.

— Faça como quiser, vossa alteza. — sua voz sai monótona como se não tivesse nem um pouco intimidada por mim. — agora, podem me deixar passar, por favor? Quero apenas usar o toalete.

Eu me afasto um pouco e Elise faz o mesmo. Vivian passa entre nós, entrando no banheiro sem nos dar uma segunda olhada.

— Puta ordinária. — a raiva, o desprezo com que as palavras saem da boca de Elise me faz olhá-la. Ela fica um tanto corada e sem jeito na minha frente. — eu sinto muito, alteza. E-eu...

— Não se preocupe com isso. — sorrio e me inclino para perto. — somos mulheres. Não me trate como uma princesinha fresca, *per favore.*

Ela franze o cenho.

— Sério? Você não se ofendeu com meu palavreado da plebe?

Eu rio mais. Já gosto dela. Qualquer pessoa que não goste da *puttana*, tem automaticamente alguns pontos comigo.

— Não. Cá para nós, a realeza também fala palavrões. — sua boca se abre um “O” estupefato. — vou voltar para meu noivo agora. Foi um prazer em conhecê-la, Elise. — emendo já me virando para sair.

— Espere, princesa. — abre a carteira e retira um pequeno cartão dourado de dentro, estendendo-o para mim. — esses são meus contatos. Qualquer garota que seja capaz de colocar aquela puta em seu devido lugar, pode me considerar uma amiga.

Seu rosto está sério. Eu pego o cartão para não parecer deselegante e me pergunto o que houve entre elas.

— Ela seduziu o meu namorado e Dom. — responde minha pergunta

silenciosa com um soluço na voz, seus olhos castanhos se enchendo de lágrimas. — era nosso aniversário de três anos de namoro e eu estava esperando secretamente um anel. — bufa zombando de si mesma. — fui mais cedo para seu apartamento para fazer um jantarzinho especial. Uma surpresa, sabe. — oscila um pouco e só agora percebo seu hálito de uísque. Essa deve ter sido a razão da nossa trombada. Ela exagerou na bebida. Olho para os lados, me sentindo mal por ela e querendo ao mesmo tempo voltar logo para junto de Mike. Vejo um bebedouro todo ostentoso e vou até ele, enchendo um dos copos até a borda. Seus olhos ampliam quando lhe entrego o copo. Vejo uma pequena varanda no fundo oposto do corredor.

— Vamos tomar um pouco de ar um instante, está bem? — pego seu cotovelo e a carrego. Elise se joga sobre uma das poltronas perto da pequena amurada. Eu me sento cautelosamente na outra.

— Obrigada. Você é linda por dentro também, alteza. — murmura, enquanto uma lágrima desce pela bochecha. Ela a limpa meio encabulada e toma um grande gole da água.

— Podemos deixar as formalidades de lado. Me chame apenas Ella. — concedo-lhe e ela arfa, surpresa.

— Obrigada. — murmura emocionada. — como ia dizendo, eu que fui surpreendida. Encontrei meu namorado no meio de uma cena, com as bolas profundamente enterradas na vagabunda. Na nossa cama. No dia em que pensei que o infeliz ia me pedir em casamento. — é a minha vez de arfar. Não é uma cena bonita de se ver. Franzo o cenho percebendo a semelhança... Flagrei Mike quase fodendo a mesma vadia no dia em que pensei que ia assumir nossa relação.

— Sinto muito. — digo-lhe com empatia feminina.

— E você? — seus olhos seguram os meus. — qual sua história com ela? Se não for muita intromissão da minha parte. — ela ri meio histérica.

— eu estou bêbada. Esqueça minha curiosidade de merda, certo?

— Talvez em outro momento. — eu me levanto, prestes a fazer minha saída. Por mais que simpatize com ela, não a conheço. — você vai ficar bem?

Algo como gratidão brilha em seus olhos e ela assente.

— Você é uma menina especial, princesa Ella. — diz em um tom quase culpado. — e por isso, não vou lhe esconder que... — seu nariz franze ligeiramente. — eu fui uma das subs regulares do Mestre Mike no clube.

Cáspita! E lá se foi minha empatia por ela. Estico a minha coluna, me empertigando.

— Eu gostaria que soubesse que pode contar comigo para qualquer coisa agora que está em nosso meio. — ela parece sincera, mas não estou mais querendo confraternizar depois da sua admissão. Seu sorriso é pesaroso quando lê minha postura. — sei que não é agradável ter por perto uma mulher com quem seu homem esteve em algum momento. Mas acredite quando digo que vai aprender a discernir o sexo do sentimento em nosso mundo, princesa. Quando for ao clube e vir em primeira-mão como as coisas funcionam, entenderá que quando a uma sub não serve mais um Mestre, ainda prevalece uma relação de amizade. A não ser que a ruptura seja tensa por alguma razão. O Mestre Mike é incrível... — ela para e sorri sem graça pelo deslize. — o que quero dizer é que todas as subs que o serviram o respeitam. Ele sempre deixou claro que não daria sua coleira a nenhuma de nós. — seu olhar crava em minha gargantilha de diamantes. — e agora sabemos a razão. — suspira levemente. — terá em mim uma amiga, se assim o quiser. Mas, tome cuidado com aquela vadia lá. — inclina a cabeça em direção ao banheiro. — ela conhece muitos truques sujos para seduzir um homem.

Eu a olho firmemente e profiro altiva, até mesmo arrogantemente:

— Mike e eu somos blindados para quaisquer truques sujos que

queiram lançar sobre nós. Nada pode nos separar.

Ela fica séria, então, acena.

— Eu vi como vocês olhavam um para o outro lá fora. — seus olhos não parecem mais nublados pelo álcool. — nada pode separá-los *se* vocês não deixarem. — sua ênfase me intriga.

— Não vamos. — reafirmo.

— Certo. — abre um sorriso radiante. — obrigada por dar tanta atenção a mim. Você não me conhece e mesmo assim parou para me ajudar. Vou ficar mais um pouco por aqui até me sentir em condições de voltar lá e ver o meu homem no braço de outra.

— Não foi nada. — minha voz sai mais suave do que queria. — fique bem, Elise. Mike já deve estar se perguntando porque estou demorando tanto, então, estou indo. — e com mais um aceno eu a deixo e pego meu caminho de volta.

Quando me aproximo de Mike, as pessoas já estão se dirigindo para a sala de jantar.

— Você demorou, boneca. — me puxa pela cintura, seus olhos negros prendendo aos meus. — o que estava fazendo?

Eu rio um pouco da nota de ciúmes em seu tom aparentemente civilizado. Levanta aquela sobrancelha perversa que faz minha calcinha molhar e é a vez de seus lábios sensuais curvarem ligeiramente nos cantos. *Dio,* eu amo esse quase sorriso dele. Me enche de tesão e ele sabe muito bem disso.

— Encontrei uma moça um tanto... Intrigante. — meus olhos estreitam nos seus. — Elise, o nome é familiar para você, *caro mio?* — meio que rosno isso.

Uma centelha de familiaridade aparece nas íris de ônix, mas, ele rapidamente a expulsa. O sorriso presunçoso voltando ao rosto perfeito

bem perto do meu.

— Você está com ciúme desnecessário, boneca. — murmura, seu tom todo sedutor.

Eu rolo os olhos.

— Conte-me. — exijo e ele exala uma respiração aguda.

— Sim, ela era uma das minhas subs regulares. — admite a contragosto.

— Ela e a *puttana* da Vivian. — eu ranjo os dentes, querendo bater nele e em todas as vadias que ele comeu nessa merda de clube e que com certeza estão aqui rindo da minha cara. — tive o desprazer de esbarrar com ela também no toalete. Por que não me disse que tinha lhe dado folga?

Ele bufa e segura meu queixo, levantando meu rosto mais perto do seu e seus olhos queimam nos meus quando rosna próximo da minha boca:

— Você está sendo tão tola com essa cisma com a Vivian, princesa. Ela vai sair da empresa e das nossas vidas em breve.

— Estou contando os dias para isso, ou eu vou arrancá-la para fora pelos cabelos. — digo com atrevimento.

Mike geme baixo e rouco antes de chupar e depois morder meu lábio inferior suavemente. Eu ofego, latejando e molhando ainda mais.

— Porra, você me excita, bonequinha.

— *Si?* — ronrono, alisando seus ombros largos no terno escuro feito sob medida.

Ele ri como um lobo.

— Oh, sim. Eu quero dar uma surra de cinto nesse seu rabo gostoso e gozar bem fundo em sua boceta antes dessa merda de jantar. — range contra a minha boca, moendo sua ereção massiva contra a minha barriga.

Puta merda. Eu engasgo com sua proposta malvada. Amo os tapas de

sua mão, mas, fico pilhada em ser surrada com outra coisa, como chicotes e cintos, por exemplo. Embora eu tenha gozado pra caramba quando ele me açoitou no quarto de jogos e minha calcinha seja um caso perdido nesse exato momento. Ele ri pecaminosamente lindo sabendo como estou excitada com sua depravação. Sua boca se abre e a minha também, mas antes de cedermos à lascívia, ouço uma garganta sendo limpada. É Daniel. Mike rosna nos virando de frente para seu amigo que está rindo de orelha a orelha apreciando ter nos flagrado prestes a dar uma escapada antes do jantar. Ele tem um cara ao seu lado. Esse eu não me lembro de ter sido apresentada antes. Eu não esqueceria porque ele é um espécime masculino digamos, bem agradável de se olhar. Quando o encaro já encontro os olhos cinza chumbo fixos em mim.

— Mike, o novo sócio de quem lhe falei, acaba de chegar. — Daniel diz todo satisfeito, apresentando o novo membro do seu *clube do bolinha.* Ironizo. — esse é Thomas York, um dos herdeiros do condado de York, um amigo chegado que esteve fora de Londres por alguns anos, mas está de volta agora. — a mão de Mike aperta possessivamente em minha cintura, provavelmente vendo o olhar do pretenso conde, que ainda permanece preso em mim. Eu desvio os olhos para Daniel me sentindo um pouco desconfortável pela forma como o desconhecido está me encarando. — Thomas, esse é Michael King, Mike para os amigos. — Daniel tagarela parecendo muito contente em ter o amigo de volta. — e essa encantadora jovem é...

— Princesa Antonella, dos Di Castellani de Ardócia. — o homem murmura e estende a mão para mim. Ele ainda não se dignou a olhar na cara de Mike e isso meio que me irrita. Está sendo deselegante, ignorando meu noivo. Mesmo assim, seguro sua mão como manda a boa educação que meus pais me deram. Ele a levanta e beija galantemente o dorso, olhos cravados nos meus. Tenho a impressão de ter ouvido Mike ranger os dentes ao meu lado. Eu puxo a mão e a coloco sobre o seu peito, esperando

aplacá-lo com esse gesto. — é um prazer conhecê-la pessoalmente, sua alteza. — um meio sorriso enigmático brinca em sua boca e ele finalmente olha para Mike. Sua expressão se transforma em jovial enquanto estende a mão novamente. — e príncipe Mike, o homem de sorte. — graceja como se não estivesse me secado descaradamente um segundo antes. — prazer em conhecê-lo, cara. Daniel fala muito bem de você, o que me surpreende, uma vez que ele é um filho da puta seletivo em relação às suas amizades.

Mike olha a mão do homem estendida pelo que parece uma eternidade, então a aceita. Mas, a carranca em seu rosto bonito não ameniza.

— Eu também sou. — seu tom sai seco, ele nem mesmo tenta disfarçar em nome da civilidade. — bem-vindo, conde.

Thomas sorri e isso ilumina seu rosto barbeado, deixando-o mais bonito. Não dá para não notar isso, não sou cega, meninas.

— Obrigado, cara. Ser seletivo é necessário. — ele aponta. — eu, por exemplo, não me contento com nada menos que o melhor. Sempre. — e seu olhar passa por mim, brevemente dessa vez.

Então, o rosto de Thomas torce com algo. Eu olho as mãos unidas em minha frente e seguro um sorriso. Meu dominador muito ciumento está quase esmagando a mão do homem.

— Thomas está cuidando da reabertura da galeria de arte da família. — Daniel adiciona, como que percebendo a aura escura crescendo em Mike nesse momento. Mike finalmente deixa a pobre mão de Thomas ir, que faz um bom trabalho em ignorar o apertão de Mike.

— Uma galeria? Que formidável. — não consigo segurar meu entusiasmo e a mão de Mike aperta mais em minha cintura. *Dio.*

O rosto de Thomas se ilumina. Ele deve estar no final da casa dos vinte, acho.

— Soube que é uma estudiosa e apreciadora das artes, princesa. — sua

voz é melodiosa. — seria uma satisfação contar com algumas orientações profissionais, se estiver disposta a me ajudar no projeto, claro.

Mike fica tenso, me puxando como se quisesse nos fundir como gêmeos siameses.

— Ela não pode. — toma a frente antes que eu possa responder. O quê?! O olho rapidamente, não gostando que esteja falando em meu nome, como um homem das cavernas possessivo. Posso falar por mim mesma, *cáspita!* — está envolvida em outro trabalho comigo, no museu de Ardócia. Deve ter visto algo a respeito nos jornais, conde. — Mike praticamente rosna o título. Eu quero rolar meus olhos, mas, mantenho a compostura.

— Sim, claro, vi algo na imprensa. Quando concluir o trabalho, então? — Thomas diz com um sorriso esperançoso. — sou um homem paciente, príncipe.

E os dois se encaram com uma animosidade latente. Uh.

— Eu tenho certeza de que podemos encontrar uma curadora com um currículo tão impressionante quanto o da princesa, Thomas. — Daniel intervém habilmente, *grazie a Dio.* — o jantar será servido agora. Vamos, estou ansioso para fazer o discurso que preparei para essa ocasião. — ele ri levemente, numa clara tentativa de trazer o clima festivo de volta. — afinal, não é todo dia que um grande amigo decide se amarrar.

Mike rola os olhos, mas seu aperto em minha cintura relaxa um pouco. Daniel estende a mão à frente nos dando passagem para a sala de jantar e segue atrás com o tal conde.

****

Cerca de duas horas depois, entramos na cobertura. O jantar até que foi divertido. Tirando o concurso de mijadas entre Mike e o tal conde de York, claro. A animosidade entre eles só cresceu conforme a conversa em

torno da enorme mesa se desenrolava. Thomas compartilhou experiências dos sete anos em que viveu na Irlanda e que trouxe na mala, recomendações de um clube exclusivo em Dublin. Disse também que sua submissa por cinco anos, devolveu a coleira, se recusando acompanhá-lo de volta a sua terra natal. Ele não parecia com o coração partido quando disse isso, no entanto. Mike já me explicou que as relações nesse meio são muito complexas. Não dá para tentar colocar a todos em uma caixa e rotular.

Mike confrontou e interrogou o conde impiedosamente, como em uma sabatina. Só o vi assim, declaradamente puxando as armas quando percebeu o interesse de Paolo por mim. A postura ciumenta de meu noivo não intimidou totalmente o homem. Isso só o fez me encarar ainda mais, uma vez que se sentou bem na minha frente. Fiz um bom trabalho em cortar seu interesse em saber mais sobre mim e minha família, sobretudo, porque a mão possessiva de Mike esteve o tempo todo sobre a minha coxa. Daniel tentou ferrenhamente descontrair o clima com piadas e comentários bem-humorados enquanto comíamos e bebíamos. Ele se desculpou conosco quando nos despedimos, dizendo que Thomas não é uma má pessoa, é apenas mimado por ter uma árvore genealógica que o favorece. Mike deixou claro para o amigo que não quer proximidade com o recém-chegado.

Afasto os eventos da noite da minha cabeça, me livrando da estola e minha carteira no sofá próximo e ele anda na minha frente, suas passadas e postura estão tensas. Não falou muito na limusine. Na verdade, esteve taciturno desde que fomos apresentados ao tal conde de York. Paro no meio da sala, meus olhos seguindo cada movimento ao mesmo tempo gracioso e ameaçador dele. Mike arranca a sua gravata e em seguida o terno com gestos impacientes, jogando-os sobre outro sofá. Anda todo lindo e viril na camisa branca por dentro da calça escura. Desabotoa os punhos da camisa e empurra as mangas pelos antebraços musculosos e

bronzeados. Vai para o bar, se servindo de uma dose de uísque, o silêncio começando a me incomodar.

— *Amore mio...*

— Você gostou do assédio dele?

O quê? Sua pergunta baixa, meio áspera me pega de surpresa. Ele está realmente puto com a forma que Thomas ficou me secando durante o jantar. Está de costas para mim, uma mão em punho sobre a bancada, a outra segurando o copo com força.

— Mike... — sussurro, andando devagar para perto.

— Responda à porra da pergunta, Ella. — sua voz não se altera, mas, está ainda mais tensa.

Estendo a mão, tocando seu ombro sobre a camisa. Ele estremece um pouco. Tomo isso com um bom sinal e envolvo seu torso musculoso com os dois braços, enfiando o rosto em suas costas amplas, me embriagando com seu cheiro de macho alfa.

— Você não pode estar tão chateado por causa de um cara que conheci apenas hoje, *amore mio.* — digo em voz baixa, tentando puxar algum bom senso nele. — está sendo irracional ao me perguntar algo assim. — planto beijos suaves em suas costas, sentindo-o ainda tenso. — sou sua. Pertenço a você. Somente a você. Isso está tatuado em meu corpo, como pode esquecer disso, meu dono?

Ele exala uma respiração profunda e toma um gole da bebida ainda em silêncio.

— Você não vai sequer olhar na direção daquele cara outra vez, entende, boneca? — se vira de frente para mim, sua voz é excessivamente suave, mas sei que está longe de estar calmo.

— *Si*, amor. Ele realmente foi um pouco abusado. — concordo pacificamente.

— Tire o vestido. — os olhos negros estão queimando nos meus, penetrantes, com posse, desejo bruto. Eu ofego, sendo engolfada, subjugada pela intensidade e ferocidade que vejo nele. Não discuto, apenas desço o zíper do vestido e o deixo serpentear pelo meu corpo até cair no chão. — a calcinha também. — rosna e eu obedeço, descendo o pequeno tecido negro pelas pernas. Seu olhar queima em meus seios, descendo pela barriga e para na tatuagem em meu monte, suas narinas fremindo. Toca as pontas dos dedos pelas letras escuras e eu choramingo com seu toque. Ele não ri como nas muitas vezes em que me submete. Uma energia animalesca emana dele agora. Seu olhar sobe fixando-se no meu não me deixando desviar ou piscar. A mão sobe pelo meu osso ilíaco, ventre, passando pelo vale entre os seios e se fecha em meu pescoço pela frente. Luxúria líquida encharca a minha vagina, fogo lascivo se espalha em minhas veias, minha pele toda arrepiando de tesão. Gemo baixinho, impotente, submissa. Meus seios ficam pesados, os bicos túrgidos e meu núcleo pulsa, o melado grosso descendo entre os lábios. — na noite em que a trouxe aqui pela primeira vez para te fazer minha eu lhe disse algumas coisas, princesa. Recorda? — sussurra asperamente, encostando o copo gelado em meu seio direito. Eu mio debilmente entregue à sua dominação. O gelo tilinta, o suor do copo molhando minha pele. Ele o arrasta em círculos sobre meu mamilo, deixando-o ainda mais duro, gelado. Apenas um ínfimo arremedo de sorriso curva o canto de sua boca e a cabeça escura abaixa, sua boca morna sugando meu mamilo.

— *Oh, per Dio...* — arfo, gemendo alto pela sensação deliciosa dele mamando duramente e mordiscando o bico. — e-eu não me recordo com precisão... Eu...

— Eu disse que ia sofrer as consequências se olhasse para outro fodido homem. — rosna, seu olhar repleto de perversão prendendo o meu, enquanto suga a carne macia em meu seio deixando um chupão dolorido.

Puta merda. Ele vai ser muito mau hoje. Choramingo, molho, latejo sem

controle.

— Você esqueceu de duas coisas importantes esta noite, boneca. — range, mudando a boca malvada para o outro seio. Estou respirando pesado agora, antecipando tudo que vai fazer comigo. Ele vai judiar de mim, isso é certo. — Princesa Ella, de Dom Mike. — grunhe com desgosto evidente, seus olhos fervendo nos meus. — era isso que devia ter dito àquele babaca no segundo em que se apresentou. — chupada e mordida. Eu grito, o topo das minhas coxas escorregadio de tanto tesão. — segundo, você olhou o imbecil. — faço tentativa de falar, mas, ele me corta. — sim, porra, você conversou com ele quando devia tê-lo ignorado. Ele ficou lá cobiçando, desejando a minha mulher. Querendo o que me pertence. — ruge como um leão enfurecido.

— Mike...

— Vá para o sofá e fique de quatro. — eu gemo, querendo estar chateada pela sua postura neandertal, mas, isso me excita demais. Começo a me virar. — não, boneca. — seu tom é muito perverso, a mão ainda segurando meu pescoço. Ele esfrega o polegar no ponto onde a minha pulsação está loucamente acelerada e o quase sorriso surge de novo. — mãos e joelhos no chão, minha cadela. Vai rastejando para não esquecer jamais a quem você pertence. — ruge e eu caio de quatro no carpete macio, meu corpo todo cantarolando por ser alvo da depravação do seu dono. Me arrasto até o sofá e subo, aproveitando para lhe dar um show quando empino a bunda e seguro o encosto. Ouço-o rosnar baixo e em seguida o som do seu cinto sendo retirado.

Madonna mia! Meu coração bate forte. O que vai fazer? Não ouso perguntar, mas ele conhece o meu corpo e cada reação minha. O sorriso indulgente que se segue me faz choramingar.

— Sim, bonequinha. — a mão grande em minha bunda me faz saltar um pouco. Ele chegou rápido. — eu vou surrar essa bunda linda e

impertinente e depois vou comer minha putinha em cada superfície dessa sala. — seu tom fica mais escuro quando se inclina e sussurra em meu ouvido: — só eu vou gozar.

Caspita! Eu mio em lamento.



CAPÍTULO DOZE

Em Algum Lugar...

Eles...

— Vê a semelhança? — ela aponta a foto.

Sim, essa garota se parece muito com a princesinha de Mike. Levanto a vista para minha irmã. Ela tem uma expressão cruel nos olhos, que conheço bem.

— Qual é o seu plano?

— A selecionei esta tarde como stripper na boate do centro. Vamos usá-la para fazer ciúmes em Mike. Ele vai pirar quando vir as coisas que tenho em mente...

— Sim, irmã, parece que a maneira mais eficaz de fazer aquele filho da puta pagar por seus pecados é pegando quem ele mais ama. A princesa é a sua fraqueza. Ele é doente de ciúmes. Um ser patético perto dela. — bufo desdenhoso. — viu a cena que o idiota fez no jantar? Ele não consegue se controlar quando alguém chega perto da sua preciosa menina.

Seu sorriso se torna ainda mais maquiavélico.

— Sim, eu venho lhe dizendo há tempos. — ela rosna. — pegue a putinha sonsa e a despache para um cliente do Oriente Médio. Longe o bastante para nunca ser descoberta.

Eu franzo o cenho. É muito arriscado. Ela é uma princesa. Minha intenção desde o começo era pegar apenas Mike. Um corte limpo, sem rastros. Mas, agora, admito que estou inclinado a ter um gosto daquela bocetinha jovem. Porra, meu pau fica duro só em pensar em montar e submeter a cadela uma e outra vez até quebrá-la. Foder cada buraco até enjoar, depois me livrar dela. Sim, essa ideia está parecendo cada vez mais atraente. Prefiro morenas, mas não posso negar que a menina é linda. Além disso, será um golpe fatal em meu velho amigo. Fazer tudo que eu quiser com sua princesa e lhe enviar as filmagens. Oh, sim, isso parece bom. Eu rio como uma hiena.

— Você vai, não é? — ela sonda.

— Depois que eu comer a preciosa de Mike até dizer chega. — seu sorriso falta morder as orelhas. — sim, eu vou. Será como Romeu e Julieta. — eu zombo, tomando uma dose do meu uísque. — que fim triste para os amantes.

— Oh, irmão, você é tão mau.

Nós dois caímos na risada, brindando nossos copos. A hora está chegando, *amigo*...

Antonella

Três dias depois... Ibiza, Espanha...

Eu mergulho novamente na água azul escura da piscina e nado submersa, calculando mentalmente a distância da borda. Bato a mão no azulejo e dou a volta. A água aquecida acaricia meu corpo nu. Mike providenciou para que tudo estivesse organizado na casa, então, não vamos precisar de funcionários perambulando pelas dependências. Apenas nossos seguranças estão na propriedade, mas, eles também foram instruídos a tomarem sua distância. A villa espanhola é uma propriedade soberba com

dois andares misturando arquitetura moderna e minimalista com a arquitetura tradicional de Ibiza. Suas paredes são em sua maioria de vidro, refletindo a luz solar e propiciando a vista de fora. Há cinco terraços, três deles com piscina e banheira de hidromassagem. Se localiza entre Ibiza e Santa Eulalia Del Rio, situada no alto de uma colina imponente. A vista do oceano mais abaixo e da Ilha de Formentara é simplesmente espetacular. Eu voto para que esta seja uma de nossas paradas frequentes de veraneio. Quando toco a borda de novo, emerjo, puxando ar muito necessário para meus pulmões. Seguro na beirada, passando a mão livre pelo rosto e olho de lado. Um sorriso apaixonado puxa meus lábios ofegantes ao ver o meu moreno sexy indo em direção à espreguiçadeira onde deixei meu roupão e chinelos. Ele os pega e desce os degraus para a parte da piscina, que fica meio que escondida de visitantes indesejados. Perfeita para fazer amor. Eu gemo, me encaminhando para a saída lateral e começo a subir os degraus, meu corpo sendo revelado aos poucos para seu escrutínio.

Ele está tão gostoso em roupas casuais esta manhã. Usa uma bermuda caqui e camisa polo branca. Óculos escuros estilo aviador e um boné de beisebol completa o traje, deixando-o todo jovial. Deixou-me um bilhete junto com um botão de rosa sobre seu travesseiro e quase derreti quando acordei. Amo quando faz isso. Ele sempre faz quando menos estou esperando e é isso que mantém o charme. O bilhete dizia que estava no estábulo dando uma olhada nos cavalos com o tratador e que eu ficasse à vontade para nadar na piscina do pátio da frente antes de tomarmos nosso café que, detalhe, estava chegando de uma delicatessen que simplesmente amo em Madri. Mike me estraga. Eu rio presunçosa. Ele *sempre* me estragou, essa é a verdade. Saímos de Ardócia na madrugada de hoje, logo depois do baile que meu pai deu em comemoração ao meu aniversário. Suspiro feliz ao relembrar aqueles momentos. Família toda reunida. Alegria. Nosso primeiro evento em família como um casal. Fez amor comigo do seu jeito intenso e gostoso demais a bordo do jato e caímos no

sono, só acordando com o aviso do comandante sobre a aterrissagem.

Quando chegamos em casa, Mike me levou direto para a suíte principal e dormimos mais um pouco, bem juntinhos. Estive aqui no ano passado quando adquiriu a luxuosa villa espanhola e me encantei pelo lugar, a paisagem, as praias belíssimas. É uma estância moderna, cerca de cinquenta quilômetros do centro de Ibiza. Temos o melhor dos dois mundos. Quando quisermos a agitação das baladas quentes é só descer a montanha, quando quisermos sossego é só ficar por aqui, o clima é calmo, bucólico, perfeito para curtir a dois. Nós curtimos muito no ano passado, mas, a coisa platônica estava pesando, pairando sobre nossas cabeças, não nos deixando realmente apreciar a companhia e o lugar impressionante.

Estico meu corpo, meus seios ficando bem empinados, fazendo um arco sexy enquanto enrolo os cabelos e tiro o excesso de água. Um sorriso perverso levanta os cantos da boca de Mike e ele se aproxima mais.

— Você humilha as outras mulheres, boneca. — sua voz tem uma borda áspera, grossa. — me deixa sem palavras cada vez que vejo seu corpo nu.

Eu gemo baixinho, minha pele toda arrepiando não apenas pelo ar frio. Ele ri e puxa os óculos, colocando-os acima da aba do boné. Os olhos negros brilham safados, devassos, mas, com infinito amor para mim.

— Meu moreno sexy... — rio, enlevada com sua sedução. Ele sabe usar as palavras de uma forma letal para a libido feminina. — isso é porque você me ama. — murmuro.

— Sim, pode ser isso. — ele ri. — mas, é principalmente porque tenho dois olhos com visão perfeita, graças a Deus, princesa. — pisca e meu centro pulsa em resposta. Seus olhos acendem mais quando percebe minha reação e o sorriso de dominador malvado se espalha nos lábios sensuais. — vou providenciar para ficarmos em chalés isolados em nossa lua-de-mel. Quero-a nua o tempo todo. Só vai ter permissão para se vestir quando

estivermos voltando.

— *Mio dominatore...* — gemo.

Sua risada profunda reverbera em meu corpo nu, fazendo-me estremecer. Ele estende o roupão aberto.

— Vem aqui, bonequinha.

Eu vou e o deixo me vestir, gemendo com a maciez do roupão contra a minha pele. Ele me cobre e enrola um braço em minha cintura, enquanto sobe a outra mão para a minha nuca, amparando minha cabeça.

— Bom dia, meu amor. — sussurra bem perto da minha boca.

O enlaço pelo pescoço e fico na ponta dos pés, colando nossos lábios.

— Bom dia, *amore mio.* — sussurro de volta e nossas bocas se abrem sofregamente uma na outra. O deixo sugar, lamber, morder meus lábios antes de mergulhar a língua morna e deliciosa em minha boca. Choramingo, me aninhando mais em seu corpo duro, deixando-o me devorar, chupar minha língua com firmeza. Chega a doer e eu mio, fazendo-o parar e lamber-me, dando pequenas pinceladas eróticas. Eu molho miseravelmente. *Dio*, como pode beijar tão gostoso? Nos devoramos arrebatadoramente, eu gemendo, ele rosnando baixo. Lambe a minha boca antes de parar o beijo. Nossos olhos se abrem e nos olhamos fixamente. Eu arfo, dominada pela beleza do rosto moreno. Ele que humilha todos os outros homens.

— Vamos tomar nosso café. — me levanta pela bunda e eu o abraço com as pernas. Rio como uma adolescente, enquanto me transporta para a parte alta do terraço, onde percebo nosso desjejum já arrumado sobre uma pequena mesa. — mandei trazer tudo que você gosta.

— Você me estraga, amor. — ronrono quando me coloca para baixo, sobre uma das cadeiras da mesa.

Ele se inclina e esfrega o polegar em meus lábios, olhos penetrantes nos

meus.

— Meu prazer, princesa. — sussurra rouco. — tudo que minha deliciosa menina quiser o terá.

Santo cielo. Minhas partes íntimas molham ainda mais. Eu amo essa mistura dominante, sedutora, indulgente que ele tem.

— Permita-me. — peço, impedindo-o de nos servir. — deixe-me servi-lo, meu senhor.

Seu olhar ferve no meu e ele rosna baixo com o duplo sentido intencional da última sentença. Eu faço uma cara inocente e sirvo-lhe uma xícara de café puro como gosta. Em seguida coloco alguns pãezinhos de mel sobre um prato e os recheio com geleia de damasco. Ele também tem uma queda por doces, acredito que por influência minha.

— Obrigado. — murmura com um meio sorriso satisfeito, pegando sua xícara.

— *Tutto per il mio Maestro.*[12] — o atiço, minha voz muito submissa.

Ele estreita os olhos escuros ligeiramente, me encarando sobre a borda da xícara.

— Boneca... — seu tom traz um aviso. — eu sei o que está fazendo.

Eu me sirvo de café, suco e bolo de chocolate, fingindo inocência.

— O quê? — seguro uma risada e tomo um pouco do café, me encostando na minha cadeira.

— Está louca para ser dominada e fodida pelo seu Dom. — perversão acende em seu olhar. — apenas três dias sem uma foda pervertida e você já está aí, praticamente salivando como a boa cadela que é.

Eu mio com seu tom condescendente. A última vez que me dominou de fato, foi na noite do jantar, movido pelo ciúme do tal conde. Mike foi implacável e incansável como prometeu. Amarrou meus pulsos com a

gravata e me comeu de quatro primeiro, enquanto açoitava minha bunda com o cinto. Gozou duas vezes, me deixando pendurada, arquejando, suplicando por misericórdia. Só então, me jogou de costas sobre o carpete e meteu com força, destruindo-me até que gozei urrando, descontrolada de tanto prazer. Adormecemos esgotados, amarfanhados no carpete, jurando nosso amor. Jurando nunca deixar terceiros se interpor entre nós.

— Fique tranquila, sub. Eu tenho coisas planejadas para amanhã. — praticamente rosna e não consigo parar o sorriso atrevido cruzando meu rosto de ponta a ponta. — no iate. — seus olhos são malvados quando sussurra isso. — vai me pagar aquela velha dívida. Recorda, bonequinha? — zomba, dando uma mordida perversa, devorando o pãozinho indefeso.

Ai, Dio...

Diversão preenche seu rosto com minha reação sempre tão submissa às suas promessas malvadas.

— O que acha de darmos uma volta pelo centro da cidade e almoçarmos por lá mesmo? — muda o tema habilmente para meu alívio.

— *Perfetto.* — assinto, me deliciando com uma porção do meu bolo. — quero ir àquelas lojinhas de artesanato. Quero comprar algo para a cobertura. Dar alguma contribuição na decoração uma vez que vou morar lá em apenas um mês e meio.

Um sorriso lindo se espalha em seu rosto.

— Você pode mudar o que quiser por lá. — diz solene. — em todas as casas e apartamentos que possuo já era a senhora absoluta há muito tempo, princesa.

Ele me amolece completamente dizendo isso. Lindo.

— Eu sei, amor. — sussurro. — amo o seu bom gosto, então, não vou mudar nada. Apenas acrescentar alguma coisa aqui e ali para deixar minha personalidade também.

— Quero construir uma casa para nós, boneca. — informa em tom sério. — do zero. Do jeito que você quiser. — seus olhos ficam suaves e brilhantes e acrescenta: — para criar nossos filhos.

Eu arfo levemente. Meu íntimo aquecendo.

— Nossos filhos? — murmuro.

— Sim. — ele sorri lindamente de novo, todo charmoso. — dois meninos parecidos comigo e uma bonequinha loira de olhos verdes, linda como a mãe.

Meus olhos ficam marejados com sua descrição e eu levanto indo escarranchar em seu colo, as pernas de cada lado da cadeira.

— *Ti amo.* — digo emocionada, enlaçando seu pescoço e mergulhando minha boca na sua num beijo doce. — meu Mike. — ofego entre beijos suaves.

— Também te amo, bonequinha. Minha preferida... — ele meio que rosna, seus braços fortes me envolvendo, apertando contra si e nos beijamos mais e mais esquecendo o café. Me ajeito em seu colo e voltamos a comer instantes depois, nos servindo porções na boca um do outro como gostamos de fazer.

Passeamos pelo centro da cidade logo depois do desjejum. Visitamos as lojas de artesanato, andando de mãos dadas nas ruelas livremente. Almoçamos num pequeno bistrô com mesas dispostas na calçada. Em alguns momentos percebi paparazzi tirando fotos nossas, mas nem isso me incomodou. Foi refrescante poder sair com o meu homem sem me preocupar com nada. À tardinha, Mike me persuadiu a fazer o percurso até a praia privada a cavalo. Mike adora cavalos e eu acabei assimilando seu amor por eles também. Tenho uma égua no estábulo do palácio, que foi presente dele, acho que nos meus onze ou doze anos, não me lembro direito. No castelo que meu padrinho mantém na área rural de Londres, Mike possui muitos, de variadas raças. Ele avisou que ia trazer alguns para

cá quando adquiriu a casa no ano passado.

Suspiro, encostando minha cabeça em seu ombro, apreciando o trote majestoso. Estamos em cima de um dos garanhões árabes que Mike comprou do Sheik Amihaj, o mesmo que pagou uma fortuna para ter os serviços da King's e, mais especificamente meu engenheiro sexy, reformando seu palácio no deserto. Descemos pelo terreno íngreme, entre as árvores nativas e coqueiros, a vista da praia privada lá embaixo me arrebatando o fôlego.

— É lindo, Mike! — sussurro. Ele arrasta o nariz em meu pescoço indo para a minha orelha, seu hálito quente me arrepiando. Estou usando um vestidinho solto de alças e botões na frente. Meus cabelos enrolados displicentemente em um coque frouxo. Mike está à vontade também com uma bermuda de brim e camiseta preta.

— Que tal um mergulho? — murmura no meu ouvido, sugando o lóbulo, mordiscando delicadamente. Sua mão está aberta em meu estômago, calor atravessando o tecido fino do vestido. — salivei vendo-a mergulhando aqui no ano passado. Fiquei louco de tesão, boneca. Pena que a turma toda estava junto e não pude olhar tanto quanto eu malditamente queria.

Ele rosna e eu rio, recordando das nossas férias entre primos. Ainda não fizemos isso nesse ano. Precisamos marcar algo todos juntos. Entramos na parte mais plana do terreno, a areia branquinha a poucos metros.

— Segure-se, princesa! — há um sorriso na voz de Mike e eu grito, me segurando nas alças da sela de couro. Já fizemos isso milhões de vezes e sei o que vem a seguir. Quando confere que obedeci seu comando, incita o garanhão negro a correr e entramos na praia. Posso sentir a força das coxas musculosas roçando as minhas conforme o galope vai aumentado. Seu braço aperta mais em minha cintura me mantendo colada a ele, enquanto segura as rédeas firmemente com a outra. O sol está lindamente

ameaçando mergulhar no oceano, a brisa e o cheiro gostoso de água salgada me faz fechar os olhos, inspirando longamente. Salpicos de água vem em minhas pernas e eu grito, abrindo os olhos. Ele levou o cavalo para onde as ondas estão quebrando.

— Mike! — gargalho, o som feliz sendo levado pelo vento. Então, eu faço algo que o deixa sempre maluco. Colo minhas coxas à sela, mantendo meu torso equilibrado e solto as alças, abrindo os braços largamente, deixando o vento bater em meu peito. Sensação indescritível. Ouço-o rosnar, mas, sorri e me aperta mais, minha bunda colada em sua virilha e cavalgamos pelas ondas arrebentando como naquelas cenas de filmes românticos. Gemo, sentindo seu corpo másculo atrás do meu e o pau começando a endurecer, esfregando em minha bunda com cada galope gostoso. Minha vagina já estimulada pela fricção contra a sela, começa a umedecer. A magia do entardecer, a paisagem paradisíaca, toda a cena me deixa cheia de tesão. Meu corpo arrepia e eu gemo baixinho. Mike sorri safado no meu ouvido, sabendo o que está se passando comigo e morde meu pescoço, empurrando o pau já completamente duro em minha racha traseira. Ele puxa as rédeas e o cavalo diminui o galope para um trote vagaroso.

— Minha menina quer foder? — pergunta suave e perverso. Eu gemo, acenando, minha calcinha molhando toda, minhas paredes latejando. Seu linguajar degenerado acaba comigo. — você confia em mim, bonequinha? — pergunta asperamente, a mão da minha cintura descendo e cavando entre minhas pernas, segurando minha vagina em cheio.

Eu arfo, choramingando, meu corpo todo estremecendo de lascívia pura.

— *Si, amore mio.* — afirmo roucamente.

Ele ri contra a minha pele, raspando os dentes perversamente.

— Minha boa menina. — me bajula, puxando a saia do vestido para

cima e afasta a calcinha para o lado. Prendo a respiração quando esfrega os dedos em meus lábios molhados.

— *Ahh, Dio...* — eu choro sentindo-o meter um dedo em minha vulva.

— Abra o vestido, boneca. Mostre esses peitos lindos e esse corpo pecaminoso para mim. — rosna, acrescentando mais um dedo e passa a me comer como se fosse a coisa mais natural do mundo fazer isso em cima de um cavalo. Ele ri parecendo ler meus pensamentos. — sim, boneca, vou te comer gostoso aqui em cima. — *caspita!* Não, ele está apenas brincando. Claro que está. Ou não? Eu gemo assustada, mas, como sempre acontece quando meu dominador está em causa, muito excitada. — faça o que mandei, princesa. — seu tom é duro e eu começo a abrir os botões, devassidão me deixando sem fôlego. — segure as rédeas. — sua voz está escura, permeada com dominação e eu obedeço sem discutir. Sua outra mão vem para minha cintura apalpando a pele do ventre, subindo para os seios. Ele os amassa com força, um e outro, revezando em puxar os bicos. Puxa os dedos e massageia meu local secreto, o polegar esfregando meu clitóris e eu jogo a cabeça para trás em seu ombro, resfolegando, meu orgasmo vindo rápido.

Choramingo, o gozo rolando sobre mim. Antes que eu tenha tempo de sequer racionalizar o que aconteceu, estou sendo empurrada, deitada de bruços sobre o pescoço largo do cavalo. *Oh, Dio mio!* Ele não estava brincando. Eu gemo desamparada, sentindo-o puxar meu vestido, me deixando nua, meu corpo arrepiando dos resquícios do orgasmo e pela brisa batendo em minha pele.

— Firme suas coxas dos lados, afinal já tem muita experiência nisso. Sempre gostando de me provocar, me tirar do sério, boneca. — ele zomba, afastando minha calcinha novamente e se debruça sobre minhas costas, metendo o pau fundo em uma única estocada. Eu berro pelo prazer perverso e hedonista de ser fodida assim ao ar livre.

— Mike! *Madonna mia*... — soluço, me segurando ferrenhamente nas rédeas. — não me deixe cair, *per favore, amore mio.*

Ele ri, me fazendo bufar.

— Shh, relaxe, amor. — sua boca pecaminosa trilha beijos e chupadas deliciosas em minhas costas e ombros, me fazendo ronronar. — assim... Minha deliciosa menina. Empine mais a bundinha para me levar todo. — mio sem vergonha e faço. Ele rosna e empurra tudo até o talo. Suas mãos estão cravadas na crina do cavalo dos lados da minha cabeça e grito quando ele dá uma batidinha no pescoço do animal, fazendo-o galopar novamente. Eu grito, choro, tremendo de medo, tesão e adrenalina bombeando em minhas veias. Puta merda. Ele é completamente louco! Mike ruge guturalmente e morde minha nuca, me comendo duro, metendo fundo ajudado pelo galope. — porra, que gostoso! — range e direciona o cavalo para a areia, o galope nunca arrefecendo. Sinto uma dorzinha deliciosamente perversa a cada vez que entra duramente em mim, arreganhando-me toda. O cavalo nos leva para as árvores perto da praia. Mike orienta o bicho a parar à sombra de uma com galhos baixos. Toma as rédeas das minhas mãos e amarra na árvore. Choramingo quando sai de mim sem aviso.

Sua risada pachorrenta me inflama mais. Droga, eu amo esse jeito dele. Sou completamente viciada em sua degradação. Me ajuda a levantar e ergue minha perna direita, passando-a por cima da sela, me puxando para seu colo. Estamos suados e ofegantes já.

— Vamos, monte no meu pau, princesa. — rosna com voz tensa e suas mãos grandes seguram minha bunda, abrindo minhas bochechas grosseiramente. Choramingo, me equilibrando precariamente e pego seu eixo grosso, cheio de veias salientes. O alinho em minha entrada e começo a descer, miando de boca aberta pelo grande volume. Ele grunhe e me puxa perversamente para baixo, entrando profundo. Eu grito,

convulsionando, me pendurando em seus ombros largos. Ele todo vestido, apenas o pau para fora, entrando e saindo de mim. Eu jogo a cabeça para trás e arqueio o corpo, rebolando, recebendo-o todo a cada estocada funda que dá em mim.

— Ohhh, *deliziozo...* — balbucio perdida em sensações devastadoras. — que pau gostoso.

Ele gosta de me ouvir dizer isso, um sorriso malvado cruza seu rosto, os olhos pesados presos aos meus.

— Que vagabundinha deliciosa. — rosna, aproximando a boca da minha e morde meu lábio inferior com pressão. Eu deliro, meu corpo todo arrepiando pela humilhação. — é minha vadia. Minha puta. Vamos, diga isso para mim, bonequinha. — me persuade, o tom suavizando zombeteiramente. — obedeça o seu dono.

Ah, Dio mio...

— *Si,* sua vadia, sua puta, meu senhor. — soluço, sendo sodomizada em seu grande e grosso pau. Ele ri e rosna ao mesmo tempo, seus olhos nunca deixando os meus, enquanto estoca fundo, tocando meu útero. De repente sai e me empurra de costas sobre o pescoço do animal.

— Segure-se nos galhos, boneca. — sua voz está engrossada e rude. Eu faço rapidamente, me segurando nos galhos baixos. Ele se alinha e me penetra com força, arrancando um ganido desesperado da minha boca. — porra, você ama isso, não é, princesa? — sibila e segura um dos galhos com uma mão, enquanto a outra se fecha em meu pescoço, dominando-me completamente. Arquejo amando cada segundo dessa loucura toda. — me abrace firmemente com as pernas e não se mexa. Fique aí, quietinha tomando meu pau, entendeu? — obedeço-o e ele range os dentes, escorregando até o punho dentro de mim. — Deus, eu morro por isso. Sou doente por você, Ella. — e ele passa a me foder com força, grunhindo, nossas respirações e corações batendo loucamente, suor pegajoso cobrindo

nossos corpos, sua grande mão em minha garganta como um animal selvagem, enquanto mete sem trégua em minha vulva já dolorida. A cabeça escura abaixa e ele chupa vorazmente meus seios, se dividindo entre um e outro, mordendo meus mamilos. Permaneço quieta, apenas tomando tudo dele como a boa submissa que sou. Entra colado, grosso, apertado. Mas, meu Dom é muito experiente, ele roça as nossas pélvis juntas, friccionando meu clitóris e volta a socar com força, profundamente. E lá vem de novo a sensação de desfalecimento arrebatando meus sentidos. Ofego, deixando-o me usar como quiser, me regozijando com isso, por fazer tudo que meu dono quer. Seu pau entra e sai em batidas vigorosas, fazendo barulho alto de pele com pele. Estou respirando erraticamente, ele percebe e o sorriso malvado curva os lábios deliciosos. — goze ao redor do meu pau, boneca! Vamos, goze, porra!

É o meu fim. Um interruptor liga em minhas entranhas e me dissolvo em gozo ao redor dele. Minha cabeça roda e minha visão escurece momentaneamente. Gozo com força impiedosa. Ele grunhe, enquanto o ordenho duramente, espremendo-o e seu pau expande.

— Santa Mãe, Ella. — rosna animalesco e me come com mais vigor. — eu vou gozar, amor! Caralhooooo... — então, goza também, urrando alto, enquanto os jorros de sêmen me alagam. Ele é lindo. O olho delirante de tanto prazer.

Animalesco. Selvagem. Erótico. Indômito. Simplesmente arrebatador.

Ele me puxa imediatamente para seu colo de novo e nos agarramos como dois náufragos a uma tábua de salvação. Os espasmos e tremores rolando em nossos corpos suados. Meus músculos estão doendo pelo esforço em manter o equilíbrio. *Dio mio...*

— Uau... — eu gemo sem fôlego. — isso foi... Simplesmente... — rio, arfando sem conseguir encontrar palavras. — sem palavras aqui.

Ele ri profundamente, arfando um pouco também.

— Te amo, bonequinha. — sussurra, segurando meu queixo delicadamente.

— Eu também te amo, amor. — murmuro languidamente.

Seus lábios cálidos tocam os meus e nos beijamos devagar, saciados, extasiados. Ele ri contra a minha boca, me fazendo rir também. Me levanta, saindo de dentro de mim com cuidado. Seu sêmen escorre pela minha perna e eu gemo de prazer.

— Que tal deixarmos Vendaval descansar um pouco agora? — ele sussurra com um sorriso safado. Esse é o nome do garanhão que suportou nosso show de sacanagem bravamente.

Eu dou uma risadinha, enquanto ele me ajuda a descer e pula para o chão em seguida.

— Parece justo com o pobre animal.

Mike

Uma semana depois. Ilha de Ardócia...

As obras finalmente foram encerradas e eu passei o dia andando em cada pequena repartição do museu, conferindo os acabamentos, mesmo depois que Vivian me garantiu que tudo estava perfeito. É uma coisa minha. Gosto de olhar com meus próprios olhos. Os projetos que assino tem a minha total atenção, pois, prezo muito o meu bom nome. Faço uma reunião rápida com a equipe, agradeço e parabenizo o esforço de cada um. Os chefes já vão voltar para Londres amanhã. Mas, Vivian ainda fez questão de ficar para supervisionar a equipe de limpeza terceirizada que contratamos para cuidar da bagunça que ficou. O rei ficou radiante em poder reinaugurar antes do meu casamento, uma vez que com as festas de fim de ano se aproximando, serão muitos compromissos protocolares para ele e a família Real comparecerem.

Eu arrumo minhas coisas na pasta de couro alemão e olho em volta da

pequena sala que foi meu escritório por mais de dois meses. Exalo uma respiração profunda, de dever cumprido. Até fevereiro me dedicarei às questões burocráticas e de administração da King's e depois eu e Ella voltamos para cá para começar as obras da adequação do autódromo. Para ser sincero não seria necessário me mudar de novo para a ilha, no entanto, não quero arrancar minha bonequinha do seio familiar tão bruscamente. Retiro minha gravata e terno, pego a jaqueta de couro marrom sobre a cadeira, já me preparando para sair. Hoje estou pilotando a moto de Ella. A princesa saiu mais cedo para a prova do vestido de noiva. Sua mãe passou por aqui para acompanhá-la e foi um Deus nos acuda, porque todos queriam ver a rainha. Uma batida na porta soa. Eu mando quem quer que seja entrar.

— Posso ter uma última palavrinha? — Vivian abre a porta, colocando a cabeça para dentro da sala. Eu quase rolo os olhos, mas aceno.

Ela entra e para bem perto da minha mesa.

— Eu só queria me despedir e dizer que foi um prazer trabalhar tão de perto com você. — um sorriso charmoso curva sua boca. Ela se refere não apenas a nossa relação profissional pelo visto.

— Você é uma excelente profissional, o prazer foi meu. — eu digo em tom de negócios para não lhe dar a mínima brecha. Ela precisa parar definitivamente de fantasiar que vamos voltar a foder em algum momento. Isso nunca acontecerá. Ella é a única mulher que me satisfaz plenamente. Meu peito fica cheio de orgulho e meu pau duro, só em lembrar de como tem avançado no treinamento, de como está estudando a doutrina com seriedade e, como está cada vez mais gostosa, submissa, me deixando fazer tudo que quero com ela. A viagem a Ibiza foi fenomenal. Não nos desgrudamos um segundo. Eu não sei se esse tipo de coisa é normal em relacionamentos, só sei que com a minha boneca parece natural. Nenhum de nós quer ficar longe do outro. A comi em todos os cômodos da casa,

sobre um maldito cavalo e, claro, no iate, ela amarrada na proa e eu fodendo-a duro por trás como fantasiei infinitas vezes. Ela está me estragando fazendo todas as minhas vontades no sexo. Tenho certeza de que a malandrinha sabe disso pelo sorriso de menina atrevida que cruza seu rosto sempre que me vê a seus pés, adorando-a, completamente rendido.

— Já conseguiu outra colocação? — pergunto para ser educado.

Seus olhos castanhos se iluminam, apreciando claramente meu interesse.

— Sim. — torce um pouco o nariz. — não chega nem aos pés da King's, mas creio que vou me sair bem por lá.

Balanço a cabeça, assentindo.

— Desejo-lhe sorte, Vivian. — digo em tom sério, olhando nos olhos.

Um silêncio desconfortável cai entre nós.

— Nos vemos no clube, então? — murmura, sua voz um pouco trêmula. — Mike, eu... — ela puxa uma respiração nervosa e mexe na alça da bolsa sobre o ombro. Seus olhos estão nadando em lágrimas agora. — eu te amo.

Sua confissão é tão baixa que penso estar imaginando coisas. Mas, seu rosto bonito é banhado de lágrimas em seguida me confirmando que não estou ficando louco.

Eu meio que rosno. Acho que sempre soube que ela nutria sentimentos mais profundos por mim, contudo, escolhi ignorar os sinais.

— E-eu sei que não devia, mas me apaixonei. Eu te amo muito. — ela chora copiosamente na minha frente. Porra! — por favor, não fique com raiva de mim. Eu apenas quis que soubesse antes de sair da sua vida.

— Eu sinto muito em ouvir isso, Vivian. — digo com cuidado para não

magoar seus sentimentos. — mas, saber disso não muda nada. Vou me casar com a mulher que amo em poucos dias. Não há chance para você ou qualquer outra, compreenda isso de uma vez por todas. — meu tom altera uma nota.

Ela suspira tremulamente e acena, limpando o rosto. Parece desolada e eu me sinto mal, porém, não há nada que possa fazer.

— Nunca a enganei. — digo tenso, então, suspiro, passando a mão pelo rosto. — tenha uma boa vida, Vivian. Você é uma mulher incrível. — ela aperta os lábios, chorando mais quando digo isso. — vai encontrar o cara certo em algum momento, basta desistir de procurar no lugar errado.

Nos olhamos em silêncio e ela suspira com resignação.

— Seja feliz também, Mike. — diz num fio de voz e estende a mão um tanto incerta. — sem ressentimentos?

Eu aceito sua mão, tendo a mesa entre nós e a aperto cordialmente.

— Sem ressentimentos. — concedo e ela sai em seguida, os ombros caídos, parecendo derrotada.

Caralho. Eu exalo fortemente e pego minha pasta, olhando mais uma vez em volta, conferindo se não estou esquecendo de nada. Saio pelo corredor em direção aos fundos, pegando o atalho para o estacionamento subterrâneo. Meu celular toca e o puxo do bolso do terno quando paro ao lado da Harley-Davidson. Um sorriso puxa meu rosto. É minha mãe.

— Oi, mãe. — saúdo-a suavemente.

— Oi, querido. — sua voz doce enche meus ouvidos, no entanto, detecto uma nota tensa.

— O que houve? — pergunto à queima-roupa.

— Lucas. — sua voz treme. — seu irmão sofreu um acidente, Mike.

Porra. Acidente? Me sobressalto.

— Um acidente? Como foi isso, mãe? Ele está bem? — a bombardeio.

Ela suspira do outro lado.

— Estamos indo para o hospital agora, querido. Seu pai está dirigindo como um louco aqui. — informa repreendendo o velho. — Samuel nos disse que ele estava dirigindo para casa quando um furgão o perseguiu e o cortou, fazendo-o entrar na contramão e ser atingido por outros dois veículos.

Mas, que porra. Sua voz tem uma rouquidão indicando que já chorou mais cedo.

— De acordo com Samuel, Lucas quebrou o pé e está com algumas escoriações no rosto.

— Ele vai ficar bem, mamãe. — tranquilizo-a, mas, meu cenho está franzido com o incidente. — pegaram o fodido do furgão?

— Samuel disse que a polícia o autuou na hora. Tratava-se de estudantes bêbados. — diz com raiva. — dois deles.

Eu sinto certo alívio em saber disso. A paranoia de que alguém ainda está atrás de mim passou pela minha cabeça.

Não há mais nada a temer. Tudo foi resolvido. Repito isso para mim mesmo, ajeitando a alça da minha pasta nas costas e monto na moto.

— Menos mal, mãe. Me mantenha atualizado. Se precisar de mim aí me fala.

— Não, filho, está tudo bem. — sua voz amorosa soa mais calma. — Samuel garantiu que Lucas está consciente o tempo todo. Não foi nada mais grave, graças a Deus.

— Graças a Deus. — murmuro.

— Eu te amo, querido. Dê um beijo em Ella. — sussurra ternamente. — seu pai disse que liga mais tarde, está bem?

— Também te amo, mãe. Darei sim. — sorrio levemente. — diga ao velho que vou esperar.

Eu desligo e guardo celular no bolso da jaqueta. Coloco o capacete e ligo o motor potente. Uma sensação estranha se infiltra em mim, como se estivesse sendo observado, os pelos da minha nuca levantam e eu olho rapidamente em volta da garagem. Não há nada. Nenhuma alma viva por aqui. Porra. Eu exalo devagar. Quando é que essa cisma vai me deixar? Irritado por parecer uma mocinha amedrontada, eu acelero e saio para a avenida movimentada, usando toda a potência da máquina embaixo de mim.



CAPÍTULO TREZE

Mike

Duas semanas depois... Londres, Inglaterra...

Atravessamos as portas de vidro para o amplo jardim lateral da casa de meus pais em Chelsea. Há uma tenda sobre a grama, perto da quadra de tênis. Meus velhos estão oferecendo um jantar de aniversário para Chloe, a caçula de Isaac e também afilhada deles. Enrolo a cintura de Ella com um braço e seguimos por entre as mesas. É um evento mais intimista pelo que percebo olhando em volta, vendo a família da aniversariante espalhada aqui e ali. Alguns amigos da empresa de segurança de Isaac e a molecada da faixa etária de Chloe. Está completando dezessete, acho. Franzo o cenho me recordando de que já tem um tempo que não vejo a menina. Ela ingressou no ano passado em Arquitetura e tem sido o orgulho do seu velho desde então.

— Mikeeeee! — eu rio ao som entusiasmado, mas não tenho tempo de me defender quando as minhas ruivinhas pulam em cima de mim, quase me derrubando de bunda na grama.

— *Caspita*, meninas! — Ella ri, se afastando a uma distância segura das desordeiras.

Porra! Eu me equilibro, rosnando e rindo ao mesmo tempo.

— Ei, vão com calma aí, ruivinhas! — resmungo. Elas riem largamente enquanto seguro uma em cada braço e as levanto do chão num grande abraço de urso. Elas sempre fazem farra quando faço isso. — eu acho que sentiram falta desse irmão mais velho chato, é isso? — as provoco, beijando o topo de suas cabeças ruivas.

Elas rolam os olhos em sua impertinência juvenil.

— Só um pouco. — Em diz com um sorrisinho atrevido.

— Talvez, mano. — Sam endossa a provocação.

Eu rosno, então, sorrio, me lembrando de algo que vai deixá-las se roendo de curiosidade.

— Tudo bem. — dou de ombros. — então não vou dizer o que estou preparando para seu presente de aniversário daqui a dois meses. — suas bocas escancaram e os olhos escuros brilham de curiosidade. Bingo! — não, é claro que vocês não querem saber sobre isso, irmãzinhas...

— Mike... — Em faz beicinho. — sabe que é nosso irmão preferido...

Eu rolo os olhos com sua bajulação. Ouço a risada divertida de Ella apenas observando nossa interação.

— É claro que ele sabe, Em. — Sam entra no jogo da gêmea.

Eu não seguro uma risada alta, gostosa e as puxo mais para perto, adorando tê-las assim. Não nos vemos com tanta frequência depois que foram para Boston. No começo foi complicado para meus velhos e eu nos acostumar com sua ausência e entender que é o processo natural das coisas. Elas cresceram.

— Bem, já que Mike é o preferido, que acha de suspendermos aquela encomenda para as meninas, mano? — a voz de Lucas, com um toque de divertimento, vem de trás de nós. Ele entra em nosso campo de visão com

Samuel ao seu lado.

— Sim, mano, eu acho que é o certo a fazer nesse caso. — Samuel diz tentando parecer sério.

— Homens são tão territoriais... — Em bufa entediada.

Eu rio, esperando para ver sua astúcia em se sair dessa.

— Concordo, irmã. — Sam abre um sorriso travesso. — oh, vamos, bonitões, todos vocês são nossos preferidos. Duh!

Todos rimos da sua lábia doce para não perderem os presentes. Elas bufam, mas acabam rindo também. Me dão beijos estalados em cada bochecha e vão cumprimentar Ella, cercando-a da mesma forma que fizeram comigo. Eu desvio os olhos para meus irmãos, especificamente Lucas. Já está bem recuperado do incidente que se envolveu no trânsito há duas semanas, mas ainda está usando uma bota ortopédica, visto que tinha mesmo quebrado o pé esquerdo.

— Ei, caras. — dou um abraço rápido em cada um. — como está esse pé? — encaro Lucas.

Ele faz uma careta. Deve estar sendo um tédio ficar sem movimentar-se adequadamente. Lucas é o mais agitado dos gêmeos.

— Uma merda total, mano, se quer mesmo saber. — resmunga.

— Não seja ingrato, mano. — Samuel o repreende. — podia ter sido pior. Você não saiu seriamente machucado.

Lucas bufa.

— Estou entediado, porra. Essa vida de ficar em casa no sofá, coçando o saco não é para mim, irmãos. — seu rosto torce com algo diabólico. — até a enfermeira gostosa da primeira semana minha mãe substituiu. Além do tédio, tenho que olhar uma senhora de meia-idade todo o maldito dia. — reclama com mais uma careta.

Nós rimos da sua rabugice.

— Sim, porque você comeu a garota apenas no segundo dia, cara. — seu gêmeo grunhe.

Um sorriso sem vergonha se escancara no rosto de Lucas. Esses moleques. Eu não posso evitar de sentir puro orgulho masculino, no entanto.

— O que posso fazer, mano? Eu estava entediado... — rebate com um sorriso nada arrependido.

— E isso nem foi o pior, Mike. — Samuel olha em volta e me encara, abaixando mais o tom. — o idiota aqui disse à moça a queima-roupa que ia dividi-la com seu irmão gêmeo. Resultado: ela contou à nossa mãe que foi assediada...

— Assediada o cacete. A espertinha só correu depois que ouviu minha proposta. — Lucas ri perversamente. — não são muitas garotas que sabem se divertir hoje em dia...

Eu bufo. Por diversão ele quer dizer que não são todas que aceitam transar com dois caras ao mesmo tempo.

— Seus tarados. — eu tusso para disfarçar, uma vez que as meninas estão muito perto confabulando com Ella.

Eles riem sem o menor indício de vergonha em seus rostos idênticos.

— Então, Mike, qual é a sensação de estar a apenas um mês de se enforcar? — Lucas como sempre não perde a chance.

— Ei! — Ella faz uma carranca para ele, que levanta as mãos, rindo com atrevimento. Eu a puxo para o meu lado novamente, beijando seus cabelos.

— Não dê ouvidos ao idiota aqui, prima. — Samuel avança, beijando-a no rosto. Ella ri, beijando-o de volta.

— Só estou brincando, Ella. — Lucas ri, beijando-a também. Ella torce o narizinho bonito, mas ri, a birra sendo deixada de lado e o devolve o beijo.

Sam e Em se empoleiram nos braços dos gêmeos e passam a fazer seu próprio jogo de provocação de irmãos. É estranho ver as duas duplas idênticas. Meus velhos com certeza tem uma afinidade do caralho. Uh, me encolho mentalmente, não querendo pensar neles em situação sexual. Especialmente minha mãe. Uma garçonete para nos servindo champanhe e uísque. As ruivinhas amuam quando não as deixei pegar champanhe e instruo a garçonete a trazer espumante sem álcool para elas.

— Pensei que estando com Ella o tempo todo a tiracolo ele estaria mais relaxado. — Em reclama olhando sua gêmea.

— Ele é tão antiquado. — Sam rola os olhos.

— *Ele* está bem aqui. — digo não me alterando. — sou seu irmão mais velho, quer gostem, quer não, espertinhas.

— Se depender de você vamos morrer virgens! — Em solta, seu tom desgostoso.

Eu quase engasgo com meu uísque e os gêmeos fazem o mesmo.

— Emily... — Lucas diz em tom de advertência. A danadinha rola os olhos.

— É isso mesmo. Estamos em pleno século vinte um, irmãos. — Sam fica do lado da irmã. — mulheres também tem direito ao sexo.

Santa Mãe! Como elas cresceram tão rápido? Parece que foi outro dia, estavam brincando com suas porras de Barbie e agora estão reclamando pelo direto a sexo?

— Samantha... — Samuel e eu rosnamos ao mesmo tempo.

— Eles vão começar a nos chamar pelos nomes completos. — Em diz

entediada. — são tão previsíveis...

Ella sorri da afronta da duplinha dinâmica.

— Eu acho que uma taça só não vai fazer nenhum mal às meninas, *amore mio.* — minha boneca diz com sua voz rouca e melodiosa. Um sorriso secreto, cheio de charme de princesa curva os lábios cheios, pintados na cor vinho. É o tipo de sorriso que pode provocar a morte precoce de algum desavisado. No caso, eu. Ela está toda casual hoje, usando uma blusinha de seda verde e jaqueta curta de couro preta. Uma saia rodada e curta completa o traje. Os cabelos estão soltos livremente, e quase não está usando maquiagem também. Apenas o batom. Meu próprio sorriso bobo se escancara e eu me pergunto o que foi que fiz de tão bom que Deus me compensou colocando essa menina em minha vida. O que quer que tenha sido, sou muito grato ao meu Criador por isso. — apenas um taça, *per favore.*

Porra. Seu tom baixo e seu sotaque delicioso vão direto ao meu pau, que começa a engrossar dentro da calça jeans escura. Lucas e Samuel riem e as meninas também estão tentando manter suas carrancas, esperando meu veredicto.

— Está bem. — concedo. — apenas uma taça.

Em mais do que depressa chama o garçom nas proximidades pegando duas taças, dando uma à Sam. Elas tomam um pequeno gole experimental e abrem os maiores sorrisos juvenis. Não posso deixar de rir com a reação delas.

— Valeu, prima. — dizem quase em uníssono, tocando as taças com a de Ella.

— Nós, meninas, temos que nos unir. — a princesa pisca toda atrevida e satisfeita para as primas, que adoram ouvir isso.

— Porra, cara, você é tão pau mandado. — Lucas não consegue manter

a boca fechada.

— Bem, nisso eu tenho que concordar, mano. — Samuel também provoca.

Eu resmungo para eles, em seguida me inclino sussurrando no ouvido de Ella:

— Eu vou cobrar por isso mais tarde, boneca. — mordo seu lóbulo brevemente e sorrio malvado quando a sinto estremecer.

— Estarei pronta para agradar *mio amato Maestro.* — murmura só para os meus ouvidos e meu pau endurece de vez com sua promessa submissa.

— Eu sei que estará, sub. — eu rosno em seu ouvido e mordo seu pescoço, fazendo-a grunhir baixinho.

Ela vira a cabeça, nossos olhares se encontrando de se prendendo. Abaixo a cabeça e tomo sua boca na minha num beijo cálido, mas breve, dadas as reclamações de meus irmãos bobalhões. Rimos e nos afastamos.

— Jesus... — Lucas assobia, os olhos cravados em algo atrás de mim. — Jesus... — repete com uma expressão de retardado no rosto. — ela devia pagar imposto para andar por aí com uma bunda daquela...

Eu me viro e descubro o que causou sua reação: Chloe, a aniversariante da noite. Uh, também sou tomado pela mudança na menina. Ela está quase irreconhecível. Lembro dela toda tímida, se escondendo atrás de óculos de fundo de garrafa e aparelho ortodôntico.

— Porra... — Samuel murmura. — a pequena Chloe cresceu...

Eu rio com os dois babando sobre a filha de Isaac.

— Caras, sugiro que peguem seus queixos do chão antes que Isaac perceba que estão cobiçando sua garotinha.

Ela parece ter acabado de chegar e está cumprimentando meus pais, que a envolvem em abraços afetuosos.

— Samu... — a voz de Lucas é apenas um grunhido áspero e isso me faz olhá-lo, franzindo o cenho com o que vejo em seu rosto.

Luxúria crua.

— Não. — eu aviso. — nem pensar nisso, cara. — bufo e acrescento: — caras.

— Mike tem razão, Luc. Ela é muito jovem. — Samuel concorda, no entanto, não parece satisfeito. — e está muito perto de casa... Muito arriscado, mano.

Lucas grunhe, mas acena em concordância. Seu olhar incendiário voltando para a jovem Chloe.

— Sim, ela é muito jovem, mano. — murmura com a expressão diabólica que conheço bem. Isso sempre anunciou confusão desde que era pequeno. — não vamos investir... — mais um sorriso perverso. — por enquanto.

Os gêmeos se entreolham e algo passa entre eles, como um acordo tácito, essas merdas que só eles compreendem sem usar palavras. Samuel abre um lento sorriso e acena.

— Sábia decisão, mano. — assente.

Eu olho de lado, percebendo meus pais vindo em nossa direção, acompanhados da pequena, certo, agora não tão pequena, Chloe. Minha mãe tem aquele olhar e sorriso suave, provavelmente por ver seus filhos reunidos. Ela adora essas reuniões familiares.

— Meus amores, todos juntos. — murmura com os olhos azuis emocionados deslizando por cada um de nós. — eu sinto falta disso. — completa, desvencilhando-se do braço do meu velho e vindo até mim, depositando um beijo suave em minha bochecha. Me sinto como um menino quando faz isso. A envolvo em um abraço afetuoso e beijo sua têmpora.

— Ei, mãe. — murmuro.

— Ei, querido. — segura meu rosto dos lados, seu olhar correndo por mim, absorvendo cada detalhe. Ela sempre faz isso quando passa muitos dias sem ver qualquer um de nós. — não tenho visto meu filho mais velho muito nesses dias. — diz com um sorriso melancólico.

Eu rio da sua queixa e brinco:

— Em breve voltará a me ver todos os dias, Dona Cassandra.

Ela ri, assentindo e seu olhar vai para Ella, se enchendo com a mesma ternura.

— Ella. — diz com suavidade, envolvendo a sobrinha num abraço. — não sei como consegue estar ainda mais bonita a cada vez que a vejo, querida.

— *Grazie*, tia. A senhora é que está cada vez mais linda. — minha boneca cora ligeiramente.

Meu pai vem nos cumprimentar com abraço firme para mim e um beijo afetuoso na testa de Ella.

— Como está aquele rabugento do seu pai, querida? — ele pergunta, com humor dançando nos olhos.

— Está ótimo, padrinho. — Ella dá risada da provocação entre os irmãos. — ele e minha *mamma* mandaram lembranças.

Meu velho ri e a beija mais uma vez na bochecha.

— Fiquei sabendo que fez um trabalho primoroso com a restauração. — seu semblante fica mais sério. — parabéns, filha.

Ella sorri suavemente e me olha de lado.

— *Grazie*, mas, acho que isso foi muita bondade do engenheiro chefe. — diz com um toque de provocação em seu tom rouco e sexy. — foi apenas meu primeiro trabalho profissional, padrinho.

Meu pai balança a cabeça.

— Acredite em mim, o engenheiro chefe não se deixa influenciar por nada além de trabalho duro. — afirma.

— Isso é verdade, Ella. — minha mãe intervém, entrelaçando o braço com o meu pai novamente. — eu passei por isso com outro engenheiro chefe...

Meu velho ri, parecendo muito mais jovem do que os seus cinquenta anos e encara minha mãe. O amor entre eles é palpável.

— Sim, você passou, ruivinha linda. — sussurra antes de dar um beijo terno nos lábios de minha mãe.

— Pai! Mãe! — Sam e Em reclamam da sua demonstração pública de afeto, enquanto o resto de nós sorri.

Minha atenção recai na menina parada entre Sam e Em. Chloe parece prestes a correr e se esconder em algum lugar. Ela ainda continua tímida então. Minha mãe se vira e sorri, pegando a afilhada pelo braço, puxando-a para o nosso círculo.

— Chloe, querida, venha conversar com os meninos. Tem tanto tempo que não se encontram assim, não é?

É Samuel quem primeiro se aproxima, estendendo a mão para uma Chloe totalmente assustada. Ela cora como a adolescente que é. Sua reação é como se luzes de neon acendessem em sua testa, denunciando que tem uma queda por eles. Oh, isso é ruim. Ela não imagina que está dando o sinal verde para esses pervertidos irem atrás dela.

— Muito tempo mesmo, mãe. — ele diz todo charmoso, enquanto leva a mão da menina aos lábios e beija o torso com galanteio. Não se enganem com os modos cavalheirescos dele. Samuel é tão degenerado quanto seu gêmeo. É apenas mais discreto sobre isso. — bom vê-la de novo. Parabéns, Chloe.

Lucas meio que rosna e se adianta, estendendo a mão também.

— É, minha mãe tem razão. Tem muito tempo que não nos encontramos assim. — seus olhos azuis acendem com o brilho predatório e sua voz baixa uma oitava: — parabéns, pequena Chloe.

Penso ter ouvido meu pai grunhir baixo. Certamente percebendo os olhares indecentes de seus filhos para a caçula de seu melhor amigo. Prevejo confusão.

— Parabéns, Chloe. — eu digo, trazendo sua atenção para mim. — pelo aniversário e também pelo ingresso em Arquitetura. Eu nunca tive a chance de falar com você pessoalmente depois que foi aceita.

Seu rosto torce ligeiramente. É algo rápido, mas, percebo. Ela não parece a típica universitária feliz. Parece que Isaac e Harry estão muito mais contentes do que a própria.

— O-o brigada, Mike. — gagueja sem jeito.

— Meus parabéns, Chloe. — Ella murmura também. A menina fica parecendo uma beterraba de tão vermelha por ter a princesa cumprimentando-a. — eu fui pega de surpresa, então, não tenho nenhum presente para hoje. Mas, deixe Harry saber o que lhe agrada e terei prazer em enviar para sua casa.

Chloe engasga, os olhos ampliando. Sinto pena da garota tímida tendo tanta atenção sobre ela.

— O-obrigada, princesa Ella. — gagueja de novo, torcendo as mãos à frente do corpo. — é muita gentileza sua, mas não é necessário.

Ella sorri, abanando a cabeça.

— Faço questão. Informe ao Harry e pronto. — diz com delicadeza, mas firme.

Isaac e sua esposa chegam até nosso círculo, nos cumprimentando e a

conversa flui agora entre meus velhos e eles. O grupo vai dispersando aos poucos. Primeiro as gêmeas, levando a aniversariante a tiracolo. Depois os gêmeos, Lucas reclamando de sentir dores no pé e Samuel dando bronca nele por não tomar os remédios nos horários certos. Olho a mesa do bufê pouco adiante na lateral da tenda.

— Com fome, bonequinha? — murmuro olhando a minha menina.

Seu rosto se ilumina. Eu rio divertido porque minha menina sempre está com fome.

— Pensei que nunca ia perguntar, *amore mio.* — murmura com sua carinha linda de princesa atrevida. Ela adora usar duplo sentido ultimamente.

— Boneca... — eu rosno baixo e me inclino, mordendo seu pescoço suavemente. Ela estremece, soltando uma risadinha gostosa. — não há som mais bonito que esse, princesa. — sussurro, virando o rosto para olhá-la nos olhos.

Seus olhos de esmeralda ficam muito brilhantes, sua expressão enternecendo. Ela levanta a mão, tocando minha barba aparada.

— *Amato mio...* — murmura. Eu me inclino mais e a beijo delicadamente nos lábios.

— Vem, amor, vamos alimentá-la. — toco o indicador na ponta do narizinho altivo.

Pedimos licença aos meus pais e Isaac com a esposa e seguimos de mãos dadas para a mesa farta.

Antonella

Sam e Em e eu entramos no restaurante movimentado, que fica localizado no último andar de um shopping novo há duas quadras da sede da King’s. Mike avisou que estaria envolvido em reuniões o dia inteiro e provavelmente comeria algo na empresa mesmo. Ele é muito

perfeccionista com seu trabalho. Terminando com as meninas, vou dar uma passadinha por lá para conferir se realmente se alimentou. Estamos esgotadas depois maratona de compras pela Oxford Street por toda a manhã. Marcamos um dia de meninas, uma vez que estão voltando para Boston amanhã. Passeamos a pé pelas calcadas espaçosas, sendo seguidas de perto por nossos seguranças. Na última loja, um tumulto de paparazzi se formou do lado de fora e tivemos que ser escoltadas até o carro. Tirando o pequeno episódio, diria que nossa aventura às compras foi relativamente tranquila. Nem sempre é assim.

A hostess abre o seu melhor sorriso e nos leva até uma mesa imediatamente, causando cochichos e resmungos dos clientes que estavam aguardando na fila. Geralmente não gosto de ser tratada diferente, mas, meus pés estão me matando! Então, sinto muito meninas, mas estou aceitando o tratamento especial, *va bene?* Agradecemos à moça simpática e nos acomodamos numa mesa perto da parede de vidro, com a vista da cidade abaixo de nós. Daqui dá para ver um pouco da fachada imponente do edifício da King's. O garçom aparece e pedimos uma água com gás antes de fazer os pedidos. O ambiente aqui é requintado, a clientela é basicamente homens e mulheres do mundo corporativo. Mike me trouxe aqui algumas vezes quando queria almoçar comigo, mas como é um *workalik*, também não queria se distanciar muito da empresa.

— Vou pedir o peixe com ervas e você, Em? — Sam pergunta olhando o cardápio.

— Vou querer o mesmo e esse pudim de trufas aqui. — aponta a foto da sobremesa.

— Eu vou de salada e costeletas ao molho. — meu estômago ronca e as meninas caem na risada. — e esse pudim é divino, Em! O experimentei da última vez que vim aqui com Mike.

Elas trocam sorrisos maliciosos.

— Deus, vocês dois estão tão melosamente apaixonados, prima. — Em caçoa. — sabe quantas vezes falou o nome de Mike apenas nesta manhã?

Eu franzo o cenho.

— Quantas? — pergunto, um meio sorriso brincando em minha boca.

Elas rolam os olhos.

— Umas mil, com certeza! — Sam responde. — só que eu contei.

Acrescenta e eu rio do seu exagero, meneando a cabeça. Essas meninas não são de brincadeira.

— Estamos felizes, é isso, primas. — nos defendo com um sorriso bobo no rosto. — demoramos tanto tempo para assumir nossos sentimentos. Seu irmão, principalmente. — torço o nariz. — ele sabe ser turrão quando quer.

Elas fazem careta.

— Ah, ele sabe sim. — Em concorda. — tão antiquado nosso irmão mais velho. — reclama, então, sorri suavemente. — mas, somos loucas por ele assim mesmo.

— Totalmente. — Sam assente. — só não falamos com frequência para ele não ficar se achando.

Eu rio do seu raciocínio juvenil. O garçom volta se colocando ao lado, esperando elegantemente fazermos nosso pedidos. Como adoro comer e isso não é segredo para ninguém, peço também uma entrada de camarões empanados com molho agridoce. As meninas riem de mim.

— O quê? — levanto as sobrancelhas. — esses camarões são indecentes de tão bons, não dá para não pedir. — argumento.

Elas riem mais.

— Prima, nunca vamos descobrir para onde vai tudo que você come. — Sam diz bem-humorada, enquanto o garçom se afasta com nossos pedidos.

— Isso é verdade, Ella. — Em endossa. — prima, você tem um corpo

assassino. — rola os olhos. — por isso meu irmão ciumento barra possessivo barra homem das cavernas, não desgruda mais de você nesses dias. — diz com sua impertinência.

Eu rio satisfeita. *Si,* nós não largamos um do outro de jeito nenhum. As obras do museu foram encerradas há duas semanas, porém, ainda tinha alguns trâmites legais que Mike tinha que resolver junto a órgãos estatais de Ardócia e ficamos um tempo por lá, só retornando a Londres ontem. Com muito jeitinho pedi *mio papà* que me permitisse acompanhar meu noivo. Ele argumentou que falta apenas um mês para o casamento, para desgrudarmos um pouco. Eu rio suavemente. Ele está tão ciumento de sua *principessa* que nem tenta disfarçar. Mas, minha mãe interviu, perguntando-o se já esqueceu como é ser jovem e apaixonado, e como sempre acontece, o rei cedeu. Voltaremos daqui a duas semanas para a reinauguração do museu, no entanto. Meus pais e Dam tem uma viagem diplomática agendada aqui para a próxima semana, então, vou poder dar toda a atenção que *mio papà* está sentindo falta.

Minha entrada é servida e eu caio de boca sem cerimônias. Sam e Em se juntam a mim alguns instantes depois, não resistindo aos gemidos que dou com cada porção que jogo na boca. O ambiente está ficando lotado, percebo, correndo os olhos discretamente em volta. Comemos, conversando animadamente, as duas contando sobre dois meninos que as estão cortejando em Boston e Mike não pode nem sonhar com isso. Eu ouço tudo e comento aqui e ali, adorando estar assim com elas. Já tinha um tempo que não fazíamos algo juntas. Quando nossos pratos chegam, nos deliciamos ainda conversando. Estamos na sobremesa quando vejo com o canto de olho duas figuras parando em nossa mesa. Eu olho os recém-chegados e me deparo com o sorriso conquistador de ninguém menos que Thomas, o tal conde de York. Merda. O homem é bonito. E pela postura esnobe, é bem consciente desse fato. Desvio o olhar para sua parceira e percebo que é Elise, a moça que esteve chorando suas mágoas, no jantar de

Daniel.

Olhando-a bem à luz do dia não me parece tão jovem quanto pensei naquela noite. Ela parece estar na casa dos trinta, olho-a com mais atenção. É muito bonita, entretanto. Foi muito gentil comigo quando nos conhecemos, mas, ela foi sub de Mike, então, sem chance de uma amizade aqui.

— Mas, que surpresa agradável... Princesa Antonella. — Thomas murmura, fazendo uma breve reverência, seus olhos cinza chumbo queimando em cima de mim. Eu me levanto como manda a etiqueta. — eu sabia que meu dia estava prestes a melhorar quando entrei aqui.

— Boa tarde, conde. — ele estende a mão e a pego tentando não revirar os olhos quando a beija acintosamente. Ouço Sam e Em bufarem. Elas não são tão discretas.

— Princesa Ella. — Elise segue seu exemplo, curvando-se um pouco desajeitada. — é tão bom vê-la de novo. — ela parece genuinamente alegre e me sinto mal por não querer ser amigável.

Forçando meu ciúme para longe, eu sorrio gentilmente e a cumprimento também.

— O prazer é meu. — digo-lhe, puxando a mão do domínio do conde. — conheçam Samantha e Emilly, as irmãs mais novas de Mike.

As meninas apenas inclinam seus queixos, mas, não se levantam. Elas não se importam muito com etiquetas. Má influência de Anna.

— Prazer em conhecê-las, adoráveis meninas. — Thomas não perde o tom galante.

As meninas abrem os sorrisos mais falsos em resposta. *Dio!* Eu me seguro para não rir.

— Oh, elas são realmente adoráveis, não são? — Elise diz com voz suave.

Elas estreitam os olhos sobre a morena. *Caspita*, minhas primas estão parecendo duas crianças birrentas, envergonhando a mãe.

— Nós vamos ao toalete, prima. — Em avisa, se levantando seguida pela gêmea. — voltamos em um minuto.

Elas se vão e eu quase suspiro por ter sido deixada com esses dois estranhos.

— Eu gostaria de agradecer pelas sugestões profissionais que tão gentilmente me deu, princesa. — Thomas torna a falar, seus olhos estão cheios de cobiça em cima de mim. Ele nem mesmo tenta ocultar isso.

É um abusado. Só cedi quanto às sugestões para sua galeria porque estive ociosa esse tempo depois que as obras do museu terminaram e não gosto de me sentir inútil. Além disso, ele me prometeu que me dará os créditos, que serão bem-vindos para o Mestrado que pretendo iniciar no próximo ano. Outro ponto a seu favor é que o conde entrou em contato com minha assessora pessoal, então, não houve contato de fato entre nós. Mike surtaria se eu falasse diretamente com o homem.

— Não foi nada. — digo em tom neutro, torcendo para eles tomarem seu caminho.

— Vocês irão ao clube na sexta? — Elise pergunta baixando o tom de voz.

— Não tenho certeza. Mike não me falou nada a respeito.

Ela sorri.

— Haverá demonstrações, cenas públicas. Todos os Domes e Mestres farão uma cena no palco central.

Isso me gela dos pés à cabeça. O quê?! Eu não vou fazer nenhuma cena *maledeta* em público!

Ela parece ler meu rosto, pois sorri com compreensão.

— Fique tranquila, princesa Ella. Daniel não exigirá que o Mestre Mike faça uma cena com você. Seu treinamento apenas começou, estou supondo. — levanta uma sobrancelha inquiridora e eu fico sem jeito, mas, aceno em concordância. — Mestre Mike deve escolher uma de suas antigas subs regulares para a demonstração.

Meu intestino torce ao ouvir a última parte. Essa alternativa é ainda pior que a anterior.

— O quê? — pergunto bruscamente, pânico tomando conta de mim.

Não. Mike não fará uma merda de cena com nenhuma sub antiga! Eu o proíbo, *caspita!*

— Eu sei. — ela ri como se não fosse nada. — é tudo novo para você, muita coisa para assimilar. — seu tom é tão compreensivo e suave que me deixa com mais raiva. — é assim que as coisas funcionam em nosso mundo, princesa. Os Mestres sempre fazem demonstrações. — seus olhos fixam nos meus, momentaneamente mais duros. — com suas parceiras ou não. São regras do clube e duvido que Daniel deixe Mestre Mike fugir de suas responsabilidades por mais tempo. Ele já esteve afastado por muitos meses. Além disso, duvido que Mestre Mike queira fugir de suas obrigações.

Se ela disser *Mestre Mike* mais uma vez, juro que vou enfiar sua cara na travessa de pudim! Não, isso arruinaria minha sobremesa favorita. Melhor derramar a jarra de água em sua cabeça.

— Eu duvido que *meu noivo* queira fazer qualquer demonstração com outra mulher. — não consigo manter o tom cortante da minha voz. A mulher sorri novamente. — Mike jamais faria algo tão desrespeitoso comigo.

— Tudo bem, não queira matar o mensageiro! — brinca, levantando as mãos. Seus olhos suavizam. — Daniel me disse que estava praticamente certo que Mike faria uma demonstração...

— Ele não fará. — rebato firmemente.

Ela recua um pouco com o meu tom. Mas, sua expressão amena não altera.

— A proposta que lhe fiz continua de pé. Me procure se precisar de orientação, qualquer coisa nesse novo mundo em que está entrando. Eu sei que ele a está treinando, mas é sempre bom ter a visão feminina da arte da submissão. E se permite um conselho, não leve tudo a ferro e fogo, princesa Ella. Abra a mente para tudo que verá quando for ao clube. As demonstrações são apenas isso: encenação. Nem sempre há ligação entre o dominador e a submissa, ou dominatrix e submisso.

Sem chance! *Mio* Mike não vai tocar o corpo de outra mulher nem que seja em uma *maledeta* encenação. Foda-se esse clube e sua doutrina estúpida.

— *Grazie,* Elise. Tentarei manter isso em mente. — forço meu tom mais suave.

— Certo. Eu vou na frente para a nossa mesa, Thomas. — avisa e me dá um sorriso amável, fazendo uma reverência antes de ir.

A risada baixa de Thomas me faz olhá-lo. Ele enfia a mão por dentro do terno caro e retira um cartão. O estende para mim.

— Meus contatos privados, princesa. Gostaria de encontrá-la para um café, talvez? — seu tom e olhar são charmosos. Tenho certeza que sempre consegue o que quer usando-os. Mas, isso não faz nada para mim. Abro a boca para recusar e ele se adianta: — para conversarmos mais sobre as ideias valiosas que me deu, claro. Eu ficaria honrado em ter alguns minutos em sua companhia.

Abro a boca de novo, mas, antes que eu fale uma mão grande e morena se infiltra entre nós, arrancando o cartão da mão de um Thomas estupefato.

Oh, Dio mio... Mike!

— Eu acho que não, amigo. — rosna, suas narinas infladas, o olhar mortal cravado no conde. Ele destrói o cartão com uma ira palpável e empurra os picadinhos no peito do homem, com força, quase o desequilibrando. — por outro lado, você pode ter a minha companhia. Só você e eu, no estacionamento. O que me diz? — eu engasgo. Ele está tremendo de raiva.

— Mike... — minha voz tem um apelo. As pessoas estão começando a olhar para o mal-estar em nossa mesa. — *per favore*...

Sua cabeça gira e os olhos escuros cravam nos meus, me fazendo encolher um pouco com o que vejo lá. Ele está muito chateado comigo. Não apenas por ter encontrado o conde aqui, mas, por eu ter oferecido algum apoio profissional quando já tinha me proibido de fazê-lo. Com certeza ouviu essa parte. Sem nenhuma palavra, me dispensa, voltando a antagonizar o conde.

— Eu acho que o conde aqui precisa aprender a respeitar uma regra básica de sobrevivência. — seu tom é baixo, porém, ameaçador. — não dar uma de conquistador para cima de mulheres comprometidas.

— Eu acho que você precisa se acalmar, cara. — o conde diz calmamente e isso parece irritar Mike ainda mais. — eu só estou agradecendo pelas sugestões que a princesa me deu para a reabertura da minha galeria.

A cabeça de Mike ricocheteia de volta para mim na velocidade de um raio e eu vejo lá. Ele não havia escutado essa informação antes. Um brilho duro surge na íris de ônix e seu maxilar cerra, um músculo começando a pulsar na mandíbula forte. Ele mais uma vez me dispensa sem me dirigir a palavra, se antes seu olhar era mortal, agora ele quer trucidar o conde.

— Eu acho que você ainda não entendeu, embora tenha deixado isso claro como água naquele jantar. — diz entre dentes. Os clientes pararam de comer e estão todos observando a troca nesse momento. — você não

vai chegar perto da minha mulher. Você não vai ter nenhum fodido contato com ela. — seu tom é apenas um sibilar quando completa: — não vai sequer olhar na direção dela, se preza pela sua integridade física.

Puta merda! Mike enlouqueceu. *Dio*, que cena.

Thomas o encara firmemente, então, sorri. Um sorriso zombador, esnobe.

— Qual é o seu problema, companheiro? Tem medo de que ela perceba que pode obter algo melhor?

Caspita! Ele tem um desejo de morte, só pode. Eu gemo internamente.

— E esse *algo melhor* seria o quê? Você? — Mike zomba de volta. — olhe para si mesmo. Você é uma piada de mau gosto. Um riquinho que nunca soube o que é trabalhar duro. — ele para, abrindo um sorriso frio, perverso. — mas, talvez agora vá saber, uma vez que sua família está falida. — sério? Como Mike ficou sabendo disso? O conde empalidece, perdendo um pouco da empáfia. — uh, parece que toquei em um nervo aí, *companheiro*. Os York estão completamente na merda pelo que andei sabendo.

Mike continua a bater verbalmente no homem. Thomas o olha e sorri, recuperando a confiança. Seu olhar crava em mim.

— Foi um prazer revê-la, princesa. — murmura com voz sedutora. — pense melhor sobre me ajudar profissionalmente no projeto e em como isso lhe daria pontos para o seu mestrado.

Mike rosna, sua mandíbula cerrando mais uma vez. Ele não me olha, mas sinto seu julgamento. Droga. Eu não devia ter dado nenhum tipo de ideia para esse conde idiota e convencido. Antes que eu possa negar mais uma vez, meu noivo ciumento toma a minha frente.

— Ela não vai aceitar. — a mão grande se fecha em minha cintura, me puxando contra um corpo tenso. — ela não vai falar com você outra vez.

— eu me encrespo com o toque machista em seu tom. — se sabe o que é bom para você vai ficar longe da minha noiva, conde. Passar bem. — cospe entre dentes.

Então, ele está nos manobrando e caminhando a passos largos para a saída, praticamente me arrastando. Os olhares curiosos ainda continuam sobre nós. Que cena ele acaba de fazer! Estou furiosa, mas conto até dez, cem, e espero sairmos dos olhos do público para confrontá-lo.

— Sam e Em estão no banheiro. — aviso, cerrando os dentes com sua atitude truculenta.

— Eu sei. Harry foi aguardá-las para levá-las para casa. — ele rosna sem me olhar.

Tomamos o elevador direto para o estacionamento. O silêncio pesando entre nós. Embora sua mão ainda esteja em minha cintura, ele não faz outro gesto amistoso.

— Para onde estamos indo? — pergunto quando abre a porta do seu Alpha Romeo para mim. Ele não responde, apenas me olha duramente.

— Mike...

— Entre na porra do carro. — seu tom é baixo, mas está cheio de raiva.

Eu suspiro, frustrada e entro. Alguns minutos depois, estamos entrando na cobertura. Ele anda à minha frente, me lembrando da noite em que voltamos do jantar de Daniel.

— Pensei que ia almoçar na empresa. Como soube que estávamos naquele restaurante? — indago, andando devagar atrás dele, testando as águas.

— Eu sempre sei onde você está, Ella. Sempre. —rosna, virando-se para mim no meio da sala. Eu paro, jogando minha bolsa sobre a mesinha de centro. Ele me chamou de *Ella.* Não boneca e isso me chateia. Ele raramente usa meu nome. Seus olhos duros fixam nos meus. — quando ia

me contar que andou conversando com aquele imbecil pomposo pelas minhas costas? — então, ele ri, mas não é um de seus sorrisos bonitos ou charmosos, esse é afiado. — ou você não ia me contar?

— *Dio,* não consegue ver o quanto está sendo homem das cavernas, Mike? — eu cruzo ao braços, numa posição de combate. — sou sua noiva, não sua propriedade, *cáspita!*

Suas narinas fremem, isso o deixando ainda mais puto, se é que é possível.

— Sim, porra, você é *minha* noiva! Minha! Minha! — ele brada, crispando os punhos. Uh, *Dio mio...* — e você teve contato com um homem que eu, seu fodido noivo, já a havia proibido de falar!

É a minha vez de rosnar. Que machista!

— Proibir? Você consegue se ouvir, Mike? — rebato. — eu sou uma mulher do século vinte e um! — digo irada com sua postura Neandertal. — gosto de me submeter a você no sexo? *Si,* mas, só porque isso me excita pra caramba, não porque sou obrigada!

Ele recua um pouco, assimilando minhas palavras e estreita os olhos em fendas.

— O que está tentando me dizer, Ella? — grunhe.

— Estou dizendo que você precisa me respeitar como pessoa.

Seu rosto parece chocado, como se estivesse o acusando de uma calúnia.

— Que porra é essa? É claro que a respeito como pessoa. Eu...

Eu bufo.

— Você está surtando, me proibindo de sequer olhar para outros homens, Mike. — rosno. — você é um homem das cavernas *maledeto!*

Ele rosna de volta.

— Aquele fodido quer comer você, porra! Não é possível que seja tão inexperiente...

Isso me enfurece. Meus ouvidos saem fumaça.

— *Si,* sou inexperiente mesmo! — brado. — talvez seja por isso que está querendo fazer uma demonstração com uma das suas putas regulares! — os olhos negros ampliam e ele parece culpado por instante.

— Como ficou sabendo sobre isso? — seu tom é cauteloso agora.

— A tal Elise chegou ao restaurante acompanhando o conde. — rolo os olhos. — ela me deixou a par. Eu acho que não sou a única escondendo coisas por aqui, não é?

Um silêncio sepulcral desce sobre a sala, enquanto nos olhamos. Meu peito começa a apertar por ele não negar de imediato. Ele vai fazer a tal encenação?

— Eu o proíbo! — digo atrevidamente, levantando o queixo. — você é meu homem! Meu! Não vai fazer merda de demonstração com nenhuma sub do caralho!

Mike levanta aquela sobrancelha perversa dele e por um ínfimo momento vejo diversão brilhando nas íris escuras. Então, seu rosto fica duro de novo.

— É o meu mundo. É o meu clube e se eu quiser retomar as atividades como Dom e Mestre, eu vou.

Suas palavras me batem com força. Tomo uma respiração aguda e falo desafiante:

— Então, talvez eu também vá fazer o que me der na telha, como por exemplo, aceitar trabalhar com o conde na galeria.

Ele rosna, seu temperamento fervendo.

— Tente, porra. — diz entre dentes. — apenas tente.

Eu mantenho seu olhar fixo e devolvo suas palavras:

— Tente, porra. Apenas tente tocar qualquer sub naquele clube *maledeto!*

Ele exala de novo.

— Porra! — grunhe e se aproxima, o rosto mais suave. — boneca...

O uso do apelido agora me deixa emocional, meus olhos enchendo de água. Estendo a mão o parando.

— Não, Mike. — murmuro, virando as costas, andando para o corredor. Seus passos ecoam atrás de mim.

— Droga, Ella... — reclama quando alcanço a porta do quarto e entro rapidamente, fechando-a em sua cara. — abra, por favor. Eu sinto muito, bonequinha.

Sua voz é tão sentida que faz minhas lágrimas transbordarem, descendo pelas faces. Encosto a testa na porta, meu coração doendo, sem entender porque de uma hora para outra parece que não estamos mais nos entendendo.



CAPÍTULO QUATORZE

Antonella

Eu desperto sentindo o cheiro gostoso de rosas. Me remexo sobre o acolchoado e abro os olhos lentamente me situando no ambiente. Estou deitada no divã da biblioteca. É tão espaçoso que parece uma cama, não é nenhuma surpresa eu ter adormecido aqui. Aperto os olhos, me acostumando com a iluminação tênue. Vim para cá depois que Mike parou de implorar do lado de fora da minha porta e peguei um livro para me distrair. Não fui conferir se tinha voltado para a empresa, apenas me enfurnei aqui e ele não veio me incomodar. Sabe que sou geniosa quando me tiram do sério. Nesses casos é melhor me deixar sozinha. Esfrego os olhos, me ajeitando numa posição sentada e ofego com o que vejo. *Oh, Dio mio...* O chão está todo forrado de rosas. Meu coração dá uma guinada e um sorriso feliz puxa meus lábios com a delicadeza do seu pedido de desculpas. Ele esteve aqui enquanto eu dormia.

— Mike... *Amore mio...* — sussurro para o silêncio do recinto. Olho sobre a mesinha de centro, vendo uma rosa solitária sobre o que parece ser um bilhete. Coloco meus pés no chão, calçando minhas sandálias rasteiras e ando até lá, pegando a rosa e o papel. Eu a levo ao nariz, inalando-a totalmente embevecida. Leio sua mensagem em letras firmes e masculinas.

Eu sinto muito, bonequinha. Por favor, me perdoe, princesa. Se

despertar antes de eu terminar o meu treino, venha para a academia e me deixe saber se já me perdoou.

Não há amor maior do que o meu por você.

Seu Mike

Eu suspiro, meus olhos lacrimejando, agora de pura felicidade. O amo tanto. Qualquer que seja o motivo pelo qual brigamos, caiu completamente por terra com seu pedido de perdão em grande estilo. Eu saio, pisando sobre as rosas, não tem como desviar. Ele não economizou pelo visto. Vou direto para nosso quarto e me preparo rapidamente para encontrá-lo na academia. Visto uma das minhas malhas de treino que o deixa louco, é um conjunto vermelho de top pequeno, mal contém os meus seios e uma legging que parece costurada em meu corpo de tão justa. E o detalhe é que sempre a uso sem calcinha para atiça-lo ainda mais. Calço um tênis, prendo o cabelo no rabo de cavalo alto e sorrio atrevida para o meu reflexo no espelho.

Quando empurro a porta da academia, a música me assalta. Eminem está se esgoelando em um de seus raps ousados. Eu entro e ando linda e altiva até a esteira. Posso sentir seu olhar sobre cada movimento meu e isso me excita. Estou aqui, então, sabe que minha raiva se foi, mas, não vou até ele. Não, não. Agora estou no clima para um jogo perverso com o *mio bello dominatore*... Localizo-o levantando pesos pela minha visão periférica. Mordo o lábio, resistindo ao desejo de virar a cabeça e ver seu corpo grande, os músculos saltando pelo esforço. Um metro e noventa de puro macho moreno, gostoso. Meus seios arrepiam, meu centro começa a pulsar, tesão se instalando em meu corpo apenas por saber que seus olhos estão me cobiçando nesse exato momento. Decidindo brincar com seu autocontrole, viro-lhe as costas e me inclino para a frente. Seguro meus tornozelos no alongamento, mas é a mesma posição que meu dono gosta de me colocar quando quer ser malvado. Congratulo-me internamente

quando ouço o peso caindo no chão num barulho alto.

Volto à posição ereta e faço um show de alongar os braços, inclinando minha bunda para lá e para cá. Vocês sabem, meninas, não é apropriado iniciar atividades físicas sem um bom alongamento... Não posso segurar o sorriso impertinente querendo a todo custo se abrir em minha boca. O olho por cima do ombro e vejo-o ajustar-se sob o calção de pugilista e, *cáspita!* Ele me pega conferindo seu pau muito duro, formando um grande volume na virilha. O sorriso perverso levanta os cantos dos lábios pecaminosos e ele ajusta seu pacote viril novamente. *Dio*, minha boca se enche de água. Está todo suado, ofegante, os olhos negros me despindo, fome crua expressa em seu semblante. Eu gemo baixinho e subo na esteira, obrigando-me a continuar meu jogo de punição e sedução.

Trinta minutos depois, estou ofegando, suada e muito excitada. Mike também não deixou barato, obviamente percebendo minha tática, ele arrancou a camiseta regata e tomou água, espirrando o restante da garrafa em seu rosto e cabelo. Correndo os dedos pela massa escura e molhada, água escorrendo pelo peitoral e tanquinho de enlouquecer uma mulher. Puta merda. Que abusado, gostoso. Lindo. Eu avanço até o frigobar e pego uma garrafa para mim também. *Starboy –The Weeknd ft. Daft Punk***,** começa a tocar nas caixas acústicas espalhadas pela ampla sala. Eu faço a mesma coisa, bebendo um grande gole do líquido frio e espirro um pouco sobre meu rosto, pescoço, seios... Quando levanto minha vista, Mike está lambendo os lábios, os olhos cravados em meus mamilos, bem duros e visíveis sob o tecido. Eu ando toda altiva e passo por ele em direção ao saco de boxe. Aquela sobrancelha linda e perversa arqueia e percebo um traço de humor em seus olhos negros quando nossos olhares se encontram, meu corpo raspando no dele, uma vez que não saiu do caminho para me dar passagem. Sinto-o cheirando meu pescoço e minha pele arrepia quando desliza o nariz, inalando profundamente.

— Boneca... — rosna quando me distancio finalmente, indo colocar as

luvas. Minha legging é uma bagunça melada agora. Estou toda molhada e não apenas pelo suor...

Eu bato no saco com disciplina, tentando esquecer que ele está me comendo com os olhos, parado, provavelmente já encerrou seu treino de hoje. Estou ofegando, gemendo e batendo com força. *Si,* adoro provocá-lo com o corpo que sei, deseja tanto. Eu gemo alto, dessa vez, quando duas mãos grandes seguram meus quadris, me puxando contra um peito duro e suado. Seu pau duro é imediatamente sentido se alojando entre minhas bochechas. Rio, arfando, me recordando de outra situação semelhante na academia em Ardócia. A noite em que Mike perdeu o controle comigo pela primeira vez e me tocou sexualmente.

— Gostosa... — sua voz é meio rosnado, meio grunhido, enquanto lambe minhas costas suadas. Estremeço com a devassidão do gesto. É animalesco, sujo, gostoso como tudo que *mio Maestro* faz. — sempre me provocando com esse corpo delicioso, não é, princesa? — morde o meu ombro e eu choramingo, me agarrando no saco. Puxo o velcro das luvas com os dentes, deixando-as cair no chão. Suas mãos puxam grosseiramente meu top para cima, arrancando-o num piscar de olhos.

— Ahh, Mike... — gemo em deleite, sentindo suas mãos firmes se fechando em meus seios. Ele grunhe, moendo em minha bunda, amassando a carne macia dos meus montes. Os lábios subindo pelo meu pescoço, indo sugar minha orelha. Puxa os meus mamilos com firmeza, torcendo-os quase dolorosamente. — *Dio...* — choramingo, sentindo os líquidos vazando para fora de mim. Sua risada é rouca e áspera e ele morde o meu pescoço, descendo uma mão pelo meu ventre, se infiltrando por dentro da legging. Convulsiono, ofegando sem controle quando esfrega meus lábios melados e sem aviso mete dois dedos, obrigando-me a abrir mais as coxas.

— Porra, toda molhadinha... — rosna, me comendo devagar. — está

pingando em minha mão. Caralho... — resmunga e massageia perversamente no meu ponto sensível. Arquejo, o orgasmo começando a vir, então, ele sorri zombeteiro e puxa os dedos. Eu gemo acintosa e vergonhosamente. Um tapa seco cai em minha bunda e em seguida suas mãos estão arrancando minha legging com brusquidão. Eu gemo, me segurando firmemente no saco, deixando-o me despir. Se abaixa atrás de mim e me livra do tênis. Suas mãos sobem pelas minhas pernas até os globos da bunda e os segura, cavando a carne. — empine essa bunda linda, boneca. — seu tom é engrossado, rude. Eu faço e ele arreganha minhas bochechas, me expondo toda para seu olhar devasso. — minha boa putinha... — zomba e em seguida, sua língua está me lambendo por trás.

Eu gemo alto, palpito, pingo, sob seu ataque. Me segura com firmeza e me come com a boca gananciosa. Suga meus lábios juntos, enfia a língua na vulva, cavando dentro. Eu arfo, meu corpo todo estremecendo de prazer despudorado e rebolo em sua cara. Mike rosna e enfia uma mão por baixo, entre as minhas pernas, encontrando meu clitóris, o esfrega habilmente. A outra mão passa a me espancar em cada nádega. Eu grito, urro como uma fêmea no cio. Arde, dói, mas isso combinado com suas chupadas gostosas em minha vagina e a massagem no meu montículo inchado me faz quebrar. Eu gozo forte, me pendurando no saco. Sinto-o se levantar e ouço o farfalhar do seu calção saindo e caindo no chão e em seguida, ele está colocando a cabeça bulbosa em minha vulva. Mal tenho tempo para respirar, Mike segura meus quadris com força, metendo o pau todo, penetrando-me fundo e duro.

— Ahhhh! Puta merdaaa... — choramingo, tremendo toda, enquanto puxa quase todo e volta a meter com força, entrando até o cabo. O sinto grosso e enorme dentro de mim, me comendo com estocadas vigorosas, enchendo-me de sensações pecaminosas e deliciosas.

— Porra, que boceta gostosa. — range os dentes e sobe uma mão para o meu pescoço pela frente. Minhas costas ficam coladas em seu peito e ele

passa a meter brutalmente em minha vulva. Cada socada me arranca um arquejo chorado. Estou derretendo em volta de seu pau grosso, pingando para todo lado, tanto do gozo, quanto do tesão se renovando. Me força a me inclinar de novo e me bate forte na bunda. — se segure firme porque eu vou dar o que você estava querendo quando me provocou com essa bunda indecente de tão linda. — mais um tapa e uma estocada perversa arrancando meu ar. — vou comer essa bocetinha apertada até me fartar e depois vou gozar enterrado até as bolas no cuzinho da minha cadela.

— *Ah, Dio...* — resfolego, amando seu tratamento áspero. — *si, si, mio dominatore.*

Ele me fode sem trégua, metendo o pau com força, me sacudindo toda. Estou gemendo, ganindo alucinada, quase gozando de novo. Mike sorri e morde minha nuca antes de sair de mim, me deixando trêmula, arquejante, necessitada, pendurada no saco. Me puxa, me levantando pela bunda, eu o agarro pelos ombros, e grito quando me penetra de novo, duro, bem fundo. Eu grito, extasiada, pendendo a cabeça para trás e o deixo me comer assim, em pé. Rosnados animalescos saem da sua boca e mergulha, lambendo meus mamilos, depois chupando-os, mamando duramente. Eu choro entorpecida pelo prazer. Ele anda comigo empalada, sem parar de meter fundo e me bate na parede de vidro. O abraço firmemente com as pernas e rebolo em seu pau. Sua boca devora meus seios, sugando, mordendo, me deixando marcas. Acaricio seus cabelos negros e macios. Sua cabeça levanta e nossas bocas ficam bem próximas, nosso olhar quente um no outro. Não falamos nada por muitos minutos, apenas fodendo bruto e gostoso do jeito que meu dono gosta.

— Minha puta. — rosna roçando a boca na minha. — minha. — estocada funda. — minha, porra! — sua boca sobe pela minha face e me morde na maçã do rosto.

— *Ai, ai... Delizioso...* — choramingo, molhando mais, palpitando

mais. Não sei porque amo quando morde o meu rosto assim. É tão primitivo, animal. — eu vou gozar, Mike! *Dio mioooo...* — soluço, minha vagina ardendo em chamas e o orgasmo lava minhas entranhas em ondas escaldantes.

Ele ri, pecaminoso, perverso e gira o quadril, massageando meu ponto G, prologando meu gozo. Então, sua boca está na minha, molhada, exigente, engolindo meus gemidos sôfregos. Suga minha língua, morde meus lábios e desacelera, passando a lamber minha língua com pinceladas eróticas, combinando com suas estocadas preguiçosas. Eu choramingo em sua boca e ele ri, sabendo que mesmo tendo gozado duas vezes ainda quero gananciosamente mais. Muito mais.

— Eu quero seu gozo. *Per favore, mio Maestro.* — peço desavergonhada.

Mike gosta de ouvir isso, porque seu pau pulsa dentro de mim e ele ruge guturalmente antes de nos levar para o tatame azul no canto perto da parede de vidro. Eu arfo quando minhas costas tocam o acolchoado. Ele fica em cima de mim, me olhando de perto, coloca as mãos de cada lado da minha cabeça e volta a meter em minha vulva encharcada. Arreganho bem as pernas e tomo-o todo, sentindo suas bolas baterem em meu ânus a cada estocada. Ele vai devagar no começo, reconstruindo minha excitação, os olhos escuros nunca desviam dos meus, enquanto me come. Prazer e posse estão estampados em seu rosto. Abaixa a cabeça e rola os lábios contra os meus, puxa meu lábio inferior entre os dentes, descendo pelo queixo, pescoço, onde chupa gostoso. Eu giro a cabeça, dando-lhe melhor acesso. Ele passa a meter mais forte, mais profundo e sobe os lábios até meu ouvido, sugando o lóbulo, mordiscando a concha me enviando para outro orgasmo. Mike percebe e desacelera novamente. *Caspita!* Não estava brincando quando disse que ia me comer até se fartar. Estamos pingando suor, nossas peles deslizando uma na outra. Volta todo o caminho e chupa meus seios sem pressa, lambendo cada mamilo vagarosa

e perversamente. Palpito, arfo sem controle, louca para gozar, mas, sei que não vai me deixar agora.

— Vai gozar me dando o cuzinho, boneca. — sussurra roucamente e puxa para fora me virando de bruços no tatame. Eu olho no espelho, seu corpo grande, malhado, cada músculo talhado à perfeição, a pele morena brilhando pelo suor. Arquejo inebriada, arrebatada de tanto amor, tesão, paixão carnal, mas, é algo que vai além disso. Muito além disso. Ele está fitando meu corpo estendido à sua frente, da mesma forma que o estou olhando, com puro encantamento e arrebatamento. Os olhos negros brilham, enquanto acaricia minhas costas, as mãos deslizando em minha pele suada.

— *Amore mio...* — sussurro e ele vira a cabeça nossos olhares se encontrando no espelho. Há tantas emoções expressas em seu rosto.

— Bonequinha... — murmura rouco. — minha menina linda.

Abaixa a cabeça e abre a minha bunda, olhando minhas partes íntimas bem de perto. Arfo e reviro os olhos de prazer quando a língua morna encontra meu ânus numa lambida indecente. Ele rosna e me lambe num show de lascívia, enfiando dois dedos em minha vulva, os gira cavando o creme e os leva para meu buraco, substituindo a língua. Enfia um devagar e eu relaxo, ajudando-o. Penetra-me com força, indo até o fundo e acrescenta o segundo dedo. Entra apertado, mas, aprendi a relaxar para facilitar o processo. Além disso, estou toda molhada, o que já facilita bastante. Me fode com os dedos até estar entrando facilmente, tesourando lá dentro, preparando-me para levar seu grande volume. Segura minha perna direita e a arrasta, deixando-a aberta, o joelho flexionado na direção dos meus quadris. Minha bunda levanta mais nessa posição, imagino que deve querer penetrar-me profundamente, o depravado. Monta em mim, a coxa direita abrindo também, sobre a minha. Esfrega a cabeça grande em meu anel massageando e empurrando ao mesmo tempo.

— *Ai, Dio...* — eu choro quando a cabeça passa e ele continua metendo devagar, mas firme. Arquejo com a sensação dolorida, crua, depravada. A coluna grande de carne dura arreganhando-me quase além do meu limite. — ai, ai, *cáspita...* Tão bom.

Mike ri perversamente e dá uma estocada funda, entrando todo. Eu grito, estremecendo com a rudeza e a ardência, mas gemo obscenamente em seguida.

— Porra, minha menina ama isso, hein? — zomba, pegando meu rabo de cavalo enrolando no punho. Dá um solavanco e eu molho miseravelmente, ofegando. Ele ri todo malvado sabendo como amo ser sua submissa. Segura meu quadril com a outra mão e me come com vontade, grunhindo, rosnando alto. A lascívia toma conta de mim, de nós, fodendo no chão como animais. — que cu mais gostoso... — resmunga, rasgando-me em estocadas duras e profundas. Eu grito, babando sobre o tatame, levantando o traseiro para receber mais, tudo dele e ele me dá. Bate sem dó, fazendo barulho no ambiente. Soluço, deixando-o me foder duramente, dominando-me, montando-me com força. Sua boca vem para o meu ouvido e sussurra: — amo meter na minha putinha obediente aonde eu quiser... Como eu quiser...

Seus movimentos aceleram, as estocadas brutas. Estou arquejando completamente dominada embaixo dele. Sua boca viaja pelas minhas costas e morde minha nuca, me fazendo convulsionar e fechar os olhos, o orgasmo começando a voltar. Meus seios e clitóris arrastam no acolchoado do tatame com cada metida que dá em mim contribuindo para aumentar o meu prazer. A mão do quadril vem por baixo e encontra minha vagina, manipulando meu feixe de nervos. Meu corpo todo arrepia, mudando para gozar e ele sabe disso porque rosna e me fode com mais selvageria. Mete com força, me fazendo delirar, soluçar, chorar ensandecida. Então, o orgasmo varre meu corpo usado, castigado e eu berro num gozo tão extasiante que me deixa sem fôlego. Seu braço sai debaixo de mim e me

puxa pelo ombro, alavancando seus golpes, me comendo mais e mais até que goza também, gemendo, gruindo rouco.

— Porra, Ella! — rosna, cravando os dentes em minha nuca, sêmen quente me enchendo. Minhas pálpebras caem fechadas e choramingo, ganindo baixinho, satisfeita por receber sua liberação. Me fode até descarregar tudo e para, alguns instantes depois, todo enterrado em mim. — Deus, eu te amo além da compreensão, boneca. — murmura arfante, beijando meus ombros suavemente. — te amo com loucura. Me desculpe por ter sido um idiota hoje, meu amor. — eu derreto sob seu peso, apenas gemendo em resposta. Ele ri e sai com cuidado de dentro e de cima de mim. Cai deitado ao meu lado, me puxando para seu peito. Nos agarramos, suados, respirando com dificuldade. Ficamos assim, abraçados por algum tempo até nossas respirações regularizarem. — você ainda quer se casar comigo?

Eu levanto o rosto para o seu e há uma centelha de humor nas íris negras.

— Mais do que qualquer coisa nesse mundo. — murmuro, meu tom cheio de amor. — *ti amo.* Isso não vai acabar nunca.

Seu rosto suaviza e ele levanta a mão, traçando meu rosto delicadamente.

— Sei que sou irracional e completamente louco quando se trata de você, mas é tudo porque a quero só para mim. — pega minha mão colocando-a sobre o seu coração. — você sempre virá em primeiro lugar aqui dentro.

Seu discurso emocionado me comove, então, me recordo das suas últimas palavras em nossa discussão.

— Você vai? — minha voz é trêmula e um pouco embargada. Sua expressão muda para culpado novamente.

— Não. — diz parecendo envergonhado. — Daniel andou me sondando sobre retomar minhas atividades no clube, que incluíam treinar Domes e subs, mas não quero voltar a fazer isso, não com as subs, quero dizer.

Isso me alegra, tira um peso enorme do meu coração.

— Mas, você disse...

— Eu estava apenas sendo um idiota, princesa. É isso. Não quero tocar outra mulher, Ella. Já devia saber disso, boneca. — torce um pouco o rosto. — estava me roendo de ciúmes daquele filho da puta do conde. Eu podia ter quebrado aquela cara arrogante dele.

Ele rosna, sua expressão feroz voltando. Eu rio e subo em cima dele na tentativa de cortar qualquer recaída nesse assunto.

— Eu amei as rosas. — digo, dando beijinhos em seu peitoral. Sinto-o relaxando novamente, seus braços se fecham ao meu redor. — são lindas. *Grazie, amore mio.*

Meu estômago ronca antes que me responda e caímos na risada.

— Meu prazer, bonequinha. Vamos tomar um banho e depois, vou alimentar a minha menina gulosa. — diz rolando por cima de mim com uma cara de safado. Contrariando suas palavras, ele apenas me beija pelos próximos minutos, devorando minha boca lenta e apaixonadamente. — te amo, te amo, te amo.

Ele murmura e meu coração incha, meus olhos marejando.

— *Ti amo, ti amo, ti amo.* — murmuro de volta entre beijos. — *amato mio.*

Nos beijamos pelo que parecem horas, até meu estômago protestar de novo. Ele ri contra a minha boca.

— Vamos. Devo parar de ser egoísta e alimentar a minha princesa agora.

Eu rio como uma boba quando se levanta, fazendo malabarismo comigo no colo.

— Você não é egoísta.

— Sim, eu sou, bonequinha. — ele roça a boca sensual na minha. — eu não quero parar de beijar você. Nunca.

Seguro seus ombros, enquanto deixamos a academia.

— Então, eu também sou egoísta. — sussurro, puxando seu lábio inferior entre os dentes. — extremamente egoísta, *mio principi*.

A sobrancelha linda e arrogante se levanta e ele ri todo satisfeito.

— Sim?

— *Si.* — ronrono quando atravessamos nosso quarto indo direto para o banheiro. — também quero você só para mim.

— Eu sou só seu, boneca. Sempre. — garante me colocando no chão.

— *Si?* — o provoco toda sedutora, amando quando sua risada profunda enche o ambiente.

— Sim. — ele sussurra, ligando o chuveiro, me puxando para debaixo do jato.

Sorrimos e nos agarramos de novo, mais uma vez deixando a comida para segundo plano...

Mike

A música sensual enche nossos ouvidos quando passamos pelos seguranças na entrada para o salão central do clube. Meu braço enrola com mais firmeza em volta da cintura de Ella à medida que avançamos pelo ambiente sofisticado. Depois que Daniel assumiu a diretoria, as coisas se tornaram mais tranquilas e menos vulgares por aqui. Em noites normais esse salão passaria por uma casa noturna como tantas outras em Londres. Os sócios namoram, se amassam, mas, não fodem abertamente. Entretanto,

nas noites de apresentações, como essa, a coisa muda de figura e tudo, e eu quero dizer tudo mesmo, pode acontecer. Isso aqui se transforma numa babilônia. Eu já apreciei muito noites como essa. Não hoje, embora. Posso sentir a tensão saindo do corpo de Ella quando paramos no bar, que fica numa espécie de ilha no meio do recinto. Dos lados tem dois palcos grandes e ostentosos, onde as demonstrações acontecem. Há corredores que levam aos elevadores e estes levam aos quartos privados e para as masmorras. O casarão antigo foi reformado recentemente e sua decoração mostra que apenas a nata da nata consegue se associar, o que deixa cada sócio tranquilo. Tudo que acontece aqui é ultrassecreto. Ninguém comenta sobre esse lugar em nossos círculos sociais.

Cumprimento alguns conhecidos com um aceno de cabeça e a ajudo se acomodar em um dos bancos altos. Ela está linda em um vestido verde clarinho de um ombro só, um cinto dourado marcando a cintura. Os cabelos estão presos numa trança que pende sobre o ombro direito desnudo. E, claro, está usando a coleira de diamantes com uma esmeralda no centro. Linda, submissa, mas, ao mesmo tempo altiva, como a princesa que é. Depois da nossa briga, eu não queria vir hoje, mas, minha boneca é teimosa e bateu o pé, querendo vir conferir em primeira-mão como o clube realmente funciona. Decidi que vou desacelerar as coisas, no entanto. Não estou mais tão ansioso para introduzi-la nesse espaço. Estou tenso, algo que não sei bem o que é, está me incomodando desde que passamos pela entrada. Além disso, se aquele conde de meia tigela aparecer não respondo por mim. O nariz dele está gritando para conversar com meu punho e ficarei mais do que feliz em atender ao chamado.

— Mestre Mike, bom tê-lo de volta. — o barman me cumprimenta com um largo sorriso.

— Boa noite, Tim. É bom estar de volta também. — devolvo a saudação simpática, estendendo minha mão por cima da bancada. Ele a segura num aperto firme. — essa é a minha noiva, a princesa Antonella.

Tim escancara a boca, não conseguindo esconder a admiração por ver uma princesa de perto, eu contenho um sorriso pela reação apatetada do jovem ruivo. Então, fecha a boca, percebendo sua reação juvenil e limpa a garganta.

— É uma honra conhecê-la, sua alteza. — faz uma reverência desajeitada.

Ella o brinda com um de seus sorrisos encantadores de princesa e o pobre Tim cora como um adolescente. Eu ficaria enciumado, mas, o rapaz não é uma ameaça em potencial. Não, ele está apenas deslumbrado como todos ficam quando veem a minha menina de perto. A olho e sorrio levemente, eu mesmo babando em cima dela. Sim, o entendo perfeitamente.

— *Grazie,* Tim. O prazer é meu. — diz amigavelmente.

Me coloco atrás de seu banco, de pé, em guarda, minando as chances de alguém sequer encostar nela. Pelo sorriso meio atrevido que me dá, percebeu minha estratégia. Me inclino, depositando um beijo suave em sua boca.

— Eu devia ter me apresentado como me orientou? — sussurra contra meus lábios.

A encaro.

— Não, boneca. — murmuro, traçando sua face com o indicador. — decidi ir mais devagar com o seu treinamento.

Ella franze as sobrancelhas em surpresa.

— Por quê? — inquire.

— Porque percebi que estava indo com muita pressa, Ella. — digo baixinho. — temos tempo. Teremos a vida inteira e eu estava como sempre sendo egoísta, querendo ter logo tudo de você. — ela abre a boca para contestar, mas, coloco meu dedo em seus lábios. — tudo será no seu

devido tempo, princesa. Não vou mais atropelar as coisas, prometo.

Seus olhos verdes me sondam por um momento.

— Você está feliz com essa decisão, Mike? — pergunta com seriedade. — não quero forçá-lo a ser quem não é, *amore mio.*

— Exatamente, boneca. — retruco entre beijos suaves em seus lábios. — também não quero forçá-la a ser quem não é.

Seu rosto amolece e em seguida um sorriso provocador brinca em sua boca.

— Eu sou sua submissa. Nunca me forçou, meu senhor. — ronrona e eu rosno, mordiscando seu lábio inferior, arrastando-o entre os dentes.

— Sim, você é. — ranjo. — agora comporte-se, princesa. Hoje vamos apenas assistir ao show.

Ela ri mais, o som rouco de sua risada indo direto em meu pau, engrossando-o.

— Você está feliz com essa decisão? — pergunta, com os olhos de esmeralda cintilando para mim.

Eu rio, roçando nossos narizes, beijando, mordendo sua boca, delicada e sensualmente.

— Não há homem mais feliz do que eu, boneca. — murmuro, enrolando um braço em sua cintura. — no mundo. — puxo um pouco para traz para olhá-la diretamente nos olhos. — na porra do universo inteiro.

Ella ri baixinho, levantando a mão e segura meu rosto, acariciando minha barba aparada. Nossos olhares estão bloqueados cheio de querer, pura necessidade um do outro, então, mergulha a boca na minha. Me provoca lambendo a minha língua e chupando-a em seguida. Eu gemo, assumindo o controle, segurando sua nuca e passo a sugar sua língua firmemente. Ela choraminga em minha boca e eu rio, desacelerando,

lambendo-a bem gostoso. O burburinho continua à nossa volta, mas, não ligamos, perdidos em nosso beijo cálido e apaixonado. Quando finalmente paramos de nos beijar, Tim está atendendo outros clientes. Sorrimos cúmplices e ele vem para a nossa frente novamente, sorrindo meio sem jeito.

— Prontos para pedir?

— Um cosmopolitan para mim, *per favore.* — Ella se adianta. Ele parece surpreso por eu, um Mestre respeitado por aqui, deixar minha companheira tomar a frente, mas sabiamente mantém uma cara neutra.

— Ella aprecia apenas uma pequena dose de Vodka e, por favor, acrescente suco de lima da Pérsia, Tim. — digo ao rapaz, deixando claro de maneira sutil que meu relacionamento com ela é diferente. Ele acena anotando as mudanças no drink famoso. — e para mim apenas uísque puro.

Tim acena mais uma vez e se vira para as prateleiras de vidro, localizadas no meio da ilha, começando a preparar nossas bebidas. Ella corre os olhos pelo recinto, onde sofás de couro negro e vermelho estão espalhados em pequenos nichos, projetados para o conforto dos sócios. Nada na decoração desse salão sugere atividade BDSM. É tudo de muito bom gosto e requinte como em qualquer outro estabelecimento de entretenimento noturno. Ella arfa, fazendo som de engasgo e eu sigo seu olhar. Porra, a merda acaba de esquentar. Uma loira bonita está completamente nua, curvada, chupando o pau de um dos Domes sentado no estofado a poucos metros de nós. O que realmente chocou minha princesa é o outro cara segurando a cintura da moça e comendo-a por trás. Pelo ângulo, ele está fodendo o rabo da sub. Eu rosno, detestando a cena. O Mestre é o que está sentado no sofá como um rei, enquanto divide sua sub com outro homem. Abomino esse tipo de prática. Nunca comi a sub de ninguém. Sempre peguei as que estavam livres, como eu. Acho um

tremendo desrespeito com a sub encoleirada. Infelizmente isso tem acontecido com muita frequência entre nós.

— Prontinho. — Tim coloca nossas bebidas sobre o balcão.

— Obrigado, cara. — agradeço não só pelos drinks, mas por desviar a atenção de Ella da cena. Entrego-lhe sua taça e ambos tomamos um gole. No pole dance à nossa direita, uma dançarina morena está dançando apenas com um fio entre as pernas e botas chamativas, os peitos enormes saltando a cada movimento que faz.

— Você está bem? — pergunta-me e percebo que estava franzindo o cenho.

— Sim. Você? — devolvo, olhando-a nos olhos.

Ela me sonda.

— Há algo lhe incomodando? Você não parece à vontade como pensei que ficaria em seu clube. — diz com um quê de petulância.

Eu meio que rosno.

— Não está sendo do jeito que imaginei. — confesso e sua testa enruga um pouco. — isso aqui é indigno de você, boneca. — seguro seu rosto lindo, carregando ainda alguns traços de inocência e não consigo evitar uma ponta de culpa por tê-la trazido a este lugar. — eu não devia tê-la trazido aqui. Não ainda. — suspiro alto. — vamos repensar essa questão do clube, princesa. Podemos continuar sócios e vir esporadicamente, mas não como membros atuantes.

Surpresa total toma seu rosto.

— Uau! Por que essa mudança tão repentina? — questiona e toma mais um gole da sua bebida. — pensei que estava ansioso para me trazer aqui.

— Eu estava, admito. — resmungo. — mas vivermos ativamente no clube, não está mais nas minhas prioridades.

Ela levanta aquela sobrancelha altiva e insolente de princesa.

— A verdadeira razão, Mike. — pede com ar desconfiado.

— A verdadeira razão? — me faço de desentendido.

Ela revira os olhos e eu sorrio, gostando de provocá-la.

— Morro de ciúmes de você. — rosno em seu ouvido, sugando o lóbulo em seguida. — fico louco sabendo que cada filho da puta nesse recinto morreria para ter uma chance, uma ínfima chance com a minha mulher.

— Sua mulher? — ela zomba, com um risinho petulante.

Dou um tapa em sua bunda e desvio a boca, descendo pelo seu pescoço onde sugo, fazendo-a estremecer e gemer.

— Minha mulher. — rosno, mordiscando sua pele. — mas, estou falando sério quanto a discutirmos melhor nosso envolvimento no clube.

— Enfim, os pombinhos! — a voz de Daniel me faz olhar de lado, vendo-o de pé, trazendo Elise em seu braço. A cena me intriga. Ele sempre disse que essa sub é meio perturbada. Estão juntos agora? Se desvencilha da morena e me dá um breve abraço, meio de lado. — Mike, que bom tê-lo de volta, amigo. — sorri genuinamente e encara Ella. — princesa Antonella, seja muito bem-vinda em nosso clube. Meu amigo aqui fará a introdução de forma suave, tenho absoluta certeza. — ele completa e me sinto desconfortável de novo.

De repente tudo em volta parece grotesco, decadente e indigno da minha princesa e eu não tenho ideia do que está causando isso. Vivi isso aqui desde os meus dezoito anos. O que mudou agora? Por que estou com uma vontade imensa de pegar minha menina pelo braço e darmos o fora daqui? Que sentimento estranho é esse?

— Boa noite, Daniel. — Ella lhe dá um sorriso que não chega a alcançar seus olhos. — *grazie.*

— Mestre Mike, é uma honra tê-lo de volta entre nós. — Elise diz abaixando a cabeça e o olhar. — seja bem-vinda, princesa. — completa e eu não sei para qual de nós está se curvando agora.

Ella e eu agradecemos quase juntos. Daniel pede uma bebida também e Elise faz o mesmo. Sinto pela postura ereta de Ella que a presença de uma antiga sub minha não a agrada. Droga. Por que Daniel está com essa sub em particular?

— Mudou de ideia sobre a demonstração, amigo? — ele pergunta recebendo seu uísque e tomando um gole, sentando-se no banco próximo.

— Não. — digo laconicamente.

Ele ri levemente, o olhar passando rapidamente por Ella.

— Seja sincero Mike, não está sentindo falta nenhum pouquinho de participar das coisas aqui no clube?

Estreito meu olhar nele, sentindo a tensão vibrar no corpo de Ella.

— Não, eu não sinto, Daniel. — rebato um pouco seco pelo seu comentário fora de hora. Não quero que Ella se sinta menosprezada pela sua inexperiência. — sendo realmente sincero, eu acho que não vou retomar as atividades imediatamente como tínhamos conversado.

Ele para o copo a caminho da boca. Seus olhos faíscam com algo que não identifico porque é uma emoção rápida.

— O quê?! Diga que está brincando com seu velho amigo, Mike. — ele sorri, achando que estou zoando.

— Não. Estou falando sério, amigo. — reitero. — descobri que tenho outras prioridades.

Sua testa enruga, compreensão caindo em seu semblante.

— Você está saindo? — pergunta em tom baixo e carregado.

— Dando um tempo. — divo evasivamente, puxando Ella mais para

junto de mim.

— Você acabou de dar um tempo. — a voz meio sentida de Elise me faz encará-la. Ela arregala os olhos por ter entrado em nossa conversa e abaixa a cabeça envergonhada. — sinto muito, Mestres. Eu não sei o que me deu.

— Conheça o seu lugar, sub. — Daniel rosna friamente.

Caralho. O olho. Ele está realmente chateado por eu não estar de fato retomando minhas atividades no clube? Parece que sim. Foda-se! Eu nunca fiz nada apenas para agradar alguém. Bem, apenas quando a pessoa em causa é a minha boneca.

— Saia das minhas vistas antes que um de nós resolva lhe dar um corretivo. — a intima e ouço Ella prender a respiração pela forma grosseira com que ele está tratando a moça, que por sinal, havia chegado em seu braço. Elise ofega, lágrimas inundando seus olhos e inclina a cabeça para nós dois, saindo rapidamente em direção aos banheiros.

— Bem, isso foi desnecessário se me permite dizer. — Ella meio que rosna para Daniel.

Ele parece surpreso pela defesa dela e também pela sua ousadia.

— Com todo o respeito princesa, esse é o nosso mundo e há coisas com as quais obviamente ainda não está familiarizada.

Ela bufa.

— Há coisas com as quais eu nunca vou me familiarizar, como ser tratada feito merda na frente de uma plateia, por exemplo.

Porra. Eu seguro um sorriso pela sua petulância. Daniel está estupefato no começo, então, joga a cabeça para trás, sorrindo com vontade.

— Eu vou ver se Elise está bem, *amore mio.* — Ella diz, atirando adagas para Daniel.

— Vá, amor. — beijo sua têmpora para acalmar seu temperamento. — não demore, no entanto. — digo mais baixo apenas para seus ouvidos: — não vamos nos demorar muito por aqui.

Ella acena e desce do banco, indo na mesma direção de Elise. Daniel está olhando-a se distanciar quando volto a encará-lo.

— Eu posso ver porque a princesa o prendeu pelas bolas, amigo. — ele diz com bom humor. — todo homem gosta de um bom desafio.

Sua afirmação me incomoda.

— Ella não é um desafio para mim, Daniel. — rebato terminando meu uísque. — é a mulher que amo, com a qual vou passar o resto da minha vida.

Ele torce o nariz.

— Onde foi parar seu senso de humor, cara? — reclama.

Eu resmungo:

— Nunca tive um e você sabe muito bem disso, seu bastardo.

Seu rosto fica sério e se inclina contra a bancada do bar.

— Brincadeiras à parte, sabe que pode contar comigo se quiser continuar dando esse tempo a que se referiu.

— Eu sei. Obrigado, amigo. — digo, sentindo-me mais leve. — Ella ainda não está pronta para esse tipo de ambiente e percebi que tenho apressado demais as coisas.

Ele bufa.

— Bem, você está se casando em um mês, não? — zomba. — isso já fala por si só.

— Talvez eu devesse arrumar um padrinho que pelo menos acredite na instituição casamento. — retruco.

Daniel gargalha e levanta a mão livre.

— Está bem. Esse padrinho aqui não vai mais falar mal dessa abençoada instituição chamada casamento. — diz com um toque de ironia.

— Você não conseguiria deixar de ser um idiota, isso está em seu DNA. — alfineto-o.

Ele rosna, mas antes de me dar a réplica, uma pessoa se aproxima de nós, vejo pela visão periférica. Me virando para conferir o recém-chegado, eu quase rosno ao dar de cara com o conde filho da puta e ninguém menos que Vivian em seu braço.

— Boa noite, amigos. — o pomposo inclina a cabeça em saudação. Eu resisto à vontade de dizer que não sou seu amigo, mas mantenho-me calado. — príncipe Mike, que prazer revê-lo. E onde está sua adorável noiva? — pergunta correndo os olhos pelas redondezas.

Eu crispo meus punhos, me virando completamente para encará-lo de frente.

— Bem, a recíproca não é verdadeira. — digo friamente.

O abusado levanta as sobrancelhas e depois sorri de forma jocosa.

— Certo, melhor assim, tudo às claras. Talvez esse seja o momento apropriado para dizer que eu quero a sua princesa.

Ele diz e meu sangue esquenta, fervendo em ebulição.

— Que porra acabou de dizer? — eu avanço, ficando nariz a nariz com o fodido.

— Thomas, mantenha alguma compostura, porra. — Daniel diz com desagrado. — sabe que não pode ir atrás de uma sub encoleirada.

— Algo me diz que a princesa estará livre em breve. — o imbecil tem a audácia de dizer, olhando-me sem hesitar. — e eu vou mostrar a ela como é ser tomada por um verdadeiro Mestre. Um homem sabe quando é

correspondido e a princesa definitivamente me acha atraente. É só olhar para aquele rostinho lindo e está tudo lá. — seu tom baixa com evidente desprezo: — você sempre será o lixo das ruas. Nem mesmo pode ser considerado um bastardo como seu velho. Ele também é lixo, mas um lixo com sangue azul pe...

Não o deixo completar a ofensa. Rosnando de forma animalesca, movo a cabeça para a frente, dando uma cabeçada na cara do infeliz. O homem guincha de dor, se desequilibrando e indo abaixo com um baque feio, desajeitado. As exclamações de horror das pessoas nas proximidades são altas, acima da música.

— Mike! Não, amigo! Não entre na dele, cara. — ouço a voz transtornada de Daniel, enquanto tenta puxar meu braço. — você quer ser banido, porra? — rosna para Thomas, mas estou fora de mim agora. Esse fodido ultrapassou todos os limites, primeiro assumindo na minha cara que quer a minha mulher, e depois ousando falar mal do meu pai. Eu vou moer seus ossos de pancada! Agora! Pulo sobre o conde com uma ira absurda, distribuindo socos duros em sua cara aristocrática do caralho. Daniel tenta me puxar em vão. Sou muito maior e mais forte do que ele.

— Mike, oh *Dio mio!* Pare com isso, *per favore!*

O grito horrorizado de Ella penetra minha névoa de ira e em seguida braços grandes e muito duros estão me arrancando de cima do bastardo. Agente Falconi. Eu rosno, sendo dominando e arrastado para longe do conde. Sua cara está toda ensanguentada. Ele não me acertou um soco sequer, o idiota falastrão.

— Droga, alteza, acalme-se! — Falconi range, me segurando apertado pelo meio.

— Você está acabado, filho da puta! — eu cuspo em direção ao imbecil, sendo recolhido do chão por Daniel.

— Acalme-se, *amore mio.* — Ella se coloca em minha frente, apoiando

as mãos em meu peito, os olhos verdes suplicantes. — vamos embora daqui, está bem? — pede, deslizando as mãos para o meu pescoço e rosto, segurando dos dois lados.

— Ele desrespeitou você, desrespeitou meu pai, porra! — ranjo os dentes, ainda louco de raiva do engomado.

— Devemos sair agora, meu senhor. — Falconi diz baixo e sério.

Aceno a contragosto e olho para o cagão do conde novamente. Ele está sorrindo. Sua cara está toda ensanguentada e o idiota está rindo? Que merda é essa?

— Você deve pensar sobre o que lhe falei, *príncipe*. — cospe sangue no chão e se livra do agarre de Daniel, os olhos gelados em cima de mim. — verá que estou certo. Mais breve do que imagina.

— Pare com essa merda, Thomas! — Daniel range, mas o imbecil apenas bufa, ajeitando seu terno.

— Não cruze o meu caminho novamente, conde. — rosno, puxando Ella para o meu lado.

— Isso é uma ameaça? — pergunta entre dentes e abre os braços, olhando no aglomerado de pessoas à nossa volta. — estão vendo isso, parceiros? O *príncipe* Mike está me ameaçando abertamente. É lamentável que o nível dos sócios tenha caído nesse clube, senhores.

Porra! Os murmúrios aumentam, enquanto todos olham para mim com recriminações em seus rostos. Foda-se essa merda! Essa noite não começou bem.

— Thomas, você está passando dos limites. O que diabos deu em você, meu amigo? — Daniel intervém, vindo para o meu lado. — sinto muito, mas, terá que se retirar.

— O quê?! — o imbecil arregala os olhos em choque. — cara, ele partiu para cima de mim como um louco e você está me expulsando?

Sinto um pouco da minha ira sendo aplacada pela postura de Daniel.

— Expulsando ainda não. — Daniel se mantém firme. — entretanto, sua entrada não será permitida neste clube se não fizer uma retratação para Mike. Não pense que não percebi que tem sido extremamente deselegante desde que foram apresentados.

Thomas bufa, empinando o nariz, que está do tamanho de uma batata. Retira um lenço do bolso e coloca sobre o sangue escorrendo para a boca.

— Tudo bem, estou saindo. Não preciso de você ou desse clube de merda. — desdenha para Daniel e sai, as pessoas abrindo caminho para o homem esnobe.

— Porra, eu sinto muito por ter trazido esse imaturo para o nosso meio, amigo. — Daniel me olha, com os ombros caídos. — mas, não vamos deixar esse incidente atrapalhar nossa noite. As demonstrações vão começar em breve.

Eu seguro a cintura de Ella, mantendo-a junto de mim.

— A culpa não foi sua. — forço meu tom mais natural. — mas, a noite acabou para mim. Voltaremos a falar sobre a minha atuação no clube futuramente, amigo.

E então, eu saio, sentindo meu coração mais leve por tirar Ella de lá.



CAPÍTULO QUINZE

Ele...

Eu entro na cela de Carl. Bufo ironicamente, o quarto luxuoso nunca se encaixaria na definição de cela. O homem tem tudo o que quer aqui dentro. Tudo, exceto sua liberdade e isso o tornou um tanto amargurado. Bem, hoje é o seu dia de sorte. Na semana passada ele assinou os documentos, finalmente me nomeando seu representante legal e hoje estou aqui para dar um fim ao seu sofrimento. Vamos ser sinceros, estou fazendo um favor ao velho lunático. Ninguém merece ficar trancafiado tanto tempo. Ele precisa de um descanso e estou mais do que feliz em lhe dar isso. Carl Turner já perdeu a utilidade para mim e meus planos. Nossa parceria acaba aqui. Ele está confundindo as bolas, achando que essa é a sua vingança contra o King mais velho. Não, essa é a minha vingança, porra! É hora de tomar as rédeas e ir para cima daquele filho da puta do Mike de uma vez por todas.

Carl me recebe com um sorriso quase genuíno. Eu arrisco dizer que o velho desenvolveu algum sentimento paternal por mim durante o tempo que convivemos. Patético. Uma música melancólica como o inferno está tocando no interior do amplo cômodo, dividido em sala de estar, jantar e um quarto.

— Venha, estou ansioso para ouvir sobre o curso dos planos, garoto. — ele diz, seguindo à minha frente, mancando horrivelmente. — Chegou a

hora de sermos um pouco mais agressivos.

Oh, sim. Ele jamais saberá o quanto concordo com essas palavras. Rio internamente, enquanto o sigo para a mesa bem-posta com o nosso jantar. Ele está completamente alheio de que essa será sua última refeição. Eu tenho feito essas merdas gentis para o velho idiota ao longo do tempo. Envio-lhe comida do seu restaurante favorito pelo menos uma vez por semana. Seu uísque favorito, álbuns do seu cantor preferido. Até mesmo enviar muitas de minhas garotas para o velho tarado, enviei. A maioria voltava para casa toda fodida e tive que me livrar delas. Carl é um dominador extremamente sádico. Ele adora causar dor em suas subs. Aprendi isso com ele, a arte da dominação, subjugar uma cadela e usá-la duramente sem me importar se vai sobreviver ou não. Resumindo: toda a merda bajuladora eu fiz. Consegui muito mais regalias para ele pagando os guardas por fora. Ele entendeu isso como uma demonstração de sentimentos da minha parte, exatamente como eu queria. Agora tenho tudo que lhe pertencia.

Para um cara inteligente, o velho baixou completamente a guarda comigo. Grande erro. Todos que baixam a guarda comigo acabam mal. Muito mal. Acomodamo-nos e nos servimos, conversando sobre amenidades como o campeonato de futebol inglês, por exemplo. O velho está muito relaxado, quase alegre esta noite. Eu sentiria algum remorso se soubesse o que significa essa palavra, claro. Depois que saboreamos a sobremesa, eu me prontifico a nos servir duas doses de uísque e ele vai inocentemente para o sofá, ficando de costas para mim, o que vem a calhar.

Termino e ando até ele, entregando seu copo e me sento na poltrona à sua frente. Ele toma um grande gole e eu faço o mesmo, observando-o atentamente.

— Prometa-me que vai aniquilar os dois para mim. — seus olhos

cinzentos cravam nos meus. — Eu preciso que prometa que vai destruir Jay. — sua voz está tensa, com raiva. — Não me importo com o resto, apenas destrua o bastardo.

Bem, eu me importo com a porra do resto. Muito. Mas é claro que apenas dou o que o velho quer ouvir nesse momento.

— Prometo. — digo firmemente. — Ele será destruído junto com o bandidinho de rua que acolheu.

Ele ri sinistramente, tomando mais um gole.

— Você é o filho que nunca tive. — diz em um momento piegas pra caralho e eu tenho que me segurar para não cair na gargalhada e arruinar tudo.

— Você me ensinou muito. — digo no mesmo tom piegas que usou e isso ilumina seu rosto.

Caímos em um silêncio. Confortável para ele, mas de expectativa para mim. A cada gole que dá, minha satisfação aumenta.

— Então, está tudo certo para pegarmos a princesa? — inquire e faz um som de engasgo, tossindo em seguida.

Finalmente! Pensei que a merda desse veneno não ia agir mais, porra!

— Sim, tudo certo. Fizemos bom uso de uma pulseira personalizada que a princesa não percebeu sendo tirada de seu braço na confusão que seu noivo esquentado protagonizou no clube, há duas semanas.

Digo com normalidade, enquanto vejo sua cara ficar vermelha e ele engasgar ainda mais, o ar começando a lhe faltar. É uma cena que aprecio. Minha irmã se ofereceu para vir comigo e sangrar o infeliz. Não pude aceitar. Não, seria muito escancarado. Dessa forma é muito mais suave e o laudo dirá apenas: morte natural. O pobre coitado morreu pacificamente durante o sono.

— Estou ficando sem ar. — resmunga, o copo caindo da sua mão e derramando o resto da bebida no carpete branco. — O q-que está acont-tecendo? — leva as duas mãos para a garganta. Seus lábios estão roxos quase pretos, espumando nos cantos.

Sim. Uma imagem linda. Eu continuo calmo, tomando a minha bebida e olhando-o estrebuchar.

— Você também é como o *pai* que nunca tive. — digo em tom jocoso.

Carl faz um som feio, seus olhos arregalando presos aos meus e a compreensão desce pouco a pouco em seu semblante. Ele olha o copo com a bebida derramada e suas narinas inflam, ódio puro tomando sua expressão. Eu rio.

— V-você me trrrraiu, filho da putcha. — sua língua está enrolando já.

Ah, nada como o poder de um bom veneno.

— Não leve a mal, mas nossa parceria tinha prazo de validade, Carl. — eu me levanto, ingerindo o restante do meu copo e pego meu sobretudo sobre um dos sofás. — Você estava tão cego de ódio pelo engenheiro King e ao mesmo tempo tão pateticamente carente quando me conheceu, que não percebeu que tudo que eu quis o tempo todo era o seu dinheiro. — adianto-me e o olho de cima, ele está deitando no sofá, os olhos esbugalhando, apenas arquejando. A dose que usei foi cavalar. Surpreende-me que tenha demorado tanto a agir. — Essa vingança é minha, velho. — rosno em sua cara. — Você teve a sua chance e falhou com o King pai. Eu não vou falhar com o King filho.

Ele arqueja, fazendo sons horríveis. Sangue está saindo pelas cavidades nasais, boca e até pelos olhos. Que coisa mais linda. Olho-o, vendo a vida escoar lentamente do seu corpo velho. Seus olhos ficam com uma aparência sinistra, abertos, vasos dilatados encobrindo a cor antes cinza. Visto meu casaco e ando para a saída.

— Adeus, *papai.* — desdenho.

Um dos guardas que paguei acena para mim, enquanto eu deixo o lugar deprimente, pelo que espero que seja a última vez. Não cometerei erros como esse infeliz que morreu lá dentro. Não, eu sou muito mais inteligente, tenho tudo orquestrado. Quando entro na limusine, subo a divisória e ligo para a minha garota. Ela ainda está em teste, mas tem provado seu valor tanto na cama quanto fora dela. É uma sub deliciosa, adora foder duro, aguenta tudo que lhe dou sem reclamar. Não sou do tipo maricas que perde a cabeça por causa de boceta, no entanto, aprecio essa cadela em particular.

— Meu senhor. — ela responde na voz submissa que endurece meu pau.

— Oi, doçura. — eu digo suavemente. Quero-a disposta a me ajudar com a nova remessa de garotas. O que posso dizer, sou um empresário muito... Eclético. O tráfico de meninas bonitas é a minha maior fonte de renda. Mais uma herança do velho Turner. Que Deus o tenha. Faço o sinal da cruz ironicamente. Minha irmã acha que ainda é cedo para introduzir a minha garota em nossas atividades ilegais, que devo observar e investigar melhor. Já fiz isso. Ela está limpa e eu adoro comer sua boceta, cu e boca. Fim da história. — Vá para a minha casa. Precisamos repassar todos os passos e ficar a postos para agarrar a princesinha. Mike receberá o pacote especial ainda esta tarde...

Ela fica em silêncio um instante. Eu interpreto isso como uma de suas demonstrações tolas de ciúme. Minha irmã não perdeu tempo avisando que pretendo foder a bonequinha do Mike até me fartar e minha garota não gostou nada disso.

— Estou a caminho, meu Mestre. — diz docemente e meu sorriso escancara.

A vida está começando a ficar boa. Mal posso esperar para ver meu

velho amigo desesperado por perder sua preciosa menina. Rio, antecipando, já sentindo o gostinho da vitória. E eu vou estar bem ao seu lado, dando-lhe todo o meu apoio, meu ombro para chorar, afinal, é isso que se espera de um bom e leal amigo.

****

Mike

Ella ajusta o nó da minha gravata e eu a olho com um sorriso bobo brincando em meu rosto. Adoro quando acorda mais cedo e me ajuda a me vestir para ir para o trabalho. Não é sempre, porque a minha boneca não é uma pessoa da manhã. Hoje decidi dar algumas braçadas na piscina aquecida em vez de treinar na academia. Surpreendeu-me quando apareceu nua e se juntou a mim. Não demorou muito estava com ela presa contra os azulejos, suas pernas enroladas em meu quadril e minhas bolas profundamente enterradas em sua bocetinha. Fodemos lento e gostoso, aproveitando a água morna. Gozamos juntos e ficamos agarrados, namorando como se eu não tivesse compromissos agendados nesta manhã. Saímos depois e fomos nus tomar uma chuveirada no quarto. Tomamos café em seguida e ela me seguiu de volta, com a promessa de me ajudar a me vestir.

— O que é esse sorriso, *amore mio?* — ela indaga baixinho, alisando meu terno quando termina com a gravata. Uma cena tão caseira, mas que amolece meu coração. Quero isso para o resto de nossas vidas.

— Amo ter a minha mulher cuidando de mim. — murmuro, puxando-a pela cinturinha.

Aquele sorriso provocador brinca em sua boca carnuda e ela me abraça pelo pescoço.

— Não mais do que eu amo cuidar do meu homem. — ronrona, colando o corpo gostoso ao meu. Rosno e seu sorriso amplia, enquanto aproxima a boca da minha.

Desço uma mão da cintura e agarro sua bunda em cheio.

— Sim? — provoco-a. — Você realmente cuidou bem do seu homem na piscina, bonequinha... — sorrio dando um tapa em sua nádega firme. Choraminga.

— Tudo para agradar o meu dono. — diz com a carinha de putinha safada que me deixa cheio de tesão. — Vou passar o dia acompanhando meu professor orientador no último dia do evento em Oxford, mas prometo que irei vê-lo no final da tarde. — ela esteve envolvida com o tal professor desde que o homem chegou no começo da semana. Sagaz e inteligente como é, minha boneca já está cavando seu caminho para um Mestrado. — Que tal isso, *mio amato Maestro?* Posso servir o meu senhor em seu escritório?

Porra. Eu rosno, meu pau já duro e pronto para afundar em seu corpo apertado de novo. Santa Mãe, minha fome, necessidade por ela, não diminui. Não importa quantas vezes já a tive nos últimos dois meses. Eu sempre estou louco por ela.

— Sempre tão ansiosa para ser usada pelo seu dono. — digo indulgente. — Minha menina quer foder no escritório, é isso?

Ela geme, estremecendo. Eu rio malvado e seguro sua nuca, mergulhando em sua boca, beijando-a duro, possessivo. Quando separo nossos lábios, estamos ofegantes. Rimos, pois gostamos desse nosso jogo desavergonhado.

— Vou esperar por você, boneca. — digo, dando pequenos beijos em sua boca.

Um sorriso lindo ilumina o rosto dela.

— *Ti amo.* — murmura com esses olhos lindos me adorando. — Tenha um bom dia de trabalho, meu moreno sexy.

Meu coração derrete no peito.

— Te amo também. — sussurro de volta. — Tenha um bom dia também, minha princesa.

— Me dê mais um beijo. — pede dengosa.

— Quantos a minha menina quiser. — meu tom é definitivamente amolecido antes de mergulhar em sua boca de novo. Quando separo nossas bocas, resmungo: — Agora eu tenho mesmo que sair se quiser chegar a tempo para a primeira reunião, amor.

Ela não faz menção de me soltar, continua pendurada em mim e eu nunca vou reclamar disso. Apenas traço seu rosto suavemente com o dedo, olhando-a com todo amor que transborda em meu coração.

— Você é o chefe, pode se dar ao luxo de se atrasar ao menos uma vez. — sussurra contra a minha boca, sugando meu lábio sedutoramente.

— Sim, eu sou o chefe, boneca, e é exatamente por isso que tenho que dar o exemplo. — resmungo, fazendo-a sorrir com a sua insolência de princesa.

— Quando nos casarmos vai ter que fazer horários mais flexíveis. — ela morde o meu queixo. — Amo acordar ao lado do meu amor. Tomar café juntos. — abre um sorriso maroto. — Namorar gostoso sem nos preocuparmos com o tempo.

— Isso é um decreto Real, princesa? — sorrio baixinho, provocando-a. Sua risadinha vibra contra a minha pele e um gemido luxurioso é sua resposta. — Porra, considere os arranjos feitos, bonequinha. Qualquer coisa para agradar a Sr.ª King Di Castellani. — esfrego o polegar em seus lábios vermelhos. Ela o beija, os olhos cintilando nos meus.

— Adoro o som disso. — geme roucamente. — Estou contando os dias, cada minuto para ser oficialmente a sua mulher, *mio príncipi.*

— Eu também, meu amor. — sussurro e não conseguindo resistir, eu a beijo de novo. Nos devoramos sem pressa. Rimos, sabendo que estamos

protelando o inevitável. Preciso ir trabalhar. — Tenho mesmo que ir agora, boneca. Mas amanhã vou encerrar o expediente mais cedo para levá-la a um lugar.

Seus olhos brilham como pedras preciosas.

— Para onde? — pergunta, seu tom de voz eufórico. Antes que responda, seu celular começa a tocar sobre a cama. É Anna, vejo na tela.

— Vou levá-la para ver algo que pretendo comprar para nós. — mais um selinho rápido e ela me solta, indo pegar seu aparelho. — Estou saindo.

— Cuide-se, *amore mio.* — diz suavemente e atende o telefone.

— Você também, bonequinha. — digo, virando-me para sair. Quando chego à porta, eu me viro, algo estalando em meu peito, um tipo estranho de urgência e eu a olho furtivamente. Sua risada divertida soa no quarto. Anna deve estar sendo irreverente como sempre. Não sei explicar o que me toma de repente, mas eu só sinto uma vontade imensa de não sair de perto dela, não a deixar sozinha. Ela levanta a cabeça e me pega no flagra admirando-a com meu olhar apaixonado. O sorriso lindo e luminoso que se abre em seu rosto vale qualquer atraso. *Ti amo.* Diz movendo apenas a boca, sem emitir som. Sentindo-me o bastardo mais sortudo do mundo, eu pisco para ela antes de sair do quarto.

Alguns minutos depois, no meio do trânsito a caminho da empresa, abaixo a divisória da limusine. O agente Falconi está dirigindo hoje. Harry e Lorenzo estão cuidando de Ella. Desde que chegou, o agente tem se encaixado perfeitamente no esquema da nossa segurança. Ele meio que resistiu ao convite no começo, desconfiado da razão pela qual o chamei para a minha segurança pessoal. Lancei mão do argumento mais eficaz, dizendo que sua princesa precisaria dos seus serviços. Nenhum agente do Serviço Secreto de Ardócia recusaria atuar na guarda direta de um príncipe, e no nosso caso, dois. Isso garantiu que Falconi não tivesse escapatória.

— Thomas York está aparentemente limpo, Alteza. — ele diz, sem tirar a atenção do trânsito. Pedi que investigasse o tal do conde depois da surra que dei no desavisado no clube. Tentei fazê-lo me tratar de maneira informal, mas ele recusou veementemente, alegando que seu superior não permitiria tal desrespeito com a família Real.

Passei os primeiros dias, após a surra que dei no infeliz no clube, ruminando a ousadia do filho da puta. Ele disse a verdade? Será que a minha boneca o acha mesmo atraente? Me dá asco pensar, apenas cogitar uma merda dessas. Não. Ele mentiu. Só queria me irritar, fazer com que eu perdesse a cabeça e conseguiu seu objetivo. Não há outro homem para Ella, da mesma forma que não há outra mulher para mim. Estou sendo tolo deixando o ciúme insano que sinto da princesa plantar ideias descabidas em minha mente.

— Aparentemente? — questiono olhando-o de lado. Ele me olha de relance e volta a atenção para a direção.

— Não gosto de como as respostas aparecem quase *magicamente* quando procuramos por ela. — bufa. Eu contenho um sorriso. Falconi é um filho da puta mal-humorado. — É como se fosse tudo fabricado, entende?

Eu junto as sobrancelhas, atento.

— Não gosto do bastardo. — rosno. — Não importa se está limpo ou não. Eu queria ter quebrado algo mais que seu fodido nariz.

Falconi ri. Na verdade, isso sai mais como um grunhido.

— E Daniel Slatam? — pergunta. Seu tom aparentemente casual.

— O que tem Daniel? — rebato, olhando-o, mas está concentrado nos muitos veículos à nossa frente.

Dá de ombros.

— Deve saber que estou checando seu amigo também. — diz

tranquilamente.

— Como assim, está checando-o também? — retruco. — Eu não me lembro de ter lhe pedido isso, agente.

Meu tom não é muito amigável e ele me olha finalmente. Não parece intimidado, no entanto.

— Por que me chamou para Londres, príncipe Mike? — pergunta, erguendo uma sobrancelha meio arrogante.

Eu não gosto desse filho da puta. Está bem. Eu meio que gosto dessa sua atitude *foda-se tudo, eu sou bom no que faço.* Dou de ombros, relaxando um pouco.

— Instinto, acho. — respondo.

— Exatamente. — ele diz. — E é em nome do instinto que estou investigando o Slatam. Seria útil se o senhor pudesse me oferecer informações, tipo quando, onde e em quais circunstâncias se conheceram.

Eu bufo.

— Não vai encontrar nada com Daniel. Ele é um cara bom. — defendo o meu amigo.

Falconi fica um instante em silêncio.

— Ótimo. Mesmo assim vou continuar checando. — diz quase com desafio. — Em meu ramo de trabalho, nunca descartamos nenhuma fonte.

É a minha vez de ficar em silêncio. Uma suspeita começando a me invadir. Por que o agente está tão obcecado em checar as pessoas à minha volta? Só requisitei que investigasse o tal Thomas. Quero encontrar algum podre e usar para afastá-lo do meu círculo social.

— Você não acredita que Paolo de Montessola é o culpado. — meu tom não é de pergunta. Só agora percebo isso. Ele ainda não largou esse osso, embora o Serviço Secreto já tenha dado o caso por encerrado.

— Não.

Ele diz simplesmente e ficamos em silêncio por um tempo.

— São apenas medidas cautelares, Alteza. — Falconi explica quando entramos no estacionamento subterrâneo da King’s. — Deixe que eu me encarrego disso. Não se preocupe. — complementa.

Ele me escolta na subida pelo elevador privativo, que dá direto nos escritórios da presidência e vice-presidência. Passo a manhã entrando e saindo de reuniões e videoconferências. Almoço com meus pais em um restaurante perto da empresa e volto para o batente, enquanto os dois saem para tomar um café com um velho cliente da Escócia, que está sondando-os para assinarem a reforma de sua residência de veraneio na região das Terras Altas. Na parte da tarde, faço uma visita ao canteiro de Lucas e Samuel como lhes havia prometido. Eles estão concluindo a obra até o final dessa semana e eufóricos por acrescentar mais um trabalho grande aos currículos. Ver sua empolgação quase juvenil me fez recordar meus primeiros projetos como recém-formado. Retorno para a King’s perto das quatro da tarde, já louco para ver a minha boneca. O dia foi tão corrido que nos falamos apenas por mensagens, e foram poucas palavras. Estou adiantando tudo o que posso para poder tirar um mês de folga para a nossa lua de mel.

Assino o contrato do engenheiro que entrou na vaga de Vivian e em seguida me refresco no banheiro adjacente à minha sala. Troco a camisa e penteio o cabelo, assobiando como um adolescente saindo para encontrar a menina de seus sonhos. Quando termino de borrifar o perfume preferido de Ella, Lucy avisa pelo interfone que os correios deixaram um pacote endereçado a mim. Estranho. Penso intrigado. Minhas correspondências pessoais vão direto para a cobertura. Aqui na empresa é só sobre negócios. Ela entra segundos depois, carregando um grande envelope pardo e o deixa sobre a minha mesa.

— Obrigado, senhorita Carson. — ando até a mesa para verificar do que se trata. — Ella já deve estar chegando para me ver...

— Eu a deixarei entrar imediatamente e não passarei nenhuma ligação. — Lucy diz como uma sentença velha recitada de cor. Eu rio, acenando. Essas têm sido minhas ordens para ela desde que a princesa cresceu e começou a aparecer para me visitar sozinha. Ella sempre adorou me fazer essas pequenas surpresas quando estava na cidade.

— Isso mesmo. Obrigado. — agradeço-a e me sento, pegando o envelope. Ela pede licença, deixando-me sozinho.

Inspeciono o envelope e minhas sobrancelhas juntam, ainda mais intrigado quando não vejo remetente, apenas o meu endereço. Do que se trata? Eu me pergunto, sacudindo o pacote. É espesso. Pego o abridor e rasgo o topo do envelope sem muita delicadeza, enfiando a mão dentro, retiro o calhamaço de papéis. Um pen drive cai no tampo da mesa, fazendo barulho. Cada vez mais intrigado, eu pego os papéis e os espalho e então, meu coração para quando vejo que há fotos no meio. Fotos de Ella. Eu ofego, gelo se infiltrando em minhas veias porque não está sozinha. São fotos dela com o infeliz do conde de York, porra! Vejo as datas no canto inferior e são do começo dessa semana. Que. Porra. É. Essa? Fúria começa a me tomar. Eles estão em um bistrô, conversando animadamente, tomando café ou qualquer merda que seja. Eu me lembro desse dia. Desse vestido, da pulseira personalizada que lhe dei no aniversário de vinte anos. Só existe essa no mundo inteiro. Foi feita exclusivamente para ela. Continuo passando as fotos, meu coração doendo, ciúme louco me deixando enfurecido. Porra! Ela disse que iria se encontrar com seu professor orientador que havia chegado de Boston para um evento de Arte na Universidade Oxford.

A próxima foto é como uma lâmina afiada perfurando meu coração em um golpe duro e profundo. Oh, meu Deus. Minha respiração falha diante

do que vejo jogado bem na minha cara. Eles estão se beijando em um beco sujo, a saia do vestido enrolada em sua cintura e ele enfiado no meio de suas coxas, a bunda asquerosa do maldito está metade de fora. Eu respiro agudamente, meus olhos ardendo, tudo em mim doendo com a realidade dessa foto. Ella me traiu. Meu cérebro está tentando processar, encontrar algo, qualquer ínfima pista de que não seja a minha menina nessas fotos, mas não há como negar isso. É ela. Minhas mãos tremem quando pego foto sobre foto, mostrando outro homem, um homem que a avisei para não chegar perto, fodendo-a contra uma parede suja, manchando-a, matando-me. Com os dentes trincando, eu coloco o pen drive em meu notebook e o abro. Há dois arquivos. Um filme intitulado: eu e minha cadela, e outro que abro imediatamente. São mensagens trocadas entre eles. Eu soco a mesa, meus dedos doendo horrivelmente e meu coração afundando. Ella diz que foi um erro, que era apenas curiosidade de sua parte e que não tinha planos de me deixar. Ele insiste para terem pelo menos uma despedida e depois de relutar, ela aceita. Todo o meu corpo está tremendo em choque, decepção, ira, quando clico para ver o conteúdo do filme, mesmo já tendo ideia do que irei ver.

Bile vem à minha garganta quando o cenário de um quarto de jogos aparece. E a faca é torcida em meu peito quando eu a vejo dominada, vendada, com os pulsos amarrados na cabeceira da cama, enquanto ele a penetra por trás. Ouvir os gemidos, rosnados e palavras degeneradas que o maldito está dizendo em seu ouvido me faz soluçar, a primeira lágrima rolando em minha face.

— Boneca... Por que, bonequinha? — gemo em agonia e me levanto, não conseguindo mais ver nada disso. Eu não posso mais. Eu me levanto e com um rosnado semelhante a uma fera ferida, arrasto tudo que há em cima da mesa, mandando direto para o chão. Papéis, notebook, celular, porta-retratos, tudo estilhaça no chão. Com dedos trêmulos, aperto o interfone.

— Ligue para a princesa e diga que tive uma emergência e saí. — rosno para Lucy. Ela faz um som surpreso e limpa a garganta um pouco.

— Algum problema, senhor? — pergunta de maneira hesitante.

— Não. Apenas dê o meu recado, está bem? — respondo secamente.

— Claro, senhor. Me desculp...

Eu desligo, cortando-a. Ando até o bar no canto da sala e me sirvo de uma dose dupla de uísque. Tomo um grande gole, o líquido queimando ao descer. A segunda lágrima rola pela minha face, outra e mais outra. Não acho que já senti uma dor tão excruciante, debilitante quanto essa dilacerando meu peito, despedaçando meus sonhos.

Acabou. Tudo que pensei sobre o futuro não existe mais. Não há mais futuro. Terei de deixá-la. E vou morrer porque não posso viver sem ela.

Antonella

Eu entro de volta na cobertura, um pressentimento ruim fez seu caminho para dentro de mim no momento em que Lucy me ligou há uma hora me avisando que não passasse mais pela empresa, pois Mike teve um imprevisto e precisou sair. Por que ele mesmo não me ligou. Nos falamos tão pouco hoje e já estou tão saudosa. Tentei ligar, mas foi direto para a caixa postal. O tal compromisso deve ser em uma área fora da cidade, suponho. Para compensar os planos frustrados da tarde, eu faço reservas no nosso restaurante favorito e me arrumo para esperá-lo.

Ele demora. Uma, duas horas se passam, contribuindo para aquele pressentimento ruim aumentar. Eu perambulo pela sala, terraço e volto para dentro, todo o tempo tentando seu celular, mas parece que está desligado. Eu me sento no sofá de onde posso ver o elevador privativo. Fico olhando-o fixamente, então acabo adormecendo. Quando abro os olhos, dou de cara com Mike, parado a uma boa distância de onde estou. Seu terno está em desalinho, gravata arrancada, cabelos revoltos. Mas é o

seu olhar que me causa desconforto. É intenso de uma forma que nunca vi, parece duro, raivoso e magoado. Eu me levanto, colocando meus pés nos sapatos altos sobre o carpete.

— *Amore mio.* — murmuro, andando em sua direção. — Você demorou tanto. Que horas são? — pergunto, desorientada.

Seus olhos estreitam descendo por mim e voltando a encontrar os meus. A expressão séria neles está me assustando. Algum problema na empresa? Seu expediente nunca se estendeu tanto. Ele sempre se esforça para vir mais cedo quando estou em casa. Mesmo quando não estávamos namorando, eu sempre fui prioridade. Por isso meu desconforto com esse imprevisto de hoje se arrastou até agora.

— Indo para algum lugar? — sua pergunta é um tanto seca, os olhos negros afiados um pouco mais em mim. Fico intrigada com sua postura. Não veio até mim, não me beijou como de costume. O que está havendo? — Ou voltando de algum lugar, quem sabe?

— O quê? Que perguntas são essas, Mike? — franzo o cenho, parando antes de chegar até ele. — O que está havendo? Cancelou nosso compromisso da tarde...

Algo passa em seus olhos. Ele aperta o maxilar, parecendo com dor.

— Eu tive um imprevisto, como Lucy a informou. — seu tom é apertado, quase magoado.

— Problemas na empresa? — inquiro, chegando mais perto.

— Não. — diz sucinto e se vira, começando a andar pelo corredor em direção aos quartos.

— *Caspita!* O que está acontecendo com você hoje? — eu o sigo através do corredor. Empurro a porta do nosso quarto. Ele está em seu closet. Ando até lá e paro bruscamente ao vê-lo empurrando roupas em uma pequena mala. — Vai viajar?

Silêncio. Ele apenas continua pegando as coisas e jogando na mala. Então a fecha e sai, passando por mim. Pânico real começa a me tomar.

— Terei que ficar fora uns dias. — diz evasivamente e se vira para mim.

Suas palavras me deixam ainda mais confusa.

— Uns dias? Por que não estou indo com você? — minha voz treme um pouco, meus olhos ardendo, ressentida pela forma como está me tratando. — Converse comigo, *amore mio.* — imploro e seu olhar amolece apenas um nano segundo antes de voltar a endurecer. — Diga-me o que está acontecendo. É comigo? Me diga para que eu possa corrigir.

— É trabalho. Irei para a Escócia vistoriar um novo projeto. — diz e caminha para a porta, fazendo meu coração doer pela clara rejeição. Algo muito ruim aconteceu. Agora tenho certeza. Mike nunca foi tão frio comigo antes.

— Quando você volta? — soluço, deixando as lágrimas descerem pelo meu rosto.

Ele não se vira para me olhar, apenas resmunga:

— Eu ainda não sei.

Eu fico gelada. Outro tipo de medo afundando suas garras em mim. Faltam poucas semanas para o nosso casamento. Sua prova de terno será dentro de dois dias.

— Sua última prova de terno é dentro de dois dias. — minha voz é apenas um fio, dolorido e rouco.

Seu corpo enrijece.

— Eu sei. — seu tom é um misto de raiva e dor, e eu começo a me desesperar quando vai para a porta e sai sem nem me olhar.

— Mike... — eu o sigo pelo corredor. — Não me deixe aqui sozinha,

amore mio, per favore.

Ele chama o elevador e entra nele sem me dar uma resposta e se vira finalmente me encarando. Sua expressão dura e inflexível faz doer meu peito.

— Me diga o que fiz de errado para que eu possa consertar. — balbucio em meio aos soluços. — Me leve com você. Não me deixe aqui sozinha, eu imploro.

Ele inala agudamente e desvia o olhar para o painel, socando os dígitos.

— Harry e Lorenzo cuidarão de você. Quando eu retornar, vamos conversar. Agora eu não consigo, Ella. — murmura com voz sentida como se eu o tivesse expulsando daqui.

As portas começam a se fechar e desespero total toma conta de mim.

— Não! *Per favore*... — choro, olhando-o até elas se fecharem de vez.

Dois dias depois...

Eu ando decidida quando saio do elevador no andar do escritório da presidência da King's. Vim buscar informações com a secretária de Mike sobre essa viagem misteriosa. Dois dias se passaram desde que me deixou na cobertura. Dois dias que ele está claramente me ignorando. Eu o chamo, mas ele nunca atende. Toca e toca até ir para a caixa postal. Não sei mais o que pensar. Foram dois dias em que fiquei lá, chorando e quebrando a cabeça, tentando obter uma pista do motivo que o levou a sair de casa e me deixar para trás de forma tão abrupta. Mas, uma coisa tenho certeza, o problema é comigo. Algo aconteceu. Algo grave, e em vez de compartilhar comigo, ele escolheu sair e me deixar no escuro. Eu me abri com Anna ontem e ela se ofereceu para vir aqui e chutar a bunda dele, a outra opção é abrir o jogo com tia Cassie. Eu acabei não aceitando nenhuma de suas soluções. Não quero colocar nossos pais no meio disso.

O que quer que tenha acontecido vamos resolver nós dois. Penso,

determinada, aproximando-me da mesa de Lucy. Ela levanta a vista e arregala os olhos, surpresa tomando seu rosto. Sua expressão, um misto de choque e culpa, me intriga. Seu olhar desvia para a porta da sala de Mike e ela parece aflita agora. Ele está lá dentro? Pergunto-me, estreitando os olhos para o seu rosto culpado.

— Bom dia, Lucy. — forço minha voz calma, observando-a atentamente.

— Bom dia, princesa Ella. — até a voz da mulher está tão cheia de culpa quanto sua cara e agora eu sei, com certeza, que Mike está lá dentro. Voltou da viagem e não se incomodou em ir para casa, ou me avisar que já estava na cidade.

Um frio desconfortável invade meu corpo. Minhas mãos suam e eu faço a pergunta:

— Ele está lá dentro, não está? — não consigo evitar o tremor em minha voz dessa vez.

Simpatia enche o rosto da secretária.

— Alteza, eu preciso muito desse emprego... — murmura, deixando a afirmação subentendida. — Sinto muito...

Uma mão fria envolve meu coração e lágrimas enchem meus olhos. Eu ando até a porta e pego na maçaneta, pronta para confrontá-lo. Então, paro, repensando sobre isso. Não, eu não vou me humilhar mais. Está claro que ele não quer me ver, que deu ordens à sua secretária para me barrar. Ele nunca, nunca fez nada parecido, nada tão doloroso quanto isso. Se é assim que ele quer, assim será. Volto para a mesa de Lucy. A moça está se segurando para não chorar também e eu me sinto envergonhada, humilhada.

— Pode me arrumar um bloco de papel e caneta, *per favore?*

Acena, abrindo uma gaveta e me entrega um pequeno bloco e caneta.

Eu pego e escrevo uma mensagem rápida e trêmula.

— Pode ao menos confirmar algo para mim? — peço, segurando-me para não desmoronar. Ela acena, meio desconcertada. — Ele esteve dormindo aqui nos últimos dois dias?

Mais uma vez a culpa toma sua expressão e não é necessário palavras para confirmar. Meu peito comprime horrivelmente. Ele mentiu. Nunca viajou. Queria apenas sair de perto de mim.

— Eu sinto muito, princesa. Não sei o que está acontecendo com ele...

— Nem eu, Lucy. — limpo as lágrimas do rosto e lhe entrego o bilhete dobrado. — Entregue isso a ele. Apenas no final do dia, *per favore.* — ela me olha ressabiada com a minha exigência, mas balança a cabeça. — *Grazie, cara mia.*

Então, eu saio de lá o mais rápido que posso. Tropeço para dentro do elevador, uma sensação amarga de *dèjá vu* espalhando em mim. Eu vejo meu rosto na parede espelhada, meus olhos estão sem vida, tristes, estou pálida, pois não consegui me alimentar direito nesses dias. Levanto o queixo e limpo as lágrimas, determinada a não lhe dar mais nada meu. Lorenzo fecha a cara quando as portas se abrem direto no estacionamento privativo. Coloco meus óculos escuros para esconder meus olhos inchados. Ele me dá passagem e me escolta em silêncio.

— Para onde, minha senhora? — pergunta, quando nos acomodamos no Aston Martin de Mike.

Respiro tremulamente e hesito um instante.

— Para a cobertura. — faço uma pausa. — Estamos voltando para Ardócia, Lorenzo.

Sua surpresa aparece apenas por um ínfimo segundo em seu semblante, no instante seguinte, sua máscara de agente está de volta no lugar.

— O príncipe Mike está a par disso? — pergunta.

Eu quero bufar. O príncipe Mike não está se importando comigo.

— *Si,* está. — respondo sem titubear. Ele me observa por um tempo, então acena e liga o som em uma estação de rádio local antes de acionar o veículo. Sam Smith começa a cantar *Too Good At Goodbyes.*

Você deve pensar que sou estúpido

Você deve pensar que sou um tolo...

Novas lágrimas enchem meus olhos e dessa vez eu as deixo caírem livremente. Meu coração dói absurdamente quanto mais eu penso que Mike mentiu para mim, que esteve o tempo todo em seu escritório, fugindo por algo que nem sei do que se trata. Eu não fui digna de uma palavra sua. Nenhuma palavra.

Eu nunca vou te deixar perto de mim
Mesmo que você signifique tudo para mim
Porque toda vez que eu me abro, dói
Então, eu nunca vou ficar muito perto de você
Mesmo que eu signifique tudo para você
Caso você vá embora e me deixe na lama

E quanto mais você me machuca, menos eu choro
E a cada vez que você me deixa, mais rápido estas lágrimas secam
E a cada vez que você vai embora, menos eu te amo
Meu bem, não temos chance, é triste, mas é verdade

A música é como um soco potente em meu coração. Levanto minha mão esquerda, o anel de noivado brilhando, zombando da minha desventura. Aquela noite em Roma volta em minha cabeça e soluço, as lágrimas descendo sem controle. Ele me olhando emocionado, amor marcando suas feições, enquanto jurava me amar e proteger por todo o sempre. A chuva de fogos, o chão coberto de pétalas de rosas. Onde está todo aquele amor agora? Se na primeira dificuldade ele me corta, então, talvez devamos repensar o casamento. Eu choro mais ao cogitar isso.

Estou tão confusa e magoada. Agora, só quero ir para a minha casa e lamber minhas feridas.

Peço para Lorenzo cuidar da locação de um jatinho que esteja pronto para me levar à Ardócia dentro de duas horas. Mais uma vez ele franze o rosto, não gostando da situação, mas concorda sem discutir. Quando chegamos à cobertura, corro arrumar minhas coisas. Jogo tudo que consigo dentro das três malas maiores e vou ao banheiro, pegando meus artigos de higiene. Termino tudo com o peso triplicando no meu peito. Estou meio ofegante enquanto olho a suíte, a cama onde nos amamos com tanta intensidade. Abraço a mim mesma, olhando cada canto. Minha visão turva, estou nos vendo aqui e ali. Ele me segurando nos braços, carregando-me para a cama. E me acordando com uma única rosa passeando pelo meu rosto. Um suspiro trêmulo sai da minha boca. Novas lágrimas banham meu rosto. Uma agonia, uma sensação horrível de impotência me toma por inteiro. O que aconteceu para ele me deixar para trás? Levanto meu anel novamente, olhando-o por um longo tempo, então o retiro do meu dedo. Parece tão errado, no entanto, estou muito magoada e decepcionada com Mike para continuar usando-o. Eu o deixo sobre o criado-mudo e depois de mais uma olhada dolorosa em volta do quarto, começo a arrastar as minhas malas para fora.

Lorenzo me ajuda a levar tudo para o elevador e descemos para a garagem privativa. Pedi-lhe que não desse bandeira para Harry ou ele avisaria Mike. Quero estar longe do seu alcance quando cair em si. Quero que sofra tentando chegar até mim como sofri angustiada querendo saber notícias dele nesses dois dias de merda. Ligo para a minha mãe enquanto Lorenzo coloca a bagagem no porta-malas. O espaço está meio escuro, estranho um pouco. Não me recordo dessa pouca luminosidade quando chegamos há uma hora. Esqueço o assunto e ligo para a minha mãe. Ela atende no segundo toque.

— Oi, filha. — sua voz amorosa quase me leva às lágrimas de novo.

Engulo em seco e me recosto na porta traseira do carro.

— Oi, *mamma*. — murmuro. — Estou voltando para casa.

— Sem Mike? — indaga.

— *Si*, estou voltando sozinha. — sussurro sem conseguir disfarçar a dor em minha voz.

Ela fica um tempo em silêncio, certamente analisando a minha declaração. Meus pais estiveram aqui há uma semana, certamente minha mãe está estranhando o fato de eu estar voltando agora. O plano era voltar com Mike dentro de duas semanas para os preparativos finais do nosso casamento. Entretanto, na atual conjuntura, não sei mais de nada. Ele me confundiu com sua frieza.

— O que está acontecendo, Ella? — pergunta com preocupação maternal. — Sinto pelo seu tom de voz que algo não está certo, querida.

Mordo o lábio, segurando um soluço e aperto os olhos, respirando fundo. Depois de um momento calada, eu lhe conto mais ou menos o que se passou antes de Mike me deixar sozinha na cobertura.

— Relacionamentos nunca são fáceis, minha princesa. — diz com a voz amorosa, cheia de sabedoria que me conforta desde criança. — Tem certeza de que quer mesmo vir sem avisar o seu noivo?

Quando ela pergunta assim, parece errado. Mas a forma com Mike me tratou me feriu demais. Era para termos conversado e resolvido qualquer que fosse o seu problema. Pensei que éramos fortes, inabaláveis como casal, mas parece que me enganei.

— Ele não quer me ver, mãe. — digo, sentida com a rejeição. — Mentiu para mim.

— Ella, não leve tudo a ferro e fogo, filha. Deve haver alguma explicação... — ouço-a andando como que para se afastar, talvez do meu pai, que não vai gostar nem um pouco se souber dessa história. — Mike a

ama tão profundamente, querida. Isso é visível para todos.

Meu coração dói tanto ao ouvir suas palavras. Onde está esse amor imenso que ele me falou tantas vezes? Eu não o vi em nenhum lugar nesses dois dias. Ele me deixou para trás sem um segundo pensamento. Liguei de hora de hora todos os dias e a chamada sempre ia para a caixa postal, quando não era ignorada no segundo toque. Seu amor é egoísta. Não pensou em nenhum momento em como eu ficaria angustiada e desolada sendo largada sozinha sem nenhuma explicação no lugar que era para ser nosso. Não, eu já não acredito que seu amor seja tão grande como falava. Eu abro a boca para responder, mas nesse momento, sinto algo frio encostando em minha costela. O telefone é arrancado da minha mão e uma bota de salto finíssimo o esmaga no chão.

Oh, Dio mio! O que está acontecendo? Gelo desliza em minha coluna me paralisando de medo.

— Lorenzo! — consigo gritar em pânico quando fico de cara com o que parece ser uma mulher vestida de calça e blusa preta. Ela usa uma máscara no rosto. Inalo o perfume. Parece-me familiar. Onde senti esse cheiro? Eu me questiono, recostando-me no carro, não fazendo nenhum movimento brusco, como Mike muitas vezes me ensinou. Quero chorar, agora, por pavor absoluto. Nunca passei por tal situação.

— Levante as mãos onde eu possa ver, sua putinha de sangue Real. — a mulher rosna e choque puro me faz arregalar os olhos, porque eu definitivamente conheço essa voz. Não posso acreditar na audácia da *puttana.* O que é isso? O que ela pensa que está fazendo? —Vamos, sua cadela! Eu não sou sua maior fã, estou tentada a meter uma bala em você também!

Torna a exigir com uma raiva tão latente que me faz tremer. Ela disse em mim também? *Dio Santo!* Eu estico o pescoço e vejo Lorenzo caído para dentro do porta-malas. Tristeza e fúria se espalha em minhas veias.

— O que você fez com ele, sua *maledeta?* Há câmeras aqui na garagem, está sendo estúpida se acha que vai escapar assim. — eu cuspo entre dentes.

Ela ri, o som é sinistro.

— Nós cuidamos de tudo, princesa. — zomba. — A segurança está vendo apenas as imagens que queremos.

O quê?! Eu estava contando que a segurança chegaria a qualquer momento. Que Harry chegaria a qualquer momento. Eu me recrimino por estar saindo clandestinamente sem ninguém ter conhecimento disso.

— Nós? Quem está com você? — pergunto para distraí-la e analisar quais são as minhas chances contra uma arma apontada diretamente para mim. — Se matou o meu segurança vai pagar por isso, *puttana,* acredite-me!

A risada sinistra soa de novo. *Dio*... Suor frio desce pela minha coluna. Embora esteja sorrindo, os olhos da vadia estão enfurecidos através da máscara. Sua expressão me diz claramente que não terá problemas em atirar em mim.

— Sinto muito, querida, é tarde para ele. — diz em falso lamento. Um soluço escapa da minha garganta. Lorenzo. Meu querido e fiel Lorenzo está morto. — Oh, você vai chorar? Isso corta meu coração.

Ela gargalha zombeteiramente, jogando a cabeça para trás e é nesse momento que avanço, não penso duas vezes. Apenas avanço, segurando seu antebraço e levantando-o junto com a arma. Um disparo soa e mais outro e isso aumenta a minha adrenalina. Puxo meu punho esquerdo para trás e lhe dou um soco potente no queixo bem no local onde Mike me ensinou a bater para nocautear uma pessoa. A vaca cai para trás deselegantemente. Eu corro, chutando a arma para longe e então, a chuto com toda força nas costelas. Ela esguicha e se encolhe.

— Porra! Sua putinha dos infernos! — berra de dor.

— Você é uma vaca burra vindo me pegar sozinha. — eu zombo, montando em cima dela, e arrancando a sua máscara, ficamos cara a cara. Sorrio furiosa. — Vou lhe ensinar a não me julgar pela minha aparência, sua puta infeliz! — e desfiro outro soco, agora em seu nariz. Suas mãos levantam, tentando pegar meu rosto, as unhas raspando em minha pele, mas eu não me importo. Dois, três, quatro. Eu continuo moendo sua cara de pancada. Sangue espirrando em meu rosto e eu não paro, completamente enfurecida por mim e por Lorenzo que perdeu sua vida ao me defender.

— Porra! Tirem essa cadela do caralho de cima de mim! — ela rosna e sou surpreendida quando mãos grandes me puxam, tirando-me de cima dela grosseiramente. Eu me desequilibro, mas tento acertar meu cotovelo no nariz do brutamontes usando máscara de esqui. Ele grunhe, seu aperto me causando dor.

— Socorro! Socorro! Estou sendo sequestrada! — berro a plenos pulmões e piso com toda a força em seu pé. O imbecil me larga, grunhindo, pulando num pé só e aproveito para correr. Entretanto, bato num peito duro e caio de bunda no chão. Uma terceira pessoa. Meu olhar vai subindo pela calça e terno bem cortado, e bile sobe a minha garganta quando chego ao rosto. Ele não está usando máscara. *Oh. Dio. Mio.* Está de cara limpa, olhos castanhos frios fixos nos meus, fazendo com que eu me arraste para trás. Não, não. Isso é um pesadelo, só pode ser. O que *ele* tem a ver com isso?

— Surpresa! — diz em uma voz baixa, porém assustadora.

— Por que demorou tanto, seu idiota? — a vaca o recrimina, se levantando e tentando se recompor. Sua cara está sangrando, começando a inchar. Eu sorrio-lhe com atrevimento. Não sei o que me toma, mas não quero me rebaixar para esses *maledetos.*

— Você mereceu a surra para deixar de ser uma cadela estúpida. Esqueceu que Mike a treina no boxe desde adolescente?

Ela bufa, vindo para o lado do traidor de uma figa.

— Eu estava apontando uma fodida arma para a puta! — range os dentes, lançando-me um olhar de morte. — Eu vou beber o seu sangue, cadela, muito em breve.

O homem ri.

— Me desculpe, princesa, minha irmã é uma selvagem. — faz um gesto para o cara que vem para perto ainda mancando da pisada que eu dei. Eu rio, desdenhando dele também. Talvez não seja sábio agir assim, porém, não vou lhes dar o gostinho de me enrolar e chorar no chão. O odioso vem devagar em minha direção, enquanto continuo me arrastando para trás. Pânico total me atinge quando percebo que não há para onde escapar. É uma garagem privada. Ninguém virá me salvar se as câmeras foram manipuladas. Ele ri quando atinjo um dos carros de Mike e paro, encurralada.

— Ah, as garagens privadas... — diz, parecendo ler minha mente. — Estamos tão protegidos de visitantes indesejados, não é, princesa? — zomba e seu olhar desce pelo meu corpo.

— Quem é você? Por que está fazendo isso? É dinheiro? — as perguntas saem atropeladas da minha boca.

Ele lambe os lábios lentamente e volta os olhos gelados para os meus.

— Vamos por partes, como aquele cara com quem me identifico pra caralho, sabe, Jack, o estripador. — zomba. Eu olho para os lados, tentando ver qualquer coisa. Qualquer ínfima rota de fuga. — Tsc, tsc, tsc. — estala a língua desdenhosamente. — Eu sou o pior pesadelo de Mike e agora o seu, *bonequinha.* — arfo baixinho. — Dinheiro? Não, querida, eu não preciso do seu dinheiro Real. Não, o que eu preciso é ver o meu velho

amigo rastejando, definhando, morrendo aos poucos. Confesso que no começo pensei em simplesmente matá-lo com as minhas próprias mãos. Mas aí ele se envolveu com você e, eu gosto de brincar com as minhas vítimas antes de acabar com elas. Decidi que é muito melhor vê-lo sofrer por tudo que vamos fazer com a sua preciosa menina.

Meus olhos lacrimejam. Ele sorri de um jeito demoníaco.

— Sim, querida, ele te ama de uma forma ridícula de tão intensa. Mas o ciúme doentio que sente por você foi o seu calcanhar de Aquiles. — soluço, começando a compreender tudo. Eles fizeram algo para Mike estar tão frio comigo. — Sim, ele está sofrendo, achando que foi traído por sua bonequinha. Tão triste ver o meu amigo assim... — ri com arrogância perversa. — Prometo que cuidarei dele, agora que nunca mais o verá de novo.

— Não! Meu pai não vai deixar você sair dessa! Mike vai descobrir quem é você! Ele não é tolo, vai perceber com quem está lidando, seu *maledeto!* — retruco, minha voz tremendo.

Um tapa forte acerta o lado direito do meu rosto, assustando-me. Bato a cabeça contra a lataria do carro. Dor irradia em minha bochecha e meus olhos queimam com lágrimas quentes.

— Vamos esclarecer algumas coisas aqui, princesa. — seus olhos ficam duros e ele se abaixa, olhando-me de perto. — Você não é mais da realeza. Deixará de ser princesa no momento em que eu te foder no meu quarto de jogos. — *oh, Dio mio!* Eu soluço e ele bufa, fazendo um sinal para os dois cães de guarda do seu lado. — Segurem a vadia. Será que conseguem dessa vez? — rosna com raiva para seus comparsas. A vaca resmunga, mas não responde nada. Os dois vem, segurando, imobilizando meus braços dos lados. Eu me debato, chuto, tentando alcançar entre as pernas do traidor. Ele meio que rosna e sorri. — Oh, ela tem fogo, não é? Eu gosto quando minhas putas lutam de volta, *boneca.* — puxa algo do bolso do

terno e um sentimento de finalidade me bate. É uma seringa. Ele retira a proteção e um pouco do líquido espirra pela agulha. Seu sorriso é algo que nunca vi em um ser humano antes. — A vida que conhecia acaba agora. Você será minha escrava particular até me cansar de te comer, então, vou vender seu corpo usado e desgastado no mercado negro.

— Não! *Per favore...* — lágrimas quentes e grossas queimam minhas faces. — Eu não lhe fiz nada.

— Mas seu noivinho fez. — ruge e rola os olhos. — Eu vou ser bonzinho e contar tudo. Não é justo deixá-la no escuro. — mais uma risada sinistra.

Ele passa a contar com requintes de crueldade tudo que fará comigo e com Mike. Um esgar sai da minha boca. A vadia sorri, apertando meu braço mais do que o necessário. Já estou contida, derrotada.

— Hora da soneca, querida. — ele diz jocosamente, trazendo a agulha para meu pescoço. Eu grito pela picada grosseira. Os três sorriem, enquanto o líquido entra em minha corrente sanguínea. As imagens vão ficando borradas quase que instantaneamente. Eu me debato, choro, até sentir as forças me abandonarem lentamente.

Mike... Por que você me deixou sozinha, *amore mio?* É meu último pensamento coerente antes do mundo escuro descer sobre mim.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Mike

Eu termino de assinar alguns papéis mais urgentes e empurro o restante na mesa, levantando-me. Não tenho mais cabeça para continuar fingindo que estou trabalhando. Ando até as paredes de vidro e olho a cidade a perder de vista. Estou inquieto, irritadiço, meu peito foi ficando cada vez mais apertado na medida em que o dia avançava. Não tenho me alimentado, nem dormido direito há dois dias, quando recebi aquele maldito pacote e tudo ruiu à minha volta. Puxo a gravata, a coisa está me sufocando. Eu queria ser forte para não pensar nela. Forte para não amá-la da mesma forma que sempre amei, mas não consigo. Preciso falar com ela em algum momento, eu sei. Estou adiando, porque ouvi-la admitindo que me traiu vai acabar comigo. Preciso... Eu franzo o cenho, puxando meu celular conferindo as chamadas. Eu o deixei no silencioso uma vez que Ella estava ligando de hora em hora. Qual é a minha surpresa ao ver que não há nenhuma chamada hoje. Volto até a mesa e aperto o interfone.

— Srta. Carson, por acaso a minha... — limpo a garganta. — A princesa ligou hoje?

Há um silêncio desconfortável na linha.

— Ela esteve aqui pouco antes do almoço, senhor.

Meu coração dá um solavanco ao saber que esteve aqui, tão perto de

mim. Só eu sei o quanto me custou não atender suas ligações ou olhar suas mensagens. Essas foram as quarenta e oito horas mais longas e dolorosas da minha vida. Remoí cada palavra das mensagens que vi no arquivo. As imagens das fotos e vídeos se recusam a irem embora por mais que eu tenha tentado expulsá-las.

— O que ela disse? — pergunto em tom baixo.

— Ela estava muito triste. — Lucy diz com clara acusação na voz. — A princesa é uma moça inteligente, deduziu que esteve dormindo aqui no escritório nos últimos dias.

Isso me incomoda. Saber que estava triste e que descobriu que menti para ela. Porra, eu não deveria me importar. Recrimino-me por querer poupá-la, mesmo que tenha rasgado meu peito e arrancado meu coração para fora.

— O que ela disse exatamente? — repito com desgosto.

Lucy suspira.

— Ela chorou e escreveu uma nota para o senhor. — diz, parecendo triste também. — Por favor, senhor, pode me demitir se estiver sendo muito intrometida, mas o que a princesa fez para merecer um tratamento tão cruel?

Eu ranjo os dentes e passo a mão livre pelo cabelo.

— Tem razão, senhorita, se preza seu emprego, vai deixar de ser intrometida. — resmungo. — Agora, onde está a nota? Por que não a entregou para mim?

— Ela me pediu que a entregasse apenas no final da tarde. Nós, garotas, precisamos mostrar solidariedade em casos assim. — responde com uma nota de petulância. Eu rosno. — Estou indo até aí agora, senhor.

Bufo e desligo. Parece que a minha fodida secretária tomou partido na situação, e não é o meu. Ela entra um instante depois, mal me olhando nos

olhos quando estende a mão, entregando um papel dobrado. Pede licença e me deixa sozinho de novo. Eu olho o papel por um longo tempo. Uma leve batida na porta me faz levantar a vista, quase rosnando, esperando ver o olhar recriminador de Lucy, mas vejo a minha mãe colocando sua cabeça ruiva para dentro. Ela sorri quando me vê.

— Oi, querido. Está ocupado? — pergunta.

Eu me obrigo a ostentar uma cara boa e enfio a nota no bolso.

— Nunca ocupado demais para a minha mãe. — digo, indo encontrá-la no meio da sala. Ela me abraça e beija na bochecha. Eu devolvo o cumprimento. — Como a senhora está?

Seus grandes olhos azuis me observam, como se enxergasse dentro de mim, vendo meu tormento.

— Por que está dormindo aqui no escritório, filho? — solta a queima-roupa.

Lucy. Eu cerro os dentes. Vou demitir a garota fofoqueira.

— Lucas e Samuel o viram se dirigindo para o apartamento corporativo ontem. — esclarece e seu semblante fecha com preocupação. — Algum problema entre você e Ella?

Eu desvio o olhar e ela segura meu rosto, obrigando-me a encará-la como fazia quando eu era apenas um adolescente encrenqueiro.

— Conte-me, querido. O casamento está tão próximo. — sua voz suave quase me faz chorar como uma maldita mulherzinha abrindo o coração para a *mamãe*. — Não deve haver espaço para desentendimentos. Não deixem nada chegar até vocês.

Exalo derrotado.

— Ella... — murmuro e paro sem conseguir forças para continuar. Não quero contar isso para ninguém. Não posso compartilhar algo tão ultrajante

nem mesmo com meus pais. Por alguma razão distorcida, não quero manchar o nome dela também. Quão fodido é isso? Que eu ainda queira protegê-la? Minha mãe espera, olhando-me atentamente. Aquele olhar observador que só as mães dão e que parece detectar tudo que você fez de errado.

— Tudo bem, Mike. — dá um tapinha compreensivo em minha mão. — Não precisa me contar se não quiser. — então, seus olhos ficam sérios. — Mas, filho, qualquer que tenha sido o problema, tenho certeza de que podem conversar e resolver. Quando se ama da forma como vocês amam um ao outro, as coisas pequenas deixam de ter importância. — ela se inclina e me dá mais um beijo suave. — Vá para casa, querido.

Eu aceno, uma sensação incômoda enchendo o meu peito.

— Meu pai sabe?

Ela assente.

— Ele está um tanto surpreso e curioso também para saber o que o fez deixar Ella sozinha em casa e dormir aqui.

A maneira como diz isso, que deixei Ella sozinha, faz aquela sensação incômoda aumentar. Eu suspiro alto.

— Os seguranças estavam com ela. — eu me justifico. — Diga a ele que vou voltar para casa hoje. — tomo o cuidado de não prometer resolver as coisas. Eu ainda não sei qual será o desfecho dessa história. Infelizmente, tudo mudou quando ela me traiu.

Minha mãe sai depois de nos despedirmos e eu enfio a mão no bolso, puxando o pequeno pedaço de papel que parece queimar a minha mão. Volto para a minha mesa e me sento, colocando a nota dobrada sobre o tampo de vidro. Fico olhando e olhando, tomando coragem para abrir e ler. Finalmente desdobro a folha e meu coração salta um pouco ao ver que sua letra cursiva geralmente impecável, está tremida.

Mike,

Qual foi o meu crime? Por que estou sendo punida pelo homem que amo com todo o meu coração? Não terei a chance de sequer me defender? Outro dia vi um artigo sobre vivermos anos e anos com uma pessoa e não a conhecermos na totalidade. Eu ridicularizei o autor, porque aquilo não se aplicava a nós. Fui muito arrogante ao pensar que estávamos blindados, que nada poderia nos afetar. Algo aconteceu e o levou de mim de forma tão abrupta. Suas atitudes, mais uma vez, estão me machucando, deixando-me confusa, e por isso, não vou mais insistir. Estou voltando para a minha casa, Mike. O que você fez nos últimos dois dias... A forma como simplesmente me virou as costas e saiu de casa, como se eu não significasse nada para você, mostra que aquele artigo estava certo... Ainda vou levar um tempo para processar isso. O que mais você espera de mim? Não sobrou mais nada. Já lhe ofereci tudo... Estou indo para onde sou bem-vinda, onde sei que com toda certeza que sou amada incondicionalmente. Não venha atrás de mim, per favore. Agora sou eu quem quer ficar sozinha para pensar sobre nós. Sobre o nosso futuro, se é que ainda haverá um...

Ciao,

Ella

Deus. Fecho os olhos, suas palavras se repetem em minha mente fodida. São palavras de uma mulher profundamente magoada. Se eu não tivesse visto as provas de sua traição, acreditaria piamente nelas. Na verdade, quero desesperadamente acreditar. Quero sair correndo pela porta e ir atrás dela, mas não posso.

— Porra! — bato com o punho na mesa, levantando-me. O interfone apita e eu aperto para ouvir Lucy.

— O agente Falconi está aqui para vê-lo, senhor. — diz, meio ressabiada. Ela sabe que foi bem ousada hoje.

— Faça-o entrar. — eu ranjo. — Espere. Só mais uma coisa, senhorita.

— Pois não, senhor? — seu tom é apreensivo agora.

— Se Ella deduziu que eu estava aqui na sala, por que não entrou para me ver? — pergunto sem entender essa parte. Não combina com o temperamento da princesa. Pelo que conheço dela, ela entraria e soltaria os cachorros em cima de mim.

— Não foi uma coisa bonita de se ver, senhor. — há novamente aquela recriminação em seu tom. — Esteve a ponto de entrar, mas voltou chorando, como se aceitasse que o senhor não queria vê-la, escreveu a mensagem e saiu.

Meu peito dói como o inferno ouvindo isso.

— Obrigado. Deixe o agente entrar, por favor. — eu me lembro finalmente das boas maneiras. Tenho a impressão de ouvi-la bufar antes de eu desligar. Cristo, a garota está ficando folgada pra caralho.

O agente entra em seguida, sua cara mais feia do que o normal. Enfio as mãos nos bolsos da calça, enquanto anda para perto.

— Boa tarde, meu senhor. Eu acho que temos um problema. — informa meio tenso. Junto as sobrancelhas, estreitando meus olhos sobre o homem. — A princesa enviou Harry e os outros seguranças para o canteiro de obras de Lucas e Samuel esta tarde, alegando que eram ordens suas. Só soube agora.

Ah, então foi assim que ela se livrou da segurança. Inteligente, devo admitir. Eu ando até o bar no canto da sala e me sirvo de uma pequena dose de uísque.

— Ella retornou para Ardócia esta tarde. — revelo, sentindo-me doente. Em outras circunstâncias eu estaria correndo atrás dela. Mas agora, estou paralisado, envenenado pelas imagens que não saem da minha mente.

— Como assim, voltou para Ardócia? — inquire, seu tom ligeiramente

mais alto. Eu me viro, encarando-o, ponderando se abro o jogo com ele. Preciso tirar isso de dentro de mim ou vou enlouquecer.

— As coisas estão um tanto complicadas entre nós nesse momento. — ofereço, ingerindo o resto em um só gole.

Falconi semicerra os olhos, analisando-me como o agente treinado que é.

— Posso saber o que aconteceu, Alteza?

Ando novamente para a mesa e abro a primeira gaveta, retirando o desprezível envelope. Faço um gesto para ele se aproximar e pegar o pacote. Vem para perto, pegando-o com expressão intrigada. Abre e começa a passar as fotos, choque se espalhando em seu rosto à medida que vai passando uma e outra.

— *Dio santíssimo!*

Exclama, horrorizado. Bem-vindo ao clube! Eu ranjo os dentes.

— Tem um pen drive também. — digo em tom apertado, quase quebrando meus dentes de tanto rangê-los.

Falconi enfia a mão dentro do envelope e recupera o pequeno dispositivo. Seu olhar está concentrado e afiado quando se fixa no meu.

— Me permite usar seu computador?

Aceno e ele contorna a mesa, sentando-se na minha cadeira e conecta o pen drive na máquina. Eu não tenho estômago para conferir tudo de novo, então apenas o deixo à vontade. Seus dedos trabalham agilmente sobre o teclado do meu computador de mesa. Seu rosto franzido em concentração.

— *Cáspita!* Isso é chocante! — murmura quase para si mesmo, arregalando os olhos para a tela. Os dedos voam mais uma vez sobre o teclado e os olhos arregalam mais, então ele me encara. — A semelhança é inacreditável. Essa moça é realmente muito parecida com a princesa.

— O quê? — inquiro sob seu olhar muito parecido com o de Lucy. — O que quer dizer com “muito parecida?”

Há acusação lá quando ele anuncia com absoluta convicção:

— Não é a princesa nessas fotos e vídeo, Alteza.

Meu sangue gela completamente. Minha respiração parando. Que. Porra. É. Essa?

— Eu vi tudo, agente. Não tente...

— Obviamente o seu ciúme assumiu as rédeas. — rosna e faz um gesto para eu me juntar a ele. — Veja, eu baixei o programa que o Serviço Secreto possui com os dados de toda a família Real. — aponta para a tela quando chego perto. — Precisamos disso para prevenir problemas por alegações falsas, como esse material que lhe foi enviado, por exemplo. Quando recebeu isso? Devia ter me chamando imediatamente. — ele me censura e meu coração começa a bater tão alto que acho que vou enfartar enquanto vejo-o clicar nas medidas das mãos de Ella, as reais, e comparar com as da foto. Não se encaixam. Os dedos da foto são mais finos e um pouco mais compridos. Faz o mesmo com as proporções perfeitamente assimétricas do rosto de Ella e leva até o rosto da foto e mais uma vez não bate. O queixo da foto é mais pronunciado e as maçãs do rosto ligeiramente mais altas. Minhas mãos estão suando e trêmulas quando ele finalmente compara a cor dos olhos. Os da moça são um tom mais escuro e eu fecho meus olhos, meu coração a ponto de explodir por outro tipo de dor. Oh, Deus! Será mesmo possível ter me enganado tanto?

— Não é a princesa. — ele diz, voltando os olhos agora duros para mim. — Prepararam uma armadilha para você.

Aponto a tela, engolindo com dificuldade.

— Essa pulseira. Só existe essa em todo o mundo. — digo com dor e esperança guerreando dentro de mim.

— A princesa perdeu a pulseira. — diz com nítido desgosto pela minha desconfiança. — Ela não lhe disse nada porque não queria que soubesse. Mas pediu para a segurança que ficasse atenta caso encontrassem. Nos disse que era um presente especial porque o senhor deu para ela.

Oh, minha Santa Mãe de Deus! Eu gemo em pura agonia. Meu corpo todo treme pela constatação. Eu fui enganado. Deixei meu ciúme me cegar e puni a minha menina injustamente. Meus olhos ardem e eu pisco, vergonha e nojo de mim mesmo me tomando.

— Ella... Oh, meu Deus... — balbucio com desespero e desolação. Boneca... O que foi que eu fiz com você, meu amor? Penso angustiado. Preciso ir atrás dela. Agora! Eu aperto o botão do interfone com a intenção de chamar Lucy e ordenar que providencie a preparação do jato ao mesmo tempo em que meu celular toca sobre o tampo da mesa. O nome de Harry está piscando na tela. Faço um gesto para Falconi atender enquanto passo a falar atropeladamente com a minha secretária. A garota está sorrindo quando desliga, prometendo cuidar de tudo o mais rápido possível. Encaro o agente quando encerro a chamada e ele está com o cenho franzido, olhos duros, saindo faíscas furiosas em minha direção.

— *Si,* acompanhem-no até o hospital. — diz com raiva palpável. — Já estamos a caminho.

Fico em alerta à menção da palavra hospital.

— Quem está indo para o hospital? — inquiro com um frio estranho se infiltrando dentro de mim, como o prenúncio de algo ruim.

Ele se levanta, ajeitando o terno, conferindo a arma em seu coldre e me encara com uma expressão abertamente acusatória.

— Lorenzo. Ele foi baleado na sua garagem em torno de uma hora mais ou menos.

— O quê?! — eu me assusto, recuando um pouco. Ele continua me

encarando com acusação nos olhos e meu coração dá um solavanco, pavor real invadindo meu sistema nervoso. — Ella... — minha voz é apenas um fio rouco. — Onde ela está?

Seu maxilar aperta e acho que se pudesse, ele me daria um soco agora.

— A princesa foi levada. De acordo com Harry, havia sinais claros de luta no chão quando eles chegaram e também...

— Também o quê? Fale, porra! — eu brado, enfiando as mãos em meu cabelo e puxando-o com desespero.

— Um sapato dela ficou para trás. — cospe, seus punhos crispados e continua em uma voz gelada. — Parabéns, príncipe Mike! Numa tacada só você deixou a princesa ser sequestrada e seu segurança pode estar morto. Harry disse que não tinha esperanças de Lorenzo chegar com vida ao hospital, depois de sangrar lá na garagem sozinho por tanto tempo. — ele está lívido e com razão. — Há quanto tempo conhece a princesa? Há quanto fodido tempo conhece aquela menina?

Deus! Suas palavras são muito mais eficazes do que socos. Desde os dois anos de idade. Essa é a resposta. Eu a conheço do avesso, cada detalhe dela sei de cor e mesmo assim eu me deixei cegar pelo ciúme e não vi mais nada. Vi apenas o que a maldita pessoa que preparou isso sabia que iria ver, uma traição forjada para me separar dela. Eu ofego, minha respirando falhando. Lágrimas queimando em meus olhos. Lágrimas de remorso. De vergonha. Eu fiz isso. Meu ciúme doentio, minha total falta de bom senso colocou em risco a minha menina. Ella foi sequestrada. Levaram a minha boneca por culpa minha. Minha, porra!

— Sim, eu fiz isso. — minha voz treme, enquanto o encaro firmemente, como homem, assumindo meus pecados. — Eu sou o culpado. Fui burro o bastante para entregar a mulher que amo mais que tudo nessa vida na mão de algum bandido.

Minha imagem deve refletir a desolação das minhas palavras, porque

seu semblante suaviza um pouco. Falconi suspira longamente, passando as mãos pelo rosto.

— Seu inimigo já demonstrou que é inteligente, Alteza. — diz seriamente. — Ele está agindo em cima das suas franquezas. — exala mais uma vez. — Porém, não há crime perfeito. Sempre há pontas soltas e eu vou encontrá-las. É uma promessa que estou lhe fazendo. — olhando-me nos olhos, seu tom é menos duro quando acrescenta: — Desculpe-me por ter lhe faltado com o respeito. Pode reportar isso ao meu superior.

— Não. Foda-se o respeito. — bufo. — Duvidei de Ella e isso a deixou vulnerável, porra. — minha voz falha. Ele aperta a mandíbula de novo. — Só quero encontrar a minha menina. Prometa-me que vai me ajudar nisso. Eu não posso sequer imaginar como deve estar aterrorizada agora. — e em como estava triste comigo pelo modo cruel que a tratei nesses dois dias, acrescento para mim mesmo. Ele acena. — Vamos. Preciso ligar para os pais de Ella e agradeceria se pudesse acionar o Serviço Secreto enquanto faço isso. O quanto antes começarmos as buscas, mais chances teremos.

Falconi dirigiu como um piloto de rachas, cortando todos que estavam à nossa frente. Harry avisou nesse meio tempo que Lorenzo estava entre a vida e a morte na mesa de cirurgia. Parece que levou uma pancada forte na cabeça e um tiro nas costas. A bala se alojou bem perto do coração e ele perdeu muito sangue até ser encontrado. Pelo menos, chegou com vida ao hospital e isso aliviou uma ínfima centelha do meu remorso. Ter a morte do homem nas minhas costas estava me atormentando. Liguei para os meus pais e em seguida para os pais de Ella. Eles ficaram ensandecidos, informando que pegariam o jato imediatamente. Dam, está em Milão, eu o chamei também, que por sua vez, prometeu ligar para Max.

Dois dos meus seguranças estão conversando com dois policiais quando desço do carro na minha garagem privativa. Há fitas de isolamento. O carro sedã que Lorenzo deve ter locado para a fuga com Ella está com o

bagageiro aberto, cheio de malas. Meu peito dói muito ao constatar que ela estava mesmo me deixando. Não posso nem pensar em como deve estar decepcionada comigo. Relembrando o modo frio como eu a tratei nas últimas quarenta e oito horas, tenho raiva e vergonha de mim mesmo. Há sangue por cima do couro e depois no chão, uma poça ficando quase preta pelo tempo que está aqui. Um dos agentes está tirando fotos, outro coletando coisas aqui e ali e jogando dentro de sacos isolantes. Então, a minha vista é atraída para as letras na parede oposta e meu sangue gela. Pichado em letras garrafais estão as frases, a sentença que faz a bile subir à minha garganta:

VOCÊ DEVIA TER CUIDADO MELHOR DA SUA PRINCESA,
VELHO AMIGO. ELA É MINHA AGORA.

— Oh, meu Deus! — ofego alto, horror absoluto me inundando. Falconi está certo, o meu inimigo resolveu atacar e dessa vez foi direto na jugular. Eu passo as mãos trêmulas pelo rosto, amaldiçoando-me sem parar. — Não, Deus...

— Boa tarde, senhor King. — eu viro a cabeça, vendo que os dois policiais que estavam conversando com meus seguranças estão ao meu lado agora. — Sou o detetive Lionel Jacobson e este é meu parceiro, Mathew Golden. Será que poderia nos dar a sua versão dos fatos, por exemplo, para onde a princesa estava indo com tantas malas?

Eu trinco o maxilar. Porra.

— Ela estava indo passar uns dias com os pais, em Ardócia. — minto com um gosto amargo na boca.

Jacobson acena, escrevendo em seu bloco.

— Estava tudo bem entre você e a sua noiva, senhor? — Golden entra na sabatina.

— Sim, tudo bem. — digo em tom apertado.

— Há algo que tenha parecido anormal, fora da rotina de vocês nos últimos dias? — Jacobson intercala.

Sim, porra. Eu fui um imbecil de marca maior com a mulher da minha vida e ela foi sequestrada por um lunático que parece ter uma obsessão doentia por mim. Exalo profundamente e abro o jogo. Conto tudo, inclusive que Paolo de Montessola está preso em Ardócia, acusado de ser o tal perseguidor. Estou alterado quando concluo o relato e sinto uma mão grande em meu ombro, e ao me virar tenho que me segurar para não cair em prantos aqui, na frente de todo mundo. São os meus pais e eles estão estranhamente silenciosos, olhando-me. Seus olhares sérios. Eles não estão felizes comigo e isso me machuca ainda mais.

— Pai, mãe. — minha voz tem todo o peso da culpa.

Minha mãe vem para o meu outro lado, mas nenhum deles diz nada. Apenas ficam lá, me confortando, no entanto, deixando claro que não estão orgulhosos de mim.

— Boa tarde, senhores. — a voz de Falconi desvia a atenção dos policiais. — Agente Manuel Falconi, do Serviço Secreto de Ardócia. — ele se apresenta, estendendo a mão. Os dois detetives aceitam seu cumprimento. — Uma equipe grande está voando para cá nesse momento, mas vamos precisar trabalhar em conjunto com a polícia de Londres. — os dois acenam. — Estive conversando com o encarregado do monitoramento das câmeras da garagem e ele me informou que ontem receberam a visita de uma empresa terceirizada para reparar um *suposto* problema nas câmeras apenas dessa parte do edifício.

— Suposto? — Jacobson interroga com interesse.

— *Si,* de acordo com o rapaz, não havia qualquer problema com essas câmeras. Estavam funcionando perfeitamente. — Falconi esclarece, dirigindo o olhar para mim. — Manipularam as câmeras para que pudessem entrar e sair livremente sem serem apanhados.

— Porra. — meu pai rosna.

Sim. Porra! Fecho os olhos brevemente, o remorso me comendo por dentro. Me perdoe, bonequinha. Por favor, Deus, não deixe que nada ruim aconteça com ela. Olhe pela minha menina e nos guie pelo caminho certo para trazê-la de volta.

— Foi uma ação meticulosamente planejada. — ele diz, ainda me encarando. — Precisamos checar o endereço que os funcionários forneceram para o rapaz. Imediatamente.

— Vou pedir reforços para a central. — Jacobson anuncia, puxando o rádio do bolso do seu colete e se afasta um pouco de nós. Seu parceiro o segue.

— Oh, meu Deus! — minha mãe murmura horrorizada e eu sigo seu olhar. Só agora percebeu a pichação sinistra na parede.

— Santa Mãe de Deus! — meu pai endossa. — Que merda está acontecendo aqui, Mike?

— Parece que Paolo de Montessola não é a pessoa que está por trás de tudo, pai. — digo, tenso.

Ele bufa.

— Espero que Leon exija explicações do Serviço Secreto. Eles fizeram um trabalho de merda. — ele franze a testa para Falconi. — Sem ofensas.

O agente apenas acena, seu maxilar apertando.

— A justiça nem sempre é pontual, príncipe Jayden. — diz em tom respeitoso. — Eu avisei ao meu superior que houve precipitação em dar o caso por encerrado, se serve de consolo.

Meu pai o encara firmemente.

— Meu filho confia muito em você, obviamente, agente. Espero ter a minha afilhada de volta em casa o quanto antes.

Algo intenso passa em seu semblante, então ele balança a cabeça.

— A princesa será encontrada, eu prometo, meu senhor. — diz solenemente.

Um frio desconfortável me percorre porque seu tom deu a entender que completaria a frase com *viva ou morta.* Não. Deus, não. Eu não vou pensar coisas ruins. Ordeno-me, sem obter muito sucesso, no entanto. Sem conter a agitação e sensação de impotência, comunico de maneira inflexível:

— Eu vou com vocês, agente Falconi.

Ele me encara, estreitando um pouco os olhos.

— Não é aconselhável, Alteza. — diz com a voz tensa. — Preciso estar atento a tudo que nos leve à princesa, estarei muito focado para protegê-lo.

Eu bufo.

— Eu estive no serviço militar de Ardócia. — rosno e meu pai bate nos meus ombros em uma tentativa de acalmar meu arroubo. — Sei quase tanto você sobre defesa e ataque. — eu o desafio.

Seu semblante fica duro.

— Bem, o *quase* faz toda diferença nesse caso, príncipe Mike. — diz, sério. — Isso não é um passeio no parque. Não posso protegê-lo e me dedicar à busca da princesa ao mesmo tempo.

— Bem, lide com isso, agente. — ranjo de volta. — Eu vou buscar a minha menina e ninguém vai me impedir.

Ele acena a contragosto e passamos os próximos minutos checando tudo, reunindo a segurança. Meu pai já havia acionado Isaac, que disponibilizou seus melhores homens para ajudar. Coloco um colete, que o agente Falconi insiste para eu usar. Ele ainda está de cara amarrada para mim. Acha que serei peso morto em suas costas. Vou mostrar-lhe que sei uma ou duas coisas sobre treinamento militar. Manuseio agilmente a

minha Glock, encaixando o pente e a enfio em minhas costas. Pego meu canivete de estimação, a única lembrança dos tempos de rua que conservei, e o escondo na meia. Meu velho queria ir também, mas foi convencido pela minha mãe a ficar e aguardar meus tios e Dam, que já estão voando para cá.

Alguns minutos depois, chegamos ao endereço da pretensa empresa. Logo na portaria ficamos sabendo que não há nenhuma empresa com o nome informado pelo funcionário do meu prédio. Uma angústia horrível se agigantou dentro de mim. Mesmo sabendo que estávamos andando às cegas, insisti com a equipe para andarmos pela cidade. Falconi pediu ao incompetente Serviço Secreto informações sobre pistas de pouso clandestinas e visitamos a maioria delas, constatando que não havia sinais de movimentação nessa tarde. Rodamos por Londres e arredores por tanto tempo que perdi a noção da hora. Quando checamos a última, eu tive que reconhecer e aceitar que não tínhamos nenhuma noção do que estávamos fazendo ou para onde estávamos indo.

Quando voltamos e subo no elevador privativo para a minha cobertura com Falconi e Harry, estou parecendo uma panela de pressão, prestes a explodir. E ainda tem meus tios e Dam, que preciso encarar. Porra. Como vou encará-los e dizer que Ella foi sequestrada porque eu, do alto do meu ciúme irracional, deixei-a vulnerável? Sinto que não será um encontro agradável. Como seria?

Meus pais estão na sala com os gêmeos quando saímos do elevador. Não há sinal dos meus tios e de Dam ainda. Exalo um suspiro cansado, porque estou esgotado nesse momento. Preciso de um banho e voltar para traçar novas rotas com o agente Falconi. Meu pai me encara com uma pergunta nos olhos. Balanço a cabeça e sua mandíbula cerra. Ele está muito puto e decepcionado comigo. Pouco me dirigiu a palavra desde quando chegou e isso me mata.

— Mano, como isso aconteceu? — Lucas se adianta, vindo me encontrar no meio da sala. Samuel está logo atrás dele. — Como alguém pode ser ousado o suficiente para levar a nossa prima?

— Nosso tio deve estar louco uma hora dessas. — Samuel adiciona. — Sem falar que Dam também não fica atrás.

Vergonha mais uma vez desce sobre mim e eu os coloco a par de tudo que aconteceu entre Ella e eu nos últimos dias. Vejo suas expressões se fechando com desaprovação.

— Porra, o que estava pensando, Mike? — Lucas exclama com uma carranca.

— Sim, cara, o que deu em você para duvidar da fidelidade de Ella? — Samuel fecha a cara para mim também.

Porra.

— Fui estúpido e cego demais, irmãos. — digo baixo e olho meus pais. Eles ainda não estão falando nada nesse sentido comigo. Dói ver decepção estampada em seus rostos. — Acreditem, não há castigo pior do que a dor que estou sentindo agora. Sabendo que Ella foi levada porque a deixei sozinha. O remorso é o pior castigo.

— Não, filho. — meu pai fala, tomando um pouco do uísque em seu copo. — Seu pior castigo será enfrentar os pais e os irmãos de Ella. — há tristeza em seus olhos negros. — Eles acreditavam que você a protegeria. Nós todos acreditávamos nisso.

Suas palavras, a expressão e o tom decepcionado me batem na cara, rasgam-me ao meio.

— Sinto muito, pai. — balbucio, sentindo-me pequeno. Tão pequeno, porra.

Minha mãe vem até mim e me beija na bochecha, deixando claro que mesmo decepcionada, tenho o seu apoio.

— Eu fiz o jantar, querido. Vá tomar um banho enquanto aqueço e coloco a mesa. — informa com seus olhos tristes nos meus.

— Obrigado, mãe, mas eu não estou com fome. — digo, devolvendo seu beijo e já me afastando para o corredor.

Entro em nosso quarto e o cheiro de jasmim enche minhas narinas imediatamente. Ando até o banheiro, arrancando minhas roupas no caminho. Tomo uma ducha rápida, no piloto automático, e saio para o closet. Visto uma calça jeans preta e camiseta cinza. Não me preocupo em pentear o cabelo, pegando meu celular, volto para o quarto. Eu corro os olhos pelo cômodo. Uma brisa fria está entrando pelas portas do terraço, ando em direção à cama e paro, vendo o brilho de algo sobre o criado-mudo. Meu coração leva um tiro quando chego mais perto e vejo que é o anel de noivado de Ella. Ofego, meus olhos inundando de lágrimas culpadas. Ela estava realmente me deixando. Pego o anel e o olho com visão turva, as imagens da noite em que a pedi em casamento voltando em minha mente fodida. Seu rosto lindo, emocionado, banhado de lágrimas. Como pude duvidar do seu amor e fidelidade? Como, porra?

— Ella... Minha Ella... — choro, meu corpo todo dando solavancos e eu caio de joelhos no carpete, remorso me arrebentando por dentro. — Por favor, me perdoe, bonequinha. Eu fui tão tolo, princesa. — soluço alto para o quarto vazio. — Não tenha medo, meu amor, eu vou buscá-la, juro por tudo que é mais sagrado. — aperto o anel em meu punho e me enrolo, culpa curvando meus ombros. Eu me sento no chão, recostado à cama, e olho o celular, abrindo as mensagens que me recusei a ver nesses dois dias.

Bonequinha: *Eu não sei o que houve, mas, per favore, vamos conversar, amore mio.*

Bonequinha: *Ti amo tanto, lembre-se disso e volte para casa.*

Bonequinha: *Acordei hoje procurando por você em nossa cama e meu coração doeu tanto que chorei. Per favore, estou implorando para você*

voltar.

Eu paro um pouco, respirando entrecortado, meu peito comprimido pela dor que lhe causei.

Bonequinha: *Essa música acabou de tocar no rádio e mais uma vez não consegui segurar as lágrimas. Por que estou sendo punida, amato mio? Diga-me e vou me redimir. Farei qualquer coisa para que você volte para mim.*

Essa foi sua última mensagem. Foi às oito horas de hoje.

— Porra! Porra! Porra! — eu soco o chão acarpetado com força, não me importando com a dor nas juntas. Abro o arquivo que enviou em anexo e a música lamuriosa de Adele começa, *Don't You Remember.* Cada verso é um soco em meu coração. Respiro sem ar e choro copiosamente.

Quando eu vou ter ver de novo?

Você foi embora sem dizer adeus, nem uma palavra sequer foi dita
Nenhum beijo final para selar algum pecado
Eu não fazia ideia de onde estávamos

Eu sei que eu tenho um coração inconstante e amargo
E um olho errante, e um peso em minha cabeça

Mas você não se lembra?
Você não se lembra?
A razão pela qual me amou antes?
Amor, por favor lembre-se de mim mais uma vez

Quando foi a última vez que você pensou em mim?
Ou você me apagou completamente da sua memória?
Eu frequentemente penso sobre onde eu errei
E quanto mais eu faço, menos eu sei

Sinto uma mão em meu ombro e me assusto, olhando para cima. Meu pai está lá, seu rosto torcido, sério.

— Posso me sentar aqui com você? — pergunta baixinho.

Aceno, sem poder falar. Limpo meu rosto e a música se encaminha para o final. Ele apenas me oferece um dos copos que traz nas mãos e ficamos em silêncio até Adele cantar o último acorde de um coração partido.

— Como você está, filho? — pergunta depois de um tempo.

— Morrendo. — respondo sucintamente.

Novo silêncio. Tomo um gole bem-vindo do uísque.

— Eu vou lhe contar uma história, Mike. — seu tom sério me faz olhar de lado e encontro-o já olhando para mim.

Aceno e ele respira profundamente.

— Sua mãe, você acha que ela seria capaz de me trair? — pergunta e eu me sobressalto. Que pergunta é essa? Meu pai sorri da minha reação. — Não precisa responder, eu vejo tudo em seu semblante. — exala, olhando-me fixamente. — A forma como o tratei lá fora... Eu estava lembrando de mim mesmo quando fui um burro e afastei Cassie por dois anos inteiros. Dois anos! Ela estava grávida de Lucas e Samuel, e ainda não sabíamos. Um inimigo íntimo meu tramou para nos separar.

Ele para um instante e vejo que relembrar isso o deixa mal.

— Carl Turner era filho do engenheiro que me salvou das ruas. Passamos a conviver desde a adolescência. Era como um irmão para mim, mas o sentimento não era recíproco. Ele desenvolveu uma inveja doentia de mim, das minhas conquistas e da forma como seu pai me tratava. — meu velho parece tão triste. Eu me odeio mais por fazê-lo relembrar essa merda. — Ele planejou tudo, meticulosamente, e eu acreditei que Cassie me traíra. Resultado: eu a mandei embora grávida dos seus irmãos.

Porra. Ele nunca me contou essa história. Para mim e meus irmãos, nossos pais são loucamente apaixonados um pelo outro desde sempre e nunca imaginei, tenho certeza que os meninos também não, que passaram

por alguma dificuldade para ficarem juntos.

— Só voltamos a nos ver depois de dois anos. Seus irmãos já estavam com um ano e três meses. O maldito invejoso se uniu com o meio-irmão da sua mãe e eles aprontaram muito. Me fizeram ficar dois anos sem a mulher que amava e perdi muito dos meus filhos, porque fui arrogante e cego. Devia ter checado tudo, conversado com ela. Mas não fiz isso e magoei uma mulher que me amava tanto, que me perdoou, mesmo eu sabendo que não merecia seu perdão. — ele suspira. — Nós vencemos a muito custo. Enfim, o que quero lhe dizer é que, porra, você fez igual com Ella.

— Eu sei, pai. — digo baixinho. — Tem toda razão em estar puto comigo.

Seu braço passa por cima dos meus ombros e me puxa para perto.

— Sim, eu estou muito puto e chateado que tenha julgado e condenado a minha afilhada. Aflito que sua reação a tenha deixado vulnerável a ponto de ser sequestrada. — ele me encara firmemente. Meu velho nunca foi de adoçar a pílula. Ele sabe que errei feio e não vai passar a mão na minha cabeça. — Mas, com a minha experiência, se ainda havia alguém atrás de você ele atacaria, independentemente de você facilitar as coisas ou não. — bate em minhas costas. — Sua culpa se resume a forma como reagiu diante das supostas provas da traição de Ella. Não pode ser culpado por estar sendo perseguido por um fodido psicopata.

Ele rosna, então seus olhos arregalam, algo acendendo lá dentro.

— Oh, meu Deus! — exclama baixinho e se levanta. — Precisamos conversar com o agente Falconi, agora!

Eu me levanto rapidamente.

— O que foi, pai?

— Todo o tempo eu pensei que se tratava de alguém do seu passado,

Mike. — seu rosto está transtornado. — Mas, talvez, seja alguém do meu.

Enrugo a testa, sem entender.

— O que está dizendo?

— Carl Turner. — range os dentes.



CAPÍTULO DEZESSETE

Mike

Um dia se passou. Dois, três, quatro, e nenhum sinal de Ella. Reviramos Londres e os arredores do avesso e nada, nenhuma pista. Falconi checou o tal Carl Turner no presídio e descobrimos que faleceu semana passada. Parada cardíaca, conforme o informaram. Nunca na minha vida eu me senti tão perdido, com tanto medo. O que esse maldito psicopata quer de mim? E a pergunta que nos atormenta: quem é esse infeliz e por que está fazendo isso? Tio Leon, tia Júlia e Dam chegaram no mesmo dia em que ela foi levada. Max chegou no dia seguinte, junto com Lipe, Anna e minhas irmãs. Tio Dom também veio com a tia Helena de Nova Iorque. Minha casa se transformou em uma espécie de quartel-general, cheia de homens, tanto do Serviço Secreto, quanto dos seguranças cedidos por Isaac. Quando não estou na cola de Falconi, verificando alguma pista, eu me escondo em meu escritório para não ter que encarar os olhares acusadores do rei. A rainha se exaltou na sua chegada, Dam e Max também, mas, com o passar dos dias, foram suavizando comigo e percebendo que estou sofrendo como um condenado. Porém, meu tio ainda não está falando comigo. Meu velho me disse para deixá-lo quieto, que em seu lugar faria o mesmo. Afinal, eu deixei sua menina desprotegida.

Olho o prato de comida que a minha mãe trouxe para o escritório há

uma hora. Está frio e não tenho fome, de qualquer forma. Não tenho me alimentado desde que Ella se foi. Estou sobrevivendo de energético e uísque. Levo o copo à boca, notando que a minha mão está tremendo. Porra. Uma batida na porta me faz abaixar o copo para a mesa.

— Entre. — resmungo.

Falconi entra e anda até a frente da minha mesa. Seu nariz franzindo quando vê o copo de uísque quase seco, e em seguida o prato de comida intocado.

— Acha mesmo sábio não se alimentar, Alteza? — pergunta, descontente.

Eu bufo.

— Sua tarefa é encontrar Ella, agente, não ser a minha babá. — rosno.

Seu rosto fica duro, as narinas inflando.

— Ótimo. Se quer se matar antes de encontrar a princesa, continue assim, príncipe. — ele rosna de volta. O homem não tem noção de respeito, porra.

— Veio me trazer alguma novidade? Se não, me deixe sozinho, porra! — brado, completamente fora de mim.

Ele bufa de volta.

— Aquele seu amigo está aí fora querendo vê-lo. — diz com desgosto em seu tom.

— Daniel?

— Sim. — enruga o nariz. — Continuo não gostando desse cara. Ontem peguei um dos homens que nos enviou em uma ligação que considerei suspeita.

Tudo é suspeito para Falconi, e ele insiste nessa implicância com Daniel.

— Você encontrou alguma coisa quando checou meu amigo? — inquiro, levantando uma sobrancelha.

Suspira derrotado.

— Não. Nada. O homem está mais limpo que o céu em um dia de verão. — retruca sarcasticamente.

— Ótimo. Então não me encha com essa desconfiança infundada, agente.

— Me dê autorização para rastrear seus telefones, meu senhor, eu suplico. — Falconi insiste. — Depois disso, se não há mesmo nada de errado com esse homem, eu o deixarei em paz, tem a minha palavra.

Eu franzo a testa. Porra, isso é muita invasão de privacidade. Não é uma coisa que amigos fazem.

— Eu não farei isso com o meu amigo. — nego categórico. — Isso que está me pedindo é fodido, agente.

Seus ombros caem e ele faz uma reverência toda tensa.

— Entendido, Alteza. — diz sério. — Vou liberar a entrada de Slatam.

Sai e em seguida, Daniel entra na sala. Seus olhos ampliam um pouco, obviamente assustado com a minha aparência. Eu pareço um espantalho nesses dias.

— Olá, Mike. — diz em tom tenso. — Pelo visto, ainda está fazendo greve de fome, amigo?

Eu bufo, indicando-lhe uma das cadeiras à frente da mesa. Ele acomoda-se. Daniel tem me visitado religiosamente todos os dias e ligado várias vezes desde que soube do sequestro de Ella. Ele me ofereceu um grande contingente de homens que fazem a sua segurança também e isso me mostrou que é leal. Não consigo entender essa implicância do agente Falconi. Daniel é um homem de bem, tenho certeza.

— Não tenho fome, isso é tudo. — resmungo.

— Posso me servir uma bebida? — aponta o meu copo vazio. — Quer mais uma, amigo? — aceno. Ele pega o copo e segue para o bar, ficando de costas ao preparar os drinques. Eu pisco, sentindo-me fraco pra caralho. — Então, lembra daquela putinha que lhe falei no começo da semana? Porra, que boceta apertada. — ele geme acintosamente. Eu meio que rosno.

— Não estou no clima para ouvir suas peripécias com a nova sub, cara. — ranjo.

Ele dá uma risada estranha.

— Uma pena, amigo. Eu realmente tenho muita coisa para contar... É tão apertada que sangrou a primeira vez que tomou o meu pau. — meio que rosna. — Mas vai se acostumar, porque ela não está indo a lugar nenhum. É minha escrava. Decidi que vou mantê-la. É minha, para sempre.

A forma como está falando dessa sub em particular me incomoda. Daniel é um Dom muito duro. Já o vi muitas vezes tirar sangue de suas subs em demonstrações, tudo consensual, claro. Mas agora, ouvir esse relato me irrita e eu quero bater nele por estar se vangloriando de tirar sangue de uma mulher. Deus, estou todo fodido e ranzinza. Não quero ver ninguém, devia ter instruído Falconi a não o deixar entrar. Ele volta com as bebidas e se senta, entregando-me o meu copo.

— Certo. Sem conversa fiada. — diz, parecendo culpado pelos comentários fora de hora. — Nada de concreto ainda, amigo?

Suspiro longamente e tomo um gole grande sob seu olhar atento.

— Nada. — minha voz é um fio dolorido.

— Porra. Não é normal em casos de sequestro, Mike. — ele franze o cenho. — Esse seu inimigo realmente te odeia, amigo. Nunca vi nada

parecido.

— Sim, é uma situação estranha. — digo, virando o copo todo.

— Ei, ei! Vai com calma, porra. — ele toma o copo das minhas mãos. — Precisa estar sóbrio, Mike. E precisa se alimentar, caralho! Precisa estar forte para quando encontrar sua princesa, cara.

Eu arfo, sentindo uma queimação no estômago. O ar de repente ficando escasso.

— Estou com tanto medo. — balbucio rouco, então eu quebro, chorando e soluçando copiosamente. — Onde está a minha menina? Quem a levou?

Daniel contorna a mesa e em vez de tocar meu ombro como fez nas outras vezes, ele apenas me olha. Tento puxar uma respiração, mas não encontro ar. A dor absurda se espalha em meu abdome e eu me encolho, trazendo as mãos para essa região.

— A-lgo está errado comigo. — digo com dificuldade, minha garganta se fechando, então entro em pânico. — Chhame meus p-pais, por favor! — forço-me a falar. Minha língua está enrolando. É uma sensação assustadora como o inferno.

— O quê? Eu não estou lhe entendendo, cara. — ele diz, ainda não fazendo nada para me amparar. Eu tombo da cadeira, caindo pesadamente no chão. Meu rosto perto do seu sapato lustroso. Meus olhos estão secos, mas ainda consigo ver o rosto dele. Ele está sorrindo? Pisco, vendo tudo embaçado. Estou tendo alucinações? Porque sim, Daniel está sorrindo. — Em que posso ajudá-lo, meu velho amigo? — seu tom parece jocoso também.

Que porra é essa? Eu fecho os olhos, sentindo uma força descomunal me arrastar para as profundezas. Antes de perder a consciência, ouço a voz da minha mãe. Ela está gritando para alguém vir ajudar. Então, fica tudo

escuro como breu.

****

Abro os olhos, sentindo minha garganta seca e observo ao redor, mantendo os olhos apertados pela iluminação batendo em meu rosto.

— Você está em um hospital, primo. — a voz de Dam me faz virar a cabeça de lado. Ele está em pé perto da janela, as persianas abertas. Seu rosto está tenso e um pouco mais magro também. — Esteve desacordado por dois dias por orientação médica. Estava muito fraco, precisava ser alimentado e hidratado.

— Onde estão meus pais? — pergunto, sentindo-me muito melhor do que há dois dias. Sento-me na cama, bufando para a intravenosa em meu braço esquerdo.

— Tia Cassie dormiu aqui, mas saiu há pouco para estar com a minha mãe.

A forma como diz isso me deixa em alerta.

— Alguma notícia? — minha voz falha no final.

Ele me olha, a veia em sua testa ficando pronunciada, seus olhos enchendo de lágrimas.

— O sequestrador entrou em contato ontem.

— E o que o maldito falou? — peço, rangendo os dentes.

Uma expressão que nunca vi antes toma seu rosto.

— A pessoa avisou que Ella... — sua voz treme. — Que *mia sorella* estava morta.

Todo o meu sangue foge do corpo, deixando-me gelado.

— Não. — eu gemo, sentindo-me morrer, minha visão ficando turva. — Não, Deus, não!

— A polícia nos contatou há duas horas. — ofega e trinca os dentes. — Eles encontraram um corpo com as características dela.

— Não. — repito. Dor aguda rasgando-me ao meio.

— Você precisa ser forte, Mike. Nós precisamos ser fortes para passarmos por isso. — suas face são banhadas com lágrimas. Nunca, em toda a minha vida, vi Dam chorar assim, abertamente. Não na idade adulta, pelo menos. — Meu pai, tio Jay e tio Dom foram ao IML e fizeram o reconhecimento. — faz uma pausa cheia de significado e acrescenta num sussurro: — É a *nostra* Ella, primo.

Então, eu morro de vez.

— Não! — arranco a intravenosa bruscamente do meu braço, sangue espirrando da veia. — Ella! Não, não! Ellaaaaaaaaa!

Eu berro a plenos pulmões, pulando para o chão. Fico cego pela dor e chuto tudo que encontro pela frente. Cama, cadeiras, sofás. Arranco o colchão e o jogo no chão. Atiro o suporte do soro nas janelas e vidro estilhaça para todo lado, fazendo um barulho alto. Ofegando sem ar, caio de joelhos no chão. O desespero, a dor agonizante e dilacerante de saber que a mulher que você ama com todo o seu coração não está mais aqui. Que você nunca mais verá o seu lindo rosto. Nunca mais sentirá a maciez da sua pele, o seu cheiro único. Nunca mais olhará dentro dos olhos mais verdes e lindos que já existiram. Nunca mais ouvirá seus sussurros de amor enquanto estava dentro dela. Meu peito dói tanto que levanto a mão e o seguro, apertando minha carne. Um soluço cheio de desesperança me escapa.

— Ella... — me enrolo no chão. — Boneca...

Choro e choro, lamentando as ações que me trouxeram até aqui. Depois de um tempo, meus olhos estão secos enquanto soluços pequenos e dolorosos deixam a minha boca. O chão está frio, mas minha mente não está processando isso. Não estou processando nada ao meu redor. Nada

mais me importa. Sei, com toda certeza, que nunca vou me recuperar dessa dor. Sem ela estou morto também.

É assim que me sinto.

Morto.

Um braço passa por cima dos meus ombros e me puxa para cima. Penso que é Dam, mas encontro os olhos castanhos de Daniel quando levanto a cabeça. Só agora percebo que também estava no quarto.

— Eu sinto muito, meu amigo. — lamenta com os olhos lacrimosos. — Pedi tanto a Deus que mantivesse sua menina a salvo.

Eu o olho, lembrando-me que estava sorrindo quando apaguei em minha casa há dois dias. Foi uma alucinação? Confusão se instala em mim, porque ele está aqui, demonstrando seu apoio como se nada daquilo tivesse acontecido. Decido não lhe perguntar nada. Não, eu não tenho forças agora. Nada mais me importa.

— Não consigo sequer imaginar a dor que está sentindo agora. — ele continua, confortando-me como um bom amigo.

Dam está nos observando com sua postura inflexível, apenas os olhos vermelhos denunciam sua dor.

— Minha culpa. — balbucio. — Minha culpa.

— Não. Como podia saber, Mike? Como, se a moça das fotos e do vídeo estava usando as roupas e aquela pulseira exclusiva da princesa? — Daniel rebate firmemente.

Em meio à minha dor e loucura, eu paro e absorvo suas palavras. E gelo novamente. Não me recordo de lhe dizer que a garota estava usando as coisas de Ella, muito menos a pulseira exclusiva. Puxo na memória e nada. Não, eu não lhe disse muitos detalhes. Meu olhar cruza com o de Dam e vejo algo cintilar rapidamente como se estivesse me alertando. Sobre o quê? Pergunto-me, confuso, devastado. Entretanto, não verbalizo nada

disso, mantenho-me quieto e me deixo ser confortado pelo meu suposto e devotado amigo. Embora, desconfiança começa a rastejar para dentro de mim. Eu acho que é hora de dar autorização a Falconi para invadir o telefone de Daniel.

No dia seguinte, eu recebo alta e quando chego em casa, tranco-me em meu quarto. Quero estar mais perto de Ella, sentindo seu cheiro que é quase inexistente agora. Minha mãe vem me ver. Meu pai em seguida. As gêmeas, os gêmeos. Max, Lipe. Tio Dom e tia Helena, ele tentando ser espirituoso, mas a tristeza está nos rostos de todos nós, não dá para mandá-la embora. No meu caso, ela nunca irá embora. Até mesmo o rei e a rainha estiveram aqui e trocamos meia dúzia de palavras tensas. Ele ainda está magoado. O porta-voz do palácio anunciou ontem formalmente a morte da princesa e o funeral em Ardócia para o final da semana. A imprensa mundial está enlouquecida. Fotos minhas deixando o hospital, cabisbaixo, arrasado sendo amparado pelos meus pais estão circulando ao lado de outras minhas e dela, juntos e felizes. Eu não suporto mais ver essa merda. A única notícia boa que recebemos é que Lorenzo está fora de perigo, respondendo bem à cirurgia. Graças a Deus.

Exalo baixinho e olho o rosto lindo e sorridente no quadro que coloquei sobre a nossa cama. Minha mãe fez isso para mim e eu o pendurei hoje. Enfio as mãos nos bolsos da calça do pijama e me perco no tempo, olhando cada detalhe do rosto perfeito de Ella. Eu me sinto estranhamente calmo. Desconfio que Dam pediu para injetarem algum calmante em meu sistema. Não estou no meu estado normal, sinto isso. Era para eu estar gritando, chutando, mas não estou. Só me sinto oco, um vazio que não tem tamanho dentro de mim.

— Nunca haverá outra para mim. — sussurro-lhe, meu coração uma ferida aberta, meus olhos enchendo de lágrimas. Estou estraçalhado. É doloroso até respirar aqui dentro, onde fomos tão felizes. Mas, ao mesmo tempo, não há outro lugar que eu queira estar. Aqui me sinto mais perto

dela. — Eu juro que vou pegar o infeliz que a levou e então, vou me juntar a você, meu amor. Eu me recuso a viver em um mundo onde você não está mais.

Um ofego me sobressalta e olho para trás, vendo Anna parada na porta.

— Não a ouvi batendo, Anna. — resmungo.

Ela entra e fica ao meu lado, olhando o quadro. Ficamos em silêncio por um tempo, apenas olhando a nossa menina.

— É ainda tão difícil de acreditar, Mike. — sua voz é embargada. — Mas não faça o que o ouvi dizendo, primo. Há uma família que te ama e o apoiará. Sempre.

Olho de lado, vendo seu rosto bonito geralmente alegre, todo banhado de lágrimas agora. Ela sempre foi muito próxima de Ella. Imagino o quanto deve estar sofrendo também. Abro os braços e ela vem em silêncio. Nós nos abraçamos e choramos os dois. Algum tempo depois, eu me afasto um pouco para encará-la.

— Eu não posso viver sem ela, Anna. — minha voz racha.

Seus olhos suavizam com empatia. Ela sabe bem o que é perder um amor.

— Eu sei, primo. — soluça baixinho. — Eu sei o quanto dói.

Eu limpo seu rosto com delicadeza. Ela faz o mesmo comigo.

— Como conseguiu se reerguer depois de...

— Depois da morte de Nate? — pergunta, fungando. — Pode falar o nome dele, Mike. Eu já passei dessa fase. Como me reergui? — um sorriso melancólico, doloroso, cruza seu rosto. — Ele me pediu para seguir em frente e viver por nós dois. Eu não posso desapontar aquele garoto. Eu me levanto todos os dias e penso em seu pedido, então eu vivo. — seus olhos verdes nadam em lágrimas de novo. — Vivo intensamente como meu

amor me pediu.

Aceno e a beijo na têmpora.

— No meu caso, não há outra opção. — murmuro, voltando a encarar os olhos verdes luminosos no quadro. — Vou encontrar a minha menina tão logo tudo isso se resolva.

— Oh, meu Deus! Por favor, não fale isso. — pede chorosa e franze um pouco a testa. — Por que está falando em tirar a própria vida e ao mesmo tempo está parecendo tão calmo?

Eu bufo.

— Acho que Dam mandou aplicarem alguma merda calmante em mim. Ele sabe bem como eu reagiria.

Ela quase sorri.

— Típico do futuro rei tomar decisões assim, hein? — diz com um pouco da sua irreverência. — Na verdade, me ofereci para trazer um recado dele e do agente Falconi. Eles o estão aguardando no escritório.

Eu rosno.

— Diga-lhes que não quero ver ninguém agora. Quero ficar aqui, com Ella.

— Eu acho que é sério, primo. — emenda diante da minha reação. — Por favor, saia um pouco daqui. Ficar assim não lhe fará nenhum bem.

— Nunca mais estarei bem, Anna. — minha voz embarga. — Nunca mais.

Ela engole audivelmente e se estica na ponta dos pés, dando-me um beijo afetuoso na bochecha.

— Deve ir lá conversar com eles. — insiste. — Parece que Paolo de Montessola fez um acordo. Ouvi meu pai falando com tio Leon e tio Jay ainda há pouco.

Isso tem minha total atenção. O que o duquezinho de merda tem para falar?

— Porra. — rosno. — Diga-lhes que já estou indo. Vou apenas colocar uma camisa.

Quando entro no escritório alguns minutos depois, vejo que meu pai e tios estão lá também, além de Dam, Falconi e Harry.

— Filho, venha, sente-se conosco. — meu velho me chama, batendo no sofá ao seu lado. — Temos muitas coisas para discutir.

Eu vou, inclinando o queixo para cada um enquanto passo por eles, indo me acomodar ao lado de meu pai. Falconi e Harry mantém-se de pé, vigilantes. Acho que por força do hábito.

— Como se sente, primo? — Dam inquire quando o encaro.

Estreito meus olhos nele, tendo a certeza que sim, o idiota me dopou.

— Muito calmo para o meu gosto, primo. — ranjo os dentes.

Ele bufa de volta.

— Precisávamos de você bem calmo, sem correrrmos o risco de destruir tudo pela frente como fez no quarto do hospital. — seu semblante fica ainda mais sério. — O agente Falconi tem algumas coisas para compartilhar conosco.

Dirijo minha atenção para o agente, que se endireita, limpando um pouco a garganta.

— Antes de mais nada, o senhor foi envenenado, Alteza. — manda a queima-roupa e eu arregalo os olhos em choque.

— O quê?! — eu e os outros exclamamos.

— *Si,* recolhi o copo que tomou uísque na noite em que passou mal e foi levado às pressas para o hospital. Percebi sinais de envenenamento na sua reação. Estava muito fraco pela falta de alimentação e hidratação, mas

nada justifica aquele colapso. — emenda e eu pisco, aturdido. — Disse ao médico que tinha ingerido substância tóxica e ele fez uma lavagem estomacal imediatamente.

Envenenado? Que porra é essa? Então, entendimento me bate como um soco potente. Daniel. Porra! Daniel preparou meu drinque naquela noite. Caralho, não.

— É um tipo de veneno raro, não aparece em exames comuns de laboratórios. Enviei o copo para a nossa sede em Ardócia e recebi o resultado hoje de manhã. — todos na sala estão lançando expressões incrédulas.

— Envenenado?! Meu filho envenenado dentro da própria casa? — meu pai range.

— Assim como *mia bambina* foi levada de dentro dessa mesma casa, irmão. — o rei retruca.

Meu pai fica tenso, mas não rebate, não diz nada para atiçar o irmão. Ele tem agido diplomaticamente nesses dias. Quem diria, meu velho, que normalmente é tão estourado quanto eu, sendo diplomático? A ocasião faz o monge, já diz o provérbio popular.

— Daniel. — murmuro quase para mim mesmo, o gosto da traição deixando a minha boca amarga. — Ele queria me matar?

Falconi nega com a cabeça.

— Não. A dose foi pequena para levar à morte, mas grande o suficiente para causar danos permanentes ao sistema nervoso, se não fosse socorrido a tempo. — porra! Ele me encara seriamente. — Pesquisei sobre o veneno. Sua ação é rápida, deixando a pessoa que o ingeriu em estado vegetativo. É uma nova composição de uma droga muito usada nos campos de concentração nazistas.

Meu. Santo. Deus! Nazistas? Eu me levanto, não conseguindo ficar

sentado diante de tanta informação. Agora faz sentido ele não mover uma palha para me ajudar. Ele queria que eu não fosse socorrido a tempo. Por quê? O que ele tem a ver com esse meu inimigo misterioso?

— Dependendo da situação, eles a usavam para debilitar seus inimigos permanentemente, como uma espécie de castigo que consideravam pior que a morte. É preocupante que seu amigo tenha acesso a esse tipo de droga.

Eu rosno.

— É preocupante que meu suposto amigo do caralho tenha usado essa merda em mim, porra!

— Santa Mãe de Deus! — meu pai exclama.

— Jesus Cristo, Mike! — tio Dom exala baixo. — O que você fez para esse cara, filho?

— Eu não sei, tio. — meus ombros caem. — Não tenho nenhuma porra de pista do que possa ter feito. — volto a atenção para Falconi. — O que mais descobriu? Será que ele ajudou essa pessoa misteriosa do caralho no sequestro de Ella? O que viu nas ligações telefônicas? — eu o bombardeio com perguntas.

Falconi abana a cabeça.

— Daniel está limpo, Alteza. — torce a boca ironicamente. — Imaculadamente limpo. Pelo menos, até onde consegui chegar.

— O que quer dizer, agente? Não nos mate de curiosidade, *cáspita!* — Dam irrompe.

— Não encontrei nada suspeito nas linhas convencionais. Mas, a boa notícia é que descobri duas linhas privadas. A má é que essas estão muito protegidas e não consegui penetrar. Contatei mais um dos nossos especialistas em invasão de rede em Ardócia e ele já está trabalhando nisso. — e por especialista em invasão de rede, leia-se *hacker*. Mas é claro

que o Serviço Secreto não usaria esse termo para seus agentes. — Vamos acessar as contas bancárias também. — viram? Eu não me importo mais, no entanto. Se o filho da puta do Daniel ousou me ferrar, receberá muito mais do que as suas contas invadidas, podem ter certeza disso. — Eu poderia ter parado se não tivesse constado seu escorregão com o veneno. Ele nos subestimou confiando que a fórmula sofisticada da droga não seria detectada facilmente nos exames e esse foi seu segundo erro.

— Qual foi o primeiro? — tio Leon indaga.

Uma expressão arrogante toma o rosto de Falconi.

— O primeiro foi achar que não cometeria erros, majestade. — diz respeitosamente. — Não há crime perfeito. Estamos perto de desvendar cada ponto dessa armadilha, acreditem.

Meu tio assente. Ele já despediu o chefão do Serviço Secreto pelo erro cometido ao declarar Paolo como único culpado. Bem, não demitiu, na verdade, ele o forçou a uma aposentadoria sem as honrarias normais de sua patente. Falconi está no comando das coisas até segunda ordem.

— Responda à minha pergunta, agente. — eu o olho fixamente. — Acha que Daniel está metido nisso?

Ele acena.

— O jovem Montessola fez um acordo em troca da anistia do rei, meu senhor. — ele me informa. — Ele revelou que descobriu a identidade da mulher que o contatou. A mulher usou seu despeito com vossa Alteza e a princesa, incitando-o a plantar a notícia na mídia.

— A mulher? — indago, confuso.

— *Si,* uma mulher. Tudo indica que temos um casal como mentor dos ataques. Um retrato falado foi feito conforme a descrição de Paolo. — ele puxa um envelope do bolso e retira uma folha de dentro. Choque me toma quando vejo o rosto familiar da morena bonita.

— Porra! — raspo, pegando o papel, examinando atentamente. É *ela*, não tenho dúvidas. Maldita piranha! — E do homem? Tem algum retrato falado?

— Não. — meneia a cabeça, fazendo uma carranca. — Ele é muito cuidadoso, nunca se mostrou para Montessola. Mas isso não é tudo, Alteza. Paolo se envolveu sexualmente com a mulher e em uma noite de bebedeira, ela apagou e o jovem aproveitou para investigar seus pertences, pois, de acordo com seu relato, já estava desconfiado dela e sabia que tinha dado um mau passo fazendo o contato com Angliotti. — a sala está toda em silêncio, ouvindo-o. — Ele encontrou vários passaportes com nomes diferentes, inclusive um, cujo nome me chamou a atenção.

— Qual nome? — Dam rosna, frustrado.

— Luciane Edwards, Alteza. — Falconi responde, virando-se para Dam.

Eu junto as sobrancelhas, confuso no primeiro momento, então, o nome afunda em mim. Luciane. Porra, a irmã de Tony!

— O quê?! — balbucio. — Você não me disse que ela e Tony estavam mortos?

Ele range os dentes, mostrando sua frustração com esse maldito jogo de charada.

— Eu pensei que *si*, príncipe Mike. Chequei tudo, a família da menina, o ano em que o incêndio aconteceu. Tudo batia. A quantidade de corpos encontrados. Os laudos dos legistas constavam que os irmãos haviam morrido. — ele me encara com uma expressão que me deixa de cabelos em pé. — Mas agora acredito que como sua irmã, Antony Edwards continua vivendo em Londres, sob outra identidade.

Cristo! E as surpresas não param nessa história. Até os mortos estão ressuscitando.

— O senhor me perguntou se acho que Daniel está fazendo parte disso? Antes era apenas a minha intuição, agora são os pontos que estão sendo ligados pouco a pouco. Estou apostando todas as minhas fichas que Tony deu um jeito de fazer parte da sua vida novamente, ganhar sua confiança, atendendo pelo nome de... — ele para, fazendo um efeito dramático do caralho e ouço Dam rosnar. — Daniel Slatam.

Santa Mãe. Sua suspeita é como um soco no meu queixo, deixando-me sem fôlego, nocauteando-me. Não, Deus. Sinto a facada entrar mais profundo em minhas costas. Daniel era o meu inimigo esse tempo todo? Meu fodido amigo leal, meu maldito padrinho de casamento? Crispo meus punhos. Então eu paro, bile subindo à minha garganta, horror absoluto me enchendo. Oh, meu Deus, quando se vangloriou da nova sub estava falando de Ella? Agonia me enche. Aquele maldito bastardo estava se aproveitando da minha menina? Não, Deus, não! Eu vou matá-lo! Lágrimas de puro ódio. Lágrimas de vingança ardem em meus olhos. Eu vou arrancar o seu couro. Todo o seu fodido couro, sem nenhum remorso!

— Algo não está batendo... Daniel é muito rico. — Dam range os dentes. Ele está tão puto quanto eu. — Tony era apenas um bandidinho de rua... — encara o agente. — De onde veio tanto dinheiro?

Ele franze o nariz e eu sei que ainda não temos a resposta para isso.

— Não me atentei para a questão quando chequei Carl Turner no começo da semana, Alteza. Mas o presídio onde Antony cumpriu pena quando atingiu a maioridade é o mesmo em que o ex-sócio do príncipe Jayden esteve preso até a sua morte, há uma ssemana.

— Então, o que está querendo dizer, agente? — meu pai pergunta interessado, refletindo meus pensamentos.

— Minha teoria é que Turner pode ter tomado Tony sob a sua tutela e alimentado qualquer que fosse o sentimento de vingança que o jovem sem rumo tinha contra o príncipe Mike. — ele nos encara um a um. — Essa é a

teoria mais consistente para explicar toda a fortuna acumulada por Daniel, no caso de ele ser realmente Antony Edwards.

— Filhos da puta! — meu pai range, levantando-se também. — Então, mesmo preso, aquele monte de merda do Carl pode ter estado tramando contra a minha família? Eu devia ter matado o infeliz quando tive a chance! — brada com uma ira palpável.

— Por enquanto são apenas teorias, meus senhores. — Falconi adiciona em tom apaziguador. — Espero ter algo mais concreto até o final da tarde.

Acenamos. Minha mente já está longe, tentando lembrar de como foi o meu primeiro contato com Tony/Daniel e sua irmã na vida adulta.

— E quanto aos assassinatos de Celina e Angliotti? — o rei interroga.

— De acordo com Montessola, Luciane os matou. Celina era amante de Paolo desde muito jovem.

Eu bufo. Bem que desconfiei pela reação dele quando o acusei de matá-la. O infeliz parecia sentido.

— Ainda de acordo com Paolo, ele chegou à casa de Celina e encontrou a assassina lá, bebendo o sangue da moça. — nova onda de palavrões e expressões horrorizadas soam entre nós. Bebendo sangue? — Luciane usou essa morte como um recado a Paolo para que não ousasse dar com a língua nos dentes.

— Que porra mais bizarra é essa? Estamos lidando com uma mulher vampira? — tio Dom bufa.

— Celina foi obrigada a escrever a carta onde assumia a culpa pela propagação da calúnia e uma paixão que nunca existiu pelo príncipe Mike.

Exalo, sentindo-me péssimo que a moça tenha morrido por minha causa, de alguma forma.

— Quanto a Fabio Angliotti, conforme o relato do duque, o jornalista

ficou muito ambicioso. — faz-se silêncio novamente, todos esperando o desfecho tenebroso que conferi em primeira-mão quando entrei naquele quarto de hotel. — Ele se envolveu com a assassina também e acabou descobrindo mais coisas além dos passaportes. Mas, ao contrário de Paolo, não se manteve calado, o homem passou a ameaçar Luciane exigindo uma grande soma em dinheiro. Como pagamento, teve sua garganta cortada.

— Ligou para mim também. Com certeza ia pedir dinheiro para revelar suas descobertas, mas já o encontrei morto naquele quarto de hotel. — adiciono e meu pai rosna, descontente.

— Você é tão teimoso, porra. — ele me repreende.

— Porra, eu não tenho mais idade para isso, irmãos. — tio Dom torna a falar. — Nem vocês.

Meu pai e tio Leon apenas rosnam de volta para o irmão.

— Quando teremos notícias do tal especialista em invasão de rede? — questiono, não aguentando mais de tanta tensão e vontade de esclarecer tudo.

— Ainda hoje saberemos quem é Daniel Slatam e todos os seus contatos nos últimos anos serão escancarados, Alteza. Eu prometo.

Eu aceno. Queria sentir alguma satisfação por estarmos vendo uma luz no fim do túnel. Mas já não posso sentir nada.

— Obrigado por tudo, agente. Vou voltar para o meu quarto agora. — digo, já me dirigindo para a porta.

— Ainda há mais, meu senhor. — a voz de Falconi me faz parar e eu me viro devagar, soltando uma respiração exasperada. Será que não entende que não quero estar perto de ninguém? Que só preciso voltar para o quarto e ver pelo menos as coisas da minha menina? Seus olhos fixam nos meus, então ele diz as palavras que fazem meu coração morto saltar vertiginosamente: — A princesa não está morta.

Oh, Deus! Eu resfolego, sentindo o sopro da vida entrar em mim novamente e me apoio na porta, minhas pernas fracas. Ele disse mesmo o que acabei de ouvir?

— C-como? — minha voz treme e meus olhos ardem com lágrimas frescas.

— Ella não está morta, primo. — Dam entra na conversa, vindo para a frente, chegando perto de mim. — É tudo parte de uma encenação que o agente Falconi nos orientou a fazer. O *maledeto* que a levou esteve brincando conosco o tempo todo, atacando e recuando, nos fazendo acreditar que o perigo já tinha passado. Estamos fazendo a mesma coisa com ele agora. Para todos os efeitos, aceitamos que ela está morta e encerramos as buscas.

— Porra! — ranjo os dentes e lanço um olhar mortal para o agente, que parece um pouco receoso e recua um passo. — Me dê uma razão para não arrebentar a sua cara, agente Falconi! Como ousa? — minha voz racha em soluços. — Eu quis morrer. Estava planejando... Me juntar a ela.... — engasgo.

— Sim, filho e é por isso que o dopamos. Você teve um colapso logo após Dam lhe dar a notícia. Ficava repetindo isso mais e mais... — meu pai diz com voz tremente e eu olho, só agora percebendo o quanto foi doloroso para ele me ouvir dizendo isso. — Não podíamos arriscar perdê-lo.

— Sinto muito, pai. — murmuro, cheio de pesar. Então puxo uma respiração aguda. — Oh, meu Deus... Ella está viva? A minha menina está viva?

Eu rio e choro ao mesmo tempo, não me importando em manter a porra do orgulho masculino na frente deles. Ella está viva! Minha preciosa menina está viva. *Aguente firme, meu amor. Vou buscar você, bonequinha. Vou encontrá-la, eu prometo.*

Ando para junto dos homens de novo, energia voltando em meu corpo antes desalentado. Esperança enchendo meus pulmões de ar, fazendo meu sangue correr violentamente nas veias. Vou voltar a me alimentar corretamente, treinar artes marciais combinadas e tiros ao alvo com o agente Falconi, Harry e Dam.

— Estou retomando o meu posto. Nós vamos encontrá-la. — encaro tio Leon, que está me olhando parecendo um pouco emocionado. Digo-lhe solenemente: — Vou trazer a nossa princesa de volta, ou morrerei tentando, tio.



CAPÍTULO DEZOITO

Antonella

Uma semana antes...

Um soluço baixo me escapa. Não quero fazer escândalo e atrair a atenção deles de volta para mim. Ele me jogaram aqui ainda inconsciente e não me lembro de nada do trajeto. Não sei aonde estou ou quanto tempo se passou, por que não há janelas. Não dá para saber se está claro ou escuro lá fora. A maçaneta da porta do cubículo em que me jogaram, gira e eu me encolho na cama. Meus pulsos estão contidos. Eu acho que depois da surra que dei naquela cadela, eles não vão me deixar livre. O ar aqui é úmido e quando damos pancadas na parede o som é uniforme, maciço. Há grandes chances de estarmos no subterrâneo. Olho em volta, minha mente começando a funcionar com clareza agora que o efeito da droga que o *maledeto* injetou em mim já passou. Não há mais nada no pequeno espaço além da cama e um banheiro minúsculo no canto. Eu me preparo para encarar o próprio traidor quando a porta se abre, mas não é ele e nem a vadia que o ajudou. Meus olhos arregalam e escárnio me enche ao ver mais uma *puttana* desfilar para dentro.

Dio mio. O que está acontecendo? Como não desconfiamos desses bandidos tão perto de nós? Meu peito dói ao lembrar como Mike se deixou enganar por eles. O psicopata contou em detalhes como montou as fotos e

vídeo com uma garota muito parecida comigo. E agora sei o destino da minha pulseira também. A outra vaca a tirou de mim na noite em que fomos ao clube. Toda aquela confusão com o conde foi apenas uma encenação. Tudo relacionado ao conde foi planejado para deixar Mike insano de ciúme e ele caiu como um patinho. Embora saiba que tudo foi armado, ainda estou muito magoada. Ele não tinha o direito de duvidar de mim e sair de casa sem me dizer uma *maledeta* palavra.

Ela chega bem perto da cama e me olha nos olhos. Pensei que veria um sorriso de desdém em sua cara de vaca, mas não. Não está sorrindo. Está estranhamente séria, parecendo em guerra consigo mesma.

— *Ele* quer você. — ela me diz com voz monótona e retira uma seringa do bolso da sua jaqueta. — Vou ajudá-la a tomar um banho e prepará-la para o jantar com o Mestre.

Isso me irrita.

— Aquele filho da puta não é o meu Mestre e nunca será! — sibilo. — E você é uma cadela da pior espécie!

Ela recua um passo e para a minha surpresa, cai na gargalhada.

— Você engana bem com esse rostinho angelical de princesa. Eu vi o estrago que fez na cara da aberração que gosta de sangue. Mike lhe ensinou bem, não foi? — suas palavras me intrigam. Ela não está junto com a outra vaca?

— Gosta de sangue? — franzo a testa e então me recordo da outra vaca berrando que ia beber o meu sangue em breve. Medo desliza em minha coluna.

A vadia na minha frente ri mais, vendo meu medo.

— Eu, no seu lugar, ficaria pianinho, querida. — seu tom endurece e seus olhos castanhos soltam faíscas para mim. — Ninguém aqui morre de amores por você. A vampira sem noção está salivando para sangrar esse

lindo pescoço porque Mike prefere você. *Ele*... — sorri lento e sinistro. — *Ele* quer trepar com o seu traseiro Real até que não possa andar.

Horror me enche, as promessas nojentas daquele infeliz voltando em minha cabeça. Não! *Dio,* não. Eu prefiro morrer a ter outro homem dentro de mim. Fecho os olhos e rogo em silêncio. Mike, venha me buscar, *amore mio. Per favore,* venha me procurar. Não permita que o monstro lá fora me faça mais nenhum mal.

— E eu. — meio que rosna. — Poderia me aproveitar disso tudo e me livrar de uma vez por todas de você. Mike ficaria livre para mim. Com o tempo ele cederia... — eu ofego, raiva me cegando. Ela sorri, gostando de estar por cima agora. — É homem e já sabe como sei agradá-lo no sexo. Se soubesse como ele gozava forte em nossas sessões.

Eu puxo as algemas, o metal machucando minha carne. Mas não me importo.

— Você vai morrer seca esperando, *puttana!* Meu pai já deve ter acionando o Serviço Secreto. — minha voz treme tanto de raiva quanto de medo. — Mike virá me procurar. Ele não vai parar até me encontrar.

— O seu precioso Mike foi quem a colocou aqui. — cantarola e eu me encolho porque ela não deixa de ter razão. — Os homens são idiotas cegos quando estão com ciúme. E o seu é mil vezes mais doente por você. — meio que bufa. *Si,* Mike com sua truculência, seu estúpido ciúme irracional. *Dio,* como pôde ser tão burro?

Ela olha em volta, como se estivesse checando algo e retira a tampa da seringa. Estou a ponto de implorar para não me aplicar mais nenhuma droga quando me surpreende indo até o banheiro. Depois de uns segundos, volta com a seringa vazia e se aproxima de novo. — Não vai se livrar da picada ou seremos descobertas, princesa. — pega meu braço e esfrega um chumaço de algodão embebido em álcool, então enfia a agulha em seguida.

Eu trinco os dentes com a picada, recusando-me a passar a imagem da princesinha frágil e vencida.

— O que significa isso? — ofego quando puxa a agulha e massageia o algodão no lugar. É muito melhor do que a forma que o traidor injetou a droga em mim antes, no entanto. Estreito meus olhos sobre ela, tentando entender o que está acontecendo. — Você está... Me ajudando? Não está com os bandidos lá fora?

Ela crava os olhos castanhos em mim em silêncio.

— Como eu disse, poderia aproveitar essa oportunidade e me livrar de você. — diz com os olhos faiscando. — Eu amo o seu homem. Sou louca por ele, e enquanto você existir Mike não terá olhos para outras.

— Cadela! — cuspo, rangendo os dentes. — Vou arrancar os seus olhos, *puttana!*

Ela bufa, rolando os olhos.

— Cale a boca e baixe a sua bola, porra! — rosna. — Eu disse que poderia, mas não vou.

— Por quê? — rosno de volta.

— Eu não sou a mocinha dessa história, mas também não sou a vilã, princesa. — sua voz tem um toque de tristeza agora. — Não seria capaz de conviver comigo mesma se eu deixasse aquele monte de lixo lá fora estuprar mais uma garota inocente.

Suas palavras me fazem parar e olhá-la sob um novo prisma. Quem é essa mulher? Eu me pergunto, cada vez mais confusa.

— Mais uma garota? — pergunto.

Ela cobre a agulha e enfia a seringa no bolso da jaqueta novamente.

— Você não tem ideia de onde se meteu. — ela me olha com uma expressão quase de empatia. — Nem você e nem Mike tinham qualquer

chance contra aquele psicopata lá fora.

Sua abertura me oferece uma ínfima centelha de esperança. Talvez nem tudo esteja perdido.

— Quem é você? — não consigo evitar a pergunta.

Ela me encara fixamente.

— Eu acho que é melhor lhe contar quem é *ele*. — inclina o queixo em direção ao andar de cima. — Sua principal fonte de renda é o tráfico de jovens e belas mulheres para monstros nojentos como ele, mas que pagam verdadeiras fortunas para ter uma escrava a seu dispor.

Oh, Dio mio... Meu sangue gela, porque foi isso que o infeliz disse antes de me apagar. Disse que me venderia no mercado negro quando se cansasse de mim. Naquele momento, pensei que era uma ameaça vazia apenas para me assustar ainda mais.

— Sim, esse é o castigo que ele quer infligir ao Mike, enviá-la para longe, onde nunca poderá ser encontrada.

Ela completa e lágrimas frescas enchem meus olhos. Não posso acreditar que esse é o meu fim. Meu pai já deve ter acionado as buscas. Mike não vai me deixar aqui para sofrer um destino tão sombrio quanto o que esta mulher está me dizendo. Ele não vai descansar até me encontrar, sei disso.

— Estou tentando convencê-lo a não te foder antes de vendê-la, assim conseguiria uma quantia maior. — eu a olho, a bile subindo à minha garganta. Não, não. Eu não suportaria aquele homem odioso me tocando. — Mas é um filho da puta movido pela vingança. Ele quer ter o gostinho de comer a princesinha do seu maior inimigo. O ódio que sente por Mike é doentio, sem explicação.

— O que Mike fez para ele? — pergunto, ficando mais horrorizada a cada segundo que passa.

— Nada. Os dois eram garotos de rua, pertenciam à mesma gangue. — ela me encara. — *Ele* é um psicopata, assassino frio, e para esse tipo de gente suas ações fazem todo sentido. Inveja, princesa. É isso que corroeu o louco lá em cima. Era e ainda é inconcebível para ele, Mike ter saído das ruas e se transformado em príncipe.

Balanço a cabeça, aturdida.

— *Inveja?* Dio, não consigo imaginar algo assim.

Bufa.

— Saia da sua torre de marfim, princesa. — zomba, mas seus olhos brilham com lágrimas, então ela me dá as costas, obviamente para esconder suas emoções. — Essa aqui é a realidade nua, crua e feia.

— E você? Qual é a sua história com *ele?* — aproveito seu momento de fragilidade e peço suavemente. — Conte-me.

Ela funga e limpa o rosto antes de virar e me encarar novamente. O silêncio se estende por tanto tempo que já tinha desistido quando anda até a parede na minha frente e se recosta, exalando alto.

— Eu procuro justiça. — diz simplesmente.

— Para quem? — continuo usando meu tom ameno.

— Para a minha irmã. — sua voz embarga um pouco e eu me mantenho quieta, esperando-a prosseguir. — Há cinco anos ela sumiu em uma festa da sua fraternidade na faculdade.

Novo silêncio e as informações vão se processando em minha mente sobrecarregada. Ofego quando o entendimento me bate. Sua irmã foi levada e vendida pelo monstro lá fora?

— Ela foi vendida por aquele maldito! — rosna baixo, respondendo à minha pergunta silenciosa. — no primeiro ano não consegui nada, mas nunca desisti de procurar. Então, a minha *xeretagem* me levou a um

policial que investiga o infeliz já há algum tempo. Eu me ofereci para ajudá-lo a chegar mais perto do bandido se ele me protegesse.

Impressionante. Eu me arrasto em uma posição sentada contra a cabeceira da cama. Esperança me enchendo com as suas revelações.

— As coisas foram se encaixando aqui e ali, e há quase dois anos consegui chegar até ele no clube BDSM. — suspira, resignada. — Treinei pesado para ser sua a submissa, a melhor. Mestre Mike logo me tomou com uma de suas subs regulares e isso ajudou o filho da puta a me notar.

Ciúme queima em mim com o brilho arrogante em suas íris castanhas. *Cadela.* Mantenho a ofensa para mim mesma, no entanto. Contrariando todas as apostas, *ela* pode ser a minha única chance de sobreviver aqui dentro. *Cáspita!* Quem diria...

— Você se tornou sub *dele?* — pergunto, não disfarçando meu asco.

Ela faz um som exasperado e vem para a minha frente.

— Eu não conseguiria chegar tão perto de outra forma. Acredite, é a coisa mais difícil que já fiz na minha vida. Mas tudo terá valido a pena quando trouxer a minha irmã para casa novamente.

A forma como fala da irmã me deixa ainda mais emotiva. Não queria, mas não consigo ficar insensível à história. Olhando-a com seriedade, eu faço meu jogo:

— *Per favore*, procure por Mike e conte tudo a ele. Meu pai tem muitas conexões. Nós podemos ajudá-la a trazer a sua irmã de volta.

Ela abre a boca, mas passos pesados são ouvidos na escada localizada acima do cubículo. Pânico começa a me tomar novamente.

— Não temos muito tempo. Apenas faça o que eu disser se quiser sobreviver a isso, princesa. — abaixa o tom de voz, seu olhar trazendo uma advertência. — Deve ser o filho da puta para conferir se fiz o meu trabalho. Finja estar grogue, chapada. Não o deixe perceber que está sóbria

ou nós duas vamos parar na rede de esgoto ainda esta noite.

Oh, Dio mio! Meu coração salta com força. Tudo em mim entrando em alerta e eu me deito. Fecho os olhos, minha respiração alterada. Ele vai perceber que estou fingindo. *Per favore, Dio,* eu te imploro, não me deixe morrer aqui hoje. Não pela mão desse bandido. Livra-me, em nome de tudo que é mais sagrado. Forço-me a respirar mais pausadamente. A maçaneta gira e a porta se abre. Mantenha a calma, Ella. Fique quieta. Converso comigo mesma. Há passos e em seguida minha pele fica ainda mais fria, tenho certeza de que o *maledeto* está olhando para mim agora.

— Ela está dormindo? — ouço-o perguntar.

— Não, meu senhor. Apenas sucumbindo à droga. — a voz dela é completamente submissa. — Deve compreender que isso tudo é novo para ela.

Silêncio. Eu posso sentir a intensidade do olhar do infeliz sobre a minha pele. O colchão afunda e leva cada grama de autocontrole para não gritar quando sua mão toca o meu rosto. Seus dedos deslizam suavemente no lado onde bateu mais cedo e deve ter uma contusão.

— Tem a pele muito delicada. — murmura com voz suave, diferente de quando me bateu e enfiou a agulha no meu pescoço. Então sinto algo gelado sobre minha face dolorida. Ele trouxe uma bolsa de gelo? Por quê? — Eu acho que fui um pouco rude. Queira me perdoar, pois não é todo dia que lido com uma princesa.

Quero vomitar quando ele afasta a bolsa de gelo e beija delicadamente onde bateu. Quero espernear e jogá-lo para fora da cama, mas me mantenho quieta estoicamente. Minha respiração engata ao senti-lo abrindo o zíper do meu vestido. *Oh, Dio mio!* Não, não. Não o deixe me estuprar. Não consigo evitar um arfar trêmulo quando as mãos grandes desconhecidas puxam meu sutiã para baixo expondo minha carne nua. É uma batalha não reagir. Rogo o tempo todo para *Dio* não o deixar me fazer

mal.

— O que o Mestre está fazendo? — há um toque de tensão na voz dela quando ele segura meus seios. — Eu pensei que o meu senhor não ia tomar a escrava ainda.

— Conheça o seu lugar, sub. — o *maledeto* rosna de lado e ela se cala. — Se eu quiser me divertir fodendo esse corpinho lindo e jovem, acha mesmo que seu ciúme ridículo vai me impedir.

— Sinto muito, meu senhor. Perdoe a minha indiscrição, eu suplico. — pede, aflita.

Estou perdida! Ele vai me estuprar e ela não vai fazer nada por razões óbvias. Esse homem não é alguém que você quer contrariar.

— Linda. — ele sussurra, amassando meus seios. Aperto os dentes com força para não fazer nenhum som ou movimento brusco. — Estou começando a entender essa paixão ensandecida que meu velho amigo tem por você. — há um sorriso em sua voz. Embora seja amena, quase sedutora, há uma nota sinistra bem lá no fundo. — Talvez eu não a venda, no final das contas, *bonequinha.* — vômito vem à minha garganta quando a boca se fecha em meu seio e o suga. Seus gestos e toques são delicados agora, com a intensão de seduzir, mas tudo que sinto é repulsa. Eu o odeio com todas as minhas forças. Que vontade de matar esse infeliz! — Você vai ser minha como foi dele. — sua risada me enoja. — Eu acho que essa será a verdadeira vingança, tomar a mulher dele para mim. Ter a sua princesinha perfeita como minha puta, montando-a o tempo todo.

Não! Não, não. Eu me desespero em silêncio. Então, como que por um milagre, ele para a violação em meu corpo e deixa o colchão. *Grazie a Dio.* Quase suspiro alto de alívio.

— Estou indo ver Mike e dar o meu apoio. Vou até mesmo oferecer alguns homens da minha segurança para ajudar nas buscas, como um amigo leal faria. — diz jocosamente.

— Faz bem, meu senhor. — ela concorda subserviente.

— Cuide da minha preciosa princesa para mim. — ele ordena, o tom duro. — Não vou fodê-la hoje. Não, hoje à noite é toda para dar apoio ao meu velho amigo. Amanhã vou decidir o que fazer com ela.

Eu cerro os dentes, ódio entranhando em mim como um veneno. Rogo para que Mike não demore a descobrir que tipo de escória é seu amigo.

A porta se abre e sei quem entrou antes mesmo que a vaca fale. Sinto seu perfume, antes de bom gosto, agora me enjoa.

— O sultão ligou, irmão. — diz, andando para perto da cama e me sinto como um experimento, aqui esparramada na cama, enquanto os três me olham.

— O que ele disse? — ele pergunta.

— Ele ofereceu quarenta milhões de Libras! Pode acreditar nisso? — então a vaca faz um som desdenhoso. — O que todos veem nessa putinha? Ela não tem nada de mais.

O som odioso da gargalhada dele reverbera no quarto fechado.

— Ela é uma princesa, irmã. — zomba. — Ou pelo menos era até esta tarde.

Ela ri junto. Faz-se silêncio.

— Você vai aceitar a proposta? — ela sonda.

Novo silêncio e eu posso sentir o olhar do monstro em cima de mim de novo.

— Ainda não sei. O sultão é um cliente *VIP*, não posso contrariá-lo. — pondera. — No entanto, estive pensando e talvez eu decida mantê-la para mim.

— Você está louco? — ela brada. — Foda-a e a passe adiante como combinamos. Ela é uma princesa, como bem frisou, não é seguro mantê-la

conosco, porra!

— Estamos de mudança para a América, esqueceu? Vida nova. — faz uma pausa. — Rostos novos. — eu gelo, tentando a todo custo não dar bandeira de que estou consciente aqui. — Além disso, com as drogas que serão injetadas nela continuamente, em breve não se lembrará nem do próprio nome. Podemos inventar a história que quisermos para preencher o buraco em sua mente. — faz uma pausa significativa. — Eu gosto da versão que ela é minha amada esposa e perdeu a memória em um acidente, que acha, irmã?

— Não, caralho! Eu não gosto disso. Não gosto dessa cadela! — ela range e o colchão afunda, pânico me toma quando sinto algo pontiagudo em meu pescoço. *Oh, Dio mio,* é uma faca? Ofego e abro os olhos devagar, tentando passar uma imagem de chapada como a outra me alertou que fizesse. — Oh, ela acordou! Sei que está grogue, mas vai me entender bem. Meu irmão vai acabar com você, vadia! Não aceito menos que isso. Se ele não te foder... — um sorriso maligno se abre no rosto diabolicamente bonito. — Eu vou. Conte a ela como gosto de foder novas subs no clube, irmão. Conte como tenho algo do tamanho especial para pequenas bocetas apertadas. Não será nada mais que uma casca quando terminar com você. Inútil, oca!

Meus olhos ardem, enchendo de lágrimas de pavor. Se possível, ela me odeia ainda mais do que seu irmão *maledeto.* Resfolego e uivo de dor quando sinto a picada do corte. Seu rosto abaixa e choque total me toma quando começa a sugar onde me feriu. *Oh, Dio mio!*

— Nãos sabe a sede que estou pelo seu sangue Real, princesa. — zomba, lambendo a ferida e se afasta. A faca encosta de novo em meu pescoço, mais firme dessa vez. Se eu até mesmo respirar, ela me corta de novo. Um sorriso doentio se escancara na boca vermelha, sangue manchando seu queixo. É a imagem mais horrenda que meus olhos já

viram. É o meu fim. Ela vai me matar aqui. Fecho meus olhos, as lágrimas escorrendo em minhas têmporas. O rosto de Mike vem à minha mente e eu soluço alto. *Eu te amo, amore mio. Nunca me esqueça. Devia ter insistido em conversar com você.* Um suspiro resignado deixa a minha boca. *Addio, amato mio.*

— Solte-a, porra! — ele rosna em tom baixo, mas trazendo um aviso. — Eu decido o que fazer com ela! Apenas eu! — sua voz abranda e ele a puxa para fora da cama. — Se lhe serve de consolo, irmã, eles nunca mais colocarão os olhos sobre o outro. Nunca!

Seguro um soluço, enquanto meus olhos queimam com mais lágrimas. Nem dá tempo de sentir alívio por ele ter arrancado a cadela louca de cima de mim. Por que tanto ódio, *Dio?* Nunca fiz nada a esses bandidos. Mike, venha me buscar, *amore mio.* Não demore a vir me buscar, ou será tarde demais. Depois de mais recomendações para *ela*, os dois irmãos deixam o quarto.

— Não me deixe sozinha com eles, eu imploro. — choro, sem me importar em manter a merda do decoro. Meu corpo todo está tremendo, sofrendo espasmos de puro horror.

Ela torce o rosto.

— Gostaria de poder lhe dar alguma garantia de que tudo acabará bem, princesa. — seus olhos são muito sérios nos meus. — Mas eu não posso. Eles são dois criminosos instáveis, não dá para nos planejar em cima do que dizem. — franze um pouco a testa. — Talvez esse seja o *modus operandi* para confundir até mesmo quem está com eles.

— *Per favore,* procure o Mike. Podemos ajudá-la a trazer sua irmã de volta. — suplico. — Chame-o antes que um deles me mate.

— Ele não vai matá-la. — ela diz com veemência. — Não ouviu os planos dele para você?

Eu choro mais.

— Isso será pior que a morte para mim. — soluço baixo. — Vá atrás de Mike e nós duas estaremos livres. Não perca tempo.

Seu rosto fica ainda mais sério e uma espécie de desespero silencioso desce sobre ela.

— O que esqueci de dizer é que estou tão prisioneira quanto você, princesa. — diz entre dentes. — Não posso sair, não posso ligar para ninguém. Sou escrava do monstro lá fora. Já tem mais de um mês que ele não permite que eu me comunique com ninguém.

Oh, Dio... Um caroço enorme se forma em minha garganta. O pequeno fio de esperança que senti desde que ela não me aplicou a droga escoa lentamente para fora de mim.

— Tudo que posso fazer por você é não aplicar a droga diariamente. Pelo menos, se manterá sóbria... — balanço a cabeça, meus olhos turvos, meu corpo frio. — Vamos rezar, princesa. Você, para que Mike descubra logo quem é o monstro perto dele, e eu, para que o policial que estava comigo decida que já tem provas suficientes e invada esse maldito lugar!

Mike

Dias atuais....

Eu olho todo o material sobre a minha mesa. Saldos bancários, contas telefônicas, listas de bens em nome de Daniel Slatam. Os pontos sendo ligados pouco a pouco, deixando claro que tipo de bandido maldito é o meu *fiel amigo.* Meu fodido padrinho de casamento! Cada vez que penso o quanto fui ingênuo, deixando-o tão perto, dando-lhe tanto acesso à minha vida privada, quero me dar um soco potente na cara, porra! A última prova que o agente Falconi reuniu é a transferência de todas as empresas em nome de Turner para Daniel uma semana antes da sua morte por *causas naturais.* Duvido desse laudo agora. É provável que Turner tenha assinado

sua sentença de morte quando passou o controle total de seus bens. Falconi passou dois dias ouvindo as ligações de Daniel e isso o levou à policiais no presídio em que Turner cumpria pena. Com algumas visitas e o incentivo monetário certo, um deles abriu a boca e confirmou que Daniel era uma espécie de pupilo do bandido mais velho. Confirmou também que Antony Edwards esteve preso lá e era também bem próximo de Turner. Falconi cavou um pouco mais e descobriu que Daniel apareceu alguns meses depois da suposta morte de Tony, identificando-se como um sobrinho de Turner. Ele havia passado por uma transformação no rosto e não foi reconhecido. O mesmo se deu com sua irmã, por isso nunca vi familiaridade em nenhum deles.

Uma semana desse martírio. Uma semana que eles levaram a minha menina. Uma semana em que tive que fingir estar chorando pela morte de Ella. Na verdade, não é fingimento, porque a angústia de não saber ainda a sua localização tem nos assombrado a cada dia. Liam Stone e sua banda nos enviou uma nota de solidariedade e decretaram luto em sua página oficial. Eu me senti mal pelos caras, que tem um carinho genuíno pela minha princesa, mas não podemos dizer a verdade a ninguém. Precisamos continuar com a encenação até pegarmos o monte de merda que a levou. Uma semana em que tenho rezado e rogado incessantemente para que consigamos uma pista de onde ela está. Uma semana em que o maldito esteve aqui todos os dias para me dar *apoio*. Dam nunca me deixou recebê-lo sozinho por medo de eu colocar tudo a perder, rasgando a garganta do monte de merda. Minha ira foi fervendo em fogo lento com cada palavra saída da sua boca. Procurei em cada detalhe seu, os traços de Tony e os encontrei aqui e ali. Na última visita, ele me contou que está pretendendo expandir os negócios na América e fará uma viagem sem previsão para voltar. Nós o seguimos todos os malditos dias, e nada. Ele não dá uma bola fora sequer. Nenhuma atitude suspeita. O que me angustia infinitamente é que não fala nada sobre ter sequestrado Ella por telefone. Ouvimos todas

as ligações antigas, interceptamos as novas e nada. Ele apenas marca reuniões e mais reuniões com o que chama de *fornecedores*, o que é justificável pelo seu ramo de atuação.

Eu me levanto e olho em volta. Dam está apertando os punhos, meu pai e tios estão com as mesmas expressões ferozes.

— Vou matá-lo. — digo calma e letalmente, desafiando-os a discordar de mim. — Se ele levou Ella, como tudo está indicando, vou matá-lo. — rosno baixo. — Sem um pingo de remorso. Acertarei minhas contas com o Criador de bom grado, mas não vou entregá-lo às autoridades. — todos me olham, assustados, entretanto, com entendimento em seus semblantes. — Meu pai fez isso com o Turner e vejam o que aconteceu. O maldito alimentou a cobra que voltaria para nos causar mais dor. Ele fez tudo isso de dentro de uma fodida Penitenciária Federal!

— Você é um príncipe, *figlio.* — tio Leon fala, chamando a minha atenção para ele. — A realeza é superior. — torce o nariz com desgosto. — Embora eu mesmo esteja tentado a meter uma bala na cabeça desse *infelice*,[13] nenhum de nós o fará.

Eu não lhe respondo nada. Ele está mais aberto comigo nesses últimos dias. Na verdade, desde que quase morro por envenenamento, todos eles pararam de me encarar com acusação nos olhos. Facilitei para o maldito agir? Sim, eu fiz, porra! Mas ele não pararia até nos ter onde estamos agora. Todos nós entendemos isso. Não tinha como nos preparar quando o inimigo esteve o tempo todo muito perto, sabendo os nossos, os *meus* pontos fracos. Antes que alguém mais dê sua opinião, a porta do escritório se abre e a minha mãe entra, seguida por minhas tias Júlia e Helena.

— Chega de ficar de fora dessas reuniões. Se alguém me oferecer mais uma xícara de chá eu vou brigar feio. — tia Júlia reclama, olhando diretamente para o seu marido e sua voz treme. Os olhos tão parecidos com os de Ella nadando em lágrimas. — É a minha filha, mereço saber

tudo o que está acontecendo.

— Concordo plenamente. — minha mãe passa um braço por cima dos ombros dela em claro apoio e olha meu pai com desafio.

Tia Helena faz o mesmo e endossa, encarando tio Dom.

— Nós vamos ficar, alguma objeção?

— Só quis proteger você, *regina mia.* — meu tio diz no tom suave que só usa com a rainha e Ella.

— Princesa, você está apoiando uma rebelião? — tio Dom brinca para descontrair.

— Meu anjo, vem aqui. — meu pai chama a minha mãe.

Eles vão em direção às suas mulheres e as abraçam. Harry passa os próximos minutos colocando a rainha e suas aliadas a par do que já descobrimos. O agente Falconi está tentando desvendar as últimas ligações de Daniel. Ele detectou uma espécie de código nelas e está debruçado sobre isso com os especialistas em invasão de rede. Cedi um dos quartos para eles instalarem suas parafernálias de agente secreto.

Instantes depois, os gêmeos nos interrompem, escoltando um homem. Falconi entra em seguida, atropelando o homem. Suas narinas inflando.

— Alteza, precisamos sair imediatamente! Descobrimos onde a princesa está!

Todos estão falando ao mesmo tempo. As gêmeas, Max, Lipe e Anna vêm para dentro também e começam a se inteirar de tudo. Minha respiração para, meu corpo todo tremendo.

— Oh, meu Deus! Leon... — é a voz chorosa de tia Júlia. — A minha princesinha...

— *Grazie a Dio, perla.* — ele responde embargado. — Vamos trazer *nostra bambina* para casa, amor.

— Como? Onde? — pergunto atropeladamente.

— Em uma das casas noturnas de propriedade de Daniel Slatam. — ele diz e eu rosno, fogo se espalhando em minha corrente sanguínea. Está confirmado. Ele a levou e eu vou estripar aquele monte de lixo! — O *maledeto* deixou escapar isso em códigos para um sultão de um pequeno país no Oriente Médio. O tal homem chegou hoje em Londres. — ela para, fúria tomando sua expressão quando dá a sentença: — Slatam vai negociar a princesa esta noite, meu senhor.

Nova onda de choque. Minha tia cai em prantos, sendo amparada pelo rei e filhos. A sala toda irrompe em pânico. Meu sangue gela e um arrepio tenebroso corre pela minha coluna. O maldito quer vender a minha menina como escrava sexual? Deus, não. Minha respiração falha diante da notícia.

— Oh, meu Deus! Mova-se, agente! Mova-se, porra! — eu corro para fora da sala, entrando no corredor, dirigindo-me para o quarto onde estão todas as armas e equipamentos que o Serviço Secreto trouxe de Ardócia, e os que a empresa de Isaac nos disponibilizou.

— Senhor, se me der um minuto... — o estranho recém-chegado está bem atrás de mim quando abro a porta e passo para dentro. Falconi e Harry entram em seguida e começam a reunir os homens. Dam, os gêmeos, Max e Lipe chegam também afobados. Eu rosno, encarando meus irmãos e os mais novos.

— Nem sequer pensem nisso, porra! — eu os aviso e me dirijo ao homem. — Não acho que seja um bom momento, senhor... — eu o olho, levantando uma sobrancelha em questionamento, enquanto coloco meu coldre, ajustando-o sobre a camiseta.

Ele puxa sua identificação do bolso da jaqueta.

— Sou o agente federal Cassidy e venho trazer notícias sobre a princesa Antonella. Descobrimos a sua localização.

Eu pego minha Glock e o encaro, dando-lhe toda a atenção agora. O homem continua:

— Estou na cola desse traficante de mulheres há mais de oito anos e nunca consegui pegá-lo. Ele é muito astuto, sempre cobre seus rastros.

— *Maledeto!* — Dam range também, cuidando em se equipar. Quero dizer a ele para não ir se arriscar também, mas não vai me ouvir.

Caralho. A ficha do fodido Daniel está metida na sarjeta. Então foi assim que conseguiu triplicar o patrimônio de Carl Turner. O agente Falconi não conseguiu respostas para isso. O homem retira algo do bolso e me mostra, eu franzo o cenho ao ver o rosto muito conhecido da mulher na foto.

— Há dois anos fui procurado por esta mulher. Sua irmã mais nova simplesmente sumiu de uma festa de fraternidade e ficou por isso mesmo. — a sala faz silêncio. Continuamos nos preparando e ouvindo-o. — A polícia investigou no começo, mas depois deixou de lado. Faz três anos do ocorrido. — ele enruga o nariz com desagrado. — Sabe como é, são muitos casos de garotas bonitas desaparecidas em uma cidade como esta...

— Seja mais específico, *per favore,* agente. — Dam rosna de onde está, manuseando sua pistola semiautomática com habilidade impressionante.

— Esta mulher se ofereceu para se aproximar de Slatam, o homem que, segundo ela, era o culpado pelo sumiço da sua irmã.

— E era? — pergunto impaciente.

— Sim, era. Slatam e sua irmã agem dentro das universidades. Convites para garotas e rapazes bonitos são deixados como cortesia para participarem de festas *VIPs* em suas casas noturnas.

— Rapazes? Ele trafica homens também? — pergunto, surpreso. — E não é ousado demais pegá-los nessas festas? — torno a questionar. Parece muito amador.

— Não. Nosso homem é muito mais esperto que isso, senhor. Os rapazes são apenas para despistar a preferência por meninas. — o agente me olha seriamente. — Ele organiza dossiês dessas meninas bonitas e passa a vigiar suas vidas, seus contatos, suas famílias. É tão minucioso que às vezes leva mais de seis meses para dar o bote e sequestrar a vítima.

Porra. Estamos lidando com uma cobra silenciosa e traiçoeira. Porém, como Dam me disse uma vez, seus rastros foram descobertos. É hora de cortar a cabeça da serpente de uma vez por todas!

— Como pode deixar essa mulher se aproximar de um monstro desses, agente? Ela não é policial. Isso não é contra a lei ou alguma merda assim? — Dam torna a se manifestar.

Cassidy engole, parecendo desconfortável.

— Ela está determinada a encontrar a irmã e o faria com ou sem o meu consentimento, senhor. — diz em tom apertado. — Mas, indo direto ao ponto, esta mulher me mandou uma mensagem bem inusitada, eu diria. O corpo de um homem foi encontrado em uma lata de lixo nos subúrbios esta tarde. — sim, eu ouvi algo no noticiário sobre isso. — Era um dos capangas de Slatam, eu o reconheci. O homem tinha os pulsos e o pescoço cortados.

Porra. Não acredito que me envolvi com aquela vampira doente do caralho!

— Que porra de filme de terror é esse, irmãos? — tio Dom dispara e só agora vejo que meu pai e tios nos seguiram.

— A mensagem. — peço, meu tom baixo.

— A mulher escreveu um pedido de socorro endereçado a mim na camiseta do defunto. Pediu que lhe dissesse que a princesa está lá, no subterrâneo. Como o morto estava com jaqueta fechada por cima, Slatam e a irmã não descobriram nada. O policial que escoltou o corpo para o IML

viu a mensagem e me contatou.

— Uau. Muito inteligente. — Max assobia baixinho. Lipe concorda e logo todos estão endossando que foi uma jogada de mestre do caralho.

Eu enfio as mãos pelo cabelo, suspirando alto e agradecendo a *ela* por enviar sua mensagem malditamente sagaz. Vou agradecê-la eternamente.

— Precisamos agir! — digo, minha voz tremendo. Eu estou longe de conseguir me controlar nesse momento. — Vamos! — eu visto uma jaqueta pesada por cima do meu armamento.

— Nós lhes daremos cobertura, senhor. Tenho uma equipe preparada para agir. Estávamos esperando o momento propício para agarrar o criminoso. — vamos invadir hoje. Às segundas o lugar não é aberto ao público, não corremos o risco de prejudicar inocentes no meio do fogo cruzado.

Eu exalo pesadamente. Já estive muitas vezes nessa boate do centro, inclusive uma vez com Ella. Estou chegando, meu amor. Estou a caminho. Por favor, aguente um pouco mais.

— Como entraremos? — questiono-o.

Ele franze o nariz.

— A boa notícia é que estudei a planta do prédio nos últimos meses, planejando essa apreensão. — suspira, exasperado. — A má é que o subterrâneo é cheio de pequenos compartimentos. É lá que provavelmente esconde as meninas antes de negociá-las.

Eu ofego, sentindo-me mal ao imaginar a cena. Minha menina presa como um animal enjaulado. Rosnados e palavrões são emitidos. Todos revoltados pela ousadia do infeliz.

— Por que nunca o pegou se está de posse de tantas informações? — questiono, rangendo os dentes. Se ele tivesse agido antes, Ella não teria sido levada, porra.

Cassidy franze a cara.

— Não é nada fácil pegar um figurão do calibre de Slatam, senhor. O cara doa milhões e milhões para a caridade. Aparentemente é um cidadão de bem. — faz uma pausa. — No entanto, o verdadeiro motivo é que tem boa parte do alto escalão da polícia de Londres em sua folha de pagamento. Recebi muitos *avisos* de superiores que parasse de investigar o homem. Por isso levei tanto tempo. Me dediquei a reunir provas irrefutáveis. Nenhum tribunal o inocentará diante do que tenho.

Não, agente, ele não irá a tribunal. Eu serei o seu juiz, promotor e carrasco. Tony, Daniel Slatam irá direto para o inferno!

Aproximadamente cinquenta minutos depois, Falconi para o SUV alugado duas ruas acima do prédio da boate. O movimento fraco e a pouca luminosidade trabalhando a nosso favor. É uma zona comercial, portanto, não há transeuntes a essa hora da noite. Puxo uma respiração profunda e olho o especialista em invasão de rede trabalhar todo concentrado em seu laptop. Ele garantiu que conseguiria interferir na transmissão das câmeras do prédio. Estamos todos a postos, aguardando-o concluir a ação. Os agentes federais já estão na área, esgueirando-se, esperando o nosso sinal também. Uma limusine negra acabou de entrar no prédio. Suspeitamos que seja o tal sultão. Impaciência me toma. Cada segundo perdido me angustia. Minha Ella está lá dentro e eu só quero mandar toda a estratégia se foder e entrar porta adentro atrás dela. Puxo mais uma respiração, obrigando-me a manter o controle. É necessário planejamento, ou posso morrer antes mesmo de vê-la de novo. Dor aguda invade o meu peito quando penso em seu belo rosto. Uma semana que mais parece uma eternidade. Olho para Dam. O mesmo medo que estou sentindo vejo estampado em seu rosto. Ele engole audivelmente.

— Se eu... — minha voz racha. — Se eu morrer antes de encontrá-la, diga a ela que nunca haverá um amor maior que o meu nesta fodida Terra.

— trinco os dentes, lágrimas dolorosas inundando meus olhos. — Diga a ela que me arrependo tanto por deixá-la sozinha...

— Eu não sou seu moleque de recados, primo! — Dam rosna, seus olhos brilhantes. Ele está usando seu mau humor para esconder as emoções. — Trate de sobreviver e diga isso à *mia sorella* você mesmo, porra!

Bastardo mal-humorado! No entanto, essa é a sua maneira de me dar forças. Eu rosno de volta e me viro para Falconi.

— Você faz a proteção de Dam, agente. Harry virá comigo.

Dam resmunga que também esteve na Academia Militar de Ardócia e não precisa de babá. Prometi aos meus tios que cuidaria dele e pretendo cumprir a promessa, já que falhei com sua filha.

— São ordens do rei, meu senhor. — Falconi complementa.

— O rei não me criou para ser um covarde, agente. — rebate, puxando seu boné para baixo na cabeça. — É a minha irmãzinha lá dentro e serei amaldiçoado se ficar atrás da maldita linha de fogo por que estou preocupado com o meu traseiro em primeiro lugar.

O agente abre a boca, mas não diz nada, apenas olha seu futuro rei com admiração latente.

— Tem toda razão, meu príncipe. — diz respeitosamente e me olha de relance, deixando claro que não o deixará descoberto.

— Pronto! — o outro agente levanta a vista do teclado, olhos vívidos me encarando por trás de óculos fundo de garrafa. — Só vou conseguir segurar a transmissão em tempo real por cerca de trinta minutos. Sinto muito, Alteza, vou tentar segurar o quanto puder, mas esse cara é muito precavido com a sua segurança.

Eu inalo com força. Porra. Não será suficiente. Mas eu vou entrar lá. Meu coração está batendo como um tambor quando encaro Dam.

— O primeiro que encontrar a princesa avisa os outros imediatamente. Entendido, Alteza? — Falconi orienta e aceno.

Ele testa nossos comunicadores, que consiste em um pequeno microfone preso em nossas jaquetas e fones de ouvido. Após constatar que estão em perfeito funcionamento, Harry pula para fora do carro e eu o sigo. Dam sai junto com o agente Falconi e cada dupla toma direções diferentes.

Seguimos nos esgueirando pelas paredes dos edifícios próximos e paramos na esquina da boate, apontando apenas as cabeças para conferir o perímetro. Há dois seguranças na esquina da garagem subterrânea. O agente Cassidy foi de muita utilidade nos passando todos os pontos em que os homens de Daniel montam guarda e a planta do subterrâneo. É para lá que vamos. Aproveitando a calmaria, os dois começam a conversar, rindo alto. Harry nem mesmo me avisa, pula em cima dos dois, dando o bote, desferindo golpes certeiros em suas nucas. Os homens caem pesadamente, nocauteados. Adrenalina percorre minhas veias, enquanto o ajudo a algemar e esconder os dois atrás de uma van preta. Empunhamos nossas armas e esquadrinhamos o lugar. Um frio desliza em minha coluna à medida em que avançamos pela garagem deserta. Parece cenário de filme de terror e estou esperando a qualquer momento alguma figura fantasmagórica pular em cima de nós.

— Fique atrás, Mike. — Harry rosna baixo apenas para os meus ouvidos.

— Sem chance, porra. — resmungo baixinho também.

As câmeras estão transmitindo outras imagens, mas, mesmo assim, tomamos cuidado para não sermos enquadrados diretamente por nenhuma enquanto nos dirigimos para o corredor que, conforme a planta, nos levará para uma escada. Avisto um brutamontes perto da escada, está distraído olhando para baixo em seu celular. Antes que um de nós ataque, dois

agentes do Serviço Secreto surgem na outra extremidade do corredor, atraindo sua atenção. Ele chega a puxar a arma, mas é abatido tão rápido que ofego com a crueza da cena. Estive no serviço militar, mas, porra, era tudo encenação. Ver alguém sendo alvejado é uma cena forte pra caralho. O corpo desaba no chão. Eles fazem sinal para passarmos, que ficarão de guarda. Eu aceno para os agentes e passo por cima do infeliz sangrando, estendido sobre os degraus. Harry continua buzinando no meu ouvido para eu me manter atrás dele, mas não o ouço. Desço depressa e paro, franzindo o cenho diante de uma bifurcação.

Que porra é essa? Eu me pergunto e mais uma vez imagens de filmes de terror invadem a minha mente sem o meu consentimento.

— Temos que nos separar, Harry. — murmuro, mantendo minha Glock no ponto de bala. Ele abana a cabeça veemente. — Ganharemos tempo assim, porra. Ella está em algum lugar aqui, nessa merda de lugar fedido. Cada segundo que discutimos pode significar sua vida.

Esse argumento o desfaz. Acena, apertando a mandíbula não concordando, mas cedendo. Eu pego o corredor à direita e sigo, a sensação horripilante crescendo em mim à medida que dobro a esquina. É um lugar úmido, fedendo a mofo, a primeira porta surge e eu a chuto, batendo minha bota com força no trinco. O material cede e eu ofego quando vejo um corpo seminu sobre a cama. É um lugar tão pequeno que o ar me falta quando entro. É uma garota morena. Pela aparência, dificilmente tem dezoito. Asco me faz rosnar. É tudo verdade, porra. O infeliz vende meninas! Eu me aproximo e olho o rosto da garota. Ela apenas pisca lentamente, mal registrando a minha presença. Está drogada, com certeza. Pânico me enche quando penso que Ella está dessa mesma forma. Passo uma mensagem rápida e atropelada para quem puder vir auxiliar aqui embaixo e saio do cubículo. Faço a mesma coisa com cada porta que encontro e a cena se repete: uma menina está chapada sobre a cama. Desespero começa me tomar quanto mais avanço e nenhum sinal de Ella.

Onde você está, meu amor? Onde, boneca?

Arrombo a última porta e tropeço em um corpo caído no chão. O quarto está pouco iluminado e eu esquadrinho em volta, não vendo nada. Eu me abaixo e respiro entrecortado quando vejo quem está lá. Há sangue por todo lado e uma ferida de bala em seu abdome.

Vivian.

Ela, que me surpreendeu pra caralho mandando o pedido de socorro. Um som de engasgo me faz perceber que ainda está viva. Pego-a, levantando seu torso em meus braços e chamo no comunicador novamente.

— Porra! Chamem uma ambulância! Há uma mulher gravemente ferida aqui!

Sua mão fria levanta e segura meu rosto. Seus olhos estão esbugalhados, a vida se esvaindo aos poucos. Ela balbucia, engasgando.

— P-por favor, encontre-a p-para mim.... — faz um som feio e sangue sai pelo nariz. — M-minha irmã... Ache-a... — tosse, salpicando-me de sangue. Porra! Um sentimento ruim de remorso pelas tantas vezes que a tratei mal me corrói. — E-eu cuidei da sua princesa... E-eu cuidei...

— Mike?! *Oh, Dio...* — a voz chorada faz meu coração parar e levanto a minha cabeça, olhando e vendo apenas o vulto da cama. — Você veio me buscar, *amore mio?* — sua voz fica mais urgente.

— Ella! Oh, meu Deus! Minha Ella... — respondo no mesmo tom urgente e olho para baixo. Vivian está com os olhos cerrados. Ela se foi. Eu beijo seu cabelo, desculpando-me silenciosamente e a deito com delicadeza no chão. Então, ando cegamente, as lágrimas contribuindo para dificultar a minha visão, e finalmente meus olhos pousam nela sobre a cama. Oh, Deus, ela está viva! Minha preciosa menina! Mesmo com toda a merda assustadora, meu coração se enche de alívio. — Boneca... — eu

engasgo e quebro em soluços quando a vejo claramente. Está algemada contra a cabeceira de aço da cama. — Eu sinto muito, princesa. Me perdoe, por favor, me perdoe, meu amor.

Seus olhos verdes estão brilhando como joias no escuro.

— *Si, si, Amato mio...* — ela chora mais. — Agora, me tire daqui, rápido! Ele não vai...

Antes que termine a frase, o barulho apavorante de uma arma sendo engatilhada soa bem perto e o cano encosta em minha cabeça por trás. Minha Santa Mãe de Deus! Eu gelo, meu coração parando, depois correndo a um ritmo de taquicardia.

— Vejam se não é meu velho amigo chegando para visitar sem ser convidado... — a voz que desenvolvi todo tipo de sentimento negativo nesses dias zomba atrás de mim. — Levante as mãos ou eu estouro seus miolos, porra!



CAPÍTULO DEZENOVE

Mike

— Finalmente mostrou sua verdadeira e odiosa cara, seu filho de uma puta! — eu trovejo, cerrando meus punhos, a mão da Glock se fechando com raiva na arma. Meu corpo todo está pulsando com adrenalina e puro ódio. Quero virar e meter uma bala no meio da sua cara, mas, preciso calcular bem meus movimentos a partir daqui. Sem poder me conter, berro: — eu vou te matar!

O som da sua risada jocosa me faz ranger os dentes.

— Eu acho que não, parceiro. — rosna, empurrando o cano grosseiramente na minha nuca. — você está fodido! Completamente fodido, seu filho da puta! Depois de anos eu o tenho exatamente onde eu quero. Agora, levante as mãos, porra!

— *Oh, Dio mio!* — Ella chora, pavor escorrendo em suas palavras. — faça o que ele está mandando, *amore mio!* Não posso perder você!

O infeliz ri e rosna baixo:

— Você já o perdeu, sua putinha. Vocês dois já se perderam! Acham mesmo que vão sair daqui andando com suas próprias pernas no final? Tisc, tisc, tisc. — estala a língua. — vou matar os dois, coisa que já devia ter feito há muito tempo! Mas o velho Turner insistiu em esperar e esperar eternamente, porra! Velho frouxo do caralho!

Eu soluço alto e elevo minhas mãos, lamentando por ter nos colocado nessa situação. Ele arranca a Glock da minha mão. Olho a minha menina, o medo estampado em seu lindo rosto e tenho que aceitar, há uma possibilidade grande de morrermos os dois aqui.

— Sinto muito, bonequinha. Eu te amo tanto.

— Oh, que comovente. Eu vou acabar chorando, cara. — debocha e ri, o som horrendo.

Respiro, tentando fazer minha mente funcionar. Deus, onde estão os outros? Como posso ganhar tempo até alguém vir nos socorrer? Pense rápido, Mike! Pense rápido, porra! Me ordeno, aterrorizado.

— Eu tenho que lhe dar crédito. — forço minha voz plana e dando a ilusão de confiança, começo pelo básico em situações como essa. Conversar com o agressor para possivelmente distraí-lo é a primeira instrução. — nunca suspeitei de você e nem de sua irmã nesses anos todos em que chegaram até mim de novo.

— O velho Turner serviu-me muito bem nesse assunto. — o som da sua risada é cheio de arrogância. Um pavão abrindo suas penas. — meu querido *papai*. — ridiculariza o outro bandido. — tive que apagar o velho, no entanto. Estava achando que a vingança era dele. Não, ele teve sua chance e falhou. — inalo, buscando calma onde não tem. Porra, onde estão os fodidos agentes dessa maldita operação? — é a minha vez e não pretendo falhar.

— Por que tanto ódio? O que foi que eu te fiz? — tento esticar a conversa o tempo todo mantendo meu olhar fixo no de Ella. — éramos apenas crianças, adolescentes quando convivemos. Tem tanto tempo, porra.

Ele bufa, batendo o cano da maldita arma dolorosamente, cavando meu couro cabeludo. Trinco os dentes segurando a dor.

— Você sempre foi um merdinha abusado, Mike. Sempre com suas manias de grandeza. Se achando *limpo* demais para as atividades da gangue. — desdenha. — queria ser engenheiro. — empurra a arma com mais força, ferindo minha cabeça. — e você conseguiu, porra! — sua voz é cheia de tanto ódio e despeito. — não apenas saiu das ruas, não, você virou a porra de um príncipe! Eu não podia lidar com isso. Por que você? — sua voz treme de tanta raiva. — por que não eu? Devia ter sido eu! O que diabos o casal King viu em você?

Minha Santa Mãe de Cristo! Ele já era invejoso quando adolescente. Vejo que os anos o transformaram em um psicopata fodido! O que está dizendo não faz o menor sentido.

— Eu não tive culpa. Era apenas uma criança. — me defendo.

— Era para você ter morrido há muito tempo. Sabia que fomos à sua escola de riquinho logo depois que foi adotado? — eu o ouço calado, apenas esperando o momento certo de agir. — sim, íamos te cobrir de pancadas até não estar respirando mais, seu inseto fedido! Você é lixo das ruas! Nunca devia ter saído de lá! Nunca, porra. — quanto mais ele fala, mais cava a arma em minha cabeça. Sinto meu couro cabeludo ficando pegajoso, líquido viscoso escorrendo pelo meu pescoço pela ferida que está causando. — mas seu novo papai não nos deixou pegar seu principezinho de merda. Ele nos emboscou e enfiou a todos num reformatório maldito! Os mais novos morreram de tanto apanhar, mas, eu... — seu riso é tenebroso. — eu sobrevivi. Meu ódio por você me deu forças para aguentar tudo. Jurei que iria pegá-lo quando saísse, mas não demorei a ser preso de novo. Dessa vez numa fodida penitenciária e conheci o velho Turner. Ele me fez entender que era necessário planejar em vez de agir no impulso. Me deu dinheiro, muito dinheiro e eu me preparei para você. Eu venci também, seu bastardo de merda! Eu venci! Sou tão ou mais rico do que você!

Eu cerro os dentes, reprimindo a vontade de dizer que nunca será como eu. É um bandido da pior espécie. Um asqueroso traficante de mulheres. Um assassino frio.

— Eu faço o que você quiser, mas, por favor, liberte Ella. — minha voz falha, sem conseguir passar a falsa calma como antes. — ela não tem nada a ver com a nossa história. — olho-a no fundo dos olhos e faço minha proposta: — solte-a e pode fazer o que quiser comigo, eu não me importo. Apenas deixe-a viver. — resfolego entrecortado. — deixe-a viver, estou implorando.

— Não! Não faça isso, Mike! Não, *amore mio*... — Ella chora desesperadamente. — não ouse tocar em mim, seu monstro do caralho! — desvia os olhos verdes faiscando para o infeliz. — você que está delirando se acha que vai sair com suas próprias pernas daqui! Vou cuspir no seu cadáver, seu filho de *una puttana!*

O imbecil rosna.

— Vamos ver como fica essa sua carinha bonita com um buraco de bala na testa, porra! — ele range e retira o cano da minha cabeça e vejo em câmera lenta o cano passando rente em minha orelha. Oh, Deus! Ele vai atirar em Ella! Meu sangue entra em erupção, pavor absoluto me guiando e eu bato em seu pulso, elevando-o, sustentando-o para o alto ao mesmo tempo em que meu corpo gira agilmente, ficando de frente para o bandido. Com um rosnado animalesco eu dou uma cabeçada em seu nariz. O *crack* de osso se quebrando é música para meus ouvidos.

— Eu vou te estraçalhar, seu maldito! — grito, empurrando-o até prensá-lo contra a parede próxima. Um soco vem voando em meu olho esquerdo. Eu vejo estrelas, a dor irradiando na face inteira. — porra! — rosno enfurecido e lhe dou um soco potente bem no intestino, enquanto mantenho sua mão com a arma presa à parede. Cego pela fúria, elevo a perna desferindo uma joelhada em seu abdômen. Então, nossas mãos livres

voam para os pescoços um do outro e rugimos com duas feras se digladiando.

— Mike! Alguém ajuda aqui! *Per favore!* — Ella grita entre soluços. — socorro!

— Sabia que comi essa cadela até enjoar aí nessa cama? Ela é tão vadia que gozou cada vez que rasguei seus buracos...

Arrepios de repulsa me tomam por completo ao ouvi-lo dizer isso.

— Ele está mentindo, *amore mio!* — Ella rebate. — esse maldito nunca tocou em mim!

Eu queria tanto acreditar nisso, mas ela provavelmente só está negando para me acalmar. Nunca vou me perdoar por tê-la jogado nas mãos desse psicopata. Tudo foi minha culpa. Ele fez mal à minha menina por minha fodida culpa. Com o coração despedaçado, eu solto seu pescoço e seguro sua cara, batendo sua cabeça contra a parede com força descomunal. Quero arrebentar seu crânio!

— Você poderia ter feito qualquer merda comigo! — eu choro cego de ódio. — mas não, você foi atrás da pessoa que mais amo nesse mundo! Vai pagar por todo o mal que fez a ela! — rosno e bato seu punho da arma na parede. A pistola cai no chão, então, pego sua mão, forçando os dedos na direção contrária. Ele grunhe horrendamente quando dois se quebram, o som me fazendo rosnar satisfeito como um animal.

— Pode fazer o que quiser, mas, nada vai apagar o fato de que eu fodi a sua preciosa princesa, seu bastardo fedido! — revida, conseguindo me aceitar dois socos com a mão boa.

Eu rujo, fora de mim. Vou matá-lo de pancadas como ele tinha planejado fazer comigo anos atrás. Ella está gritando o tempo todo por socorro. O atinjo repetidamente na cara, no abdômen. Dou uma joelhada potente em seu intestino. Sou muito mais forte, rápido e mais treinado do

que ele agora. Então, a luz se acende de repente e eu pisco tentando me ajustar à claridade forte. A joelhada em minhas bolas, me faz lamentar o momento de distração. Porra! Eu ranjo os dentes e me dobro, quase caindo. Olho o quarto rapidamente à procura da minha arma. O infeliz chega até ela se arrastando, mancando, chutando-a para longe. Pegando a sua, volta a me ter como refém. Caralho!

— Bem, talvez seja uma boa hora para deixá-lo saber que atiro precisamente com as duas mãos. — ele zomba, mas, seu rosto está torcido com dor pela surra que lhe dei.

— Não! Não o mate, Tony! — a voz familiar me faz olhar para a porta. Foi ela quem ligou o interruptor: Elise/Luciane. Pela primeira vez eu posso olhar para ela. Realmente olhar para a cadela louca. Ela também está despida da sua máscara de garota doce e submissa. Seu rosto bonito está torcido, os olhos vidrados, mostrando uma pessoa desequilibrada. Anda para perto. Está segurando uma faca. — por favor, irmão, me deixe ficar com ele. Podemos usar as drogas da amnésia e não se lembrará de nada em pouco tempo.

Cristo, não!

— Ele pode se juntar à nós na América. Podemos ser...

Tony bufa. Sua cara está toda cheia de hematomas, sangue escorrendo do nariz. Eu rosno frustrado pela chegada da irmã louca. Ele estava dominado, porra.

— Mike tem que morrer, Luce. — cospe para a irmã. — eu não me importo com sua paixão ridícula por esse lixo de rua!

— Não! Ele não tem que morrer. — ela retruca, enfrentando-o e começo a me preparar para agir de novo. — me deixe usar as drogas nele.

Porra, não! Quero gritar para a cadela, mas me mantenho calado apenas observando seu conflito de interesses. Parece que a louca gosta de mim.

Talvez isso me dê alguma vantagem, pondero.

— Se alguém tem que morrer é a porra da princesinha! — ela ruge, apontando a faca para a cama.

Eu gelo e rosno para chamar sua atenção de volta para mim.

— Pode usar qualquer merda de droga que quiser em mim. Mas... — forço-me a tomar o controle de volta. — libertem Ella. Soltem-na e farei o que quiserem.

Ela me encara, os olhos momentaneamente magoados, então, uma expressão assustadora se espalha em seu rosto.

— Pare de defender a putinha, porra! — range os dentes. — eu fiz tudo certo. Fui a melhor sub que meu Mestre já teve, sei disso. Ela virou sua cabeça, meu senhor, por isso, precisa morrer.

Oh, Cristo! Não!

— Por favor, Elise, me ouça. — uso um tom calmo porque ela é instável, isso está claro na tensão que emana do seu corpo. Como diabos nunca percebi nada anormal em seu comportamento? Me recrimino. Qualquer palavra errada minha, ela pode avançar com essa faca para a minha menina. — você tem razão quando diz que foi minha melhor sub. — decido ir pela linha da bajulação, rezando para que Ella fique quieta e entenda meu jogo. Ouço seu ofego de asco na cama. *Me perdoe, boneca.* Peço silenciosamente. O rosto de Elise muda, se iluminando.

— Ele está mentindo, irmã! Enganando-a. Não seja burra, porra! — Tony troveja. Eu não o olho, estou arriscando levar um tiro, mas concentro minha atenção em Elise.

— É verdade, querida. — mergulho de vez na encenação que pode salvar pelo menos a vida da minha boneca. — uma submissa perfeita, linda, sempre cumprindo todas as minhas vontades. — ela sorri e por um momento vejo a menina que cuidava de mim quando Tony me espancava.

É apenas um vislumbre, no entanto. Aquela menina se perdeu há muito tempo e meu coração aperta um pouco com o fim que ela teve. O irmão a corrompeu completamente em vez de cuidar dela. — sempre tão doce comigo. Lembra-se de quando éramos pequenos, Luciane? — posso ver que estou chegando até ela pela sua postura começando a relaxar. — você queria ser veterinária para cuidar dos cães abandonados.

Seu rosto se enche de nostalgia, então, torce em seguida.

— Tony não me deixou fazer Veterinária. Fiz administração de empresas em seu lugar para ajudá-lo a gerir os negócios. — diz e olha o irmão com uma expressão ressentida.

— Maldito! Pare de confundir a minha irmã! — Tony faz um som feio de rosnado e aponta a arma, mirando em meu peito. Ella volta a gritar por socorro. — chega de brincadeiras, você está indo direto para o inferno, porra! — nem tenho tempo de pensar antes de ele disparar uma, duas, três vezes! Santa Mãe! Um corpo cai pesadamente sobre mim. — Luceee! — a voz do infeliz é cheia de horror agora, e eu olho para baixo, vendo Luciane arquejando, se agarrando às lapelas da minha jaqueta. Cristo! Ela se jogou na minha frente! — não! Luce, não! — ele está berrando, os olhos incrédulos, enquanto sua irmã engasga e os olhos castanhos se fecham. Aquele aperto no meu peito se intensifica. Que porra de situação fodida! — você, maldito! Você a matou! — sua voz embarga grosseiramente. A coloco devagar no chão, minha atenção agora voltada para um Tony completamente desequilibrado. Seus olhos estão vidrados, vermelhos de ira e alguma dor, acho. As coisas estão a caminho de piorar, sinto isso em minha espinha.

Vejo um movimento na porta e olho rapidamente, rezando para ser algum agente secreto ou os federais. O fio de esperança é soterrado quando vejo dois homens vestidos em ternos pretos. Um está empunhando uma pistola e o outro segura dois galões.

— Eu podia estripar vocês, malditos! — Tony está dizendo aos seus homens, mas, seu olhar nunca deixa o meu, a arma ainda apontada para mim. — demoraram demais e agora Luce está morta!

— Sinto muito, chefe. — os imbecis balbuciam desculpas.

— Desculpas não vão trazer a minha irmã de volta. — ele rosna e com um sorriso sombrio ordena friamente: — joguem a gasolina ao redor da cama.

O quê?! Oh, meu Deus!

— Meu plano inicial quando descobri que havia manipulado minhas câmeras e estava aqui, tentando salvar sua princesa, era matar vocês dois. — cerra os dentes. — prendê-lo junto com sua preciosa menina e incendiá-los! — com mais um sorriso frio ele abana a cabeça. — mas, depois do seu jogo estúpido que matou minha irmã, vou alterar os planos. Vou matar apenas a princesa.

— Não! Por favor, não! Me mate! Faça o que quiser comigo, mas, poupe-a, pelo amor de Deus! — clamo com desespero, virando a cabeça, meus olhos colidindo com os de Ella. Minha menina está sufocando, choque estampado em seu rosto, diante da revelação cruel de nosso inimigo. Eu avanço para a cama, não me importando nesse momento se ele vai atirar em mim ou não. Sentimentos violentos me golpeiam dos pés à cabeça. Preciso tê-la em meus braços. — boneca... — entalo, puxando-a desajeitadamente para meus braços, tomando cuidado para não sobrecarregar seus pulsos presos à cabeceira. Ela chora e se ajeita em meu colo. — me perdoe, me perdoe, amor... Não consegui salvá-la.

Ela abana a cabeça e lágrimas grossas descem em suas faces. Encosta a testa na minha, respirando entrecortado. Resignação desce em semblante. Ela está aceitando o fim e isso me mata. Estou morrendo de dor.

— Está livre para ir, Mike. — Tony zomba. — seu castigo será viver sabendo que torrei sua preciosa menina!

Oh, meu Deus! Não, por favor, não.

— Você veio como sabia que viria. — Ella sussurra, embargando. — mas você precisa ir agora, Mike.

— Não! Não, eu não vou sair daqui! — soluço como uma criança, dor crua rasgando meu peito por tudo que não chegaremos a ter. Pelo futuro que está sendo arrancado covardemente de nós. — não me peça para lhe deixar. Não me peça isso, meu amor.

— Salve-se, *amore mio!* Você não tem que morrer! — ela chora, os olhos verdes vítreos de desespero e o amor que sente por mim. O mesmo amor que na minha estupidez, coloquei em dúvida. — viva, *per favore.* Vá! Vá!

Ouço a movimentação sombria dos assassinos à nossa volta. Sinto as garras frias da morte se aproximando de mim, de nós, à medida que despejam o líquido inflamável ao redor e sobre a cama, respingando em nós.

— Não há mais vida para mim, boneca. Se não podemos viver juntos... — olho-a com todo amor, pesar e determinação dentro de mim. — vou morrer com você. Vamos morrer juntos. — seguro seu rosto bonito banhado de lágrimas. — feche os olhos, bonequinha. — ela suspira tremulamente e faz o que digo. — imagine que estamos nos casando, não aqui nesse cenário feio. Pode fazer isso para mim, minha princesa? — ela acena e fecho meus olhos também, o barulho de um fósforo sendo riscado causa tremores e arrepios em nós dois e nos agarramos mais, antecipando o nosso fim. — você está tão linda caminhando para mim, boneca. — minha voz é soterrada pelas lágrimas. — eu vou te amar para sempre. Juntos por toda a eternidade, meu amor.

— Juntos por toda a eternidade, *amato mio.* — sussurra com dor imensa na voz e nos beijamos. Nossas lágrimas, nossos medos se misturando e nossos sonhos se desfazendo. Nós aceitamos a nossa morte.

— Porra, chefe, o cara vai mesmo morrer com ela!

— Caralho! Nunca vi nada como isso!

As vozes dos capangas denotam incredulidade. O monstro solta uma gargalhada sinistra e eu sinto o calor das chamas. Sei que o fogo está começando a devastar tudo e logo nos alcançará.

— Bem, isso é o que chamo de matar dois coelhos com uma cajadada só. — Tony debocha. — eu venci. Eu sempre venço.

— Precisamos sair agora, chefe! O helicóptero está aguardando lá em cima! — um dos homens torna a falar.

— E perder o show? De jeito nenhum, porra! Quero vê-los queimar até não restar nada! — o psicopata fala numa voz que não é humana. Sinto as chamas subindo na cama e me encolho com ela em direção à cabeceira. Não abro os olhos. Não posso ver a destruição à nossa volta. — queimem, seus filhos da p...

Sua frase é cortada por uma rajada de tiros e em seguida, corpos caem num baque forte no chão.

— Porra! Rápido, rápido! Vão até eles! — é a voz desesperada de Dam. Em seguida o som de um soco e a ameaça furiosa: — vai se arrepender de ter mexido com a minha família! Vou te esfolar vivo, *infelice!*

Tremores voltam a passar em nossos corpos entrelaçados, agora de puro júbilo. A ajuda chegou. Oh, Deus! Obrigado! Obrigado. Abro os olhos e mais do que depressa, puxo os lençóis em chamas para fora da cama, o colchão também está pegando fogo. Porra! Porra!

— *Oh, Dio mio!* — Ella se encolhe na cabeceira, enquanto eu arranco minha jaqueta e bato, abafando as chamas, que já estão lambendo seus pés.

Ouço sons de luta. Quero virar e pegar o fodido psicopata, mas, tenho que cuidar da minha menina primeiro. Logo, são muitos agentes dentro do

quarto. Ouço a voz de comando de Falconi, em seguida alguém está usando um extintor e as chamas são enfim controladas. Respiro aliviado. Meu corpo ainda tremendo, adrenalina correndo. Jesus Cristo. Estivemos tão perto do fim.

— Reviste-o, precisamos das chaves para libertar a princesa! — Falconi range indo em direção à Dam.

Eu olho para Ella, nossos olhares se conectando. Estamos imundos, cobertos de fuligem e respingos da espuma expelida pelo extintor. Ele ia nos queimar vivos. Correção, ele queria queimar a minha linda menina viva apenas para me machucar. Lágrimas quentes brotam em meus olhos. Pego uma pistola de um dos agentes e ele se sobressalta. Destravo-a e o rosto de Ella muda, entendimento caindo em suas feições.

— Me perdoe, mas eu não posso deixá-lo respirando depois disso. Nunca mais sentirá esse tipo de medo, boneca. Nunca mais. — rosno e me viro antes que possa tentar me impedir. Os agentes começam a murmurar e exclamar incrédulos sobre o que estou prestes a fazer. Movido pela dor pura e feroz por tudo que esse monte de merda fez com Ella, eu empurro os agentes do meu caminho e paro quando chego até ele. Dam está montado em seu torso, socando sua cara repetidamente, enquanto Falconi e Harry tentam arrancá-lo de cima do maldito. Eu espero pacientemente eles conseguirem controlar meu primo e em seguida, revistam o infeliz até encontrarem a chave das algemas. — segurem-no. — rosno baixo. — vamos! Segurem seus fodidos braços! Eu quero que ele sinta o mesmo pavor que Ella sentiu, quando achamos que íamos morrer queimados!

O infeliz faz um som feio, sua cara está irreconhecível, mas eu quero mais!

— Não há honra nisso, príncipe Mike. — Falconi me olha com seriedade. — é algo que não dá para desfazer. Pense bem, meu senhor.

— Ele não sabe o que é honra. Por que lhe concederia isso agora? — eu

choro na frente deles, completamente transtornado, abalado. — Existe honra em queimar uma menina viva apenas para ferir outra pessoa? Me responda, agente!

Falconi cerra a mandíbula e abaixa a cabeça, sem respostas. Dam rosna, rangendo os dentes, querendo esfolar o maldito, como prometeu. Então, ele solta uma série de palavrões em italiano e endossa a preocupação de Falconi.

— O agente tem razão, primo. Não vale a pena. Vamos fazer diferente dessa vez, eu lhe prometo que esse monstro será monitorado dia e noite onde quer que ele vá. A história não vai se repetir.

— Escute-os, *mio principi, per favore.* — a voz suave de Ella me faz virar a cabeça em sua direção, agora livre, um dos agentes verificando seus pulsos. Os olhos verdes lindos sorriem para mim. Límpidos, o medo foi embora. Mesmo toda suja e um pouco mais magra, é a coisa mais perfeita que meus olhos já viram. — não suje suas mãos. Deixe as autoridades lidarem com isso, *amore mio.*

— Boneca... — meus ombros caem, a tensão dessa noite apavorante pesando sobre mim.

— *Si,* entregue a arma. — pede baixinho. — saia daqui com a mesma dignidade com que entrou.

Estou tão preso na suavidade da sua expressão que sou pego completamente de surpresa com o estampido e em seguida a dor em meu braço. Porra! Me viro e não conto história, eu atiro no infeliz no chão. A bala perfura sua barriga. Ele ainda tenta disparar contra mim mais uma vez, mas é contido por Dam e Falconi, que agora estão como dois cães raivosos. Eles puxam seus braços bruscamente, imobilizando-o como tinha pedido que fizessem antes. Avanço e empurro a minha bota para baixo em seu pescoço. Passei do ponto da racionalidade nesse momento.

— Você viveu sem honra, vai morrer sem honra, filho da puta! — eu

rosno baixo, apertando seu pescoço. Ele está lutando por ar, os olhos antes frios agora aterrorizados. Sem nenhum remorso, levanto a pistola e aponto para sua testa. — vá para o inferno! — eu puxo o gatilho.

Antonella

Dio mio! O *infelice* se aproveitou da distração de Mike para atacar de novo. Mesmo no chão, aparentemente quebrado, roubou a arma presa à perna de um dos agentes por perto e atirou. Eu pulo da cama, me sentindo um pouco tonta pela movimentação brusca depois do tempo que fiquei presa. O agente que tirou minhas algemas, me ampara. Me arrasto até Mike. Ele está com a bota no pescoço do monstro, subjugando-o completamente. É o seu fim. Ele pediu por isso. Então, atira bem no meio da testa do bandido, cuja cabeça pende para trás, olhos esbugalhados. *Madonna mia.* É uma cena muito feia. Faço o sinal da cruz. Que *Dio* me perdoe, não sinto pena. Desculpem, mas as horas de terror absoluto a que fui submetida desde o momento em que me pegaram naquela garagem me dão o direito de me sentir assim. Estou triste por Mike, no entanto. *Mio amato* terá que responder por isso junto ao nosso Criador.

— Porra! — Mike exala e sai de cima do corpo, como se saísse de um transe. Abaixa a arma, seus ombros tremendo, ele chora. A adrenalina está baixando, acho. Me aproximo e retiro a pistola da sua mão, entregando-a a Dam.

— Você fez o que tinha que fazer. — asseguro-lhe, segurando seu rosto todo sujo. Ele levanta a cabeça, os olhos negros que tanto amo me encarando e meus próprios olhos nadam em lágrimas. Seu olho esquerdo está inchado, o supercílio sangrando um pouco. — acabou. Leve-me para casa, *amore mio.*

Ele suspira pesadamente e enrola os braços à minha volta. Um gemido baixo é ouvido.

— Uma das mulheres ainda está viva! — um agente grita e eu olho

depressa na direção da porta. Alívio completo me toma ao ver que é Vivian. Ela está recostada na parede. Um mar de sangue à sua volta. O agente Falconi corre para lá. Ele também é paramédico, pode ajudá-la. Eu rogo silenciosamente para *Dio* não deixá-la morrer. Vivian me salvou de um destino muito pior. Era para eu ter sido estuprada pelo monstro, mas foi astuta e não o deixou cumprir seu intento. Prometi-lhe que a ajudaria a encontrar sua irmã e quero que esteja viva para ver isso.

— *Grazie a Dio.*

— Graças a Deus.

Eu e Mike exalamos numa respiração. Falconi está levantando Vivian nos braços e correndo para fora, sendo seguido por um dos agentes. Ele está berrando que há um helicóptero do Serviço Secreto com o necessário para dar-lhe o socorro até que chegue ao hospital. Um arrepio me percorre ao pensar que tudo estava preparado para *me* socorrer. Contrariando o plano diabólico do *infelice,* estou deixando o lugar em minhas próprias pernas.

— *Sorella...* — a voz embargada de Dam traz novas lágrimas aos meus olhos.

— *Fratello mio...* — eu pulo em seus braços e ele me segura, seu corpo tremendo, me mantendo bem perto. Eu choro em seu peito. Tive tanto medo de nunca mais ver nenhum deles.

— *Perdonami* por demorar tanto, *carissima.* — sussurra, beijando meus cabelos.

— Você chegou no momento certo, *caro mio.* — murmuro de volta.

— Altezas, levem a princesa para casa. — um dos agentes orienta. — nós cuidamos de todo o resto por aqui. Vamos auxiliar os federais a conduzirem as meninas encontradas ao hospital mais próximo, e depois de volta às suas famílias.

— Vem aqui, boneca. — Mike me levanta nos braços.

— Seu braço está sangrando. — reclamo.

— Foi apenas de raspão, não se preocupe, amor. — murmura e eu suspiro cansada, apoiando a cabeça em seu peito largo. Acabou. *Grazie a Dio.*

Ele me carrega para fora e tomamos o corredor, com Dam e Harry nos ladeando. Devastação nos saúda. Há corpos caídos pelo caminho. Não vejo nenhum dos nossos e agradeço a *Dio* mais uma vez. Ficaria péssima se um dos nossos agentes morresse por minha causa. Quando pisamos na garagem subterrânea e subimos para a rua, as luzes vermelhas e barulho de sirenes tanto de ambulâncias quanto dos carros da polícia invade nossos ouvidos. Vários cordões de isolamento, atrás dos quais a imprensa está gritando e tirando fotos nossas. Harry e mais dois agentes nos escoltam para um SUV, que suponho tenha sido utilizado pela equipe. As portas se abrem e meu pai e tios saltam para fora. Levanto a cabeça, meus olhos enchendo de lágrimas de novo ao encontrar o rosto tenso e mais magro de *mio papà.*

— Ella! *Piccola mia...* — sua voz engasga e ele vem até nós, estendendo os braços, me tomando dos braços de Mike. Meu pai ainda é um homem forte. — *Dio Santo...* — soluça, cobrindo meu rosto de beijos amorosos.

— *Papà...* — choro, me agarrando a ele, sentindo o cheiro paternal, o cheiro da minha infância e que sempre me deu a sensação de proteção e amor infinitos. Logo sinto outras mãos passando sobre meus ombros e outros beijos em meus cabelos. Meus tios.

— Graças a Deus, filha. — é a voz profunda do meu padrinho.

— Jesus Cristo. — tio Dom fala em tom sério. — nos deu alguns fios de cabelo branco, princesinha.

— Vamos para casa, *principessa mia.* — meu pai diz, forçando a voz mais controlada. Eu olho para Mike, que está apertando a mandíbula quando percebe que meu pai não vai me entregar de volta.

— *Amore mio.* — o chamo e seu rosto sujo e tenso relaxa um pouco. Ele vem para perto, mas meu pai ciumento e turrão ainda não vai me passar de volta. Entramos no veículo e Mike me puxa para seu colo mais do que depressa. Olho *mio papà* e estendo a mão, tranquilizando-o com meu olhar. *Dio,* por que os homens são tão territoriais? Ele vem se sentar ao nosso lado e segura minha mão na sua. Se meu pai está assim, não quero nem imaginar como *mia mamma* se sentiu nessa semana em que estive longe, correndo risco de morte.

Eu acho que cochilo no ombro de Mike porque quando me sobressalto, estamos saindo do elevador privativo e as vozes dos meus familiares se atropelam em saudação. Rio, atordoada, levantando a cabeça e olhando as expressões aliviadas em seus rostos. Minha mãe surge na sala, vindo de um dos corredores. Ela está abatida, seus olhos verdes idênticos aos meus se enchem de lágrimas e eu desço dos braços de Mike, indo encontrá-la no meio do caminho. Ela me toma ansiosamente num abraço tão apertado que me deixa sem ar. Meus ombros tremem e eu quebro em choro, sentindo seus braços amorosos e protetores à minha volta.

— Minha princesa. — soluça alto. — minha princesinha está em casa, oh, meu Deus, obrigada!

— *Mamma...* — eu choro mais. — tive tanto medo. Tanto medo.

— Shhh, passou. Passou, querida. — sua voz doce me aquece o coração. — está com tua *mamma* agora. Com sua família.

E como aconteceu antes com meu pai, logo sou cercada por tia Cassie e minha madrinha Helena, seus rostos banhados de lágrimas também. Me acariciam e beijam minha cabeça. Estou toda suja, mas elas não se importam, me cobrem de carinho.

— *Grazie a Dio, figlia.* — minha madrinha murmura embargada. — foram dias aterrorizantes.

Eu que o diga, madrinha. Penso.

— Nós oramos tanto, querida. Tanto. — tia Cassie complementa.

— *Grazie,* madrinha, tia Cassie. — murmuro.

Em seguida, eu vejo Max. Ele está trincando a mandíbula os olhos brilhantes e enxugando as lágrimas já derramadas. As minhas voltam. Sei que não vou parar tão cedo.

— Ei, bonitão. — eu tento brincar com meu irmão mais novo, mas minha voz sai tremida, rouca pelo tanto que gritei por socorro. Ele avança rapidamente e me toma num abraço afetuoso. — senti sua falta, *fratello.*

Ele exala fortemente, estremecendo, beijando meu cabelo.

— E eu a sua, *sorella.* — murmura, se afastando um pouco para me olhar. — queria ter ido, junto com Luc, Samu e Lipe. Mike e Dam não nos deixaram. — meio que rosna.

— Eles fizeram bem, *caro mio.* — seguro seu rosto entre as mãos e beijo sua bochecha. — aquele não é o tipo de lugar para meu irmãozinho. — olho em volta para os gêmeos e Lipe. — nenhum dos que eu amo. — complemento.

Eles chegam até mim também, seus semblantes relaxados, mas ainda mostrando resquícios dos dias de angústia.

— Porra, prima! Me diga que Mike e Dam chutaram a bunda do infeliz. Isso compensará o fato de termos sido vetados na missão. — Lucas me puxa dos braços de Max e deixa um beijo suave em meus cabelos. Um arrepio passa por mim ao recordar o desfecho de tudo. *Si*, eles chutaram mais do que a bunda daquela escória... — bem-vinda, querida irmã.

Me afasto um pouco, confusa por ele me chamando de *irmã* e não

prima. Então, compreendo e aceno.

— Graças a Deus, Ella. — é a vez de Samuel me abraçar e beijar. Quero reclamar com eles, pois estou imunda e estão me abraçando e beijando. — bom ter você de volta, irmã.

— *Si, grazie a Dio* estou em casa, primos. — sussurro-lhes, devolvendo seus beijos carinhosos. — e si, eles fizeram o que tinham que fazer. — completo baixinho, sem ousar encarar Dam, tampouco Mike.

As meninas chegam também, seus semblantes geralmente vívidos e cheios de irreverência juvenil estão ainda meio tensos. Suas faces coradas pelo choro.

— Você precisa de um banho, irmã. — Em solta, numa tentativa boba de fazer piada. Ouço tia Cassie repreendendo-a e Mike rosnando. Ela sorri e me abraça. — estávamos tão aflitas.

— Sim, não ouse nos dar outro susto desses tão cedo. — Sam se aproxima e me abraça também.

— Podem deixar. — resmungo, sorrindo. — não pretendo passar por outra dessas, meninas.

Eu olho sobre seus ombros e vejo Anna fungando e limpando o rosto. Lipe está rindo dela, mas dá um beijo suave em sua bochecha e os dois vem para mim.

— Ei, prima. — minha voz embarga pela enésima vez. — sentiu a minha falta?

Ela rola os olhos e me esmaga em um abraço trêmulo. Por um momento só funga, sem respostas, então, afasta-se ligeiramente para me olhar nos olhos.

— Fiz todo tipo de promessa para que você fosse trazida em segurança para casa, prima. — diz finalmente. Então, torce o nariz, se escondendo atrás de sua irreverência como sempre e solta: — por sua causa não vou

praticar bug jumping por um ano inteiro!

Eu arregalo os olhos. Ela adora esporte radical. O pratica desde que... Bem, desde que Nate se foi e deixou uma lista de coisas que sempre quis fazer, mas nunca teria a chance porque a doença *maledeta* o levou muito jovem. Anna tem se dedicado a cumprir a lista desde então.

— Anna! — minha madrinha a repreende.

Sorrio e beijo minha prima querida na bochecha.

— Vou compensar você, prima. Pode me dizer que presente vai querer em seu aniversário. — ofereço e ela sorri, seus olhos verdes escuros nadando em lágrimas.

— Ei, nós também vamos querer essa regalia, Ella! — as gêmeas reclamam em uníssono.

Lipe sorri e se aproxima, me beijando na testa. Ele e Max estão ficando enormes.

— Você está bem, prima? Não ligue para as loucuras de Anna. — brinca.

Anna resmunga, empurrando o irmão mais novo no ombro.

— Estou bem, *caro mio.* — devolvo seu carinho. — agora que estou com a minha família.

Braços fortes enrolam em minha cintura.

— Em está certa. — sorrio, virando o rosto para meu amor. — preciso de um banho.

— Eu vou levar você, boneca. — Mike sussurra.

Ouço alguém limpando a garganta e olho, vendo meu pai com cara de poucos amigos. *Dio,* tão ciumento. Tio Dom passa o braço por cima dos seus ombros e ri, piscando para mim. Eu rio, antecipando o que vai sair de sua boca.

— Irmãos, não sei vocês, mas, eu preciso de uma bebida. — faz uma cara engraçada, olhando para meu padrinho. — falei sério quando disse que não tinha mais idade para isso, caras. Se eu, que estou em melhor forma do que vocês, estou acabado, imagine...

— Faça o idiota calar a boca, Leon. — meu padrinho ruge.

Meu pai bufa, mas, se deixa ser guiado para o corredor.

— Eu ainda não descobri como conseguir tal façanha, Jay. — rosna.

Nós rimos quando o trio some das nossas vistas. Eu agradeço silenciosamente a *Dio* mais e mais por me permitir voltar para a minha família.

— Tudo está de volta ao seu lugar. — minha mãe sorri, os olhos brilhantes quando me encara e depois a Mike. — importa-se se eu cuidar da minha princesa um pouco mais, querido?

Sinto seu corpo tenso, mas, ele relaxa em seguida e sorri para minha mãe.

— De forma alguma, tia. — diz e me olha com pesar. Sendo extremamente protetor, ele queria cuidar de mim, está escrito lá na forma como os olhos negros seguram os meus.

Estou a ponto de falar quando tia Cassie adiciona:

— Enquanto Júlia cuida de Ella, vamos aproveitar e cuidar desse braço e supercilio, filho. — olha-o com a mesma suavidade que minha mãe está dirigindo a mim.

Nós vamos com nossas mães sem discutir. Minha *mamma* me banha como se eu fosse uma criança. Ela já tinha tudo preparado. Meu pai deve ter ligado enquanto eu dormia no colo de Mike. Tira o grosso da sujeira no chuveiro e depois me leva para a banheira com espumas. Peço-a para acrescentar as ervas curativas que Mike sempre usa em meus banhos depois de nossas sessões. Minha mãe franze o cenho, lendo os rótulos dos

frascos, mas não pergunta nada, o que me deixa aliviada. Como explicar para sua mãe que o seu futuro marido tem práticas sexuais, digamos muito intensas e que sua princesinha ama cada uma dessas práticas? Fico imersa e me recosto na borda. Suas mãos suaves, mas firmes, lavam meus cabelos. Não consigo segurar um gemido de deleite pelos seus cuidados.

— Está sentindo dor? — pergunta, parando os movimentos, um toque de angústia em sua voz.

— Não, *mamma*. — sorrio-lhe para tranquilizá-la. — estou me sentindo uma menininha com tanto mimo.

Sua risada doce me enche de amor.

— Os filhos sempre serão como bebês para suas mães, querida. — beija minha cabeça e em seguida usa o chuveirinho para tirar o produto dos meus cabelos. — minha princesinha. Nunca mais quero sentir uma aflição desse tamanho, Ella. Seu pai e eu concordamos em aumentar sua segurança indefinidamente. — avisa.

— Acabou, mãe. Esse foi um caso isolado. — comento. Ela resmunga, discordando e aplica o condicionador. — mas talvez seja mesmo aconselhável aumentar a segurança para todos nós, não apenas a minha. Aquele *infelice* mostrou que é possível chegar a algum de nós e isso não é bom para o nosso nome.

— Sim, querida. Seu pai usou praticamente esses mesmos argumentos. — enxagua novamente. — sabe como ele é preocupado com a imagem dos Di Castellani, não é?

Si, meu pai não gosta de parecer fraco para o público e esse episódio nos deixou em posição vulnerável diante do mundo.

Alguns minutos depois, estou envolta em um dos roupões de Mike. Eu inalo a lapela sentindo o cheiro que pensei em meu desespero, nunca mais sentir. Enrolo uma toalha nos cabelos, como um turbante. Minha mãe está

me olhando com um sorriso conhecedor quando me viro. A maleta de primeiros socorros está em cima da pia do banheiro.

— Vocês precisam conversar. — murmura, fazendo gesto para eu chegar mais perto e verifica meus pulsos. Estão doloridos e feridos em alguns pontos pelo uso repetido das algemas. — depois do jantar já combinamos de irmos nos hospedar com Jay e Cassie para lhes dar privacidade. — diz, enquanto limpa o local afetado com água oxigenada e aplica uma pomada antisséptica. Assobio pela sensibilidade, mas estou sorrindo porque ela é simplesmente a melhor. Digo-lhe exatamente isso com meus olhos. Se inclina, beijando-me delicadamente na bochecha. — troque-se, querida. Vou cuidar de mim e me fazer apresentável para o jantar agora. — anuncia, saindo do cômodo.

A sigo para o quarto.

— *Mamma?* — chamo-a e ela se vira. Sussurro emocionada: — *ti amo, regina mia.*

Inala um pouco alto e sorri, seu rosto bonito se iluminando por inteiro.

— Não mais que eu a você, minha princesa. — sussurra e eu lhe jogo um beijo antes de ela deixar o quarto.

Eu seco meus cabelos e visto um vestido de malha soltinho. Ando para fora do closet e paro, minha visão periférica percebendo algo que não vi quando entrei com minha mãe. Algo que não estava aqui antes. Eu ando mais para dentro do espaçoso aposento e ofego com o quadro enorme sobre a cama. *Oh, Dio mio!* Sou eu. Um close do meu rosto sorridente está sobre a nossa cama. Ele fez isso.

— Ele quase morreu quando o agente Falconi teve a ideia de forjar a sua morte, prima. — a voz de Anna me sobressalta. Não a ouvi entrar. Ela também trocou de roupas.

Eu ofego, meu coração doendo ao imaginar essa notícia sendo dada a

ele.

— Mike... Meu Mike... — sussurro, olhando a foto, meus olhos ardendo.

Então, Anna passa a me contar tudo que aconteceu na minha ausência. Percebo que Mike também viveu seu próprio inferno com o meu sequestro. Se eu já não o tivesse perdoado, perdoaria agora. Tomo uma respiração profunda. Tudo ficou para trás. Toda a dor ficará no passado. Ainda terei pesadelos com meu cativeiro por um tempo? *Si,* terei. Mas, os sonhos que realizarei junto do homem que amo, os suplantarão pouco a pouco até não sobrar nada desse episódio sombrio.

Jantamos todos na grande mesa da sala de jantar. Mike e eu raramente a usamos quando estamos sozinhos. Preferimos a intimidade da cozinha, ou comer na cama. Em vários momentos flagrei meus pais me encarando com olhos brilhantes como se não acreditassem que estou aqui, de volta. A conversa se estendeu muito depois da sobremesa, todos animados, falando de assuntos triviais como se o sequestro nunca tivesse acontecido. Acho que meus pais tiveram algo a ver com isso para me poupar de ter que falar sobre o terror que vivi nesses últimos dias. Depois do jantar o agente Falconi apareceu com notícias sobre Vivian. Parece que seu estado é crítico, pois perdeu sangue demais. Contudo, há esperanças de que sobreviva contra todas as probabilidades. Ela é uma mulher forte, corajosa. Serei eternamente grata pelo que fez por mim. O agente avisou também que o tal sultão com quem Tony ia negociar não só a mim, mas um lote inteiro de meninas, está preso e que os federais conseguiram encontrar provas que levarão a outros figurões metidos nesse comércio podre.

Todos foram para a casa de meu padrinho em seguida. Bem, menos Dam que está numa reunião a portas fechadas com Falconi e Mike no escritório. Vou para o quarto e ligo o sistema de som. Seleciono uma pasta da Sia e vou fazer minha higiene noturna. Termino de escovar os dentes,

voltando para o quarto. Minha atenção vai para a lua, linda e plena no céu, através das portas de vidro do terraço. Ando devagar, parando no limiar e olho para ela. Enfio as mãos nos bolsos do vestido. Sinto a pedra no fundo do bolso esquerdo e a puxo para fora. Peguei o anel antes do jantar. Ele ainda estava exatamente como o deixei, em cima do criado-mudo. Levanto minha mão direita e o deslizo de volta no dedo. Amor pulsa em meu peito ao admirar o corte requintado e a pedra escolhida para combinar com meus olhos.

— Ele pertence aí, em seu dedo, bonequinha. — a voz profunda bem perto do meu ouvido me faz fechar os olhos, um tremor delicioso e quente deslizando em minha coluna. Seus braços fortes me rodeiam, puxando minhas costas para seu peito.

— Eu sei. — murmuro, meio engasgada pelo prazer de estar em seus braços. — nunca mais vou tirá-lo.

Um silêncio cai sobre nós, enquanto apenas observamos a lua. A segunda música termina e *Angel by the wings* soa num volume suave.

— Você quer conversar? — ouço-o engolindo audivelmente. Parece nervoso por alguma razão. Giro em seus braços, ficando de frente. Seus olhos estão atormentados. Levanto a mão, tocando delicadamente os hematomas em seu rosto másculo. Tem um pequeno curativo no supercílio esquerdo, mostrando a ferocidade com que lutou por mim. Meus olhos voltam a inundar com as cenas grotescas ainda frescas em minha mente.

— *Ti amo.* — choro, espalmando seu peito duro sobre a camiseta preta. Seu coração está batendo forte sob minha palma. Me perco na imensidão negra do seu olhar.

Ele inala agudamente e encosta a testa na minha.

— Eu não sei o nome do que eu sinto por você. — sua voz treme um pouco, enquanto nos olhamos fixamente. — amor é muito pouco, boneca. Você é minha vida e eu fui tão idiota, irracional... Quase a perdi. —

suspira com pesar.

Levanto meu rosto, encostando minha boca na sua.

— Chega de se culpar. *Ele* daria um jeito de me pegar de qualquer maneira. Não havia como escapar. — suspiro tremulamente. — não sabíamos com quem estávamos lidando e isso os ajudou.

— Sim, eu sei. — diz baixinho, olhos correndo por todo o meu rosto. — eu não mereço você, princesa. — sua voz embarga. — não mereço, mas morro se te perder. Morro.

— Pare com isso, *per favore.* — peço-lhe, meu coração doendo pela dor que vejo em seu rosto. Ele ainda não se perdoou, vejo isso claramente. — você me pegou no colo, me embalou... — engasgo. — você ia morrer comigo. Eu não consigo imaginar ninguém que me mereça mais do que você, *amato mio.*

Ele exala, seus olhos brilhando sob a luz da lua, os dedos levantam e traçam meu rosto reverentemente.

— Minha preciosa menina. — murmura com emoção.

— Faça amor comigo. — sussurro contra os lábios cheios. — preciso sentir meu homem dentro de mim. Desejei, sonhei com isso em cada dia que me mantiveram longe de você.

Ele geme roucamente.

— Porra, Ella... — ruge, seu rosto sofre uma transformação, os olhos de ônix iluminando, então, rapidamente a luz se apaga. — hoje foi muito traumático para você, princesa... Aquele monte de merda... — seu pomo de Adão se movimenta, mostrando seu desconforto e eu vejo qual é o motivo da sua angústia. Ele acha que fui abusada. — será que aquele monte de lixo lhe fez mal?

— Não. O *maledeto* nunca me tocou sexualmente. — opto por não contar que o monstro tocou meus seios e sugou um no dia em que me

levou. Não fará nenhum bem para Mike ouvir isso. Ele não me estuprou, é tudo que importa.

— Como isso é possível? — questiona, a sombra em seus olhos dando espaço para o alívio. Toco o indicador entre suas sobrancelhas, massageando a ruga que ainda persiste.

— Vivian. — revelo. — ela me salvou desse triste destino quando atendeu uma ligação do sultão para quem o *infelice* queria me vender. — ranjo os dentes. É muito cedo para falar disso, mas preciso tirar essa preocupação da cabeça dele. Isso deve o estar comendo por dentro. — parece que esse outro monstro estava muito empolgado com a ideia de ter uma princesa como escrava sexual.

Mike rosna, as narinas inflando. É como se não lembrasse que estou a salvo agora. Que tudo acabou.

— Vivian foi muito esperta, ela jogou com o profundo interesse do sultão e o orientou a pedir exames meus diariamente. É uma prática comum dos compradores para evitar que sua *aquisição* seja violada antes da negociação.

Seus olhos ampliam e ele exala baixinho.

— Porra. Nós devemos muito a ela, boneca. — range, entre surpreso e admirado.

— *Si.* Prometi que a ajudaríamos trazer sua irmã de volta. — suspiro, me lembrando de que está em estado crítico no hospital. — tomara que sobreviva para ver isso acontecer.

Mike franze a testa.

— Não quero ser pessimista, princesa, mas a expectativa de vida para essas meninas traficadas é em média, de dois anos. — é a minha vez de franzir o cenho. — elas vivem drogadas e são usadas sem qualquer cuidado pelos monstros que as compram. São descartáveis, como um

objeto qualquer.

— Como sabe disso? — pergunto horrorizada.

— O agente Cassidy nos deu algumas informações enquanto nos preparávamos para invadir. — algo volta a fechar seu semblante. — sobre aquilo que eu fiz lá... — engole em seco. — acha que me igualei àqueles monstros?

— Não! Nem pense uma coisa dessas. — me apresso e seguro seu rosto de cada lado, olhando-o bem dentro dos olhos intensos. — você ainda é o meu príncipe. O meu Mike.. Sempre o meu Mike. — seus olhos iluminam, deixando um pouco da sombra para trás. — agora me beije, *amato mio.* Tome-me, meu dono. — ele rosna de forma animalesca, fazendo meu corpo arrepiar. Molho, latejo ansiosamente. Gemo baixinho. —*Dio,* que saudade do *mio dominatore.*

— Boneca... — sua voz é um sussurro. Um misto de amor, reverência e luxúria também. Seu polegar esfrega minha boca. Eu arfo, devassidão invadindo minhas veias. — que saudade da minha boa menina... — sua voz vai ficando mais rude, engrossada pelo tesão. Nossos olhos embora quentes pela necessidade pungente um do outro, estão cheios de lágrimas. Estamos ainda muito sensíveis diante da atrocidade a que fomos submetidos essa noite. Precisamos nos fundir para começar nosso processo de cura.

Tiro as mãos do seu rosto e ele me olha sem entender, então, compreende quando desço as alças do vestido pelos ombros. Seu olhar nunca deixa o meu, enquanto o tecido escorrega pelo meu corpo. A brisa fria da noite me assalta, vindo da sacada. Estremeço, meus seios pesando, os mamilos intumescendo. Arfo, o creme denso inundando minha vagina.

— Tome-me, *amore mio.* — arquejo. — preciso do seu toque, do seu cheiro, da sua essência me enchendo para apagar tudo de ruim que vivemos hoje.

Seus olhos ficam ainda mais ardentes e descem por todo o meu corpo, incendiando minha pele. Então, finalmente me puxa de volta, colando nossos corpos. Sinto a ereção massiva sob a calça e me esfrego nele. Rosna, uma mão segurando minha cintura e a outra a minha nuca. Ele junta os cabelos em punho, dando um puxão macio, delicado. Resfolego, palpitando, pingando, minha calcinha ficando toda pegajosa entre as coxas. Fica me olhando de perto, admirando meu estado desesperado para tê-lo. Beija meu queixo e sobe a boca macia e morna para a maçã do meu rosto, onde morde, dando um vislumbre do meu moreno viril, malvado, gostoso demais. Eu solto um ganido. Ele sabe que me enlouquece quando me morde no rosto. Sua risada baixa e indulgente é a prova de que vamos ficar bem. Tudo está voltando ao seu lugar.

— Vou beijar cada centímetro dessa pele de seda, boneca. — me levanta pela bunda e enrolo minhas pernas ao seu redor. Ele enfia uma mão pela calcinha e desliza os dedos em minha racha traseira. Mordisca meu lábio inferior, enquanto massageia meu ânus. —ofereça os peitinhos deliciosos para seu dono mamar. — pede rouco e gemo arqueando minhas costas. Grito quando morde o mamilo direito. Ri e lambe delicadamente, os lábios se fechando e sugando com vontade todo o caminho para a cama. Muda para o outro e mama com força. Estou rebolando em seu pau, minha respiração começa a ficar errática. Eu vou gozar. O grito fica preso em minha garganta, entretanto. Mike sorri baixinho, me depositando no centro, cortando nosso contato. *Caspita!* Gemo em lamento. Ele arranca as roupas rapidamente e sobe de joelhos na cama. Mordo o lábio, vendo o corpo moreno todo tonificado. O pau longo e grosso babando pré sêmen da ponta.

Sem dizer uma palavra, ele arrasta a calcinha pelas minhas pernas e arreganha minhas coxas. Arfo, meu peito subindo e descendo, enquanto seu olhar faminto crava em minha vagina nua, inspecionando-a. Sinto o creme grosso escorrendo para o ânus. Se abaixa e planta beijos por todo o

meu monte e carne molhada. Seguro seus ombros largos e fecho os olhos, sentindo a boca deliciosa me chupando e lambendo devagar. Muito breve, ele sobe, depositando beijo e chupadas leves pela minha barriga. Dedica-se aos meus seios novamente. Chupa com força, uma mão enfiando entre minhas coxas, segurando minha vagina fortemente. Choramingo quando mete dois dedos, indo até o fundo e esfrega o polegar em meu montículo inchado. O gozo começa a se formar em minha barriga outra vez. Ele rosna e mordisca, castiga meu seio mais sensível, sugando a carne macia dolorosamente e eu berro, me desfazendo em gozo. Ri, puxando a mão e se deita entre minhas coxas. O corpo forte e quente pesando sobre o meu, seu cheiro másculo invadindo meus sentidos. Abro os olhos e meu coração expande ao ver o rosto amado bem perto do meu. Ainda sem palavras, sua boca desce na minha e eu abro os lábios ansiosamente, recebendo sua língua. Ele me lambe, rosnando, esfregando o eixo e a cabeça gorda do pau entre minhas dobras. Enfia os braços por baixo dos meus ombros e me segura, enquanto sua boca me devora. É um beijo intenso, apaixonado demais, voraz. Ofego, me abrindo mais quando sinto a cabeça se alojando em minha entrada.

— Mike... — choramingo em sua boca e ele mete em mim, esticando-me até o fundo. Arfo, ondulando, meu corpo todo estremecendo de tanto prazer. — *oh, Dio... Si, si, mio amato maestro.*

— Minha deliciosa e amada menina... — ruge todo atolado, pulsando forte em minhas paredes. — ahhh, que delícia, boneca... Porra... — geme rouco, puxando quase tudo e voltando a meter fundo. O abraço com as pernas e ele rosna, escorregando até as bolas dentro de mim. Estamos nos beijando de olhos abertos, nossos olhares quentes um no outro. Mike passa a me comer com impulsos firmes e longos. É lento, comedido, como se não tivesse pressa nenhuma. Estamos agarrados firmemente um no outro pelos ombros, enquanto mete mais e mais. Ligados. Fundidos em um só. Me come até me deixar arquejando, pendurada para gozar de novo. Ele

está se controlando, dá para ver na veia saltando em sua testa e na intensidade dos olhos negros. Chupa minha língua com força e em seguida para o beijo. Contudo, permanece perto, me olhando, a boca ofegando na minha enquanto vai aumentando o ritmo gradativamente. Arfo e deliro quando soca bruscamente, até o talo. Estremeço da cabeça aos pés, alucinada e o agarro mais firme pelos ombros musculosos, arreganhando-me toda para receber suas estocadas duras e profundas.

O som de pele estalando uma na outra rivaliza com o refrão da música de Sia. Então, Mike faz o que acaba comigo, sua boca viaja pelo meu rosto e morde a maçã, enquanto me fode sem piedade. Nossas peles suadas deslizam uma na outra a cada socada funda.

— Meu dono... — choramingo, deixando-o me comer com sua intensidade e paixão bruta. — meu senhor...

— Minha vida... Meu amor... — sua voz é rude, urgente, seu pau engrossando dentro de mim. Sua boca vai para minha orelha e suga, morde o lóbulo, descendo para o pescoço, onde chupa com força, sem medo de me marcar. É demais. Ondulo, ofegando entrecortado, as emoções represadas transbordando em calor delicioso e eu grito, gozando forte. Mike rosna e mete mais firme, estocando profundamente, castigando minha vulva. — boneca, vou gozar! Vou gozar tão gostoso, porra! Tão malditamente gostoso... — urra e os jatos quentes começam a alagar minha vagina. Eu pulso, latejo e gozo mais e mais junto com ele. Chorando, arquejando, soluçando. Nos agarramos sôfrega e desesperadamente, consumando, reafirmando nosso amor.

Permanecemos grudados pelo que parecem horas, apenas respirando pesado, ligados, um no outro. Já estou cochilando quando ele enfim sai de dentro de mim e me puxa para seu peito. Eu subo em cima dele, nossos rostos ficam bem próximos. Mike ri, segurando meu queixo e enrola o outro braço em minha cintura.

— Que acha de eu tirar uns dois dias de folga para cuidar da minha princesa? — sua voz profunda viaja em meu corpo, me fazendo pulsar mesmo estando satisfeita e precisando descansar.

— Mmm, eu voto em três dias, meu moreno sexy. — ronrono próximo a sua boca sensual. — se fosse por mim eu não sairia dessa cama tão cedo.

O sorriso perverso que tanto senti falta se espalha lentamente em seu rosto.

— Feito. Tudo que minha boa menina quiser, ela terá. — sussurra no tom condescendente que me deixa molhada e latejando sempre. Então, seu rosto fica sério e ele completa baixinho: — faltam apenas três semanas.

Meu coração salta com a menção ao nosso casamento. Fiquei sabendo pela minha mãe e tia Cassie que com tanta aflição elas não contataram a empresa encarregada do planejamento para protelar as coisas. Tudo continuou como o previsto e dentro de duas semanas eu e o homem da minha vida vamos nos casar.

— Três semanas? Ainda? — murmuro de volta, rindo provocante.

Ele ri malvadamente e morde meu queixo.

— Tem certeza de que ainda quer se casar comigo, princesa? — seu tom é meio brincalhão. — sou praticamente um ogro ciumento...

Eu gargalho, meu peito leve por estarmos assim, apesar do tornado que varreu nossas vidas.

— *Si*, você é um ogro ciumento. Mas, é o *meu* ogro ciumento. — respondo com a voz embargando um pouco. — ser a sua mulher é tudo que mais quero nessa vida, *mio príncipi.*

Ele me olha um instante em silêncio, apenas seus olhos falando comigo.

— Vou me desdobrar dia após dia para que nunca se arrependa de ser minha, bonequinha. — seu dedo traça meu rosto delicadamente.

— Farei a mesma coisa, *mio bello dominatore.* — murmuro de volta e nos beijamos, selando nossas promessas. Um suspiro deixa minha boca.

Si, chegou a hora de ser feliz.

CAPÍTULO VINTE

Antonella

Duas semanas depois... Ilha de Ardócia, Sul da Itália.

O elevador desliza para baixo e eu olho de lado, vendo meu moreno sexy todo alinhado em seu smoking negro. Estamos a caminho da festa de reabertura do Museu Central. Mais um evento que já estava marcado e com a tensão vivida pelo meu sequestro, minha assistente não se atentou para remarcar com os organizadores. Foi bom, porque depois dos três dias em que Mike e eu ficamos trancados na cobertura, namorando e recebendo visitas apenas da família, me jogar na supervisão desse evento me permitiu ocupar a mente. Me sinto muito melhor, renovada agora. Sua boca se curva naquele arremedo de sorriso perverso que molha minha calcinha. Ele estava olhando para mim no espelho e me flagrou conferindo-o. Num movimento rápido, pega minha cintura e me gira, me prendendo delicadamente contra a parede.

— Vendo algo de que gosta, boneca? — sua boca abaixa sedutoramente perto da minha, aquela sobrancelha linda e arrogante zombando de mim.

Dio, adoro. Gemo baixinho, sentindo o corpo musculoso colado ao meu.

— Oh, *si.* Gosto de tudo. — sussurro-lhe e sorrio com atrevimento. — *assolutamente tutto*.[14]

Ele rosna, as narinas expandindo. Desliza o nariz em meu rosto e vai para meu ouvido. Latejo quando raspa os dentes na minha orelha. É um jogo safado, perverso de chegar perto, sua respiração pesada me deixando louca. Então, recua e sorri baixo quando choramingo em protesto.

— Você não pode falar nessa língua sexy perto de mim essa semana, boneca. — geme rouco, moendo o pau já bem acordado em minha barriga. — porra, quem foi o desocupado que criou essa fodida tradição? — exala.

Eu solto uma risadinha, provocando-o. Em Ardócia, os noivos são obrigados a ficar em abstinência de sexo uma semana antes do casamento. Nem preciso dizer que isso está deixando meu moreno frustrado, e olha que estamos apenas no segundo dia de celibato.

— É a tradição, *amore mio.* Precisamos cumpri-la.

Ele ri. Esse sorriso é mais charmoso, bajulador e vem me encarar, os olhos negros intensos se prendendo aos meus.

— Aposto que o cara que a criou não tinha uma noiva tão linda como a minha bonequinha. — seu tom e olhar são malvados quando completa: — ou tão gostosa...

Gemo. Ele é tão devasso. O abraço pelo pescoço e entro nesse jogo gostoso de provocação só nosso.

— Por acaso está tentando me subornar para fazer sexo com você? — sussurro, lambendo meu lábio, minha língua resvalando em sua boca.

Ele grunhe e desce uma mão para a minha bunda, angulando nossas pélvis. O sorriso perverso volta ao sentir meu corpo estremecendo de tesão.

— Venha dormir em meu quarto, amor. — pede baixinho, seu olhar me dizendo sacanagens. — apenas dormir.

Bufo. Sua cara de safado, predador não engana ninguém. Rio, me lembrando do tempo em que eu ficava exatamente assim, implorando para dormir com ele. Apenas dormir. É, a roda girou.

— Pare com isso, amor. — repreendo, mas estou ofegando, minhas pálpebras pesadas. — sabe que se estivermos na mesma cama não vamos apenas dormir. Além disso, Anna foi designada para dormir comigo nessa semana. Provavelmente para me vigiar.

Seu nariz franze. Anna chegou hoje de manhã para me fazer companhia nesses últimos dias de solteira. O restante da família chega em três dias.

— Porra. — resmunga. As portas do elevador se abrem e ele balança a cabeça, rindo como um adolescente. *Dio,* ele é tão, tão bonito. — eu já disse o quanto está linda hoje?

Si. Lindo. Lindo demais.

— Há poucos minutos. — sussurro, toda derretida, não movendo meus braços do seu pescoço. — ainda está tentando ganhar sexo pela bajulação, *caro mio?*

Levanto a minha sobrancelha de princesa altiva. Ele ri, lento, todo malvadão.

— Estou contando com o fato incontestável de que a minha menina ama foder. — sussurra e eu arfo, juntando as coxas, precisando de fricção. Puta merda. Seu sorriso de lobo mau aumenta constatando minha reação à sua depravação. A forma ardente com que me olha e pronuncia *foder,* me arrasa. Me deixa destruída. — eu só tenho que esperar, bonequinha. Sabe que não consegue ficar sem gozar no pau do seu dono. — zomba e eu gemo, acuada, quase cedendo.

— Mike...

— Sim, princesa? — seu sorriso é vitorioso. — o que é, minha vida? Diga o que você precisa.

— Eu preciso... — choramingo, enquanto cobre meu queixo de beijos suaves e sedutores.

— Você precisa... — ele ri, instigando-me. — de mim, meu amor. Precisa do seu macho. Vamos, diga isso.

— Ugh! Vocês parem com essa pouca vergonha, por favor!

A voz de Anna é como um balde de água fria. Eu rio, aliviada e Mike rosna.

— Nós não acabamos essa conversa, boneca. — grunhe em meu ouvido

e morde o lóbulo perversamente. Então, ele me libera devagar e eu posso respirar de novo.

Madonna mia. Meu lindo moreno depravado.

— Meu tio tinha toda razão em me incumbir de vigiá-los. — Anna rola os olhos e ri maliciosamente quando saímos para o corredor. — não faça essa cara para mim, primo. Eu não faço as regras por aqui.

— É uma tradição ridícula. — Mike resmunga para Anna, que segura um sorriso.

— Também acho, primo. — ela concorda, provavelmente para não chateá-lo mais. — mas veja pelo lado bom, a noite de núpcias tem tudo para ser bem movimentada, hein? — balança as sobrancelhas com sua irreverência. — depois dessa seca, toda as paredes desse palácio vão tremer... Uiiii!

Eu não seguro uma risada e Mike balança a cabeça, rindo também, rendendo-se à nossa prima. Ele estende o braço livre para ela e seguimos pelo corredor em direção à uma das saídas laterais do palácio, onde a limusine está nos aguardando. Meus pais só devem ir mais tarde. Dam já deve ter saído junto com Max.

Minutos depois, estamos saindo do veículo diante do tapete vermelho. Mike me ajuda a descer, enquanto Harry auxilia Anna. Estou usando um longo verde água com uma saia justa que vai se abrindo e a cauda arrasta no chão. O modelo tem fios de brilhantes por todo ele. É frente única com um decote sexy nas costas, uma estola de pele negra está sobre os meus ombros. Meus cabelos estão soltos, apenas com uma presilha de brilhantes no lado esquerdo. Anna está vestindo um longo vermelho. Ela detesta eventos como esses, mas está vindo por minha causa. Os flashes enlouquecem sobre nós. Mike enlaça a minha cintura e posamos para a imprensa sequiosa de algo nosso. Não concedemos nenhuma das inúmeras entrevistas que nos foram solicitadas depois que minha suposta morte foi

desmentida pelo Serviço Secreto. O porta-voz oficial do Palácio e Sandra Lorenzatti se encarregaram de lidar com isso. Entretanto, o assédio da imprensa e também do público comum, triplicou em cima de mim e de Mike. A coisa tomou uma dimensão tão grande que fãs pages foram criadas para nós dois. Podem acreditar? Estamos parecendo celebridades de Hollywood. Por falar em celebridades, meus roqueiros favoritos me enviaram mensagens lindas de apoio junto com um buquê de rosas enorme! Podem suspirar, meninas. Como não amar aqueles caras?

— *Bellos! Perfettos!*

— *Altezas, só um beijo para essa foto, per favore!*

— *Princesa Anna, é verdade que está namorando o esportista radical, Bruce Clint?*

As exclamações do público e as perguntas dos jornalistas me tiram da minha nuvem de pensamentos. Anna bufa, mas sorri, tentando agir de acordo com o protocolo.

— Pela fé! O cara não salta nem de uma cadeira e esse idiota o está chamando de *esportista radical?* — cochicha só para mim. — a imprensa cansa minha beleza, prima.

Rio discretamente, eu mesma tentando cumprir o protocolo. Mais repórteres pedem o beijo. Algumas garotas atrás do cordão de isolamento estão carregando cartazes. Puta merda! *Mike e Ella* e um coração estão na maioria deles. *Madonna mia!*

— Parece que ganhamos um fã clube particular. — Mike sussurra bem no meu ouvido, seu hálito quente me causando arrepios deliciosos. — não acho que devemos decepcioná-los, princesa.

Eu rio, lendo seu jogo. Me viro de frente e ele segura minha cintura possessivamente. Espalmo seu peitoral, arfando baixinho enquanto sua boca desce devagar para a minha. Os olhos negros dançam com humor e

certa dose de perversão. Nossos lábios se tocam e gemo baixinho em puro deleite, minhas pálpebras caindo fechadas. Ele grunhe baixo e empurra a língua na minha boca. Não é nem de longe os beijos incendiários e safados que costumamos trocar, mas não é tão comportado também. É delicioso, lento, cheio de amor. Segura minha nuca e angula minha cabeça. Suspiro tremulamente, já pronta para enlaçar seu pescoço, completamente entregue, então, ele para. Mordisca meu lábio inferior delicadamente e se vai, um arremedo de sorriso brincando na boca. Só agora ouço as palmas ecoando perto de nós. Uau. Me recomponho, deslizando a máscara de princesa comportada novamente e Mike começa a me conduzir e a Anna pelo tapete, que se estende subindo pela escadaria da frente do museu, até o pórtico.

A imprensa autorizada a cobrir o evento está agrupada na entrada, entrevistando os recém-chegados, compostos em sua maioria pela nobreza da Ilha, artistas e algumas celebridades estrangeiras pela lista que Paloma, minha assistente me passou e eu aprovei. Meu pai confiou a organização sob meus cuidados e me dediquei ao máximo. Estou ansiosa para ver o sorriso de aprovação em seu rosto quando chegar. Mike e eu somos abordados por uma repórter bonita e simpática. Ele fala sobre a reforma e eu explano sobre a restauração das obras e de como cuidei da exposição de reabertura. O cerimonialista nos recebe com uma reverência respeitosa e nos deixa passar para o hall. Meu próprio sorriso se escancara quando atingimos o salão principal. O imenso espaço dividido por altas e imponentes colunas gregas, está lotado! A sensação de dever cumprido me toma.

— Parabéns, bonequinha! — meu amor sussurra, beijando minha têmpora. — o evento já é um sucesso.

— *Grazie.* — me derreto de volta. — a reforma ficou perfeita. — eu viro o rosto, olhando-o nos olhos. — parabéns, amor.

— Uau! Mike. — Anna assobia baixo. — a reforma ficou incrível, primo! — se vira para mim com um risinho provocador. — quanto às obras restauradas, você vai ter que me mostrar a mudança porque sou totalmente ignorante nesse assunto.

Eu rio com a sinceridade da minha prima.

— Farei isso. Mas você gosta de fotografia, Anna. — aponto. Ela vai iniciar outra graduação, dessa vez em Fotografia, algo que é apaixonada desde pequena. — é uma forma de Arte também, não se esqueça disso.

Ela rola os olhos.

— Eu preciso encontrar Dam e Max antes que Ella comece a me dar aulas de História da Arte, primo. — reclama.

Eu bufo, arrancando-lhe um sorriso e uma piscadinha marota. Ela adora ser do contra. Entrelaço o braço de Mike e avançamos pelo salão, as atenções se voltando para nós, à medida que percebem quem está chegando.

— Você pode me dar essas aulas, princesa. — a voz rouca e luxuriosa, ronrona em meu ouvido. — sabe como deixa meu pau duro toda vez que encarna a curadora sexy. Sem mencionar que estou me lembrando agora da última exposição que visitamos. Roma... Lembra o que fiz com você, bonequinha? — puta merda. Ofego, estremecendo com seu ataque no meio de tanta gente. É claro que lembro, *caspita!* O degenerado me comeu na frente de uma plateia e eu... Bem, eu amei cada segundo. *Madonna mia*, sou tão sem vergonha, não é? Limpo a garganta e me forço a acenar polidamente para as reverências que vamos recebendo, enquanto as pessoas vão saindo discretamente do nosso caminho.

— Eu sei o que está fazendo, *amore mio*... — rio, meneando a cabeça. Um garçom vem até nós. Mike pega taças de champanhe para mim e Anna e outra para si.

— O que estou fazendo? — ele enrola o braço livre em minha cintura novamente. Olhos negros intensos me encarando por cima da borda da taça, enquanto toma um gole da bebida. Anna está fazendo o mesmo, olhando a multidão, provavelmente em busca de meus irmãos. — estou apenas dizendo o quanto a minha menina me excita quando fica toda profissional sobre as artes. Talvez eu deva fazer um pequeno museu em nossa casa nova, que acha, meu amor? — eu tomo um gole bem-vindo do champanhe gelado para acalmar o calor que ele está incitando com sua sedução perversa. — você vai me falar sobre as obras... — um sorriso safado brinca em sua boca e ele sussurra no meu ouvido: — nua.

Oh, Dio... Gemo baixinho.

— Ah, Dam e Max estão vindo para cá! — a voz de Anna está cheia da alívio. — Deus é pai! Não é divertido ficar perto de vocês nos dias de hoje.

Eu rolo os olhos para ela.

— Você está resmungona demais, prima. — a provoco.

Meus irmãos abrem caminho até nós. Eu me reservo um momento para apreciar suas figuras imponentes. Eles são tão bonitos. Sempre fui babona com meus irmãos, mas depois do susto que levamos, estou ainda mais próxima deles. Quando passamos por algo tão aterrorizante, tendemos a nos agarrar a cada novo dia com unhas e dentes.

— Uau. As coisas estão quentes por aqui. — Max sorri, seus olhos escuros brilhando com travessura. — Mike, já viu a quantidade de garotas bonitas por metro quadrado? Nem parece que estamos em um museu chato.

Eu o olho, estreitando os olhos e ele sorri mais.

— Pare de provocar, Max. — Dam o empurra no ombro. — até porque nosso primo não tem permissão para olhar as garotas. É muita maldade com ele...

Mike rosna para a zoação clara.

— Eu não vou responder a isso, caras. — resmunga, mantendo-me juntinho dele.

— Você não precisa, *amore mio.* — corro em sua defesa e nos olhamos com cumplicidade antes de sua boca descer na minha num beijo delicado.

— Por favor, me resgatem, primos. — Anna se enfia no meio dos meus irmãos, enlaçando seus braços. — eu tentei, mas é difícil ficar perto desses dois. Eles simplesmente ignoram o resto do mundo.

Eles riem e acabamos sorrindo também. Anna inclina o queixo sutilmente para mim e vejo o primeiro-ministro, esposa e a *puttana* da neta. Grrr. Eles nos cumprimentam com cerimônia, nos parabenizando oficialmente pelo casamento iminente. Agna mal me olha nos olhos quando me cumprimenta, inclinando a cabeça. Eu seguro um sorriso triunfante. Ela não deve ter esquecido do nosso último encontro.

— Obrigado, senhor, senhora. — Mike agradece o casal idoso e para seu crédito, não olha para garota em nenhum momento.

Depois da sua bola fora por causa de ciúmes, nós dois conversamos longamente e estamos nos policiando em relação a isso. Decidimos que nosso amor deve vir em primeiro lugar sempre e que jamais daremos ibope para notícia, fofoca, ou pessoas mal intencionadas que comentarem algo sobre um de nós. Esse tipo de coisa sempre estará espreitando para alguém da realeza e os muito famosos. Vivemos sob os holofotes. Minha mãe me deu conselhos sábios também. Ela disse que sempre haverá pessoas à nossa volta que não vão torcer verdadeiramente para a nossa felicidade, mas o segredo para neutralizar todas as más vibrações é a confiança. Adquirindo a confiança, os terceiros nunca terão crédito sobre qualquer um de nós, ela completou.

Eles começam a se afastar depois dos cumprimentos cordiais.

— Cuide para manter seu penteado pelo resto da noite, querida.

Surpresa me faz engasgar com a bebida quando Anna diz em tom baixo, mas alto o suficiente para Agna escutar. *Dio mio!* Mike vira para mim, dando batidinhas leves em minhas costas. A *puttana* olha por cima do ombro. Se seu olhar matasse, minha prima cairia mortinha agora.

— O que foi isso? Do que Anna está falando, boneca? — Mike pergunta quando meu acesso de tosse é controlado.

— Não faço ideia, *amor*. — respondo tão doce quanto consigo. Ele semicerra os olhos, não comprando minha resposta, mas deixa quieto. Eu me inclino para Anna. — deixe de ser encrenqueira, prima. — cochicho.

Ela ri, os olhos brilhando com travessura.

— Eu? Que calúnia... Não fui eu quem arruinou o penteado da garota na última vez, *principessa.*

Meneio a cabeça, rindo da situação.

— Parece que nossos velhos estão chegando. — Dam aponta a entrada e observamos a comoção, que geralmente se forma quando nossos pais chegam em um evento. Em seguida, eles surgem. Meu pai soberano absoluto em seu smoking preto e minha mãe deslumbrante em um longo creme de saia longa e bufante. Um sorriso suave se abre em meu rosto, observando-os. Me recordo de que pedi esse tipo de amor que meus pais têm. Eu queria algo assim, que durasse a vida inteira. Olho ao lado, para o homem dos meus sonhos. Ele gira a cabeça, seu olhar intenso prendendo o meu. *Si*, eu fui atendida. *Dio* reservou esse homem lindo para mim. Travamos uma conversa silenciosa.

— Apenas cinco dias, *amore mio.* — sussurro.

Seu rosto se ilumina e ele roça o nariz no meu num gesto doce.

— Cinco dias, bonequinha. — murmura de volta.

Cinco dias depois...

Os olhos verdes de minha mãe se enchem de lágrimas quando as estilistas terminam de ajustar o vestido e prendem o véu sob a minha tiara. Meu padrinho, tio Dom, meus irmãos e primos já passaram por aqui mais cedo para me darem um beijo e desejar felicidades. Tia Cassie, minha madrinha, Anna e as gêmeas estão aqui junto com minha mãe. Há fungados e exclamações entusiasmadas, essas últimas, de minhas primas. Anna vem com um espelho de corpo inteiro e coloca em minha frente. Agora é a minha vez de ofegar. Meus olhos marejam, não consigo evitar. Está acontecendo. Estou vestida para me casar com o homem que amei por toda a minha vida.

— Você está linda, prima. — Anna murmura com voz meio embargada. — você sonhou tanto com esse dia, não é?

Aceno, entalada de emoção. Meu vestido é um modelo tomara que caia em seda e cetim brancos. O corpete mais estreito na cintura, se expande em uma saia estilo vitoriana, mas ao mesmo tempo moderna nos cortes da cauda de dois metros e meio. Um casaco de tule bordado com flores de renda pregadas a mão e fios de ouro caindo delas, simulando o néctar, quebra a ousadia da parte superior do vestido. Me apaixonei por esse modelo quando a estilista o desenhou para mim. Minha tiara é de diamantes brancos e pertenceu à minha avó Antonella. Minha mãe me presenteou com ela, visto que meu pai a presenteou com todas as joias de sua mãe quando se casaram. Meus cabelos estão presos em um coque sofisticado, a franja assentada para o lado direito. Eu toco meu pescoço e meu coração aquece, estou usando uma discreta coleira de diamantes e contando os minutos para ver a reação de Mike quando a vir em meu pescoço.

— Me deixe olhar, a minha princesa. — a voz emocionada de minha mãe me faz parar a contemplação do meu reflexo e me virar para ela. Está

linda em um longo amarelo. Suas mãos tocam meus ombros e braços cobertos pelo tule, delicada e amorosamente. — tão linda, querida. — suas lágrimas caem pelas faces, fazendo as minhas transbordarem também, o que não deve deixar as maquiadoras nada felizes. Suas mãos trêmulas seguram meu rosto de cada lado e sorri em meio às lágrimas. — rogo a Deus que lhe dê toda a felicidade do mundo, filha.

Aceno, mordendo meu lábio para não cair em prantos. *Dio,* quero aparecer bonita para o meu príncipe.

— *Grazie, mamma.* — murmuro com amor, tocando seu rosto também. — estou me casando com o homem da minha vida. Sonhei com ele desde que comecei a entender o que era o amor entre um homem e uma mulher.

— Eu sei, querida. Você e Mike tem tudo que é necessário para uma vida feliz. — ela balança a cabeça e me abraça com cuidado e sussurra no meu ouvido: — lembre-se dos conselhos que lhe dei, princesinha, o amor deve vir junto com a confiança. Quando atingirem esse patamar, estarão blindados para o resto do mundo.

— Não esquecerei. *Ti amo, mamma.* — murmuro embargada. Oh, *Dio,* ela está dificultando as coisas. Vou ficar toda borrada.

A porta se abre e ouço uma expressão de admiração. Levanto o rosto e meus olhos ardem mais ao ver *mio papà* todo alinhado no traje oficial de rei. *Si,* terei que retocar a maquiagem. Ele para um instante absorvendo a figura de sua *principessa* vestida de noiva. Volta a andar devagar, se aproximando, seus olhos negros muito brilhantes.

— *Tesoro...* — murmura quando chega à minha frente. Suas mãos fazem exatamente o mesmo caminho de minha mãe antes. Segura meus ombros e me olha, emoção tomando suas feições bonitas. — tão bonita, *principessa mia.* — puxa uma respiração alta, lutando claramente contra as lágrimas. Ouço minha mãe fungar mais, vendo-nos juntos. — tão parecida com tua *madre.* Prometa que nunca esquecerá daqui, da sua casa. Não

importa aonde irá viver de agora em diante, você é a princesa de Ardócia. Aqui está o teu povo e sempre será a tua casa, *figlia mia.*

Um soluço me escapa ao ouvir as palavras tão emocionadas de meu pai. Levanto a mão para seu rosto.

— Eu prometo, *papà.* — minha voz treme. — mas, *per favore,* não estou brigando com a família, apenas me casando. — ele resmunga quando todos riem no quarto. Pega minhas mãos e as levanta, beijando o dorso das duas. Minhas lágrimas caem pelas faces e sussurro: — seu lugar no meu coração nunca será substituído, *mio rè.* — ele engole, olhos escuros ameaçando derramarem. — *ti amo, papà.*

Me puxa com suavidade e beija minha testa amorosamente. Minha mãe vem até nós e meu pai a abraça também, nos mantendo junto de si, respirando irregularmente.

— Também *ti amo, bambina.* — murmura e se vira para minha mãe, seus olhos suavizando ainda mais quando a vê chorando também. — *nostra piccola* cresceu tão rápido, *perla.*

Ela sorri em meio às lágrimas.

— Sim, amor, muito rápido. — concorda, estendendo a mão, limpando uma lágrima que escorreu na face dele. — é o curso natural da vida, meu rei. Nossa princesa ficará bem. Mike cuidará bem dela.

Meu pai engasga. Eu nunca o vi tão emocionado. Meus olhos transbordam testemunhando essa espécie de elo inquebrável que há entre ele e minha mãe. Beijo um e outro na bochecha.

— Amo vocês. — balbucio olhando entre eles. — *molto, molto, papà, mamma.*

Eles me seguram como se nunca quisessem me soltar e eu não os apresso. Meu pai é o primeiro a recompor e avisar que nos aguardará lá fora. Depois de mais uma rodada de emoção e votos de felicidade de

minha madrinha, tia Cassie e as meninas, retocamos a maquiagem. Elas me escoltam até o térreo para tomar a carruagem. É uma tradição que meu pai não abre mão. Sou tomada pela emoção quando o condutor, que é ninguém menos que Harry, me ajuda a entrar e vejo o interior. Está todo tomado de rosas. Um sorriso apaixonado divide meu rosto, enquanto lágrimas frescas voltam em meus olhos. Me sento no banco acolchoado e vejo um envelope imediatamente. *Abra quando chegar à igreja, boneca.* É a letra de Mike, meu coração salta, meu sorriso aumentando, ansiosa para conferir o conteúdo. O mantenho nas mãos e respiro fundo quando a condução começa a se mover. Meus pais seguem atrás de limusine. Anna e minhas primas seguem com suas mães em outro carro no cortejo, que corta o centro até a catedral de San Domingo. Todo o caminho, a emoção vai se agigantando dentro de mim. O carinho da multidão por onde passo é lindo de se ver. Meu pai tem razão, não importa aonde irei viver a partir de agora, Ardócia sempre será o meu lar também.

Quando paramos na frente da escadaria da catedral, levanto o envelope e abro-o. Franzo o cenho quando enfio a mão e puxo um celular. O celular de Mike, observo mais atentamente. Cai uma nota em meu colo e eu a leio. *Coloque os fones de ouvido e procure o último vídeo no celular.* Sigo as orientações, arfando, ansiosa, nervosa. Encontro o vídeo intitulado: *minha preciosa menina* e o abro com dedos trêmulos. Os acordes da música *Hypnotised* de Coldplay enchem meus ouvidos. Essa música é linda demais. A dançamos ontem, na sacada de seu quarto, depois de um jantar à luz de velas, que ele mesmo preparou para mim. Meus olhos ficam turvos e soluço baixinho. Então, fotos minhas, nossas começam a aparecer na tela. É um vídeo desses bem simples, e por isso mesmo me emociona. Meu amor sabe exatamente o que me toca. Há fotos minhas ainda pequena em seu colo. Fotos nossas dançando em meu aniversário de quinze anos. Foi ali que percebi que o queria como o meu homem. Eu soluço mais, vendo a nós dois mais jovens, ano a ano, o amor fraternal tomando outra forma

dentro de nós, o jeito como nos olhamos vai mudando sutilmente, depois escancaradamente. Para o mundo inteiro ver.

— Foi construído, boneca. Nosso amor foi construído pouco a pouco. — sua voz no vídeo me assusta e ofego quando sua imagem aparece. Ele está vestido com a farda negra para cerimônias oficiais, o que significa que fez esse vídeo quando já estava pronto para vir para cá me esperar. *Oh, Dio mio...* Poucas vezes o vi nessa farda e ele está simplesmente de tirar o fôlego. Os cabelos puxados para trás daquela forma que amo. Fica com um ar misterioso, malvado.

— Você tinha que ser minha e eu tinha que ser seu. — seu rosto fica em close agora e eu choro baixinho. *Ti amo, amore mio. Ti amo. — eu poderia ter ido parar em qualquer outra família, mas não, meus pais tinham que me encontrar porque estávamos no destino um do outro, minha princesa.* — puxa uma respiração ruidosa, os olhos de ônix cintilando com tanto amor que meu coração aperta, ansioso para se juntar ao dele. *— venha para mim, minha vida. Venha me encontrar e me faça o homem mais feliz do universo. Eu te amo, bonequinha.*

Mike... Meu Mike. Arquejo e limpo as lágrimas com cuidado. A maquiagem é à prova d'água, mas ele acabou comigo agora. Me jogou na lona. Logo, meu pai está abrindo a porta da carruagem e me ajudando a descer. Há uma multidão de curiosos e a imprensa atrás dos cordões de isolamento. Agentes do Serviço Secreto e Guarda Real estão espalhados pelo perímetro, mantendo a segurança. Aceno e sorrio, enquanto enlaço o braço de meu pai e seguimos pelo tapete vermelho, com Anna e as meninas, minhas damas de honra, atrás de mim, segurando a cauda do vestido. Subimos os degraus sob chuva de aplausos. Paramos perto das portas enormes de madeira maciça, meu coração troveja contra a caixa torácica, parecendo que vai sair pela boca. Minhas pernas tremem e eu puxo o ar, emoções violentas golpeando-me por inteiro, então, as portas se abrem e dessa vez meu coração para ao vê-lo lá, no altar. Meus olhos

voltam a arder com a visão dele todo vestido de negro, as divisas douradas nos ombros largos. A pequena coroa na cabeça. Ele ainda não estava usando-a quando gravou o vídeo. Meu príncipe. Eu inalo rudemente, lutando para não chorar, mas sabendo que é uma batalha perdida quando os olhos escuros intensos e quentes encontram os meus e se fixam nos conectando imediatamente. Eu arfo baixinho, impactada, hipnotizada com a letra da música que me enviou há pouco. Meu pai dá um tapinha sobre a minha mão quando sente que estou prestes a desmaiar. Seguro meu buquê com mais firmeza e o deixo me conduzir para dentro. Ao encontro do homem mais bonito que já vi na vida. Ao encontro do homem que amo mais que a vida.

Mike

Termino de editar o pequeno vídeo para Ella e entrego o envelope com meu celular a Lucas e Samuel com as devidas orientações. É algo bem simples, mas sei que vai tocá-la porque é a nossa história. As gêmeas já passaram por aqui mais cedo a caminho do quarto de Ella. Estou inquieto pra caralho, pois ainda não vi a minha menina hoje. Esteve recebendo os cuidados de noiva e eu fui deixado com Dam, meus irmãos e os moleques mais novos, que não pararam de me provocar. Bando de fedelhos. No entanto, nada pode tirar meu bom humor hoje. Eu rio conferindo meu reflexo no espelho e faço uma careta. Eu pareço a porra do príncipe encantado.

— Concordo, você é mesmo muito feio, primo. *Mia sorella* merece coisa melhor. — o humor ácido de Dam me faz olhar para onde está encostado ao batente da porta.

— Quando vai aprender a bater, futuro rei? — alfineto-o de volta, passando por ele, voltando ao quarto. Sigo em direção ao minibar. — compartilha uma bebida, primo?

Sua risada soa às minhas costas.

— Nervoso, Mike? — pergunta condescendente.

Solto um grunhido e preencho dois copos com doses pequenas, apenas para equilibrar os nervos, porque sim, porra, eu estou nervoso! Ando de volta, entregando seu copo.

— Também estaria se estivesse a apenas uma hora de se casar com a mulher da sua vida. Correção: com a mulher que *é* a sua vida.

Seu rosto suaviza consideravelmente e toca seu copo no meu.

— Não quero experimentar essa emoção tão cedo. — torce o nariz e toma um pequeno gole do uísque. — mas estou muito feliz por você e minha irmã, primo. — eu tomo um gole bem-vindo e aprecio a queimação e quentura descendo em meu estômago. — vocês farão um ao outro feliz.

— Obrigado, cara. — digo e caímos em um silêncio confortável. O olho, observando que há certa tensão nele hoje. — algum problema, primo?

Sua cabeça levanta e me encara.

— Não é nada. Uma questão na fundação, mas já pedi ao meu assessor que cuide disso. — dá de ombros como se não fosse nada importante.

— E do que se trata? — insisto.

Toma o restante da sua bebida num só gole.

— A doutora Moretti e o noivo estão saindo. — ele praticamente cospe isso. — disseram que vão integrar ao Médicos Sem Fronteiras[15].

— Uau. Isso é notável, hein? — digo com admiração.

Dam bufa.

— *Si,* notável pra caralho. — rosna. — já vão tarde, porra.

Uh. Pelo visto meu primo não está gostando nada dessa situação. Estou a ponto de cavar mais quando novamente meu quarto é invadido, dessa vez

por meus pais. Meu velho abre o maior sorriso satisfeito e vem me abraçar. Minha mãe está radiante, linda em um longo azul marinho.

— Eu acho que nem preciso perguntar como está esse coração. — meu velho comenta ao ver o copo em minha mão. Eu rio, tomando o restante da bebida e deposito o copo sobre o aparador próximo.

— Estou nervoso pra caralho, pai. — admito. Minha mãe sorri suavemente. — como ela pode escolher a mim? — debocho de mim mesmo. — não sou digno nem de lavar os seus pés.

— Tem razão, primo. Não há explicação razoável para isso...

— Dam... — meu pai o olha, advertindo o sobrinho.

— Desculpe, tio Jay. — o idiota sorri, dando de ombros. — não pude resistir.

Meu pai segura meus ombros e aperta sutilmente, seu olhar ficando sério. Ele está visivelmente emocionado e isso me deixa ainda mais mexido.

— Ella enxergou seu coração, filho. — diz com voz instável. — ela sempre enxergou seu coração. Trate de cuidar daquela menina e fazê-la feliz.

Engasgo, meus olhos ardendo. Estou uma pilha de nervos. Eu não sabia que ia agir como uma mulherzinha no grande dia. Controle-se, Mike. Controle-se, porra!

— Eu prometo, pai. — digo embargado. Ele me abraça apertado, batendo em minhas costas.

Minha mãe está limpando os olhos quando me viro para ela.

— Você está tão bonito, querido. — toca minha farda, passando os dedos pelas divisas sobre os ombros e ajusta a minha gravata, novas lágrimas surgindo nos belos olhos azuis. — um verdadeiro príncipe. —

murmura com voz doce e segura meu rosto. — você e Ella serão muito felizes, tenho certeza disso. Um amor como o de vocês não pode dar errado.

E lá vai eu me derretendo ainda mais. Minha visão fica embaçada, enquanto minha mãe me beija suavemente na bochecha. Eu beijo sua testa, puxando uma respiração bem-vinda.

— Obrigado, mãe. — me viro para meu velho. — obrigado, pai. Por tudo. Por terem feito de mim o homem que sou hoje, e principalmente por terem me trazido até Ella. Eu não consigo me imaginar amando outra mulher.

— Isso é bom, *figlio mio.* — a voz do rei me sobressalta. Olho sobre os ombros de meu pai e ele está lá, junto com tio Dom, que está contendo um sorriso.

Porra. Engulo em seco, um pouco surpreso por ele estar aqui. Não conversamos muito depois da situação terrível em que meti sua filha. Sinto que ele me perdoou pela forma como me tratou desde então, no entanto, nunca me chamou para uma conversa, como fiquei esperando que fizesse. Bem, parece que o momento chegou. Ele se aproxima em seu traje formal de rei. Meu pai, tio Dom e meus primos também estão com seus trajes oficiais.

— Tio Leon, tio Dom. — os saúdo. O rei vem para perto e meus pais se afastam, dando-lhe espaço. Seu rosto está solene, tem uma serenidade que considero um bom sinal. Ele não escolheu esse momento para chutar a minha bunda. Deus gosta de mim.

— Eu devia ter falado com você depois do que passamos. — sua voz é firme. — mas eu sou um velho turrão...

— Jura, irmão? — tio Dom bufa e meu tio gira a cabeça fulminando o irmão.

— Dom, mantenha a porra da boca fechada, irmão. — meu pai rosna.

Ele levanta as mãos e ri do seu jeito descontraído. Em seguida, faz o gesto popular de passar um zíper na boca. Seguro um sorriso. Tio Dom é uma figuraça.

— Como ia dizendo antes do idiota ali me interromper... — tio Leon retoma, os olhos escuros e astutos voltando para mim. — eu demorei a aceitar que *mia bambina* cresceu e agora está indo embora. — e pela primeira vez sua voz tem um leve tremor, denotando sua emoção. — como pai, sempre vou querer o melhor para *mia piccola.* — aceno, um bolo começando a se formar em minha garganta. Acho que essa é a hora em que ele diz que não sou de fato, digno de sua princesa. — veja bem, eu demorei muito a chegar a essa conclusão, porque quando estava aplacado, você foi lá e fez um cagada colossal, Mike.

Ouço Dam rindo dessa vez. Bastardo.

— Eu sei, tio, e acredite, vou passar o resto da vida lamentando por isso. — digo-lhe sustentando seu olhar aguçado de soberano. Ele é intimidante.

— Eu sei. — seu rosto suaviza um pouco. — todos nós vimos o quão devastado você ficou com as consequências. Dam me contou como os encontrou naquele cativeiro... — levanta uma mão para o meu ombro e o segura fortemente. — você ia morrer com a *mia bambina.* Nunca ouvi nada tão triste e tão bonito ao mesmo tempo. — engole, seu pomo de adão se movimentando. — se eu terei que entregá-la a outro homem, que seja para o homem que a ama dessa forma tão profunda e incondicional. — com um pequeno sorriso, ele me puxa para um abraço desajeitado no começo, então, eu o abraço de volta, alívio puro derramando sobre mim. — seja bem-vindo, como *mio figlio.*

Porra! Eu fico mudo por alguns instantes, apenas ouvindo os fungados de minha mãe e o suspiro de alívio de meu pai.

— Obrigado, tio. Muito obrigado. — exalo, batendo em suas costas amigavelmente. Nos afastamos ainda meio sem jeito. — sua aprovação e seu perdão significam muito para mim. Prometo-lhe solenemente que cuidarei de Ella com a minha vida se for preciso.

Ele acena e com mais um tapa fraternal em meus ombros, se afasta.

— Ei, sobrinho. — tio Dom vem para perto e me abraça. Seu abraço é mais apertado e descontraído, sem a cerimônia de tio Leon. — seja feliz e faça nossa princesinha feliz também. — se afasta para me olhar nos olhos. — e o mais importante, vivam! Vivam cada segundo como se fosse o último.

Concordo. Ele está malditamente certo. A vida é muito frágil, aprendi essa lição da pior maneira. Tio Dom fica momentaneamente sério e completa:

— A experiência às vezes é um processo doloroso, mas, isso nos deixa mais fortes, Mike.

— Agora sim, irmão, está agindo de acordo com a sua idade. — meu pai provoca e tio Leon ri baixo.

— Obrigado, tio. — sorrio, agradecendo-o. Ele sorri de volta e me dá uma piscada que indica zoação para cima dos irmãos.

— Chegou a hora, filho. — meu pai diz conferindo o relógio e meu coração volta a saltar descompassado. Meu velho ri, vendo minha emoção.

— Irei aos aposentos de Ella agora, querido. — minha mãe anuncia. Ela ainda tem aquele olhar derretido e emocionado. Sorrio-lhe.

— Diga a ela que estou ansioso para vê-la. — ela sorri amplamente. — e que eu a amo demais. Demais.

Ouço um bufo que identifico como de Dam.

— Vamos, Shakespeare apaixonado. — ri, sendo seguido pelos outros.

— se apresse, porque do jeito que minha irmã também está ansiosa, é capaz de chegar à catedral primeiro do que você.

Isso me faz escancarar o maior sorriso arrogante em meu rosto.

— Vamos. — rosno, me movimentando para a porta, abrindo-a. Meus tios passam, meu pai e minha mãe em seguida. — espero lhe ver nessa mesma situação em breve, primo. — alfineto Dam, quando passa também.

Ele sai para o corredor, fazendo uma careta.

— Sou muito jovem para isso, cara! — retruca veemente. — não estou com a menor pressa em me amarrar, primo. Posso ter qualquer mulher que eu quiser, por que abriria mão de tamanha liberdade?

— Quando a mulher certa aparecer, você não vai mais fazer esse questionamento, Dam. — digo-lhe com seriedade, emparelhando com ele em direção ao elevador.

Ele rola os olhos.

— Espero que essa tal mulher demore a aparecer, porque não estou disposto a abrir mão da minha liberdade pelos próximos... Uh, cinco, dez anos, talvez. — zomba.

Eu rio, rebatendo-o.

— O amor não segue cronogramas ou regras pré-estabelecidas, primo. Ele chega e devasta tudo, quando menos percebe já está de quatro.

Ele gargalha dessa vez.

— *Cáspita!* Não, Mike. Tenho joelhos muito sensíveis, *grazie.* — caçoa. — agora pare com essa merda, não me faça me arrepender de ser seu padrinho de casamento, primo.

Eu apenas rio, concedendo-lhe uma trégua. Entramos no elevador e meu peito aperta quando me lembro do meu outro padrinho, o Sheik Amihaj. Mantemos uma boa relação de amizade desde que cuidei da

reforma de seu palácio no deserto. **N**ão virá mais ao casamento, uma tragédia se abateu sobre ele há três dias. O avião no qual sua esposa viajava para a capital de seu pequeno e próspero país, caiu na fronteira com Catar. Sua rainha morreu junto com a comitiva de funcionários que a acompanhava. Me entristeceu quando fiquei sabendo. Eles têm uma menina linda de apenas dois anos, porra. Eu soube por algum tempo o tamanho da dor em perder a mulher amada. A última imagem que tenho deles é de uma família feliz. Que Deus dê forças a ele para seguir em frente junto com sua filha.

Encontramos com Lucas e Samuel, eles também serão meus padrinhos, esqueci-me de mencionar. Os moleques ficaram radiantes quando os convidei. Tomamos um carro aberto e seguimos pelo cortejo até a catedral de San Domingo. É lá que todo príncipe e princesa da Ilha se casa. A multidão ovaciona com a passagem do noivo. Ainda estou absorvendo essa loucura toda que se formou em volta de mim e de Ella quando tudo foi esclarecido e Ardócia teve sua princesa praticamente ressuscitada dos mortos pela versão do Serviço Secreto. A quantidade de matérias sobre nós e o casamento é obscena. A imprensa mundial está atenta na cobertura do dia de hoje. Na verdade, eles começaram a perseguição quando acamparam na frente do meu edifício há duas semanas. Quando voamos para cá na semana passada, eles nos seguiram e estão acampados desde então nas proximidades do palácio, sequiosos por um vislumbre nosso, ou de qualquer membro dos Di Castellani.

Quando chegamos ao destino, saio imediatamente. Dam e meus irmãos de cada lado, enquanto subimos a escadaria, inclinamos a cabeça e acenamos educadamente para a imprensa e outros tantos curiosos se aglomerando na praça. O interior já está lotado com a nata da nata da nobreza europeia, alguns empresários e políticos mais influentes e artistas de renome estão na lista de convidados. Tomo meu lugar no altar, suando, apesar do ar condicionado estar frio. Energia nervosa se agitando dentro de

mim. Caralho. Penso e me recrimino imediatamente por blasfemar na casa sagrada. Puxo um pouco meu colarinho, que parece de repente apertado demais. Lucas, Samuel e Dam tomam seus lugares também. Max e Lipe estão no altar também, embora não sejam padrinhos, é a tradição. Avisto os avós maternos de Ella na primeira fila. Os cumprimento e me devolvem a saudação. Não tenho muita intimidade com eles. Laura e Philip não são os avós mais efusivos, porém, estão presentes na vida dos netos na medida do possível. Eu respiro fundo. Estou divagando, procurando qualquer detalhe que me faça distrair do fato de que em poucos minutos a minha menina entrará por aquela porta e mostrará ao mundo que me escolheu.

Fecho os olhos e penso sobre ontem. Nosso último jantar romântico como solteiros. Sorrio levemente, amor se espalhando em cada célula do meu corpo. Ela de pijama e pantufas porque teve que driblar Anna e fugir para o meu quarto. Seus grandes olhos verdes cintilando para mim enquanto dançávamos sob as estrelas em minha sacada. Não tentei seduzi-la para sexo. Não, eu apenas quis fazer algo especial para ela, para nós. Foi como nos velhos tempos, quando não ousávamos falar sobre os nossos desejos, mas necessitávamos estar juntos e ficávamos deitados na espreguiçadeira, admirando o céu e falando sobre tudo e nada. Ela dormiu em meus braços como fizera inúmeras vezes. Eu protelei levá-la de volta ao seu quarto. Fiquei horas apenas vendo-a dormir e agradecendo a Deus por nos permitir viver esse amor tão profundo. Maior que nós mesmos. Maior que a vida.

O rumor dos convidados, o barulho das portas se abrindo me tiram da minha fuga e levanto a cabeça. E tudo para. Ella está lá, parada, no braço do rei, linda. Absolutamente linda! Meu coração dá um solavanco, faltando pular para e sair rolando até seus pés. Inalo com força, meus olhos turvando. Emoção sem tamanho faz tremer meu corpo inteiro. Eu pisco, engolindo bruscamente quando percebo a gargantilha/coleira em seu pescoço. Deus, eu nunca vi nada mais perfeito em toda a minha vida. Uma

princesa submetendo-se a mim. *Minha preciosa menina.* Ofego alto. Sinto uma mão apertando meu ombro. Sei que é Dam pela visão periférica, meus olhos se recusam a deixá-la. Apesar da distância, nossos olhares se prendem e travamos uma conversa silenciosa e emocionada. Então, os violinos soam iniciando a marcha nupcial e ela dá o primeiro passo. Um sorriso trêmulo se abre em minha boca. *Sim, meu amor, venha para mim.* Não desviamos os olhos um do outro o trajeto inteiro. Ela está chorando, consigo ver os olhos lacrimosos derramando sobre as faces daqui. As exclamações de encantamento dos convidados a cada fileira que avança me deixam orgulhoso e possessivo. Sentimentos ferozes me golpeiam, enquanto bebo da sua beleza delicada, etérea. O amor imenso que sinto por ela transborda em meus olhos, que ficam cada vez mais turvos. Quando enfim chega à minha frente, é uma luta não a tomar nos braços e segurá-la pelo resto da cerimônia. Contudo, o protocolo não permite. Meu tio me dá um aperto de mão firme e me entrega a minha menina.

— Boneca... — sussurro respirando entrecortado. Anna se encarrega do buquê e segue para seu lugar de dama de honra, seguida pelas gêmeas. Levanto seu véu e limpo suas lágrimas delicadamente com os polegares. Sinto as minhas descerem também. Suas mãos trêmulas e frias tocam meu rosto fazendo o mesmo carinho. — você está além de linda, princesa. Tenho certeza que humilhou as outras noivas que já passaram por aqui. — digo-lhe baixinho e tomo suas mãos delicadas nas minhas, levantando-as para depositar um beijo reverente em cada uma. — essa imagem estará na minha mente até o dia em que der meu último suspiro.

Ela sorri em meio às lagrimas. Linda demais. Quando penso que chegamos tão perto de morrermos sem nunca sacramentar a nossa união, meu peito dói. Mas, nós vencemos.

— E a sua comigo, *amato mio...* — murmura suavemente, o rosto lindo rosado de emoção. — você está *perfetto. Mio bello principi.* — embarga de novo. Seus olhos me dizem que está pensando a mesma coisa, que por

pouco não chegaríamos aqui.

Encosto minha testa na sua e respiramos o meu ar. Lágrimas caindo abundantemente em nossos rostos. Ninguém nos apressa, percebendo o nosso nível de emoção obviamente.

— Te amo tanto, bonequinha. Quero viver e morrer do seu lado. — murmuro.

— Eu também, *amore mio.* — soluça alto e ouvimos murmúrios.

Puxo-a pela cintura delicada e a abraço. Ninguém nos interrompe ainda e inclusive, consigo ouvir alguns fungados no recinto. Puxo uma respiração profunda, tomando para mim a tarefa de acalmá-la.

— Respire, Ella. — sussurro-lhe, nunca desviando meus olhos dos dela. Ela inspira tremulamente. — isso, meu amor. É hora de ser feliz, minha princesa. — sorrio, encorajando-a. Os olhos incrivelmente verdes acendem e ela acena. — vem, minha vida. Nós lutamos e ganhamos o direito de viver esse amor. Chegou a hora.

Um pequeno sorriso emocionado se abre em seu rosto. Levo-a pela mão através dos degraus do altar, onde o Arcebispo nos aguarda com uma expressão de empatia. Ele se recompõe e inicia a cerimônia:

— Estamos aqui reunidos para celebrar o amor de Michael e Antonella...

A olho de lado. Ela suspira, uma expressão de puro júbilo descendo em seu rosto. O Arcebispo continua o seu sermão sobre o amor e a sagrada união entre um homem e uma mulher por meio do casamento e eu continuo bebendo-a sedento, apaixonado. Um pequeno sorriso brinca na boca carnuda me fazendo sorrir também. Ela sabe que a estou olhando, hipnotizado e está apreciando, dando um vislumbre da minha princesa impertinente. Então, vira a cabeça, os olhos de esmeralda marejados, brilhando lindamente, encontrando os meus.

— Nem muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem levá-lo na correnteza... — o Arcebispo prossegue. — se alguém oferecesse todas as riquezas da sua casa para adquirir o amor, seria totalmente desprezado... A pessoa que ama decide amar porque quer amar... O amor é uma decisão poderosa...

Sim, o amor é uma decisão poderosa. Sorrimos mais, concordando, lágrimas emocionadas, agora de alegria descem pelas nossas faces incessantemente e permanecemos nos olhando até nos tornarmos um só...

****

Algumas horas mais tarde. Bufo. Muito tarde para o meu gosto, entro em meu quarto com a minha esposa nos braços. Chuto a porta fechando-a, causando um risinho de deleite em Ella. Prendo-a contra a porta, meu corpo grande tentando sentir o seu sob as camadas do vestido de princesa. Tinha outro traje para a recepção, mas não permiti que se trocasse. Quero ter o prazer de despi-la. A recepção foi no salão de bailes oficiais do palácio. A expressão no rosto de Ella quando entramos e fomos recepcionados por ninguém mais ninguém menos que a sua banda favorita lá no palco, me colocou de joelhos. Os contatei tão logo a data foi marcada e mantive em segredo. A forma como sorriu e logo em seguida chorou quando cada um deles desceu os degraus, vindo cumprimentá-la. E a forma como me olhou depois, enternecida, repleta do mais puro amor, fez valer a pena trazer os marmanjos. O que foi? Meu ciúme permanece. O que vou mudar é a maneira irracional de externar essa merda. Um atenuante é que os roqueiros estão todos fora do mercado. Graças a Deus!

Dançamos juntinhos ao som de *Miracles* do Coldplay e depois, *Irresistível* da DragonFly. Foi perfeito. Festejamos junto de nossa família por quase três horas, acho. Do meio para o fim, minhas respostas eram apenas grunhidos. Quando o rei e a rainha foram dançar, aproveitei para fugir com a minha menina. Aproximo meu rosto do seu e sorrio. Na

verdade, isso sai mais como um rosnado, enquanto empurro meu pau duro, moendo, forçando-a a abrir mais as coxas. Resfolega, lambendo os lábios, a expressão de putinha safada que me deixa louco tomando seu rosto angelical de princesa. Rosno mais porque amo essa mistura nela. Minha boca está salivando e meu pau duro toda a maldita semana, esperando, antecipando esse momento. Levanto uma mão, meus dedos se fechando em seu pescoço delicado pela frente. Ela ofega, os olhos lindos, ficando turvos, dilatados de tesão na fraca iluminação do quarto. Minha boneca nunca decepciona. Ama ser dominada tanto quanto amo dominá-la. Deslizo o nariz pela sua face, cheirando-a como um macho a sua fêmea no cio.

— Como se sente, bonequinha? Como é ser a minha mulher? — sussurro asperamente em seu ouvido. Ela empurra a pélvis na minha, me arrancando um sorriso perverso. Cavo a mão livre através dos tecidos, pegando sua bunda, trazendo-a para mim, todo o tempo nossos olhares presos, quentes, cheios de tesão, um querer tão profundo que chega a doer. Amor, luxúria, emoções ferozes guerreiam dentro de mim. — minha menina linda. — sugo delicadamente sua orelha e desço para o pescoço, então, rosno quando minha boca toca a coleira. — minha cadela obediente. — digo numa voz macia, condescendente. Ela estremece mais, reagindo ao meu jogo de dominação. Aperto seu pescoço ligeiramente. — vamos, diga como é pertencer a mim.

— *Amore mio...* — choraminga. — é maravilhoso ser a sua mulher. É maravilhoso pertencer a você, *mio maestro.*

Meu peito aquece e eu rosno mais, cheirando-a, lambendo-a, chupando seu pescoço quase com desespero. Subo para a face e olho-a, enquanto esfrego meu pau em seu centro sem trégua.

— Quer saber como me sinto, boneca? — pergunto baixinho e mordo a maçã do rosto perfeito. Ela emite um gemido chorado. Sorrio depravado,

isso sempre a deixa louca de tesão, pingando para mim. — no topo do mundo, princesa. Você me colou na porra do topo do mundo quando me aceitou como seu homem oficial e definitivamente.

— *Si,* meu homem. — ofega tremulamente. — meu dono. Meu único senhor.

Ranjo, cavando minha mão livre entre suas coxas, pegando sua bocetinha em cheio através do tecido.

— Vou despir minha linda mulher agora. Quero-a apenas nos saltos, tiara e essa coleira que usou para atiçar seu mestre. — meu tom sai rude bem perto de sua boca. Seu hálito doce misturado com champanhe me embriaga. — depois, vou comer a minha boa putinha, minha cadela bem aqui, de pé, contra essa porta. Alguma objeção? — mordisco seu lábio inferior com um pouco de pressão, não parando a massagem em sua boceta através das roupas. Arqueja, os olhos pesados de desejo feroz, bruto, se assemelhando ao meu. Duas metades iguais.

— Não, *mio marito.* — coaxa e meu pau baba nas calças com seu sotaque sexy me chamando de meu marido. — sou sua, meu senhor. Use-me como e onde quiser.

Porra. Ela me nocauteia.

— Minha boa menina... — digo contra sua boca antes de mergulhar entre seus lábios. A beijo com fome e sou recebido com a mesma volúpia. Nossas línguas se encontram e se entrelaçam, lambendo-se numa provocação erótica. Ela geme, eu rosno e a devoro mais e mais. — boneca... — balbucio rouco, sugando sua língua com força. Levanto sua saia e sem perder tempo arrasto a calcinha para o lado, metendo dois dedos entre suas dobras lisas. Ela grita em minha boca e passo a comê-la com golpes duros e fundos, sua lubrificação molhando minha mão, facilitando a entrada. Esfrego seu botão durinho, inchado e a beijo com mais força, mais voraz. Não demora muito está estremecendo e gozando em meus dedos,

seus ganidos sendo comidos pela minha boca. Eu chupo, lambo, mordo seus lábios e volto a aprofundar o beijo, bebendo seu prazer. Então, me obrigo a separar nossas bocas. Ela abre os olhos e sorri, meio dopada, ofegante. Empurro os dedos profundamente uma última vez e os puxo, trazendo-os direto para a minha boca. — deliciosa minha esposa. Agora, vire-se e coloque as mãos na porta.

Choraminga com meu tom dominante e gira, obedecendo lindamente ao meu comando. Eu afasto o véu para o lado e seguro sua cintura, mordiscando sua nuca nua. Arfa, colando o lado do rosto na porta, expectante. Sorrio e começo abrir os botões, que tenho certeza, foram pregados aqui por ordem do rei para dificultar meu acesso à sua filha. Porra. Abro um a um e subo as mãos para seus ombros delicados, retirando a espécie de casaco de renda fina que está usando. Enfio as mãos pelo corpo do vestido e o empurro para baixo, gemendo ao sentir sua pele nua, quente, macia como seda. Não me contenho e lambo suas costas, percorrendo a linha da coluna graciosa. Empurro a saia volumosa para baixo e Ella me ajuda, saindo da ilha de tecidos. Eu chuto tudo para o lado e abro meu zíper, puxando meu pau duro para fora, parecendo um homem que nunca teve sexo na vida. Caralho. Em minha defesa, excita-me demais estar todo vestido e ela nua, me servindo onde e do jeito que quero. Como punição, eu retardo as coisas, subo as mãos pelos lados do corpo perfeito, a cinturinha fina e vou pela frente segurando os peitos cheios, empinados. A carne tenra, durinhos me deixa ainda mais fora de mim. Amasso a carne, rolando os bicos depois.

— *Per favore, per favore...* — sua voz rouca e submissa quase me faz gozar. Rosnando como um animal selvagem, eu puxo a delicada calcinha de seda, partindo-a em tiras e seguro sua bundinha firme, trazendo-a para mim. Esfrego a ponta grossa em sua carne molhada, ela prende a respiração, a pele arrepiando. Seguro seu pescoço pela frente com uma mão e então, eu meto tudo. Entro fundo numa única estocada. — ahhhh!

Mike... Puta merda...

— Ella... — ranjo seu nome e retiro-me quase todo, para enfiar tudo de novo, mais profundo. Sua carne molhada se agarra ao meu pau, apertando-me, espremendo-me tão gostoso que por pouco não gozo como um adolescente desengonçado. Respiro fundo e desacelero, fodendo-a lenta e deliberadamente até ter minha fome animalesca controlada. Me debruço sobre suas costas e sugo seu ombro com força, deixando-a marcada. Geme, choraminga, rebolando no meu pau. — que delícia, porra... Adoro quando minha menina obediente toma todo o meu pau sem reclamar. — resfolega quando acelero, metendo com força, indo até o talo. Arranha a porta, choraminga, palpitando à minha volta. Seu corpo muda, me avisando que está se encaminhando para outro orgasmo. Mordo sua orelha e como-a mais e mais, socando profundamente, sem dó. — minha princesa é tão putinha, me dando assim, em plena noite de núpcias... — zombo em seu ouvido. Ela estremece, minha degradação atingindo o ponto de erupção. — assim, bonequinha... Me deixe comer essa bocetinha linda até me fartar. Não tenha vergonha do que fazemos, do que somos, meu amor. Goze no meu pau! Agora!

Ela solta um gemido erótico pra caralho e goza, berrando alto. Porra. Acelero as estocadas, batendo no fundo de sua boceta apertada sem trégua. Minhas bolas apertam, pesando, doendo gostosamente.

— Porra, boneca! — urro, apertando seu quadril, me enterrando até não poder mais e esporro dentro dela. Tremores violentos varrem meu corpo todo. Como-a rosnando e gozando abundantemente. Não há sensação como essa, porra. Não há nada como isso. — que gostosa... Caralho... — puxo o ar rudemente.

Ficamos assim, eu prendendo-a contra a porta, os dois arfando, lutando por ar, gemendo baixinho. Os últimos tremores do prazer absurdo rolando sobre nós. Beijo seu ombro reverentemente e saio devagar dela. A pego

imediatamente nos braços e sigo pelo quarto em direção à cama. Geme lindamente quando a deposito no colchão e sente as pétalas de rosas sobre os lençóis.

— Linda... — murmuro, arrebatado por tanta beleza. Sua pele branca está rosada, corada do nosso amor louco, luxurioso. Me debruço e desprendo o véu, retirando a tiara também. Em seguida retiro a coleira luxuosa e os coloco sobre o criado-mudo. Seus olhos estão amolecidos acompanhando cada movimento meu. Sorrio levemente e desço da cama, ficando em seus pés, tiro cada sandália delicadamente, massageando seus pés. Ela geme baixinho. Não resistindo mordisco suas panturrilhas, arrancando-lhe gritinhos sensuais. Me afasto e pego o balde de champanhe com duas taças sobre o aparador, depositando-o no criado do outro lado da cama. Quando faço menção de retirar a minha túnica militar, ela meneia a cabeça e se arrasta sinuosamente pelo colchão. Fica de joelhos e começa a abrir os botões da farda.

— Permita-me, *mio principi.* — sussurra, esses olhos lindos e doces me deixando sem palavras. Suas mãos delicadas empurram a túnica pelos meus ombros e se aproxima, beijando meu peitoral, deslizando o nariz, cheirando-me sensualmente. É naturalmente sedutora, minha princesa. Sorrio, meu coração repleto, transbordando de amor por essa menina, que me aceitou sem reservas. Desce beijando meu abdome, deixando a língua resvalar, me fazendo estremecer. Meu pau ainda está duro dentro da cueca, a braguilha já aberta. Eu gemo roucamente quando abocanha meu eixo por cima da cueca e o morde suavemente.

— Porra, boneca... — seguro sua cabeça e paro-a. — teremos a noite toda, princesa. — sussurro, passando o polegar em seus lábios cheios, louco para deixá-la fazer o boquete. — mas, há algo que quero lhe mostrar agora, amor. — seus olhos se iluminam, antevendo uma surpresa. — espere aí como uma boa menina. — ela rola os olhos com meu tom brincalhão. Sorrio e chuto meus sapatos, pegando meu celular que Harry

me devolveu depois da cerimônia, eu envio rapidamente uma mensagem. Ella levanta uma sobrancelha, me observando, curiosidade marcando suas feições perfeitas. Arranco as calças e subo na cama, Ella sorri, recostando-se nos travesseiros e em seguida franze as sobrancelhas quando fico de joelhos na cabeceira. Há uma ampla janela sobre a minha cama, abro as duas partes, a brisa marítima me assaltando. Inspiro, me sentindo leve, feliz como nunca em minha vida. Ella se levanta, enrolando o torso no lençol.

— O que está fazendo, amor? — pergunta com um misto de riso e intriga, então, os primeiros estouros chamam sua atenção. Corações explodem no céu de Ardócia por todos os lados. Um ofego deixa sua boca e ela sorri, os olhos refletindo as imagens multicoloridas dos fogos de artifícios. — *oh, Dio mio...* — sua voz é levemente embargada agora. Puxo-a pelos ombros e a trago para o círculo dos meus braços. Suspira, parecendo uma menina, admirando os fogos. Sorrio, fuçando seus cabelos com meu nariz.

— É tão fácil agradar minha esposa. — digo baixinho em seu ouvido. Seu rosto gira para me olhar nos olhos. Os seus estão cheios de lágrimas. — tão sensível, bonequinha.

— *Ti amo, amore mio.* — sussurra, trazendo uma mão para o meu rosto, alisando minha barba aparada. — *ti amo* para toda a eternidade.

Toco seu rosto, meu olhar correndo por cada pequeno detalhe.

— É assim que te amo também, minha princesa. — meus olhos ardem. Tudo sobre ela me encanta, emociona, me arrebata. — quero viver e envelhecer do seu lado. Quero ver nossos filhos nascerem, crescerem e se tornarem pessoas de bem. — ela soluça, uma lágrima escorrendo pela face, mas, está sorrindo lindamente. — o que acha disso, minha preciosa menina?

— *Perfetto.* — seus olhos estão cheios de amor para mim quando

murmura: — amo quando me chama assim.

— Assim como? — sorrio levemente.

— Sua preciosa menina. — diz baixinho, emocionada.

Meu peito amolece completamente.

— Você sempre será a minha preciosa menina, Ella. — digo com a mesma emoção, nossos olhares falando muito mais que nossas simples palavras. — sempre a minha bonequinha. Sempre a minha preferida.

Ela resfolega. Aproximo mais nossos rostos, minha boca quase tocando a sua.

— E você sempre será o meu Mike. — diz-me com voz marcada de emoção.

— Sempre. — sussurramos ao mesmo tempo e sorrimos, cúmplices. Amparo sua cabeça na mão e desço minha boca na sua. A beijo com delicadeza, deliciando-me com seu sabor único e requintado. Há duas semanas estávamos sem esperança de viver esse amor. Agora estamos aqui, consagrando nossa união. Nosso futuro juntos apenas começando. Tudo será melhor. Nós vamos nos esforçar para que seja. A beijo com tudo que tenho. Bombardeado de tanto amor por ela. Quando separo nossas bocas estamos ofegando. Sorrio-lhe e me viro para abrir a garrafa de champanhe sobre o criado-mudo. Sirvo as duas taças. Brindamos e bebemos, bem agarradinhos, apreciando os fogos. Eventualmente escorregamos de volta na cama e nos beijamos. Pele contra pele, mãos explorando o corpo um do outro. Os fogos continuam espocando no céu enquanto nos amamos lenta e sofregamente. Felicidade plena, completa nos arrebatando igualmente, nossos corações batendo juntos, no mesmo ritmo. Um amor maior que nós mesmos. Um amor maior que a vida.



EPÍLOGO

Antonella

Quatro anos depois... Londres, Inglaterra

Eu me recosto ao batente da porta e meu coração derrete ao ver a cena. Os balbucios entusiasmados de *mio piccolo* para os carinhos de seu *papà*. Fico olhando-os por um momento, sem anunciar minha presença. Amo vê-los juntos. Mike está descaradamente influenciando nosso filho para a sua profissão. Ele compra jogos e mais jogos de blocos de encaixar. Enrico bate palminhas quando o pai o ajuda a encaixar o último bloco da torre. Meus olhos marejam, vendo meus dois homens lindos, a razão do meu viver, interagindo. Lembro-me como se fosse ontem do momento em que dei a notícia à Mike que estava grávida. Tivemos dois anos só para nós, namorando muito, viajando pelo mundo. Dois anos de lua-de-mel. Então, quando voltamos das férias nas ilhas gregas, há dois anos, nosso pequeno já estava em meu ventre.

Eu havia parado de tomar contraceptivos e não avisei Mike, queria lhe fazer uma surpresa. Sorrio conspiratoriamente, como estou fazendo agora. Parei de me proteger há uma semana. Quero lhe dar mais um filho. Enrico tem apenas um ano e três meses, mas não quero deixar passar muito tempo entre um e outro. *Mio piccolo* precisa de companhia. Enfim, quando contei a *mio bello marito* que estava grávida, ele quase desmaiou de susto, uma

vez que não tínhamos retomado a conversa sobre filhos. Naquela noite, ele me levou vendada para o jato e me surpreendeu com um jantar romântico em Paris. Fizemos amor noite a dentro, ele sendo cuidadoso, mas sem perder a sua intensidade e paixão que tanto me arrebata. Eu o amo tanto. Nossa vida é perfeita, completa agora. No começo, os acontecimentos traumáticos daquele sequestro ainda nos perseguiram, mas, fomos construindo, trabalhando duro para expurgar de vez aquelas lembranças sinistras. E funcionou. Logo, era tanta felicidade que estávamos compartilhando que não sobrou espaço para nada mais.

No nosso primeiro ano de casamento, Mike comprou uma propriedade rural a poucos quilômetros de Londres. Um castelo! *Si,* ele é tão bobo. Não preciso viver em um castelo para ser feliz, tudo que preciso é ele, nosso filho e todos que *Dio* nos permitir ter. Nos mudamos para cá no segundo ano, depois de algumas adequações, como a instalação de elevadores e... Uh, a construção do nosso quarto de jogos. Ele o fez com aspectos de masmorra, decoração e paredes rústicas e é embutido em nossos aposentos, através de uma passagem secreta, como na cobertura. Não nos desfizemos da cobertura e nem daquele quarto, o usamos quando queremos fugir da rotina, ou por razões de trabalho, meu engenheiro sexy precisa dormir na cidade. Nossa vida sexual nunca esfriou, mas meu amor acabou descobrindo que não precisamos nos associar a um clube para viver o estilo BDSM. Tudo que precisamos é sentir a doutrina e vivê-la em nossos próprios espaços privados. Nunca mais fomos ao clube do qual Mike era sócio. Thomas, lembram do conde de York? Aquele *maledeto* que ajudou na farsa montada para desestabilizar Mike? Ele foi preso. Estava metido também no tráfico de mulheres. Aliás, quando a operação do agente Cassidy terminou no ano passado, muitos figurões estavam atrás das grades. Ah, outra questão que sei, devem estar se perguntando, Vivian sobreviveu. *Si, grazie a Dio.* Não somos melhores amigas, nem nada disso, mas lhe serei eternamente grata por ter me salvado. Ela é uma mulher de

princípios, não podemos negar.

Enfim, o agente Falconi foi o responsável pela sua sobrevivência. Ele a ressuscitou quando estava já dada como morta. Os dois criaram um vínculo forte. *Si*, é isso mesmo que estão pensando, Vivian encontrou o seu próprio conto de fadas também. Localizamos sua irmã três meses depois, contrariando todas as estatísticas, ainda viva. Maltratada, mas viva. Proporcionei-lhe os melhores médicos e psicólogos e a garota teve uma recuperação completa, tanto que está de volta à universidade pelo que fui informada. Era o mínimo que eu podia fazer. E Vivian realmente tem um pai doente, só para constar. Ela e o agente se casaram um ano depois do incidente todo e estão vivendo em Ardócia desde então. O agente assumiu o comando do Serviço Secreto e fez algumas mudanças que deixaram meu pai e Dam muito contentes. Mike ofereceu capital como recompensa, para Vivian abrir uma pequena firma de construção e ela aceitou, sob a condição de que pagará tudo de volta quando os negócios derem lucro. Quanto à Paolo, o outro implicado naquela história, foi exilado por cinco anos. Sua família permaneceu na Ilha, mas sem a influência de antes.

— Você conseguiu, filhão! — a voz profunda de meu marido me faz arfar levemente, saindo do meu recuo no túnel do tempo. *Dio,* eu amo esse timbre forte, áspero, dominador. Deixo meus olhos correrem por ele sem pressa, cobiçando-o sem vergonha. Seu terno está jogado sobre a poltrona de leitura e sua gravata também sumiu. Usa apenas a camisa branca, com os punhos arregaçados nos antebraços musculosos. — não sei até quando sua mamãe vai ficar lá, olhando para nós. — me sobressalto, então, derreto em uma poça quando a cabeça escura gira em minha direção e meus olhos colidem com os olhos negros tão amados. Ele está ainda mais bonito, sexy, másculo aos trinta e cinco anos. É impossível não babar toda vez que o contemplo. Babar literalmente... Rio, sentindo meu baixo ventre vibrando, a quentura deliciosa descendo... Um canto da sua boca sobe no arremedo de sorriso perverso que conheço bem. — ei, garotão, olha a mamãe bem

ali!

Meu pequeno príncipe gira a cabeleira escura, idêntica à de seu pai. E meu coração amolece quando o rostinho rechonchudo se abre no que tem que ser o sorriso banguela mais bonito no mundo inteiro. Os olhinhos brilhantes cor de avelã me encaram. É uma mistura dos meus olhos com os do seu pai. Lindo! Ele agita os bracinhos, balbuciando:

— Mama! Quer mama! — grita, ficando cada vez mais agitado.

Mike gargalha.

— É claro que você quer a mamãe. Garoto esperto. — sua voz baixa uma oitava, os olhos correndo pelo meu corpo enquanto entro no quarto de nosso pequeno, indo até eles. — ela é muito linda, não é, filho? Nós somos dois sortudos por tê-la. — eu tiro os sapatos e piso no tapete emborrachado, feito especialmente para *nostro príncipi* brincar. É um mosaico de peças verdes, amarelas, vermelhas e azuis. Tia Cassie fez questão de planejar o quarto do seu primeiro neto, com minha *mamma* palpitando aqui e ali. Elas ficaram em êxtase quando anunciamos minha gravidez. Aliás, toda a família ficou em polvorosa. Enrico deve ser o bebê mais paparicado em todo o universo. Rio suavemente, meu coração quente, cheio de amor pelos meus dois morenos. — mamãe linda. Diga, filhão.

— Mama inda! — ele pula em meus braços tão logo me abaixo para recebê-lo.

— Oi, *amore mio.* — eu rio, inalando sua cabecinha cheirosa e dando beijinhos em seu rosto. O aperto contra mim, enquanto ele balbucia sem parar, alegre por estar nos braços de sua *mamma.* — eu não fiquei tanto tempo fora, *tesoro...* — converso com ele, amando sua interação. Ele é um menino saudável e ativo. Mas esteve gripadinho e com febre nessa semana, e por isso, muito mais dengoso, querendo o colo da mamãe e do papai. Apenas ontem a febre cedeu, no entanto, ainda está molinho. — *tuo*

papà chegou mais cedo para brincar com você? Aposto que está adorando toda essa paparicação, hein? — ele gargalha, o som infantil enchendo o quarto.

Quando olho de lado, Mike está nos olhando com um sorriso suave e orgulhoso no rosto. Seu olhar indo e vindo entre nós.

— Oi. — sussurro, me inclinando, aproximando meu rosto do seu. — *mio marito* chegou mais cedo...

Os olhos negros inflamam. Essa tática nunca falha. Adoro falar em italiano para atiçá-lo. Sua mão sobe pelo meu rosto, delicadamente, então, segura meu pescoço sem aviso, me fazendo ofegar e latejar.

— Eu quis fazer uma surpresa para minha esposa. Mas ela não estava em casa... — sopra bem perto da minha boca. — onde esteve, boneca?

— Passei duas horas no spa. — ele levanta aquela sobrancelha perversa. — me preparando para *mio amato maestro* mais tarde...

Ele rosna. Sei que está se segurando para não falar palavrão perto do nosso bebê. Sua boca viaja em meu rosto e sussurra asperamente em meu ouvido:

— Gostosa... — morde o lóbulo e minha calcinha alaga completamente. Gemo, baixinho, mordendo o lábio. — é isso que vai me dar de presente em nosso aniversário, bonequinha? Sua bocetinha toda lisinha e suave para eu comer a noite toda?

— *Ai, Dio mio...* — choramingo. Enrico reclama por atenção, meio prensando entre seus pais e a luxúria que sempre nos acomete. — *si,* meu presente é o meu corpo, *mio dominatore.* Use-o como quiser.

É nosso aniversário de casamento. Quatro anos. Quatro anos de muito amor e paixão sem limites. Adiamos a comemoração maior para a próxima semana, em virtude do nosso principezinho estar doentinho.

As narinas de Mike inflam e ele aperta sutilmente meu pescoço, me

deixando arquejante.

— Minha menina sempre obediente... Sempre tão ansiosa para agradar seu dono... — ri do seu jeito infame e zombeteiro que me deixa insana, louca para me jogar a seus pés. Ri mais quando percebe o meu estado submisso e então, sua boca cobre a minha num beijo lento, contradizendo o fogo que vejo em seus olhos. Quando separa nossas bocas, breve demais para o meu gosto, arfo, olhando-o toda derretida. Seu olhar suaviza. — como foi seu dia, meu amor?

— Cuidei desse mocinho o dia quase inteiro, porque ele não queria saber da babá. — ronrono. — é tão exigente e dominante quanto seu pai.

Ele ri todo charmoso.

— Meu garoto é muito esperto. Mesmo com tão pouca idade já sabe que você é nossa e que não nega nada a nenhum de nós. — sussurra com uma cara de safado que acaba comigo.

— Tão presunçoso, *mio marito.* — o provoco.

— Mais tarde, sub... — ele rosna, mordendo minha boca. Gemo desavergonhada.

Enrico reclama de novo, emitindo um gritinho estridente, acabando de vez com a pouca vergonha de seus pais. Nós rimos do nosso pequeno.

— Ei, papai, o que foi? — o rosto de Mike se transforma quando encara o filho, que está fazendo beicinho pela rejeição. Ele o toma das minhas mãos e o levanta acima da cabeça. O *bambino* se desmancha em sorrisos, a birra sendo completamente esquecida. — pronto, papai e mamãe são todos seus agora.

— Eu acho que estamos estragando-o, *amore mio.* — digo rindo quanto Mike deita no emborrachado com o pequeno fazendo bagunça em seu peito.

— Todos nós, boneca. Se brincar o rei vai fazer um baile à parte só para

recepcionar seu neto quando formos no próximo mês. — Mike sorri da babação do meu pai em torno do neto.

Eu rio, me deitando também, apoiando meu cotovelo no chão, me virando para eles. A comemoração do Natal continua sendo em Ardócia. Meu pai não abre mão das tradições. A cada ano nos reunimos lá. Às vezes permanecemos para o ano novo, ou pegamos outro destino. A risada de Enrico me faz sorrir mais e uma paz tão completa vai se derramando em mim. Meu marido e meu filho. Suspiro, olhando-os amolecida, meu peito repleto de amor.

— Meu principezinho merece. — digo suavemente, inclinando-me beijando sua cabecinha. Ele ri, se virando para mim, exigindo que o pegue. Me deito de barriga para cima e o trago, escarranchando-o sobre mim. — seu vovô vai fazer um baile para você! — ele gargalha, a risadinha linda, contagiante, como se compreendesse tudo que estamos falando. Sei que ele sente ao menos uma coisa: que é amado, muito amado. — gosta disso, *tesoro mio? Si? Mio piccolo* adora ter o carinho e atenção de todo mundo, não é?

E nós continuamos nossa bagunça com ele. A babá subiu algum tempo depois com a sua comidinha. Mike e eu nos encarregamos de alimentá-lo. Depois o banhamos e colocamos no berço. Rico se estica, espreguiçando, abrindo a boquinha rosada. Os olhinhos avelãs pesados, sendo nocauteado pelo sono. Ajeito a manta bordada com o brasão dos Di Castellani sobre seu pequeno corpo, meus olhos marejam quando me dá um último sorriso antes de cair no sono. *Piccolo mio.* Suspiro, tocando sua cabecinha, amando a maciez dos cachos negros. *Tua mamma ti ama molto.* Me debruço, beijando seus cabelos.

— Eu amo você, bonequinha. — me viro ao ouvir a declaração emocionada de Mike. Ele está novamente com aquele olhar suave e orgulhoso no rosto, fita nosso filho adormecido e volta a me olhar. — amo

vocês. — me inclino, entrando em seus braços, me aconchegando, sentindo-me amada, preciosa. — vocês são a minha vida. São a melhor coisa que Deus podia me dar. Você me faz tão feliz, minha princesa. — diz baixinho, olhos negros adorando-me. — não há nada mais precioso para mim.

Eu choro. Ainda me emociona a forma devotada como ele me ama. Como cuida de mim e desde que nosso filho nasceu, de nós. Sempre vai me emocionar, eu sei. Levanto meu rosto para o seu, esfregando sua barba delicadamente.

— E eu amo você, *mio principi*. — murmuro, levemente embargada e olho nosso filho também. — amo vocês. *Molto, molto, amore mio.* Não há nada mais precioso para mim também.

— Boneca... — ele geme rouco e sua boca toca a minha num beijo suave, delicioso. Novamente, interrompe quando começo a me animar, colando meu corpo no dele. A risada baixa me faz gemer em protesto. Sua boca desce pelo meu queixo, pescoço, onde beija e mordisca. Eu molho, latejo, miando de tesão. — o que preparou para o jantar? — pergunta meio zombador.

Eu bufo.

— Sério? Vamos falar sobre o jantar agora? — reclamo. — eu não cuidei da comida. Mas, encomendei no seu restaurante preferido.

Ele ri baixinho e deposita beijos de boca aberta em meu pescoço e ombro.

— Está enganada, amor. Você esteve cuidando da única comida que me interessa... — seu tom é engrossado. — fale, minha deliciosa menina... Essa bocetinha está toda lisinha para eu passar horas comendo-a com a minha boca? — resfolego, quase gozando com seu ataque verbal. — vamos, me conte tudo que fez nesse corpinho lindo, minha boa putinha.

Madonna mia... Descarado. Perverso. Gostoso.

Cerca de duas horas depois. Nós jantamos no amplo terraço frontal do castelo. A vista para os acres de terra e vales verdinhos de um lado e do outro o mar. O lugar é lindo. Me apaixonei perdidamente quando Mike me trouxe para saber minha opinião. Lembra um pouco o palácio de Ardócia, acho que meu lindo marido também percebeu isso, pois, fechou negócio imediatamente. Possuímos mais dois castelos que usamos para visitas de veraneio. O meu foi presente de meus pais, fica na Toscana. O de Mike foi presente de seus pais também e fica na Escócia. Olho-o enquanto tomo um gole do meu vinho. Ele toma o seu, me encarando por cima da borda da taça. A camiseta preta se agarra aos ombros, peitoral e bíceps musculosos. Daqui dá para ver meu nome gravado na pele morena, firme, linda, mostrando-me que é meu tanto quanto sou dele. Nos vestimos casualmente para esta noite. Não gostamos de muita frescura. Há dias em que simplesmente ficamos de pijama e brincamos com *nostro bambino.* Os olhos escuros queimam nos meus, então, se levanta. Com gestos lentos se aproxima ao meu lado. Sua respiração bem no meu ouvido alerta todos os meus sentidos. É agora. Ele riu zombeteiro quando viu que a refeição era leve. Ele não me toca, apenas sua boca e a respiração na minha orelha, me fazendo gemer baixinho.

— Dentro de trinta minutos na masmorra, escrava. — ordena no tom dominante e seu dedo toca o meu ombro, deslizando pelo braço, me arrepiando até a raiz dos cabelos. *Caspita.* — não se atrase. Eu odiaria ter que açoitar essa pele de seda, bonequinha.

Puta merda. Eu gemo, juntando as coxas com a mera menção do açoite. Bufo porque ele não odiaria nada, o depravado. Ri malvadamente, validando meu pensamento e se vai, me deixando arquejante, latejando e pingando. Eu me derreto como um floco de neve sob o sol.

Exatamente trinta minutos depois, estou dentro da masmorra. Na

posição submissa, usando um robe de cetim vermelho, conforme orientado por escrito por ele. A luz bruxuleante dos candelabros deixa o ambiente com aspecto medieval, misterioso. Amei isso. Amo quando meu dono me usa aqui, encarnando o príncipe dominador, perverso que me subjuga completamente. A decoração é hedonista, em tons de vermelho e preto. Há duas paredes espelhadas, ampliando tudo, nos proporcionando a vista de nossos encontros carnais em todos os ângulos e posições. Sinto-o no recinto. É como um elo invisível, que me avisa quando está por perto. Posso sentir seu olhar sobre mim. Ele anda pelo quarto, aparentemente me ignorando. Ouço-o mexendo aqui e ali, meus ouvidos aguçando, enquanto permaneço olhando o carpete, aguardando ansiosamente o seu comando. O som é ligado. E ao contrário da maioria das nossas sessões, escolhe uma música que adoro, *Dusk Till Dawn* de Zayn com participação da maravilhosa, Sia.

— Vá para a cama, escrava. — ofego, meu corpo respondendo ao comando áspero. Me levanto e sigo em linha reta para a cama. Quero olhá-lo, mas não tenho permissão para isso. — tire o robe e deite-se de costas na cama. — sua voz ainda é autoritária e ele permanece longe das minhas vistas. Obedeço, meus seios subindo e descendo pela minha respiração errática. Nunca fica velho. Eu nunca sei o que vai fazer e o tesão, a luxúria, a necessidade latente de ser dominada por ele me deixa sem fôlego, dopada. Uma viciada sempre em busca da próxima dose de prazer devasso. — abra as pernas e segure os joelhos separados. — eu gemo baixinho e faço novamente o que diz e então, ele sai das sombras e vem para a borda da cama, parando bem perto. Seu corpo moreno, todo duro, cortado em músculos perfeitos está vestindo apenas uma boxer branca. Salivo vendo seu tanquinho sarado e ofego alto quando vejo a coluna grande e grossa do seu pau. Está duro, a ponta saindo pelo cós. Lindo demais. Absolutamente soberbo. O sorriso baixo e perverso me faz arrastar os olhos para os seus.

Então, é a sua vez de me olhar. Seu maxilar aperta à medida que os olhos escurecem ainda mais, correndo pelo meu corpo nu e aberto para ele. Minha pele arrepia, seu olhar crava em minha vagina depilada, a vulva nua. Arquejo, sentindo minhas paredes ficarem cremosas, pulsando desavergonhadamente em resposta ao seu escrutínio. Mike demonstra pouca reação. Apenas seus olhos queimam minha pele, devorando-me, deixando-me em chamas.

— Permaneça nessa posição, sub. — diz em tom baixo e engrossado e sai do meu campo de visão. Puxo uma respiração ruidosa para me acalmar. Volta logo em seguida, trazendo duas cordas numa mão e um chicote de tiras na outra. *Caspita!*

— Eu não me atrasei, meu senhor... — balbucio baixinho.

Ele ruge, seus olhos brilhando da forma intensa e dominadora e eu me encolho um pouco.

— Eu lhe perguntei alguma coisa, escrava? Quer parar a sessão antes mesmo de começarmos? — zomba rudemente. — é isso que quer?

Eu cerro os dentes e me retrato:

— N-não. Perdoe-me, *mio maestro*...

— Você deve estar toda molhada, não é, princesa? — diz suavemente, ainda malvado, enredando a presa como um predador letal. — seria muita crueldade minha não dar o que essa bocetinha faminta quer... Muita crueldade... — ri baixinho e coloca um joelho na cama, ficando perto da minha vagina. Bastaria tirar seu pau avantajado e meter em mim em um de seus golpes fundos e deliciosos. Eu gemo sem qualquer controle e seus lábios levantam no sorriso condescendente que me enlouquece. — seria muito rápido, boneca. — murmura, rindo da minha ansiedade. Em quatro anos, nunca consigo me controlar nas sessões. O quero com o mesmo desespero de quando era virgem e não podia tê-lo. — eu quero degustar a minha putinha hoje, afinal, ela esteve se preparando para mim, não foi? —

pergunta num tom enganosamente macio. Um tapa cai na minha coxa direita quando demoro a responder. — responda à pergunta, cadela!

Eu choramingo, miando de tanto tesão.

— *Si, si, mio dominatore.* Me preparei para meu dono.

Ele alisa onde bateu e começa a me amarrar. Seu pau resvala coberto pela cueca em minha vagina nua. Arfo, mordendo o lábio. Tenho certeza que é intencional. Meu príncipe perverso está fazendo isso para me deixar ainda mais ensandecida. Latejo involuntariamente e ele arqueia aquela sobrancelha ao sentir minha carne molhada melando a sua cueca.

— Porra, Ella. — range os dentes e se afasta um pouco quando termina de restringir meus braços juntos com as coxas abertas. A posição me deixa totalmente imóvel, entregue em suas mãos. Mas o faço de bom grado, porque a recompensa é prazer sem limites, sem vergonha, sem regras. E ele me viciou nesse jogo depravado. — que linda... — murmura roucamente, tocando meu monte, traçando as letras do seu nome bem devagar, então, segura minha carne quente e pulsante. Arfo de boca aberta, a almofada de sua mão esfregando meu clitóris displicentemente. — a quem pertence, sub? Quem é o dono dessa bocetinha linda e rosada? — desliza um dedo entre minhas dobras meladas. Estou tão molhada que faz barulho. Ele desce mais o dedo, encontrando meu ânus todo melado pelo creme que escorreu. Me olhando nos olhos, massageia meu anel e vai enfiando o dedo devagar. Eu gemo obscenamente e Mike ri quando relaxo, deixando-o entrar todo. Me come assim, me olhando com indulgência. — eu sempre esqueço como minha menina ama me dá o cuzinho. — range e se abaixa, a boca encontrando meu montículo e chupando-o com vontade. Acrescenta mais um dedo e come minha bunda, enquanto me devora com a boca. Pendo a cabeça para trás no colchão, arquejando, totalmente à mercê dele e sua perversão.

— Ahhh, *per favore, amore mio...* — choramingo, suspensa, meu corpo

todo mudando, a quentura deliciosa invadindo meu ventre, então, ele para. — não! *Per favore...*

Mike rodeia a cama e eu franzo as sobrancelhas, sem entender, até que me puxa pelos ombros para a borda do colchão e eu compreendo... Ele já está nu, o pau duro como uma barra de ferro. Minha cabeça pende para baixo e ele segura o eixo grosso e longo, esfregando a cabeça bulbosa em meus lábios.

— Mama no meu pau, sub. — rosna baixo e eu gemo, abrindo a boca, deixando-o meter devagar até a minha garganta. Inspiro pelo nariz e relaxo ao máximo para levá-lo todo. Só consigo levar tudo nessa posição. Ele é muito volumoso. Assobia quando cola seu púbis em meus lábios. Ofego e deslizo a língua em seu eixo, lambendo-o gostosamente. — porra... Bem assim, minha boa menina... Que boquinha macia... — começa a movimentar o quadril, fodendo minha boca, devagar e constante. — isso, que delícia de putinha, mamando meu pau todo...

Eu gemo entalada com seu enorme volume na boca. Minha vagina fica ainda mais cremosa. Gemo e gemo necessitando do seu toque, minha pele praticamente vibrando, implorando. Ele atende, segurando meus seios e amassando os dois com firmeza. Rola os bicos tesos e os aperta no limite entre a dor e o prazer. Todo o tempo socando o pau bem fundo em minha garganta. Geme, rosna e se debruça, escorregando uma mão pela minha barriga reta. Não tive problemas para ficar em forma depois que dei à luz. Sempre fui disciplinada na academia e no treino de boxe e isso me ajudou muito. Seus dedos seguem intrusivos até a minha vulva arreganhada e esfrega meu botão inchado. Faço um som engasgado quando sinto-o arregaçando a pequena protuberância, puxando-a para fora, então a esfrega habilmente, devagar a princípio. Meu corpo começa a mudar de novo, querendo, buscando o orgasmo. Ele continua me atacando por todos os lados, o pau entrando e saindo agora rudemente da minha boca, uma mão amassando meus seios e a outra manipulando meu clitóris.

— Ahhh, porra, que gostoso... — ele ruge, a respiração irregular e eu sei que está perto também.

Me assusto quando praticamente me escala, colocando os joelhos sobre a borda da cama e eu choramingo em volta do seu pau quando a boca perversa encontra minha vagina, sugando-a gulosamente. Suas mãos estão agora as duas em minhas dobras. Ele chupa, mordisca os lábios e meu corpo todo arrepia. Volta a puxar meu botão da capa e suga com força, enquanto mete dois dedos em mim. Eu tento gritar, mas, o máximo que consigo é um som abafado, engasgado. *Oh, Dio...* Tão devasso. Tão gostoso. O chupo com ânsia, lambendo, raspando os dentes como gosta. Mike ruge e me come mais fundo, mais rápido. Meu gozo está logo ali. Estou pendurada, alucinada. Ele puxa os dedos, deixando só as pontas e passa a massagear impiedosamente meu ponto G. Eu babo em todo o seu eixo, meu corpo todo pulsando, ondas quentes e avassaladoras se apoderando de mim. Resfolego sem qualquer controle.

— Não ouse gozar ou vai apanhar com o chicote, boneca! — ele range.

Mas já é tarde demais. Eu estalo, convulsionando e ejaculo. Sinto meus líquidos esguichando para fora, o gozo voraz derramando do baixo ventre para a vagina. Mike se retira de mim e eu engasgo, gemendo, ainda gozando delirantemente. Tudo muito mais intenso porque estou imóvel, apenas as contrações em meu canal espiralam por todo o meu corpo. Suor fino cobre a minha pele. Fecho os olhos, acabada, desgastada. Me sobressalto com as tiras passeando sobre o meu ventre e seios. Arregalo meus olhos e ele sorri, todo dominador, fodão, lindo demais. Meus olhos lacrimejam ainda sensível pelo gozo intenso e os sentimentos ferozes que tenho por esse homem.

— *Mio bello i amato maestro...* — sussurro, devotada, apaixonada. *Meu amor. Meu eterno amor.* Acrescento para mim mesma.

Mike

Sua voz carregada de devoção, submissão quase me joga na lona. Obrigando-me a manter o controle para continuar a sessão, eu a açoito. É um chicote de tiras macias, causam ardência e avermelham levemente a pele, mas não marca. Nesses quatro anos juntos, temos experimentado muito. Minha boneca é curiosa e ansiosa para atender meus desejos, minhas depravações. Nunca tive uma sub tão dedicada. Ela estudou a doutrina e a vive comigo. É sempre atenta a tudo que me excita, e gostosa. Porra, muito gostosa. Sua sexualidade aflorou e atingiu o ápice. Depois que deu à luz, está ainda mais gostosa, fogosa demais. Adora me surpreender no meio do expediente no escritório e alivia meu estresse, fodendo bem gostoso com seu dono.

Seus gemidos chorados me atiçam mais, deixando meu pau babando na ponta. A castigo nos ombros, seios, barriga, pernas. Ela está excitada de novo. Reclama do chicote, mas, adora quando a pego assim. Está arquejando. Rosno com sua reação submissa e dou-lhe mais um açoite, dessa vez entre suas pernas. Esse é mais delicado, uma vez que sua carne está sensível do gozo. Deixo o chicote de lado e me arrasto para cima dela. Seguro meu eixo esfregando entre seus lábios melados e inchados. Ela ofega, os olhos verdes turvos de tesão. Me alinho e me debruço mais. Seguro sua cabeça dos lados e a olho de perto. Ela palpita, a respiração irregular, seus olhos lindos me implorando e eu vou. Eu me enterro todo até o fundo.

— Ohhhhh! *Dio mio,* Mike... — chora, seu corpo estremecendo contra o meu.

Eu rosno, rangendo os dentes pelo prazer absurdo da bocetinha apertada sugando meu pau sem piedade. Dito um ritmo, comendo-a forte e profundo. Nessa posição eu entro até o talo. Sua boquinha está aberta, arfando com cada batida brusca. Seguro seus ombros e a fodo, o tempo todo olhando-a, arrebatado por tanta beleza. Seu rosto todo afogueado, os lábios inchados de me chupar. Cerro o maxilar e deslizo dentro e fora.

Retardando ao máximo o gozo, porque aqui é a porra do meu lugar favorito no mundo, a boceta quente, macia e deliciosa da minha mulher.

— Bocetinha deliciosa, porra! — eu ranjo, metendo fundo e me retiro. Ella me olha sem entender, já estava se encaminhando para gozar de novo. Eu amo isso nela, a receptividade e rapidez com que excita e goza para mim é inacreditável. — quietinha. — digo e sorrio malvado quando ela bufa. É claro que não há possibilidade de ela se mover. — vou comer seu cuzinho. Estou morrendo de saudade de gozar bem no fundo desse rabo gostoso, bonequinha. — enfio dois dedos em sua vulva e cavo os líquidos, levando-os para o anelzinho apertado. Meto os dois devagar e movo minha boca para seus peitos, sugando um mamilo delicadamente. Ella geme e estremece toda. Sinto-a relaxando mais e mais em volta dos meus dedos. Puxo-os e alinhando meu pau no lugar, vou empurrando.

Sua boca se abre num “O” gigante, enquanto eu vou metendo devagar.

— Mike... — choraminga.

— Eu sei, boneca. — me debruço, passando a chupar e mordiscar o outro seio. Ela resfolega e eu meto tudo até o cabo. Ela grita alto, enquanto meu corpo estremece todo, o gozo pesando em minhas bolas. Enfio meu rosto em seu pescoço, chupando sua pele, mordendo e passo a ir e vir em sua bundinha apertada. Mergulho todo, rodando o quadril, atolando tudo. — caralho, eu amo essa posição. Você me toma todo, amor... Todinho, porra... — uivo e me deito totalmente em cima dela, esmagando seus peitos, comendo-a duro, fundo. Gemendo rouco, eu seguro os lados do seu rosto e a beijo sofregamente. Me recebe ansiosa, sugando minha língua, seu tesão tão voraz, se emparelhando com o meu. Nos lambemos, nos chupamos, mordemos, devoramos num beijo indecente, lascivo. Esfrego minha pélvis na sua, friccionando o clitóris a cada metida que dou. Estamos perto, muito perto. Puxo tudo e meto uma, duas, três vezes e minha menina estala, gritando em minha boca. Eu bebo seus gritos,

penetrando-a duro e fundo até que não dá mais para segurar e deixo o prazer me tomar. — Ella! Bonequinha... Que gostosaaaaaa... — eu explodo dentro dela, praticamente juntos. Paramos o beijo em busca de ar e continuamos gemendo na boca um do outro. As ondas intermináveis do gozo intenso castigando nossos corpos suados. Nos beijamos de novo. Lento, apaixonado, devotado.

Eu saio de dentro dela devagar. Ela assobia pela sensibilidade e eu pela perda do seu calor. A desamarro imediatamente, massageando os locais onde a corda estava, até o sangue circular novamente. Usei cordas macias que não ferem ou marcam a pele. Ao longo do nosso casamento tenho pesquisado materiais menos agressivos para diversificar nossas sessões. Segurança é a palavra de ordem para mim em se tratando de BDSM. O gemido langoroso de Ella me faz sorrir baixinho. Me levanto, indo até o banheiro e molho uma toalha com água morna. Me lavo e em seguida cuido dela. Ronrona com meu cuidado. Ela foi perfeita. Ganhou o direito de ser paparicada. Eu rio. Ela seria paparicada de qualquer jeito, essa é a verdade. Sigo para um dos aparadores depois, onde tem champanhe e água gelada.

— Champanhe ou água, amor?

— Mmm... — geme, se esticando nos lençóis negros. — água, *amore mio, per favore.*

Pego duas garrafas d'água, voltando para a cama. Nos acomodamos recostados nas almofadas, contra a cabeceira e tomamos nossas águas. Coloco as garrafas pela metade sobre o criado-mudo e me viro, puxando-a para o meu peito. Nos aconchegamos, nossos rostos ficando bem próximos. O olhar que está me dando agora é de colocar um homem de joelhos. Empurro uma mecha loira e macia para trás da sua orelha e traço meu dedo pela sua face. Sorrio quando suspira feliz.

— Feliz aniversário, bonequinha. — murmuro perto de sua boca,

olhando-a embevecido.

— Feliz aniversário, *amore mio.* — sussurra de volta. Então, sorri, apoiando a cabeça em meu ombro. — meu príncipe do domínio.

Solto uma risada baixa, meus braços se fechando mais em volta dela.

— Príncipe do domínio... — repito, roçando meu nariz no seu. — gostei disso, princesa.

Ela rola os olhos, mas seu rosto amolece e ela diz baixinho:

— *Ti amo.*

— E eu a você. — sussurro de volta.

Ficamos lá, conversando e namorando até dar sinais de sonolência e eu a levar nos braços, deslizando na passagem secreta para o nosso quarto.

Um mês depois... Ilha de Ardócia, Sul da Itália.

Descemos do jato para a manhã ensolarada, e ao mesmo tempo fria de Ardócia. Ella colocou uma toquinha na cabeça de Rico e meu filhão está balbuciando, alegre, até parece que sabe que chegamos à terra de sua mamãe, à terra de seu avô e avó, que vão paparicá-lo tão logo o virem. Meus pais estão logo atrás de nós, pegaram carona com a desculpa de deixar o outro jato para Lucas, Samuel, Sam e Em. Eles são tão previsíveis. Sua desculpa não convenceu ninguém, até porque o que não falta é jato na King’s. Insistiram em vir junto por causa do rapazinho em meus braços.

— Papa! — meu peito incha cada vez que ouço a vozinha infantil me chamando. Eu o aconchego mais em meu peito, sentindo seu cheirinho gostoso de bebê. O amor me inunda. Quando Ella me disse que estava grávida eu quase morri de alegria e susto. Minha princesa quis fazer uma surpresa para mim. Eu a olho, descendo a escada na nossa frente. O corpo escultural desenhado num vestido de seda verde, as pernas impossivelmente longas nos sapatos de saltos elegantes e sexys como o

pecado que costuma usar. Sorrio furtivamente, ela quis me fazer uma surpresa... Como agora.

— Sim, filhão, o que você quer contar para o papai? — eu converso com o pequeno rechonchudo. Ele balbucia mais e mais, levando a sério minha pergunta. — o quê? A mamãe está linda nesse vestido? — a risada suave de Ella me faz sorrir também. —somos dois babões com a mamãe, carinha. — ele gargalha lindamente, provavelmente porque estou falando de sua mãe e ele é louco por ela, assim como eu. — em nossa defesa, a mamãe é sempre linda, então, estamos numa situação difícil aqui... — minha menina dá mais uma risadinha doce.

Meu filho é a minha cópia. Apenas a cor dos olhos sofreu uma leve influência da mãe. Quando nasceu tinha os olhos bem verdes, mas foi escurecendo até ficar nesse bonito avelã. A princesa costuma dizer que Rico vai quebrar alguns corações quando crescer. Ella para quando pisa no solo e nos espera. Pego sua mão, entrelaçando nossos dedos e seguimos para a limusine, Rico conversando animadamente o tempo todo.

— O menino da mamãe está tão animado. — ela graceja, inclinando para perto, beijando a pontinha do nariz dele. Como sempre acontece, Rico enlouquece, esticando os braços, gritando por sua mãe.

— Mama! Quer mama!

Ella sorri e paramos para conseguir pegar o bebê. O espertinho se desmancha, cobrindo o rosto da mãe de beijos babados.

— Carinha, você nem mesmo disfarça, não é? — eu gargalho, beijando sua cabeleira negra. Ele se vira, como que para me apaziguar, e baba todo o meu rosto também. — está bem, está perdoado, filhão. Não dá para resistir à nossa princesa. — olho para Ella, seus lindos olhos verdes estão suaves, adorando a nós dois. — e olha que eu tentei...

— Bobo. — meneia a cabeça, rindo. Me debruço, dando um beijo delicado em seus lábios.

Meus pais emparelham conosco e recomeçamos a andar. O motorista sai apressado e abre a porta traseira da limusine enorme. Não é surpresa nenhuma quando o rei e a rainha saem de lá. Troco um olhar cúmplice com Ella e sorrimos.

— Prepare-se garotão! Mais um vovô e vovó corujas na área. — cochicho para Rico.

Os pais de Ella vem apressados até nós, com os maiores sorrisos em seus rostos.

— *Piccola...* — o rei deve agradecer o fato de Ella estar segurando Rico, assim ele pode babar nos dois de uma vez. A abraça e beija sua têmpora amorosamente. Seus olhos vêm para mim. — Mike, fizeram boa viagem, *figli?*[16]

— Olá, tio, sim, fizemos uma ótima viagem. — respondo aceitando seu abraço.

— *Si, papà.* — Ella sorri suavemente e o beija de volta.

— Princesa... — sua mãe chega perto, agora são os dois cercando-a, cercando-nos. — não estávamos nos aguentando de tanta saudade. — a rainha reclama, beijando o rosto da filha. — Mike, meu querido. — me abraça, beijando meu rosto também. Eu devolvo seu carinho.

— Estou bem, tia e a senhora?

— Estamos todos muito melhor agora que chegaram. — seus olhos verdes brilham com emoção genuína. Tão parecida com minha princesa.

— Nos vimos há duas semanas, *mamma.* — Ella sorri ternamente para a mãe, beijando-a no rosto.

Meus pais chegam mais perto, cumprimentando e sendo cumprimentados. Viramos um grande bolo, falando ao mesmo tempo.

— Vão ficar para o ano novo, não é? Dam e Max vão ficar. — o rei

pressiona, olhando entre Ella e eu, sabendo que minha menina não gosta de lhe negar nenhum pedido e de quebra, vai poder ficar mais tempo com os irmãos.

Os olhos verdes encontram os meus, pedindo socorro. Eu sorrio-lhe, acenando, porque bem, eu também não consigo negar nada à minha princesa.

— Nós vamos ficar, *papà.* — ela diz e em seguida todas as atenções recaem sobre Rico, que está tagarelando em seu próprio dialeto, exigindo ser notado.

— Ele não está pesado, querida? Posso segurá-lo. — meu pai oferece.

O rei resmunga e mais do que depressa tira o neto dos braços de Ella.

— Vem com *tuo nonno, tesoro mio.* — se desmancha para o pequeno, que sorri de volta, deslumbrado pela atenção. — você o tem por perto o tempo todo, Jay, pare de monopolizar o *meu* neto.

Ella e eu suspiramos porque eles vão começar. É sempre essa disputa desde que Rico nasceu. Um quer ter mais privilégio do que o outro. É hilário, porém.

— Uh, desculpe, ele é o *meu* neto também, irmão. — meu pai zomba.

Minha mãe e tia Cassie sorriem da disputa de seus maridos. A rainha se aproxima e passa a corujar o neto também.

— Quem é o menino mais bonito em todo o mundo? — pergunta beijando-o na cabecinha.

— Vamos passar o dia juntos, não é, *bambino?* — meu tio fala, olhando meio de lado, claramente provocando meu pai. — só você e *tuo nonno.*

Meu pai range.

— Ele tem muito mais intimidade comigo, Leon. Não adianta tentar subornar o meu neto, irmão. — avisa.

Meu tio sorri e começa a andar para o veículo. Meu pai o segue e os dois continuam discutindo sobre quem é o mais querido por Rico.

— Eles vão ficar velhinhos desse jeito. — tia Júlia diz, meneando a cabeça.

— Sim, espere só até Dom chegar amanhã para completar o trio. — minha mãe emenda e sorrimos.

Enlaço a cintura de Ella e seguimos atrás dos avós babões. Suspiro feliz. A vida tem sido boa para nós. Tudo está perfeito. Os acontecimentos de quatro anos atrás nos deixaram mais fortes e mais decididos a nos amar acima de tudo. Meu ciúme está mais controlado. Eu sorrio. Está bem, não totalmente controlado, estou muito mais civilizado e com certeza não saio tirando conclusões apressadas sem antes conversar com a minha mulher. Nós atingimos o patamar que a rainha comentou com Ella, a confiança. Somos plenamente confiantes no amor que nos une e isso tem nos livrado de dores de cabeça desnecessárias. Sim, a vida tem sido gentil conosco. Deus tem cuidado bem de nós e eu o agradeço por isso todos os dias. A cada manhã que acordo do lado dela, eu o agradeço por me permitir viver um amor assim. Pleno. Maior que tudo.

Dois dias depois...

— Devemos partir até o dia dez de janeiro, prima. Estou tão ansiosa para viver essa experiência! — Anna bate palmas como uma adolescente excitada, contando-nos sobre sua viagem de férias.

Na verdade, não são bem férias, irá numa espécie de expedição da sua universidade no deserto de Kamar. É um pequeno país, localizado na costa do Golfo Pérsico, entre Catar e Emirados Árabes. O governante é o meu amigo, Amihaj. Temos nos visto muito pouco desde que ele perdeu sua esposa tragicamente dias antes do meu casamento. Mas me concedeu esse favor quando o contatei e solicitei autorização para a entrada da expedição de minha muito persuasiva prima em seu país. Ela concluiu o curso de

fotografia e está muito mais encantada desde então. Pretende pesquisar e registrar o modo de vida das tribos beduínas, no deserto de Kamar.

— Me prometa que vai ser muito cuidadosa, Anna. — digo-lhe com seriedade. — está indo para uma cultura muito diferente da nossa. Controle sua boca, principalmente.

Ela rola os olhos, então, sorri, travessura brilhando nos olhos verde escuros.

— Não se preocupe, primo. O que pode dar errado? Eu serei uma lady nessa viagem.

Ella dá risada e eu também, porque é difícil de acreditar em tal promessa.

— Quero montar uma exposição com todas as fotos no final da expedição. Ainda não me decidi se será em Boston, Nova Iorque ou Londres. — sua euforia volta e bate cílios para a prima. — você vai me ajudar com isso, não é, prima? Não manjo nada desses trâmites de galerias e tals...

Eu rio e Ella também da linguagem nada protocolar da nossa prima.

— Oh, Anna, isso é fantástico! — minha boneca exclama, os olhos já brilhando. Se há um tema que obtém sua atenção imediata, é arte. Qualquer forma de arte. Ela também anda se dedicando à pintura. Sempre foi uma boa desenhista, mas, depois que mudamos para o castelo, e, sobretudo, depois da maternidade, minha princesa anda inspirada e se arriscando a pintar quadros e, devo dizer que são lindos. Magníficos. Não, não é só o meu amor imenso falando, ela realmente está descobrindo uma ocupação alternativa, uma vez que decidiu fazer o mestrado mais para frente, quando nossos filhos já estiverem maiores. Sim, filhos, no plural. Palavras dela.

— Entendo sua dúvida quanto ao local, mas, podemos fazer nas três

cidades, o que acha? — Ella torna a falar.

Os olhos de Anna ficam mais iluminados do que a árvore no canto do salão oval, e só falta dar pulinhos. Eu rio, tomando um gole do meu uísque e observo em volta. Estamos no jantar de Natal.

— Talvez possa convencer Ella a mostrar seus quadros também, Anna. — murmuro e minha boneca franze o nariz para mim. Ela não acha que falo sério quanto à beleza do seu trabalho.

— Quadros? Que quadros, Ella? — a voz curiosa de Anna, arranca um suspiro da princesa, sabendo que não vai se sair facilmente dessa. — não posso acreditar que minha prima, minha melhor amiga, está escondendo coisas de mim.

Eu rio com esse último golpe baixo. Meus irmãos chegam até nós e eu suspiro de alívio por fugir da tagarelice de Anna. Logo, Dam, Max, Lipe e as gêmeas se acercam também e formamos nosso grupinho.

— Já falou com Lucas sobre aquele assunto, Samuel? — indago meu irmão e ele faz uma cara de culpado. Chloe, a pequena prodígio de Isaac e protegida de meus velhos, vai começar a estagiar na King’s na segunda semana de janeiro. Eu estarei de férias, viajando com Ella e Rico pelo mês inteiro. Estou começando a aumentar as responsabilidades dos gêmeos na empresa. Em breve, dividirão a presidência comigo. Estou ansioso para ter mais tempo para minha mulher e filho.

— Uh, mano, Chloe irá começar um estágio na King’s e, bem, Mike nos encarregou de pegarmos a garota sob nossa tutela. — Samuel, explica parecendo meio desconfortável.

— Porra, mano! Chloe? A pequena Chloe? — os olhos azuis de Lucas acendem com a notícia. — sou totalmente a favor de pegarmos a garota... — eu rosno, alertando-o para não falar essa merda em voz alta. Ele sorri maliciosamente e acrescenta: — digo, sob nossa tutela profissional, claro.

— Eu posso imaginar vocês dois sendo muito profissionais com a pobre garota, primos... — Anna ri, mostrando que sim, todos estavam ouvindo meu irmão descarado.

Eu torno a mandar um aviso silencioso a meu irmão, para não mexer com a menina, que deve ter o que, vinte e um anos agora, acho. É filha de Isaac, é encrenca na certa. O assunto morre quando Anna volta a falar sobre a sua exposição, que agora virou também a exposição dos quadros de Ella. A menina é um furacão, espero que não se meta em confusão em Kamar. Olho a pista de dança, um sorriso suave se abrindo em meu rosto quando vejo meus pais dançando juntinhos. Tio Dom e tia Helena, o rei e a rainha também estão por perto. Trocamos os presentes antes do jantar há mais de uma hora. O salão agora está lotado com a nobreza e membros do Parlamento. Seus olhares reprovadores em direção a mim, por causa da minha origem, são escassos hoje em dia. Sou um príncipe Di Castellani, quer queiram, quer não. Se não de sangue, o sou todo coração. Eu poderia ter ido parar em qualquer lar, em qualquer lugar... Se vim para cá, para o seio dessa família, foi porque esse era o meu destino. Eu giro a cabeça, olhando o rosto lindo, iluminado de Ella. Está tão radiante hoje. Usando um longo vermelho de um ombro só, os cabelos presos no rabo de cavalo alto, provavelmente para me excitar. Meu peito incha. Eu a amo além da razão. Além da vida. Amo essa menina desabrochando e se transformando cada vez mais em mulher. Minha mulher. Minha de todas as formas que se pode pertencer a alguém, e eu sou dela. O menino pobre das ruas, iria encontrar os pais mais amorosos e isso o levaria à menina mais linda, a sua princesa. E o menino a amaria com tanta intensidade, que seria capaz de dar sua vida por ela. Sempre.

Ela me sente observando-a e me olha. Seu semblante enternece ao ver minha reação. Eu devo ter corações nos olhos nesse momento.

— O que foi, *amore mio?* — sussurra, inclinando-se mais para mim.

— Dança comigo, minha princesa? — murmuro, olhando-a nos olhos.

Seu semblante amolece ainda mais e o sorriso mais doce, terno e amoroso se abre em sua boca vermelha.

— É uma honra, *mio príncipi.* — sua voz sai enrouquecida.

Me livro do meu copo vazio. Ela não está bebendo esta noite. Apenas água gaseificada. Tenho minha teoria para isso... Mantenho meu braço em sua cintura e a conduzo pelo salão em direção à pista. As pessoas vão se afastando para nos dar espaço. Paramos em meio aos casais e olho em direção à banda, dando o sinal. O músico líder sorri de volta, acenando.

— O que é tudo isso? — Ella sorri, meio desconfiada.

Eu balanço a cabeça, tomando sua mão delicada e beijo o dorso num floreio que a faz sorrir mais. Os olhos de esmeralda brilhando muito. Linda. Então, os primeiros acordes instrumentais de *Let's Stay Togeter,* de Al Green, soam no salão. Enlaço sua cintura e delicadamente, muito suave a inclino para a direita, deixando-a pendurada em meus braços. Arfa, rindo toda derretida. Alguns aplausos soam, tenho certeza que são de Anna e minhas irmãs. Mas logo o salão está todo nos aplaudindo. Eu poderia congelar essa imagem dela, e esse olhar para sempre. Ah, esse olhar me deixa fraco e forte ao mesmo tempo.

— Lindo. — sussurra emocionada, os olhos cheios de lágrimas.

A beijo suave, reverentemente e nos trago para a posição vertical, começando a balançar na melodia e na letra que nunca fica velha.

— Minha menina preciosa... — murmuro, descendo a mão para a parte baixa das suas costas, colando mais nossos corpos. Nossos olhos permanecem grudados, o resto do salão esquecido. Seus braços cercam-me pelo pescoço e nos perdemos em nosso próprio mundo.

— O que é meu segundo presente? — pergunta baixinho. A giro duas vezes e a trago de volta, suas costas contra meu peito. Sorrio e beijo seu pescoço. Ela sempre pergunta isso. Não consegue segurar a curiosidade.

Nós mantemos a nossa tradição de trocar dois presentes. Um junto com a família e outro em privado.

— A paciência é uma virtude, bonequinha. — digo com indulgência em seu ouvido. A giro mais uma vez e a puxo de frente, nos colando de novo. Gememos baixinho com o quão bem nossos corpos se encaixam.

Ela sorri, o tipo de sorriso que geralmente me coloca em apuros. Rio como um lobo, corrigindo: *a* coloca em apuros.

— Que tal um passeio de moto? — ronrona, sua boca vindo bem próxima da minha. Nossos olhos travando uma conversa safada, iniciando nosso jogo de provocação. Meu pau duro, esfregando discretamente em seu ventre. Ela deixou sua moto aqui, uma vez que sempre estamos visitando e em Londres temos a minha. — lembra do nosso último passeio, *mio maestro?*

Porra. Eu ranjo os dentes. Claro que lembro. Eu a comi amarrada em cima da moto. Caralho, só de lembrar meu tesão vai às alturas.

— Você é uma menina muito má, boneca. — ronrono contra sua boca. — me atiçando assim quando sabe muito bem que não pode ser castigada, por um bom tempo... — seus olhos arregalam. Eu sorrio, traçando seu rosto com o meu indicador. — quando ia me contar que está esperando nosso segundo bebê, amor?

Ela suspira, um sorriso pleno se abre em rosto. Aquelas lágrimas emocionadas voltando.

— Hoje, amor. Em nossos aposentos. — diz baixinho e meu peito salta com a confirmação e meus olhos ardem, emoção genuína me tomando. — como soube?

— Conheço bem a minha menina. — digo olhando-a com adoração. — obrigado, bonequinha. Obrigado por me fazer tão feliz.

Ela respira irregularmente, olhos nadando em lágrimas.

— Você que me faz feliz, *amato mio.* — diz-me entrecortado.

Beijo-a suavemente na boca, lamentando estarmos em pleno baile Real, precisando seguir o fodido protocolo. O sino toca, assustando-nos. Sorrimos, parando a dança, mas ainda nos braços um do outro.

— Feliz Natal, *mio principi.* — espalma meus ombros, olhos amorosos presos aos meus.

— Feliz Natal, minha princesa. — sussurro de volta. Beijo seus lábios

mais uma vez antes de nos virar e seguirmos para assistir à tradicional queima de fogos da sacada, com a nossa família.

Mais tarde...

— Olhe, uma estrela cadente. — Ella sussurra languidamente sobre meu peito. São quase três da manhã e todos já se recolheram. Estamos deitados na espreguiçadeira da sacada dos nossos aposentos. O rei nos presenteou com a ampliação desta ala para nós, juntando o antigo quarto de Ella, o meu e mais dois, transformando-o em um apartamento dentro do palácio. Forrei a espreguiçadeira com edredons como sempre fizemos ao longo dos anos quando ela vinha furtivamente para o meu quarto. Após trocarmos nosso segundo presente, fiz amor com ela aqui fora, sob o céu estrelado. Nossa respiração ainda está normalizando. Gemo como um tigre saciado, deslizando meus dedos em suas costas nuas e suadas. — vamos, faça um pedido, amor! — um riso suave e nostálgico curva minha boca ao recordar de outro Natal, há cinco anos, nós aqui, nesse mesmo lugar. Meu coração doendo, torturado porque acreditava que não podia ser minha, mesmo assim, pedi, implorei a Deus que me desse Ella. Fecho meus olhos e faço o pedido. — conte-me, o que pediu? — abro os olhos e abaixo a cabeça, minha boca roçando na sua, doce e sensualmente. Ela sorri, se colando mais a mim, nossas peles juntas, grudadas, coladas como deve ser. Como sempre deveria ter sido desde aquele Natal.

— Eu pedi você, para sempre. Sempre você, princesa. — seu sorriso doce aumenta. — mas dessa vez incluí nossos pequenos no pacote. — deslizo a mão para seu ventre ainda reto e acaricio a nova vida que geramos.

Sua risada é o som mais bonito e seus incríveis olhos verdes marejam. Os meus ardem também. Ela me faz feliz demais.

— Eu também pedi você, para sempre. Sempre você, *amato mio.* — diz embargada, sua mão delicada tocando meu rosto. — pedi que Deus nos conserve assim, até ficarmos velhinhos.

Porra. Meus olhos ardem muito e inalo o ar bruscamente, acenando. Me debruço, sobre ela e beijo seu ventre inteiro. Quando me recosto de novo, volto a puxá-la bem juntinho. Seu rosto levanta para o meu e nos olhamos, nos aconchegando gostosamente.

— Nós conseguimos, não é, *amore mio?* Nossos pedidos naquela noite, há cinco anos, aqui nesse mesmo lugar... — sussurra.

Sorrio, ela também estava lembrando da mesma coisa.

— Sim, boneca, nós conseguimos. — respondo, puxando o edredom, cobrindo nossos corpos nus.

— *Ti amo.* — sua voz quebra de emoção quando acrescenta: — sempre vou te amar. Sempre. Sempre.

Suas lágrimas descem pelos cantos dos olhos e eu perco a batalha contra as minhas. Elas rolam quentes, repletas de amor por essa menina.

— E eu a você, minha preciosa menina. — digo-lhe, sufocando. Essa noite, ela me dando mais um filho, tudo está mexendo comigo. Santa Mãe, acho que estou ficando velho. — sempre vou te amar. Sempre. Sempre.

— Feliz Natal, *amore mio.* — diz, comovida pela minha reação.

— Feliz Natal, meu amor. — beijo seus lábios, lenta e suavemente. — Feliz Natal, minha vida. — digo reverentemente e continuo beijando-a até reacender nossa paixão. Uma perfeita comunhão de corpos, almas e coração. Nos amamos de novo e quando mais tarde ela adormece em meus braços já em nossa cama, reforço meu pedido. Rogo a Deus que nos conceda o nosso para sempre. Que possamos ficar assim, nos braços um do outro até o nosso último suspiro.

FIM

PLAYLIST

Every Breath You Take – The Police

Dangerous Woman – Arianna Grande

Love me baby, love me now – DragonFlY

Inflamável – DragonFly

Miracle – ColdPlay

Helium – Sai

Dusk Till Dawn – ZAYN ft. Sia

I Feel It Coming – The Weekend

Starboy –The Weeknd ft. Daft Punk

Hypnotised – ColdPlay

Angel by the wings – Sia

Don't You Remember – Adele

Too Good At Goodbyes – Sam Smith

Let's Stay Together – Al Green

E a saga Di Castellani continua... Não percam as próximas aventuras desses príncipes nada convencionais.

Uma grande beijo!

Até breve!

---

[1] A obra do italiano **Giuseppe Verdi** (1813-1901), inspirada no romance *A dama das camélias*, do francês Alexandre Dumas Filho, sobre a história de uma trágica paixão de um jovem herdeiro burguês por uma cortesã, é uma das óperas mais populares do mundo.

[2] Um belo casal em Italiano.

[3] Meu noivo.

[4] O homem da minha vida.

[5] Minhas princesas em Italiano.

[6] Sim, me leve, meu mestre, em Italiano.

[7] Ardiz é a moeda corrente em Ardócia.

[8] Você me entende? Em italiano.

[9] Nada em Italiano.
[10] Tudo nele é perfeito.
[11] Beije-me, meu amado, em Italiano.
[12] Tudo para mio Maestro em Italiano.
[13] Infeliz em Italiano.
[14] Absolutamente tudo, em Italiano.
[15] É uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência.
[16] Filhos em italiano.